

KANDINSKY, Wassily. *Quadrados com círculos concêntricos*, 1913. Aquarela, guache e giz de cera sobre papel, 23,8 cm × 31,4 cm. Galeria municipal da Lenbachhaus, Munique.

Galeria municipal da Lenbachhaus, Munique

FRENTE 1

CAPÍTULO

1

## Classes gramaticais e relações morfossintáticas

A obra *Quadrados com círculos concêntricos*, do pintor abstracionista Wassily Kandinsky (1866-1944), é resultado de uma pesquisa sobre as formas e as particularidades das cores e suas diferentes combinações, por isso elas estão representadas em círculos concêntricos. Para Kandinsky, apesar de as cores terem características próprias, quando combinadas, nossa percepção sobre elas muda.

De modo semelhante, a língua portuguesa tem classes de palavras, cada qual com suas formas gramaticais. Porém, ao serem combinadas, palavras de classes diferentes estabelecem relações, adquirindo funções específicas. Essas relações são estudadas na morfossintaxe da língua.

## Classes de palavras

De acordo com a versão *on-line* do dicionário *Michaelis*, o verbo “classificar” significa “distribuir em classes e nos grupos respectivos, de acordo com um método ou sistema de classificação”. Em outros termos, toda classificação requer um critério que agrupe os elementos em uma mesma classe.

Os critérios que delimitaram as classes de palavras nas línguas foram estabelecidos gradativamente. Na língua portuguesa, esses parâmetros dizem respeito às funções básicas das palavras e à flexão delas (por exemplo, singular e plural; masculino e feminino). A língua portuguesa dispõe de dez classes de palavras. Veja o exemplo a seguir:

conj.
verb.
adv.
num.

↑
↑
↑
↑

**Potência do agro e sertanejo, Centro-Oeste cresce mais que dobro do Brasil e cumpre ‘sonho de JK’**

O Censo 2022 [...] revelou que o Centro-Oeste foi a região que registrou o maior aumento populacional do Brasil.

↓
↓
↓
↓
↓
↓

art.
subst.
pron.
adj.
prep.

SOUZA, Felipe. *BBC News*, 28 jun. 2023. Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjejglpw2d8o#:~:text=O%20Censo%202022%2C%20divulgado%20pelo,maior%20aumento%20populacional%20do%20Brasil](https://www.bbc.com/portuguese/articles/cjejglpw2d8o#:~:text=O%20Censo%202022%2C%20divulgado%20pelo,maior%20aumento%20populacional%20do%20Brasil.). Acesso em: 1º jul. 2023.

A seguir, estudaremos as formas gramaticais e as funções linguísticas de cada uma dessas classes de palavras.

	Classe gramatical	Funções básicas
Palavras variáveis	Substantivo	Nomear e identificar seres, pessoas, objetos, lugares, conceitos etc.
	Adjetivo	Qualificar, especificar e detalhar o substantivo, modificando-o.
	Artigo	Evidenciar o substantivo, antepondo-se a ele.
	Numeral	Quantificar o substantivo, antepondo-se a ele.
	Pronome	Substituir ou designar o substantivo.
	Verbo	Expressar ação, estado ou fenômeno. É o núcleo da oração.
Palavras invariáveis	Advérbio	Dar informações (tempo, espaço etc.) sobre o verbo; modificar outros advérbios e adjetivos.
	Preposição	Ligar palavras e termos de uma sentença.
	Conjunção	Ligar palavras e relacionar sentenças.
	Interjeição	Expressar emoções e afetividade.

### ! Atenção

Você se lembra da diferença entre frase, oração e período? **Frase** é o enunciado linguístico que possui um sentido completo. **Oração** é um enunciado que contém um verbo ou uma locução verbal, podendo não apresentar um sentido completo. **Período** é um enunciado que contém uma ou mais orações de sentido completo.

### 📖 Estabelecendo relações

Na Sociologia, o conceito de classes, particularmente de classes sociais, foi bastante discutido por diversos teóricos, como Karl Marx, Max Weber e Pierre Bourdieu. Nesses estudos, semelhantemente ao que ocorre nas investigações sobre as classes de palavras da língua portuguesa, buscou-se delimitar as regularidades e as funções de cada grupo social a fim de classificá-los.

## Substantivo

Do ponto de vista gramatical, os substantivos funcionam como núcleos de expressões nominais ou sintagmas nominais. Um sintagma nominal (SN) tem a seguinte estrutura:

**SN** → [(especificadores) + **núcleo** + (complementadores)]

↓
↓
↓

O
**estudante**
disciplinado.



Como o substantivo é o núcleo do sintagma nominal, os outros elementos têm a função de especificá-lo (especificadores) ou complementar seu sentido (complementadores) e devem concordar com ele em número (singular e plural) e gênero (masculino e feminino). Ex.: “As estudantes disciplinadas”.

Os substantivos são divididos nas seguintes subclasses: comuns (homem, mulher...), próprios (Brasil, Maria...), compostos (cachorro-quente, arco-íris...), primitivos (livro, lei...), derivados (livraria, ilegal...), coletivos (arquipélago, cardume...), abstratos (sonho, alegria...), concretos (círculo, lápis...).

Além disso, nossa identidade civil só é possível graças a essa classe gramatical, pois com ela podemos atribuir um nome e um sobrenome às pessoas, ou seja, uma identificação no mundo. Observe a manchete e a linha fina a seguir:

### Nasa anuncia que vai revisar nomes de planetas, estrelas e galáxias que podem ser preconceituosos

*Agência espacial americana não se referirá mais à nebulosa NGC 2392 como “nebulosa esquimó”, termo colonial de história racista imposto a povos indígenas das regiões árticas. Especialistas em diversidade, inclusão e igualdade irão prestar consultoria.*

*G1, 5 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/08/05/nasa-anuncia-que-vai-revisar-nomes-de-planetas-estrelas-e-galaxias-que-podem-ser-preconceituosos.ghtml>. Acesso em: 17 fev. 2023.*

O trecho de notícia que você acabou de ler mostra que o ato de nomear também pode denotar um ponto de vista em relação ao ser nomeado. No caso específico do fato noticiado, o nome atribuído pela Nasa a um planeta pode ter evidenciado um posicionamento racista em relação aos indígenas do ártico.

Nomear é dar existência a um ser, atribuindo-lhe uma diferença em relação aos outros seres e, ao mesmo tempo, relacionando essa diferença a uma semelhança. Por isso, o ato de nomear é também um ato de classificar os seres em determinados grupos.

#### Saiba mais

A União Astronômica Internacional (IAU), criada em 1919, é responsável por definir os critérios de nomeação dos corpos celestes. As estrelas, por exemplo, são nomeadas com siglas. Os planetas grandes e anões devem ter nomes divinos pronunciáveis. Atualmente, existem cinco planetas-anões identificados em nosso Sistema Solar, cada um com o nome de um deus das mitologias grega, polinésia ou romana: Ceres, Plutão, Haumea, Makemake e Éris.

### Adjetivo

Na estrutura do sintagma nominal, os adjetivos funcionam como “complementadores” dos substantivos, atribuindo-lhes alguma qualidade. Na tirinha a seguir, o substantivo “ilha” ganha, quadro a quadro, novas qualidades: ilha **das flores**; ilha das flores **gigantes**; ilha das flores gigantes **carnívoras**. Os elementos em destaque atribuem qualificações ao substantivo “ilha”, de modo a particularizá-lo.



Observe a reação dos pássaros ao encontrar diferentes tipos de adjetivação sobre a ilha.

Em relação à função textual, os adjetivos são elementos qualificadores. Qualificar é atribuir um sentido particular aos elementos nomeados pelos substantivos. Por isso, a qualificação pode mostrar o ponto de vista daquele que qualifica em relação ao que é qualificado.

### Artigo

Os artigos funcionam como “especificadores” em um sintagma nominal e ocorrem sempre antes dos substantivos, concordando com eles em número (singular e plural) e gênero (masculino e feminino). Há duas subclasses para os artigos: os definidos (o, a, os, as) e os indefinidos (um, uma, uns, umas).

Sobre a função que os artigos podem adquirir em textos, observe a propaganda a seguir:



Propaganda veiculada pela prefeitura de Florianópolis, Santa Catarina, com o objetivo de promover a conscientização acerca da preservação da vida marinha.

O anúncio faz parte de uma campanha de conscientização sobre o descarte de plástico nos oceanos. Nele, o artigo definido “o”, em “**O** maior predador dos oceanos tem uma boca de 1 centímetro”, funciona como elemento que singulariza o substantivo adjetivado (“maior predador”) e também lhe confere maior evidência no texto, em associação com a imagem do canudo de plástico.

## Numeral

Os numerais são palavras que designam os números ou a ordem de sua sucessão: dois, dezoito, quinto, trigésimo. Podem ser usados individualmente, com o valor de substantivos (“cinco e quatro são nove”), ou como adjetivos, isto é, junto de um substantivo, ao qual acrescentam uma indicação de quantidade ou de ordem (“dois irmãos”, “três casas”, “primeiro filho”).

Os numerais podem ser: cardinais (um, dois...), ordinais (primeiro, segundo...), fracionários (meio, um terço...) e multiplicativos (dobro, triplo...).

A função textual dos numerais é a quantificação, atribuindo objetividade ao texto. Veja o exemplo a seguir.

A Caixa Econômica Federal realiza o concurso 2 607 da Mega-Sena. O prêmio é acumulado e estimado em R\$ 43 **milhões**. O sorteio será o **segundo** da Mega-Semana de Férias, que tem **três** concursos previstos. O **primeiro** aconteceu na **terça**-feira e o último será realizado no sábado.

*Exame.invest*, 1<sup>ª</sup> jul. 2023. Disponível em: <https://exame.com/invest/minhas-financas/mega-sena-sorteia-premio-de-r-43-milhoes-neste-sabado-1-veja-como-apostar/>. Acesso em: 1<sup>ª</sup> jul. 2023.

Os numerais destacados na notícia conferem ao texto jornalístico maior objetividade e exatidão nas informações.

## Pronome

Os pronomes têm grande importância na comunicação humana, porque designam os participantes de uma interação em um dado discurso. Além disso, podem retomar um substantivo, substituindo-o. O nome técnico desse recurso é **anáfora**.

Observe a seguir os pronomes destacados no excerto do romance *Senhora*, de José de Alencar:

Aurélia concentra-**se** de todo dentro de **si**; ninguém ao ver **essa** gentil menina, na aparência tão calma e tranquila, acreditaria que nesse momento **ela** agita e resolve o problema de **sua** existência; e prepara-**se** para sacrificar irremediavelmente todo o **seu** futuro.

ALENCAR, José de. *Senhora*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000011.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000011.pdf). Acesso em: 17 fev. 2023.



Os pronomes em destaque no trecho retomam e se referem à protagonista nomeada com o substantivo próprio Aurélia, fornecendo novas informações sobre ela.

Como verificamos no excerto literário lido, os pronomes têm a função de substituir palavras, a fim de fazer o texto progredir e evitar a repetição dos mesmos termos. A palavra “Aurélia”, por exemplo, foi retomada pelo pronome pessoal “ela”. Essas substituições constroem a **coesão referencial** do texto.

Os pronomes são divididos em:

Pronome	Uso	Forma
<b>Pessoal</b>	Representa as três pessoas do discurso sem nomeá-las. Podem ser retos ou oblíquos.	Retos (função de sujeito): eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas. Oblíquos (função de complemento verbal): me, mim, te, ti, se, si, o(s), a(s), lhe(s), nos, vos.
<b>Possessivo</b>	Faz referência às pessoas do discurso, apresentando-as como detentoras de algo.	Meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, nossa, vosso, vossa (e as variações no plural).
<b>Demonstrativo</b>	Assinala a posição dos objetos ou dos termos designados em relação às pessoas do discurso ou ao próprio texto.	Este, esta, esse, essa, aquele, aquela, mesmo, mesma, próprio, própria, tal, semelhante (e as variações no plural dessas palavras); isto, isso, aquilo.
<b>Indefinido</b>	Traz informação de quantidade indefinida.	Muito, poucas, algo, algum, alguém, ninguém, tudo, nada.
<b>Relativo</b>	Reproduz, em uma oração, o sentido de um termo ou da totalidade de uma oração precedente.	Invariáveis: que, quem, onde. Variáveis: qual, cujo.
<b>Interrogativo</b>	Indica a formulação de uma interrogação.	Que, quem, qual, quanto.

## Verbo

Para compreender a forma e a função dos verbos, vejamos o resumo de novela a seguir, publicado em um *site* de entretenimento.

### Malhação Sonhos

Segunda-feira – 15 de fevereiro

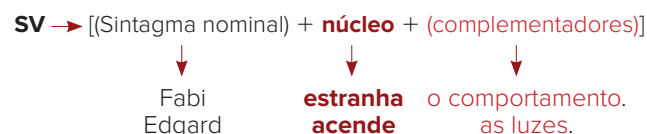
Karina **vê** Bianca **beijando** Duca e **se revolta** contra os dois. Dandara e Gael **se aproximam** ainda mais. Pedro **tenta conversar** com Karina, mas ela o **ignora**. Gael **vê** Duca e Bianca juntos. Bianca **pede** um tempo para Duca. Fabi **estranha** o comportamento de Karina na festa da Ribalta.

Nando, Pedro e Sol **se preparam** para **tocar**. Do palco, Pedro **acena** para Priscila, e Karina **pensa** que **é** para ela. Guta **incentiva** Mari a **aproveitar** a festa. Rico, Zé e Marcão **decidem apagar** as luzes da Ribalta para **beijar** as meninas e **armam** uma grande confusão. Edgard **acende** as luzes, e Karina **descobre** que **beijou** Pedro.

SINOPSES da semana 15 a 20 de Fevereiro de 2021. *Site de Imprensa*, 5 fev. 2021. Disponível em: <https://imprensa.globo.com/programas/resumos/textos/sinopses-da-semana-15-a-20-de-fevereiro-de-2021/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

As palavras em destaque são verbos. É possível observar que a maioria deles aparece depois dos substantivos, nomeados com os nomes próprios das personagens – “Karina vê”; “Dandara e Gael se aproximam”; “Pedro acena”, por exemplo. Os verbos mostram estados (caso do verbo “ser”) e ações praticadas pelas personagens, isto é, os acontecimentos da novela.

Já sabemos que o substantivo é o núcleo do sintagma nominal; já o verbo é o núcleo do **sintagma verbal (SV)**. Observe:



Como estudamos, o substantivo tem seus complementadores, muitas vezes um adjetivo. O verbo também pode ter um complemento verbal, que, nos exemplos, são “o comportamento” e “as luzes”.

Além de ter uma estrutura da qual são os núcleos, os verbos sofrem variações de modo e tempo. Os modos indicam se as ações expressas pelos verbos denotam certeza (indicativo), dúvida (subjuntivo) ou ordem (imperativo); já os tempos verbais mostram se as ações estão no presente, no passado ou no futuro.

Ademais, a classe dos verbos varia em número e pessoa, isto é, 1ª, 2ª e 3ª pessoas, representadas pelos pronomes pessoais. Por fim, ela varia em vozes verbais. Chama-se voz a variação que expressa a relação entre o processo verbal e a participação do sujeito no evento enunciado por esse verbo, podendo ser: ativa (o sujeito executa a ação), passiva (o sujeito recebe a ação) ou reflexiva (o sujeito é agente e paciente da ação).

A depender da finalidade comunicativa de cada texto, os tempos verbais são mobilizados de modos diferentes. Por exemplo, no resumo anterior, a maioria dos acontecimentos do episódio de segunda-feira (15 de fevereiro) está descrita no presente do indicativo e na voz ativa. Embora as ações das personagens aconteçam no futuro (o resumo data de 5 de fevereiro), elas se prolongam durante o episódio em questão. O uso do presente do indicativo gera no leitor uma curiosidade para acompanhar os acontecimentos da novela.

## Advérbio

Advérbios são palavras que modificam os verbos e servem para expressar as várias circunstâncias relacionadas aos sentidos verbais. Os advérbios também podem, em alguns casos, modificar adjetivos e outros advérbios. Para compreender sua forma e sua função, veja o anúncio institucional a seguir, veiculado pelo Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), sobre os benefícios de parar com o consumo de cigarros.

Acervo do Ministério Público de Minas Gerais

Parando de fumar hoje,  
dentro de 9 meses, a tosse, o chiado e a  
falta de ar diminuem significativamente.

Não perca seu tempo.

O Serviço Médico do MPMG pode te ajudar a se livrar do vício do cigarro. Entre em contato:  
[servmed@mpmg.mp.br](mailto:servmed@mpmg.mp.br) ou (31) 3330-8151

MPMG SEM CIGARRO

SCI - Superintendência de Comunicação Integrada

Campanha contra o tabagismo.

O anúncio do MPMG apresenta a seguinte mensagem: “**Parando de fumar hoje**, dentro de 9 meses, a tosse, o chiado e a falta de ar **diminuem significativamente**. **Não perca** seu tempo”. Perceba que os advérbios estão próximos aos verbos e modificam seu sentido, atribuindo-lhes circunstâncias: o advérbio “hoje” agrega uma informação de tempo à ação verbal; o advérbio “significativamente” traz a ideia de intensidade, e o “Não” acrescenta um sentido de negação. Desse modo, a função dos advérbios nesse texto é mostrar que quanto mais rápido for o abandono do cigarro, mais célere será a melhora respiratória do fumante.

Os advérbios empregados em textos podem indicar uma avaliação particular sobre determinado assunto. No caso do anúncio analisado, o advérbio “significativamente” mostra um posicionamento de certeza em relação ao que se diz. Essas avaliações são chamadas **modalizações**.

Como estudamos no quadro de classes de palavras, no início do capítulo, a classe dos advérbios não varia nem em número nem em gênero.

Muitos advérbios são formados pelo sufixo “mente”. Há uma grande variedade de advérbios na língua portuguesa, os quais podem expressar diferentes circunstâncias:

afirmação (certamente), dúvida (talvez), intensidade (bastante), lugar (acima), modo (depressa), negação (nunca), tempo (amanhã), ordem (primeiramente), inclusão (inclusivo) e designação (eis).

## Preposição

As preposições são termos que organizam outros vocábulos à sua volta. Várias classes de palavras funcionam como complementadoras das preposições, mas, no geral, são os substantivos e os verbos. Veja as manchetes de notícia a seguir:

### MEC prorroga prazo para adesão de universidades ao Sisu

PEDUZZI, Pedro; LEAL, Aline (ed.). *Agência Brasil*, 16 fev. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-02/mec-prorroga-prazo-para-adesao-de-universidades-ao-sisu>. Acesso em: 17 fev. 2023.

### Universidade de Oxford testará vacina contra covid-19 em crianças

FRANCIS, Derek. *Agência Brasil*, 13 fev. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-02/universidade-de-oxford-testara-vacina-contra-covid-19-em-criancas>. Acesso em: 17 fev. 2023.

As palavras em destaque são preposições, que relacionam um termo a outro. Elas podem ser:

- Simples (também chamadas essenciais em algumas gramáticas): a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, perante, sem, sob, sobre.
- Complexas (chamadas locuções preposicionais): perto de (adv. + prep.), ao redor de (prep. + sub. + prep.), ao longo de (prep. + adj. + prep.), para com (prep. + prep.).

## Conjunção

As conjunções, assim como as preposições, têm função de organização. A diferença entre essas duas classes é que as conjunções organizam as orações entre si, ou seja, a oração que começa pela conjunção completa a outra (conjunções de subordinação) ou lhe acrescenta informações (conjunções de coordenação). A função das conjunções é estabelecer relações lógicas entre duas ou mais orações, a fim de construir e organizar as ideias do texto.

O parágrafo a seguir é a introdução de uma dissertação argumentativa do Enem 2019, para a qual foi atribuída nota máxima. Observe as palavras em destaque:

O advento da internet possibilitou um avanço das formas de comunicação e permitiu um maior acesso à informação. **No entanto**, a venda de dados particulares de usuários se mostra um grande problema. **Apesar dos** esforços para coibir essa prática, o combate à manipulação de usuários por meio de controle de dados representa um enorme desafio. Pode-se dizer, **então**, que a negligência por parte do governo e a forte mentalidade individualista dos empresários são os principais responsáveis pelo quadro.

CARDOSO, Matheus M. W. In: BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2019: cartilha do participante*. Brasília, 2019. p. 33. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2019/redacao\\_enem2019\\_cartilha\\_participante.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/redacao_enem2019_cartilha_participante.pdf). Acesso em: 17 fev. 2023.



As palavras destacadas garantem que as informações do texto estejam conectadas umas às outras, além de permitirem que o autor da redação construa seu raciocínio de modo mais elaborado. A isso chamamos **coesão sequencial**.

Cada uma das conjunções utilizadas no texto estabelece uma relação entre as informações apresentadas: “e” (ideia de adição), “no entanto” (ideia de oposição), “Apesar de” (ideia de concessão) e “então” (ideia de conclusão).

As relações lógicas geradas pelas conjunções são: adição (ademais), oposição (porém), explicação (pois), conclusão (portanto), alternância (ou... ou), conformidade (conforme), temporalidade (quando), causalidade (visto que), finalidade (a fim de), entre outras.

## Interjeição

São palavras que exprimem emoção. As interjeições são elementos afetivos da linguagem, muito recorrentes em textos orais, geralmente acompanhadas de entonações sentimentais que expressam: alegria (oba!), saudação (olá!), desejo (tomara!), dor (ai!), chamamento (ei!), silêncio (quieto!), advertência (atenção!), incredulidade (ora!), entre outros.

Na tirinha a seguir, há várias interjeições. Observe:



O uso de interjeições requer um contexto para compreensão de seu sentido.

As interjeições utilizadas em cada quadrinho mostram que as palavras dessa classe gramatical funcionam como frases-vocábulos, pois o sentido que elas aportam se completa com uma informação não expressa, mas inerente ao contexto.

Como dissemos, as interjeições têm grande importância na conversação face a face, pois podem funcionar como marcadores conversacionais, que são elementos linguísticos cuja função é organizar a interação discursiva, por exemplo, requisitando a participação do interlocutor na conversa.

No curto diálogo a seguir, a interjeição “Bravo!” convida o interlocutor a agradecer o elogio.

A – Que refeição deliciosa. **Bravo!**

B – Obrigado! Fiz com muito carinho para você.

A – **Hum!** Esse cusczuz estava maravilhoso.

## Revisando

1. **Unesp** A questão toma por base um fragmento de uma crônica de Eça de Queirós (1845-1900) escrita em junho de 1871.

### Uma campanha alegre, IX

Há muitos anos que a política em Portugal apresenta este singular estado: Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder, perdem o Poder, reconquistam o Poder, trocam o Poder... O Poder não sai duns certos grupos, como uma **pela** que quatro crianças, aos quatro cantos de uma sala, atiram umas às outras, pelo ar, num rumor de risos.

Quando quatro ou cinco daqueles homens estão no Poder, esses homens são, segundo a opinião, e os dizeres de todos os outros que lá não estão – os corruptos, os esbanjadores da Fazenda, a ruína do País!

Os outros, os que não estão no Poder, são, segundo a sua própria opinião e os seus jornais – os verdadeiros liberais, os salvadores da causa pública, os amigos do povo, e os interesses do País.

Mas, coisa notável! – os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar a ser os esbanjadores da Fazenda e a ruína do País, durante o maior tempo possível! E os que não estão no Poder movem-se, conspiram, cansam-se, para deixar de ser o mais depressa que puderem – os verdadeiros liberais, e os interesses do País!

Até que enfim caem os cinco do Poder, e os outros, os verdadeiros liberais, entram triunfantemente na designação herdada de esbanjadores da Fazenda e ruína do País; em tanto que os que caíram do Poder se resignam, cheios de fel e de tédio – a vir a ser os verdadeiros liberais e os interesses do País. Ora como todos os ministros são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos, não há nenhum deles que não tenha sido por seu turno esbanjador da Fazenda e ruína do País...

Não há nenhum que não tenha sido demitido, ou obrigado a pedir a demissão, pelas acusações mais graves e pelas votações mais hostis... Não há nenhum que não tenha sido julgado incapaz de dirigir as coisas públicas – pela Imprensa, pela palavra dos oradores, pelas incriminações da opinião, pela afirmativa constitucional do poder moderador...

E todavia serão estes doze ou quinze indivíduos os que continuarão dirigindo o País, neste caminho em que ele vai, feliz, abundante, rico, forte, coroado de rosas, e num **chouto** tão triunfante!

(Eça de Queirós. Obras. Porto: Lello & Irmão-Editores, [s.d.]

**pela:** bola.

**chouto:** trote miúdo.

Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

- a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
- b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
- c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
- d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
- e) ... aos quatro cantos de uma sala...

## 2. Fuvest-SP 2020

### amora

a palavra amora  
seria talvez menos doce  
e um pouco menos vermelha  
se não trouxesse em seu corpo  
(como um velado esplendor)  
a memória da palavra amor

a palavra amargo  
seria talvez mais doce  
e um pouco menos acerba  
se não trouxesse em seu corpo  
(como uma sombra a espreitar)  
a memória da palavra amar

Marco Catalão, Sob a face neutra.

Tal como se lê no poema,

- a) a palavra “amora” é substantivo, e “amargo”, adjetivo.
- b) o verbo “amar” ameniza o amargor da palavra “amargo”.
- c) o substantivo “corpo” apresenta sentido denotativo.
- d) o substantivo “amor” intensifica o dulçor da palavra “amora”.
- e) o verbo “amar” e o substantivo “amor” são intercambiáveis.

3. **Ufam 2015** Escolhi a mesinha que estava na calçada e pedi um suco de frutas naturais mas sabendo que viria um suco com sabor de frutas artificiais, as frutas de laboratório, os bebês de laboratório – mas onde estamos? Enfim, já anunciaram que temos usinas nucleares, um dia vai chegar um sergipano (ou um paulistano, não tenho

preconceito de região) e vai apertar distraidamente o botão errado. Pronto. O Brasil vira memória. E as pessoas tão inconscientes ouvindo uma musiquinha na porta da loja de discos. Também vejo um homem engraxando o sapato. E, no prédio em frente, passam um filme certamente desinteressante: noto que apenas um casal está na fila do cinema. Vejo também um velho com o netinho jogando migalhas para os pombos. Chovem propagandas de produtos comerciais, poluindo a paisagem. Era bom antes, lembra? Quando as paisagens eram limpas. Mas agora é tarde. É tarde no planeta.

(“É tarde no planeta”, de Lygia Fagundes Telles, no livro A Disciplina do Amor. Texto adaptado.)

Assinale a opção em que o vocábulo **UM** funciona como numeral e não como artigo:

- a) “as pessoas tão inconscientes ouvindo uma musiquinha”
- b) “pedi um suco de frutas naturais”
- c) “um casal está na fila do cinema”
- d) “um velho com o netinho jogando migalhas para os pombos”
- e) “um dia vai chegar um sergipano e vai apertar o botão errado”

## 4. AFA-SP 2017

### RETRATO

Eu não tinha este rosto de hoje,  
Assim calmo, assim triste, assim magro,  
Nem estes olhos tão vazios,  
Nem o lábio amargo  
Eu não tinha estas mãos sem força,  
Tão paradas e frias e mortas;  
Eu não tinha este coração  
Que nem se mostra.  
Eu não dei por esta mudança,  
Tão simples, tão certa, tão fácil:  
– em que espelho ficou perdida  
a minha face?

(MEIRELES, Cecília. Obra Poética de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.)

Analisando os versos do poema “Retrato”, assinale a opção correta.

- a) Percebe-se que foi utilizado, no poema, o pronome “este” e suas variações, em referência a algo que, do ponto de vista espacial, está próximo do eu lírico.
- b) A repetição do advérbio de modo “assim” (v. 2) reforça as características físicas do eu lírico no passado.
- c) Em “Tão simples, tão certa, tão fácil” (v. 10), o advérbio em destaque foi empregado para atenuar as mudanças sofridas pelo eu lírico ao longo da vida.
- d) A substituição da expressão “em que espelho” (v. 11) por “onde” poderia ocorrer sem provocar alteração no sentido e na sintaxe do verso original.

## 5. UAB/Uespi

### Pé com pé

Acordei com o pé esquerdo  
Calcei meu pé de pato  
Chutei o pé da cama



Botei o pé na estrada  
Dei um pé de vento

Caiu um pé d'água  
Enfie o pé na lama  
Perdi o pé de apoio  
Agarrei num pé de planta  
[...]

(PERES, Sandra; TATIT, Paulo. Pé com pé. In: Palavra cantada. [S.l.]: MCD, 2004.)

Cada um dos versos do poema é iniciado com uma forma verbal. Em sua maioria, esses verbos denotam

- estados emocionais.
- reações a alguma causa preexistente.
- ações realizadas pelo eu lírico.
- práticas eventuais.
- realizações compulsórias.

## 6. Unifei-MG



(Disponível em: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira211.htm>)

Não há uma oração no primeiro balão da tirinha, pois trata-se de:

- uma frase verbal.
- um outro código linguístico.
- uma palavra que não pertence ao léxico da língua portuguesa.
- uma interjeição.

## 7. AFA-SP 2019

### Violência: presente e passado da história

Vilma Homero

Ao olhar para o passado, costumamos imaginar que estamos nos afastando dos tempos da “barbárie pura e simples” para alcançar uma almejada “civilização”, calada sobre relações livres, iguais e fraternas, típicas do homem culto. Um olhar sobre a história, no entanto, põe em xeque esta visão utópica. Organizado pelos historiadores Regina Bustamante e José Francisco de Moura, o livro *Violência na História*, publicado pela Mauad Editora com apoio da FAPERJ, reúne diversos ensaios que mostram, ao longo do tempo, diferentes aspectos da

violência, propondo uma reflexão mais demorada sobre o tema. Nos ensaios reunidos no livro, podemos vislumbrar como, desde a antiguidade e ao longo da história humana, a violência se insere, sob diversos vieses, nas relações de poder, seja entre Estado e cidadãos, entre livres e escravos, entre homens e mulheres, ou entre diferentes religiões. “Durante a Idade Média, por exemplo, vemos como a violência se manifesta na religiosidade, durante o movimento das Cruzadas. Ou, hoje, no caso dos movimentos sociais, como ela acontece em relação aos excluídos das favelas. O sentido é amplo. A desigualdade social, por exemplo, é um tipo de violência; a expropriação do patrimônio cultural, que significa não permitir que a memória cultural de determinado grupo se manifeste, também”, prossegue a organizadora. [...] A própria palavra “violência”, que etimologicamente deriva do latim *vis*, com significado de força, virilidade, pode ser positiva em termos de transformação social, no sentido de uma violência revolucionária, usada como forma de se tentar transformar uma sociedade em determinado momento. [...] Essas variadas abordagens vão aparecendo ao longo do livro.

[...] Na Roma antiga, as penas, aplicadas após julgamento, ganhavam um sentido religioso. Despido de sua humanidade, o réu era declarado *homo sacer*. Ou seja, sua vida passava a ser consagrada aos deuses. Segundo a pesquisadora Norma Mendes, “havia o firme propósito de fazer da morte dos condenados um espetáculo de caráter exemplar, revestido de sentido religioso e de dominação, cuja função era o reforço, manutenção e ratificação das relações de poder.” [...] O historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva é um dos que traz a discussão para o presente, analisando as transformações políticas do último século. “Desde Voltaire até Kant e Hegel, acreditava-se no contínuo aperfeiçoamento da condição humana como uma marcha inexorável em direção à razão. [...] O Holocausto, perpetrado em um dos países mais avançados e cultos à época, deixou claro que a luta pela dignidade humana é um esforço contínuo e, pior de tudo, lento. [...] E sobretudo, mais de 50 anos depois da II Guerra Mundial, a ocorrência de outros genocídios – Ruanda, Iugoslávia, Camboja etc. – leva a refletir sobre a convivência entre os homens nesse começo do século XXI.” O historiador prossegue: “De forma paradoxal, a globalização, conforme se aprofunda e pluga os homens a escalas planetárias, é fortemente acompanhada pelo localismo e o particularismo religioso, étnico ou cultural, promovendo ódios e incompreensões crescentes. Na Bósnia ou em Kosovo, na Faixa de Gaza ou na Irlanda do Norte, a capacidade de entendimento chegou a seu mais baixo nível de tolerância, e transpor uma linha, imaginária ou não, entre bairros pode representar a morte”. Como nem tudo se limita às questões políticas e às guerras, o livro ainda analisa as formas que a violência assume nas relações de gênero, na religião, na cultura e aborda também a questão dos direitos humanos, vista sob a perspectiva de diferentes sistemas culturais.

(<http://www.faperj.br/?id=1518.2.4>. Acesso em: 5 mar. 2018.)

O uso do conectivo em destaque está corretamente justificado em:

- a) "...um espetáculo de caráter exemplar, revestido de sentido religioso e de dominação, cuja função era o reforço [...] das relações de poder." (l. 38 a 41) – *Conecta oração, estabelecendo uma relação de posse*.
- b) "...a violência se insere, sob diversos vieses, nas relações de poder..." (l. 14 e 15) – *Acrésceta aspecto locativo*.
- c) "Ou seja, sua vida passava a ser consagrada aos deuses." (l. 35 e 36) – *Introduz sentido de alternância*.
- d) "Como nem tudo se limita às questões políticas e às guerras, o livro ainda analisa as formas que a violência assume..." (l. 62 a 64) – *Estabelece conexão temporal*.



Para responder às questões **8** e **9**, leia atentamente o excerto seguinte.

Mas o noivo por onde andava que não vinha? Esse belo mancebo, tão ardente e tão apaixonado, por que se não apresentava logo? Dos homens que Ana Rosa conhecia na província nenhum decerto podia ser! ...E, no entanto, ela amava...

A quem?

Não sabia dizê-lo, mas amava. Sim! Fosse a quem fosse, ela amava; porque sentia vibrar-lhe o corpo, fibra por fibra, pensando nesse – Alguém – íntimo e desconhecido para ela; esse – Alguém – que não vinha e não lhe saía do pensamento; esse – Alguém – cuja ausência a fazia infeliz e lhe enchia a existência de lágrimas.

(AZEVEDO, Aluísio. O Mulato. São Paulo: Editora Ática, 2010).

- 8. IFMT 2019** Fosse a quem fosse, ela amava; porque sentia vibrar-lhe o corpo, fibra por fibra, pensando nesse – **Alguém** – íntimo e desconhecido para ela; esse – **Alguém** – que não vinha e não lhe saía do pensamento.

No que se refere ao termo destacado neste fragmento, julgue os itens a seguir:

- I. Costumeiramente classificada como pronome, a palavra destacada exerce na frase função análoga à de substantivo próprio.
- II. Ao ser grafado com letra maiúscula, o termo revela a angústia da personagem feminina por não haver encontrado o ser amado.
- III. O termo equivale a um pronome pessoal do caso reto, ao qual o autor recorre para intensificar o mistério da narrativa.

São corretas as assertivas:

- a) I e II.  
b) I, apenas.  
c) I e III.  
d) II e III.  
e) I, II e III.

- 9. IFMT 2019** Esse belo **mancebo**, tão ardente e tão apaixonado, **por que** se não apresentava logo?

Os termos destacados, quando analisados morfológicamente, equivalem respectivamente:

- a) A um advérbio e um adjetivo.  
b) A um substantivo e um pronome interrogativo.

- c) A um substantivo e uma conjunção adversativa.  
d) A um substantivo e um advérbio de tempo.  
e) A um substantivo e uma preposição.

## 10. UFPR 2023

### O tédio profundo

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção.

- 5 Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção. A técnica temporal e de atenção *multitasking* (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem.
- 10 Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo com outras atividades. Deve cuidar **para que**, ao comer, ele próprio não acabe comido. Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. **Por isso**, não é capaz de aprofundamento contemplativo – nem para comer, nem no copular. O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que **se** assemelha à atenção de um animal selvagem. As mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem.

- 15 Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo com outras atividades. Deve cuidar **para que**, ao comer, ele próprio não acabe comido. Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. **Por isso**, não é capaz de aprofundamento contemplativo – nem para comer, nem no copular. O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que **se** assemelha à atenção de um animal selvagem. As mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem.
- 20
- 25
- 30

(Extraído e Adaptado de: HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. p. 31-32.)

Para a adequada interpretação do texto, é necessário identificar a que informações, apresentadas previamente, correspondem algumas expressões de sentido vago e empregadas pelo autor. Isso posto, considere as seguintes afirmativas:


1. Na expressão “para que”, linha 19, “que” é pronome relativo cujo referente é “ele próprio”.
2. O termo destacado na expressão “trata-se”, linha 14, refere-se a “técnica de atenção”.
3. O termo grifado na expressão “que se assemelha”, linha 28, é marca de indeterminação.
4. “Por isso”, linha 22, estabelece relação conclusiva com o período imediatamente anterior.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 4 é verdadeira.  
b) Somente as afirmativas 1 e 4 são verdadeiras.  
c) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.  
d) Somente as afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.  
e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.



## Exercícios propostos

 Texto para as questões 1 e 2.

### DAS VANTAGENS DE SER BOBO

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: “Estou fazendo.

5 Estou pensando.”.

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

10 O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontram diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoiévski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem

25 de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: “Até tu, Brutus?”.

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

30 Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

45 Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

50 Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. *Das vantagens de ser bobo*. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/das-vantagens-de-ser-bobo/>. Acesso em: 10 maio 2017. Originalmente publicado no *Jornal do Brasil*, em 12 de setembro de 1970.

1. **IME-RJ 2018** Observe os conectivos destacados no trecho abaixo, retirado do texto. Assinale a opção em que a análise semântica está de acordo com a que foi estabelecida no texto.

[...] ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso **porque** se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo **sequer**. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava **tão** estragado **que** o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e **portanto** estar tranquilo, **enquanto** o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu (linhas 18 a 28).

- a) O conectivo **porque** estabelece uma relação de consequência.
- b) O advérbio **sequer** introduz uma ideia de exceção.
- c) A expressão **tão... que** estabelece uma relação de causa.
- d) O conectivo **portanto** estabelece uma ideia de finalidade.
- e) O conectivo **enquanto** estabelece ideia de comparação.

2. **IME-RJ 2018** Na frase “só o bobo é capaz de excesso de amor” (Linhas 51 e 52), a semântica da palavra **só**, nesse contexto,

- a) estabelece comparação entre bobos e espertos e funciona como adjetivo.
- b) evidencia a solidão dos que são bobos num mundo em que a quase totalidade das pessoas são espertas. Funciona como adjetivo.
- c) modifica o sentido do substantivo amor, sendo, por isso, um advérbio.
- d) incide sobre o adjetivo **capaz**, intensificando essa capacidade que apenas os bobos têm. Funciona, portanto, como advérbio.
- e) tem valor restritivo quanto ao mundo dos que são capazes de excesso de amor e funciona como um advérbio que se refere à palavra **bobo**.

3. **FCMSCSP 2021** Leia o poema em prosa “O enigma”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

As pedras caminhavam pela estrada. Eis que uma forma obscura lhes barra o caminho. Elas se interrogam, e à sua experiência mais particular. Conheciam outras formas **deambulantes**, e o perigo de cada objeto em circulação na terra. Aquele, todavia, em nada se assemelha às imagens trituradas pela experiência, prisioneiras do hábito ou domadas pelo instinto imemorial das pedras. As pedras detêm-se. No esforço de compreender, chegam a imobilizar-se de todo. E na contenção desse instante, fixam-se as pedras – para sempre – no chão, compondo montanhas colossais, ou simples e estupezatos e pobres seixos desgarrados.

Mas a coisa sombria – desmesurada, por sua vez – aí está, à maneira dos enigmas que zombam da tentativa de interpretação. É mal de enigmas não se decifrem a si próprios. Carecem de argúcia alheia que os liberte de sua confusão amaldiçoada. E repelem-na ao mesmo tempo, tal é a condição dos enigmas. Esse travou o avanço das pedras, rebanho desprevenido, e amanhã fixará por igual as árvores, enquanto não chega o dia dos ventos, e o dos pássaros, e o do ar pululante de insetos e vibrações, e o de toda vida, e o da mesma capacidade universal de se corresponder e se completar, que sobrevive à consciência. O enigma tende a paralisar o mundo.

Talvez que a enorme Coisa sofra na intimidade de suas fibras, mas não se compadece nem de si nem daqueles que reduz à congelada expectativa.

Ai! de que serve a inteligência – lastimam-se as pedras. Nós éramos inteligentes; contudo, pensar a ameaça não é removê-la; é criá-la. Ai! de que serve a sensibilidade – choram as pedras. Nós éramos sensíveis, e o dom da misericórdia se volta contra nós, quando contávamos aplicá-lo a espécies menos favorecidas.

Anoitece, e o luar, modulado de dolentes canções que preexistem aos instrumentos de música, espalha no côncavo, já pleno de serras abruptas e de ignoradas jazidas, melancólica moleza.

Mas a Coisa interceptante não se resolve. Barra o caminho e medita, obscura.

(Poesia 1930-62, 2012.)

**deambular:** andar à toa; vaguear, passear

É mal de enigmas não se decifrem a si próprios. Carecem de argúcia alheia que os liberte de sua confusão amaldiçoada. (2º parágrafo)

Os termos sublinhados constituem, respectivamente,

- a) pronome, pronome, artigo.
- b) pronome, preposição, pronome.
- c) conjunção, preposição, pronome.
- d) conjunção, pronome, pronome.
- e) pronome, preposição, artigo.

**4. Unesp 2018** Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira (1608-1697), para responder à questão.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(Essencial, 2011.)

[...] os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida [...]. (3º parágrafo)

Os termos destacados constituem, respectivamente,

- a) um artigo, uma preposição e uma preposição.
- b) uma preposição, um artigo e uma preposição.
- c) um artigo, um pronome e um pronome.
- d) um pronome, uma preposição e um artigo.
- e) uma preposição, um artigo e um pronome.

5. **Unitins-TO 2020** Leia esta tira do Menino Maluquinho, famoso personagem do desenhista, escritor e jornalista Ziraldo, para responder à questão.



Disponível em: <http://meninomaluquinho.educacional.com.br>. Acesso em: 24 nov. de 2019.

Para nos referirmos às três pessoas do discurso e a tudo que nos cerca, usamos os nomes (substantivos). Para evitar a repetição e promover a coesão, é comum a utilização dos pronomes, que podem substituir ou acompanhar os substantivos.

No primeiro quadrinho da tira, estão presentes:

- um pronome possessivo, dois pronomes pessoais e um pronome de tratamento.
- dois pronomes de tratamento, um pronome pessoal e um pronome possessivo.
- três pronomes pessoais, um pronome de tratamento e um pronome demonstrativo.
- um pronome pessoal, um pronome possessivo e dois pronomes de tratamento.
- dois pronomes de tratamento, um pronome pessoal e um pronome demonstrativo.

6. **UFG-GO 2021**

Minha Goiânia querida  
 Cidade plantada no meio da luz.  
 Minha cidade do mundo, as lutas e lendas teu povo conduz.  
 Nos teus jardins espalhados, sem tempo marcado, plantei meu amor.  
 Amor que, crescendo com todo cuidado, hoje tem frutos que guardo, que guardo feliz!

Minha Goiânia querida  
 Que o Sol no poente permite sonhar.  
 Aqui a Lua é mais cheia,  
 Clareia, clareia, do Sol invejar.  
 E nessas noites de graça,  
 Goiânia me abraça,  
 Não deixa eu errar.  
 Se eu fosse voltar ao começo, ao começo,  
 Ah, eu voltava aqui mesmo,  
 No mesmo lugar...

LINS, I.; DAHER, T; KAJURU, J. *Minha Goiânia querida*. Disponível em: [www.senado.leg.br](http://www.senado.leg.br). Acesso em: 10 dez. 2020.

A categoria dos pronomes possessivos é altamente polissêmica e, na frase “Minha Goiânia querida”, seu uso representa

- proximidade física.
  - relação afetiva.
  - naturalidade.
  - propriedade.
7. **UFMS 2018** Tenho um dragão que mora comigo. Não, isso não é verdade. Não tenho nenhum dragão. E, ainda que tivesse, ele não moraria comigo nem com ninguém. Para os dragões, nada mais inconcebível que dividir seu espaço – seja com outro dragão, seja com uma pessoa banal feito eu. [...] outro dia, numa dessas manhãs áridas da ausência dele, felizmente cada vez menos frequentes (a aridez, não a ausência), pensei assim: *os homens precisam da ilusão do amor da mesma forma como precisam da ilusão de Deus*.

[...] Então, que seja doce. Repito todas as manhãs, ao abrir as janelas para deixar entrar o sol ou o cinza dos dias, bem assim: que seja doce. Quando há sol, e esse sol bate na minha cara amassada do sono ou da insônia, contemplando as partículas de poeira soltas no ar, feito um pequeno universo, repito sete vezes para dar sorte: que seja doce que seja doce que seja doce e assim por diante. Mas se alguém me perguntasse o que deverá ser doce, talvez não saiba responder. *Tudo é tão vago como se fosse nada*.



[...] Gosto de dizer *tenho um dragão que mora comigo*, embora não seja verdade. Como eu dizia, um dragão jamais pertence a nem mora com alguém. Seja uma pessoa banal igual a mim, seja unicórnio, salamandra, harpia, elfo, hamadriade, sereia ou ogro. Duvido que um dragão conviva melhor com esses seres mitológicos, mais semelhantes à natureza dele, do que com um ser humano. Não que sejam insociáveis. Pelo contrário, às vezes um dragão sabe ser gentil e submisso como uma gueixa. Apenas, eles não dividem seus hábitos.

Ninguém é capaz de compreender um dragão. Eles jamais revelam o que sentem. Quem poderia compreender, por exemplo, que logo ao despertar (e isso pode acontecer em qualquer horário, às três da tarde ou às onze da noite, já que o dia e a noite deles acontecem para dentro, mas é mais previsível entre sete e nove da manhã, pois essa é a hora dos dragões) sempre batem a cauda três vezes, como se estivessem furiosos, soltando fogo pelas ventas e carbonizando qualquer coisa próxima num raio de mais de cinco metros? Hoje, pondero: talvez seja essa a sua maneira desajeitada de dizer, como costume dizer agora, ao despertar – que seja doce.

(ABREU, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. p. 179-191).

Assinale a alternativa que apresenta, na sequência, vocábulos das seguintes classes gramaticais: um substantivo, um adjetivo, um verbo, um pronome indefinido, um numeral e uma conjunção, todas retiradas do texto lido.

- a) Manhãs; verdade; igual; o; sete; como.
- b) Elfo; desajeitada; dizer; coisa; um; ao.
- c) Gueixa; hábitos; qualquer; como; sete; dizer.
- d) Despertar; desajeitada; gueixa; sete; como; mas.
- e) Dragão; submisso; compreender; nenhum; sete; mas.

**8. UFRR 2019** Leia o texto abaixo, retirado da obra *O Cortiço* e, responda à questão.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu... de uma assentada, sete horas de chumbo. [...].

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 2010. p. 28-29.

Assinale a função morfológica de “acordar” em “Um acordar alegre e farto de quem dormiu”.

- a) Adjetivo
- b) Advérbio
- c) Substantivo
- d) Pronome
- e) Verbo

**9. Famerp-SP 2022** Considere o trecho:

Pode-se afirmar que as trilhas \_\_\_\_\_ o país percorreu são fruto de um conhecimento milenar. A lacuna da frase é preenchida, com correção gramatical, por

- a) onde.
- b) das quais.
- c) que.
- d) às quais.
- e) o qual.

**10. Ufam/PSC 2017** Leia as frases a seguir, atentando para as interjeições ou locuções interjetivas sublinhadas:

- I. “Oh! que saudades que tenho / Da aurora da minha vida” (Casimiro de Abreu)
- II. Psui! O filme já começou!
- III. Puxa vida! Não é que a bateria do carro descarregou?
- IV. Oxalá agora os tempos mudem e o nosso time volte a ganhar
- V. “Ó Guerreiros da Taba sagrada, / Ó Guerreiros da Tribo Tupi, /Falam Deuses nos cantos do Piaga, / Ó Guerreiros, meus cantos ouvi!” (Gonçalves Dias)
- VI. Coragem! Afinal, você já enfrentou adversidades maiores na vida
- VII. Hum! Não tenho boas informações sobre a conduta desse rapaz

As interjeições são expressões que traduzem nossos estados emotivos. A seguir, relacionamos alguns desses estados:

- (1) desejo ou ansiedade
- (2) aplauso
- (3) imposição ou pedido
- (4) tristeza
- (5) animação
- (6) dúvida ou suspeita
- (7) zombaria
- (8) impaciência ou irritação
- (9) apelo ou chamamento

Considere que, nos enunciados da questão, há sete interjeições (portanto, dois dos estados emotivos não estão contemplados nas frases). Depois disso, assinale a alternativa em que as interjeições das frases correspondem aos estados emotivos relacionados:

- a) I – (4); II – (3); III – (8); IV – (1); V – (9); VI – (5); VII – (6)
- b) I – (8); II – (1); III – (7); IV – (5); V – (3); VI – (2); VII – (4)
- c) I – (4); II – (8); III – (7); IV – (1); V – (5); VI – (2); VII – (6)
- d) I – (7); II – (8); III – (4); IV – (2); V – (9); VI – (5); VII – (1)
- e) I – (8); II – (9); III – (4); IV – (7); V – (3); VI – (2); VII – (1)



Leia o soneto “Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder às questões **11** e **12**.

A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana e vinha;  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.



entretanto, que do ponto de vista da gramática normativa da língua portuguesa, para designar a oposição de sexo no caso em questão, outro artifício deveria ser empregado. Assinale a alternativa que contém exemplo de substantivo cuja lógica de formação do masculino, do ponto de vista da norma-padrão, é semelhante àquela que deveria ter sido empregada para a designação do equivalente masculino de “a aranha”:

- a) A macaca / o macaco. d) O professor / a professora.  
 b) Baleia fêmea / baleia macho. e) A caneca / o caneco.  
 c) O carneiro / a ovelha.

**14. UEA-AM 2019** Considere o trecho do romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz, para responder à questão.

Armado com um cartãozinho do bispo e um bilhete particular de Conceição à senhora que administrava o serviço, Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape.

No bilhete, a moça fazia o possível para comover a destinatária; e a senhora, apesar de já se ter habituado a esses pedidos que falavam sempre numa mesma pobreza extrema e em criancinhas famintas, achou jeito de desentulhar uma pá, e ela mesma guiou o vaqueiro aturdido, com seu ferro na mão, e o entregou ao feitor.

Duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem.

Só de longe em longe parava para tomar um fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios.

E o almoço, ao meio-dia, onde, junto do pirão, um naco de carne cheiroso emergia, mal o soergueu e o animou.

Já era tão antiga, tão bem instalada a sua fome, para fugir assim, diante do primeiro prato de feijão, da primeira lasca de carne!...

(*O quinze*, 2009.)

E o almoço, ao meio-dia, onde, junto do pirão, um naco de carne cheiroso emergia, mal o soergueu e o animou. (5º parágrafo)

Os pronomes sublinhados retomam o sentido de:

- a) “serviço da barragem”. d) “naco de carne cheiroso”.  
 b) “Chico Bento”. e) “pirão”.  
 c) “almoço”.

**15. IFPE 2019**



Disponível em: <http://opsquebrou.blogspot.com/2012/08/respeitoterceira-idade.html>. Acesso em: 1º out. 2018.

No primeiro balão presente no texto, encontramos a seguinte sentença: “Não nos maltrate!”. Acerca dos aspectos linguísticos presentes nela, julgue as assertivas a seguir.

- I. A oração é iniciada por um advérbio de intensidade: “não”.  
 II. O ponto de exclamação é utilizado para indicar a emoção expressa no pedido feito pelo idoso.  
 III. O termo nos pertence à mesma classe gramatical que me, conforme emprego na seguinte oração: “não me engane”.  
 IV. O uso do modo verbal imperativo, “maltrate”, indica a presença de informalidade.  
 V. Na oração “Não nos maltrate”, de acordo com a classificação morfológica, é correto afirmar que o termo sublinhado deve ser classificado como pronome possessivo.

Estão CORRETAS, apenas, as proposições

- a) I e V. d) III e IV.  
 b) I e II. e) II e III.  
 c) II e V.



16. **Urca-CE 2020** Leia o fragmento de texto a seguir, parte da obra da escritora portuguesa Sophia de Melo Breyner Andresen, para resolver a questão.

## A FADA ORIANA

### I – FADAS BOAS E FADAS MÁS

Há duas espécies de fadas: as fadas boas e as fadas más. As fadas boas fazem coisas boas e as fadas más fazem coisas más. As fadas boas regam as flores com orvalho, acendem o lume dos velhos, seguram pelo bibe as crianças que vão cair ao rio, encantam os jardins, dançam no ar, inventam sonhos e, à noite, põem moedas de ouro dentro dos sapatos dos pobres. As fadas más fazem secar as fontes, apagam a fogueira dos pastores, rasgam a roupa que está ao sol a secar, desencantam os jardins, arreliam as crianças, atormentam os animais e roubam o dinheiro dos pobres.

Quando uma fada boa vê uma árvore morta, com os ramos secos e sem folhas, toca-lhe com a sua varinha de condão e no mesmo instante a árvore cobre-se de folhas, de flores, de frutos e de pássaros a cantar.

Quando uma fada má vê uma árvore cheia de folhas, de flores, de frutos e de pássaros a cantar, toca-lhe com a sua varinha mágica do mau fado, e no mesmo instante um vento gelado arranca as folhas, os frutos apodrecem, as flores murcham e os pássaros caem mortos no chão.

### II – ORIANA

Era uma vez uma fada chamada Oriana. Era uma fada boa e era muito bonita. Vivia livre, alegre e feliz dançando nos campos, nos montes, nos bosques, nos jardins e nas praias. Um dia a Rainha das Fadas chamou-a e disse-lhe:

— Oriana, vem comigo.

E voaram as duas por cima de planícies, lagos e montanhas. Até chegarem a um país onde havia uma grande floresta.

— Oriana – disse a Rainha das Fadas –, entrego-te esta floresta. Todos os homens, animais e plantas que aqui vivem, de hoje em diante, ficam à tua guarda. Tu és a fada desta floresta. Promete-me que nunca a hás de abandonar. Oriana disse:

— Prometo. [...]

Há relatos de que a escritora Sophia de Melo começou a escrever para crianças e jovens desde que seus filhos adoeceram e ela comprou livros infantis para eles. Perplexa com o infantilismo destinado ao infante, a escritora diz: Mandei comprar alguns livros que tentei ler em voz alta. Mas não suportei a pieguice da linguagem nem a sentimentalidade da “mensagem”: uma criança é uma criança, não é um pateta. Atirei os livros fora e resolvi inventar.

(<http://derivadaspalavras.blogspot.com/2006/12/sophia-de-mello-breyner-andresen-e-sua.html>)

O texto “A fada Oriana” compõe este vasto material destinado ao público infantil, porque:

- sabe combinar o nome e o adjetivo e por fazer uso de uma sintaxe peculiar que recorre com frequência a estruturas de tipo anafórico;
- das imagens criadas emana uma sensorialidade que encontra paralelo num discurso fluente, marcado por aliterações, assonâncias, sutis rimas internas;
- o léxico se reporta sobretudo ao mundo natural, fixando-se nos elementos ligados à água, à terra e ao ar, além de elementos do universo maravilhoso;
- a sintaxe elaborada, cheia de hipérbatos, nunca resvala para a facilidade;
- a complexidade dos sentimentos e das fantasias pessoais reverberam neste universo mítico.

## Texto complementar

### Manual do estilo desconfiado

#### Até segunda ordem, todo texto é suspeito

Sempre fui um aficionado pelas artes e artimanhas do ato de escrever. Sou daqueles que consideram toda frase um parto – o que não implica, necessariamente, sofrimento. Tudo começa com o intruso espermatozoide que se instala em nosso cérebro e passa a acionar a sinapse daquela ideia, que ali permanece e recusa a se apagar, insiste diariamente em ser transformada em “mensagem para os outros”: texto.

Acontece, porém, na maioria das vezes, que passamos a macaquear as formas conhecidas de dizer. Repetimos as fórmulas, e mal. Confortados pelo doce prazer do nome impresso. Com frequência, tomamos um dentre os maneirismos disponíveis e o preenchemos com raciocínio e opinião. Mas sem perceber que as palavras e noções usadas já se encontram um tanto gastas por forçada repetição e do hábito.

Qual o antídoto? Como sair do círculo repetitivo da inspiração? Se a resposta fosse simples, já teria surgido uma nova profissão no pobre mercado das letras: os estilistas de texto. Com lançamentos a cada ano de novos modelos de redação destinados aos diferentes segmentos: as notícias de jornal, as pesquisas acadêmicas, os romances de sucesso, e outros mais.

O jeito é mesmo desconfiar. Uma recomendação possível e honesta frente ao demo do senso comum que se infiltra no lero-lero de muitos escribas. Ler com o olhar desconfiado, pois ajuda a reconhecer muito gato que se passa por lebre, sobretudo quando assume ares de alta dicção. E, claro, escrever igualmente desconfiado – um pé atrás com as próprias afirmações. Até segunda ordem, todo texto é suspeito.

[...]

### Desconfie do advérbio

- Cabe ao advérbio dar um toque de relevo à frase.
- A circunstância define o colorido daquilo que se afirma; do contrário, predomina o vazio.
- Verbo e advérbio se atraem, mas nem sempre se encaixam.
- Os advérbios formam a polpa que reveste o caroço da frase central.
- Para garantir que seja exato, todo advérbio deve passar pelo setor de controle de excessos.
- Quem “mente” demais cai em descrédito.

### Desconfie do elogio

- Monotonia: o elogio sempre se nutre de adjetivos.
- Boa parte das vezes o encômio vem antes de arrolados os argumentos.
- O elogio deve ser proporcional à qualidade moral e intelectual de quem o profere. Mas quem julga quem?
- A maioria dos elogios esconde a sua real motivação: o comércio de favores.
- Quem muito elogia deixa as palavras vazias.
- Elogiar a modéstia é um contrassenso.

### Desconfie do adjetivo

- Os adjetivos são como as cores, do suave ao berrante.
- Entre um e outro, recomenda-se a distância de algumas léguas.
- A culpa não está na palavra, mas no demiurgo que não sabe usá-la.
- O adjetivo funciona como o fermento da frase.
- Ao dispor de um adjetivo, indague-se: se ficar de fora, a frase empalidece?
- Faça psicanálise com os qualificativos que emprega.
- Adjetivos são palavras com alta variação de humor.

### Desconfie da (des)confiança

- A desconfiança é bem-vinda para que o estilo seja de bom quilate.
- A desconfiança é mal-vinda quando inibe a naturalidade da frase.
- O melhor estilo é aquele que se faz com a atenção posta no detalhe, nos dedos.
- Quem desconfia fia o texto pelo avesso.
- Quem (des)confia demasiado termina com as mãos no fiado.
- Desconfia quem deseja fiar de outra maneira.

PAIXÃO, Fernando. Manual do estilo desconfiado. *Revista Piauí*, dez. 2011. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/manual-do-estilo-desconfiado/>. Acesso em: 17 fev. 2023.



Veja os principais assuntos e conceitos trabalhados neste capítulo acessando a seção **Resumindo** no livro digital, na Plataforma Poliedro.



### Quer saber mais?



#### Filme

**Palavras e imagens. Direção: Fred Schepsi. 2013.**

Nesse filme, um professor de literatura e uma pintora discutem se a linguagem das palavras é superior à linguagem imagética.



#### Livro

**“Família”. *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.**

No poema “Família”, o autor utiliza exclusivamente substantivos e adjetivos.



#### Site

**WebJspell: Analisador morfológico. Disponível em: <https://natura.di.uminho.pt/webjspell/jsol.pl?a=n>. Acesso em: 28 fev. 2023.**

Nesse site é possível buscar a classe gramatical das palavras, entre outras informações, como sinônimos, definição, gênero e número.



#### Música

**“Palavras e sonhos”, de Luiz Tatit. Disponível em: <http://luiztatit.com.br/composicoes/composicao?id=205/Palavras-e-Sonhos.html>. Acesso em: 28 fev. 2023.**

A canção propõe uma reflexão sobre o poder das palavras.

## Exercícios complementares

1. **Unifesp 2021** Para responder à questão, leia o trecho do livro *O oráculo da noite*, do neurocientista Sidarta Ribeiro.

A palavra sonho, do latim *somnium*, significa muitas coisas diferentes, todas vivenciadas durante a vigília, e não durante o sono. Realizei “o sonho da minha vida”, “meu sonho de consumo” são frases usadas cotidianamente pelas pessoas para dizer que pretendem ou conseguiram alcançar algo. Todo mundo tem um sonho, no sentido de plano futuro. Todo mundo deseja algo que não tem. Por que será que o sonho, fenômeno normalmente noturno que tanto pode evocar o prazer quanto o medo, é justamente a palavra usada para designar tudo aquilo que se quer ter?

O repertório publicitário contemporâneo não tem dúvidas de que o sonho é a força motriz de nossos comportamentos. Desejo é o sinônimo mais preciso da palavra “sonho”. [...] Na área de desembarque de um aeroporto nos Estados Unidos, uma foto enorme de um casal belo e sorridente, velejando num mar caribenho em dia ensolarado, sob a frase enigmática: “Aonde seus sonhos o levarão?”, embaixo o logotipo da empresa de cartão de crédito. Deduz-se do anúncio que os sonhos são como veleiros, capazes de levar-nos a lugares idílicos, perfeitos, altamente... desejáveis. As equações “sonho é igual a desejo que é igual a dinheiro” têm como variável oculta a liberdade de ir, ser e principalmente ter, liberdade que até os mais miseráveis podem experimentar no mundo de regras frouxas do sonho noturno, mas que no sonho diurno é privilégio apenas dos detentores de um mágico cartão plástico.

A rotina do trabalho diário e a falta de tempo para dormir e sonhar, que acometem a maioria dos trabalhadores, são cruciais para o mal-estar da civilização contemporânea. É gritante o contraste entre a relevância motivacional do sonho e sua banalização no mundo industrial globalizado. [...] A indústria da saúde do sono, um setor que cresce aceleradamente, tem valor estimado entre 30 bilhões e 40 bilhões de dólares. Mesmo assim a insônia impera. Se o tempo é sempre escasso, se despertamos diariamente com o toque insistente do despertador, ainda sonolentos e já atrasados para cumprir compromissos que se renovam ao infinito, se tão poucos se lembram que sonham pela simples falta de oportunidade de contemplar a vida interior, quando a insônia grassa e o bocejo se impõe, chega-se a duvidar da sobrevivência do sonho.

E, no entanto, sonha-se. Sonha-se muito e a granel, sonha-se sofregamente apesar das luzes e dos ruídos da cidade, da incessante faina da vida e da tristeza das perspectivas. Dirá a formiga cética que quem sonha assim tão livre é o artista, cigarra de fábula que vive de brisa. [...] Na peça teatral *A vida é sonho*, o espanhol Pedro Calderón de la Barca dramatizou a liberdade de construir o próprio destino. O sonho é a imaginação sem freio nem controle, solta para temer, criar, perder e achar.

(*O oráculo da noite*: a história e a ciência do sonho, 2019.)

A palavra sublinhada em “Se o tempo é sempre escasso, se despertamos diariamente” (3º parágrafo) pertence à mesma classe gramatical da palavra sublinhada em

- a) “sonha-se sofregamente apesar das luzes e dos ruídos da cidade” (4º parágrafo).
- b) “se tão poucos se lembram que sonham” (3º parágrafo).
- c) “quando a insônia grassa e o bocejo se impõe” (3º parágrafo).
- d) “chega-se a duvidar da sobrevivência do sonho” (3º parágrafo).
- e) “compromissos que se renovam ao infinito” (3º parágrafo).



Texto para as questões 2 e 3.

No modelo hegemônico, quase todo o treinamento é reservado para o desenvolvimento muscular, sobrando muito pouco tempo para a mobilidade, a flexibilidade, o treino restaurativo, o relaxamento e o treinamento cardiovascular. Na teoria, seria algo em torno de 70% para o fortalecimento, 20% para o cárdio e 10% para a flexibilidade e outros. Na prática, muitos alunos direcionam 100% do tempo para o fortalecimento.

Como a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.

Nuno Cobra Jr. “Fitness não é saúde”. UOL. 06/05/2021. Adaptado.

2. **Fuvest-SP 2021** Sem alteração de sentido, o segundo parágrafo do texto poderia ser reescrito da seguinte maneira:
- a) Ainda que a prática cardiovascular seja infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, essa ordem deveria ser revista, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável.
  - b) Para evitar que a prática cardiovascular se torne infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.
  - c) Quando a prática cardiovascular for infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, essa ordem deveria ser revista, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável.
  - d) Quanto mais a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.
  - e) Essa ordem deveria ser revista: a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável.



3. **Fuvest-SP 2021** Dentre as expressões destacadas, a que exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em “o treino restaurativo, o relaxamento e o treinamento cardiovascular” é:

- a) um atleta **de seleção** precisa de treinamento intenso.
- b) o amor **ao esporte** é fundamental para o atleta.
- c) a população incorpora **radicalmente** atitudes saudáveis.
- d) muitas **pessoas** se beneficiam de alimentos verdes.
- e) todo tipo de atividade física faz **bem** à saúde mental.

4. **UFGD-MS 2019** Observe o texto a seguir.

### “Minha mãe trabalhava para mim, trabalhava para eu treinar.”

Pasquale Cipro Neto

Os pronomes “eu” e “mim” são velhos personagens de acaloradas discussões linguísticas. O motivo dos embates é a diferença entre o que se vê com frequência na língua oral (“Ela fez o possível para mim ficar”) e o que prega a gramática normativa (“Ela fez o possível para eu ficar”). Para muitos linguistas, o uso popular já tornou legítimo o emprego do pronome “mim” como sujeito do infinitivo. Na “língua exemplar” (como diz o professor Evanildo Bechara), o pronome “mim” não se presta ao papel de sujeito. É por isso que nesse registro linguístico não ocorrem construções como “Isto é para mim fazer”.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/f2308200103.htm>. Acesso em: 22 jul. 2018 (Fragmento).

Considerando os pronomes pessoais, assinale a alternativa em que o emprego deles está de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa.

- a) Rapazes, o chefe quer falar consigo.
- b) Não compre o presente de Maria sem eu.
- c) Para eu, passar no vestibular será uma vitória.
- d) Entre André e eu há plena amizade.
- e) A linha nova do metrô vai de mim a ti.

5. **IFTO 2020**

### Furacão Dorian pode chegar “perigosamente perto” da Flórida

O furacão Dorian pode chegar “perigosamente perto” da Flórida, nos Estados Unidos, durante esta segunda-feira (2), segundo o Centro Nacional de Furacões dos EUA.

Por enquanto, Dorian continua passando lentamente pelas Bahamas, onde já deixou um rastro de destruição e fez a primeira vítima fatal, um menino de 8 anos.

O arquipélago registrou grandes inundações, ventos fortes e chuva intensa. (texto adaptado)

Fonte: Notícias R7. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/furacao-dorian-pode-chegar-perigosamente-perto-da-florida-02092019>. Acesso em: 2 set. 2019.

Podemos afirmar que na expressão “perigosamente perto” consta(m):

- a) dois substantivos comuns.
- b) um substantivo e um verbo.

- c) somente um adjunto adverbial, visto se tratar de palavra composta.
- d) dois advérbios, sendo o primeiro de modo e o segundo de lugar.
- e) um substantivo e um adjetivo, sendo que o substantivo é “perto” e o adjetivo é “perigosamente”.



Texto para as questões 6 e 7.

A taxação de livros tem um efeito cascata **que** acaba custando caro não apenas ao leitor, como também ao mercado editorial – **que** há anos não anda bem das pernas – e, em última instância, ao desenvolvimento econômico do país. A gente explica. Taxar um produto significa, quase sempre, um aumento no valor do produto final. Isso porque ao menos uma parte desse imposto será repassada ao consumidor, especialmente se considerarmos que as editoras e livrarias enfrentam há anos uma crise **que** agora está intensificada pela pandemia e não poderiam retirar o valor desse imposto de seu já apertado lucro. Livros mais caros também resultam em queda de vendas, **que**, por sua vez, enfraquece ainda mais editoras e as impede de investir em novas publicações – especialmente aquelas de menor apelo comercial, mas igualmente importantes para a pluralidade de ideias. Já deu para perceber a confusão, não é? Mas, além disso, qual seria o custo de uma sociedade com menos leitores e menos livros?

Taís Ilhéu. “Por que taxar os livros pode gerar retrocesso social e econômico no país”. Guia do Estudante. Setembro/2020. Adaptado.

6. **Fuvest-SP 2021** De acordo com o texto, os eventos sequenciais aos quais alude a expressão “efeito cascata” são:

- a) livros mais caros, decréscimo de vendas, estímulo às editoras, supressão de investimento em novas publicações.
- b) aumento do valor do produto final, queda de vendas, encolhimento das editoras, aumento do investimento em novas obras.
- c) livros mais caros, instabilidade nas vendas, enfraquecimento das editoras, expansão das publicações.
- d) aumento do valor do produto final, contração nas vendas, esgotamento das editoras, falta de investimento em novas publicações
- e) livros mais caros, equilíbrio nas vendas, diminuição das editoras, carência de investimento em novas publicações

7. **Fuvest-SP 2021** No texto, os pronomes em negrito referem-se, respectivamente, a:

- a) taxação de livros, mercado editorial, crise, queda de vendas.
- b) taxação de livros, leitor, crise, queda de vendas.
- c) efeito cascata, mercado editorial, crise, queda de vendas.
- d) efeito cascata, mercado editorial, livrarias, livros.
- e) efeito cascata, leitor, crise, livros.

## 8. Unit-SE 2018



BECK, Alexandre. Armandinho. Disponível em: [https://vitrinecatarina.files.wordpress.com/2013/11/1237141\\_634826736562636\\_4691\\_3259\\_n.png](https://vitrinecatarina.files.wordpress.com/2013/11/1237141_634826736562636_4691_3259_n.png). Acesso em: 24 jan. 2018.

Dentre os aspectos linguísticos presentes na composição dessa tira, o que está devidamente analisado é o referido na alternativa

- O pronome “Esta” (quadro I) retoma anaforicamente o objetivo da campanha referida.
  - A oração “vacinar cães e gatos” (quadro I) exerce função subjetiva no contexto frásico do qual faz parte.
  - O conector “mas” (quadro II) estabelece uma compensação relacionada com o que foi dito anteriormente.
  - A forma verbal “têm” (quadro II) concorda com “anfíbios” e se encontra no mesmo modo que “Chama” (quadro III).
  - O substantivo “perereca” (quadro III) funciona como um dos complementos de “Chama” (quadro III).
9. FGV-SP 2018 Em meio a múltiplas distrações digitais que tornam a atenção humana um bem escasso, conquistar o engajamento passou a ser um requisito indispensável para projetos bem-sucedidos de educação continuada. *Designers* educacionais, programadores, ilustradores e roteiristas têm o desafio nada trivial de criar metodologias, ambientes de aprendizagem e técnicas narrativas que encantem o aprendiz sem lhe tomar muito tempo. Tecnologias digitais como realidade aumentada, experiências imersivas, internet das coisas e vídeos interativos estão ajudando a moldar o novo cenário da educação corporativa.

Valor, 31 jan. 2017.

A prática de esportes é uma atividade exclusivamente privativa dos sócios do clube.

Nesta frase, o advérbio “exclusivamente” é supérfluo ou redundante, uma vez que a ideia que ele expressa já está contida no adjetivo “privativa”. Esse tipo de redundância pode ser apontado na seguinte expressão do texto:

- “desafio nada trivial”.
- “bem escasso”.
- “técnicas narrativas”.
- “projetos bem-sucedidos”.
- “vídeos interativos”.

## 10. FGV-SP 2018

### Legado

Que lembrança darei ao país que me deu  
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?  
Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu  
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?  
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.  
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,  
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,  
uma voz matinal palpitando na bruma  
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso  
na vida, restará, pois o resto se esfuma,  
uma pedra que havia em meio do caminho.

Carlos Drummond de Andrade, *Claro enigma*.

Nas palavras sublinhadas no trecho “entre o talvez e o se” (verso 8), o poeta obtém efeito expressivo por meio da derivação imprópria (quando há mudança da categoria gramatical de uma palavra sem modificação de sua forma). Esse processo de formação de palavras só **NÃO** ocorre no seguinte provérbio:

- O mentir vem do pouco ver e do muito ouvir.
- Mais vale um não a tempo que um sim retardado.
- Mais se arrepende quem fala do que quem cala.
- Onde entra o beber, sai o saber.
- O fácil de se dizer é difícil de se fazer.

11. **IFTO 2017** Considere a frase “Agora, que os ventos uivantes soam nos bosques espessos, a vida já é de pouca esperança”, quanto às classes gramaticais dos termos destacados. Assinale a alternativa CORRETA de aparição dessas classes, respectivamente:

- Adjetivo, adjetivo, adjetivo, substantivo, advérbio, advérbio.
- Advérbio, advérbio, adjetivo, adjetivo, advérbio, adjetivo.
- Adjetivo, adjetivo, adjetivo, substantivo, advérbio, advérbio.
- Advérbio, substantivo, adjetivo, adjetivo, advérbio, adjetivo.
- Advérbio, adjetivo, adjetivo, substantivo, advérbio, adjetivo.

12. **IFMT 2019**



(Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=propagandas+criativas&client=>

Com o intuito de cada vez mais chamar a atenção do cliente para produtos, marcas, estabelecimentos, etc., diversas lojas e marcas brasileiras valem-se da criatividade, imaginação e irreverência para chegar ao consumidor. Esse é o caso da propaganda em destaque. Nela, só **NÃO** podemos observar que:

- Há homofonia na palavra “baratas”.
- No primeiro período da oração, “baratas” refere-se à empresa, e por isso é um adjetivo.
- No segundo período da oração, “baratas” é substantivo.
- No segundo período da oração, pode-se substituir a conjunção “mas” por “e” que não se altera o sentido do texto.
- Tanto no primeiro como no segundo período, a palavra “mais” exerce a função de advérbio de intensidade.

13. **UFRR 2019** Leia o trecho a seguir, extraído da obra *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, e responda à questão.

Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre

foi escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!... O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de consideração, mas... foi forro à pia, e aqui ninguém o ignora.

— Eu nasci escravo?!...

— Sim, pesa-me dizê-lo e não o faria se a isso não fosse constringido, mas o senhor é filho de uma escrava e nasceu também cativo.

Raimundo abaixou a cabeça. Continuaram a viagem. E ali no campo, à sombra daquelas árvores colossais, por onde a espaços a lua se filtrava tristemente, ia Manoel narrando a vida do irmão com a preta Domingas. Quando, em algum ponto hesitava por delicadeza em dizer toda a verdade, o outro pedia-lhe que prosseguisse francamente, guardando na aparência uma tranquilidade fingida. O negociante contou tudo o que sabia.

— Mas que fim levou minha mãe?... a minha verdadeira mãe? perguntou o rapaz, quando aquele terminou. Mataram-na? Venderam-na? O que fizeram com ela?

— Nada disso; soube ainda há pouco que está viva... É aquela pobre idiota de São Brás.

— Meu Deus! Exclamou Raimundo, querendo voltar à tapera.

— Que é isso? Vamos! Nada de loucuras! Voltarás noutra ocasião!

Calaram-se ambos. Raimundo, pela primeira vez, sentiu-se infeliz; uma nascente má vontade contra os outros homens formava-se na sua alma até aí limpa e clara; na pureza do seu caráter o desgosto punha a primeira nódoa. E, querendo reagir, uma revolução operava-se dentro dele; ideias turvas, enlodadas de ódio e de vagos desejos de vingança, iam e vinham, atirando-se raivosos contra os sólidos princípios da sua moral e da sua honestidade, como num oceano a tempestade açula contra um rochedo os negros vagalhões encapelados. Uma só palavra boiava à superfície dos seus pensamentos: “Mulato”. E crescia, crescia, transformando-se em tenebrosa nuvem, que escondia todo o seu passado. Ideia parasita, que estrangulava todas as outras ideias.

Em relação à frase “...uma nascente má vontade contra os outros homens formava-se na sua alma até aí limpa e clara”, é CORRETO afirmar que:

- Em “limpa e clara”, “e” é uma conjunção coordenativa aditiva.
- As palavras “limpa” e “clara” são complementos do verbo “formar”.
- Morfologicamente, “nascente” é uma palavra primitiva.
- “Na sua alma” é objeto direto.
- “uma nascente” é o sujeito da frase.

14. **Ufam 2020** Classifique morfologicamente os vocábulos sublinhados, colocando entre parênteses a letra a eles correspondente, conforme o seguinte código:



A – artigo  
P – pronome pessoal oblíquo  
D – pronome demonstrativo

- Qual prato você prefere para almoçar? O de sempre?
- Eu estava com muita raiva, mas não o demonstrei.
- Finalmente, chegaram as férias.
- Estão dispensados todos os que terminaram a prova.
- Perdi o celular e não o encontrei em parte alguma.

Assinale a alternativa que preenche **CORRETAMENTE** os parênteses, de cima para baixo:

- a) D – D – A – D – P
- b) D – P – A – A – P
- c) D – P – P – A – A
- d) A – D – A – P – D
- e) A – D – P – D – D

### 15. IFPE 2019

#### Xote Ecológico

Não posso respirar, não posso mais nadar  
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar  
E se plantar não nasce, se nascer não dá  
Até pinga da boa é difícil de encontrar

Não posso respirar, não posso mais nadar  
A terra está morrendo, não dá mais pra plantar  
E se plantar não nasce, se nascer não dá  
Até pinga da boa é difícil de encontrar

Cadê a flor que estava aqui?  
Poluição comeu  
E o peixe que é do mar?

Poluição comeu  
E o verde onde é que está?  
Poluição comeu  
Nem o Chico Mendes sobreviveu

GONZAGA, Luiz. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/295406/>. Acesso em: 8 maio 2019.

Considerando os aspectos linguísticos presentes no texto, analise as afirmações abaixo.

- I. O texto é predominantemente escrito em variedade regional, a fim de garantir maior proximidade em relação aos leitores menos escolarizados de todas as regiões do país.
- II. Em “Não posso respirar”, o termo grifado assinala uma negação.
- III. No trecho “Cadê a flor que estava aqui?”, o termo grifado classifica-se como advérbio de lugar.
- IV. Em “Até pinga da boa é difícil de encontrar”, o verbo destacado exprime uma ação.
- V. No fragmento “E se plantar não nasce, se nascer não dá”, a conjunção em destaque tem valor explicativo.

Estão CORRETAS, apenas,

- a) II e III.                      c) I e III.                      e) I e IV.
- b) II e V.                        d) III e V.

16. **Uefs-BA 2017** O consumidor não é o cidadão. Nem o consumidor de bens materiais, ilusões tornadas realidades como símbolos: a casa própria, o automóvel, os objetos, as coisas que dão *status*. Nem o consumidor de bens imateriais ou culturais, regalias de um consumo elitizado, como o turismo e as viagens, os clubes e as diversões pagas; ou de bens conquistados para participar ainda mais do consumo, como a educação profissional, pseudoeducação que não conduz ao entendimento do mundo. O eleitor também não é forçosamente o cidadão, pois o eleitor pode existir sem que o indivíduo realize inteiramente suas potencialidades como participante ativo e dinâmico de uma comunidade. O papel desse eleitor não cidadão se esgota no momento do voto [...].



- 15 O cidadão é multidimensional. Cada dimensão se articula com as demais na procura de um sentido para a vida. Isso é o que dele faz o indivíduo em busca do futuro, a partir de uma concepção de mundo, aquela individualidade verdadeira. [...] O consumidor (e mesmo o eleitor não cidadão) alimenta-se de parcialidades, contenta-se com respostas setoriais, alcança satisfações limitadas, não tem direito ao debate sobre os objetivos de suas ações públicas ou privadas.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo, Nobel, 1996. p. 41-42.

Sobre aspectos de morfossintaxe presentes no texto, é correto afirmar:

- 01 Em “O consumidor **não** é o cidadão.” (l. 1) e “o eleitor **não** cidadão” (l. 19 e 20) as palavras em negrito são da classe dos advérbios.
- 02 Em “ilusões tornadas realidades como símbolos: a casa própria, o automóvel, os objetos, as coisas” (l. 2 a 4), os dois-pontos introduzem uma síntese.
- 03 Em “pseudoeducação que não conduz ao entendimento **do** mundo.” (l. 9 e 10), o conectivo **do** introduz um complemento nominal.
- 04 Em “O eleitor também não é forçosamente o cidadão, pois o eleitor pode existir” (l. 10 e 11), o conectivo **pois** é conjunção conclusiva.
- 05 Em “o eleitor pode existir sem que o indivíduo **realize** inteiramente suas potencialidades” (l. 11 e 12), a forma verbal em negrito está no modo indicativo.

EM13LP06

1. Leia o anúncio publicitário a seguir.



“VW”, “Volkswagen” e “VW e-store” são marcas de titularidade da Volkswagen AG. Fonte: Almapbbdo/Getty Images

A partir da leitura da propaganda, podemos identificar que as palavras utilizadas são responsáveis por apresentar as vantagens de se comprar um carro da marca anunciada.

- a) Identifique as classes gramaticais a que pertencem as palavras:
- I. Jeito
  - II. Fácil
  - III. Seguro
  - IV. Escolher
  - V. Volkswagen®
- b) A seleção dos adjetivos apresentados na propaganda se mostra adequada para esse tipo de texto? De que forma eles podem influenciar o leitor a comprar um novo carro?

EM13LP07

2. Observe a imagem a seguir.



Acervo do Ministério da Saúde

No anúncio veiculado pelo governo federal, é possível perceber que o trabalho com a linguagem visual e com as palavras ajuda a construir a mensagem que se deseja transmitir. Os personagens da família do Zé Gotinha representadas com máscaras estão associadas à mensagem que o texto transmite.

Sobre o texto é correto o que se afirma em:

- I. As letras de cores, formatos e tamanhos não diferentes ajudam na identificação das informações mais importantes.
- II. As palavras “cuidado” e “benefício” utilizadas na imagem fazem parte de uma mesma classe gramatical.
- III. Os verbos no imperativo (“é”, “use”, “lave” e “mantenha”) são uma maneira de convencer o leitor a fazer sua parte em relação ao que é anunciado.
- IV. A escrita das palavras em cores diferentes é uma forma de separá-las de acordo com suas classes gramaticais e, assim, destacar o que é mais importante para o leitor.

Assinale as alternativas que contêm somente as afirmações corretas:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) II e III.
- d) I e IV.
- e) II e IV.

3. **Enem** Leia o poema de Vinicius de Moraes a seguir.

**SONETO DE FIDELIDADE**

De tudo ao meu amor serei atento  
 Antes e com tal zelo, e sempre, e tanto  
 Que mesmo em face do maior encanto  
 Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
 E em seu louvor hei de espalhar meu canto  
 E rir meu riso e derramar meu pranto  
 Ao seu pesar ou ao seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure  
 Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
 Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

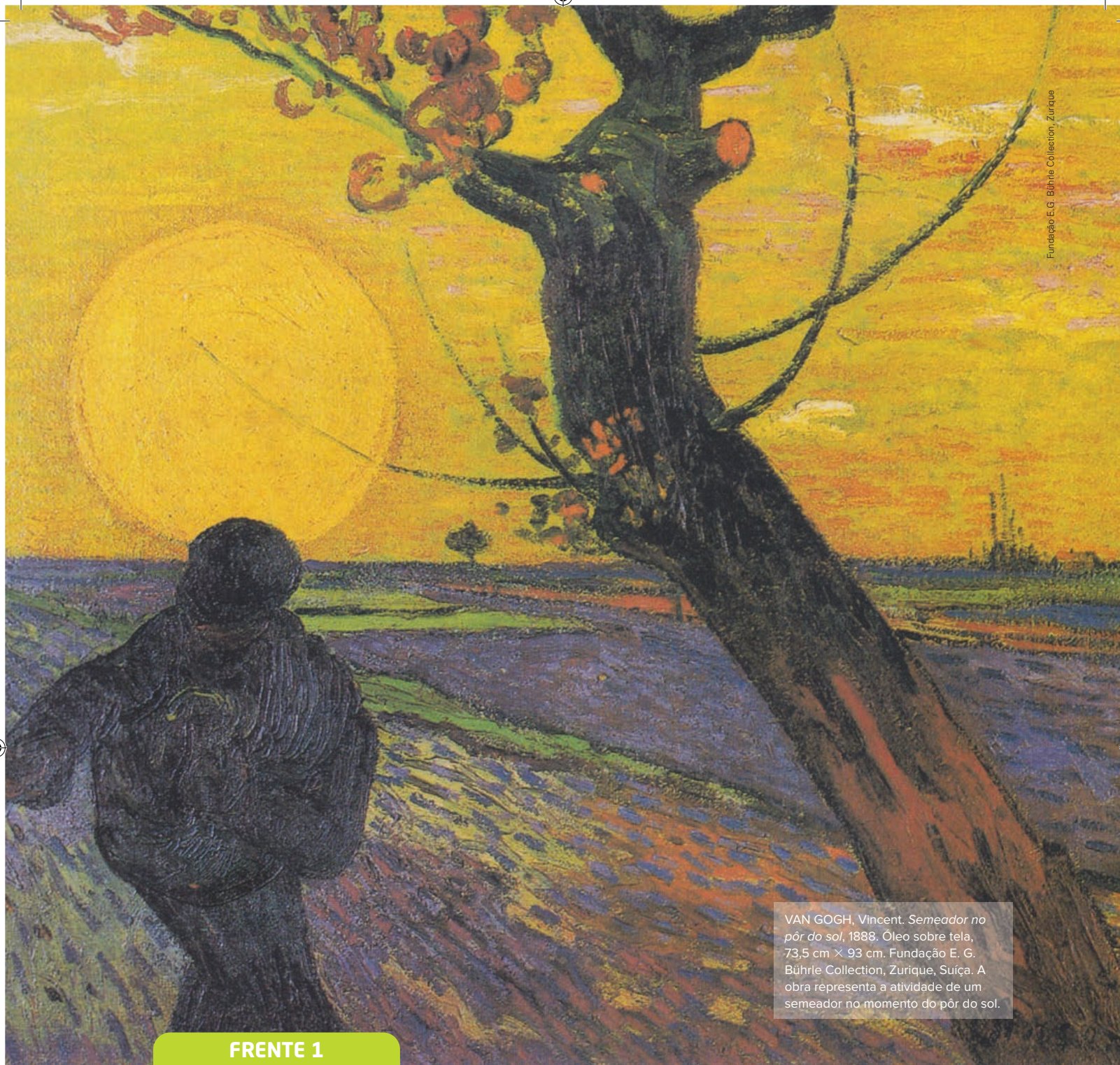
Eu possa me dizer do amor (que tive):  
 Que não seja imortal, posto que é chama  
 Mas que seja infinito enquanto dure.

(MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992)

A palavra **mesmo** pode assumir diferentes significados, de acordo com a sua função na frase. Assinale a alternativa em que o sentido de **mesmo** equivale ao que se verifica no 3º verso da 1ª estrofe do poema de Vinicius de Moraes.

- a) “Pai, para onde fores, / irei também trilhando as **mesmas** ruas...” (Augusto dos Anjos)
- b) “Agora, como outrora, há aqui o **mesmo** contraste da vida interior, que é modesta, com a exterior, que é ruidosa.” (Machado de Assis)
- c) “Havia o mal, profundo e persistente, para o qual o remédio não surtiu efeito, **mesmo** em doses variáveis.” (Raimundo Faoro)
- d) “Mas, olhe cá, Mana Glória, há **mesmo** necessidade de fazê-lo padre?” (Machado de Assis)
- e) “Vamos de qualquer maneira, mas vamos **mesmo**.” (Aurélio)





Fundação E.G. Bührle Collection, Zurique

VAN GOGH, Vincent. *Semeador no pôr do sol*, 1888. Óleo sobre tela, 73,5 cm × 93 cm. Fundação E. G. Bührle Collection, Zurique, Suíça. A obra representa a atividade de um semeador no momento do pôr do sol.

FRENTE 1

CAPÍTULO

2

## Construção do sintagma nominal

Ao observar uma obra de arte, vemos elementos que se combinam e dialogam entre si para projetar sentidos, como os traços, as formas e as cores utilizados. Na obra *Semeador no pôr do sol*, de Vincent van Gogh, as principais cores utilizadas são o amarelo-esverdeado do céu e o roxo do campo, que produzem um contraste de luzes característico do entardecer. Diferentemente da pintura – em que a materialidade de comunicação são os elementos visuais –, uma das maneiras que usamos para nos comunicar é por meio de palavras. Elas se inter-relacionam, e cada palavra tem uma função na frase, ora sendo o núcleo informacional do que é dito, ora especificando, qualificando ou quantificando esse núcleo. Neste capítulo, veremos como ocorre essa relação no sintagma nominal e de que forma isso contribui para a construção de sentidos.



## Elementos do sintagma nominal

Como vimos no capítulo anterior, a língua pode ser organizada em classes gramaticais que evidenciam a função das palavras em um texto. Ao escrever, fazemos dois movimentos importantes: selecionamos os vocábulos e os combinamos de maneira a produzir sentidos. A seleção e a combinação são propriedades importantes da língua que contribuem para que nossos enunciados sejam entendidos e a comunicação seja estabelecida.

Ao construirmos frases, fazemos uso de um conjunto de elementos que constitui uma unidade significativa na oração: o sintagma. Quando o núcleo do sintagma é um nome (ou seja, um substantivo), dizemos que se trata de um sintagma nominal. Leia a manchete da reportagem a seguir.



LOURENÇO, Ana; MESQUITA, Renata. Os dez melhores apps de treino. *O Estado de S. Paulo*, 19 fev. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/cultura,treine-em-casa-os-dez-melhores-apps-para-voce-testar.1153478>. Acesso em: 23 mar. 2023.

O título da reportagem é um exemplo de sintagma nominal, cujo enunciado é formado por um grupo de elementos linguísticos.

No título da reportagem anterior, o substantivo “apps” é o núcleo do sintagma nominal. Relacionada a ele, observamos a presença de outras palavras que enriquecem seu sentido, acrescentando informações que especificam e qualificam a palavra “apps”.



A palavra “melhores” e a expressão “de treino” modificam o substantivo “apps”, pois acrescentam informações que o caracterizam: não é qualquer **app**, é o “de treino”; e o qualificam: são os “melhores” **apps**. Já “os” e “dez” também se ligam ao substantivo, especificando-o, seja por determinar o nome (“os”), seja por quantificá-lo (“dez”).

Essa é uma propriedade do **sintagma nominal**. Nessa classificação, o núcleo sempre será um substantivo, e podem ser usadas palavras de diferentes classes gramaticais – artigo, numeral, adjetivo e pronome – para modificá-lo ou especificá-lo. Veja o quadro a seguir.

Sintagma nominal		
Especificadores	Núcleo	Modificadores
Artigo Numeral Pronome	Substantivo	Adjetivo

Se o título trouxesse apenas a palavra “apps”, sem o uso de especificadores e modificadores, o leitor teria poucas informações para saber do que trata a reportagem e poder avaliar se é ou não um assunto de seu interesse. Então, provavelmente, não se sentiria motivado a ler o texto na íntegra.

Concluindo: em sintagmas nominais haverá sempre um substantivo, que é o núcleo, podendo se ligar a ele adjetivos, artigos, numerais ou pronomes – elementos importantes para construir sentidos. Vamos conhecer cada uma dessas classes gramaticais.



## Substantivo e adjetivo: nome e modificador



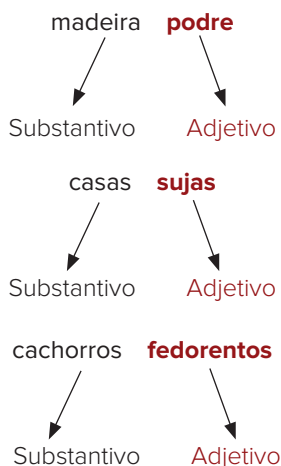
Os substantivos pertencem à classe de palavras que dão nomes aos seres em geral.

No primeiro quadrinho da tirinha, a personagem Marinês (personagem de cabelo amarrado) faz menção a vários animais, e Marieta (personagem de óculos) demonstra que está enojada. O que produz essa reação é justamente o nome dos animais mencionados, geralmente associados à sensação de nojo.

Em nossa língua, as palavras que designam seres, objetos, sentimentos, ideias, lugares, conceitos e ações são chamadas substantivos. Essa classe gramatical é utilizada para nomear elementos. Se, em vez de “ratos, baratas, pulgas, lesmas, minhocas...”, Marinês tivesse dito “gatos, cachorros, pássaros, peixes...”, a reação de Marieta poderia ser bem diferente.

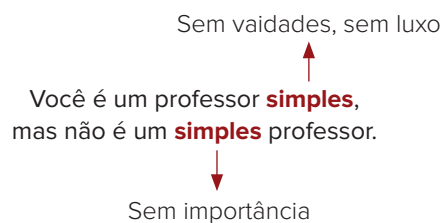
A escolha dos substantivos que vão compor um enunciado carrega sempre uma intencionalidade. No caso da tirinha, a reação de Marieta ao dizer “ecassistema” – termo formado pela junção da interjeição “eca”, que indica nojo, com o substantivo “sistema” – está ligada ao nome dos animais mencionados por Marinês. Embora não esteja definido, é possível compreender, a partir dos substantivos selecionados inicialmente, que o “ecassistema” seria um conjunto de seres que causam nojo e que interagem entre si e com o meio em que vivem.

Observe agora outros elementos citados por Marinês no segundo quadrinho:



As palavras “madeira”, “casas” e “cachorros” são substantivos, pois nomeiam um material, uma habitação e um animal, respectivamente, e estão acompanhadas de outras que lhes atribuem características. As palavras ligadas ao substantivo que modificam seu sentido, acrescentando a ele uma qualificação, são chamadas adjetivos. Os substantivos ocupam sempre o núcleo do sintagma nominal, enquanto os adjetivos figuram próximo a ele, atuando como modificadores.

A posição do adjetivo pode variar: ora aparece antes do substantivo, ora depois dele. Essa localização dentro do enunciado gera, em alguns casos, mudanças de sentido. Veja como isso ocorre com o adjetivo “simples” na seguinte frase.



Agora, observe o uso do adjetivo “velho” no excerto de *Helena*, de Machado de Assis.

O Dr. Camargo, médico e **velho amigo** da casa, logo que regressou do enterro, foi ter com Estácio, a quem encontrou no gabinete particular do finado, em companhia de D. Úrsula. [...]

ASSIS, Machado de. *Helena*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000202.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

Ao dizer “velho amigo”, não há referência à idade, mas sim ao tempo de amizade; é uma amizade antiga, de muitos anos. Seria diferente se fosse dito “amigo velho”; nesse caso, a qualificação que se dá ao amigo se refere à idade cronológica.

Com relação à posição do adjetivo na frase, quando inserido após o substantivo, o primeiro tem um sentido mais concreto, objetivo e, quando vem antes, o sentido é mais abstrato, subjetivo. Se dizemos, por exemplo, “Lisandra é uma mulher **nova**”, estamos nos referindo à sua idade cronológica. Mas se falarmos “Lisandra é uma **nova** mulher”, queremos dizer que ela está diferente.

### Estabelecendo relações

Em operações matemáticas como a adição e a multiplicação, a posição dos algarismos não interfere no resultado, logo  $2 + 3$  e  $3 + 2$  são iguais a 5, assim como  $2 \times 3$  e  $3 \times 2$  são iguais a 6. A posição dos adjetivos na sentença, no entanto, não segue esse mesmo raciocínio: se o adjetivo vier antes do substantivo, pode ter um sentido que não teria caso viesse após ele, inclusive em relação à intencionalidade enunciativa. De todo modo, é importante atentar ao contexto da fala. Observe os exemplos. “Vou te cobrar um preço **alto**” (aviso de que o produto sairá caro). “Vou te cobrar um **alto** preço” (ameaça, em geral, de morte).

## Classificação dos substantivos

Os substantivos podem ser classificados considerando dois aspectos: a semântica ou a forma. O primeiro caso refere-se ao sentido da palavra, à própria capacidade de designar algo. Observe as informações do quadro a seguir.

Quanto à semântica, o substantivo pode ser...					
Concreto ou abstrato		Comum ou próprio		Coletivo	
<b>Definição</b>	Palavra que nomeia tudo que tem existência independente de outros seres.	Palavra que nomeia tudo que não tem existência própria, ou seja, depende de outro ser para existir.	Palavra que nomeia qualquer ser de uma espécie, sem particularizar.	Palavra que nomeia um ser específico, individualizando-o e destacando-o dos demais.	Palavra que faz referência, no singular, a um conjunto de elementos.
<b>Exemplos</b>	- pessoa (Caio) - animal (gato) - planta (árvore) - objeto (livro) - ser fantástico (bruxa)	- sentimento (alegria) - ação (fuga) - estado (felicidade) - qualidade (avareza) - sensação (ardência)	- pessoa (criança) - animal (cachorro) - planta (flor) - objeto (caneta) - ser fantástico (fada)	- pessoa (Sarah) - animal (Rex) - país (Chile) - estado (Acre) - cidade (Natal)	- pessoas (multidão) - peixes (cardume) - parlamentares (congresso) - atores (elenco) - alunos (turma) - ladrões (quadrilha)

A análise deve ser feita sempre considerando o contexto de uso, pois algumas palavras podem ser consideradas substantivo abstrato ou concreto, dependendo do contexto. Veja um exemplo no texto a seguir, no qual a palavra “encomenda” foi utilizada como “ato de encomendar” (**substantivo abstrato**) no título da postagem e como “produto que foi adquirido” (**substantivo concreto**) ao longo do texto.

### Fiz uma **encomenda** pelo correio e ela não chega

Compras pela internet se popularizaram muito. [...] Porém, às vezes o percurso [de entrega] não é tão tranquilo assim. Vários empecilhos durante o trajeto podem impedir que a **encomenda** chegue inteira na sua casa. [...]

MARQUES, Joana. *Codomar*. Disponível em: <http://www.codomar.com.br/2017/06/fiz-uma-encomenda-pelo-correio-e-ela.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

Quanto à classificação do substantivo pela forma, evidencia-se sua característica morfológica, ou seja, está relacionada ao processo de formação das palavras.

Quanto à forma, o substantivo pode ser...				
Simples ou composto		Primitivo ou derivado		
<b>Definição</b>	Formado por apenas uma palavra.	Formado por mais de uma palavra.	Dá origem a outra palavra.	Tem origem a partir de uma palavra já existente.
<b>Exemplos</b>	- chuva - homem - guarda	- guarda-chuva - lobisomem	- flor - pedra	- floricultura - pedreiro

### Elementos que são flexionados no sintagma nominal

No sintagma nominal, o substantivo será sempre o núcleo. Os elementos que se relacionam a ele – adjetivos, artigos e numeral – devem ser flexionados a fim de estabelecer concordância.

Substantivos e adjetivos podem ser flexionados tanto em gênero (masculino/feminino), quanto em número (singular/plural). Como o adjetivo atribui sentido ao substantivo, ambos devem concordar entre si para compor um sintagma nominal. Leia o título da reportagem a seguir.

#### CURIOSIDADES

## Mãe cria boneca negra com cabelo cacheado para aumentar a autoestima das filhas

A Angelica Doll tem cabelos cacheados que podem ser lavados, penteados e cuidados da mesma forma que uma cabeleira de verdade

Revista Crescer, 22 maio 2015.

Na manchete, como o substantivo “boneca” está no feminino e no singular, o adjetivo “negra” é igualmente flexionado no gênero feminino e em número (singular). Já em “cabelo cacheado”, o substantivo “cabelo” está no masculino e no singular. Por esse motivo, o adjetivo “cacheado” concorda com o substantivo, sendo flexionado no gênero masculino e em número (singular).

Se o texto fizesse menção a mais de uma boneca, haveria mudança de número do substantivo para o plural (bonecas) e o adjetivo também seria modificado em número (negras). Observe:

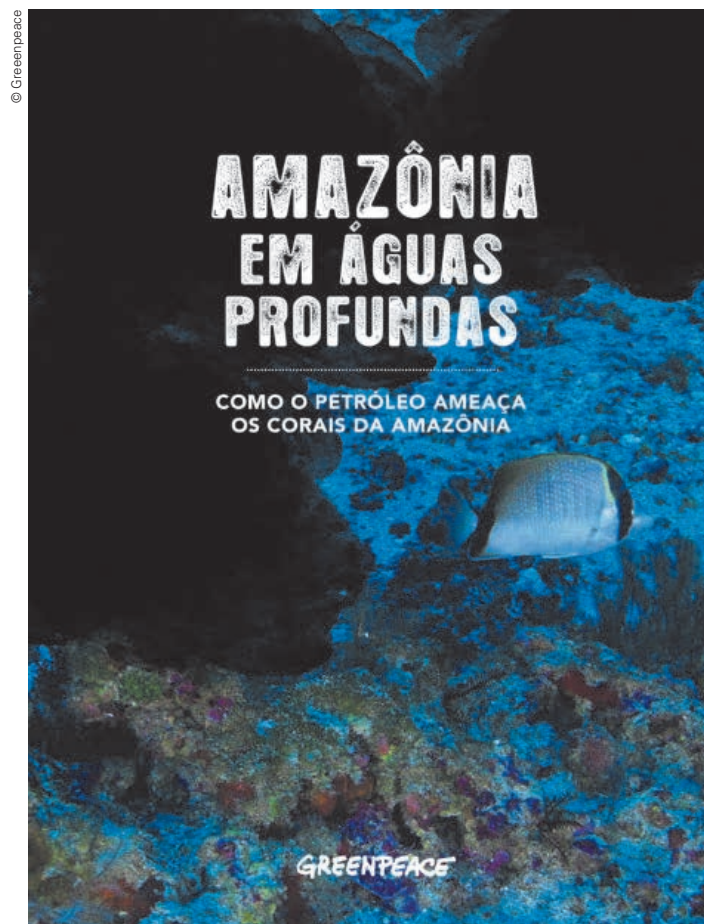
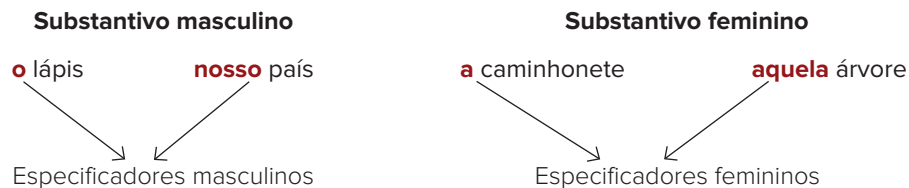
Mãe cria bonecas **negras** com cabelos **cacheados** para aumentar a autoestima das filhas

### Saiba mais

As palavras não têm sexo, elas têm gênero gramatical – que é uma propriedade inerente a elas enquanto sistema linguístico. O gênero é uma convenção social; por esse motivo, uma palavra pode ser do gênero masculino em uma língua e do feminino em outra, como ocorre com as palavras “cometa” (masculino em português) e *comète* (feminino em francês). Além disso, pode haver mudanças em relação às convenções da língua com o passar do tempo. A palavra “mapa”, por exemplo, era feminina no latim e no português medieval, mas na língua portuguesa atual é utilizada no masculino: o mapa.

### Flexão de gênero de substantivos

O gênero dos substantivos pode ser construído de algumas formas. O uso de especificadores (artigos, pronomes) masculinos evidencia, na língua, o gênero gramatical masculino, da mesma forma que o uso de especificadores femininos evidencia o gênero gramatical feminino.



Cartaz de uma campanha desenvolvida pelo Greenpeace no qual é possível reconhecer o uso de artigos em um sintagma nominal.

Fonte: Amazônia em águas profundas: como o petróleo ameaça os corais da Amazônia.

No cartaz apresentado, percebemos que o substantivo “petróleo” é masculino, pois está especificado pelo artigo “o”. Do mesmo modo, “corais” é flexionado no masculino do plural, concordando com o artigo que o antecede: “os”.

As regras mais comuns para indicação do gênero gramatical de substantivos biformes são:

- Troca da vogal “o” no término da palavra por “a”: gato/gata; pato/pata.
- Troca da vogal “e” no término da palavra por “a”: mestre/mestra; elefante/elefanta.
- Acréscimo da desinência “a” em substantivos terminados em R, L, Z e S: professor/professora; bacharel/bacharela; juiz/juíza; deus/deusa.
- Troca do sufixo “ês” por “esa”: freguês/freguesa; baronês/baronesa.
- Troca da terminação “or” por “triz” ou “eira”: imperador/imperatriz; empacotador/empacotadeira.
- Troca da terminação “ão” por “ã”, “ona” ou “oa”: irmão/irmã; solteirão/solteirona; leão/leoa.
- Uso de radicais diferentes, não correlacionados: mãe/pai; homem/mulher.

### ! Atenção

**Desinência:** sufixo que marca flexão de gênero e número (desinências nominais) e de pessoa, modo, tempo e número (desinências verbais).

Além disso, alguns substantivos mudam de sentido quando o especificador marca masculino ou feminino. Veja alguns exemplos:

A capital	O capital	A grama	O grama
Cidade principal	Dinheiro	Vegetação rasteira comum em jardins	Unidade de medida

Há substantivos que apresentam uma só forma linguística e dependem da presença do especificador para evidenciar o gênero gramatical da palavra. Observe um exemplo:

## Comerciante distribui sementes de ipês pelos Correios

A iniciativa que surgiu em 2020 tem continuidade neste ano; Eduardo Polesi monta kits com as sementes do ipê-rosa, amarelo e branco e envia para interessados.

G1, 29 jun. 2021.

Ao ler o título da manchete, a princípio, não é possível saber se o substantivo “comerciante” refere-se ao gênero masculino ou feminino. Essa informação só é esclarecida ao lermos a linha fina, que apresenta o nome do comerciante Eduardo Polesi. Com base em nosso repertório, sabemos que Eduardo é nome masculino, sendo também um substantivo próprio. Assim, entendemos que a notícia trata de **um** comerciante, e não de **uma** comerciante. Na esfera jornalística, é muito comum a ausência de artigos definidos ou indefinidos em títulos de notícias ou reportagens.

Veja outros exemplos de substantivos que requerem o uso de um especificador para indicar o gênero masculino ou o feminino.

Masculino	Um patriota	O agente	Este viajante	Nosso artista	Aquele feirante
Feminino	Uma patriota	A agente	Esta viajante	Nossa artista	Aquela feirante

### 💡 Saiba mais

A maioria dos substantivos terminados em “e” (estudante, cliente, paciente etc.) tem forma invariável, e sua marca de gênero fica evidente pelo uso dos especificadores. Há, no entanto, exceções, como ocorre no uso de “presidente” e “presidenta” – palavras que geraram polêmica há alguns anos, quando o Brasil elegeu a primeira mulher para o cargo mais importante da nação. Em matéria de língua, tanto “a presidenta”, quanto “a presidente” são flexões aceitas pela norma-padrão. Assim, o uso de uma ou outra forma é apenas questão de escolha lexical de quem fala ou escreve.

Vale lembrar que, além dos especificadores (artigos e pronomes), a flexão de gênero dos substantivos também pode ser compreendida pelo uso de modificadores (adjetivos), como ocorre em “artista **talentoso**” (masculino) ou “viajante **ansiosa**” (feminino).



## Primeiros socorros para o coração

A cada um minuto e meio, uma pessoa morre por conta de doenças cardiovasculares [...].

“Em casos de parada cardiorrespiratória, se a vítima não receber ajuda em até dez minutos, a chance de sobreviver é inferior a 4%. [...]”.

HCor. Disponível em: <https://www.hcor.com.br/hcor-explica/outras/primeiros-socorros-em-situacoes-de-emergencia/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

No excerto desse artigo, podemos observar que os substantivos “pessoa” e “vítima” estão flexionados no gênero gramatical feminino, pois não existe flexão masculina para eles.

Assim como nesse exemplo, há outros substantivos que têm uma só forma gramatical para indicar seres de gêneros diferentes. Nesse caso, artigos, pronomes e adjetivos terão uma só flexão de gênero: a mesma do substantivo que acompanham.

Substantivos com forma genérica para masculino ou feminino				
A testemunha	Essa criança	Meu carrasco	Aquele apóstolo	Um monstro

## Flexão de gênero de adjetivos

FORPLUS PROPAGANDA

**Mães... fortes,  
criativas e persistentes.**

**Incontáveis  
adjetivos**

**13 de Maio**  
**Feliz Dia das Mães**

**FORPLUS**  
PROPAGANDA

Em enunciados, os adjetivos atuam como modificadores dos nomes, concordando com eles em gênero e número.

Por funcionar como modificador do substantivo, o adjetivo, em geral, concorda com o substantivo a que faz referência, tanto em gênero, quanto em número.

Em relação ao gênero, ele pode ter uma só forma – que não se altera de acordo com o gênero do substantivo – ou duas formas – feminina e masculina. Imagine, por exemplo, que a propaganda anterior fosse utilizada em uma campanha do Dia dos Pais. Observe as mudanças que ocorreriam e compare-as.

Mães... fortes, criativ**as** e persistentes.

Pais... fortes, criativ**os** e persistentes.

Os adjetivos “fortes” e “persistentes” têm uma única forma para ambos os gêneros, portanto não sofrem mudança quando acompanham substantivos masculinos ou femininos. Já o adjetivo “criativas” sofreu modificação e foi registrado no gênero masculino (“criativos”) após ser trocado o substantivo “mãe” por “pai”.

Veja a seguir algumas regras para flexão de gênero dos adjetivos:

Apresentam gênero invariável os adjetivos...	
terminados em <b>e, l, z, m, s</b>	xícara <b>quente</b> – prato <b>quente</b> sofá <b>inflável</b> – cama <b>inflável</b> bruxa <b>aprendiz</b> – bruxo <b>aprendiz</b> moça <b>jovem</b> – moço <b>jovem</b> problema <b>simples</b> – conta <b>simples</b>
terminados em <b>a e ense</b>	país <b>otimista</b> – família <b>otimista</b> sorvete <b>belga</b> – sobremesa <b>belga</b> cantor <b>cearense</b> – cantora <b>cearense</b>
cortês, melhor, pior, menor, maior, interior	professor <b>cortês</b> – professora <b>cortês</b> <b>melhor</b> cozinheiro – <b>melhor</b> cozinheira <b>maior</b> país – <b>maior</b> cidade

Apresentam gêneros variáveis os adjetivos terminados em...		
Masculino	Feminino	
<b>o</b>	<b>a</b>	ator <b>belo</b> – atriz <b>bela</b>
<b>u</b>	<b>ua</b>	alimento <b>cru</b> – comida <b>crua</b>
<b>or</b>	<b>ora</b>	médico <b>sofredor</b> – médica <b>sofredora</b>
<b>ês</b>	<b>esa</b>	prato japon <b>ês</b> – comida japon <b>esa</b> ; livro ingl <b>ês</b> – bolsa ingl <b>esa</b>
<b>ão</b>	<b>ã</b> <b>ona</b>	carro alem <b>ão</b> – moto alem <b>ã</b> ; bebê bab <b>ão</b> – criança bab <b>ona</b>
<b>éu</b>	<b>oa</b>	estagiário tabar <b>éu</b> – estagiária tabar <b>oa</b>
<b>eu</b>	<b>eia</b>	homem <b>ateu</b> – mulher <b>ateia</b> ; país europe <b>u</b> – fronteira europe <b>ia</b>

## Flexão de número de substantivos e adjetivos



Para manter a coerência daquilo que se enuncia, o adjetivo também deve concordar em número com o substantivo a que se refere.

Assim como ocorre com a flexão de gênero, substantivos e adjetivos costumam concordar em número (singular/plural) em um sintagma nominal. Na charge acima, percebemos uma crítica subtendida com o questionamento da filha à mãe, afinal, a noção de “normal” é bastante imprecisa. Observe a flexão de número no sintagma nominal presente no texto.

Singular	Plural
O cabelo normal	Os cabelos normais

O plural do substantivo é formado com o acréscimo da desinência “s” (“cabelo”/“cabelos”). Se o adjetivo fosse “limpo”, seu plural seria “limpos”. Ou seja, tanto substantivos quanto adjetivos podem seguir a regra geral para formação de plural com o acréscimo da desinência “s” ao final da palavra.

Na charge, o adjetivo “normal” funciona como modificador do substantivo “cabelo”. O plural desse adjetivo é feito pela troca da consoante final “l”, por “is”, tal como ocorre em outros substantivos com a mesma terminação (“varal”/“varais”).

Conclui-se, assim, que os adjetivos simples (formados por uma só palavra) seguem, na maioria das vezes, as mesmas flexões dos substantivos para a marcação do plural.

Veja os casos gerais para formação de plural de substantivos simples:

Terminação do substantivo em...	Flexão de plural em...	Exemplos
a, e, i, o, u	s	casa – casas; estudante – estudantes; aqui – aqui; barco – barcos; urubu – urubus
m	ns	trem – trens; álbum – álbuns
ão	ãos ões ães	cidadão – cidadãos; bônus – bônus ilusão – ilusões; casarão – casarões pão – pães; alemão – alemães
r, z, s	es	mar – mares; amor – amores paz – pazes; matriz – matrizes país – países; libanês – libaneses
al el ol ul	ais éis/eis ois uis	varal – varais; animal – animais tonel – tonéis; móvel – móveis anzol – anzóis; lençol – lençóis azul – azuis
il	is eis	funil – funis; barril – barris (oxítonas) réptil – répteis; fóssil – fósseis (paroxítonas)

As exceções a essas regras são:

- Substantivos terminados em **-ão** que admitem mais de uma flexão. Exemplos: verão (verãos ou verões); vilão (vilões, vilães ou vilãos); corrimão (corrimãos ou corrimões).
- Substantivos com o plural marcado pelo especificador (artigo, pronome ou numeral). Exemplos: **um/dois** pires; **este/estes** ônibus; **seu/seus** lápis.
- Substantivos que só têm uma forma: plural. Exemplos: parabéns, férias, óculos.
- Exceções para formação do plural de substantivo terminados em **-al** e **-ul**. Exemplos: mal/males; consul/cônsoles.

## A questão da flexão de grau em substantivos e adjetivos

Geralmente, aprendemos que os substantivos podem ser flexionados nos graus diminutivo e aumentativo, e os adjetivos também em dois graus: comparativo e superlativo. Estudiosos da linguagem, no entanto, defendem que, como a marcação de diminutivo e aumentativo do substantivo ocorre por um processo de derivação (com sufixos), então não há variação de grau, e sim de tamanho.



Os diminutivos geralmente são utilizados para indicar tamanho, mas também podem, de acordo com o contexto de uso, assumir outras significações.

Na tirinha, o substantivo “pau” foi utilizado na forma diminutiva, indicando que o “pauzinho” era de um tamanho pequeno. Justamente por isso é que o cachorro conseguiu pegá-lo com a boca, desagradando sobremaneira a seu dono.

O diminutivo de substantivos pode ser feito em língua portuguesa com o acréscimo do sufixo **-inho**, **-zinho** ou **-zito**, como em “cachorrinho”, “jacarezinho” e “cãozito”. Já os aumentativos podem ser formados pelo uso dos sufixos **-ão**, **-ona**, **-aço**, **-arra**, **-eirão**, a exemplo de: “papelão”, “mulherona”, “ricaço”, “bocarra”, “vozeirão”.

Em alguns casos, o uso do diminutivo ou do aumentativo pode ser feito de modo conotativo para indicar um sentimento, que pode ser de afeto, desprezo, admiração, entre outros. Veja um exemplo nesta capa de livro.



Os aumentativos sinalizam uma ideia de tamanho, mas também podem ser empregados para emitir algum tipo de apreciação.

O uso do aumentativo de “pai” – “paizão” – não se refere a tamanho físico, mas tem sentido afetivo: “paizão” é um pai bacana, presente e carinhoso. Do mesmo modo, se a palavra estivesse no diminutivo – “paizinho” –, a intenção seria expressar afeto: paizinho é um pai querido, amado.

Diminutivos podem ser utilizados também para desqualificar uma pessoa. Se dizemos: “Esse é o novo **empregadinho** da firma” ou “Não adiantou ter ido ao médico. Lá só tinha **doutorzinho**”, estamos expressando desdém pelos trabalhadores. Expressões com aumentativo também podem ter valor depreciativo, a depender do uso. Imagine, por exemplo, que em uma briga alguém dissesse: “Ih, chegou o **covardão!**”; com certeza não é o tamanho da coragem que está em jogo, há aí uma clara intenção de desprestigiar o adversário.

Outra forma de indicar aumentativos e diminutivos de substantivos é fazer uso de adjetivos que dão a ideia de tamanho. Exemplo: casa **grande**, sala **pequena**. O uso dos especificadores é necessário, nesse contexto, para indicar o tamanho da casa e da sala.

No que tange ao grau de adjetivos, eles ocorrem em dois níveis: no comparativo e no superlativo. O primeiro evidencia uma comparação entre dois elementos; o segundo intensifica a informação.

Tipos de comparativo		
Comparativo de superioridade	Comparativo de igualdade	Comparativo de inferioridade
... <b>mais</b> ... do que...	... <b>tão</b> ... quanto...	... <b>menos</b> ... do que...
Eu estou <b>mais</b> cansada <b>do que</b> a Sarah.	Arthur quer escrever <b>tão</b> rápido <b>quanto</b> sua mãe.	Esther estava <b>menos</b> triste <b>do que</b> Pedro.

Tipos de superlativo		
<b>Absoluto sintético</b>	adjetivo + - <b>érrimo</b> - <b>íssimo</b>	A modelo está mag <b>érrima</b> . Este muro é <b>altíssimo</b> !
<b>Absoluto analítico</b>	<b>palavra intensificadora + adjetivo</b>	O jovem está <b>extremamente triste</b> .
<b>Relativo de superioridade</b>	... <b>a mais</b> .../ <b>o mais</b> ... + adjetivo	A minha casa é <b>a mais bonita</b> do bairro.
<b>Relativo de inferioridade</b>	... <b>a menos</b> .../ <b>o menos</b> ... + adjetivo	Aquela comida é <b>a menos saborosa</b> do restaurante.

## Substantivos e adjetivos em uso

Quando dissemos que o adjetivo está ligado ao substantivo, mostramos uma propriedade dessa classe de palavras. Isso é fundamental para observarmos que, na prática, uma mesma palavra pode desempenhar funções diferentes.

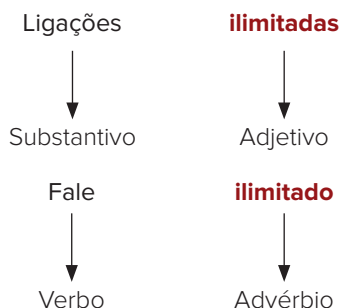


Observe a imagem a seguir.



A palavra “ilimitado” pode pertencer a classes gramaticais diferentes de acordo com o contexto de uso.

Para finalizar uma vantagem do serviço oferecido, a operadora de telefonia utilizou estes dois enunciados:



No primeiro exemplo, a palavra “ilimitadas” modifica o sentido do substantivo “ligações”, concordando com ele em gênero (feminino) e número (plural). Portanto, está claro que “ilimitadas” funciona, no enunciado, como adjetivo.

Na segunda ocorrência, a palavra “ilimitado” não está mais ligada a um substantivo, por isso não se pode dizer que exerce função de adjetivo. Dentre as classes de palavras, aquela que se liga ao verbo, modificando-o, é chamada advérbio. Assim, pode-se concluir que, no último enunciado, a palavra “ilimitado” é invariável, sendo empregada como advérbio.

### ! Atenção

Advérbio é uma classe de palavras que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio. Isso significa que, se uma palavra atribui informações a um verbo, alterando seu sentido inicial, ela pode fazer parte dessa classe gramatical. Por isso, é importante estar atento ao contexto de uso das palavras. Futuramente, abordaremos com maior atenção a classe dos advérbios.

A ligação das palavras “ilimitadas” e “ilimitado” a um substantivo ou a um verbo também gera diferentes efeitos de sentido no texto. Ao apontar que as ligações são ilimitadas para telefone fixo ou móvel, a empresa sinaliza uma característica do tipo de ligação oferecido, oportunizando uma comparação com o serviço disponibilizado por outras operadoras. No entanto, o uso do enunciado “fale ilimitado” evidencia um diálogo com o interlocutor. O leitor, então, é invocado no discurso, percebe os efeitos positivos da proposta para uma aplicação prática na vida (falar ilimitado) e, com isso, pode adquirir o produto do anúncio e tornar-se cliente. No primeiro caso, não há uma aproximação com o leitor, o que fica evidente no segundo exemplo. Essa

intencionalidade também está clara quando se observa que “fale ilimitado” é o enunciado de maior destaque e centralidade na distribuição do texto.

Para percebermos a importância de analisar o enunciado como um todo, observe na manchete a seguir o uso da palavra “fantasma”, que poderia ser classificada como substantivo, pois é o vocábulo que usamos para nomear o espírito de pessoas que faleceram.

## Prefeito de Ilha Solteira é condenado por ter sido 'funcionário fantasma' na Assembleia Legislativa de São Paulo

TV TEM. G1, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2020/08/25/prefeito-de-ilha-solteira-e-condenado-por-ter-sido-funcionario-fantasma-na-assembleia-legislativa-de-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2023.

Entretanto, no contexto desse enunciado, a palavra “fantasma” funciona como adjetivo, pois atribui sentido ao substantivo “funcionário”, modificando-o. Ou seja: não é qualquer funcionário, é um que “não existe”. Essa caracterização é importante para que possamos entender o motivo da condenação do prefeito a que faz referência a manchete.



Conhecer as classes de palavras é importante, pois nos permite compreender a função delas na relação com outros elementos da frase e os efeitos de sentido gerados nos textos.

## Artigo e numeral: determinante e quantificador

Os artigos e numerais – assim como os adjetivos – acompanham os substantivos, determinando-os ou indicando quantidade. Na piada a seguir, podemos comparar o mesmo texto com e sem o uso dessas classes de palavras. No texto original, foram destacados os artigos e numerais e, na versão adaptada, foram excluídas essas palavras.

Texto original
<b>Dente</b> O dentista atende <b>um</b> maluquinho, do qual tinha tirado <b>um</b> dente <b>um</b> dia antes: — E aí, seu dente parou de doer? — Sei lá, <b>o</b> doutor ficou com ele. <small>AVIZ, Luiz (org.). <i>As melhores piadas para crianças</i>. Ilustrações de Filipe Aviz. Rio de Janeiro: Saraiva, 2013. p. 54. (Pegue &amp; Leve).</small>
Texto modificado
<b>Dente</b> Dentista atende maluquinho, do qual tinha tirado dente dia antes: — E aí, seu dente parou de doer? — Sei lá, doutor ficou com ele.

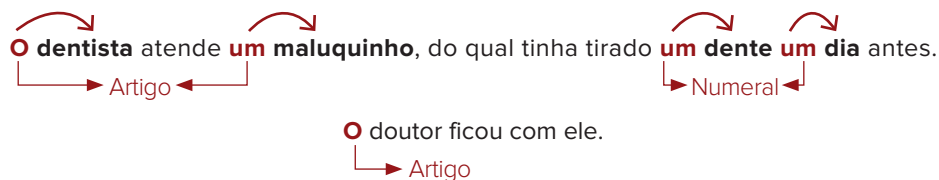
A piada brinca com a lógica da situação, e o sentido se constrói quando levamos em consideração a fala do “maluquinho” à indagação do doutor.

Embora o texto modificado mantenha o sentido do original, a ausência dos artigos e numerais deixou certas informações imprecisas:

1. Ao dizer “**o** dentista”, sabemos a qual dentista o interlocutor se refere. É um dentista determinado.
2. Em “**um** maluquinho”, é possível perceber que ele não é uma pessoa em especial, particularizada. É um maluquinho qualquer, indeterminado.
3. A afirmação de que havia sido tirado “**um** dente” revela que não foram dois ou três dentes.
4. A informação de que o fato aconteceu “**um** dia antes” determina quando ocorreu e evidencia que não foram dois ou três dias antes.
5. Em “**o** doutor”, o artigo refere-se a uma determinada pessoa, ou seja, ao profissional que o atende.

Os fragmentos analisados em 1, 2 e 5 mostram como os artigos “o” e “um” acrescentam informações, especificando os substantivos “dentista”, “maluquinho” e “doutor”, respectivamente.

Já em 3 e 4, percebemos como o numeral “um” atribui aos substantivos “dente” e “dia” a informação de quantidade.



Na língua portuguesa, a posição do artigo na sentença antecede o substantivo: podemos dizer e escrever “o dentista”, mas não “dentista o”. Já os numerais, dependendo do contexto de uso, podem ser inseridos antes ou depois do substantivo. Observe:

Ele é o número **um** na chamada.

Você é nota **dez**.

No segundo exemplo, o substantivo e o numeral são utilizados como adjetivo; uma pessoa “nota dez” é alguém esforçado, bacana.

O mais comum, no entanto, é que o numeral se anteponha ao substantivo:

É o **primeiro** dia dele aqui.

Quero comer **três** maçãs.

Diferentemente de substantivos e adjetivos, que possuem uma quantidade enorme de palavras, sendo muito difícil quantificá-los, os artigos e numerais apresentam-se em número reduzido na língua portuguesa, por isso dizemos que são classes fechadas de palavras.

## Artigo: classificação e uso

### O presente do avô

**Um avô**, na véspera de cumprir seus oitenta anos, estava sentado com o netinho na varanda da rua São Clemente.

**O avô** contemplou o neto com muito carinho e com voz suave perguntou:

— Você sabe quem faz amanhã oitenta anos?

— Sei, sim, vovô. É você.

— E você já pensou num presente para **o vovô**?

— Pensei, mas não encontrei.

— Mas o que é que você queria me dar?

E o menino:

— Se eu tivesse encontrado, sabe?... eu queria dar **um avô** pra você.

BLOCH, Pedro. *Criança diz cada uma!*. Ilustração de Luiz Sá e Martha Alencar. Rio de Janeiro: Ediouro, 1963. p. 35.

Quando a personagem é citada pela primeira vez no texto, ainda não sabemos quem é. “Um avô” passa a ideia de que não é um avô específico, pode ser qualquer um. Observe, no entanto, que, quando a personagem é novamente mencionada no segundo parágrafo, o autor do texto faz uso do artigo “o”: “o avô”. Isso ocorre porque o leitor já conhece essa personagem.

Veja como aparecem essas palavras em outros momentos no texto, nas falas do avô e do netinho:

“E você já pensou num presente para **o vovô**?”



Aquele avô específico, com o qual a criança fala

“[...] eu queria dar **um avô** pra você!”



Não é um avô em particular



Veja mais algumas particularidades do uso de artigos nos textos:

Função do artigo	Exemplos
Indicar o gênero gramatical do substantivo.	<p>○ estudante saiu. (ele)</p> <p>▲ estudante saiu. (ela)</p>
Indicar a flexão de número do substantivo.	<p>○ ônibus partiu. (singular)</p> <p>Os ônibus partiram. (plural)</p>
Mudar o sentido do substantivo.	<p>○ cabeça do grupo chegou. (o mais inteligente)</p> <p>▲ cabeça ainda dói muito. (a parte do corpo)</p>
Destacar a notoriedade, evidenciando a relevância do substantivo ao qual se refere.	Rio, <b>a</b> cidade maravilhosa! (a cidade conhecida como maravilhosa) Roberto Carlos, <b>o</b> rei da MPB. (o cantor reconhecido como rei da MPB)
Particularizar ou generalizar um substantivo, quando este vem acompanhado do termo “todo/toda”.	<p><b>Toda a</b> turma deve estudar. (uma turma em especial)</p> <p><b>Toda</b> turma deve estudar. (qualquer turma)</p>

## Numeral: classificação e usos



Os numerais têm a finalidade de quantificar os substantivos que os acompanham.

Na tirinha, Armandinho faz uma reivindicação justa à sua mãe e reclama o seu direito de ser criança, evidenciando que há um excesso de atividades que ele tem de realizar ao longo do dia. Isso está sinalizado no texto pela indicação das horas em que cada uma das atividades deve ser feita: às duas, às quatro, às seis e às oito. Com tarefas a serem realizadas de duas em duas horas, a tarde do menino ficou realmente sem horário livre para outras atividades de lazer.

As palavras utilizadas para indicar o horário exato de realização das tarefas são os numerais. Essa classe de palavras tem a função de quantificar o substantivo a que faz referência. No caso, “dois”, “quatro”, “seis” e “oito” são numerais cardinais.

Além disso, o numeral também pode indicar uma ordem ou posição, como ocorre na manchete a seguir:

### Ceará registra chuva em mais de 100 municípios pelo **terceiro** dia consecutivo

BORGES, Gabriel. *O Povo online*, 3 mar. 2021.

A palavra “terceiro” é um numeral que indica ordenação em uma escala: a chuva não aconteceu somente no primeiro ou no segundo dia, mas também no terceiro, evidenciando-se, assim, uma progressão do acontecimento reportado. Numerais como “terceiro” são chamados ordinais, justamente por fazerem referência a uma ordem ou posição em uma sequência.

Perceba que, nesse título, há também o registro de um número: o 100. Número e numeral, portanto, não são a mesma coisa. Embora os dois indiquem quantidade, o primeiro refere-se ao registro por meio de algarismos, e o segundo, por meio de palavras.

De forma geral, em textos, devemos registrar quantidades por meio de numerais, exceto na escrita de datas, telefones, dados estatísticos etc., em que o uso do algarismo é mais indicado.

Observe agora as palavras “dobro” e “metade” nas manchetes a seguir:

### Sony tem promoção com descontos em **dobro** em sua loja virtual

*Isto é Dinheiro*, 26 fev. 2021.

### Mais da **metade** dos brasileiros sofrem de ansiedade no ambiente de trabalho

*CNN Brasil*, 6 fev. 2021.



Ao informar que o desconto oferecido pela loja será em “dobro”, percebemos a relação de aumento de quantidade; já quando pensamos na noção de “metade”, constatamos que a referência de valor diminui, pois indica apenas parte do todo. Essa noção é fundamental na nossa vida cotidiana, afinal, há muita diferença entre comprar um produto pela metade do preço (mais barato) e pelo dobro dele (mais caro).

Numerais como “dobro”, que evidenciam aumento de quantidade, são chamados multiplicativos, enquanto aqueles que fazem referência à parte de um todo são denominados fracionários.

Classificação	Função	Exemplos
<b>Cardinal</b>	Expressa quantidade. Pode ter valor de substantivo, ocupando o núcleo sintático (ex. 1). Pode ter valor de adjetivo, modificando o substantivo (ex. 2).	1. Os <b>dois</b> acabaram de sair daqui. 2. Melhor que <b>um</b> dia de feriado são <b>quatro</b> [dias] seguidos.
<b>Ordinal</b>	Indica ordem e sucessão. Pode funcionar como adjetivo, modificando o substantivo a que se refere (ex. 3). Pode ser substantivado (ex. 4).	3. Esta é a <b>terceira</b> mala que Caio compra. 4. Esther é a <b>primeira</b> da turma.
<b>Multiplicativo</b>	Expressa quantidade aumentada. Pode ter valor de substantivo, ocupando o núcleo sintático (ex. 5). Pode ter valor de adjetivo, modificando o substantivo (ex. 6).	5. Comi o <b>dobro</b> do que foi orientado. 6. O carro de Arthur tem cabine <b>dupla</b> .
<b>Fracionário</b>	Indica parte de um todo. Atua, em geral, como substantivo, ocupando o lugar de núcleo sintático das expressões nominais (ex. 7 e 8).	7. O cabelo de Raíssa está um <b>terço</b> maior que antes. 8. Pedro comeu <b>metade</b> da <i>pizza</i> .

Observe o exemplo a seguir.

Procurei meus óculos nos **quatro** cantos da casa e não consigo encontrá-los.

O numeral “quatro”, na expressão “quatro cantos da casa”, foi utilizado no sentido figurado para indicar que a pessoa procurou o objeto perdido em todos os lugares da residência. Ele não especifica uma quantidade exata, diferindo, portanto, dos usos mais comuns que fazemos dos numerais cardinais.

Conheça outras expressões populares em que o numeral deve ser compreendido em sentido figurado, e não como indicador de quantidade no enunciado.

Expressão popular que faz uso de numeral	Sentido figurado atribuído (sem valor quantitativo literal)
Quero ter <b>dois</b> dedos de prosa com você.	Conversar por um período curto.
Fiquei em <b>segundo</b> plano neste relacionamento.	Ser deixado de lado.
Este sofá é de <b>quinta</b> categoria.	Ser de má qualidade.
Meu pai é nota <b>mil</b> .	Ser um ótimo pai.
O professor é <b>oito</b> ou <b>oitenta</b> .	Ter atitudes opostas, contraditórias, extremistas.
Vou ver meu amigo de <b>quatro</b> patas.	Ver um gato ou cachorro.
Em <b>primeiro</b> lugar, eu nunca menti para você.	Sinalizar algo de grande relevância ou que deve ser esclarecido, independentemente de qualquer coisa.
Entrar na faculdade é fácil, sair dela já são outros <b>quinhentos</b> .	Fazer alusão a outro assunto, outra situação.
Não envolva <b>terceiros</b> nas nossas brigas.	Envolver outras pessoas.
Estou com tolerância <b>zero</b> hoje.	Estar sem paciência alguma.
Aquele funcionário é um <b>zero</b> à esquerda.	Ser inútil, sem valor.
Minha mãe é <b>uma</b> em um <b>milhão</b> .	Ser especial.

## Pronome: categoria de pessoa

Uma classe de palavras que desempenha importante papel em textos são os pronomes. Por meio deles, podemos indicar a pessoa do discurso, evidenciar relação de posse, retomar elementos já mencionados no texto, demonstrar algo, introduzir perguntas e fazer referência a alguma coisa de modo impreciso.

No fragmento a seguir, do romance *Dom Casmurro*, Bentinho – narrador da trama – pede a José Dias, agregado da família, que o ajude a convencer sua mãe de que ele não seja enviado para o seminário, pois essa não é sua vocação.

Observe no texto as palavras destacadas e a relação entre elas.

O céu estava meio enfarruscado. No ar, perto da praia, grandes pássaros negros faziam giros, avoaçando ou pairando, e desciam a roçar os pés na água, e tornavam a erguer-se para descer novamente. Mas nem as sombras do céu, nem as danças fantásticas dos pássaros **me** desviavam o espírito do **meu** interlocutor. Depois de **lhe** responder que sim [sobre o desejo de não ser padre e sobre fazer súplicas a Deus para que isso não ocorra], emendei-**me**:

— Deus fará o que **o senhor** quiser.

— Não blasfeme. Deus é dono de **tudo**; **ele** é, só por si, a terra e o céu, o passado, o presente e o futuro. Peça-**lhe** a sua felicidade, que **eu** não faço outra coisa... Uma vez que **voce** não pode ser padre, e prefere as leis... As leis são belas, sem desfazer da teologia, que é melhor que **tudo**, como a vida eclesíástica é a mais santa... Por que não há de ir estudar leis fora daqui? [...]

— Está dito, pede a mamãe que **me** não meta no seminário?

— Pedir, peço, mas pedir não é alcançar. Anjo do meu coração, se vontade de servir é poder de mandar, estamos aqui, estamos a bordo. Ah! **voce** não imagina o que é a Europa; oh! a Europa...

Levantou a perna e fez uma pirueta. Uma das **suas** ambições era tornar à Europa, falava **dela** muitas vezes, sem acabar de tentar **minha** mãe nem tio Cosme, por mais que louvasse os ares e as belezas... Não contava com **esta** possibilidade de ir **comigo**, e lá ficar durante a eternidade dos **meus** estudos.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000069.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

As palavras destacadas no excerto do romance de Machado de Assis são pronomes. Para retomar a pessoa citada no diálogo e evitar a repetição do nome Deus, utilizou-se o pronome “ele”: “Deus é dono de tudo; **ele** é, só por si, a terra e o céu”. “Ele” refere-se à pessoa de quem se fala, assim como “lhe” substitui a mesma palavra no trecho: “Peça-**lhe** a sua felicidade”. Já o pronome “me” é usado para referir-se a si mesmo: “pede à mamãe que **me** não meta no seminário?”, assim como “comigo”. Por fim, o pronome “se” é usado para se referir a uma pessoa do discurso já mencionada: “grandes pássaros negros faziam giros [...] e tornavam a erguer-**se**”.

No trecho, também aparecem outros pronomes, como: “o senhor” e “voce” para se referir a quem se fala; “tudo” para se referir a uma porção de coisas indefinidas; “esta”, para se referir a algo específico (no caso, “possibilidade”); e “suas”, “dela” e “meus” para designar posse.

O uso de pronomes é fundamental na construção de um texto, de modo a evidenciar a relação entre as partes dele.

Ao analisarmos o excerto em questão, concluímos que pronomes são palavras que substituem ou acompanham outras palavras (como substantivos) com o propósito de demarcar as pessoas do discurso ou retomar palavras, expressões ou assuntos já mencionados.

O termo “pessoas do discurso” não é usado para fazer referência a seres humanos, mas sim aos elementos envolvidos na situação comunicativa. “Pessoa”, portanto, é uma categoria linguística e pode fazer referência a coisas reais (pessoas, animais, objetos) ou imaginárias (seres fantásticos, por exemplo).

## Pronome pessoal

Leia a tirinha a seguir.

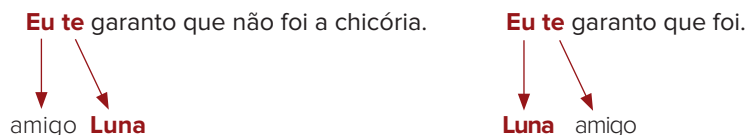


Os pronomes pessoais referem-se às pessoas do discurso e são usados para substituir os nomes.

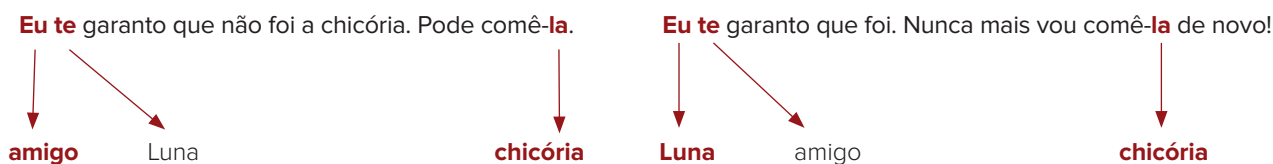
Na tirinha, podemos ver a demarcação, com pronomes, das três pessoas do discurso:

- 1ª pessoa – a que fala: marcada pelo pronome “eu” (referência ao personagem de óculos).
- 2ª pessoa – com quem se fala: marcada pelo pronome “você” (referência à personagem Luna).
- 3ª pessoa – de quem se fala: marcada pelo pronome “ela” (referência à chicória).

Observe que o sentido dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas se constrói no interior de uma situação comunicativa, pois eles fazem menção a quem está com a palavra ou ao ouvinte no momento da interação. Na tirinha, se o amigo tivesse dito à Luna “Eu te garanto que não foi a chicória”, e a jovem respondido “Eu te garanto que foi”, os pronomes teriam sentidos diferentes. Veja os exemplos a seguir.



Se observarmos o pronome de 3ª pessoa, verificamos que seu sentido não se altera quando trocamos a pessoa que está com a palavra. Isso ocorre porque a referência é a um terceiro elemento, não envolvido na relação “eu-tu”. Tomando os exemplos anteriores, podemos perceber que a referência à chicória poderia ser feita com o uso do pronome “la”, independentemente de quem fala. Veja:



Os pronomes que indicam as três pessoas do discurso são chamados **pronomes pessoais**. Eles apresentam diferentes formas e são classificados em retos ou oblíquos. Veja no quadro a seguir a classificação dos pronomes pessoais nas formas singular e plural.

Pronomes pessoais			
	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átonos (usados sem preposição)	Tônicos (usados com preposição)
Singular	eu	Me	mim, comigo
	tu	te	ti, contigo
	ele, ela	o, a, se, lhe	si, consigo, ele, ela
Plural	nós	nos	nós, conosco
	vós	vos	vós, convosco
	eles, elas	os, as, se, lhes	si, consigo, eles, elas

Atualmente, em algumas regiões do país, o pronome “você” é utilizado no lugar de “tu”, assim como “vocês” é empregado como substituição a “vós”. Nesse caso, a versão átona do pronome “você” é “o, a, lhe” e a versão tônica, “você”; a versão átona de “vocês” é “os, as, lhes” e a versão tônica, “vocês”.

**! Atenção**

Em contextos informais de uso da língua, a locução “a gente” tem sido utilizada em substituição ao pronome “nós”. Mas fique atento à conjugação verbal. A forma “a gente” deve ser utilizada com o verbo na 3ª pessoa do singular (“a gente comeu”), enquanto o pronome “nós” deve concordar com o verbo na 1ª pessoa do plural (“nós comemos”).

## Pronome pessoal do caso reto “tu” e “vós”: norma e uso

Você viu na tirinha apresentada anteriormente que, em vez de usar o pronome “tu” para se referir à pessoa com quem falava (2ª pessoa do discurso), o pai utilizou o pronome “você” para se dirigir à filha: “O que você tá procurando, Malu?”.

O uso de “você” no lugar de “tu” e de “vocês” no lugar de “vós” é bastante comum em grande parte do país. O pronome “tu” é utilizado em alguns estados brasileiros; já o pronome “vós” quase não é mais empregado em contexto de fala e, na escrita, o encontramos em pouquíssimas situações, como em textos bíblicos e literários mais antigos ou em escritas muito formais, como textos jurídicos ou políticos.

A norma-padrão classifica “você” e “vocês” como pronomes de tratamento, mas seus usos evidenciam que eles estão cada vez mais assumindo a função de pronome pessoal, referindo-se à 2ª pessoa do discurso (tanto no singular, quanto no plural). Essa constatação pode indicar uma mudança no que se refere à gramaticalização dos pronomes, algo natural em qualquer língua. Levando em conta recentes estudos linguísticos e sociolinguísticos sobre o tema, vamos considerar as formas “você” e “vocês” como pronomes pessoais.

## Pronome pessoal do caso oblíquo: norma e uso

Os pronomes oblíquos o/a/os/as sofrem modificação em alguns contextos linguísticos:

- Em verbos terminados por R, S ou Z, assumem a forma lo/la/los/las.

Adorei esta caneta. Quero comprá-**la**.

Seu pai? Buscamos-**lo** no aeroporto ontem.

Tinha pouco tempo para fazer a tarefa, então fi-**la** rapidamente.

- Em verbos terminados com fonemas nasais (am, em, ão, õe), assumem a forma no/na/nos/nas.

Acusaram-**no** sem provas.

As roupas? Coloquem-**nas** nos cabides.

Põe-**na** fora daqui. Nunca mais quero ver essa mulher.

## Pronome de tratamento

Algumas palavras ou expressões da língua são utilizadas para tratar o interlocutor (ou se referir a ele) de modo respeitoso, seja de forma cerimoniosa (em contextos formais), seja de forma mais familiar (em contextos informais). Observe as manchetes a seguir.

### “Vejo **Vossa Excelência** presidindo uma outra instituição”, diz Wilson a Botelho após saída da presidência da AL

MENDES, Vinicius. *Olhar direto*, 24 fev. 2021.

### Sua Majestade Max Verstappen: ele é o rei da Áustria

CURTY, Gabriel. *Red Bull*, 28 jun. 2021.

### Há 10 anos, um **senhor** comprava um carro apenas com moedas de R\$ 1

BARREIROS, Isabela. *Aventuras na História*, 23 jun. 2021.

A expressão “Vossa Excelência” é empregada para se referir às pessoas que ocupam alto posto na política ou nas Forças Armadas. Essa é uma maneira formal e cerimoniosa de se referir a alguém.

Quando falamos diretamente com a autoridade, a palavra “vossa” deve ser empregada, mas se estamos nos referindo a alguém que não está presente, então é necessário usar “sua”. No caso da primeira manchete, o texto entre aspas indica que foi uma fala direta. No entanto, se o jornalista fosse fazer referência a esse discurso, deveria usar “Sua Excelência”.

#### ! Atenção

Pronomes de tratamento precedidos por “Vossa”: discurso dirigido diretamente a alguém.

Pronomes de tratamento precedidos por “Sua”: referência a alguém que não está presente.

A segunda manchete traz um aspecto conotativo para o pronome de tratamento “Sua majestade”, que é usado, geralmente, como referência a reis e imperadores. Ao ser empregado para citar um atleta de corrida automobilística, evidencia-se que esse sujeito é considerado um rei naquilo que faz, ou seja, o pronome dá um *status* de valoração positiva ao desempenho de Max Verstappen.

Por fim, a última manchete faz menção a um homem idoso, chamando-o por “senhor”. Essa é uma forma de tratamento bastante comum para indicar respeito às pessoas mais velhas, mas também pode sinalizar um distanciamento entre os interlocutores. É mais usado, portanto, com pessoas com quem não temos intimidade.



Vale lembrar que “senhor” e “senhora” são empregados em algumas situações, como ironia, evidenciando desdém, como ocorre em “Quem o senhor pensa que é?” ou “Até parece que o senhor é capaz de alguma coisa!”.

O quadro a seguir apresenta os pronomes de tratamento, suas formas abreviadas e a quem cada um deles é direcionado.

Pronomes de tratamento	Formas abreviadas	Direcionado a
Senhor/Senhora	Sr./Sra.	peessoas mais velhas: tratamento respeitoso peessoas de qualquer idade: ironia/desdém peessoas com quem não se tem intimidade
Vossa Senhoria	V. S. <sup>a</sup>	funcionários públicos e graduados em geral
Vossa Excelência	V. Ex. <sup>a</sup>	altas autoridades
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, princesas, duques, duquesas
Vossa Majestade	V. M.	reis, rainhas, imperadores, imperatrizes
Vossa Magnificência	V. Mag. <sup>a</sup>	reitores e reitoras de universidades
Vossa Santidade	V. S.	papas
Vossa Eminência	V. Em. <sup>a</sup>	cardeais
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex. <sup>a</sup> Rev.ma	bispos e arcebispos
Vossa Reverência	V. Rev. <sup>a</sup>	sacerdotes em geral

## Pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos

Leia a crônica a seguir e observe as palavras em destaque.

### A polícia suburbana

Noticiam os jornais que um delegado inspecionando, durante uma noite destas, **algumas** delegacias suburbanas, encontrou-as às moscas, comissários a dormir e soldados a sonhar.

Dizem mesmo que o delegado-inspetor surripiou objetos para pôr mais à mostra o descaso dos seus subordinados.

Os jornais, com **aquele seu** louvável bom senso de sempre, aproveitaram a oportunidade para reforçar as **suas** reclamações contra a falta de policiamento nos subúrbios.

Leio sempre **essas** reclamações e pasmo. Moro nos subúrbios há muitos anos e tenho o hábito de ir para a casa alta noite.

Uma vez ou outra encontro um vigilante noturno, um policial e muito poucas vezes é-me dado ler notícias de crimes nas ruas que atravesso.

A impressão que tenho é de que a vida e a propriedade **daquelas** paragens estão entregues aos bons sentimentos dos **outros** e que os pequenos furtos de galinhas e coradouros não exigem um aparelho custoso de patrulhas e apitos.

Aquilo lá vai muito bem, **todos** se entendem livremente e o Estado não precisa intervir corretivamente para fazer respeitar a propriedade alheia.

Penso mesmo que, se as coisas não se passassem assim, os vigilantes, obrigados a mostrar serviço, procurariam meios e modos de efetuar detenções e os notívagos, como eu, ou os pobres-diabos que lá procuram dormida, seriam incomodados, com pouco proveito para a lei e para o Estado.

Os policiais suburbanos têm toda a razão. Devem continuar a dormir. Eles, aos poucos, graças ao calejamento do ofício, se convenceram de que a polícia é inútil.

Ainda bem.

BARRETO, Lima. *A polícia suburbana*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.

A crônica apresenta a reflexão bem-humorada de um morador do subúrbio e sua visão sobre a segurança do bairro. Vale lembrar que ela foi escrita por Lima Barreto e publicada em 1914.

As palavras destacadas ao longo do texto mostram o uso de pronomes com funções diferentes e reforçam a importância dessa classe gramatical na construção de enunciados, sejam orais ou escritos.

Observe que algumas palavras evidenciam uma ideia de posse em relação àquela a que está relacionada. Ao dizer “**seu** louvável bom senso”, faz-se referência aos jornais. O mesmo ocorre com “**suas** reclamações”, que se refere à mesma pessoa do discurso. Os pronomes **seu** e **suas** demarcam a relação existente entre o jornal mencionado no texto e os elementos que a ele estão ligados: bom senso e reclamações. **Seu** e **sua** são pronomes possessivos.

Ao dizer “propriedades **daquelas** paragens”, o autor faz menção a uma informação que está distante fisicamente do momento da fala: os subúrbios, citados anteriormente. E, ao apresentar “**essas** reclamações”, ele faz referência a reclamações que acabou de mencionar. As palavras **aquele** e **essas** são pronomes demonstrativos utilizados, em geral, para fazer referência a algo ou alguém, evidenciando proximidade ou distanciamento em relação às pessoas do discurso. É importante lembrar que a palavra **daquelas** é uma junção da preposição “de” com o pronome demonstrativo “aquela”.

Por fim, as palavras **algumas**, **outros** e **todos** trazem uma informação vaga dos substantivos a que estão ligadas. Ao dizer “**algumas** delegacias suburbanas”, não é possível precisar quais são as delegacias; em “bons sentimentos dos **outros**”, também não sabemos com certeza de quem se fala, isto é, quem são essas pessoas; da mesma forma que, ao citar que “**todos** vivem livremente”, tampouco sabemos de quem se fala e temos apenas uma ideia genérica do que se trata.

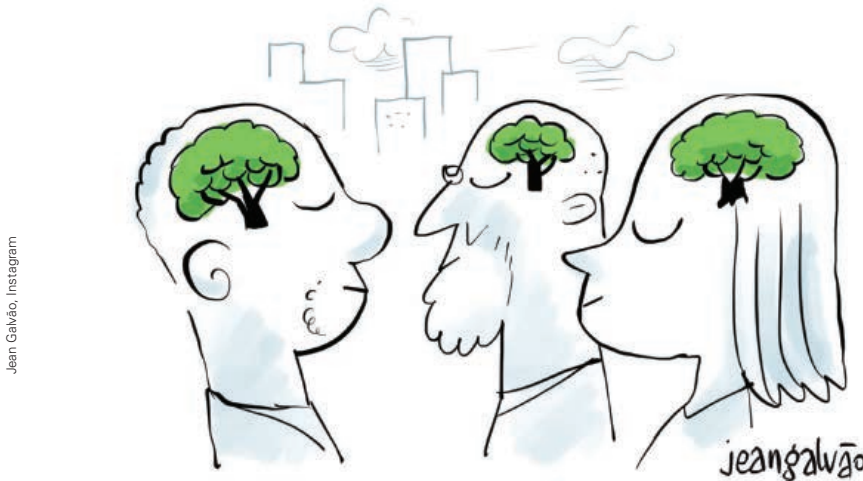
## Pronome possessivo

Pronomes possessivos são aqueles que dão ideia de posse em relação às três pessoas do discurso.

Na charge a seguir, o pronome “nossa” refere-se à primeira pessoa do plural e indica que ativar a consciência de todos nós, enquanto seres humanos, é fundamental para que o planeta tenha melhores condições de sobrevivência. Os desenhos das árvores no lugar do cérebro das pessoas retratadas na imagem dão pistas de que o caminho para atingir o futuro sustentável depende das atitudes e comportamentos de cada indivíduo.

O apelo para que cada indivíduo assuma sua responsabilidade está bem marcado com o uso do pronome possessivo em “**nossa** consciência”, ou seja, a consciência de todos nós. Ele contribui, portanto, para a construção de sentidos do texto.

# O FUTURO DO PLANETA DEPENDE DA NOSSA CONSCIÊNCIA



Os pronomes possessivos indicam que algo pertence a uma das pessoas do discurso.

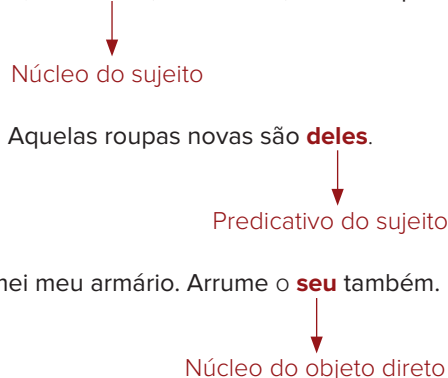
O quadro a seguir evidencia a correlação dos possessivos com as pessoas do discurso a que se ligam.

Pronomes possessivos			
	Singular	Plural	Exemplos
1ª pessoa	meu(s), minha(s)	nosso(s), nossa(s)	Adoro ler <b>meu</b> livro! <b>Nossa</b> casa está bem-organizada.
2ª pessoa	teu(s), tua(s)	vosso(s), vossa(s)	<b>Teus</b> olhos parecem um pedaço do céu. Façam <b>vossas</b> promessas!
3ª pessoa	seu(s), sua(s)	seu(s), sua(s)	<b>Seu</b> carro está quebrado. <b>Suas</b> roupas precisam ser lavadas.

Os pronomes “ele” e “você”, combinados com a preposição “de”, também demarcam relação de posse, com as formas “deles” e “de vocês”, como ocorre em: “O futuro do planeta depende da consciência **de vocês**”.

Os pronomes possessivos podem ocupar a função sintática de adjunto adnominal quando acompanham um nome ou assumir as funções de núcleo nominal (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito, vocativo, complemento nominal, adjunto adverbial, agente da passiva) quando cumprem papel de substantivo. Veja alguns exemplos.

Todos receberam as provas; as **minhas**, no entanto, foram esquecidas pelo professor.



Para que sentenças como essas façam sentido, observe que sempre há uma relação com algo mencionado anteriormente, de modo que o leitor compreenda a que os pronomes fazem referência. Em situação de interação oral ou em textos verbo-visuais, muitas vezes, tais referências se dão visualmente.

Em relação à posição do pronome possessivo no discurso, ele geralmente antecede a palavra a que está ligado. No entanto, se vier posposto ao substantivo, seu sentido será alterado.

**Minha** filha não faz manha.



O enunciador afirma que tem uma filha e que ela não faz manha.

Filha **minha** não faz manha!



O enunciador julga inadmissível ter uma filha que faça manha.

Outro aspecto relevante na produção de enunciados é que o uso de pronome possessivo pode causar ambiguidade. Observe:

— Mãe, eu vi o pai andando com seu carro hoje.

Na frase, o pronome possessivo “seu” gerou ambiguidade, pois não é possível saber a quem o carro pertence: se à mãe ou ao pai do menino.

Para eliminar a ambiguidade, há duas possibilidades de reescrita que comunicam ideias de sentido distinto:

Sentido 1: Mãe, eu vi o pai andando com o carro **dele** hoje. (carro do pai)

Sentido 2: Mãe, eu vi o pai andando com o carro que pertence a **você** hoje. (carro da mãe)

Fique atento a casos como esse quando estiver produzindo seus textos!

### Pronome demonstrativo

Pronomes demonstrativos situam um substantivo em relação às pessoas do discurso. Suas formas variam de acordo com a proximidade do referente – no tempo, no espaço, no texto – em relação às pessoas do discurso.

O quadro a seguir apresenta exemplos de utilização dos pronomes demonstrativos de acordo com a proximidade do referente.

Relação de proximidade/distanciamento do pronome demonstrativo			
Pessoas/pronome	Em relação à localização do enunciador (espaço)	Em relação ao tempo do discurso	Em relação à localização da informação no texto
1ª pessoa este(s) esta(s), isto	<b>Perto</b> de quem fala: <b>Esta</b> caneta estourou e sujou minha mão.	<b>Presente:</b> <b>Esta</b> tarde vou ao mercado.	<b>Algo que ainda será dito:</b> <b>Este</b> é o segredo da felicidade: valorizar as pequenas alegrias.
2ª pessoa esse(s), essa(s), isso	<b>Perto</b> de quem ouve: Poderia me emprestar <b>essa</b> caneta que está no seu estojo?	<b>Passado ou futuro próximos:</b> <b>Essa</b> noite dormi pouco.	<b>Algo que foi dito antes (próximo):</b> É importante valorizar as pequenas coisas da vida. <b>Isso</b> é fundamental para ser feliz.
3ª pessoa aquele(s), aquela(s), aquilo	<b>Longe de quem fala e ouve:</b> Não tenho mais <b>aquela</b> caneta, já a joguei no lixo.	<b>Passado distante:</b> <b>Aqueles</b> sorrisos da infância não voltam mais.	<b>Algo que foi dito antes (distante):</b> Tudo <b>aquilo</b> que eu disse antes se resume assim: seja feliz no dia a dia.

Observe na imagem ao lado que, nos saquinhos com as sementes, o pronome “esta” foi utilizado no lugar de “essa” para fazer referência a algo que foi dito antes: o nome de diferentes plantas. A mensagem convida-o, de posse desses itens, a cultivar e acompanhar o crescimento das flores, fazendo alusão à vida de forma geral.

Embora a norma-padrão apresente distinção entre o uso dos pronomes demonstrativos de primeira pessoa (este, esta, isto) e os de segunda pessoa (esse, essa, isso), na linguagem coloquial essas diferenças geralmente não são levadas em conta. É comum, portanto, o uso de “este” ou “esse” como sinônimos. A relação espaço-temporal e de localização no texto não é necessariamente considerada no uso prático e informal da língua.

Conhecer essa diferenciação é relevante, já que em situações formais de comunicação a variante padrão geralmente é requisitada. Assim, mais uma vez, é fundamental adequar o uso da língua aos seus interlocutores atentando para o tempo e o espaço da situação comunicativa.



Os pronomes demonstrativos marcam a posição do interlocutor no espaço e no tempo, bem como a localização da informação dentro do texto.

Sentela/Shutterstock.com

## Pronome indefinido

Observe a charge a seguir.



Jean Galvão, Instagram

Pronomes indefinidos são palavras que fazem referências genéricas, pouco precisas.

Na charge, ao dizer “Ninguém me tira daqui”, não é possível saber ao certo, considerando apenas os conhecimentos linguísticos, a quem o interlocutor está se referindo.

Lembre-se, ainda, da fala “você não é todo mundo”, bastante comum entre as mães quando seus filhos afirmam, por exemplo, que na escola “todo mundo compra coxinha na cantina”, com o intuito de convencê-las a deixar que eles também comprem o salgado. Veja que o argumento utilizado é bastante genérico, afinal, quem é “todo mundo”?

Os pronomes indefinidos apresentam formas que podem ou não variar em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural). Observe o quadro a seguir.

Pronomes indefinidos	
Variáveis	Invariáveis
algum(ns), alguma(s), nenhum(ns), nenhuma(s), todo(s), toda(s), outro(s), outra(s), muito(s), muita(s), pouco(s), pouca(s), certo(s), certa(s), tanto(s), tanta(s), quanto(s), quanta(s), um(ns), uma(s), qualquer, quaisquer	alguém, ninguém, tudo, nada, outrem, cada, algo, quem

Os pronomes indefinidos também podem ser utilizados na forma de locuções pronominais. Exemplos: cada um, qualquer um, seja quem for, todo aquele que etc.

Alguns pronomes indefinidos têm seu sentido alterado quando mudam de posição em relação ao substantivo a que fazem referência. Observe:

- Podemos fazer a festa, pois temos **certa quantia** em dinheiro. (quantia indefinida, possivelmente grande)
- Podemos fazer a festa, pois temos a **quantia certa** em dinheiro. (quantia definida para esse gasto)

Além da mudança de sentido decorrente da posição em relação ao substantivo, os pronomes “todo”, “todos”, “toda” e “todas” apresentam outras peculiaridades. Veja alguns exemplos no quadro a seguir.

	Exemplos
“Todos” e “todas”: plural que demarca totalidade.	<b>Todas</b> as mães foram à reunião. Em <b>todos</b> os meses, haverá um almoço especial.
“Todo” e “toda”: singular equivalente a “qualquer”, “cada”.	<b>Todo</b> jovem entende suas responsabilidades. O medo do futuro é natural a <b>todo</b> adolescente.
“Todo o” e “toda a”: singular seguido de artigo (o/a), equivalente a “inteiro”.	<b>Todo o</b> andar está interditado. <b>Toda a</b> família precisa ser imunizada contra a covid-19.
“Substantivo + todo” e “substantivo + toda”: singular e posposto ao substantivo, equivalente a “inteiro”.	O <b>andar todo</b> está interditado. A <b>família toda</b> precisa de imunização contra a covid-19.

Por fim, é importante observar o uso de pronomes indefinidos invariáveis, segundo a norma-padrão, mas que, no uso cotidiano, pode sofrer variação. Veja como isso acontece na manchete a seguir.

### 5 youtubers brasileiros que ensinam *tudinho* sobre música

VIERA, Nathan. *Canaltech*, 21 set. 2020.



O uso do diminutivo “tudinho” evidencia que os *youtubers* ouvidos para a reportagem ensinam em detalhe as músicas. Nesse contexto, ainda que não seja previsto pela norma-padrão da língua, o uso do pronome “tudo” no diminutivo confere um tom de informalidade e proximidade à mensagem que se quer passar.

## Pronomes: interrogativos e relativos



Reprodução

Os pronomes interrogativos são bastante usuais no dia a dia, podendo figurar em perguntas diretas e indiretas.

O título do livro escrito por Graziela Gonçalves, viúva do vocalista da banda Charlie Brown Jr., o músico Chorão (1970-2013), traz um trecho da música “Proibida pra mim”, um dos grandes sucessos do grupo. Na frase da canção, escrita pelo músico para Graziela, até então sua namorada, percebemos o uso do pronome interrogativo “quem”, indicando um apontamento do eu lírico sobre quem, além dele, poderia fazer sua interlocutora feliz.

Situações como essas são bastante comuns em nosso dia a dia, uma vez que constantemente fazemos perguntas. Em nossa língua, elas podem ser introduzidas por palavras como “quem”, “que”, “o que”, “qual” e “quanto”. Essas palavras são chamadas pronomes interrogativos.

Os pronomes interrogativos podem aparecer em enunciados na forma direta ou na forma indireta. Na imagem, vemos uma pergunta direta, que começa com o pronome interrogativo “quem” e é finalizada com um ponto de interrogação. Se essa pergunta fosse feita de forma indireta, começaria com uma palavra de outra classe gramatical (verbo ou advérbio, por exemplo), traria o pronome interrogativo no meio da frase e seria finalizada com um ponto-final. Tomando como base o questionamento apresentado na capa do livro, a pergunta indireta poderia ser feita de duas formas:

Quero saber **quem** vai fazer você feliz se não eu.

Não imagino **quem** vai fazer você feliz se não eu.

Em relação à variação, apenas as formas “qual” e “quanto” variam. Observe o quadro a seguir.

Pronomes interrogativos	
Formas variáveis	Formas invariáveis
qual/quais (variação: singular/plural) quanto/quanta (variação de pessoa) quantos/quantas (variação de número)	quem que (o que)

Observe agora esta outra pergunta.

Qual foi a banda brasileira **que** teve como vocalista o cantor Chorão?

O pronome “que”, nesse caso, não introduz uma pergunta, e sim retoma um termo citado anteriormente, de forma a evitar a repetição do substantivo “banda”. Por evidenciar a relação entre os termos, articulando-os no texto, tais palavras são chamadas pronomes relativos. Alguns desses pronomes também podem sofrer variação, enquanto outros permanecem sem modificação.

Observe:

Pronomes relativos		
Formas invariáveis	quem	Este é o homem com <b>quem</b> me casei. “Quem” retoma uma pessoa ou ser personificado.
	que	Este é o carro de <b>que</b> lhe falei. “Que” retoma uma pessoa ou coisa.
	onde	A cidade <b>onde</b> nasci é linda. “Onde” retoma um lugar físico.
Formas variáveis	o qual, a qual, os quais, as quais	Eis o <i>show</i> de Raquel <b>o qual</b> devemos respeitar. Eis o <i>show</i> de Raquel <b>a qual</b> devemos respeitar. “O qual” substitui o pronome relativo “que”, evitando possíveis problemas de ambiguidade, como ocorre em: Eis o <i>show</i> de Raquel <b>que</b> devemos respeitar. (Devemos respeitar a Raquel? Ou o <i>show</i> dela?)
	cujo, cuja, cujos, cujas	Edith é uma pessoa <b>cujo</b> exemplo quero seguir. “Cujo exemplo” = “exemplo da Edith”. “Cujo” tem valor possessivo e vem sempre acompanhado de um substantivo, com o qual concorda em gênero e número.
	quanto, quanta, quantos, quantas	Tudo <b>quanto</b> eu acredito está aqui. “Quanto” geralmente vem antecedido por “tudo”, “toda(s)”, “todo(s)”, “tanto(s)” ou “tanta(s)”.

### ! Atenção

Segundo a norma-padrão, o pronome relativo “onde” sempre retoma um lugar físico, enquanto o relativo “quem” faz referência unicamente a pessoas. No uso cotidiano, podem ser observadas variantes não padrão, nas quais esses pronomes são usados de outra forma:

Variante não padrão	Variante padrão
Vivi uma relação <b>onde</b> me machuquei. (“relação” não é lugar físico)	Vivi uma relação <b>em que</b> me machuquei. (“em que” pode retomar palavras que não remetem a lugar físico)
Foi a igreja <b>quem</b> solicitou nova verba. (“igreja” não é pessoa)	Foi a igreja <b>que</b> solicitou nova verba. (“que” pode retomar palavras que não remetem a pessoas)

Esteja atento a esses usos para adequar seu enunciado aos diferentes contextos de comunicação.

O conteúdo sobre colocação pronominal, relacionado à posição dos pronomes pessoais oblíquos átonos (“me”, “te”, “se”, “o”, “a”, “nos”, “vos”, “lhe”) em relação ao verbo, será visto posteriormente, no Capítulo 17 do Livro 4.

### 📖 Estabelecendo relações

A Mecânica é uma área da Física que estuda o movimento dos corpos: pessoas, carros, planetas etc. Na língua, a classe gramatical que contribui para estabelecer um movimento no texto é o pronome, pois ele se refere a termos mencionados anteriormente, ajudando o leitor a se lembrar de informações relevantes e evitando repetições desnecessárias, que poderiam deixar o texto cansativo.

## Revisando

- EsSA-MG 2023** No trecho: “A rede pública foi a que mais cresceu em número de matrículas”, a palavra que funciona como adjetivo é:
  - rede
  - pública
  - cresceu
  - mais
  - matrículas
- EEAR-SP 2023** Quanto ao gênero, assinale a alternativa em que **não** há substantivo sobrecomum.
  - Sandy foi um ídolo adolescente dos anos 90.
  - O pianista foi fortemente aplaudido pela plateia.
  - O mundo das celebridades atrai a muitos pelo *glamour*.
  - A pessoa que conhece o bom caminho dificilmente trilhará fora dele.
- Fuvest-SP 2018** Leia o texto.

Um tema frequente em culturas variadas é o do desajuste à ordem divina, a apropriação do fogo pelos mortais. Nos mitos gregos, Prometeu é quem rouba o fogo dos deuses. Diz Vernant que Prometeu representa no Olimpo uma vozinha de contestação, espécie de movimento estudantil de maio de 1968. Zeus decide esconder dos homens o fogo, antes disponível para todos, mortais e imortais, na copa de certas árvores — os freixos — porque Prometeu tentara tapeá-lo numa repartição da carne de um touro entre deuses e homens.

Na mitologia dos Yanomami, o dono do fogo era o jacaré, que cuidadosamente o escondia dos outros, comendo taturanas assadas com sua mulher sapo, sem que ninguém soubesse. Ao resto do povo — animais que naquela época eram gente — eles só davam as taturanas cruas. O jacaré costumava esconder o fogo na boca. Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir e soltar as chamas. Todos fazem coisas engraçadas, mas o jacaré fica firme, no máximo dá um sorrisinho.

Betty Mindlin, O fogo e as chamas dos mitos. **Revista Estudos Avançados**. Adaptado.

- O emprego do diminutivo nas palavras “vozinha” e “sorrisinho”, consideradas no contexto, produz o mesmo efeito de sentido nos dois casos? Justifique.
  - Reescreva o trecho “Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir [...]”. Todos fazem coisas engraçadas”, substituindo o verbo “fazer” por sinônimos adequados ao contexto em duas de suas três ocorrências.
- Qual é a classificação morfológica da palavra “ambas”, em destaque no texto?

### Olimpíada de Tóquio tem abertura oficial nesta sexta-feira

Nesta sexta-feira (23), os olhos de boa parte da população mundial estarão voltados para a cidade de Tóquio. Após o adiamento de um ano por causa da pandemia da covid-19 e ameaças de cancelamento, a 32ª edição da Olimpíada de verão terá a abertura oficial a partir das

8h (horário de Brasília) no Estádio Olímpico de Tóquio (também chamado de Estádio Nacional).

[...]

Os Jogos de Tóquio são a primeira Olimpíada da era moderna a ter um adiamento. Desde 189 (quando foram realizados os Jogos Olímpicos de Atenas), três edições foram canceladas: as Olimpíadas de Berlim em 1916 (que não foi realizada por causa da 1ª Guerra Mundial), as Olimpíadas de Helsinque em 1940 e as Olimpíadas de Londres em 1944 (**ambas** canceladas por causa da 2ª Guerra Mundial).

É a segunda vez que Tóquio recebe os Jogos Olímpicos: a primeira foi em 1964, com 5.151 atletas de 93 países. Um dos momentos mais marcantes daquela edição foi o acendimento da pira olímpica: quem fez as honras foi Yoshinori Sakai, nascido em dia 6 de agosto de 1945, em Hiroshima — no mesmo dia que a bomba atômica devastou a cidade.

MATSUKI, Edgard. Olimpíada de Tóquio tem abertura oficial nesta sexta-feira. *Agência Brasil*, 22 jul. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2021-07/olimpiada-de-toquio-comeca-nesta-sexta-feira-23>. Acesso em: 29 mar. 2023.

- Artigo definido.
  - Artigo indefinido.
  - Numeral cardinal.
  - Numeral multiplicativo.
- O cartaz promocional a seguir faz parte da divulgação de uma série israelense de drama e suspense, lançada em 2017.



Observe que o título da produção, em português, é o pronome de tratamento destinado, em contextos cerimoniais e formais, a autoridades que ocupam cargos de grande importância. Para o tratamento dado a um **cardeal**, assinale a alternativa correta.

- Vossa Santidade.
- Vossa Eminência.
- Vossa Magnificência.
- Vossa Reverência.

6. Observe a imagem a seguir.



Acervo da Casa Civil do Distrito Federal.

No enunciado “Você já fez a **sua** parte hoje?”, o pronome destacado está indicando:

- a) ênfase.
- b) localização.
- c) pessoa.
- d) clareza.
- e) pertencimento.

7. Leia o texto a seguir.

Pronomes relativos

São assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior – o antecedente.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013. p. 356.

Assinale a alternativa em que o uso do pronome em destaque possa ser exemplo da definição de **pronome relativo** proposta por Cunha e Cintra.

- a) Gostaria de perguntar se **alguém** pode me indicar um livro.
- b) **Quem** vai ao show da Gal Costa?
- c) **Todos** sabem que precisamos estudar para passar no vestibular.
- d) A universidade não indicou **ninguém** para o prêmio.
- e) A mulher **cuja** lembrança me dói nem sabe que existo.

8. IFSul-RS 2020

Só o ensino superior salva

Sou do tipo que chora. Batizado, casamento\*, mas principalmente formatura. Como é bonita a chance e

o cumprimento do estudo. Pra todo mundo, universal mesmo. Imagina a oportunidade a quem só poderia se formar em escola pública. De arrepiar. Por isso comemoro aqui o diploma de mais 423 alunos da URCA, a Universidade Regional do Cariri, conforme leio no site “Miséria”, o jornal da minha aldeia universalíssima. A festa foi nesta quinta (08/08) e haja orgulho na gente de pequenas cidades e da roça nos arredores da Chapada do Araripe. São 12,5 mil alunos nesta escola mantida pelo governo cearense.

Sou do tipo que chora com o ensino público e gratuito e a chance para quem vem lá do mato. Na formatura da URCA, haja primos, pense num povo metido, né, ave palavra, que orgulho enquadrado na parede. Pense numa “balbúrdia”, esse povo “lá de nós”, como na bendita linguagem caririense, formada em Artes Visuais, Biologia, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Direito, Enfermagem, Educação Física, Engenharia de Produção, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Teatro e Tecnologia da Construção Civil. Pense!

E mais orgulhosamente ainda vos digo: a URCA, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), viva o gênio Anísio Teixeira, tem a menor taxa de evasão universitária do Brasil, apenas 4,47%. Como a turma dá valor ao candeeiro iluminista sertões adentro. Choro um Orós inteiro e ainda derramo minhas lágrimas no Jaguaribe, rio que constava nos meus livros didáticos como o “rio mais seco do mundo”. Desculpa aí, hoje só venho com as grandezas.

Hoje, se eu pudesse, faria você também refletir com um discurso na linha do David Foster Wallace (1962-2008). Aquela sua fala como paraninfo de uma turma de formandos americanos do Kenyon College, em 2005, Gambier, Ohio. Ele escreveu uma singularríssima fábula sobre – repare só! – dois peixinhos e a água. Recomendo a leitura. O texto está no livro *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo* (Companhia das Letras).

De Ohio ao Cariri. Além da URCA, em 2013 conquistamos (nada é de graça) a UFCA, a brava Universidade Federal do Cariri. Era um facho, uma fogueira, era um candeeiro, era uma lamparina, era uma luminária a gás butano, fez-se a luz, *pardón* matriz iluminista, perdão Paris, mas o mundo e o futuro será de um certo Cariri que pejeja, aprende a preservar e estuda, somos a própria ideia viva de Patrimônio Universal da Humanidade, só falta o referendo da Unesco – escuto os mestres do Reizado ao fundo, que batuque afro-indígena-futurista.

Só deixo o meu Cariri, no último pau-de-arara. Qual o quê, corri léguas rodoviárias, rumo ao Recife, a bordo da viação Princesa do Agreste, ainda no comecinho dos anos 1980. Espírito *beatnik*, por desejo e necessidade, deixei Juazeiro – onde morava –, o Crato de nascença, a Santana (Sítio das Cobras) afetiva de infância e a Nova Olinda das primeiras letras. Seria o primeiro representante do clã (risos rurais amarcodianos) dos Sá-Menezes-Freire-Novais, família meio pernambucana meio cearense, a chegar ao ensino superior. Um Xicobrás, diria, 100% escolha pública, do primário ao campus da UFPE. Hoje tenho uma penca de primos a cada nova formatura, sem precisar sequer sair dos arredores de casa.



65 E pensar que não havia a ideia de universidade no meu terreiro. Nada disso do que hoje comemoro com os formandos da URCA e UFCA. [...].

Só nos resta defender [...]. Sem sequer o direito ao VAR (olho no lance) da história. jmmmmmmmmmmkkklll I çñçççlllçlxsp. Eita, desculpa, caro leitor, pela  
70 incompreensão da escrita, é que minha filha Irene invadiu esta crônica — tentando ver a Pepa Pig — e dedilhou involuntariamente estas mal-traçadas linhas. [...]

Texto adaptado de Xico Sá, publicado em 10 ago. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/10/opinion/1565450440\\_001442.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/10/opinion/1565450440_001442.html). Acesso em: 14 ago. 2019.

\*Os termos sublinhados neste texto representam *hyperlinks* no texto original publicado no sítio eletrônico do jornal El País. Conforme o dicionário Michaelis, *hyperlink* é, “no contexto da hipermídia e do hipertexto, endereço que aparece em destaque (geralmente sublinhado ou apresentado em uma cor diferente) e que, a um clique no *mouse*, permite a conexão com outro *site*”. Quanto à presença de pronomes no texto, é correto afirmar que

- a) vos (linha 23) é pronome pessoal oblíquo e complementa o sentido do verbo dizer.
- b) esse (linha 17) é pronome possessivo e retoma a população da região do Cariri.
- c) que (linha 29) é pronome interrogativo e faz referência a livros didáticos.
- d) tudo (linha 40) é pronome relativo e se refere ao livro de David Foster Wallace.

9. **Famerp-SP 2020** Considere a tirinha Garfield, de Jim Davis.



(www.folha.uol.com)

O pronome “este”, no terceiro quadrinho,

- a) refere-se ao presente do personagem, em que não há diversão.
- b) retoma o sentido das palavras “o mundo”.
- c) refere-se ao período em que o mundo diverte o personagem.
- d) aponta para um momento em que o desejo do personagem se realizaria.
- e) retoma o sentido da frase “o mundo existe para me divertir”.

## Exercícios propostos

Leia o poema “O pastor pianista”, de Murilo Mendes, para responder às questões **1** e **2**.

Soltaram os pianos na planície deserta  
Onde as sombras dos pássaros vêm beber.  
Eu sou o pastor pianista,  
Vejo ao longe com alegria meus pianos  
Recortarem os vultos monumentais  
Contra a lua.

Acompanhado pelas rosas migradoras  
Apascento os pianos: gritam  
E transmitem o antigo clamor do homem

Que reclamando a contemplação,  
Sonha e provoca a harmonia,  
Trabalha mesmo à força,  
E pelo vento nas folhagens,  
Pelos planetas, pelo andar das mulheres,  
Pelo amor e seus contrastes,  
Comunica-se com os deuses.

(Antologia poética, 2014.)

**apascentar:** vigiar no pasto; pastorear.

1. **FMABC-SP 2021** Verifica-se um verbo empregado como substantivo no seguinte verso:

- a) “Recortarem os vultos monumentais” (1ª estrofe)
- b) “Apascento os pianos: gritam” (2ª estrofe)
- c) “Soltaram os pianos na planície deserta” (1ª estrofe)
- d) “Sonha e provoca a harmonia,” (3ª estrofe)
- e) “Pelos planetas, pelo andar das mulheres,” (3ª estrofe)

2. **FMABC-SP 2021** Em “Comunica-se com os deuses” (último verso), o termo sublinhado refere-se a

- a) “clamor”.
- b) “amor”.
- c) “homem”.
- d) “deuses”
- e) “contrastes”.

3. Analise as afirmativas.

- I. O plural do substantivo pé de moleque é pés de moleque.
- II. O plural do substantivo beija-flor é beija-flores.
- III. O plural do substantivo obra-prima é obras-primas.
- IV. O plural do substantivo navio-escola é navios-escolas.

Estão corretas as alternativas:

- a) I, II e IV
- b) II, III e IV
- c) I, II e III
- d) I, III e IV
- e) III e IV

#### 4. Leia a tirinha.



A função dos adjetivos é modificar o nome, caracterizar ou delimitar o substantivo. Analise as afirmativas e assinale a alternativa correta.

- No primeiro quadrinho, aparecem os adjetivos “esbelto”, “bonito”, “espirituoso” e “marido”. Eles resultam da intensificação progressiva de seus significados.
- Os adjetivos “esbelto”, “bonito” e “espirituoso” modificam o nome “marido”.
- Os adjetivos “esbelto”, “bonito”, “espirituoso” estão no grau superlativo relativo.
- Não há adjetivos na tirinha.

#### 5. IFPR 2020

##### As cores para meninas e para meninos – e o estereótipo por trás disso

Desde sempre estamos acostumados a ver bebês e crianças do gênero feminino usando a cor rosa em predominância, e os meninos o azul (ou verde, ou amarelo, ou laranja... menos o rosa!). Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos mostrou que não existe qualquer evidência que confirme a preferência das crianças de cada gênero por essas cores. Várias crianças de ambos os sexos com idades que variavam dos 7 meses de idade até os 5 anos foram testadas quanto à preferência das cores.

Os resultados apontaram que até os 2 anos, as meninas escolhiam objetos e brinquedos das cores mais variadas, não tinham preferência pela cor rosa. Os meninos até os dois anos e meio também seguiam a mesma tendência, optando inclusive por brinquedos na cor rosa.

(Disponível em: <https://www.wemystic.com.br/artigos/cores-egenerosapara-meninas-azul-para-meninos-por-que/>, acessado em 08/07/2019)

Ao se ler o texto acima, verifica-se a utilização do plural para se referir às cores. Pensando nisso, marque a alternativa em que há a correta concordância dos adjetivos.

- Meninas escolhiam vestidos rosas e meninos calças azuis.
- Meninas escolhiam objetos e brinquedos rosa e meninos calças azuis.
- Meninas escolhiam vestidos das cores rosas e meninos calças com cores azuis.
- Meninas escolhiam objetos e brinquedos da cor de rosas e meninos calças azul.

#### 6. Leia o texto a seguir.

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto que o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira

é que **eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor**, para quem a campa foi outro berço; o segundo é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1992.

Essa é a abertura de um dos famosos romances de Machado de Assis. Leia com atenção o trecho em destaque e observe que o autor utiliza “autor defunto” e “defunto autor”. Explique o sentido das palavras autor e defunto nas duas construções e as classifique morfológicamente.

#### 7. Fuvest-SP 2020

##### amora

a palavra amora  
seria talvez menos doce  
e um pouco menos vermelha  
se não trouxesse em seu corpo  
(como um velado esplendor)  
a memória da palavra amor

a palavra amargo  
seria talvez mais doce  
e um pouco menos acerba  
se não trouxesse em seu corpo  
(como uma sombra a espreitar)  
a memória da palavra amor

Marco Catalão, *Sob a face neutra*.

É correto afirmar que o poema

- aborda o tema da memória, considerada uma faculdade que torna o ser humano menos amargo e sombrio.
- enfoca a hesitação do eu lírico diante das palavras, o que vem expresso pela repetição da palavra “talvez”.
- apresenta natureza romântica, sendo as palavras “amora” e “amargo” metáforas do sentimento amoroso.
- possui reiterações sonoras que resultam em uma tensão inusitada entre os termos “amor” e “amar”.
- ressalta os significados das palavras tal como se verificam no seu uso mais corrente.

#### 8. Analise a charge apresentada.



Jean Galvão, Instagram

Ao ler essa placa, parte do enunciado nos chama a atenção: “e outros melhores que este”. O uso do adjetivo “melhores”, no texto, em vez de ajudar na venda, acaba atrapalhando. A afirmativa é falsa ou verdadeira? Justifique sua resposta.

9. Observe a tirinha a seguir e responda ao que se pede.



É correto afirmar que:

- o emprego de um artigo definido em “um chocolate” não modifica o sentido geral do texto.
- o emprego do artigo definido em “o trabalho” indica que esse lugar é desconhecido.
- o único artigo de emprego correto nessa frase é o de “um chocolate”.
- o emprego do artigo definido em “o trabalho” está errado.
- o emprego do artigo definido em “o trabalho” determina o nome trabalho.

10. **UFJF/Pism-MG 2019** A terceira parte de *Um livro de instruções e desenhos de Yoko Ono*, da artista plástica, compositora e escritora Yoko Ono (Tóquio, 1933-), é intitulada “Evento”. Nele, Yoko Ono fornece “instruções” para que seus leitores produzam eventos.

**Evento do cheiro I**

Envie o cheiro da Lua.

**Evento do cheiro II**

Envie um cheiro para a Lua.

(ONO, Yoko. *Grapefruit – A Book of Instruction and Drawings* by Yoko Ono. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2000[1964].).

No texto, o Evento I tem um “cheiro” determinado, em contraposição ao Evento II. Sobre tal fato podemos dizer que:

- Sintaticamente isso é visível pela troca de preposições.
- O elemento que complementa o nome “cheiro” é “da”.
- O cheiro determinado deve ser enviado para a Lua.
- Semanticamente, o “cheiro” do Evento I é indeterminado.
- A determinação está representada pelo artigo definido.

11. **EsSA-MG 2021** Observe o enunciado abaixo:



De acordo com o texto, analise as afirmações abaixo:

- “O” é um artigo definido e seu valor semântico é de notoriedade.
- “O” é um artigo indefinido e seu valor semântico é de generalização.
- “Ele” é um pronome e o termo “é” é um verbo não nocional.
- A expressão o “cara” é característica da linguagem informal.

Quais estão corretas?

- Apenas I, III e IV.
- Apenas III e IV.
- I, II, III e IV.
- Apenas II e III.
- Apenas I e IV.

12. **Unesp 2021** Para responder à questão, leia a letra da canção “Bom conselho”, de Chico Buarque, composta em 1972.

Ouça um bom conselho  
Que eu lhe dou de graça  
Inútil dormir que a dor não passa  
Espere sentado  
Ou você se cansa  
Está provado:  
Quem espera nunca alcança

Venha, meu amigo  
Deixe esse regaço  
Brinque com meu fogo  
Venha se queimar  
Faça como eu digo  
Faça como eu faço  
Aja duas vezes antes de pensar

Corro atrás do tempo  
Vim de não sei onde  
Devagar é que não se vai longe  
Eu semeio vento na minha cidade  
Vou pra rua e bebo a tempestade

(www.chicobuarque.com.br)

Observa-se rima entre palavras de classes gramaticais diferentes em

- “graça”/“passa” (1ª estrofe) e “regaço”/“faço” (2ª estrofe).
- “regaço”/“faço” (2ª estrofe) e “onde”/“longe” (3ª estrofe).
- “onde”/“longe” (3ª estrofe) e “cidade”/“tempestade” (3ª estrofe).
- “sentado”/“provado” (1ª estrofe) e “cansa”/“alcança” (1ª estrofe).
- “cansa”/“alcança” (1ª estrofe) e “graça”/“passa” (1ª estrofe).

13. **IFRS 2016 (Adapt.)** Na oração “O vigésimo-primeiro andar é o mais alto daquele prédio”, levando-se em consideração a função morfológica que desempenha, a palavra destacada em *itálico* é um

- verbo.
- advérbio.
- numeral.
- substantivo.
- adjetivo.

14. **UFC-CE** Assinale a alternativa em que o adjetivo sublinhado tem valor de substantivo.
- Eles são críticos azedos do mundo.
  - Quem não sofre com os inevitáveis atritos.
  - Uma certidão que poderia enganar os estranhos.
  - O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida.
  - Eles envelhecem com uma infelicidade crua.

15. **Uefs-BA**



APAIXONE-SE pela língua... Disponível em: <<http://filipevargas.wordpress.com/>>. Acesso em: 30 maio 2011.

A frase “A história do homem que superou todas as dificuldades e se tornou um ícone da língua portuguesa.”, inserida no contexto do anúncio publicitário, permite, como verdadeira, a seguinte análise:

- “do homem” tem o mesmo valor morfológico do termo “da língua portuguesa” e, no contexto, faz referência ao nome “Machado de Assis”.
- “que superou todas as dificuldades” completa o sentido do nome “homem”, apresentando uma qualidade de Machado de Assis.
- “todas as dificuldades” funciona como atributo de “homem”, em referência a “Machado de Assis”.
- “se”, por ser expletivo, pode ser retirado da estrutura frasal sem comprometimento semântico.
- “tornou” funciona como elemento de ligação e retoma, no contexto, a palavra “história”.

16. Leia o título do artigo de opinião a seguir.

**Para aproveitar intercâmbio, o jovem tem que saber tomar decisões sem pais**

SAYÃO, Rosely. Para aproveitar intercâmbio, o jovem tem que saber tomar decisões sem pais. *Folha de S.Paulo*, 4 jul. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2017/07/1898246-para-aproveitar-intercambio-o-jovem-tem-que-saber-tomar-decisoes-sem-pais.shtml>. Acesso em: 29 mar. 2023.

A palavra “jovem” tem função de substantivo no texto.

- Qual é a palavra que confirma a substantivação de “jovem” nesse trecho?
- Que alteração deveria ser realizada no enunciado para que essa mesma palavra tivesse a função de adjetivo?

17. **UEM-PR 2021**  
**TEXTO**

**Mineração e garimpo disputam área maior do que a Bélgica dentro da Terra Indígena Yanomami**

Naira Hofmeister / Pedro Papini

Tiros de fuzil, bombas de gás, ameaças. Indígenas da terra Yanomami, um imenso território no coração da Amazônia, passaram o último mês sob ataque de garimpeiros. Desde 10 de maio, quando sete embarcações abriam fogo contra dezenas de indígenas sentados à beira do rio Uraricoera, nenhuma semana se passou sem que novas ameaças fossem registradas. A mais recente foi em 17 de junho, quando garimpeiros afundaram uma canoa com crianças a bordo, que precisaram nadar para se salvar do ataque.

Informações coletadas pela Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada (RAISG), dão conta de 43 pontos de garimpo ativos no rio Uraricoera, que nasce perto da fronteira com a Venezuela e chega quase até Boa Vista, capital de Roraima, tendo a aldeia de Palimiú como uma espécie de centro geográfico. A comunidade se transformou no epicentro da guerra com o garimpo ilegal depois que seus habitantes decidiram interceptar a rota fluvial de abastecimento dos acampamentos.

Agora, dados do Amazônia Minada, projeto do Info-Amazonia que monitora requerimentos de mineração em áreas protegidas da Amazônia, revelam uma outra camada desse conflito. A Terra Indígena (TI) Yanomami, um vasto território de quase 10 milhões de hectares divididos entre Amazonas e Roraima, é a terra indígena brasileira com maior área formalmente requisitada para mineração. São cerca de 3,3 milhões de hectares (34,3% da área total da TI) requeridos para extração mineral em 500 pedidos registrados na Agência Nacional de Mineração (ANM) – uma extensão territorial maior do que a Bélgica (3 mi ha) ou que o estado de Alagoas (2,7 mi ha) em disputa com mineradores. Quase um terço de todos esses pedidos registrados buscam por ouro. [...]

São solicitações que não podem prosperar porque ainda não há no Brasil uma lei que autorize a exploração mineral em terras indígenas. Apesar disso, elas permanecem intocadas, na expectativa de uma mudança legislativa, que cresceu com a chegada de Jair Bolsonaro ao Palácio do Planalto em 2019.

“O presidente já falou que iria lutar pela liberação da mineração nos territórios demarcados. Ele também apoia o garimpo, por isso que os garimpeiros têm avião, combustível, maquinários, armas muito pesadas”, critica Dário Kopenawa Yanomami, vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami, que representa publicamente a etnia em ações judiciais ou no contato direto com órgãos públicos, por exemplo. [...]



### Garimpo e mineração, heranças da ditadura

A intensidade dos ataques neste último mês exige dos Yanomami uma mobilização especial. Sem medidas efetivas das autoridades, os indígenas decidiram monitorar seu território por conta própria, para prevenir novas investidas. “Nosso povo sabe se proteger em uma guerra e agora é isso que estamos fazendo. Sabemos onde o inimigo está”, revela a liderança. No último dia 14, o Ministério da Justiça autorizou o uso da Força Nacional para conter o conflito na região, mas até a conclusão desta reportagem nenhuma ação havia sido tomada.

A experiência desses indígenas na guerra contra o garimpo, entretanto, é longa. Começou nos anos 1970, quando a ditadura militar lançou o primeiro mapeamento mineral da região, o projeto Radam, que em pouco tempo atraiu pelo menos 500 garimpeiros para o território, ainda não reconhecido formalmente pelo país como terra indígena (o que só veio a acontecer em 1992). No auge dessa corrida pelas riquezas do subsolo, a região chegou a ter 40 000 garimpeiros — quase o dobro da população indígena atual. “Isso é um problema antigo, na década de 80, quando eu era criança, quem enfrentava os 40 000 garimpeiros que estavam aqui era o meu pai”, recorda Dário, herdeiro de Davi Kopenawa, xamã e porta-voz desse povo por décadas.

Foi esse mapeamento mineral promovido pela ditadura que despertou a cobiça pelo subsolo amazônico. Mais tarde, em 1986, uma pista de pouso aberta pelo Ministério da Aeronáutica foi o elemento que faltava para o boom de ilegalidades na área — ela fornecia acesso direto a 50 garimpos no interior da floresta, segundo registra o geógrafo Estevão Senra em sua tese de doutorado, defendida em janeiro na Universidade Nacional de Brasília (UnB). Senra é consultor da Hutukara e monitora as áreas abertas pelo garimpo na TI. [...]

Agora, essa visão está mais viva do que nunca no discurso de Bolsonaro. Uma visita recente do presidente ao Amazonas marcou sua primeira incursão em uma terra indígena brasileira — mas foi interpretada como ato de apoio aos ilegais, embora na ocasião Bolsonaro tenha prometido respeitar a vontade dos indígenas sobre a exploração econômica de seus territórios. Além disso, a recente nomeação do militar da reserva Leandro Silva Peixoto da Costa como coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental Yanomami Ye’Kuana da Funai reacende a memória de um passado que os Yanomami não querem esquecer, mas lutam para superar.

“Nossos territórios foram invadidos pela ditadura militar e hoje isso tudo está se repetindo”, lamenta Kopenawa. “A estratégia de Bolsonaro é a mesma de governos passados, é a lógica do pensamento do europeu que chegou, tomou a terra, extraiu minérios. Isso infelizmente continua”, conclui. [...]

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-06-22/mineracao-e-garimpo-disputam-area-maior-do-que-a-belgica-dentro-da-terra-indigena-yanomami.html>. Acesso em 13/10/2021.

Assinale o que for correto.

01 Em “Tiros de fuzil, bombas de gás, ameaças.” (linha 1), há um trecho marcado pela ausência de verbos, com expressões nominais cujos núcleos são substantivos.

- 02 Expressões quantitativas como “terço” (linha 32), “primeiro” (linha 61) e “dobro” (linha 67) classificam-se como numerais cardinais.
- 04 Em “uma extensão territorial maior do que a Bélgica” (linha 30), o elemento “maior” corresponde ao grau comparativo de superioridade do adjetivo *mau*.
- 08 Em “os Yanomami” (linha 93), a marcação de pluralidade aparece unicamente no artigo definido, visto que o substantivo “Yanomami” não apresenta em sua estrutura morfológica o morfema de plural -s.
- 16 O item lexical “que” (linha 21) é pronome relativo invariável, por isso não sofre flexão, ao contrário do seu equivalente *o qual*, que apresenta forma variável de gênero e número.

Soma:

18. Uece 2022 Leia o texto a seguir.

### Momento

Adélia Prado

Enquanto eu fiquei alegre,  
permaneceram um bule azul com um  
descascado no bico,  
uma garrafa de pimenta pelo meio,  
5 um latido e um céu límpidíssimo  
com recém-feitas estrelas.  
Resistiram nos seus lugares, em seus ofícios,  
constituindo o mundo pra mim, anteparo  
para o que foi um acometimento:  
10 súbito é bom ter um corpo pra ir  
e sacudir a cabeça. A vida é mais tempo  
alegre do que triste. Melhor é ser.

PRADO, Adélia. In: *A Bagagem*. Rio de Janeiro: Record, 2014 [1979], p.54.

Sobre a palavra “lípidíssimo” (linha 5), é correto afirmar que está escrita no grau superlativo absoluto

- a) analítico do adjetivo límpido.  
b) sintético do adjetivo limpo.  
c) analítico do adjetivo limpo.  
d) sintético do adjetivo límpido.



Leia a notícia para responder às questões 19 e 20.

### Jovem corta “black power” e arrecada dinheiro para crianças com câncer



Gregg Gelmis/AP Photo/Imageplus

FRENTE 1

Um jovem de 17 anos em Huntsville, Alabama, arrecadou mais de 39 mil dólares, mais de 200 mil reais, para crianças com câncer cortando seu cabelo “black power”.

Kieran Moïse diz que passou seis anos deixando seu cabelo crescer para doá-lo para instituições de caridade.

“Agora é a hora de cortar e arrecadar mil dólares por centímetro para o Hospital St. Jude – que trata crianças com câncer”, disse o rapaz, que acabou levantando mais do que a meta prevista.

[...]

FASSINA, Andréa. *Só Notícia Boa*, 8 jul. 2021. Disponível em <https://www.sonoticiaboa.com.br/2021/07/08/jovem-corta-black-power-arrecada-dinheiro-criancas-cancer>. Acesso em: 29 mar. 2023.

19. Analise as afirmações:

- I. O pronome “seu”, no trecho “cortando seu cabelo” remete a algo dito antes.
- II. O pronome “lo”, no trecho “para doá-lo”, refere-se à palavra “dólares”.
- III. O pronome “que” no trecho “que acabou levantando”, retoma a palavra “jovem”.

É correto o que se afirma em:

- a) I e II.                      c) I e III.                      e) III, apenas.  
b) II e III.                    d) I, apenas.

20. No trecho “Agora é a hora de cortar e arrecadar mil dólares por centímetro para o Hospital St. Jude – que trata crianças com câncer”, o pronome “que” pode ser classificado como um pronome relativo? Justifique sua resposta.

21. **Unifor-CE 2023**

### Hora Universal

No início, até mesmo os relógios mecânicos eram acertados pelo tempo fornecido pelos relógios de Sol. A hora comum, no entanto, aquela usada em nosso cotidiano, não se baseia inteiramente no Sol. A velocidade da Terra em seu movimento de translação não é constante, e por isso a duração dos dias solares é desigual.

[...] Apenas por praticidade, começamos a contar o dia solar médio quando o Sol médio atinge a chamada culminação inferior. Em outras palavras, quando é meia-noite.

### Progresso e hora certa

Mas, afinal, a diferença entre o tempo solar verdadeiro e aquele produzido pelo Sol médio não passa de 17 minutos. Uma defasagem que foi imperceptível para o dia a dia da humanidade durante muitos séculos. Até que, nas primeiras décadas do século XIX, surgiram as estradas de ferro.

[...]

[...] E para resolver (parcialmente) o problema dos horários surgiram as horas nacionais. Porém, cada país tinha a sua – e isso não ajudava muito. Era preciso uma padronização. Foi a Inglaterra o primeiro país a adotá-la (embora Estados Unidos e Canadá disputem até hoje essa primazia). Mas não foi nada fácil. Política, religião e orgulho nacional puseram de lado argumentos científicos, numa disputa que envolveu até mesmo o Brasil.

Costa, J. R. V. *Hora Universal. Astronomia no Zênite*, maio 2005. Disponível em <https://www.zenite.nu/hora-universal>. Acesso em: 10 out. 2022.

Em “Foi a Inglaterra o primeiro país a adotá-la”, o pronome destacado refere-se

- a) à hora comum.
- b) à velocidade da Terra.
- c) a uma defasagem que foi imperceptível para o dia a dia da humanidade.
- d) a uma padronização dos horários.
- e) à diferença entre o tempo solar verdadeiro e aquele produzido pelo Sol médio.

22. Relacione os cargos com as formas de tratamento indicadas.

- |                         |            |
|-------------------------|------------|
| 1. Vossa Alteza         | ■ Papa     |
| 2. Vossa Magnificência  | ■ Príncipe |
| 3. Vossa Senhoria       | ■ Coronel  |
| 4. Vossa Reverendíssima | ■ Reitor   |
| 5. Vossa Santidade      | ■ Cônego   |

Indique a opção que mostra a relação correta, segundo a ordem apresentada.

- a) 5, 2, 4, 1 e 3.
- b) 4, 1, 2, 3 e 5.
- c) 5, 3, 2, 1 e 4.
- d) 5, 1, 3, 2 e 4.
- e) 4, 2, 3, 1 e 5.

23. **IFPR 2020** Texto de referência para a questão.

### Objetivos dos fios de sustentação

Os fios de sustentação podem ser colocados em diferentes níveis do rosto e do corpo para tratar a pele flácida. (1)**Eles** permitem reapertar a pele e, assim, rejuvenescer as características sem cirurgia.

(2)**Esse** procedimento tem resultados expressivos, podendo dar uma aparência mais jovem para a pessoa que o realiza.

Nem todas as pessoas podem realizar o tratamento, como por exemplo, (3)**aquelas** com a pele fina, muito relaxada ou enrugada. Isso acontece geralmente nas pessoas com a idade muito avançada, (4)**onde** o procedimento seria muito agressivo.

(Disponível em: <https://www.cirurgia.net/fios-de-sustentacao>, acessado em 08/07/2019.)

Os pronomes e advérbios são elementos textuais utilizados para promover a coesão do texto. Entre os elementos numerados e em negrito no texto, assinale aquele que apresenta um uso indevido.

- a) (1)Eles
- b) (2)Esse
- c) (3)aquelas
- d) (4)onde

24. **Unesp 2022** Leia o trecho do drama *Macário*, de Álvares de Azevedo.

MACÁRIO (*chega à janela*): Ó mulher da casa! olá! ó de casa!

UMA VOZ (*de fora*): Senhor!

MACÁRIO: Desate a mala de meu burro e tragam-ma aqui...

A VOZ: O burro?

MACÁRIO: A mala, burro!  
 A VOZ: A mala com o burro?  
 MACÁRIO: Amarra a mala nas tuas costas e amarra o burro na cerca.  
 A VOZ: O senhor é o moço que chegou primeiro?  
 MACÁRIO: Sim. Mas vai ver o burro.  
 A VOZ: Um moço que parece estudante?  
 MACÁRIO: Sim. Mas anda com a mala.  
 A VOZ: Mas como hei de ir buscar a mala? Quer que vá a pé?  
 MACÁRIO: Esse diabo é doido! Vai a pé, ou monta numa vassoura como tua mãe!  
 A VOZ: Descanse, moço. O burro há de aparecer. Quando madrugar iremos procurar.  
 OUTRA VOZ: Havia de ir pelo caminho do Nhô Quito. Eu conheço o burro...  
 MACÁRIO: E minha mala?  
 A VOZ: Não vê? Está chovendo a potes!...  
 MACÁRIO (*fecha a janela*): Malditos! (*Atira com uma cadeira no chão*)  
 O DESCONHECIDO: Que tendes, companheiro?  
 MACÁRIO: Não vedes? O burro fugiu...  
 O DESCONHECIDO: Não será quebrando cadeiras que o chamareis...  
 MACÁRIO: Porém a raiva...[...]  
 O DESCONHECIDO: A mala não pareceu-me muito cheia. Senti alguma coisa sacolejar dentro. Alguma garrafa de vinho?  
 MACÁRIO: Não! Não! Mil vezes não! Não concebeis, uma perda imensa, irreparável... era o meu cachimbo...  
 O DESCONHECIDO: Fumais?  
 MACÁRIO: Perguntai de que serve o tinteiro sem tinta, a viola sem cordas, o copo sem vinho, a noite sem mulher – não me pergunteis se fumo!  
 O DESCONHECIDO (*dá-lhe um cachimbo*): Eis aí um cachimbo primoroso. [...]  
 MACÁRIO: E vós?  
 O DESCONHECIDO: Não vos importeis comigo. (*Tira outro cachimbo e fuma*)  
 MACÁRIO: Sois um perfeito companheiro de viagem. Vosso nome?  
 O DESCONHECIDO: Perguntei-vos o vosso?  
 MACÁRIO: O caso é que é preciso que eu pergunte primeiro. Pois eu sou um estudante. Vadio ou estudioso, talentoso ou estúpido, pouco importa. Duas palavras só: amo o fumo e odeio o Direito Romano. Amo as mulheres e odeio o romantismo.  
 O DESCONHECIDO: Tocai! Sois um digno rapaz. (*Apertam a mão*)  
 MACÁRIO: Gosto mais de uma garrafa de vinho que de um poema, mais de um beijo que do soneto mais harmonioso. Quanto ao canto dos passarinhos, ao luar sonolento, às noites límpidas, acho isso sumamente insípido. Os passarinhos sabem só uma cantiga. O luar é sempre o mesmo. Esse mundo é monótono a fazer morrer de sono.  
 O DESCONHECIDO: E a poesia?  
 MACÁRIO: Enquanto era a moeda de ouro que corria só pela mão do rico, ia muito bem. Hoje trocou-se em moeda de cobre; não há mendigo, nem caixeiro de taverna que não tenha esse vintém **azinhavrado**. Entendeis-me?

O DESCONHECIDO: Entendo. A poesia, de popular tornou-se vulgar e comum. Antigamente faziam-na para o povo; hoje o povo fá-la... para ninguém...

(Álvares de Azevedo. *Macário/Noite na taverna*, 2002.)

**azinhavrado:** coberto de azinhavre (camada de cor verde que se forma na superfície dos objetos de cobre ou latão, resultante da corrosão destes quando expostos ao ar úmido).

Retoma um termo mencionado anteriormente no texto a palavra sublinhada em:

- “O DESCONHECIDO: Não será quebrando cadeiras que o chamareis...”
- “A VOZ: Não vê? Está chovendo a potes!...”
- “A VOZ: Mas como hei de ir buscar a mala? Quer que vá a pé?”
- “MACÁRIO: Esse mundo é monótono a fazer morrer de sono.”
- “O DESCONHECIDO: Perguntei-vos o vosso?”

**25. FMABC-SP 2022** Leia a crônica “Enquanto os mineiros jogavam”, de Carlos Drummond de Andrade.

Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde; o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção.

Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrióticos, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do *center-half* investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação.

Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de visão, deixa-me frio e silencioso.



Os meus patrícios, porém, rasgaram-se anteontem de gozo, imaginando os tiros de Nariz, e sentiram na espinha o frio clássico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se no joelho, deixara o combate. Alguns pensaram em comprar iodo para o herói e outros gritavam para Carazzo que não chutasse fora. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: “O senhor está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada.” Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fugi.

(Carlos Drummond de Andrade. *Quando é dia de futebol*, 2014.)

No último parágrafo, o pronome “o” refere-se a

- herói.
- combate.
- jogo.
- juiz.
- senhor.

- 26. Fuvest-SP** Não era e não podia o pequeno reino lusitano ser uma potência colonizadora à feição da antiga Grécia. O surto marítimo que enche sua história do século XV não resultada do extravasamento de nenhum excesso de população, mas fora apenas provocado por uma burguesia comercial sedenta de lucros, e que não encontrava no reduzido território pátrio satisfação à sua desmedida ambição. A ascensão do fundador da Casa de Avis ao trono português trouxe esta burguesia para um primeiro plano. Fora ela quem, para se livrar da ameaça castelhana e do poder da nobreza, representado pela Rainha Leonor Teles, cingira o Mestre de Avis com a coroa lusitana. Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções. Esgotadas as possibilidades do reino com as pródigas dádivas reais, restou apenas o recurso da expansão externa para contentar os insaciáveis companheiros de D. João I.

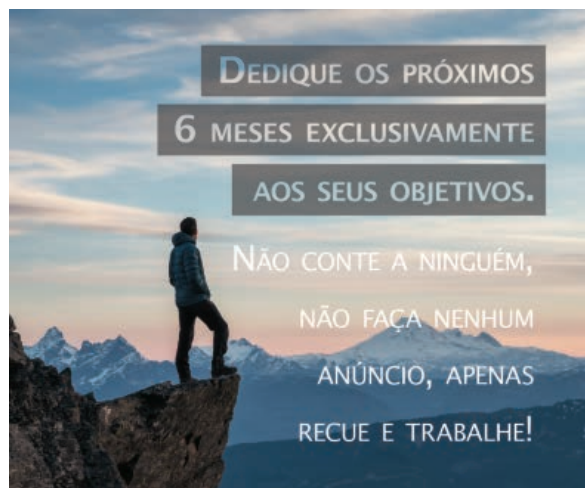
Caio Prado Júnior, *Evolução política do Brasil*. Adaptado.

O pronome “ela” da frase “Era ela, portanto, quem devia merecer do novo rei o melhor das suas atenções” refere-se a

- “desmedida ambição”.
- “Casa de Avis”.
- “esta burguesia”.
- “ameaça castelhana”.
- “Rainha Leonor Teles”.

- 27. Famerp-SP 2022** Considere o trecho: Pode-se afirmar que as trilhas \_\_\_\_\_ o país percorreu são fruto de um conhecimento milenar. A lacuna da frase é preenchida, com correção gramatical, por
- onde.
  - das quais.
  - que.
  - às quais.
  - o qual.

- 28.** Analise a imagem a seguir.



EB Adventure Photography/Shutterstock.com

No texto, há dois pronomes indefinidos. Quais são e qual é a relevância deles no texto?

- 29.** Observe os enunciados a seguir.

- Alguém acertou todas as questões da prova?
- A ninguém é permitido se apossar de algo pertencente a outrem, sob pena de punição legal.
- Algo parecido teria sido feito no Japão.

Indique em que enunciados foram utilizados corretamente os pronomes indefinidos.

- No item I, apenas.
- Nos itens II e III, apenas.
- Nos itens I e II, apenas.
- Nos itens I, II e III.

- 30.** Observe a tirinha e responda às questões.



Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1986 Watterson/Dist. by Andrews McMeel Syndication



- a) Identifique o pronome pessoal usado na tirinha. A quem ele se refere?
- b) Explique o emprego do pronome demonstrativo “isso” na fala da mãe do Calvin no segundo quadrinho.
- c) No terceiro quadrinho, identifique um pronome possessivo.

31. Observe a charge a seguir.



No enunciado “**Que** país é este?”, a palavra destacada é:

- a) pronome interrogativo.
- b) pronome demonstrativo.
- c) pronome indefinido.
- d) pronome possessivo.

32. Leia a tirinha.



Em “Quem vai poder ter alta, dr.?” há um pronome:

- a) indefinido.
- b) demonstrativo.
- c) possessivo.
- d) interrogativo.

33. **UFC-CE** Leio e releio o poema de Álvaro de Campos. Oscilo. Não sei se devo acreditar ou duvidar. Se acredito, duvido. Duvido porque acredito. Pois foi ele mesmo quem disse – ou melhor, o seu outro, o Fernando Pessoa – que ele era um fingidor. “Todas as cartas de amor são ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas...”

Tenho no meu escritório a reprodução de uma das telas mais delicadas que conheço, “A mulher de pé”, de Johannes Vermeer (1632-1675). Uma mulher, de pé, lê uma carta. O seu rosto está iluminado pela luz da janela. Seus olhos leem o que está escrito naquela folha de papel que suas mãos seguram, a boca ligeiramente entreaberta,

quase num sorriso. De tão absorta, ela nem se dá conta da cadeira, ao seu lado. Lê de pé. Penso ser capaz de reconstituir os momentos que antecedem este que o pintor fixou. Pancadas na porta interromperam as rotinas domésticas que a ocupavam. Ela vai abrir e lá estava o carteiro, com uma carta na mão. Pela simples leitura do seu nome, no envelope, ela identifica o remetente. Ela toma a carta e, com este gesto, toca uma mão não muito distante. Para isto se escrevem as cartas de amor. Não para dar notícias, não para contar nada, não para repetir as coisas por demais sabidas, mas para que mãos separadas se toquem, ao tocarem a mesma folha de papel. [...]

Volto ao Álvaro de Campos. Será esta a razão do ridículo das cartas de amor – o descompasso entre o que elas dizem e aquilo que elas realmente querem fazer? Pois o propósito explícito de uma carta é dar notícias, e é por isto que elas são feitas de palavras. Mas o que elas realmente desejam realizar está sempre antes e depois da palavra escrita: elas querem realizar aquilo que a separação proíbe: o abraço. Quem quer que tente entender uma carta de amor pela análise da escritura estará sempre fora de lugar, pois o que ela contém é o que não está ali, o que está ausente. Qualquer carta de amor, não importa o que se encontre nela escrito, só fala do desejo, a dor da ausência, a nostalgia pelo reencontro.

Aquela carta fez tudo parar. A mulher fecha a porta e caminha pela casa sem nada ver, buscando uma coisa apenas, a luz, o lugar onde as palavras ficarão luminosas. Que lhe importa a cadeira? Esqueceu-se de que está grávida. Seus olhos caminham pelas palavras que saíram das mesmas mãos que a abraçaram. Seu corpo está suspenso naquele momento mágico de carinho impossível que aquele pequeno pedaço de papel abriu no tempo do seu cotidiano.

[...]

ALVES, Rubem. **O retorno e eterno**: crônicas. Campinas, SP: Papirus, 1992, p. 43-44.

Assinale a alternativa que indica corretamente a que se refere o termo sublinhado.

- a) “antecedem este” (linha 16) – pintor (linha 16)
- b) “a ocupavam” (linha 18) – porta (linha 17).
- c) “elas são feitas” (linha 30) – notícias (linha 29).
- d) “realizar aquilo” (linha 32) – abraço (linha 33).
- e) “está ali” (linha 35) – lugar (linha 35).

34. **FGV-SP 2017** [...] Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança suas folhas além do muro e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente.

Um pé de milho sozinho, em um canteiro espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram no chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. Detesto comparações surrealistas – mas na lógica de seu crescimento, tal como vi numa noite de luar, o pé de milho parecia um cavalo empenado, de crinas ao vento e em outra madrugada, parecia um galo cantando.

Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho

pendoou. Há muitas flores lindas no mundo, e a flor de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que me fazem bem. É alguma coisa que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. Eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da rua Júlio de Castilhos.

Rubem Braga, *Um pé de milho*.

Tendo em vista o termo a que se refere, o pronome “que” poderia ser substituído por “a qual” no seguinte trecho do texto:

- a) “que era” (L. 15).
- b) “que me fazem bem” (L. 20).
- c) “que se afirma” (L. 21).
- d) “que nos encantou” (L. 15 e 16).
- e) “que vive” (L. 23).

### 35. Uncisal 2016

Aquilo **que** não mata só nos faz fortalecer  
Vivendo aprendi **que** é só fazer por merecer  
**Que** passo a passo um dia a gente chega lá  
Pois não existe mal **que** não possa acabar  
Não perca a fé em Deus, fé em Deus  
**Que** tudo irá se acertar

NOGUEIRA, DIOGO. *Fé em Deus*. Disponível em: <http://letras.mus.br/diogo-nogueira/1062615/>. Acesso em: 28 out. 2015.

O vocábulo **que** foi empregado, pelo compositor da canção, como pronome relativo

- a) em apenas uma ocorrência.
- b) em apenas duas ocorrências.
- c) em apenas três ocorrências.
- d) em apenas quatro ocorrências.
- e) nas cinco ocorrências.

### 36. Leia com atenção a manchete a seguir.

#### Quem é a ministra do STF Rosa Weber, cujo voto pode ter selado o destino de Lula

MORI, Leticia. *BBC News Brasil*, 22 mar. 2018.

Na manchete apresentada, há pronome relativo “cujo”. O que indica esse pronome nesse contexto e a que palavra se refere?

### 37. FCMSCSP 2022

Leia o soneto “Não comerei da alface a verde pétala”, de Vinicius de Moraes, para responder à questão.

Não comerei da alface a verde pétala  
Nem da cenoura as hóstias desbotadas  
Deixarei as pastagens às manadas  
E a quem mais aprouver fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas  
Talvez pouco elegantes para um poeta  
Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta  
Que acredita no cromó das saladas.

Não nasci ruminante como os bois  
Nem como os coelhos, roedor; nasci  
Omnívoro; deem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati  
E eu morrerei, feliz, do coração  
De ter vivido sem comer em vão.

(Vinicius de Moraes. *Livro de sonetos*, 2009.)

No soneto, o autor emprega o pronome “as” para se referir a

- a) “saladas” (2ª estrofe)
- b) “pastagens” (1ª estrofe)
- c) “hóstias desbotadas” (1ª estrofe)
- d) “manadas” (1ª estrofe)
- e) “peras e maçãs” (2ª estrofe)

### 38. FMP-RJ 2014

Este é talvez um dos fatos mais assustadores e tristes do nosso momento: falta de segurança generalizada, o medo, pois aqui se mata e se morre como quem come um pãozinho. Bala perdida, traficante, bandido graúdo ou pequeno, e o menor de idade, que é o mais complicado: pelas nossas leis absurdas, sendo menor ele não é de verdade punido. É levado para um estabelecimento hipoteticamente educativo e socializador, de onde deveria sair regenerado, com profissão, com vergonha na cara, sair gente. Não sai. Não, salvo raríssimas exceções, e todo mundo sabe disso.

Todo mundo sabe que é urgente e essencial reduzir para menos de 18 anos a idade em que se pode prender, julgar, condenar um assassino feroz, reincidente, cruel e confesso. Mas aí vem quem defenda, quem tenha pena, ah! os direitos humanos, ah! são crianças. São assassinos apavorantes: torturam e matam com frieza de animais, tantas vezes, e vão para a reeducação ou a ressocialização certamente achando graça: logo, logo estarão de volta. Basta ver os casos em que, checando-se a ficha do “menino”, ele é reincidente contumaz.

(Extraído de “A banalização da vida”, de Lya Luft, revista *Veja* de 26.3.2014, p. 24.)

Atente para as seguintes afirmativas relativas ao texto:

- I. A palavra “contumaz”, na última frase do segundo parágrafo, reforça o sentido de “reincidente”.
- II. A palavra “raríssimas”, na última frase do primeiro parágrafo, classifica-se como substantivo.
- III. A palavra “talvez”, na primeira frase do primeiro parágrafo, classifica-se como advérbio.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I e III.
- b) apenas I e II.
- c) apenas II e III.
- d) apenas II.
- e) apenas III.

### 39. EEAR-SP 2023

Leia:

- I. “**Certas** canções que ouço  
Cabem tão dentro de mim” (Tunai/Milton Nascimento)
- II. “Mas de uma coisa fique **certa**, amor  
A casa vai estar sempre aberta, amor” (Acioli Neto)
- III. “Ora (dizeis) ouvir estrelas!  
**Certo** perdeste o senso” (Olavo Bilac)

- IV. “Tentei demais e você não deixou  
Me expulsou e me mandou sumir  
Trocou o **certo** pelo duvidoso” (Gabriel Diniz)

Classifique morfologicamente os termos em destaque nos versos e assinale a alternativa com a sequência correta.

- a) substantivo – adjetivo – pronome – advérbio
- b) pronome – adjetivo – advérbio – substantivo
- c) advérbio – pronome – adjetivo – substantivo
- d) adjetivo – advérbio – substantivo – pronome

#### 40. ESE-SP 2020

### Empreendedores e suas bolinhas de gude

Por Romero Rodrigues

Outro dia me perguntaram se as *startups* iriam matar as grandes corporações, os incumbentes. Não sou grande fã de profecias radicais e apocalípticas. A provocação ia ainda mais longe: será que as corporações, ao se tornarem

5 cada vez mais ágeis, vão competir de igual para igual com as *startups*?

O que vai, de fato, acontecer? Como será o futuro? Quem morre e quem predomina?

Quando olho para trás e faço uma retrospectiva, racionalizando sobre o que aconteceu até hoje, fica claro para mim que a dinâmica não vai mudar. A grande vantagem competitiva da *startup* em relação à grande corporação é como numa referência à Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin: **a** sua adaptabilidade. A corporação é

15 mais forte (do ponto de vista econômico) e mais inteligente (quando consideramos todo o seu capital humano); portanto, a *startup* deve se adaptar mais rápido. Não importa quão rápida e grande a corporação se torne, sempre existirá espaço para a inovação se manifestar no ecossistema de *startups*.

20 Como não nego meu passado de engenheiro, vou me permitir fazer uma analogia para descrever essa dinâmica entre *startups* e corporações: visualize uma sala quadrada e com pé direito alto. Imagine quatro esferas grandes as quais ocupam toda sala, sendo que cada uma delas encosta na outra e todas encostam no chão, no teto e nas paredes, ocupando todo espaço. Repare que as esferas se encostam umas nas outras, num único ponto. É também num único

25 ponto que as esferas tocam as paredes, o teto e o chão.

Digamos que essa sala seja um grande mercado, um mercado qualquer que você queira escolher, o mercado financeiro ou de comércio eletrônico, por exemplo. As esferas são as grandes empresas desse mercado, as corporações, os incumbentes, os *big players*.

Você diria que nesse mercado existe espaço para crescer? Sob o olhar dos céticos, com certeza não. Os céticos têm seus olhos exatamente na metade da altura da sala. A única coisa que eles enxergam é uma esfera tocando **a** outra e não há um vão sequer entre elas. O mercado está quase todo tomado.

40 Já os empreendedores estão deitados no chão da sala, brincando com suas bolinhas de gude. Da perspectiva deles, é possível visualizar as quatro esferas, as quais só tocam o chão em quatro pequeninos pontos. Para eles, o mercado é completamente inexplorado, virgem, um

45 oceano azul.

As empresas que estão montando são, por enquanto, pequenas bolas de gude, soltas no chão dessa sala. Elas têm muito espaço para rolar, experimentar e descobrir. A corporação, já grande e disputando *market share* com outras corporações, dispõe de muito menos liberdade. Além

50 de mais liberdade para experimentar, a *startup* também tem muita oportunidade gerada pela sombra das quatro grandes esferas que estão lá no alto.

A *startup* ainda vai ter muito espaço para crescer antes de começar **a** incomodar as esferas que estão acima dela. Num determinado momento, já grande o suficiente, a esfera da *startup* finalmente toca a esfera da corporação. A *startup* começa, então, a empurrar as demais esferas. Nesse momento, há alguns caminhos alternativos: a sala

55 (mercado) cresce para acomodar o crescimento da nova esfera; alguma das outras esferas diminui de tamanho, perdendo espaço, ou uma das esferas grandes adquire **a** esfera que a está incomodando.

A verdade é que não importa quão grande seja o mercado ou quão grande sejam as grandes empresas. As *startups* sempre estarão mais próximas do problema, em contato mais próximo com o cliente e com maior velocidade para se adaptar. A *startup* é desenhada para continuar experimentando, para ter uma estrutura organizacional rasa,

60 para testar hipóteses de forma despreocupada e repetitiva.

(Fonte: <https://www.istoedinheiro.com.br> – 25/09/19 – texto adaptado)

Assinale a alternativa em que a palavra “a”, devidamente salientada no texto, está empregada com classe gramatical diferente das demais.

- a) **A** provocação (l. 3).
- b) **a** sua adaptabilidade (l. 14).
- c) **a** outra (l. 37-38).
- d) **a** incomodar (l. 55).
- e) **a** esfera (l. 63).

41. UFRGS 2019 – Para mim esta é a melhor hora do dia.

– Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

– Só que já é noite – a amiga corrigiu, sem tirar os

5 olhos da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça esparramado pelo chão.

– É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo? – Descobriu um sapato sob a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou, depois, o par embaixo dos outros móveis.

10

Era bom ter uma amiga experiente. Nem precisa ser da mesma idade – deixou-se cair no sofá – Bárbara, muito mais sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada valorizava o perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas conseguiram, acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas no hospital. A semelhança física teria contribuído para o perfeito entendimento? “Imaginava que fossem irmãs”, muitos diziam, o que sempre causava

15 satisfação.

– O que está se passando nessa cabecinha? – Bárbara estranhou a amiga, só doente pararia quieta. Admirou-a: os cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os olhos cinzas, azuis ou verdes, conforme o reflexo da roupa. De

20 que cor estariam hoje seus olhos?

Ema aprumou o corpo.  
– Pensava que se nós morássemos numa casa grande, vocês e nós...

30 Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a ideia. – As crianças brigariam o tempo todo.

Novamente a amiga tinha razão. Os filhos não se suportavam, discutiam por qualquer motivo, ciúme doentio de tudo. O que sombreava o relacionamento dos casais.

35 – Pelo menos podíamos morar mais perto, então.

Se o marido estivesse em casa, seria obrigada a assistir à televisão, porque, ele mal chegava, ia ligando o aparelho, ainda que soubesse que ela detestava sentar que nem múmia diante do aparelho – levantou-se, repelindo a lembrança. Preparou uma jarra de limonada. Preparou todo aquele interesse de Bárbara na revista? Reformulou a pergunta em voz alta.

40 – Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comportamento das crianças na escola, de como se modificam as personalidades longe dos pais.

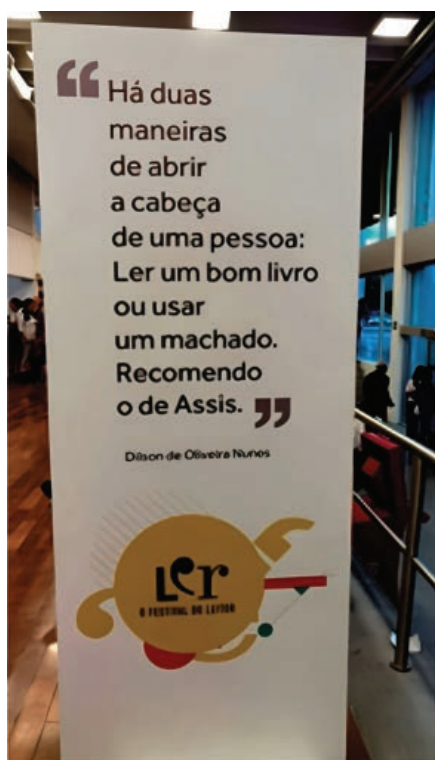
Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade. In: MORICONI, Italo (org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 440-441.

O texto apresenta sentimentos de admiração de Ema por sua amiga Bárbara. Esses sentimentos transparecem na relação entre palavras.

Assinale a alternativa em que a reunião de advérbios e adjetivo expressa esse sentido de admiração de Ema por sua amiga.

- a) amiga experiente (l. 12).
- b) muito mais sábia (l. 13 e 14).
- c) valorizava o perfil privilegiado (l. 15).
- d) cabelos soltos (l. 24).
- e) Novamente [...] tinha razão (l. 32).

#### 42. Cederj 2019



<http://nacordabamba.com/2018/05/21/ler-salao-carioca-do-livro/>

Em “abrir a cabeça de uma pessoa” e “Recomendo o de Assis”, os vocábulos sublinhados são, respectivamente, classificados do ponto de vista morfológico como:

- a) preposição e artigo definido.
- b) pronome demonstrativo e artigo definido.
- c) artigo definido e pronome demonstrativo.
- d) preposição e pronome demonstrativo.

43. Univesp 2017 No período: “O pai lembrou a filha do seu dever” observa-se uma possível dúvida com relação ao sentido pretendido devido ao uso

- a) do artigo *O* em *O pai*, pois não se sabe ao certo de qual pai se trata.
- b) do artigo *a* em *a filha*, pois não se sabe ao certo de qual filha se trata.
- c) da preposição *de*, que atribui indeterminação ao verbo *lembrar*.
- d) do pronome possessivo *seu*, que não permite identificar de quem era o dever.
- e) do substantivo *dever*, pois esse termo é classificado como um substantivo indefinido.

#### 44. UEMG 2019

##### Setembro tem recorde de calor e de gelo na Antártida

O mês de setembro de 2012 foi o mais quente já registrado, dizem cientistas de uma agência governamental que estuda o clima e o oceano. A média da temperatura global dos continentes e dos oceanos **no** mês passado foi de 15,67 °C ou 0,67 °C acima da média geral do século XX. A temperatura média global **nos** continentes, em setembro, foi a terceira mais quente já registrada para esse mês.

(<http://goo.gl/HD7JP>. Acesso: 29/10/2012. Adaptado.)

No texto, os termos em negrito apresentam, respectivamente, os sentidos de

- a) causa e direção.
- b) direção e tempo.
- c) instrumento e causa.
- d) tempo e lugar.

#### 45. Uece 2019

##### O bicho

Manuel Bandeira

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

BANDEIRA, M. *Poesias completas*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.



O poema anterior apresenta elementos linguísticos de coesão que contribuem para articulação do sentido entre suas partes. Baseado nesta ideia, é correto dizer que

- a) se retoma o elemento **bicho** (linha 1), através da referência catafórica por meio da elipse, que está indicada na forma verbal presente no enunciado “Quando **achava** alguma coisa” (linha 4).
- b) pelas desinências empregadas no verbo **examinava** (linha 5), é possível fazer um movimento retrospectivo para recuperar o termo que está elíptico, no caso, o pronome **eu**.
- c) O uso dos artigos indefinido em **um bicho** (linha 1) e definido em **o bicho** (linha 7) serve para mostrar que, no primeiro caso, a visão do enunciador é a de **um** bicho, que ainda está por se definir; e, no segundo caso, a visão é a de que já se conhece qual é **o** bicho a que se está referindo.
- d) O advérbio **ontem** (linha 1) faz referência a um tempo posterior ao do momento em que o enunciador do poema relata o fato.



Texto para as questões **46** e **47**.

## A VERDADEIRA LEI DE GÉRSON

Raul Marinho Gregorin

Você se lembra daquele célebre comercial do cigarro Vila Rica, onde nosso tricampeão Gérson falava a famosa frase: “...Porque você tem que levar vantagem em tudo, cerrrto?”. A frase teve tanto impacto que acabou sendo criada a “Lei de Gérson”, que simboliza o oportunismo e a falta de escrúpulos típicas de uma grande parcela de nossa sociedade. [...]

Concordo que nossa postura oportunista realmente contribui para nos manter neste estado de atraso econômico e cultural em que vivemos. Só que a “Lei de Gérson”, na verdade é muito mais antiga que o próprio. No excelente livro “Mauá, Empresário do império”, de Jorge Caldeira (Ed. Companhia das Letras), percebe-se que há quase duzentos anos atrás esta lei já era cumprida. Aliás, essa deve ser a lei mais antiga do Brasil, pois desde as capitânicas hereditárias nossa história é pontilhada de exemplos de oportunismo e falta de escrúpulos. A própria escravidão não deixa de ser uma mostra do viés ético de nossa sociedade desde tempos imemoriais, mas isso já é outra história.

Eu não conheço a biografia do Gérson, muito menos do publicitário que criou a frase e o comercial do Vila Rica. Mas acho muito improvável que o Gérson real seja um oportunista sanguinário como ficou sendo sua imagem. Nem acredito que o diretor de criação da agência poderia imaginar que esta frase seria usada mais de vinte anos depois para designar esta nossa característica.

Nossa língua é ferina. Quando a Volkswagen lançou o Fusca com teto solar no final da década de “60”, as vendas despencaram depois que passou a ter a conotação de “carro de chifruado”. A VASP na década de 70 criou um voo noturno ligando São Paulo ao Guarujá para atender aos executivos que deixavam suas famílias no balneário e passavam a semana trabalhando na capital. O nome do voo era “Corujão” devido ao horário. Não demorou muito, o voo passou a ser apelidado de

“Cornudão”, pelo fato das esposas ficarem na praia enquanto os maridos ficavam na cidade. A VASP teve que cancelar a linha por falta de passageiros.

É óbvio que a VW tinha introduzido o teto solar baseado no fato do Brasil ser um país quente e ensolarado, perfeito para aquele opcional. Só que o consumidor preferia ficar passando calor a ser visto dirigindo um carro com um buraco no teto para “deixar os chifres de fora”. O voo corujão era perfeito, especialmente na época em que não havia Piaçaguera e, para chegar ao Guarujá de carro na alta temporada, o motorista tinha que enfrentar horas de fila na balsa. Mas era melhor demorar oito ou dez horas de carro do que ir de avião, em meia hora, num voo chamado “Cornudão”...

Com o comercial do Gérson foi a mesma coisa. Levantar vantagem em tudo não significa que os outros têm que levar desvantagem. O oportunismo foi incorporado à frase por quem a leu/ouviu, não por quem a escreveu/disse. O problema é que passou a ficar (para usar um conceito atual) “politicamente incorreto” levar vantagem em alguma coisa.

Na verdade, parece que nossa sociedade se divide em dois grandes blocos: um que leva vantagem em tudo (no sentido pejorativo) e outro que não pode levar vantagem em nada. Acontece que dá para levar vantagem em tudo sem fazer com que os outros saiam em desvantagem. Você não precisa esmagar a outra parte para sair ganhando.

([http://www.geocities.ws/cp\\_adhemar/leidegerson.html](http://www.geocities.ws/cp_adhemar/leidegerson.html). Acesso em: 10 abril 2017. Texto revisado conforme a nova ortografia.)

**46. AFA-SP 2022** Assinale a alternativa cuja substituição do pronome grifado por outra estrutura linguística está INCORRETA:

- a) “...neste estado de atraso econômico e cultural em que vivemos.” (l. 9 e 10) => neste estado de atraso econômico e cultural onde vivemos.
- b) “...percebe-se que há quase duzentos anos atrás essa lei já era cumprida” (l. 13 e 14) => percebe-se que, há quase duzentos anos, tal lei já era cumprida.
- c) “...para atender aos executivos que deixavam suas famílias no balneário...” (l. 32 e 33) => para atender aos executivos que deixavam as famílias deles no balneário.
- d) “Com o comercial do Gérson foi a mesma coisa.” (l. 49) => Com o comercial do Gérson foi idêntico.

**47. AFA-SP 2022** Levando em consideração que anáfora é uma palavra ou expressão que retoma um termo explícito ou implícito no texto, assinale a opção cujo termo sublinhado NÃO retoma anaforicamente a(s) palavra(s) indicada(s).

- a) “...a VW tinha introduzido o teto solar baseado no fato do Brasil ser um país quente e ensolarado, perfeito para aquele opcional.” (l. 39 a 41) => teto solar
- b) “A VASP teve que cancelar a linha por falta de passageiros.” (l. 37 e 38) => voo
- c) “Mas acho muito improvável que o Gérson real seja um oportunista sanguinário como ficou sendo a sua imagem.” (l. 22 e 23) => oportunista sanguinário
- d) “O voo corujão era perfeito, especialmente na época em que não havia a Piaçaguera...” (l. 43 a 45) => época

## 48. UEPG/PSS-PR 2022

### Capacitismo

No primeiro dia do mês de maio, celebramos o Dia do Trabalho. Um emprego é algo muito natural no curso de vida da maioria dos brasileiros, mas intensamente batalhado por pessoas com deficiência. Aqui eu explico o porquê.

De acordo com a Lei das Cotas (Lei 8.213/91), em seu artigo 93, é obrigatório que as empresas com 100 ou mais empregados preencham seus quadros com 2% a 5% dos cargos com beneficiários reabilitados ou pessoas com deficiência. Muita gente não sabe, mas por trás do *marketing* exaltando a boa vontade das empresas ao contratar pessoas reabilitadas ou com deficiência há uma legislação que estimula essa contratação. Porém, apesar de termos a Lei de Cotas ao nosso lado, enfrentamos um monstro muito cruel e poderoso chamado capacitismo, que basicamente é o preconceito contra pessoas com alguma deficiência. Resumindo: somos vistos como menos capazes de realizarmos determinados trabalhos por termos alguma deficiência.

Eu, por ter adquirido uma deficiência, pude constatar claramente a diferença de tratamento pelas corporações depois do meu acidente. Se antes era convidada para entrevistas, agora meu currículo é descartado na primeira avaliação, me sendo barrada a oportunidade de realizar qualquer teste classificatório. O currículo continua igual: duas graduações, duas pós-graduações, estudo de cinco línguas e várias habilidades na minha atuação laboral. A única mudança foi a anexação de um laudo médico comprovando que agora sou uma pessoa com deficiência, e isso foi o suficiente para me tornar invisível na corrida por uma vaga de emprego.

Adaptado de: FABRO, Camila. Capacitismo. Disponível em: <[www.plural.jor.br/colunas/desmiolada/capacitismo/](http://www.plural.jor.br/colunas/desmiolada/capacitismo/)>. Acesso em: 27/04/21.

Em relação ao texto de autoria de Camila Fabro, assinale o que for correto.

- 01 No último período do texto, o pronome “isso” (“isso foi o suficiente para me tornar invisível”) tem como referente a expressão “duas pós-graduações”.
- 02 No segmento “agora meu currículo é descartado”, o pronome “meu” serve para indicar uma relação de posse entre a pessoa do discurso e a coisa possuída.
- 04 Na oração “enfrentamos um monstro muito cruel”, a palavra “muito” serve para intensificar o significado do adjetivo “cruel”.
- 08 Na oração “há uma legislação que estimula essa contratação”, o referente do pronome “que” é a palavra “legislação”.

Soma:

## Texto complementar

### Gripe tem tamanho?

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, por sua forma original, são ameaçadoras demais.

(Luís Fernando Veríssimo, Diminutivos)

Quem acompanha o debate político nacional, vez ou outra depara-se com um recurso argumentativo aparentemente simples, mas bastante produtivo: a flexão de grau. Entre “rachadinhas” e “mensalões”, “marolinhas” e “gripezinhas”, os atores políticos (seja da política institucional, seja da imprensa) se valem de uma conhecida metáfora conceitual: tamanho é importância.

### Metáforas conceituais

A publicação, na década de 1980, do monumental *Metáforas da vida cotidiana*, obra dos norte-americanos George Lakoff e Mark Johnson, deu nova e mais elevada dimensão ao estudo das metáforas. Nessa perspectiva cognitivista, a metáfora deixa de ser apenas uma figura de linguagem – estudada nos manuais de estilo ou de teoria literária – para tornar-se um processo estruturador da linguagem. A metáfora estaria no dia a dia, nos pensamentos e ações, o que mostraria o fato de que o sistema conceitual do ser humano é fundamentalmente metafórico por natureza.

Os reflexos desse sistema conceitual na linguagem são manifestados nas “metáforas conceituais”. Entre outras, Lakoff e Johnson propõem, por exemplo, a metáfora “uma discussão é uma guerra”. Segundo eles, em nossa cultura, o conceito *discussão* tem como base o conceito *guerra*. Em uma discussão, os debatedores ocupam dois lados opostos (como fariam dois exércitos), para defender sua posição e atacar a posição adversária (como as tropas em combate). Nossa forma ordinária de conceber uma discussão é essa, ou seja, aqui a metáfora não é um procedimento retórico, para conferir maior expressividade ao texto, mas um processo linguístico-cognitivo relacionado à própria compreensão da realidade.

Com esse e outros exemplos, linguistas cognitivistas vêm mostrando que vivemos de acordo com as metáforas que existem na nossa cultura. Não temos escolha: fazer parte da sociedade, interagir, ser entendidos, entender o mundo, pressupõe esse olhar “metafórico” sobre a realidade. O signo linguístico é sempre perspectivado de alguma maneira.

### Tamanho é documento

Nessa rede metafórica básica, universal, o discurso político parece plasmar um universal cognitivo interessante, a metáfora de que tamanho implica importância (tamanho → importância). Segundo essa concepção, aquilo que é literalmente maior, que atinge posições superiores, teria valor positivo; o que é menor, portanto, seria inferior (convém lembrar que essa é uma das metáforas relacionadas a tamanho, não a única: em outros contextos, o pequeno é visto como delicado e afetuoso).

Assim, a flexão de grau dos substantivos em língua portuguesa, nessa esfera de atuação, parece dizer muito: para atribuir grande valoração, teríamos “mensalão” e “petrolão”; para diminuir o valor, “marolinha”, “rachadinha” e o atualíssimo “gripezinha”.

De “gripezinha” e “resfriadozinho”, o ator político mais recente a dar exemplos sobre o assunto foi o presidente Jair Bolsonaro, referindo-se à covid-19: “Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar”. O sufixo *zinho/zinha*, que faculta o grau diminutivo sintético, mostra-se como expressivo recurso linguístico para expressar modalidade.

Em uma perspectiva cognitivista, pode-se afirmar o seguinte: de um lado, a gripe não tem uma materialidade física, portanto não tem literalmente um tamanho; de outro, o enunciador pode qualificá-la metaforicamente como pequena, com base na ideia de que “tamanho é importância”. Assim, na tentativa de minimizar os efeitos do novo vírus, ou simplesmente desprezá-los, o mandatário se vale de uma metáfora conceptual.

[...]

### Grau de pragmatismo

Embora a marcação de grau seja polissêmica no português brasileiro, seu uso no discurso político parece pautar-se em uma manifestação regular: a metáfora primária “tamanho é importância”. Aumentativos como “mensalão” e diminutivos como “marolinha” são recursos sintéticos e expressivos para manifestar opinião e explicitar posicionamento no debate público.

MÓDOLO, Marcelo; BRAGA, Henrique. *Jornal da USP*, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/gripe-tem-tamanho/>. Acesso em: 29 mar. 2023.



Veja os principais assuntos e conceitos trabalhados neste capítulo acessando a seção **Resumindo** no livro digital, na Plataforma Poliedro.



### Quer saber mais?



#### Músicas

“*O pulso*”, de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Tony Bellotto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WSvX8VShcVs>. Acesso em: 29 mar. 2023.

A letra da canção é construída a partir de substantivos que remetem a vários tipos de doença. Essa enumeração, porém, contrapõe-se ao refrão “O pulso ainda pulsa”, evidenciando um paradoxo da existência humana.

“*Cuida bem dela*”, de Marília Mendonça, Maraísa, Juliano Tchula e Daniel Rangel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JBz7QSJInm4>. Acesso em: 29 mar. 2023.

A canção sertaneja, gravada por Henrique e Juliano, apresenta um uso fora do padrão do pronome pessoal

do caso reto “ela” no verso “Faça ela feliz”. Apesar disso, observa-se que há uma intencionalidade por trás desse uso: tanto para adequação sonora (já que “faça-a feliz” seria acusticamente ruim), quanto para adequação comunicativa, afinal, a “conversa” apresentada na canção representa um conselho, e, nessas situações, fazemos uso da linguagem informal.



#### Livro

*Lições de gramática em versos de cordel*, de Janduhl Dantas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Com versos e rimas, a obra apresenta de maneira descontraída regras do português fazendo uso da vasta cultura dos cordéis nordestinos.

## Exercícios complementares

1. Assinale a alternativa na qual o termo destacado exerce a função de adjetivo.
  - a) **Senhor** Diretor, queremos tratar de um assunto sério.
  - b) Graças aos esforços dos profissionais, **a empresa** foi premiada.
  - c) Diante de uma pandemia que se instalou, mais de **um milhão** de casos foram constatados.
  - d) A forma negativa com que muitos reagem àqueles que **têm doenças** de pele chama a atenção.
  - e) Enquanto vacina e **cura** ainda estão fora do horizonte, o Brasil segue seu caminho.

### 2. Unicamp-SP 2021

#### Texto 1

O dilema das redes (2020) aborda um dilema comum em documentários desse tipo. É, sem dúvida, importante a denúncia vinda dos empresários desse setor que lucraram muito com a criação de empresas digitais que monopolizam as redes: a revelação de seu funcionamento, de seus preocupantes efeitos sobre as pessoas e de sua pernicioso influência em processos políticos – uma espécie de crise de consciência. Contudo, eles parecem não entender exatamente que são eles os protagonistas. Empenhados em desenvolver uma “ferramenta” capaz de integrar as pessoas, viram-se enredados nessa rede cuja finalidade era prender a atenção e servir de plataforma de *marketing*.

Ora, é evidente que são empresas que querem lucros, portanto, não são exatamente “ferramentas”. O documentário afasta a resposta simples de que o produto que vendem são os dados capturados por essas plataformas. Elas funcionam mapeando comportamentos e padrões de modo a dirigir a oferta do produto com um alto grau de certeza de consumo. E é aqui que a discussão fica interessante: qual é, afinal, o produto? A resposta do documentário é simples: nós.

## Texto 2



[Sabe...Eu acho que o dilema não é a rede... mas o pescador!!!]

(Adaptado de Mauro Iasi, O dilema do dilema das redes: a internet é o ópio do povo. Blog da Boitempo. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/o-dilema-do-dilema-das-redes-a-internet-e-o-opio-do-povo/>. Acesso em 10/10/2020.)

- Considerando o primeiro parágrafo do texto 1, indique dois substantivos a que a expressão “viram-se enredados” se refere.
- Considere a charge (texto 2) e, com base na finalidade das “ferramentas” (discutidas no primeiro e no segundo parágrafos do texto 1), explique por que o dilema não é da rede.



Responda se a afirmação é verdadeira ou falsa.

- UFBA 2013** Mattoso Câmara Jr. afirma que todos os substantivos da língua portuguesa pertencem a um gênero, mas há casos em que o gênero é determinado pelo contexto sintático em que o substantivo se encontra, como ocorre em *vítima*, *criança*, *tartaruga* e *carrasco*.  
 Verdadeira  
 Falsa

- Unesp 2021** Leia o trecho do ensaio “As mutações do poder e os limites do humano”, de Newton Bignotto, para responder à questão.

A modernidade se construiu a partir do Renascimento à luz da famosa asserção do filósofo italiano Pico della Mirandola em seu *Discurso sobre a dignidade do homem* (1486), segundo o qual fomos criados livres e com o poder de escolher o que desejamos ser. Diferentemente dos outros seres, o homem pode constituir a própria face e transitar pelos caminhos mais elevados, ou degenerar até o nível inferior das bestas.

Para Pico della Mirandola, o homem é um ser autoconstruído, e, por isso, não podemos atribuir a forças transcendentais nem os sucessos nem os fracassos. A liberdade para forjar sua própria natureza é um dom que implica riscos. Se com frequência preferimos olhar apenas para a força de uma vontade, que decidiu explorar o mundo com as ferramentas da razão, desde a era do Barroco sabemos que o real comporta um lado escuro, que não pode ser simplesmente esquecido. Ao lado do racionalismo triunfante, sempre houve um grito de alerta

quanto às trevas que rondavam as sociedades modernas. O século XX viu essas trevas ocuparem o centro da cena mundial e enterrou para sempre a ideia de que o progresso da civilização iria nos livrar de nossas fraquezas e defeitos.

O século da técnica e dos avanços espetaculares da ciência foi também o século dos massacres e do aparecimento da morte em escala industrial. Tudo se passa como se a partir de agora não pudéssemos mais esquecer da besta, que Pico della Mirandola via como uma das possibilidades de nossa natureza. O monstro, que rondava a razão, e que por tanto tempo pareceu poder ser por ela derrotado, aproveitou-se de muitas de suas conquistas para criar uma nova identidade, que nos obriga a conviver com a barbárie no seio mesmo de sociedades que tanto contribuíram para criar a imagem iluminada do Ocidente.

(Adauro Novaes (org.). *Mutações*, 2008. Adaptado.)

Está empregado em sentido figurado o termo que qualifica o substantivo na expressão

- “sociedades modernas” (2º parágrafo).
- “lado escuro” (2º parágrafo).
- “escala industrial” (3º parágrafo).
- “famosa asserção” (1º parágrafo).
- “forças transcendentais” (2º parágrafo).

## 5. IFFar-RS 2019

### Em Dobro

Sabe aquele mendigo bem mendigo? Ele era assim. Um mendigo grisalho. Daqueles que só têm cobertores esfarrapados e falas desconexas. Ou tão conexas, que a gente não entende. Encostado numa parede, perto do Mercado Central de Belo Horizonte, ele via o vaivém. Na mesma calçada que era varrida pela gari. Baganas de cigarro, pedaços de papel, folhas, poeira. Uniforme e cabelo preso. Os turistas e os locais passando de lá para cá na correria da sexta-feira de Copa do Mundo. O mendigo a 10 mendigar. A gari a varrer.

O mendigo ali, vendo a gari. Ficou olhando para ela, olhando o movimento rápido e ensaiado da vassoura. Foi quando tirou do bolso uma nota amassada de cinco reais e estendeu ao ar. “Pegue, pegue.”, foi o que ele disse. A 15 gari sorriu e, com educação, recusou. “Vá lá. Dê uma paradinha e tome um guaraná”. O mendigo insistiu. A gari encolheu os ombros como quem diz “fazer o quê?” e pegou a nota. Agradeceu rindo, meio constrangida.

Uma turista passava por ali. Viu e ouviu. Se comoveu 20 com a bondade do mendigo, com seu desapego pelo que não tem. O mendigo viu a gari suando no sol da tarde. Quis fazê-la um pouco feliz. Não havia segundas intenções que pudessem macular a pureza da cena. A bondade verdadeira não quer nada em troca. A bondade não é 25 esmola. É doação.

Fonte: MILMAN, Tullio. Em dobro. *Jornal Zero Hora*, edição de 30/06/14, p.2.

Nas gramáticas se encontra a informação de que há substantivos chamados comum de dois, sem distinção formal de masculino/feminino, por isso a identificação do gênero é feita pelo artigo ou outro determinativo que acompanha o substantivo. Assim **a gari** (l. 10) é feminino ao passo que **o gari** é a ocorrência do mesmo substantivo no masculino.



Esse mesmo mecanismo ocorre com

- a) mendigo (l. 1).
- b) calçada (l. 6).
- c) bolso (l. 13).
- d) guaraná (l. 16).
- e) turista (l. 19).

6. **IFMS 2019** Leia a seguir a Canção de Geraldo Roca e Paulo Simões para responder à questão.

### Trem do Pantanal

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal  
As estrelas do cruzeiro fazem um sinal  
De que este é o melhor caminho  
Pra quem é como eu, mais um fugitivo da guerra  
Enquanto este velho trem atravessa o pantanal  
O povo lá em casa espera que eu mande um postal  
Dizendo que eu estou muito bem vivo  
Rumo a Santa Cruz de La Sierra

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal  
Só meu coração está batendo desigual  
Ele agora sabe que o medo viaja também  
Sobre todos os trilhos da terra

(Disponível em: <https://www.cifrasdeviola.com.br/musica/trem-do-pantanal>. Acesso em: 28 de set. 2018.)

Assinale a alternativa que apresenta APENAS substitivos.

- a) trem – pantanal – estrelas – melhor.
- b) caminho – velho – guerra – muito.
- c) espera – muito – trilhos – viaja.
- d) trem – guerra – trilhos – estrelas.
- e) pantanal – estrelas – dizendo – caminho

7. **Fuvest-SP 2021 (Adapt.)** O texto a seguir é fragmento de um artigo de divulgação científica.

A preferência pela mão esquerda ou direita provavelmente é resultado de um processo complexo, que envolve fatores genéticos e ambientais. O novo estudo, fruto de uma colaboração internacional, é a maior análise genética focada em canhotos da história: utilizou dados de 1,7 milhão de pessoas, extraídos de bancos como o UK Biobank e a empresa privada 23andMe. Comparando os genomas de destros, canhotos e ambidestros, a equipe descobriu que há 41 pares de bases ligados às chances de uma pessoa ser canhota, e sete relacionados a ambidestros. Um “par de bases” é, grosso modo, uma letrinha do DNA (A, T, C ou G). Cada gene contém as instruções para fabricar uma proteína. Uma mudança em uma única letrinha do gene é capaz de mudar a sequência de tijolinhos que constroem essa proteína, e, por tabela, sua função. Ou seja: o que os geneticistas encontraram foram 41 letrinhas de DNA que aparecem só em pessoas canhotas. Daí até saber o que exatamente essas letrinhas mudam é outra história.

B. Carbinatto, “Estudo identifica 41 variações no genoma associadas a pessoas canhotas”. Adaptado.

Quais os sentidos, no texto, gerados pelo emprego do diminutivo nas palavras “letrinha(s)” e “tijolinhos”? Explique.

8. **EEAR-SP 2023** Leia o texto abaixo e avalie as afirmações.

Aquele rio  
era como um cão sem plumas.  
Nada sabia da chuva azul,  
da fonte cor-de-rosa,  
da água do copo de água,  
da água de cântaro,  
dos peixes de água,  
da brisa na água.

(João Cabral de Melo Neto)

- I. “de água”, “de cântaro” e “sem plumas” são locuções adjetivas.
- II. “azul” e “cor-de-rosa” são adjetivos.
- III. “da água”, “de água” e “na água” são locuções adjetivas.
- IV. “da fonte” e “dos peixes” são locuções adjetivas.

Está correto o que se afirma em

- a) III e IV.
- b) II e III.
- c) I e IV.
- d) I e II.

9. **FCMSCSP 2021** Leia o trecho de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, para responder à questão.

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar, e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro — audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem. Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam,

ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

(*Raízes do Brasil*, 2014. Adaptado.)

**erigir:** erguer

O sentido do termo que qualifica o substantivo na expressão “generosa amplitude” (2º parágrafo) aproxima-se daquele que também qualifica o substantivo em

- a) “processos intermediários” (1º parágrafo).
- b) “esforço lento” (3º parágrafo).
- c) “projetos vastos” (2º parágrafo).
- d) “distinção fundamental” (1º parágrafo).
- e) “máximo proveito” (3º parágrafo).

10. O artigo (definido ou indefinido) pode substantivar qualquer palavra; ou seja, transformá-la em substantivo. Indique a opção em que o artigo tem essa função:
- a) A cantora atrasou a apresentação.
  - b) As mulheres cantam muito bem.
  - c) Não gosto de receber um não como resposta.
  - d) Todas as músicas foram tocadas na festa.
  - e) Marina Lima tem um repertório excelente.

### 11. Uerj (Adapt.)

#### Como e porque sou romancista

Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos e costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra.

Muitas vezes, confesso, essa honra me arrancava bem a contragosto de um sono começado ou de um folguedo querido; já naquela idade a reputação é um fardo e bem pesado.

- 10 Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido.

- 15 Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comovedoras da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços, que rompiam-lhes o seio. [...]

JOSÉ DE ALENCAR. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990.

[...] que rompiam-lhes o seio. (l. 20-21) O vocábulo sublinhado faz referência a uma palavra já enunciada no texto. Essa palavra a que se refere o vocábulo lhes é:

- a) soluços
- b) páginas
- c) senhoras
- d) momento

### 12. Fuvest-SP 2021

#### Psicanálise do açúcar

O açúcar cristal, ou açúcar de usina, mostra a mais instável das brancuras: quem do Recife sabe direito o quanto, e o pouco desse quanto, que ela dura. Sabe o mínimo do pouco que o cristal se estabiliza cristal sobre o açúcar, por cima do fundo antigo, de mascavo, do mascavo barrento que se incubia; e sabe que tudo pode romper o mínimo em que o cristal é capaz de censura: pois o tal fundo mascavo logo aflora quer inverno ou verão mele o açúcar.

Só os **banguês** que-ainda purgam ainda o açúcar bruto com barro, de mistura; a usina já não o purga: da infância, não de depois de adulto, ela o educa; em enfermarias, com vácuos e turbinas, em mãos de metal de gente indústria, a usina o leva a sublimar em cristal o pardo do xarope: não o purga, cura. Mas como a cana se cria ainda hoje, em mãos de barro de gente agricultura, o barrento da pré-infância logo aflora quer inverno ou verão mele o açúcar.

João Cabral de Melo Neto, *A Educação pela Pedra*.

**banguê:** engenho de açúcar primitivo movido a força animal.

Na oração “que ela dura” (v. 4), o pronome sublinhado

- a) não tem referente.
- b) retoma a palavra “usina” (v. 1).
- c) pode ser substituído por “ele”, referindo-se a “açúcar” (v. 1).
- d) refere-se à “mais instável das brancuras” (v. 2).
- e) equivale à palavra “censura” (v. 10).

13. Unesp 2021 Leia o poema “Ausência”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus  
[braços,

que rio e danço e invento exclamações alegres,  
porque a ausência, essa ausência assimilada,  
ninguém a rouba mais de mim.

(*Corpo*, 2015.)

Os três pronomes “a” do poema referem-se, respectivamente, a

- a) ausência, falta, ausência.
- b) ausência, ausência, falta.
- c) falta, falta, ausência.
- d) falta, ausência, ausência.
- e) falta, ausência, falta.

14. **Famerp-SP 2021** Leia o trecho do livro *O mundo assombrado pelos demônios*, de Carl Sagan, publicado originalmente em 1995.

A ciência e a tecnologia não são apenas **cornucópias** despejando dádivas sobre o mundo. Os cientistas não só conceberam as armas nucleares; eles também pegaram os líderes políticos pela lapela, argumentando que a *sua* nação tinha que ser a primeira a fabricar uma dessas armas.

E assim eles produziram mais de 60 mil armas nucleares. Durante a Guerra Fria, os cientistas nos Estados Unidos, na União Soviética, na China e em outras nações estavam dispostos a expor os seus conterrâneos à radiação — na maioria dos casos, sem o conhecimento deles — a fim de se preparar para a guerra nuclear.

A nossa tecnologia produziu a talidomida, os CFCs, o agente laranja, os gases que atacam o sistema nervoso, a poluição do ar e da água, as extinções de espécies, e indústrias tão poderosas que podem arruinar o clima do planeta. Aproximadamente metade dos cientistas na Terra dedica parte de seu tempo de trabalho para fins militares.

Embora alguns cientistas ainda sejam vistos como estranhos ao sistema, criticando corajosamente os males da sociedade e dando os primeiros avisos sobre catástrofes tecnológicas potenciais, muitos são considerados oportunistas submissos ou uma fonte complacente de lucros empresariais e de armas de destruição em massa — não importa quais sejam as consequências a longo prazo.

Os perigos tecnológicos que a ciência apresenta, seu desafio implícito ao conhecimento recebido e sua visível dificuldade são razões para que as pessoas, desconfiadas, a evitem. Existe uma razão para as pessoas ficarem nervosas a respeito da ciência e da tecnologia.

(*O mundo assombrado pelos demônios*, 2006. Adaptado.)

**cornucópia:** vaso em forma de chifre, com frutas e flores que dele extravasam profusamente, antigo símbolo da fertilidade, riqueza, abundância.

Retoma um termo mencionado anteriormente no texto a palavra sublinhada em:

- “Os perigos tecnológicos que **a** ciência apresenta, seu desafio implícito ao conhecimento recebido e sua visível dificuldade são razões para que as pessoas, desconfiadas, a evitem.”
- “Os perigos tecnológicos que a ciência apresenta, seu desafio implícito ao conhecimento recebido e sua visível dificuldade são razões para que as pessoas, desconfiadas, **a** evitem.”
- “Os cientistas não só conceberam as armas nucleares; eles também pegaram os líderes políticos pela lapela, argumentando que a sua nação tinha que ser a primeira **a** fabricar uma dessas armas.”
- “Existe uma razão para as pessoas ficarem nervosas **a** respeito da ciência e da tecnologia.”
- “Os cientistas não só conceberam as armas nucleares; eles também pegaram os líderes políticos pela lapela, argumentando que a sua nação tinha que ser a primeira **a** fabricar uma dessas armas.”

15. **FICSAE-SP** Leia o poema de Fernando Pessoa para responder à questão

As rosas amo dos jardins de **Adônis**,  
Essas **volucres** amo, Lídia, rosas,  
Que em o dia em que nascem,  
Em esse dia morrem.  
A luz para elas é eterna, porque  
Nascem nascido já o sol, e acabam  
Antes que **Apolo** deixe  
O seu curso visível.  
Assim fazemos nossa vida um dia,  
**Inscientes**, Lídia, voluntariamente  
Que há noite antes e após  
O pouco que duramos.

(*Obra poética*, 1997.)

**Adônis:** na mitologia grega, um jovem de notável beleza, o favorito da deusa Afrodite.

**volucres:** efêmero, transitório.

**Apolo:** na mitologia grega, o deus do Sol.

**insciente:** não ciente, ignorante.

Em “Que em o dia em que nascem,” (terceiro verso), os termos sublinhados referem-se, respectivamente, a

- “jardins” e “rosas”.
- “rosas” e “rosas”.
- “rosas” e “dia”.
- “jardins” e “dia”.

16. **Unifesp 2022** Para responder à questão, leia o trecho inicial de uma crônica de Machado de Assis, publicada originalmente em 17.07.1892.

Um dia desta semana, farto de vendavais, naufrágios, boatos, mentiras, polêmicas, farto de ver como se descompõem os homens, acionistas e diretores, importadores e industriais, farto de mim, de ti, de todos, de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação, peguei de uma página de anúncios, e disse comigo:

— Eia, passemos em revista as procuras e ofertas, caixeiros desempregados, pianos, magnésias, sabonetes, oficiais de barbeiro, casas para alugar, amas de leite, cobradores, coqueluche, hipotecas, professores, tosses crônicas...

E o meu espírito, estendendo e juntando as mãos e os braços, como fazem os nadadores, que caem do alto, mergulhou por uma coluna abaixo. Quando voltou à tona, trazia entre os dedos esta pérola:

“Uma viúva interessante, distinta, de boa família e independente de meios, deseja encontrar por esposo um homem de meia-idade, sério, instruído, e também com meios de vida, que esteja como ela cansado de viver só; resposta por carta ao escritório desta folha, com as iniciais M.R., anunciando, a fim de ser procurada essa carta.”

“Gentil viúva, eu não sou o homem que procuras, mas desejava ver-te, ou, quando menos, possuir o teu retrato, porque tu não és qualquer pessoa, tu vales alguma coisa mais que o comum das mulheres. *Ai de quem está só!* dizem as sagradas letras, mas não foi a religião que te inspirou esse anúncio. Nem motivo teológico, nem metafísico. Positivo também não, porque o positivismo é

invento às segundas núpcias. Que foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência? Não queres amar; estás cansada de viver só.

E a cláusula de ser o esposo outro aborrecido, farto de solidão, mostra que tu não queres enganar, nem sacrificar ninguém. Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida. Que não pedes um diálogo de amor, é claro, desde que impões a cláusula da meia-idade, zona em que as paixões arrefecem, onde as flores vão perdendo a cor purpúrea e o viço eterno. Não há de ser um naufrago, à espera de uma tábua de salvação, pois que exiges que também possua. E há de ser instruído, para encher com as coisas do espírito as longas noites do coração, e contar (sem as mãos presas) a tomada de Constantinopla.

Viúva dos meus pecados, quem és tu que sabes tanto? O teu anúncio lembra a carta de certo capitão da guarda de Nero. Rico, interessante, aborrecido, como tu, escreveu um dia ao grave Sêneca, perguntando-lhe como se havia de curar do tédio que sentia, e explicava-se por figura: “Não é a tempestade que me aflige, é o enjoo do mar”. Viúva minha, o que tu queres realmente, não é um marido, é um remédio contra o enjoo. Vês que a travessia ainda é longa — porque a tua idade está entre trinta e dois e trinta e oito anos —, o mar é agitado, o navio joga muito; precisas de um preparado para matar esse mal cruel e indefinível. Não te contentas com o remédio de Sêneca, que era justamente a solidão, “a vida retirada, em que a alma acha todo o seu sossego”. Tu já provaste esse preparado; não te fez nada. Tentas outro; mas queres menos um companheiro que uma companhia.

(Machado de Assis. *Crônicas escolhidas*, 2013.)

Em “perguntando-lhe como se havia de curar do tédio que sentia” (7º parágrafo), os termos sublinhados referem-se, respectivamente,

- a) a Sêneca e a Nero.
- b) a Nero e ao capitão da guarda de Nero.
- c) ao capitão da guarda de Nero e a Sêneca.
- d) a Nero e a Sêneca.
- e) a Sêneca e ao capitão da guarda de Nero.

#### 17. IFSP 2013

##### Benefício para a carreira

Enfrentar as dificuldades do dia a dia e solucionar os grandes problemas da companhia não são funções descritas em nenhum cargo, mas são importantes para quem deseja prosperar na carreira. O profissional que resolve problemas e ajuda as empresas a atingir resultados destaca-se, ganha reconhecimento e larga em vantagem na disputa por uma promoção. [...]

Não adianta ser um profissional com superpoderes que quer resolver tudo. Quem faz isso acaba sobrecarregado e entrega resultados inferiores ao desejado. Numa empresa, essa sobrecarga de tarefas poderia fazer com que clientes, uma hora, parassem de comprar os produtos. Na vida profissional, poderia resultar em uma demissão.

Assim como as organizações buscam **soluções inovadoras**, o profissional também pode encontrar caminhos

para resolver problemas com maior facilidade. Não é um processo fácil. Muitas vezes é dolorido. Exige empenho por meio das conversas, a fim de entender os diferentes pontos de vista e enfrentamentos que acontecem. No entanto, sem esse embate, sem a disposição para a comunicação, é impossível resolver um problema.

(Lucas Rossi. *Você S/A*, edição 179, abril/2013. Adaptado)

Substituindo-se a informação destacada no trecho — ... as organizações buscam **soluções inovadoras**... — por um pronome correspondente, o resultado gramaticalmente correto é o seguinte:

- a) buscam-lhas.
- b) buscam-lhe.
- c) buscam-nas.
- d) buscam-las.
- e) buscam-as.

18. UPE 2021 Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que... [...]

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... [...]

ASSIS, Machado de. *D. Casmurro*. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 67; p. 232-233. Excertos.

Ao longo do primeiro parágrafo do texto, o tópico “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” é substituído por diferentes pronomes. Assinale, entre as alternativas abaixo, a única cujo pronome (destacado) **NÃO** substitui o referido tópico.

- a) [...] a definição que José Dias dera **deles** [...].
- b) [...] se nunca **os** vira [...].
- c) A demora da contemplação creio que **lhe** deu [...].
- d) [...] um pretexto para mirá-**los** [...].
- e) [...] enfiados **neles** [...].

#### 19. Uece 2018

##### Exigências da vida moderna

Luís Fernando Veríssimo

Dizem que todos os dias você deve comer uma maçã por causa do ferro. E uma banana pelo potássio. E também uma laranja pela vitamina C.

- 5 a diabetes.

Todos os dias deve-se tomar ao menos dois litros de água. E uriná-los, o que consome o dobro do tempo.

Todos os dias deve-se tomar um Yakult pelos lactobacilos (que ninguém sabe bem o que é, mas que aos bilhões, ajudam a digestão).

10



- Cada dia uma Aspirina, previne infarto.  
Uma taça de vinho tinto também. Uma de vinho branco estabiliza o sistema nervoso.  
Um copo de cerveja, para... não lembro bem para o que, mas faz bem.
- 15 O benefício adicional é que se você tomar tudo isso ao mesmo tempo e tiver um derrame, nem vai perceber.  
Todos os dias deve-se comer fibra. Muita, muitíssima fibra. Fibra suficiente para fazer um pulôver.
- 20 Você deve fazer entre quatro e seis refeições leves diariamente.  
E nunca se esqueça de mastigar pelo menos cem vezes cada garfada. Só para comer, serão cerca de cinco horas do dia... E não esqueça de escovar os dentes depois de comer.
- 25 Ou seja, você tem que escovar os dentes depois da maçã, da banana, da laranja, das seis refeições e enquanto tiver dentes, passar fio dental, massagear a gengiva, escovar a língua e bochechar com Plax.
- 30 Melhor, inclusive, ampliar o banheiro e aproveitar para colocar um equipamento de som, porque entre a água, a fibra e os dentes, você vai passar ali várias horas por dia.  
Há que se dormir oito horas por noite e trabalhar outras oito por dia, mais as cinco comendo são vinte e uma.
- 35 Sobram três, desde que você não pegue trântito.  
As estatísticas comprovam que assistimos três horas de TV por dia. Menos você, porque todos os dias você vai caminhar ao menos meia hora (por experiência própria, após quinze minutos dê meia volta e comece a voltar, ou a meia hora vira uma).
- 40 E você deve cuidar das amigadas, porque são como uma planta: devem ser regadas diariamente, o que me faz pensar em quem vai cuidar delas quando eu estiver viajando.
- 45 Deve-se estar bem informado também, lendo dois ou três jornais por dia para comparar as informações.  
Ah! E o sexo! Todos os dias, tomando o cuidado de não se cair na rotina. Há que ser criativo, inovador para renovar a sedução.
- 50 Isso leva tempo – e nem estou falando de sexo tântrico.  
Também precisa sobrar tempo para varrer, passar, lavar roupa, pratos e espero que você não tenha um bichinho de estimação.
- 55 Na minha conta são 29 horas por dia. A única solução que me ocorre é fazer várias dessas coisas ao mesmo tempo!  
Por exemplo, tomar banho frio com a boca aberta, assim você toma água e escova os dentes.  
Chame os amigos junto com os seus pais.
- 60 Beba o vinho, coma a maçã e a banana junto com a sua mulher... na sua cama.  
Ainda bem que somos crescidinhos, senão ainda teria um Danoninho e se sobrares 5 minutos, uma colherada de leite de magnésio.
- 65 Agora tenho que ir.  
É o meio do dia, e depois da cerveja, do vinho e da maçã, tenho que ir ao banheiro. E já que vou, levo um jornal... Tchau!  
Viva a vida com bom humor!!!

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Exigências da vida moderna. Disponível em: <http://www.refletirpararefletir.com.br/4-chronicas-de-luis-fernando-verissimo>. Acesso: 22.06.2018.

Assinale a opção em que os pronomes utilizados na crônica substituem, corretamente, as expressões em destaque.

- a) No enunciado “E uriná-**los**” (linha 7), o “los” retoma “todos os dias” (linha 6).
- b) No trecho “Beba o vinho, coma a maçã e a banana junto com a sua mulher... na **sua** cama” (linhas 60 e 61), o pronome possessivo em destaque faz referência a um “você”, leitor da crônica, a quem o cronista se dirige.
- c) O pronome “isso”, utilizado no trecho “**Isso** leva tempo” (linha 50), se refere à expressão “sexo tântrico” (linha 50).
- d) No enunciado “o que me faz pensar em quem vai cuidar **delas** quando eu estiver viajando” (linhas 42 a 44), o uso da forma pronominal “delas” está relacionado ao termo “planta” (linha 42).

## 20. UEMG 2019

### Um cão, apenas

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quarenta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito –, eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal do pórtico, um cãozinho triste interrompe o seu sono, levanta a cabeça e fita-me. É um triste cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas, as mechas brancas do pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrima que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com um grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz ali, eu não devia ter chegado. Já que lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem...

Ele, porém, levantava-se e olhava-me. Levantava-se com a dificuldade dos enfermos graves: acomodando as patas da frente, o resto do corpo, sempre com os olhos em mim, como à espera de uma palavra ou de um gesto. Mas eu não o queria vexar nem oprimir. Gostaria de ocupar-me dele: chamar alguém, pedir-lhe que o examinasse, que receitasse, encaminhá-lo para um tratamento... Mas tudo é longe, meu Deus, tudo é tão longe. E era preciso passar. E ele estava na minha frente inábil, como envergonhado de se achar tão sujo e doente, com o envelhecido olhar numa espécie de súplica.

Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens. Então, o triste cãozinho reuniu todas as suas forças, atravessou o patamar, sem nenhuma dúvida sobre o caminho, como se fosse um visitante habitual, e começou a descer as escadas e as suas rampas, com as plantas em flor de cada lado, as borboletas incertas, salpicos de luz no granito, até o limiar da entrada. Passou por entre as grades do portão, prosseguiu para o lado esquerdo, desapareceu.

Ele ia descendo como um velhinho andrajoso, esfarrapado, de cabeça baixa, sem firmeza e sem destino. Era, no entanto, uma forma de vida. Uma criatura deste

mundo de criaturas inumeráveis. Esteve ao meu alcance; talvez tivesse fome e sede: e eu nada fiz por ele; ameio, apenas, com uma caridade inútil, sem qualquer expressão concreta. Deixei-o partir, assim humilhado, e tão digno, no entanto: como alguém que respeitosa-mente pede desculpas de ter ocupado um lugar que não era seu.

Depois pensei que todos nós somos, um dia, esse cãozinho triste, à sombra de uma porta. E há o dono da casa, e a escada que descemos, e a dignidade final da solidão.

(Cecília Meireles. *Janela mágica*. São Paulo: Moderna, 1988.)

Entre as palavras e expressões destacadas no texto, estão listadas abaixo aquelas que se referem ao cãozinho:

- I. “Eu não **lhe** digo nada [...]”.
- II. “Deixei-**o** partir, assim humilhado [...]”.
- III. “[...] **um cãozinho triste** interrompe **seu** sono [...]”.
- IV. “Até o fim da vida sentirei **esta humana infelicidade** [...]”.
- V. “Gostaria de ocupar-me **dele**: chamar alguém, pedir-**lhe** que **o** examinasse [...]”.

Os trechos em que as expressões negritadas referem-se apenas ao cãozinho são

- a) I, II e III.
- b) I, II e IV.
- c) II, III e V.
- d) II, IV e V.

21. **Unicentro-PR 2017** Um humano sai em busca de um mamute, persegue-o durante o dia, arma a emboscada e, depois de inúmeras tentativas, consegue matá-lo e abocanhar seu quinhão de carne.

Em seguida, exausto, volta para casa com o firme propósito de deitar e rolar no tapete com o filho, contar historinhas repetitivas e ignorar a bronca merecida do pimpolho, pois, afinal, trata-se de um pai/mãe ausente o dia todo.

Antes de dormir, ainda se verá no espelho com um olhar de feroz reprovação pela falta de tempo e de pique para a ginástica, para o sexo e para a vida social.

Bem-vindo à geração cem por cento, que acredita que pode e deve dar conta de tudo e de fazer escolhas que não impliquem perdas. Uma aluna comentou esse fenômeno sabiamente: “Escolha sua perda!”. Sim, é disso que se trata.

Uma ínfima parcela da população pode se dar ao luxo de não ter que caçar seu mamute diariamente. Além disso, temos outras aspirações, que nos fazem mais do que caçadores, que nos fazem humanos.

Ainda assim, somos assombrados pela ideia de que nossos filhos serão traumatizados pela nossa ausência. Aqui funciona a lógica de que pai e mãe são oxigênio, de que qualquer outro adulto cuidando deles será fatal. [...]

Nossos filhos viverão em média 4 a 5 décadas mais do que nós – ou seja, os deixaremos órfãos, na melhor das hipóteses. Ausência fundamental que marca o sentido da parentalidade, pois acarreta criar sujeitos rumo à autonomia. [...]

Há, ainda, outras ausências, menos radicais do que a morte, com as quais devemos aprender a lidar.

Ausentamo-nos trabalhando, amando outras pessoas, amando outras coisas e amando a nós mesmos. [...] Ninguém merece ser tudo para um pai ou uma mãe. Por outro lado, nenhum adulto merece criar uma criança sem ajuda, sem respiro, tendo que gostar de brincar por obrigação. [...]

A tarefa parental é imensa e vitalícia. Será exercida por quem assumir essa responsabilidade radical, não cabendo aqui fazer diferença entre homens e mulheres, pais e mães. Quem tomar para si essa missão só poderá cumpri-la a partir de suas escolhas e consequentes perdas, sem fazer da parentalidade um poço de ressentimento e culpas, cuja conta quem paga são os filhos.

Então, façamos a lição de casa. O que realmente é possível para cada família específica, para além de um mundo fantasioso no qual os pais se dedicariam integralmente aos filhos como se isso fosse bom para as crianças? Perguntemo-nos também o que é desejável para nós, pois a presença ressentida não passa despercebida aos pequenos.

Ao deixá-los com outros, sejam familiares ou profissionais, cabe assumir essa escolha, não valendo controlar à distância avós, babás e professores, o que é enlouquecedor. Enfim, escolha sua perda e aprenda a se ausentar.

(Folha de São Paulo, VERA IACONELLI, 10 set. 2017, com adaptações.)

A partir do trecho: “Quem tomar para si essa missão só poderá cumpri-la a partir de suas escolhas e consequentes perdas, sem fazer da parentalidade um poço de ressentimento e culpas, cuja conta quem paga são os filhos”, é **correto** considerar que o pronome em destaque refere-se a:

- a) Perdas
- b) Escolhas
- c) Missão
- d) Parentalidade

22. **UnB-DF 2019** Aprendi com os índios a respeitar seu conhecimento detalhado de toda a floresta em que vivem. Têm nomes para cada rio ou igarapé, para cada árvore, para cada arbusto, para cada animal, para cada inseto. Comparados conosco, eles são gente que vive aqui há milênios. Nós somos recém-chegados, ignorantes, só capazes de destruir. Eles sabem viver na mata, deixando-a viver eternamente. Sua adaptação ecológica é um extraordinário exemplo de sabedoria dos povos da floresta.

Darcy Ribeiro. **Meus índios, minha gente**. Ed. UnB, Fundação Darcy Ribeiro, 2010, p. 82 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto precedente, julgue os itens a seguir.

1. A expressão “seu conhecimento” (l. 1-2) refere-se ao conhecimento dos índios.
2. A forma verbal “Têm” (l. 3) poderia ser substituída por **Existe**, sem prejuízo à correção gramatical e aos sentidos do texto.
3. Os termos “eles” (l. 5) e “Nós” (l. 6) indicam uma posição entre índios e não índios; o autor do texto se coloca entre os não índios.
4. Em “deixando-a” (l. 8), o pronome “a” retoma “mata” (l. 7).

23. **IFPR 2016** A obra clássica, segundo o escritor italiano Ítalo Calvino, “nunca termina de dizer aquilo que ele tem para dizer”. É um grande campo de onde é possível extrair centenas de informações e multiplicidades. Entretanto, cada lugar do mundo e cada geração a lê sob diferentes prismas. O que o torna imortal são os valores implícitos nele. Um livro clássico pode ter quinhentos ou cinquenta anos. Ele independe da idade. É como se elas fossem espelhos, onde a humanidade pudesse fazer a leitura de si mesma: suas agruras, seus anseios, sua moral, seus medos, seus segredos, sua identidade.

(Revista Educação, Ano 10, nº 116)

O texto apresenta problemas em relação à coesão, pois emprega inadequadamente alguns pronomes (em negrito). Assinale a alternativa correta em relação ao emprego desses elementos referenciais.

- a) Aquilo que **ele** tem para dizer.  
b) Cada geração **a** lê...  
c) O que **o** torna imortal...  
d) Os valores implícitos **nele**.
24. **UFC-CE 2014** De acordo com a norma-padrão, na frase: *As pessoas enviam **mensagens editadas** aos amigos*, o termo em destaque pode ser substituído por:
- a) as  
b) lhe  
c) nas  
d) lhes  
e) elas

25. **FCL-SP** A Independência (que tem seu ponto de partida na transferência da corte portuguesa em 1808) assinala a estruturação do Estado Brasileiro, o que determina, com a configuração da nova individualidade nacional que o Brasil passava a apresentar, a grande e variada série de consequências que derivam da inclusão no próprio país e sobre a base exclusiva de nacionais, do seu centro político, administrativo e social. A inspiração, orientação e direção do conjunto da vida brasileira se farão daí por diante a partir de seu próprio interior onde se localizarão seus estímulos e impulsos, o que torna possível definir, propor e realizar as aspirações e interesses propriamente nacionais. Do ponto de vista estritamente econômico, destaquemos unicamente o que a estruturação do Estado nacional representaria como fator de ampliação das despesas públicas, com reflexo imediato nas particulares; e portanto de ativação de vida econômica e financeira, aumento da renda nacional e do consumo que isso representa. O efeito conjugado desses fatores resultará, em consequência da brusca transformação ocorrida, no profundo desequilíbrio financeiro e nas crises que caracterizam a vida do Império até meados do século. E constitui circunstância que influi poderosamente no sentido de estimular a integração nacional da economia brasileira. Isso será tanto mais sensível e de efeitos mais amplos, que acresce um fator de ordem político-administrativa a atuar no mesmo sentido. Até a Independência, as capitânias brasileiras, depois províncias e hoje Estados, se achavam dispersas e cada qual muito mais ligada à metrópole portuguesa que às demais. A administração sediada no

Rio de Janeiro era de fato, no que respeita ao conjunto da colônia, puramente nominal, e sua jurisdição não ia realmente além da intitulada capital e sede do Vice-reinado e das capitânias meridionais. A transferência da corte torna o Rio de Janeiro efetivamente em centro e capital do país que se articulará assim num todo único. Essa situação se consolidará com a efetivação da Independência e a formação do Estado nacional brasileiro, que constituem assim a definitiva integração territorial do país antes disperso e interligado unicamente através e por via da metrópole.

De maior proporção ainda, no que respeita à transformação da antiga colônia em coletividade nacional integrada e organizada, são estes primeiros passos decisivos da incorporação efetiva da massa trabalhadora à sociedade brasileira que consistem na supressão do tráfico africano (1850) e seus corolários naturais: o estímulo à imigração europeia de trabalhadores destinados a suprir a falta de mão de obra provocada pela supressão daquele tráfico, e a abolição da escravidão (1888).

(Caio Prado Júnior. *A revolução brasileira*.)

“... são **estes** primeiros passos decisivos da incorporação efetiva da massa trabalhadora à sociedade brasileira que consistem na supressão do tráfico africano (1850) e seus corolários naturais...”.

Assinale a alternativa correta quanto à classificação gramatical da forma “estes” e seu valor semântico:

- a) Pronome demonstrativo empregado para indicar ao leitor o que se vai mencionar (o estímulo à imigração europeia de trabalhadores e a abolição da escravidão).  
b) Pronome indefinido capaz de particularizar o ser expresso pelo substantivo (passos), distinguindo-os dos outros substantivos do texto, por seu acentuado valor intensivo.  
c) Pronome demonstrativo empregado para indicar ao leitor o que já foi mencionado (a transformação da antiga colônia em coletividade nacional integrada e organizada).  
d) Pronome indefinido que indica a totalidade das partes (a transformação da antiga colônia em coletividade nacional integrada e organizada, o estímulo à imigração europeia de trabalhadores e a abolição da escravidão).  
e) Pronome relativo que assume um duplo papel no período por representar um determinado antecedente (a transformação da antiga colônia em coletividade nacional integrada e organizada) e servir de elo subordinante da oração que se inicia a partir dele (os primeiros passos que consistem...).

## 26. Cederj 2018

### Triste fim de Policarpo Quaresma

Lima Barreto

Como lhe parecia ilógico com ele mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço. Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim? De que maneira 5 sorrateira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse

pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da sua vida? [...]

Devia ser por isso que estava ali naquela masmorra, engaiolado, trancafiado, isolado dos seus semelhantes

- 10 como uma fera, como um criminoso, sepultado na treva, sofrendo umidade, misturado com os seus detritos, quase sem comer... Como acabarei? Como acabarei? E a pergunta lhe vinha, no meio da revoada de pensamentos que aquela angústia provocava pensar. Não havia base para qualquer hipótese. Era de conduta tão irregular e incerta o Governo
- 15 que tudo ele podia esperar: a liberdade ou a morte, mais esta que aquela. [...]

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do folclore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo

- 20 em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! [...]
- A Pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política, que julgava existir, havia. A que existia, de fato, era a do Tenente
- 30 Antonino, a do Doutor Campos, a do homem do Itamarati.

Excerto. BARRETO, Lima. Triste fim de Policarpo Quaresma. In: <http://www.ebooksbrasil.org/adobebook/policarpoE.pdf> p. 383-387

“De que maneira sorradeira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da sua vida?” (linhas 4-7)

O pronome possessivo em “seu extravagante propósito” tem função coesiva e retoma o propósito

- a) do Destino.
- b) de Quaresma.
- c) de sua vida.
- d) da pátria.

27. **UFC-CE** Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tem o mesmo valor semântico da palavra *seus*, na frase: *A família deve colaborar com a educação de seus filhos.*

- a) Os pais não estiveram presentes para educá-las.
- b) Precisamos assumir o desafio de educar.
- c) São incapazes se lhes pisam na cabeça.
- d) Essa escola exerce o papel dos pais.
- e) A águia é o animal que voa alto.

28. **IFRS 2017**

### Onde mora sua muiteza?

A infância é um lugar complexo. Para quem já cresceu, foi aquele espaço em que moramos quando ainda não tínhamos muita memória. Aqueles dias e noites que se sucediam sem grandes planos em um corpo que mudava diariamente. Muito grande. Muito pequeno. Muito alto. Muito baixo. Quando criança, entediada, Alice seguiu um coelho até sua toca e lá se viu em um espaço totalmente novo. Um espaço **onírico** que reproduzia suas ansiedades e ensinava-lhe a buscar dentro de si mesma recursos que lhe permitissem seguir em frente. Tentando fazer sentido do

espaço onde se encontrava, Alice foi protagonista de uma experiência fantástica de descoberta. Ela descobriu que viver não é fácil, às vezes a vida é um jogo, mas mesmo assim vale a pena.

Anos mais tarde, já adulta, prestes a embarcar em um casamento arranjado, com um noivo **patético**, Alice se deixa conduzir novamente a esse espaço que lhe é familiar, mas do qual não lembra quase nada. É um lugar que fica no jardim, no buraco de uma árvore e, pasmem, onde mora um coelho de cartola e relógio!

É lá que ela, lembrando aos poucos de que já os conhecia, encontra velhos amigos que são rápidos em tecer críticas a seu respeito, dizendo, inclusive, que ela é a Alice “errada”. Mas é a crítica do Chapeleiro Maluco que a atinge em cheio: você não é a mesma de antes, você era muito mais “muita”, você perdeu sua muiteza. Lá dentro. Falta alguma coisa. De todas as coisas que Alice esqueceu de compreender desse lugar, talvez essa seja a que faça mais sentido. Talvez isso explique tudo. Talvez tenha sido isso que ela fora até lá buscar.

A criança que fomos ocupa um espaço dentro de nós, nesse acúmulo de experiências que é a vida. É nesse espaço que guardamos os joelhos ralados, as descobertas, os medos, a alegria e a força que nos impulsiona para a frente. Há espaços mais sombrios, outros mais claros. Muitos de nós já esqueceram o caminho para esse lugar. Estamos ocupados demais com as coisas grandes para tentar encontrar uma toca de coelho que nos leve para dentro da terra. Então vivemos assim, sempre muito ocupados, sempre muito atrasados, com coisas sérias e importantes a fazer. E vagamos. Vagamos pelo mundo com alguma coisa faltando. Lá dentro.

É na infância que mora a nossa muiteza. E é para lá que devemos voltar para encontrá-la, sempre que essa **pantomima** a qual chamamos de vida adulta nos puxa e empurra forte demais.

LHULLIER, Luciana. *Onde mora sua muiteza?* In: No coração da floresta (blog). 08 out. 2013 (adaptado). Original disponível em: <https://contesdesfee.wordpress.com/page/2/>. Acesso: 5 ago. 2016.

**onírico:** de sonho e/ou relativo a sonho.

**patético:** que provoca sentimento de piedade ou tristeza; indivíduo digno da piedade alheia.

**pantomima:** representação teatral baseada na mímica (ou seja, em gestos corporais); por extensão, situação falsa, representação, ilusão, fraude.

A respeito do título, é correto afirmar que

- I. “Onde mora sua muiteza?” dirige-se à Alice fictícia, e o pronome possessivo “sua” remete claramente a essa personagem.
- II. “Onde mora sua muiteza?” dirige-se, através do pronome possessivo “sua”, ao(à) leitor(a) implícito(a) do texto.
- III. o pronome relativo “onde” e o verbo “morar”, no título, estão sendo empregados de forma coloquial.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s)

- a) II.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) I.



29. **Famerp-SP 2018** Leia o poema “A última nau”, da obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,  
E erguendo, como um nome, alto o pendão  
Do Império,  
Foi-se a última nau, ao sol **aziago**  
**Erma**, e entre choros de ânsia e de **pressago**  
Mistério.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da sorte incerta  
Que teve?  
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,  
Mas Sua luz projeta-o, sonho escuro  
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,  
Mais a minha alma atlântica se exalta  
E entorna,  
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,  
Vejo entre a cerração teu vulto baço  
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora,  
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora  
Mistério.  
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:  
A mesma, e trazes o pendão ainda  
Do Império.

(*Obra poética*, 1987.)

**aziago:** funesto.  
**Erma:** solitária.  
**pressago:** presságio.

Os pronomes oblíquos assumem, geralmente, a função de complementos verbais. Em “projeta-o” (2ª estrofe) e “Demore-a” (4ª estrofe), os pronomes oblíquos referem-se, respectivamente, aos termos

- a) “Deus” e “alma”.
- b) “sol” e “nau”.
- c) “corpo” e “hora”.
- d) “Mistério” e “cerração”.
- e) “Império” e “névoa”.

30. **FICSAE-SP 2017**

### Violência à saúde

Mauro Gomes Aranha de Lima  
Jornal do Cremesp, agosto de 2016

O aumento da violência contra médicos e enfermeiros finalmente passou a ser encarado como questão de Estado. Graças às denúncias do Cremesp [Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo] e do Coren-SP [Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo], a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP) mantém agora um grupo de trabalho que se debruça na busca de soluções para o problema.

Em recente reunião, o secretário adjunto da SSP-SP, Sérgio Sobrane, comprometeu-se a tomar providências.

A Secretaria de Saúde (SES-SP) também participou dos debates que culminaram com proposta do Cremesp e do Coren de um protocolo para orientar profissionais da Saúde a lidar com situações em que o usuário/familiar se mostre agressivo ou ameaçador.

Simultaneamente, a SSP-SP preparará um piloto de intervenção baseado em registros de ameaças ou de truculência na Capital. Se bem-sucedido, será multiplicado ao restante do Estado.

São medidas oportunas e as levaremos em frente. Contudo, tal empenho não será o bastante. A violência emerge de raízes profundas: governos negligenciam a saúde dos cidadãos, motivo pelo qual a rede pública padece de graves problemas no acesso ou continuidade da atenção; hospitais sucateados e sob o contingenciamento de leitos e serviços; postos de saúde e Estratégia Saúde da Família com equipes incompletas para a efetivação de metas integrativas biopsicossociais.

O brasileiro é contribuinte assíduo e pontual, arca com uma das mais altas tributações do mundo, e, em demandas por saúde, o que recebe é o caos e a indiferença.

Resignam-se, muitos. Todavia, há os que não suportam a indignidade. Sentem-se humilhados. Reagem, exaltam-se. Eis que chegamos ao extremo. Em pesquisa encomendada pelo Cremesp, em 2015, com amostra de 617 médicos, 64% tomaram conhecimento ou foram vítimas de violência. Ouvimos também os pacientes: 41% dos entrevistados atribuíram a razão das agressões a problemas como demora para serem atendidos, estresse, muitos pacientes para poucos médicos, consultas rápidas e superficiais.

Ser médico é condição e escolha. Escolhemos a compreensão científica do mecanismo humano, revertida em benefício do ser que sofre. Vocação, chamado, desafio, e o apelo da dor em outrem, a nos exigirem fôlego, serenidade e dedicação. Estamos todos, médicos e pacientes, em situação. Há que se cultivar entre nós uma cultura de paz. E um compromisso mútuo de tarefas mínimas.

Aos pacientes, cabe-lhes o cultivo de uma percepção mais refletida de que, em meio à precariedade posta por governos cínicos, o Estado não é o médico. Este é apenas o servidor visível, por detrás do qual está aquele que se omite.

Aos médicos, a compreensão de que os pacientes, além de suas enfermidades, sofrem injustiças e agravos sociais.

A tolerância não é exatamente um dom, uma graça, ou natural pendor. É esforço deliberado, marco estrutural do processo civilizador.

Tarefas e esforços compartilhados: a solução da violência está mais dentro do que fora de nós.

In: Jornal do Cremesp. Órgão Oficial do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. Nº 339, agosto 2016. [Adaptado]

No oitavo parágrafo, o pronome -lhes

- a) refere-se a profissionais da saúde, pois esse é o tema do texto.
- b) antecipa a informação nova que está no parágrafo subsequente.
- c) retoma informação já apresentada, dando-lhe um valor enfático.
- d) introduz informação nova relacionada ao tema do texto.

## 31. FICSAE-SP 2016

### Editorial

#### O valor da vida

Hermann A.V. von Tiesenhausen  
Diretor executivo do jornal Medicina

A mistanásia é um termo pouco utilizado nas conversas do dia a dia, mas, que, infelizmente, não está tão distante de nossa realidade. A imprensa registra, sem filtros, o drama de milhares de pacientes e profissionais nos postos de saúde, hospitais e prontos-socorros e traduz a dura proximidade com a expressão.

O significado de mistanásia remete à omissão de socorro, à negligência. Ela representa a morte miserável, antes da hora. É conhecida como a eutanásia social. No Brasil, seu flagelo atinge, sobretudo, os mais carentes, que dependem exclusivamente do Estado quando o corpo padece.

Um exemplo do que a mistanásia pode causar apareceu em série de reportagens exibida pelo Jornal Nacional (Rede Globo), em janeiro, que dissecou o drama dos pacientes com câncer no país. A falta de tudo torna a larga espera pelo atendimento um duro calvário e, em meio ao desespero, centros de excelência, como o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no Rio de Janeiro, mingua a céu aberto.

A falência do sistema público de saúde não é só um fenômeno administrativo ou contábil. Quem dera o fosse. Assim, seria mais fácil suportá-la, pois contas se arrumam. A questão é que o desequilíbrio causado por uma gestão feita de pessoas perdidas em meio ao tiroteio entrou em nossas casas pela porta da frente.

A situação grave, contornada com paliativos, ceifa vidas, inclusive de crianças e jovens, impedidos de receber aquilo que a Constituição lhes garante como direito cidadão: o acesso universal, integral, gratuito e com equidade a serviços de saúde de qualidade.

Nesta edição do jornal Medicina, apresentamos números do valor da vida e da saúde de cada brasileiro para o setor público. A média nacional não supera os R\$ 4,00 ao dia, ou seja, quase nada se comparado a outros países com modelos assistenciais semelhantes.

Essa conta acentua a tragédia da morte anunciada em corredores e filas de espera e suscita um questionamento importante, pois os dados evidenciam que, apesar do pouco destinado, é o mau uso dos recursos que estão disponíveis que aprofunda a crise.

O Brasil está diante de um dilema. É hora de rever caminhos, adotar novas posturas, corrigir falhas para não sentenciar a população à doença e tirar do estado de coma em que se encontra o Sistema Único de Saúde (SUS), uma das maiores políticas sociais do mundo e balizador de todo modelo de atenção no País.

*Jornal Medicina.* Publicação oficial do Conselho Federal de Medicina. Janeiro 2016.

Indique o referente textual a que o pronome destacado faz remissão [5º parágrafo]:

“A situação grave, contornada com paliativos, ceifa vidas, inclusive de crianças e jovens, impedidos de receber aquilo que a Constituição **lhes** garante como

direito cidadão: o acesso universal, integral, gratuito e com equidade a serviços de saúde de qualidade.”

- a) Jovens.
- b) Crianças e jovens.
- c) Crianças.
- d) Paliativos e vidas.

32. **Mackenzie-SP 2020** Mesmo que o homem conseguisse construir um computador que fizesse tudo o que é normalmente atribuído a processos mentais quando feito pelo homem, isso não implicaria que o homem nada mais é do que uma máquina. Sem o programa correspondente um computador nada pode fazer em relação à linguagem. É o programa, e não as ferragens, que é responsável pela habilidade do computador de simular um comportamento inteligente. Há aqueles que sustentariam que o programa está para o computador como a mente está para o cérebro, e que considerando o cérebro humano vivo como um computador programado, de finalidades especiais, podemos contornar, se não resolver, o problema tradicional mente-corpo. Seja como for, temos que enfatizar que a inteligência artificial é em si neutra e não agride nem a dignidade humana nem a liberdade da vontade.

Muito da importância que damos à ciência cognitiva e à inteligência artificial dependerá de nossa atitude face ao papel explanatório dos modelos em ciência natural e social. Qualquer sucesso obtido na simulação do processamento linguístico por computador tende a aumentar a nossa compreensão da linguagem e da mente. Não é certo, no entanto, se um dia será possível simular por computador todos os processos mentais envolvidos na produção e compreensão da linguagem.

Adaptado de John Lyons, em *Lingua(gem)* e *Linguística*, 1981.

Considere as seguintes afirmações sobre o texto.

- I. O pronome **isso** (linha 04) refere-se ao que é afirmado anteriormente.
- II. A forma verbal **sustentariam** (linhas 9 e 10) apresenta um tempo que denota ideia de possibilidade, de algo possível, mas não efetivamente certo.
- III. A partícula **si** (linha 15) refere-se à expressão **inteligência artificial**.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas a afirmação I está correta.
  - b) Apenas a afirmação II está correta.
  - c) Apenas a afirmação III está correta.
  - d) Todas as afirmações estão corretas.
  - e) Nenhuma das afirmações está correta.
33. **Mackenzie-SP 2018** A arqueologia não pode ser desvincilhada de seu caráter aventureiro e romântico, cuja melhor imagem talvez seja, desde há alguns anos, as saborosas aventuras do arqueólogo Indiana Jones. Pois bem, quando do auge do sucesso de Indiana Jones, o arqueólogo brasileiro Paulo Zanettini escreveu um artigo no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, intitulado “Indiana Jones deve morrer!”. Para ele, assim como para outros arqueólogos profissionais, envolvidos com um trabalho árduo, sério e distante das peripécias das telas, essa imagem aventureira é incômoda. O fato é que o

arqueólogo, à diferença do historiador, do geógrafo ou de outros estudiosos, possui uma imagem muito mais atraente, inspiradora não só de filmes, mas também de romances e livros os mais variados. Bem, para usar uma expressão de Eça de Queiroz, “sob o manto diáfano da fantasia” escondem-se as histórias reais que fundamentaram tais percepções. A arqueologia surgiu no bojo do Imperialismo do século XIX, como um subproduto da expansão das potências europeias e dos Estados Unidos, que procuravam enriquecer explorando outros territórios. Alguns dos primeiros arqueólogos de fato foram aventureiros, responsáveis, e não em pequena medida, pela fama que se propagou em torno da profissão.

Adaptado de Pedro Paulo Funari, *Arqueologia*

Assinale a alternativa correta.

- O pronome relativo *cuja* (linha 2) refere-se à palavra arqueologia, denotando sentido de possessividade.
- Em *há alguns anos* (linha 3) a forma verbal também pode ser escrita sem a letra *h* inicial.
- Pelas novas regras de ortografia, a palavra *auge* (linha 5) também pode ser escrita na forma “auje”.
- É opcional o emprego do acento indicador de crase em *à diferença* (linha 12).
- A expressão *tais percepções* (linha 18) refere-se às imagens descritas em romances de Eça de Queiroz.

### 34. PUC-RS 2020

#### A educação a.C. e d.C.: tudo vai ser diferente no ensino “depois da covid-19”

FÁBIO ROQUE SBARDELLOTTO

A sentença de Heráclito, filósofo pré-socrático e pai da dialética, no sentido de que ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio porque, ao entrar pela segunda vez, já não encontra as mesmas águas, nunca se fez tão verdadeira como agora, tamanha gravidade do fenômeno pelo qual estamos passando. Não haverá como resistir: sairemos diferentes de como entramos nesta pandemia. Os processos civilizatórios deverão ser reinventados na economia, na política, na vida familiar, na educação.

Na educação, com esse ferramental, sugestionava-se a introdução de processos estratégicos utilizando planos de inovação efetivos, a implantação de uma educação científico-tecnológica no desenvolvimento das aulas, aprimorando as competências e habilidades dos alunos.

Com o isolamento social, houve uma ruptura inesperada e muito traumática no ambiente educacional. Na educação pública, praticamente foram paralisadas as aulas. No ambiente privado, mantiveram-se sob a forma do ensino a distância, com tecnologias virtuais. Os alunos de instituições públicas permanecem com seu horizonte incerto quanto ao semestre e mesmo ao ano.

O que esperar no ambiente educacional? Os conteúdos não se modificaram. O desafio está em vislumbrar a retomada dos processos educacionais pós-coronavírus.

Projetamos uma realidade na qual pouco do que se tinha antes será encontrado. E as instituições de ensino e seus educadores deverão se reposicionar – “não se passará

mais pelo mesmo rio”. A travessia será mais tranquila para aquelas instituições que já desenvolviam um ambiente educacional segmentado, embasado em uma relação humanista, que tinham o estudante no centro da relação aprendizagem/ensino. A seletividade irá privilegiar aqueles ambientes educacionais nos quais o processo de aprendizagem oferecia ferramentas que tornavam a tecnologia aliada da educação, mas que também entregavam resultados alvissareiros para seus investidores, os alunos. Sairão exitosas as instituições educacionais que estavam preparadas e já planejavam o futuro de uma educação de excelência, apesar de existir crise econômica.

Para essas, o processo apenas se acelerou, e as águas que as banharam já haviam filtrado boa parte do que agora se apresentou como desafio quase intransponível para as outras. Fragmento adaptado de: <https://bit.ly/3f9OhuF>. Acesso em: 30 abr. 2020.

Para responder à questão, analise as relações entre o pronome e o nome substituído e preencha os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

- “qual” (linha 6) – fenômeno (linha 5)
- “que” (linha 29) – aquelas instituições (linha 29)
- “que” (linha 35) – resultados alvissareiros (linha 36)
- “as” (linha 41) – águas (linha 40)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- V – F – F – V
- V – V – F – F
- F – V – V – F
- F – F – V – V

35. Fuvest-SP 2023 Considere a peça publicitária para responder à questão:



<https://plugcitarior.com/blog/2013/08/04/15-anuncios-dogreenpeace-que-deveriam-mudar-o-mundo/>. Adaptado.

- Explique como imagem e texto reforçam a relação entre passado e futuro expressa na peça publicitária.
- Tomando como referência o pronome possessivo “suas”, em que consiste a ambiguidade do texto publicitário?



36. **UFC-CE** Assinale a alternativa que completa corretamente a frase: São excelentes os educadores, \_\_\_\_\_ colaboração não podemos prescindir.

- a) cuja
- b) que a
- c) de cuja
- d) de que a
- e) dos quais

37. **IFRS 2016** Assinale a alternativa correta em relação ao uso do pronome em destaque.

- a) Essa é a matéria **cujo** o exercício deve ser feito.
- b) Foi lançado um livro **cuja** sua capa é transparente.
- c) São poucas as pessoas em **cujas** palavras confiamos.
- d) Trouxe exemplos **cujo** conteúdo te falei?
- e) Português é uma língua sobre **cuja** gramática pode ser meio complicada.

38. **UEPG/PSS-PR 2022**

### Crise de ansiedade ‘coletiva’ em escola do Recife pode ter relação com uso excessivo de celular

O uso indiscriminado de celular e da internet pode ter sido a causa da crise de ansiedade coletiva registrada recentemente em uma Escola de Ensino Médio na zona norte do Recife (PE).

A unidade de ensino acionou o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) após 26 alunos apresentarem sintomas de crise de ansiedade.

Os estudantes relataram instabilidades como choro excessivo, falta de ar e tremor. Em vídeos que circulam na internet, eles aparecem deitados no chão enquanto são atendidos por socorristas do SAMU.

De acordo com o PhD em neurociência, Fabiano de Abreu Agrela, o episódio ocorrido na escola pernambucana tem relação direta com o mau uso do celular e das redes sociais. Segundo ele, esses hábitos estão deixando as pessoas menos inteligentes e o excesso de redes sociais revela transtornos de personalidade, problemáticas que tendem a se agravar entre adolescentes. Agrela alertou também que o apego exagerado dos jovens com o celular chega a ser até doentio, tornando-se uma necessidade incontrolável da qual a pessoa não consegue se livrar.

O especialista considera ser de extrema urgência a formulação de uma política educacional para combater esses excessos. “Esse acesso descontrolado muda a química cerebral, sobretudo quando essas crianças ainda estão em fase de desenvolvimento. Esse tipo de vício é explicado pelo hormônio da dopamina, que é conhecida como neurotransmissor da recompensa”.

Adaptado de: ALBUQUERQUE, Mariana. Crise de ansiedade ‘coletiva’ em escola do Recife pode ter relação com uso excessivo de celular.

*Eu Estudante*, Recife, 13/04/2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2022/04/5000141-crise-de-ansiedade-coletiva-em-escola-do-recife-pode-ter-relacao-com-uso-excessivo-de-celular.html>>. Acesso em: 29/04/22.

Em relação ao texto jornalístico de Mariana Albuquerque, assinale o que for correto.

01 Na expressão “O uso **indiscriminado** de celular e da internet”, a função da palavra destacada é atribuir uma característica ao termo “uso”.

02 No segmento “o apego **exagerado** dos jovens com o celular chega a ser até doentio”, a função do termo destacado é atribuir uma característica à palavra “jovens”.

04 Na oração “Os estudantes **relataram** instabilidades”, a forma verbal destacada está conjugada no plural pois precisa se adequar ao segmento “Os estudantes”.

08 No trecho “Segundo **ele**, esses hábitos estão deixando as pessoas menos inteligentes”, o referente do pronome destacado é “Fabiano de Abreu Agrela”.

Soma: \_\_\_\_\_

39. **Enem 2019**

Toca a sirene na fábrica,  
e o apito como um chicote  
bate na manhã nascente  
e bate na tua cama  
no sono da madrugada.  
Ternuras da áspera lona  
pelo corpo adolescente.  
É o trabalho que te chama.  
Às pressas tomas o banho,  
tomas teu café com pão,  
tomas teu lugar no bote

no cais do Capibaribe.  
Deixas chorando na esteira  
teu filho de mãe solteira.  
Levas ao lado a marmita,  
contendo a mesma ração  
do meio de todo o dia,  
a carne-seca e o feijão.  
De tudo quanto ele pede  
dás só bom-dia ao patrão,  
e recomeças a luta  
na engrenagem da fiação.

MOTA, M. *Canto ao meio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

Nesse texto, a mobilização do uso padrão das formas verbais e pronominais

- a) ajuda a localizar o enredo num ambiente estático.
- b) auxilia na caracterização física do personagem principal.
- c) acrescenta informações modificadoras às ações dos personagens.
- d) alterna os tempos da narrativa, fazendo progredir as ideias do texto.
- e) está a serviço do projeto poético, auxiliando na distinção dos referentes.

40. **Unifesp 2018** Leia o soneto “Aquele triste e leda madrugada”, do escritor português Luís de Camões (1525?-1580), para responder à questão.

Aquele triste e leda madrugada,  
cheia toda de mágoa e de piedade,  
enquanto houver no mundo saudade  
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada  
saía, dando ao mundo claridade,  
viu apartar-se de uma outra vontade,  
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio que,  
de uns e de outros olhos derivadas,  
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas  
que puderam tornar o fogo frio,  
e dar descanso às almas condenadas.

(Sonetos, 2001.)



O pronome “Ela”, que se repete no início de três estrofes, refere-se a

- a) “piedade”.
- b) “mágoa”.
- c) “saúde”.
- d) “clareza”.
- e) “madrugada”.

41. **Enem 2021** Os linguistas têm notado a expansão do tratamento informal. “Tenho 78 anos e devia ser tratado por senhor, mas meus alunos mais jovens me tratam por você”, diz o professor Ataliba Castilho, aparentemente sem se incomodar com a informalidade, inconcebível em seus tempos de estudante. O *you*, porém, não reinará sozinho. O *tu* predomina em Porto Alegre e convive com o *you* no Rio de Janeiro e em Recife, enquanto *you* é o tratamento predominante em São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e Salvador. O *tu* já era mais próximo e menos formal que *you* nas quase 500 cartas do acervo on-line de uma instituição universitária, quase todas de poetas, políticos e outras personalidades do final do século XIX e início do XX.

Disponível em: <http://revistaspesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 21 abr. 2015 (adaptado).

No texto, constata-se que os usos de pronomes variaram ao longo do tempo e que atualmente têm empregos diversos pelas regiões do Brasil. Esse processo revela que

- a) a escolha de “*you*” ou de “*tu*” está condicionada à idade da pessoa que usa o pronome.
  - b) a possibilidade de se usar tanto “*tu*” quanto “*you*” caracteriza a diversidade da língua.
  - c) o pronome “*tu*” tem sido empregado em situações informais por todo o país.
  - d) a ocorrência simultânea de “*tu*” e de “*you*” evidencia a inexistência da distinção entre níveis de formalidade.
  - e) o emprego de “*you*” em documentos escritos demonstra que a língua tende a se manter inalterada.
42. **UFSC** [...] As primeiras vezes as aulas foram difíceis. Eles pouco entendiam e eu ficava irritada:  
— Vocês têm mesmo certeza de que nasceram no Brasil?  
— Ia, ia Wol.
- 5 Isso me enfurecia. Parecia mesmo que o meu alemão melhorava, enquanto o português deles ia para trás. Senti isso numa tarde em que olhava o rio Itajaí-Açu, numa cheia. Era impetuoso, arrastava tudo, os troncos, as tábuas, os toros de madeira. Precisava de muita fibra, para conter essa força de um contingente linguístico, com tão pouca gente falando a língua da pátria. Por isso lutava ainda. Eu representava aqui uma célula, um átomo que teria de se desenvolver a qualquer custo, para, num milagre, realizar o quase impossível.

LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. p. 35.

Considerando o texto, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

- 01 A conjunção enquanto (linha 6) expressa, simultaneamente, as noções de *ao mesmo tempo em que* e *ao passo que*.
- 02 Em “o português deles” (linha 6), a palavra *deles* é uma contração da preposição *de* com o pronome

pessoal *eles*, sendo empregada como pronome possessivo correspondente à terceira pessoa do discurso.

- 04 A vírgula colocada após a palavra *tudo* (linha 8) pode ser adequadamente substituída por dois pontos, anunciando uma enumeração.
- 08 A preposição *para* indica direção nas duas ocorrências sublinhadas no texto (linhas 6 e 13).
- 16 Nas linhas 5 e 12, o vocábulo *que* funciona como pronome relativo, pois retoma um termo antecedente e, ao mesmo tempo, liga orações.
- 32 As formas verbais *era* (linha 8) e *lutava* (linha 11) se encontram no mesmo tempo verbal e expressam, respectivamente, estado e ação que se prolongam no tempo.

Soma:

43. Analise a charge a seguir.



Na charge, o pronome “*ele*” combinado com a preposição “*de*” forma a palavra “*dele*”. Que relação se estabelece entre ela e o substantivo “*boca*” no trecho “*boca dele*”?

44. Leia a manchete.

### Museu de Anatomia Animal será aberto ao público neste sábado

Assessoria de Comunicação CRMV/BA. Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado da Bahia, 23 nov.

A palavra “*neste*” apresenta uma contração feita pela preposição “*em*” e o pronome demonstrativo “*este*”. No enunciado lido, o fragmento “*neste sábado*” foi utilizado para demarcar um tempo futuro. No entanto, há também uma relação com o tempo presente. A afirmação é verdadeira ou falsa? Justifique.

45. Leia a manchete a seguir.

### Motorista muda rota do ônibus para ajudar passageira cadeirante

OLIVEIRA, Rinaldo de. *Só Notícia Boa*, 6 jul. 2021.

No trecho “*rota do ônibus*” é possível observar a contração da preposição “*de*” e do artigo “*o*”, formando a palavra “*do*”. Explique que diferença há entre essa forma e o uso apenas da preposição “*de*”, se na manchete tivesse sido escrito “*rota de ônibus*”.

## 46. UEM/PAS-PR 2020

### Zoom

(Antonio Prata)

Uma reunião por computador é paradoxalmente mais distante e mais próxima do que um encontro presencial. Mais distante por razões óbvias: as pessoas estão reduzidas a duas dimensões, presas em quadradinhos numa tela. Por

5 outro lado, somos brindados com uma pequena moldura de intimidade alheia que não seria revelada em torno da mesa de um escritório.

Vemos a sala ou o quarto dos outros. A estante de livros. Vejo uma boina pendurada no cabide de um colega

10 de trabalho que eu julgava discreto e austero. Em que ocasião ele usa essa boina? Será que meu colega não é careta e austero coisa nenhuma e aos domingos veste a boina, acende um cachimbo e pinta telas com nus gigantes?

Além da moldura domiciliar, há mais intimidade no

15 Zoom pela liberdade de olharmos para onde quisermos. Numa conversa presencial, devemos manter os olhos colados nos olhos de quem fala. Numa reunião via Zoom com 30 pessoas a gente pode escolher qualquer dos quadradinhos e ficar ali examinando o infeliz, reparando em

20 suas orelhas, seus óculos, suas expressões. (Faça isso presencialmente e você vai soar como tarado ou *serial killer*. Ou *serial killer* tarado.)

Com algumas semanas de quarentena, a escola dos meus filhos mandou as instruções de como seriam as

25 “aulas” dali em diante. Receberíamos apostilas e lições por e-mail e algumas aulas seriam dadas *on-line*, a cada semana, via Google Meet. Imaginei que as aulas *on-line* não seriam problema, as crianças de cinco e seis anos adorariam ver a professora e os colegas, mas que eu teria

30 dificuldade de colocá-los para fazer a lição de casa.

Estava completamente equivocado. Os dois fazem páginas e páginas de contas de mais e de menos e preenchem toda a apostila de português sem problema, mas quase sempre se recusam a entrar na aula *on-line*.

35 Li no *New York Times* uma matéria que me trouxe hipóteses sobre as dificuldades dos meus filhos. O texto falava da importância que damos em nossas interações sociais, às imediatas respostas faciais e corporais das outras pessoas. A cada instante vamos moldando nosso

40 discurso pelos sorrisos, sobrancelhas arqueadas ou braços cruzados dos nossos interlocutores.

Numa reunião *on-line* cada um tem uma qualidade de conexão diferente e as reações chegam embaralhadas, às vezes com vários segundos de atraso. Ficamos sem um

45 *feedback* confiável sobre como estão recebendo nossas informações.

É por isso, aliás, que a gente se atropela tanto numa reunião *on-line*. Ao vivo, sabemos interpretar perfeitamente o fluxo da conversa. Lemos no outro a antecipação de

50 uma pausa, num outro, ainda, a disposição para a briga. Uma conversa de várias pessoas é uma sinfonia emocional cuja partitura a seleção natural nos moldou, por milhares de anos, para ler. Na reunião *on-line*, cada um segue um **metrônomo** diferente.

55 Para as crianças, suponho, essa confusão é ainda mais desagradável. Elas estão aprendendo a interagir com os outros. As reações distintas passam a elas a mensagem de que não estão sendo ouvidas com interesse, de que estão sendo ignoradas ou mal interpretadas.

60 O medo da criança no Zoom é o mesmo medo do quarto escuro: ela preenche o que não consegue ver com as suas angústias. Os pequenos narcisos que ainda não conseguem enxergar direitos seus rostos refletidos no lago apavoram-se ao ver o reflexo ondulante, como se uma

65 pedra tivesse sido atirada na água. E quem poderá afirmar que não foi?

(Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/colunas/antonioprata/2020/06/zoom.shtml>. Acesso em: 7. dez. 2020.)

**metrônomo:** instrumento para medir o tempo e marcar o compasso das composições musicais.

Assinale o que for correto.

- 01 Em “Uma reunião por computador é paradoxalmente mais distante e mais próxima do que um encontro presencial.” (linhas 1 e 2), “Uma” e “um” são artigos indefinidos.
- 02 Em “Mais distante por razões óbvias: as pessoas estão reduzidas a duas dimensões” (linhas 3-4), “as” e “a” são artigos indefinidos.
- 04 Em “Numa conversa presencial, devemos manter os olhos colados nos olhos de quem fala.” (linhas 16-17), “Numa” é a contração da preposição “em” + o artigo indefinido “uma”.
- 08 Em “Os dois fazem páginas e páginas de contas de mais e de menos e preenchem toda a apostila de português sem problema, mas quase sempre se recusam a entrar na aula *on-line*.” (linhas 31 a 34), o “mas” estabelece relação semântica de adição.
- 16 Em “É por isso, aliás, que a gente se atropela tanto numa reunião *on-line*.” (linhas 47-48), o autor emprega o advérbio “aliás” como um operador argumentativo que reforça uma determinada conclusão.

Soma:

47. Leia:

### Seguro desemprego: Entenda quem pode receber, valor e parcelas

A ideia do seguro-desemprego é que o profissional tenha uma certa quantia guardada para o auxiliar durante o tempo que ficará desempregado.

NADER, Danielle. *Contábeis*, 24 out. 2020.

A linha fina da manchete mostra que o profissional terá uma certa quantia guardada em caso de desemprego.

- a) O uso de “certa quantia” remete à ideia de um valor determinado ou impreciso?
- b) Se a posição do pronome indefinido “certa” em relação ao substantivo “quantia” fosse invertida (“quantia certa”) haveria alguma mudança de sentido? Explique.

## 48. UEM-PR 2022

### Aporofobia: aversão a pessoas pobres está presente até na arquitetura

Giacomo Vicenzo

A palavra aporofobia tem ganhado holofotes com as denúncias feitas pelo padre Júlio Lancellotti, da Pastoral do Povo de Rua. Entre as fotos postadas em suas redes sociais ele mostra elementos da chamada “arquitetura antipobres”,

5 que impedem, nos espaços públicos, a estadia, descanso ou passagem de pessoas em situação de rua. “Grades, dutos de água, pedras pontiagudas. Há os que querem disfarçar com vasos e com paisagismo”, diz ele para *Ecoa*.

Aporofobia significa aversão, medo e desprezo aos 10 pobres e desfavorecidos financeiramente. O termo, que se tornou um neologismo no Brasil, deriva do grego da junção das palavras *á-poros* [pobres] + *fobos* [medo].

Para entender como a aporofobia se enraíza na sociedade e cria uma construção mental que entende pessoas 15 como mais ou menos humanas, *Ecoa* conversou com Lancellotti e com um doutor em psicologia social que estuda as causas e as consequências do preconceito.

#### O que é aporofobia e quando o termo surgiu?

O termo aporofobia foi usado pela primeira vez em 20 meados dos anos 90 pela filósofa espanhola Adela Cortina, que estuda, entre outros temas, a aversão aos pobres. Em 2017, foi escolhido como palavra do ano pela Fundación del Español Urgente (Fundéu) e no mesmo ano foi integrado ao dicionário da língua espanhola.

25 Assim como o termo xenofobia, que quer dizer aversão ou medo direcionado aos estrangeiros, Cortina procurou uma palavra que desse conta de descrever a rejeição aos pobres. Ela defende, aliás, que a verdadeira “fobia” só é direcionada contra os estrangeiros pobres e 30 não pelos que detêm recurso financeiro ou boa condição de vida e passam a viver em um novo país.

“A aporofobia é um sentimento sempre presente no ser humano, segundo a Adela Cortina. Esse medo do pobre faz parte da nossa estrutura de pensamento, mas pode ser 35 mudado por meio de uma educação”, explica Lancellotti para *Ecoa*. “Acontece também com os refugiados, que morrem nos mares mediterrâneos, pois os países da Europa se negam a socorrê-los”.

#### Quais são os alvos da aporofobia?

40 Para James Moura Jr., doutor em psicologia social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador visitante do Boston College (EUA), que estuda as consequências da aporofobia, é preciso entender a pobreza de uma perspectiva multidimensional para analisar alguns 45 impactos sutis desse preconceito.

“Quando se pensa na ideia de linhas de pobreza, é o dinheiro que é usado como régua. Mas o filósofo e economista Amartya Sen traz ao debate a compreensão de que ela deve ser entendida como privação de forma mais 50 ampla, para além da pobreza financeira”, alerta.

“Nesse caso, a pessoa é privada de formas de ser e fazer, por exemplo, a falta de acesso à educação, mobilidade e cultura. Assim, é possível ser considerado pobre em uma perspectiva multidimensional. É uma forma mais ampla de

55 compreender a pobreza” completa ele, afirmando que é por isso que muitas pessoas podem não se sentir bem-vindas em um lugar, mesmo quando podem pagar por ele.

No Brasil, no começo dos anos 2000, o grupo Racionais MC’s popularizou, entre as suas muitas composições, os versos da música “Negro Drama”: “O dinheiro tira um homem da miséria, mas não pode arrancar, de dentro dele, a favela”.

Os versos forjados na periferia de São Paulo vão ao encontro das explicações feitas por Moura Jr., para quem os símbolos que representam “os pobres” e seus territórios 65 não desaparecem, mesmo com a ascensão econômica, e são percebidos e repudiados pela elite. Sobretudo entre os períodos de 2002 a 2015, momentos em que houve queda ininterrupta da desigualdade de renda no Brasil, como mostra estudo do Insper e publicado em reportagem na *Folha*.

70 “Depois desse período de incremento da renda, outras pessoas começaram a frequentar espaços elitizados como aeroportos, pois muitos que não tinham como pagar passaram a ter essa possibilidade”, lembra o doutor em psicologia social.

75 “No entanto, havia uma construção das classes mais altas de uma espécie de preconceito aos pobres, pois eles ainda eram reconhecidos como pessoas de classes mais baixas por uma série de sinais simbólicos”, completa.

Entre as afirmações de preconceito, o pesquisador 80 lembra de falas como a do Ministro da Economia Paulo Guedes em um evento privado, que comentava o período em que o dólar estava a R\$ 1,80: “Todo mundo indo pra Disneylândia, empregada doméstica indo pra Disneylândia, uma festa danada”, disse na ocasião.

85 Para Lancellotti, esse preconceito vem aumentando na proporção em que o empobrecimento cresce. “Está acontecendo um empobrecimento acelerado, temos uma população de rua que aumentou 53% em 2019 [de acordo com dados da Prefeitura de São Paulo]. Mas esses números 90 estavam abaixo da realidade, pois consideravam menos de 25 mil e 51 nós acreditávamos que já tínhamos 32 mil pessoas nessas condições à época”, aponta o padre. (...)

<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/01/25/aporofobia-aversao-a-pessoas-pobres-esta-presente-ate-na-arquitetura.htm#:~:text=Aporofobia%3A%20avers%C3%A3o%20a%20pessoas%20pobres,%2F01%2F2022%20%2D%20UOL%20ECO. Acesso 12 set 2022.>

De acordo com o texto, assinale o que for **correto**.

- 01 Na oração nucleada por “alerta” (linha 50) é possível inserir o pronome *e/le* depois dessa forma verbal, mantendo-se o seu sentido original.
- 02 Na linha 5, o uso do pronome “que” poderia ser substituído por *cujos*, sem qualquer prejuízo semântico e sintático para a oração em que está inserido.
- 04 A substituição da preposição “para” (linha 8) por *a* poderia ser realizada, sem que houvesse qualquer prejuízo sintático para a oração em que está inserida.
- 08 A substituição do verbo “dizer” (linha 25) por *falar* não acarretaria qualquer prejuízo semântico e sintático para a frase em que está inserido.
- 16 Na linha 87, é possível substituir “temos” por *a gente tem*, mantendo-se, no texto, um grau de formalidade adequado por se tratar da citação de declaração oral concedida por Lancellotti.

Soma:



EM13LP06

**1. Cederj 2017** Alguns instantes depois Jorge subia a ladeira e entrava na igreja.

A modesta simplicidade do templo impôs-lhe respeito. Ajoelhou; não rezou, porque não sabia, mas lembrou-se de Deus e elevou o seu espírito desde a miséria do homem até a grandeza do Criador. [...]

Nesse momento, viu ajoelhada ao pé da grade que separa a capela, uma menina de quinze anos, quando muito: o perfil suave e delicado, os longos cílios que vedavam seus olhos negros e brilhantes, as tranças que realçavam a sua fonte pura, o impressionaram.

Começou a contemplar aquela menina como se fosse uma santa; e, quando ela se levantou para retirar-se com sua mãe, seguiu-a insensivelmente até a casa que lhe descrevi porque esta moça era a mesma de que lhe falei, e sua mãe D. Maria.

Escuso contar o que se passou depois. Quem não sabe a história simples e eterna de um amor inocente, que começa por um olhar, passa ao sorriso, chega ao aperto de mão às escondidas e acaba afinal por um beijo e por um sim, palavras sinônimas no dicionário do coração? [...]

Como o amor purifica, D...! Como dá forças para vencer instintos e vícios contra os quais a razão, a amizade e os seus conselhos severos foram impotentes e fracos!

Creio que se algum dia metesse a estudar as altas questões sociais que preocupam os grandes políticos, havia de cogitar alguma coisa sobre essa força invencível do mais nobre dos sentimentos humanos.

(Fragmento de “A viuvinha”, de José de Alencar. In: ALENCAR, José de. Cinco minutos e A viuvinha. Série Bom Livro. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 53-54)

“Creio que se algum dia metesse a estudar as altas questões sociais que preocupam os grandes políticos, havia de cogitar alguma coisa sobre essa força invencível do mais nobre dos sentimentos humanos.” [...]

A posição do adjetivo anteposto ao substantivo nos sintagmas nominais sublinhados revela:

- a) atualidade
- b) objetividade
- c) imparcialidade
- d) subjetividade

EM13LP07

**2. Enem PPL 2019** As alegres meninas que passam na rua, com suas pastas escolares, às vezes com seus namorados. As alegres meninas que estão sempre rindo, comentando o besouro que entrou na classe e pousou no vestido da professora; essas meninas; essas coisas sem importância.

O uniforme as despersonaliza, mas o riso de cada uma as diferencia. Riem alto, riem musical, riem desafinado, riem sem motivo; riem.

Hoje de manhã estavam sérias, era como se nunca mais voltassem a rir e falar coisas sem importância. Faltava

uma delas. O jornal dera notícia do crime. O corpo da menina encontrado naquelas condições, em lugar ermo. A selvageria de um tempo que não deixa mais rir.

As alegres meninas, agora sérias, tornaram-se adultas de uma hora para outra; essas mulheres.

ANDRADE, C. D. Essas meninas. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

No texto, há recorrência do emprego do artigo “as” e do pronome “essas”. No último parágrafo, esse recurso linguístico contribui para

- a) intensificar a ideia do súbito amadurecimento.
- b) indicar a falta de identidade típica da adolescência.
- c) organizar a sequência temporal dos fatos narrados.
- d) complementar a descrição do acontecimento trágico.
- e) expressar a banalidade dos assuntos tratados na escola.

EM13LP13

**3. Enem 2015**



Disponível em: [www.behance.net](http://www.behance.net). Acesso em: 21 fev. 2013 (adaptado).

A rapidez é destacada como uma das qualidades do serviço anunciado, funcionando como estratégia de persuasão em relação ao consumidor do mercado gráfico. O recurso da linguagem verbal que contribui para esse destaque é o emprego

- a) do termo “fácil” no início do anúncio, com foco no processo.
- b) de adjetivos que valorizam a nitidez da impressão.
- c) das formas verbais no futuro e no pretérito, em sequência.
- d) da expressão intensificadora “menos do que” associada à qualidade.
- e) da locução “do mundo” associada a “melhor”, que quantifica a ação.





Os construtores, 1950.  
Localização: Museu Nacional  
Fernand Léger, Biot.

© Léger, Fernand/AGFVIS, Brasil, 2021.  
Foto: Sandor Esli/Alamy/Photoarena

FRENTE 1

CAPÍTULO

3

## Modalização, conexão e sentido

A obra *Os construtores*, de autoria do pintor cubista francês Fernand Léger (1881-1955), evidencia um ponto de vista avaliativo do artista. A tela retrata um edifício por meio da técnica de corte da imagem, ou seja, faz com que pareça se prolongar indefinidamente em todas as direções. Os trabalhadores, que se assemelham a robôs, movimentam-se sobre as vigas, e as nuvens contrastam em forma e cor com a estrutura metálica do edifício em construção. Em analogia, na língua portuguesa também há palavras que expressam o ponto de vista do interlocutor, como os advérbios; e as vigas do edifício da pintura podem ser comparadas à classe de palavras cuja função é estabelecer conexões entre as palavras para “construir” sentidos: as preposições.

## Advérbio: modalização e expressividade

Ao observar a obra *Os construtores* na abertura deste capítulo, podemos afirmar que sua composição evidencia um ponto de vista avaliativo de Léger sobre os trabalhadores de uma construção. Nas línguas, existem alguns termos cuja função é expressar as avaliações e os julgamentos do interlocutor sobre o que é apresentado. Esses termos, em sua maioria advérbios, são chamados **modalizadores**.

Em capítulos anteriores, estudamos brevemente os advérbios. Do ponto de vista morfológico, os advérbios são palavras invariáveis, e é isso que os diferencia dos adjetivos, posto que muitos adjetivos funcionam similarmente a advérbios, como você pode observar em:

- Agora é meio-dia e **meia**.
- Estou **meio** cansada.

Veja que, no primeiro caso, o vocábulo “meia” concorda com “hora”, substantivo feminino; logo, trata-se de um adjetivo. Já no segundo exemplo, não há essa concordância, pois “meio” é um advérbio modificador do adjetivo “cansada”, portanto é invariável.

Os advérbios são palavras que podem estar relacionadas ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, classes modificadas por eles. Veja a seguir o quadro de alguns exemplos de advérbios e de locuções adverbiais.

Classificação	Advérbio	Locuções adverbiais
<b>Afirmação</b>	realmente; certamente; sim.	com certeza; de fato; sem dúvida.
<b>Dúvida</b>	talvez; porventura; possivelmente.	quem sabe; por certo.
<b>Intensidade</b>	menos; mais; bastante.	por demais; de todo.
<b>Lugar</b>	dentro; fora; abaixo; acima.	em cima; à direita; ao lado de.
<b>Modo</b>	rapidamente; devagar; mal; simplesmente.	às pressas; ao contrário de.
<b>Negação</b>	nunca; jamais; não; absolutamente.	de modo algum; de forma alguma.
<b>Tempo</b>	sempre; nunca; depois; ontem.	em breve; à tarde; de manhã.
<b>Ordem</b>	primeiramente; ultimamente.	em primeiro lugar; antes de tudo.
<b>Inclusão</b>	somente; inclusive; senão (exclusão).	além disso; em adição.
<b>Designação</b>	eis.	–

Também há alguns advérbios interrogativos, que possuem valores semânticos de:

- **Causa: por quê?**  
**Por que** não fala comigo?  
Não sei **por que** não fala comigo.
- **Lugar: onde?**  
**Onde** fica a sua nova casa?  
Não sei **onde** fica sua nova casa.
- **Modo: como?**  
**Como** está o planejamento dos seus estudos?  
Preciso saber **como** está o planejamento dos seus estudos.
- **Tempo: quando?**  
**Quando** estaremos juntos de novo?  
Quero saber **quando** estaremos juntos de novo.

Algumas palavras, mesmo que tenham características semelhantes aos advérbios, não são consideradas dessa classe gramatical. Na Morfologia, são palavras invariáveis, mas do ponto de vista sintático guardam diferenças com o uso dos advérbios. Em relação ao valor semântico, essas palavras têm importância no contexto em que se encontram, por isso recebem o nome de **palavras denotativas** ou **locuções denotativas**.

Leia a tirinha a seguir.



Apesar de os termos “lá” e “agora” não alterarem nenhuma das palavras da tirinha, eles são essenciais para a compreensão do que é enunciado.



Os termos “lá” e “agora”, no contexto da tirinha, não alteram um verbo nem um adjetivo e tampouco outro advérbio. Porém, podemos observar que essas palavras têm significado importante para a compreensão da tira, pois denotam sentido que interfere na construção da mensagem a ser transmitida. O quadro a seguir exemplifica algumas palavras denotativas.

Palavras ou locuções denotativas	
Valor semântico	Exemplo
<b>Realce:</b> lá; cá; só; é que etc.	Eu sei <b>lá</b> quanto anos você tem.
<b>Retificação:</b> aliás; ou melhor; ou antes etc.	Ele gosta de viajar, <b>ou melhor</b> , adora.
<b>Situação:</b> afinal; agora; então etc.	<b>Afinal</b> , você irá conosco?
<b>Explicação:</b> isto é; por exemplo; ou seja etc.	Tenho três sapatos, <b>isto é</b> , três tênis.

Como estudamos até aqui, os advérbios podem expressar diferentes valores, que, na produção textual, podem indicar posicionamentos do enunciador.

Quando produzimos um texto, escrito ou oral, temos a equivocada impressão de que somos inteiramente responsáveis por nossos dizeres. No entanto, em todo texto que planejamos estamos estabelecendo diálogos com diversos outros autores, ideias e posicionamentos. Essas outras “vozes” com as quais tecemos uma relação de concordância ou oposição são chamadas discursos alheios. Frente a eles nos posicionamos para avaliar e julgar. Essas avaliações e esses julgamentos são denominados **modalizações**.

### Saiba mais

O linguista russo Valentin Volóchinov (1895-1936) foi um dos principais pesquisadores que estudaram o discurso alheio. Para o estudioso, toda comunicação humana é dialógica, isto é, tecida por textos nos quais são/foram retomados os discursos alheios do passado ou do presente.

As modalizações podem ser reconhecidas por um conjunto de unidades linguísticas que já estudamos em capítulos anteriores. Há três principais funções de modalização. Vamos conhecê-las:

#### • Modalizações lógicas

Apresentam os conteúdos do ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados, certos, possíveis, prováveis e eventuais. Veja a manchete a seguir.

### Astrônomos descobrem novo tipo de exoplaneta **possivelmente** habitável

HARADA, Eduardo. *TecMundo*, 27 ago. 2021.

**Outros modalizadores lógicos:** certamente; evidentemente; talvez; é evidente que etc.

#### • Modalizações apreciativas

Consistem em uma avaliação subjetiva, apresentando as informações de uma perspectiva benéfica, maléfica, estranha, alegre ou triste. Observe o título a seguir.

### “Estamos vivendo um caos e, **infelizmente**, acho que vai piorar”, diz médica

FERNANDES, Daniel. *CNN Brasil*, 28 fev. 2021.

**Outros modalizadores apreciativos:** alegremente; felizmente; lamentavelmente etc.

#### • Modalizações deônticas

Consistem em apresentar as informações como domínio do direito, da obrigação social e/ou da conformidade com as normas. Leia a manchete a seguir.

### Pandemia aumenta casos de depressão e **é preciso** buscar ajuda, alerta médica

MEDEIROS, Tiago. *Agência Senado*, 17 mar. 2021.

**Outros modalizadores deônticos:** deve ser; não pode, obrigatoriamente, necessariamente etc.

Nos títulos jornalísticos apresentados, podemos observar que a marcação linguística da modalização ocorre por unidades diversas. Veja o quadro.

<b>Advérbios e locuções adverbiais</b>	certamente; provavelmente; evidentemente; talvez; verdadeiramente; sem dúvida; felizmente; infelizmente; obrigatoriamente; deliberadamente etc.
<b>Verbos auxiliares</b>	poder; querer; dever; ser etc.
<b>Orações impessoais</b>	é provável que; é lamentável que; admite-se geralmente que etc.
<b>Tempos verbais do modo condicional</b>	poderia; teria; seria etc.

Conhecer as modalizações pode nos ajudar na compreensão e produção de textos. Vamos analisar a seguir o cartaz de uma campanha de doação de órgãos, a fim de estudar os possíveis efeitos de sentido dos modalizadores.



No contexto comunicativo do cartaz, o advérbio “sempre” traz uma ideia de certeza.

Vejamos as orações em destaque no cartaz: “Você **sempre** doou o que não lhe servia mais. Faça o mesmo com os seus órgãos”. O advérbio “sempre” tem valor de tempo, porém, tal qual foi empregado no cartaz, passa a expressar um ponto de vista de certeza, uma modalização lógica, pois, na perspectiva do enunciador, o leitor do cartaz “sempre” fez doações de seus pertences (roupas, brinquedos e objetos diversos), assim como os representados na imagem do pulmão; por isso, é certo que o leitor também doará seus órgãos para salvar vidas. Caso o ponto de vista de certeza não tivesse sido empregado, o efeito argumentativo seria menor, logo a adesão à campanha também.

## Grau comparativo e grau superlativo

O parágrafo a seguir é parte da conclusão de uma redação do Enem 2021 que recebeu a nota máxima. O tema da redação era “Invisibilidade e registro civil: garantia de acesso à cidadania no Brasil”. Leia o fragmento e observe o uso das palavras em destaque.

Tal ação deve ocorrer por meio da criação de um Projeto Nacional de Acesso à Certidão, a qual irá promover, nas escolas públicas de todos os 5570 municípios brasileiros, debates acerca da importância do documento de registro civil para a preservação da cidadania, os quais irão acontecer **tanto extracurricularmente quanto** nas aulas de sociologia.

DIAS, Giovanna Gamba. In: BRASIL. *A redação do Enem 2022: cartilha do participante*. Brasília: MEC; Inep, 2022. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/download/enem/cartilha\\_do\\_participante\\_enem\\_2022.pdf](https://download.inep.gov.br/download/enem/cartilha_do_participante_enem_2022.pdf). Acesso em: 1º jul. 2023.

A expressão “tanto extracurricularmente quanto” indica o modo como deverá ocorrer o Projeto Nacional de Acesso à Certidão – sugerido pela autora do texto –, o qual visa promover igualmente dentro e fora da escola a importância do registro civil para a cidadania. Alguns advérbios, principalmente os que indicam circunstância de modo, são passíveis de gradação, de forma semelhante ao que ocorre com os adjetivos na construção dos graus comparativo e superlativo. Esse uso também pode evidenciar uma modalização apreciativa de quem escreve determinado texto, isto é, uma avaliação subjetiva.

No quadro a seguir, veja como são construídos o comparativo e o superlativo dos advérbios.

Grau dos advérbios	
Comparativo Compara algo	<b>De inferioridade:</b> Compara algo a outro, demarcando inferioridade. Composto de: menos + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu <b>menos rápido do que</b> eu.
	<b>De igualdade:</b> Compara algo a outro, demarcando igualdade. Composto de: tão/tanto + advérbio + quanto/como. Ex.: Ela correu <b>tão rápido quanto</b> eu.
	<b>De superioridade:</b> Compara algo a outro, demarcando superioridade. Composto de: mais + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu <b>mais rápido do que</b> eu.
Superlativo Expressa qualidades em níveis elevados ou máximos	<b>Absoluto analítico:</b> É acompanhado de outro advérbio que altera o grau de intensidade. Composto de: muito + advérbio. Ex.: Ela correu <b>muito rápido</b> .
	<b>Absoluto sintético:</b> Altera o advérbio devido ao uso de um sufixo. Composto de: advérbio + sufixo “-íssimo”. Ex.: Ela correu <b>rapidíssimo</b> .

## Preposição: conceito e classificação

A preposição (pré + posição) serve de instrumento de ligação entre dois segmentos do enunciado, de modo que a sequência colocada após a preposição explica ou completa o sentido da que precede a preposição. Leia o excerto de notícia a seguir.

### Redação do Enem tem como tema A falta de empatia nas relações sociais

A falta **de** empatia **nas** relações sociais **no** Brasil é o tema **da** redação **do** Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) aplicado hoje (23), tanto **para** estudantes que tiveram as provas canceladas **por** conta **da** pandemia **do** novo coronavírus (covid-19) quanto **para** aqueles que pediram **para** participar **da** reaplicação **do** exame porque foram prejudicados **na** aplicação regular, e **para** os candidatos privados **de** liberdade.

[...]

A opinião **do** autor deve estar fundamentada **com** explicações e argumentos, ou seja, **na** redação o participante deverá dissertar **sobre** o assunto proposto descrevendo-o e explicando-o. Além disso, é necessário defender a opinião colocada **na** construção textual, **com** o objetivo **de** convencer o leitor com base **em** argumentos. A redação deve ter, no máximo, 30 linhas e o texto deverá ser desenvolvido **a partir da** situação-problema apresentada e **dos** subsídios oferecidos **pelos** textos motivadores.

A prova de redação é a única subjetiva **do** exame e tem, **por** isso, critérios especiais **de** correção [...]

TOKARNIA, Mariana. *Agência Brasil*, 23 fev. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-02/redacao-do-enem-tem-como-tema-falta-de-empatia-nas-relacoes-sociais>. Acesso em: 6 jul. 2023.



As palavras destacadas no texto são preposições. Observe que a função dessas palavras é conectar dois termos, contribuindo para a construção de sintagmas.

### ! Atenção

**Sintagma** é o conjunto de palavras organizadas em torno de um núcleo. O sintagma pode ser **nominal**, se o núcleo for um nome, ou **verbal**, se o núcleo for um verbo.

Vamos analisar duas construções desse fragmento que utilizaram os verbos “pedir” e “dissertar”, respectivamente.

[...] aqueles que pediram **para** participar da reaplicação do exame [...]

A depender da preposição com a qual o verbo se junta, o sentido que expressa é diferente. No exemplo anterior, “pedir **para**” expressa um pedido de permissão, autorização ou licença. Já o sentido de “pedir **a**” é solicitar que alguém atenda ao que foi pedido, como em “Pedi ao prefeito melhorias”.

Observe outro exemplo:

[...] o participante deverá dissertar **sobre** o assunto proposto [...]

O verbo “dissertar”, quando se junta à preposição “sobre”, tem o sentido de apresentar um assunto em detalhes, de maneira sistemática. No entanto, ele também pode ser intransitivo, como em “Ele dissertou durante o evento”.

Em suma, as preposições estabelecem uma coesão adequada entre verbo e complemento, além de interferir na construção de sentido, sendo, portanto, um recurso estilístico na compreensão textual.

No trecho da notícia também encontramos a expressão nominal “opinião do autor”, em que “do autor” é uma locução adjetiva. A preposição “do” (de + o) une-se ao substantivo “opinião” para construir uma expressão modificadora.

A preposição pode ligar termos de classes gramaticais iguais, como ocorre entre os dois substantivos em “opinião do autor”, ou de classes gramaticais diferentes, como em “dissertar sobre o assunto”, na qual estabelece conexão entre verbo e substantivo. Nessa relação entre dois termos, o que precede a preposição é chamado **subordinante**, e o que a sucede recebe o nome de **subordinado**.

O termo subordinante pode ser um substantivo (“**redação** do Enem”), um verbo (“**pediram** para participar”), um adjetivo (“**especial** de correção”) ou um advérbio (“**tanto** para estudantes”). Já o subordinado pode ser um substantivo (“prova de **redação**”), um pronome (“quanto para **aqueles**”) ou um verbo no infinitivo (“objetivo de **convencer**”). Por causa dessas variadas possibilidades de combinações, as preposições podem participar de diferentes construções, com distintas funções sintáticas. Confira alguns exemplos no quadro a seguir.

Sentença	Preposição na construção do
Acredito <b>em</b> milagres.	objeto indireto
Ele tem orgulho <b>da</b> filha.	complemento nominal
O segredo <b>de</b> Paulo foi revelado.	adjunto adnominal
Ela voltou <b>com</b> saudades.	adjunto adverbial
A notícia foi dada <b>por</b> Pedro.	agente da passiva

## Categorização e contração das preposições

Algumas palavras sempre funcionam como preposições, por isso são chamadas **preposições essenciais**. Outras são as **preposições acidentais**, isto é, embora pertençam a outras classes de palavras, funcionam como preposição dependendo do contexto. A maior parte dessas preposições é derivada de advérbios de lugar, mas também podem surgir de outras categorias gramaticais, como adjetivos, verbos no particípio e substantivos. Veja o quadro a seguir:

**Preposições essenciais:** a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

**Preposições acidentais:** afora, como, conforme, consoante, durante, exceto, malgrado, mediante, salvo, segundo.

As preposições essenciais podem se unir a outras palavras, originando locuções prepositivas. Geralmente, essas locuções são formadas com o acréscimo de uma preposição a um advérbio ou a uma locução adverbial (depois de, junto a, apesar de, acima de, ao redor de, em frente a etc.). Também podem ser formadas por outras classes de palavras e por mais de uma preposição (por causa de, com base em, a partir de, em vez de etc.).

Algumas preposições contraem-se com artigos (do, às, nas, pelo), pronomes (deles, àquela, naquele) ou advérbios (daqui, dali). Há contração quando, ao se juntar com outra palavra, a preposição sofre redução. E há combinação quando a junção da preposição a outro termo não reduz ou altera as palavras, como ocorre com a preposição “a” ao se juntar com o artigo masculino definido (ao, aos) e com o advérbio onde (aonde). Há ainda preposições com mais de um elemento (desde... até, de... até) e preposições derivadas (durante, mediante, salvo etc.).

## Preposições e relações de sentido

Observe algumas das relações de sentido que as preposições podem estabelecer conforme o contexto em que são empregadas.

Preposição	Exemplos	Relação de sentido
a	Vim <b>a</b> cavalo.	Meio
	Realizou a tarefa <b>aos</b> gritos.	Modo
	Chegaremos <b>ao</b> meio-dia.	Tempo
	Fui <b>a</b> Paris.	Destino
de	A casa <b>de</b> Luiza.	Posse
	Chorava <b>de</b> felicidade.	Causa
	É feito <b>de</b> ferro.	Matéria
	Minha barraca <b>de</b> <i>camping</i> .	Finalidade
com	Limpou a casa <b>com</b> a vassoura.	Instrumento (por meio de)
	Ela estava <b>com</b> ele ontem.	Companhia
	Concordaram <b>com</b> o professor.	Conformidade
	Ela se parece <b>com</b> o pai.	Comparação
em	Estou <b>em</b> meu apartamento.	Lugar
	Estava <b>em</b> desespero.	Modo
	Saíram <b>em</b> poucas horas.	Tempo
	O galpão estava <b>em</b> chamas.	Estado ou qualidade
para	Chegou à empresa <b>para</b> se destacar.	Finalidade
	Viajamos <b>para</b> o campo.	Lugar
sem	Estou <b>sem</b> dinheiro algum.	Falta, privação
	Ganhei <b>sem</b> pagar nada.	Concessão

## Revisando

1. **Fuvest-SP 2018** Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las.

5 Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, Teorias da arte. Adaptado

No trecho “Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna” (L. 2-3), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- realmente; portanto.
- invariavelmente; ainda.
- com efeito; todavia.
- com segurança; também.
- possivelmente; até.

## 2. Uece

### MENSAGEM DE NATAL

*Um cartão de Natal com um desenho colorido de Papai Noel e uma menina, postado em 1914, chegou a seu destino na cidade americana de Oberlin, no estado do Kansas, depois de ficar extraviado durante 93 anos. O cartão, datado de 23 de dezembro de 1914, tinha sido enviado a Ethel Martin, de Oberlin. Ethel Martin nunca chegou a ler a mensagem de Natal. Ela morreu antes de receber o cartão. (17/12/2007)*

5 Para ele, o fim do ano era sempre uma época dura, difícil de suportar. Sofria daquele tipo de tristeza mórbida que acomete algumas pessoas nos festejos de Natal e de Ano Novo. No seu caso havia uma razão óbvia para isso: aos setenta anos, solteirão, sem parentes, sem amigos, não tinha com quem celebrar, ninguém o convidava para festa alguma. O jeito era tomar um porre, e era o que fazia, mas o resultado era melancólico: além da solidão, tinha de suportar a ressaca.

15 No passado, convivera muito tempo com a mãe. Filho único, sentia-se obrigado a cuidar da velhinha que cedo enviudara. Não se tratava de tarefa fácil: como ele, a mãe era uma mulher amargurada. Contra sua vontade, tinha casado, em 31 de dezembro de 1914 (o ano em que começou a Grande Guerra, como ela fazia questão de lembrar), com um homem de quem não gostava, mas que pais e familiares achavam um bom partido. Resultado desse matrimônio: um filho e longos anos de sofrimento e frustração. O filho tinha de ouvir suas constantes e ressentidas queixas. Coisa que suportava estoicamente; não deixou, contudo, de sentir certo alívio quando de seu falecimento, em 1984. Este alívio resultou em culpa, uma culpa que retornava a cada Natal. Porque a mãe falecera exatamente na noite de Natal. Na véspera, no hospital, ela lhe fizera uma confissão surpreendente: muito jovem, apaixonara-se por um primo, que acabou se transformando no grande amor de sua vida. Mas a família do primo mudara-se e ela nunca mais tivera notícias dele. Nunca recebera uma carta, uma mensagem, nada. Nem ao menos um cartão de Natal.

35 No dia 24 pela manhã ele encontrou um envelope na caixa do correio. Como em geral não recebia correspondência alguma, foi com alguma estranheza que abriu o envelope.

40 Era um cartão de Natal, e tinha a falecida mãe como destinatária. Um velhíssimo cartão, uma coisa muito antiga, amarelada pelo tempo. De um lado, um desenho do Papai Noel sorrindo para uma menina. Do outro lado, a data: 23 de dezembro de 1914. E uma única frase: “Eu te amo”.

45 A assinatura era ilegível, mas ele sabia quem era o remetente: o primo, claro. O primo por quem a mãe se apaixonara, e que, através daquele cartão, quisera associar o Natal com uma mensagem de amor. Uma nova vida era o que estava prometendo. Esta mensagem e esta promessa jamais tinham chegado a seu destino. Mas de algum modo o recado chegara a ele. Por quê? Que segredo desígnio haveria atrás daquilo?

55 Cartão na mão, aproximou-se da janela. Ali, parada sob o poste de iluminação, e provavelmente esperando o ônibus, estava uma mulher já madura, modestamente vestida, uma mulher ainda bonita. Uma desconhecida, claro, mas o que importava? Seguramente o destino a trouxera ali, assim como trouxera o cartão de Natal. Num impulso, abriu a porta do apartamento e, sempre segurando o cartão, correu para fora. Tinha uma mensagem para entregar àquela mulher. Uma mensagem que poderia transformar a vida de ambos, e que era, por isso, um verdadeiro presente de Natal.

(Moacyr Scliar. *Histórias que os jornais não contam*.)

Considere as proposições sobre o uso do advérbio **estoicamente** (linha 24).

- I. Modifica o processo expresso pela forma verbal **resistiu**.
- II. Contribui significativamente para traçar o perfil da personagem “filho”.
- III. Mantém relação semântica com o trecho **Não se tratava de tarefa fácil: como ele, a mãe era uma mulher amargurada** (linhas 16-17).

Está correto o que se declara

- a) apenas em I.
- b) apenas em I e II.
- c) apenas em II e III.
- d) em I, II e III.

### 3. Uespi 2017

#### DA FELICIDADE

Quantas vezes, a gente em busca de ventura.

Procede tal e qual o avozinho infeliz:

Em vão por toda a parte, os óculos procura,

Tendo-os na ponta do nariz!

Mario Quintana. In: *Mario Quintana de bolso*. Porto Alegre: L&PM, 1997, p. 39

A expressão **em vão**, verso 03, tem o mesmo sentido de:

- a) Ansiosamente.
- b) Cuidadosamente.
- c) Inutilmente.
- d) Visivelmente.
- e) Desesperadamente.

### 4. EEAR-SP 2023 Leia os provérbios abaixo:

- I. Muito riso, pouco siso.
- II. O muito sem Deus não é nada.
- III. Muito ajuda quem não atrapalha.

A palavra “muito” neles presente é advérbio somente em

- a) III.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) II e III.

### 5. AFA-SP 2017

#### PARA SEMPRE JOVEM

Recentemente, vi na televisão a propaganda de um jipe que saltava obstáculos como se fosse um cavalo de corrida. Já tinha visto esse comercial, mas comecei a prestar atenção na letra da música, soando forte e repetindo a estrofe de uma canção muito conhecida, “*forever Young... I wanna live forever and Young...* (para sempre jovem... quero viver para sempre e jovem)”. Será que, realmente, queremos viver muito e, de preferência, para sempre jovens? [...]

10 O crescimento da população idosa nos países desenvolvidos é uma bomba-relógio que já começa a implodir os sistemas previdenciários, despreparados para amparar populações com uma média de vida em torno de 140 anos. A velhice se tornou uma epidemia incontrolável nos países desenvolvidos. Sustentar a população idosa sobrecarrega os jovens, cada vez em menor número, pois, nesses países, há também um declínio da natalidade. Será isso socialmente justo?

20 Uma pessoa muito longa consome uma quantidade total de alimentos muito maior do que as outras, o que contribui para esgotar mais rapidamente os recursos finitos do planeta e agravar ainda mais os desequilíbrios sociais.

Para que uns poucos possam viver muito, outros terão de passar fome. Será que, em um futuro breve, teremos uma guerra de extermínio aos idosos, como na ficção do escritor argentino Bioy Casares, *O diário da guerra do porco*? Seria uma guerra justa? [...]

(TEIXEIRA, João. Para sempre jovens. In: *Revista Filosofia: ciência & vida*. Ano VII, n. 92, março-2014, p. 54.)

Elementos de modalização são responsáveis por expressar intenções e pontos de vista do enunciador. Por intermédio deles, o enunciador inscreve no texto seus julgamentos e opiniões sobre o conteúdo, fornecendo ao interlocutor “pistas” de reconhecimento do efeito de sentido que pretende produzir. Observe os elementos de modalização destacados nos excertos e as respectivas análises.

- I. “...e agravar ainda mais os desequilíbrios sociais.” (l. 21) – O advérbio destacado ratifica a ideia de que a situação que já é caótica vai piorar.
- II. “...terão de passar fome.” (l. 22 e 23) – O verbo auxiliar utilizado ressalta a total falta de saída para os jovens.
- III. “Será que, realmente, queremos viver muito...” (l. 7 e 8) – O advérbio utilizado reforça o questionamento sobre o desejo de viver muito, presente no senso comum.
- IV. “...queremos viver muito e, de preferência, para sempre jovens?” (l. 7 e 8) – A locução adverbial sugere que a vida longa será também de qualidade.

Apresentam afirmações corretas as alternativas

- a) I e II apenas.
- b) III e IV apenas.
- c) I, II e III apenas.
- d) I, II, III e IV.

6. **UFJF-MG 2019** A terceira parte de *Um livro de instruções e desenhos de Yoko Ono*, da artista plástica, compositora e escritora Yoko Ono (Tóquio, 1933-), é intitulada “Evento”. Nele, Yoko Ono fornece “instruções” para que seus leitores produzam eventos.

### Evento do cheiro I

Envie o cheiro da Lua.

### Evento do cheiro II

Envie um cheiro para a Lua.

(ONO, Yoko. *Grapefruit – A Book of Instruction and Drawings by Yoko Ono*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2000[1964].)

No texto, há uma mudança de preposições do Evento I para o II, em que o “da” passa a ser “para”. Sobre essas preposições podemos dizer que:

- a) No Evento I, a Lua é a possuidora do cheiro.
- b) No Evento I, a Lua é a mensageira do cheiro.
- c) No Evento I, a Lua é para onde o cheiro é enviado.
- d) No Evento II, a Lua é o agente do envio do cheiro.
- e) No Evento II, a Lua é o lugar onde estava o cheiro.

## 7. IFPR 2015

### MÚSICA NO TÁXI

Carlos Drummond de Andrade

Quando menos se espera... Você pega o táxi, manda tocar \_\_\_\_\_ seu destino (manda, não, pede por favor) e

resigna-se a escutar durante 20 minutos, no volume mais possante, o rádio despejando assaltos e homicídios do dia. Os tiros, os gemidos, os desabamentos o acompanharão \_\_\_\_\_ todo o percurso. É a fatalidade da vida, quando se tem pressa.

Mas eis que o motorista pega de um imprevisto cassette, coloca-o no lugar devido, liga, e os acordes dos Contos dos Bosques de Viena irrompem do fusca amarrutado, mas digno.

Bem, não é a Nona Sinfonia nem um título menor da grande música, mas não estamos na Sala Cecília Meireles, e isso vale como homenagem especial a um passageiro distinto, que pede por favor. Cumpre agradecer a fineza:

— Obrigado. O senhor mostra que tem satisfação em agradar aos passageiros, oferecendo-lhes música e não barulho e crimes.

— Não tem de quê. O senhor também aprecia?

— O quê?

— Strauss. É um dos meus prediletos.

— Sim, ele é agradável. O senhor está sendo gentil comigo.

— Ora, não é tanto assim. Pus o cassette porque gosto de música. Não sabia se o senhor também gostava ou não. Se não gostasse, eu desligava. Portanto, não tem que agradecer.

— E já lhe aconteceu desligar?

— Ih, tantas vezes. Fico observando a fisionomia do passageiro. Uns, mais acanhados, disfarçam, não dizem nada, mas tem outros que reclamam, não querem ouvir esse troço. O senhor já pensou: chamar Tchaikovski de “esse troço”? Pois ouvi isso de um cidadão de gravata e pasta de executivo. Ele disse que precisava se concentrar por causa de um negócio importante e Tchaicovski perturbava a concentração.

— Ele talvez quisesse dizer que ficava tão empolgado pela música que esquecia o negócio.

— Pois sim! Nesse caso, não falaria “esse troço”, que é o cúmulo da falta de respeito.

— Estou adivinhando que o senhor toca um instrumento.

— Como é que o senhor viu?

— Porque uma pessoa que gosta tanto de música, em geral toca. Seu instrumento qual é? Virou-se com tristeza na voz:

— Atualmente nenhum. O senhor sabe, essa crise geral, a gasolina pela hora da morte, e não é só a gasolina: a comida, o sapato, o resto. Tive de vender pra tapar uns buracos. Mas se as coisas melhorarem este ano...

— Melhoram. As coisas têm de melhorar – achei \_\_\_\_\_ meu dever confortá-lo.

— Porque clarinetista sem clarinete, o senhor sabe, é um negócio sem sentido. Clarinete tem esta vantagem: dá o recado sem precisar de orquestra. Um solo bem executado, não precisa mais pra encantar a alma. Mas clarinetista, sozinho, fica até ridículo.

— Não diga isso. E não desanime. O dia em que arranjar outro clarinete – quem sabe?, talvez até seja o mesmo que lhe pertenceu – será uma festa.

— Mas se demorar muito eu já estarei tão desacostumado que nem sei se volto a tocar razoavelmente. Porque, o senhor compreende, eu não sou um artista, minha vida não dá folga pra estudar nem meia hora por dia.



— O importante é gostar de música, ter amor e devoção por música, e está se vendo que o senhor tem de sobra.

— Lá isso tá certo.

— Não importa que o senhor não seja solista de uma grande orquestra, e mesmo de uma orquestra comum. Ninguém precisa ser grande em nada, uma vez que cultive alguma coisa bonita na vida.

Seu rosto iluminou-se.

— Que bom ouvir uma coisa dessas. Agora vou lhe confessar que isso de não ser músico dos tais que arrebatam o auditório sempre me doe um pouco. Não era por vaidade não, quem sou pra ter vaidade? Mas um sonho esquisito, sei lá. Ficava me imaginando num palco iluminado, tocando... Bobagem, o senhor desculpe. Agora a sua palavra deixou tudo claro. Basta eu gostar de música. Não é preciso que gostem de mim, nem que ela goste de mim. Obrigado ao senhor.

Olhei o taxímetro, tirei a carteira.

— Eu nem devia cobrar do senhor. Fico até encabulado!

(*Boca de Luar*, 6 ed. pág. 69-71, Editora Record, Rio, 1987)

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas de linha contínua do texto:

- a) para o – por – do.
- b) ao – a – o.
- c) a – em – no.
- d) à – a – o.
- e) até o – por – em.

## 8. UFRN 2019 (Adapt.)

### TOMATE, O DIURÉTICO NATURAL

Quem tem raízes italianas sabe que o tomate é um fruto indispensável no preparo de refeições. Ingrediente principal de molhos, ele faz parte do dia a dia dos brasileiros, acompanhando massas, cortado na salada, picado no vinagrete, batido na sopa ou até em forma de suco. Caqui, cereja, italiano, o que não faltam são opções para quem quiser variar no cardápio com ele, que sempre agrega sabor e saúde às mais diversas refeições.

Porém, sua versatilidade não está só nos tipos. Muito saudável, é também uma boa escolha para quem busca prevenir uma série de doenças. É o caso do câncer de próstata: um estudo recente publicado na revista *Molecular Cancer Research* relacionou a ingestão de altos níveis de betacaroteno à prevenção do desenvolvimento de tumores na região. Outro fator de saúde associado ao seu consumo é a perda de peso. “O fruto auxilia no emagrecimento por ter baixo valor calórico. Possui ainda propriedades desintoxicantes, influenciando positivamente o funcionamento dos rins e promovendo efeito diurético, que aumenta a quantidade de líquido eliminado”, explica a nutricionista Amanda Maffei (SP). Ela ressalta ainda que o fruto é capaz de combater o acúmulo da gordura localizada graças à sua ação anti-inflamatória.

Uma das substâncias do tomate que traz benefícios ao organismo é o licopeno, um carotenoide que lhe dá a coloração vermelha. “Esse antioxidante combate os radicais livres, prevenindo o envelhecimento precoce e protegendo o sistema cardiovascular”, pontua Amanda. O carotenoide também tem sido associado aos fatores de prevenção do câncer de próstata. Além disso, de

acordo com a dermatologista Patrícia Mafra (SP), esse antioxidante ajuda no combate aos radicais livres e evita o envelhecimento precoce da pele causado pelos raios ultravioleta.

[...]

### Cuidados importantes

Para quem apresenta problemas digestórios, como a gastrite, a recomendação é tomar cuidado. “Esse é um alimento ácido, que aumenta a produção de ácido clorídrico, causando mais dor”, adverte Amanda. Ela também alerta sobre a quantidade de potássio contida no tomate, que pode aumentar a formação de cálculos renais, principalmente para as pessoas que possuem essa predisposição.

Em relação ao consumo, 100 g de tomate (algo como uma unidade grande) forneceriam cerca de 6% da dose diária recomendada de potássio para adultos. A maior ingestão do nutriente na dieta está associada a menores taxas de acidente vascular cerebral (AVC) e pode diminuir a incidência de doenças cardiovasculares. A nutricionista Regina recomenda incluí-lo no cardápio diariamente e acrescenta: “Existe uma vantagem no consumo cozido, porque nosso organismo absorve melhor o licopeno, especialmente quando regado com um fio de azeite”.

[...]

VIEIRA, Mariana; TORETTA, Murilo. Tomate, o diurético natural. *VIVASAÚDE*. São Paulo: Editora Escala, Ed. 188, jan. 2019. p. 36-39. [Adaptado].

Para responder à questão, considere o excerto abaixo.

A[1] maior ingestão do nutriente na dieta está associada a[2] menores taxas de acidente vascular cerebral (AVC) e pode diminuir a[3] incidência de doenças cardiovasculares.

Os elementos linguísticos [1], [2] e [3] são, respectivamente,

- a) preposição, preposição e artigo.
- b) artigo, preposição e artigo.
- c) artigo, artigo e preposição.
- d) preposição, artigo e preposição.

## 9. EsPCEx-SP 2022

### Assiste à demolição

– Morou mais de vinte anos nesta casa? Então vai sentir “uma coisa” quando ela for demolida. Começou a demolição. Passando pela rua, ele viu a casa já sem telhado, e operários, na poeira, removendo **caibros**. Aquele telhado que lhe dera tanto trabalho por causa das goteiras, tapadas aqui, reaparecendo ali. Seu quarto de dormir estava exposto ao céu, no calor da manhã. Ao fundo, no terraço, tinham desaparecido as colunas da **pérgula**, e a cobertura de ramos de **buganvília** – dois troncos subindo do pátio lá embaixo e enchendo de florinhas vermelhas o chão de ladrilho, onde gatos da vizinhança amavam fazer sesta e surpreender tico-ticos.

Passou nos dias seguintes e viu o progressivo desfazer-se das paredes, que escancarava a casa de frente e **de flancos** jogando-a por assim dizer na rua. Os **marcos** das portas apareciam emoldurando o vazio. O azul e as nuvens circulavam pelos cômodos, em composição surrealista. E o pequeno balcão da fachada, cercado de ar, parecia um mirante espacial, baixado ao nível dos míopes.

A demolição prosseguiu à noite, espontaneamente. Um lança de parede desabou sozinho, para fora do **tapume**, quando já cessara na rua o movimento das lotações. Caiu discreto, sem ferir ninguém, apenas avariando – desculpem – a rede telefônica.

A casa encolhera-se, em processo involutivo. Já agora de um só pavimento, sem teto, aspirava mesmo à desintegração. Chegou a vez da pequena sala de estar, da sala de jantar com seu **lambri** envernizado a preto, que ele passara meses raspando a poder de gilete, para recuperar a cor da madeira. E a vez do escritório, parte pensante e sentinte de seu mecanismo individual, do eu mais íntimo e simultaneamente mais público, eu de gavetas sigilosas, manuseadas por um profissional da escrita. De todo o tempo que vivera na casa, fora ali que passara o maior número de horas, sentado, meio corcunda, desligado de acontecimentos, ouvindo, sem escutar, rumores que chegavam de outro mundo – cantoria de bêbados, motor de avião, chorinho de bebê, galo na madrugada.

E não sentiu dor vendo esfarinharem-se esses compartimentos de sua história pessoal. Nem sequer a melancolia do desvanecimento das coisas físicas. Elas tinham durado, cumprido a tarefa. Chega o instante em que compreendemos a demolição como um resgate de formas cansadas, sentença de liberdade. Talvez sejamos levados a essa compreensão pelo trabalho similar, mais surdo, que se vai desenvolvendo em nós. E não é preciso imaginar a alegria de formas novas, mais claras, a surgirem constantemente de formas caducas, para aceitar de coração sereno o fim das coisas que se ligaram à nossa vida.

Fitou tranquilo o que tinha sido sua casa e era um amontoado de **caliça** e tijolo, a ser removido. Em breve restaria o **lote**, à espera de outra casa maior, sem sinal dele e dos seus, mas destinada a concentrar outras vivências. Uma ordem, um estatuto pairava sobre os destroços, e tudo era como devia ser, sem ilusão de permanência.

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Cadeira de balanço*. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

**caibro**: s.m. elemento estrutural de um telhado, geralmente peças de madeira que se dispõem da cumeeira ao frechal, a intervalos regulares e paralelas umas às outras, em que se

cruzam e assentam as ripas, frequentemente mais finas e compridas, e sobre as quais se apoiam e se encaixam as telhas.

**pérgula**: s.f. espécie de galeria coberta de barrotes espaçados assentados em pilares, geralmente guarnecida de trepadeiras.

**bugainvíla**: s.f. designação comum às plantas do gênero *bougainvillea*, trepadeira, muito cultivadas como ornamentais.

**de flanco**: s.m. pela lateral.

**marco**: s.m. parte fixa que guarnece o vão de portas e janelas, e onde as folhas destas se encaixam, prendendo-se por meio de dobradiças.

**tapume**: s.m. cerca ou vala guarnecida de sebe que defende uma área; anteparo, geralmente de madeira, com que se veda a entrada numa área, numa construção.

**lambri**: s.m. revestimento interno de parede, usado com fim decorativo ou para proteger contra frio, umidade ou barulho; feito de madeira, mármore, estuque, numa só peça ou composto por painéis, que vão até certa altura ou do chão ao teto (mais usado no plural).

**caliça**: s.f. conjunto de resíduos de uma obra de alvenaria demolida ou em desmoronamento, formado por pó ou fragmentos dos materiais diversos do reboco (cal, argamassa ressequida) e de pedras, tijolos desfeitos.

**lote**: s.m. porção de terra autônoma que resulta de loteamento ou desmembramento; terreno de pequenas dimensões, urbano ou rural, que se destina a construções ou à pequena agricultura.

Fonte: HOUAISS, A. e Villar, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. Objetiva, 2009.

No trecho “**Ao** fundo, no terraço, tinham desaparecido as colunas da pérgula...”, a preposição presente no termo sublinhado encontra o mesmo emprego, quanto à relação de sentido, na preposição presente no termo sublinhado na sentença da alternativa:

- “E o pequeno balcão da fachada, cercado de ar, parecia um mirante espacial, baixado **ao** nível dos míopes.”
- Ao** chegar à Amazônia, senti estar ante um mundo diferente.
- Ao** entardecer, avistei uma povoação...
- Foi **ao** tribunal em obediência à intimação judicial.
- Ao** romper da aurora, a natureza torna-se mais aprazível.

## Exercícios propostos



Leia o trecho do livro *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*, do neurocientista português António Rosa Damásio, para responder às questões 1 e 2.

O principal enfoque em *O erro de Descartes* é a relação entre emoção e razão. Baseado em meu estudo de pacientes neurológicos que apresentavam deficiências na tomada de decisão e distúrbios da emoção, construí a hipótese de que a emoção era parte integrante do processo de raciocínio e poderia auxiliar esse processo ao invés de, como se costumava supor, necessariamente perturbá-lo. Hoje em dia essa ideia já não causa espécie, mas na época

em que a apresentei muita gente estranhou, e mesmo a recebeu com certo ceticismo. Tudo sopesado, a ideia, em grande medida, foi aceita e até, em certos casos, acolhida com tanta sofreguidão que acabou deturpada. Por exemplo, nunca afirmei que a emoção era um substituto para a razão, mas em algumas versões superficiais depreendia-se que minha ideia era que se você seguisse o coração em vez da razão tudo daria certo.

Na verdade, em certas ocasiões a emoção pode ser um substituto para a razão. O programa de ação emocional que denominamos medo pode afastar rapidamente do perigo a maioria dos seres humanos com pouca ou nenhuma ajuda da razão. Um esquilo ou um pássaro não pensa para reagir





Sobre o termo destacado no trecho “mas **simplesmente** por acreditar”, a única afirmativa incorreta é a que se faz na alternativa

- a) Expressa a ideia de exclusão.
- b) Possui o mesmo valor morfológico de “não”.
- c) É um modificador de “acreditar”, que exprime modo.
- d) Pode ser substituído, sem prejuízo de sentido, por *meramente*.
- e) Indica impossibilidade de deslocamento para depois do verbo.

5. **UFC-CE** Assinale a alternativa em que o advérbio incide sobre toda a oração, como “certamente” em “Mesmo com as dificuldades verificáveis no cotidiano, **certamente** vale a pena aprender um novo idioma, mesmo depois da adolescência”.

- a) Ela, quando nervosa, fala rapidamente.
- b) Ela foi facilmente influenciável pela mídia.
- c) Ele portou-se, naquela festa, vergonhosamente.
- d) Ele viveu felizmente com a mesma mulher por toda a vida.
- e) Eles optaram pela não permanência dele no grupo, lamentavelmente.

6. **Univap-SP 2017** Os advérbios são classificados de acordo com as circunstâncias que exprimem. Eles podem ser de afirmação, de negação, de modo, de lugar, de dúvida, de intensidade, de tempo e interrogativos. Já quando duas ou mais palavras (geralmente preposição + substantivo ou advérbio) formam uma expressão que equivale a um advérbio, chamamos de locução adverbial. Na frase, “*O jogador errou o gol de propósito, no jogo de domingo, à noite*”, há

- a) advérbio de modo.
- b) locução adverbial de modo.
- c) advérbio de intensidade.
- d) locução adverbial de intensidade.
- e) advérbio e, conseqüentemente, locução adverbial.

7. **UEM-PR**

### Papai não é mamãe

Diogo Schelp

Todo homem que queira se manter competitivo no mercado das relações amorosas, atualmente, precisa demonstrar que reza pela cartilha do politicamente correto no quesito paternidade. Ou seja, ter disposição (ou pelo menos dizer

- 5 que tem) para desempenhar toda e qualquer tarefa relacionada ao cuidado com os filhos. [...] Já vai longe o tempo em que levantar as pernas para a mulher passar o aspirador era considerado uma grande ajuda. Esquentar a mamadeira, preparar a papinha, trocar a fralda e dar banho no bebê
- 10 são atividades, entre muitas outras, que um pai pode perfeitamente desempenhar. Mas há excessos na concepção mais difundida de paternidade moderna. O principal deles é equiparar pai e mãe na capacidade de suprir as necessidades físicas e afetivas dos filhos. A influência que o pai
- 15 pode ter sobre seus rebentos, especialmente quando eles ainda são bebês, é limitada por fatores biológicos. Forçá-lo

a agir como se pudesse substituir a mãe pode ter efeitos devastadores.

- [...] Os homens estão sendo submetidos a duas forças
- 20 opostas. De um lado, a pressão das mulheres para que exerçam a paternidade de uma maneira historicamente inédita, em que várias das tarefas maternas lhes são confiadas. De outro, a limitação de ordem natural, que faz com que eles não se sintam totalmente à vontade nas
- 25 novas funções.

Ordem natural? O pensamento de extração feminista atribui o desconforto dos homens nos cuidados com os filhos a aspectos culturais originados do machismo patriarcal. Por esse argumento, os pais não conseguem ter a

30 mesma delicadeza, afetuosidade e disponibilidade que as mães simplesmente porque não se despem dos valores que lhes foram inculcados e que continuam a ser reproduzidos nas diferentes esferas da vida social. Não foram educados para cuidar de crianças e não encontram respaldo no ambiente de trabalho para ser pais participativos. Tudo isso é, em parte, verdadeiro. Meninos são ensinados a manter-se longe de bonecas, e é mais fácil para uma mãe do que para um pai convencer o chefe de que precisa sair mais cedo para levar o filho ao médico. [...] Chegamos, então,

40 à “ordem natural”. Por mais que as pessoas acreditem na versão politicamente correta da paternidade, o fato é que a maioria estranha quando os homens desempenham tarefas tradicionalmente maternas. Isso é errado? Não. “As regras sociais e culturais não surgem do nada. Elas têm uma

45 origem biológica”, diz o psicólogo evolutivo americano David Barash, da Universidade de Washington.

Entre as características tipicamente masculinas que, em geral, são deixadas de lado quando se tenta cuidar de uma criança com a mesma dedicação de uma mãe, estão

50 a autonomia, o gosto pela competição e a agressividade. A perda de virilidade experimentada pela maioria dos homens que se põem a realizar trabalhos associados a mulheres tem bases químicas. Experiências de laboratório mostram, por exemplo, que os níveis de testosterona no organismo caem quando o homem segura uma boneca nos braços. O efeito é o mesmo de quando o marmanjo

55 embala um bebê de verdade. O hormônio masculino por excelência é aquele que, entre outras coisas, proporcionava aos machos humanos, nos tempos das cavernas, o ímpeto de caçar, acasalar-se – e dar uma bordoadada na cabeça do inimigo.

Faz sentido, portanto, que a evolução tenha moldado o organismo do homem de forma tal a diminuir os níveis de testosterona na presença de crianças – não só as suas,

65 como as de outros. Do contrário, eles representariam sempre um perigo para aqueles serzinhos adoráveis – e gritadores, e chorões, e... irritantes. [...] A descoberta reforça a tese de que o natural para um homem é ser provedor e protetor – não um trocador de fraldas. [...]

70 Evidentemente, não se trata de propor que os pais modernos voltem a se comportar como na idade da pedra. “O que não se pode é exigir que eles assumam o papel das mães”, diz o psicólogo americano Aaron Rochlen, da Universidade do Texas, autor de um estudo sobre homens

75 que se tornaram donos de casa.

Assinale o que for **correto** a respeito do uso do advérbio no texto.



- 01 Em “**Evidentemente**, não se trata de propor que os pais modernos voltem a se comportar como na idade da pedra.” (linhas 70-71), o advérbio em negrito modifica toda a oração e demonstra a certeza do autor do texto a respeito da ideia veiculada na oração.
- 02 Em “Já vai **longe** o tempo...” (linha 6), o advérbio em negrito assume sentido de distância espacial, uma vez que o comportamento do homem atual se aproxima do esperado pelas mulheres.
- 04 Em “**politicamente** correto” (linha 3), “**tradicionalmente** maternas” (linha 43) e “**tipicamente** masculinas” (linha 47), os advérbios em negrito modificam os adjetivos que os sucedem.
- 08 Em “... eles representariam **sempre** um perigo...” (linhas 65-66), o advérbio em negrito indica uma circunstância de tempo.
- 16 Em “A influência que o pai pode ter sobre seus rebentos, **especialmente** quando eles ainda são bebês ...” (linhas 14-16), o advérbio em negrito delimita o alcance da validade da ideia expressa pela oração antecedente.

Soma:

## 8. UEM-PR

### Texto 1

#### Gente diferenciada

Fernando de Barros e Silva

- Acompanhei o “churrascão da gente diferenciada” quase inteiro. Foi um protesto de estudantes e das classes médias (médias mais altas do que baixas). O povão ali era residual. Não pretendo tirar o brilho do evento, apenas
- 5 caracterizá-lo. Havia muitos moradores de Higienópolis no meio das pessoas que gritavam “é a elite mais porca do Brasil”.
- Vi cenas curiosas: muitos cachorros “diferenciados” na coleira, entre os manifestantes. Pelo menos três golden
- 10 retriever que decidiram ser “gauche na vida”.
- Dois “empreendedores” (assim foram chamados) vendiam camisetas com a inscrição: “gente diferenciada”. Estavam no meio da avenida Angélica e, acredite, aceitavam pagamento em cartão de crédito. Seriam camelôs
- 15 “diferenciados”?
- O clima era festivo, performático. Alckmin e Kassab foram xingados (o prefeito até mais que o tucano), mas entre as palavras de ordem surgiam músicas como “Trem das Onze”, de Adoniran, e a marchinha carnavalesca
- 20 “Bandeira Branca”. Havia lirismo e deboche nesse enfrentamento teatral de classes.
- No final, perto de 21h, cerca de 150 estudantes gritavam: “Ei, polícia/maconha é uma delícia”. A PM estava claramente orientada a não contrariar os jovens. Comportou-se como uma babá zelosa. Como teria agido se o ato fosse na periferia?
- Um amigo veterano da esquerda brincou que o protesto mais parecia um “playground revolucionário”. Outro amigo, porém, disse que a manifestação – espontânea, desatrelada de partidos ou sindicatos – comunga do espírito
- 30

de outros atos recentes, contra o aumento dos ônibus e o fechamento do Belas Artes.

- Ambos parecem ter razão. Bem-humorado e anarquizante, o “churrascão” marca até aqui o ápice de um caldo
- 35 de cultura novo, ou renovado, de mobilização progressista de parte das camadas privilegiadas. Em jargão, é uma fração de classe reagindo ao sentimento ostensivamente antipovo de representantes dessa mesma classe.

(Texto retirado da *Folha de S.Paulo*, 16/5/2011. Opinião A2)

**gauche**: expressão francesa cujo significado é de “esquerda”.

### Texto 2

É interessante a posição dos críticos dos moradores de Higienópolis que não querem o metrô.

- Uma das razões é no Primeiro Mundo a maioria dos habitantes usa metrô. Mais razão tem a leitora
- 5 Silvana Russo (15/5) quando diz que com o metrô vêm os camelôs de pipoca, milho e drogas. Infelizmente isso acontece porque não podemos equiparar a educação do nosso povo europeu com a nossa. Lá as pessoas são multadas na hora quando jogam qualquer tipo de lixo
- 10 no chão; aqui, mesmo sabendo que é proibido, desafiam as autoridades quando dirigem seus carros e falam ao mesmo tempo no celular.

### Texto 3

Tivessem os parisienses temido a presença dos “diferenciados”, hoje não teriam as estações de metrô na Champs-Élysées, na Foch, na Madeleine ou na Royale. Os londrinos sentiriam falta de uma estação na nobilíssima

5 Buckingham Palace. E os moradores de Nova York não desfrutariam do conforto do metrô na av. Amsterdã, com uma parada quase ao lado do edifício Dakota.

- Numa cidade carente de transporte de massa, o governo encontra tempos para dar ouvidos a meia dúzia de
- 10 gatos pingados que, poucos anos atrás, tentaram impedir a construção de um shopping center, hoje seu venerado templo do consumo.

(Textos retirados da *Folha de S.Paulo*, 16/5/2011. PAINEL DO LEITOR. A3)

Assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)** quanto ao emprego de expressões linguísticas nos textos 1, 2 e 3.

- 01 Em “Estavam no meio da avenida Angélica e, acredite, aceitavam pagamento em cartão de crédito.” (texto 1, linhas 13-14), o elemento “acredite” é exemplo da função conativa.
- 02 Em “Outro amigo, porém, disse que a manifestação...” (texto 1, linhas 28-29), o elemento “porém” é empregado para apresentar uma conclusão do autor em relação às opiniões de seus amigos.
- 04 As expressões “lá” e “aqui” (texto 2, linhas 8 e 10) retomam, respectivamente, os conteúdos precedentes, estabelecendo contraste entre os mundos europeu e paulistano.
- 08 Em “Infelizmente isso acontece, porque não podemos equiparar a educação do povo europeu com a nossa.” (texto 2, linhas 6-8), “infelizmente” modifica o verbo “acontece”.

16 A expressão “Numa cidade carente de transporte de massa...” (texto 3, linha 8) é empregada para referir-se à cidade de São Paulo, que não está expressa no texto.

Soma:

## 9. IME-RJ 2021

### A GUERRA DAS CAATINGAS

Os doutores na arte de matar que hoje, na Europa, invadem escandalosamente a ciência, perturbando-lhe o remanso com um retinir de esporas insolentes – e formulam leis para a guerra, pondo em equação as batalhas, têm definido bem o papel das florestas como agente tático precioso, de ofensiva ou defensiva. E ririam os sábios *feldmarechais* – guerreiros de cujas mãos caíram o *français* heroico trocado pelo lápis calculista – se ouvissem a alguém que às caatingas pobres cabe função mais definida e grave que às grandes matas virgens. Porque estas, malgrado a sua importância para a defesa do território – orlando as fronteiras e quebrando o embate às invasões, impedindo mobilizações rápidas e impossibilitando a translação das artilharias – se tornam de algum modo neutras no curso das campanhas. Podem favorecer, indiferentemente, aos dois beligerantes oferecendo a ambos a mesma penumbra às emboscadas, dificultando-lhes por igual às manobras ou todos os desdobramentos em que a estratégia desencadeia os exércitos. É uma variável nas fórmulas do problema tenebroso da guerra, capaz dos mais opostos valores.

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Trançam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas múltiplas para o matuto que ali nasceu e cresceu.

E o jagunço faz-se o guerrilheiro-tugue, intangível...

As caatingas não o escondem apenas, amparam-no.

Ao avistá-las, no verão, uma coluna em marcha não se surpreende. Segue pelos caminhos em torcidos, aforadamente. E os soldados, devassando com as vistas o matagal sem folhas, nem pensam no inimigo, reagindo à canícula e com o desalinho natural às marchas, prosseguem envoltos no vozear confuso das conversas travadas em toda a linha, virguladas de tinidos de armas, cindidas de risos joviais mal sofreados.

É que nada pode assustá-los. Certo; se os adversários imprudentes com eles se afrontarem serão varridos em momentos. Aqueles esgalhos far-se-ão em estilhas a um breve choque de espadas e não é crível que os gravetos finos quebrem o arranco das manobras prontas. E lá se vão, marchando, tranquilamente heroicos...

De repente, pelos seus flancos, estoura, perto, um tiro...

A bala passa, rechinante, ou estende, morto, em terra, um homem. Sucedem-se, pausadas, outras, passando sobre as tropas, em sibilos longos. Cem, duzentos olhos, mil olhos perscrutadores,olvem-se, impacientes, em roda. Nada veem.

Há a primeira surpresa. Um fluxo de espanto corre de uma a outra ponta das fileiras.

E os tiros continuam raros, mas insistentes e compassados, pela esquerda, pela direita, pela frente agora, irrompendo de toda a banda...

Então estranha ansiedade invade os mais provados valentes, ante o antagonista que vê e não é visto. Forma-se celeremente em atiradores uma companhia, mal destacada da massa de batalhões constrictos na vereda estreita. Distende-se pela orla da caatinga. Ouve-se uma voz de comando; e um turbilhão de balas rola estrugidoramente dentro das galhadas... Mas constantes, longamente intervalados sempre, zunem os projéteis dos atiradores invisíveis batendo em cheio nas fileiras.

A situação rapidamente engravesce, exigindo resoluções enérgicas. Destacam-se outras unidades combatentes, escalonando-se por toda a extensão do caminho, prontas à primeira voz; – e o comandante resolve carregar contra o desconhecido. Carrega-se contra os duendes. A força, de baionetas caladas, rompe, impetuosa, o matagal numa expansão irradiante de cargas. Avança com rapidez. Os adversários parecem recuar apenas. Nesse momento surge o antagonismo formidável da caatinga.

As seções precipitam-se para os pontos em que estalam os estampidos e estacam ante uma barreira flexível, mas impenetrável, de juremas. Enredam-se no cipoal que as agrilhoa, que lhes arrebatam das mãos as armas, e não vingam transpô-lo. Contornam-no. Voltam aos lados. Vê-se um como rastilho de queimada; uma linha de baionetas enfiando pelos gravetos secos. Lampeja por momentos entre os raios do sol joeirados pelas árvores sem folhas; e parte-se, faiscando, adiante, dispersa, batendo contra espessos renques de xiquexiques, unidos como quadrados cheios, de falanges, intransponíveis, fervilhando espinhos...

Circuitam-nos, estonteadamente, os soldados. Espalham-se, correm à toa, num labirinto de galhos. Caem, presos pelos laços corredios dos quipás reptantes; ou estacam, pernas imobilizadas por fortíssimos tentáculos. Debatem-se desesperadamente até deixarem em pedaços as fardas, entre as garras felinas de acúleos recurvos das macambiras...

Impotentes estadeiam, imprecando, o desamento e a raiva, agitando-se furiosos e inúteis. Por fim a ordem dispersa do combate faz-se a dispersão do tumulto. Atiram a esmo. Sem pontaria, numa indisciplina de fogo que vitima os próprios companheiros. Seguem reforços. Os mesmos transes reproduzem-se maiores, acrescidas a confusão e a desordem; – enquanto em torno, circulando-os, rítmicos, fulminantes, seguros, terríveis, bem apontados, caem inflexivelmente os projetis do adversário.

De repente cessam. Desaparece o inimigo que ninguém viu.

As seções voltam desfalcadas para a coluna, depois de inúteis pesquisas nas macegas. E voltam como se saíssem de recontro braço a braço, com selvagens: vestes em tiras; armas estrondadas ou perdidas; golpeados de gilvazes; claudicando, estropiados; mal reprimindo o doer infernal das folhas urticantes; frechados de espinhos...

[...]

A luta é desigual. A força militar decai a um plano inferior. Batem-na o homem e a terra. E quando o sertão estua nos bochornos dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória. Enquanto o minotauro, impotente e possante, inerme com a sua envergadura de aço e grifos de baionetas, sente a garganta exsicar-se-lhe de sede e, aos primeiros sintomas da fome, refluí à retaguarda, fugindo

115 ante o deserto ameaçador e estéril, aquela flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo.

[...]

A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável. E um titã bronzeado fazendo vacilar a marcha dos exércitos.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ciranda Cultural, 2018. p. 181-186.

“Ouve-se uma voz de comando e um turbilhão de balas rola estrugidoramente dentro das galhadas...” (linhas 57 a 59).

O valor semântico do vocábulo “estrugidoramente” no trecho acima se aproxima de:

- a) violentamente.
- b) ruidosamente.
- c) velozmente.
- d) certeiraamente.
- e) mortalmente.

## 10. Fuvest-SP 2018

### Os bens e o sangue

VIII

[...]

Ó filho pobre, e **descorçoado**, e finito  
ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais  
com a faca, o formão, o couro... Ó tal como

[quiséramos

para tristeza nossa e consumação das eras,  
para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,

ó poeta de uma poesia que se furta e se expande  
à maneira de um lago de **pez** e resíduos letais...

És nosso fim natural e somos teu adubo,  
tua explicação e tua mais singela virtude...

Pois carecia que um de nós nos recusasse  
para melhor servir-nos. Face a face  
te contemplamos, e é teu esse primeiro  
e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

Carlos Drummond de Andrade, *Claro enigma*.

**descorçoado:** assim como “desacorçoado”, é uma variante de uso popular da palavra “desacoroçoado”, que significa “desanimado”.

**pez:** piche.

Considere o tipo de relação estabelecida pela preposição “para” nos seguintes trechos do poema:

- I. “ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais”.
- II. “Ó tal como quiséramos para tristeza nossa e consumação das eras”.
- III. “para o fim de tudo que foi grande”.
- IV. “para melhor servir-nos”.

A preposição “para” introduz uma oração com ideia de finalidade apenas em

- a) I.
- b) I e II.
- c) III.
- d) III e IV.
- e) IV.

11. **Unifesp 2016** Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697) para responder à questão.

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

“Santo Agostinho, que pregava aos homens, **para** encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, **para** que vejais quão feio e abominável é, quero que vejais nos homens.” (1º parágrafo)

Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de

- a) consequência.
- b) conformidade.
- c) proporção.
- d) finalidade.
- e) causa.

12. **Acafe-SC 2018** Nas frases a seguir, preencha as lacunas com uma das preposições sugeridas entre parênteses e depois assinale a alternativa com a sequência **correta**.

- I. Nesse caso, é estranho que o Ministro do Meio Ambiente ignore as informações técnicas \_\_\_\_\_ que detém a posse. (sobre, com, de)
  - II. De acordo com as fontes \_\_\_\_\_ as quais manteve contato ontem, a mudança na legislação eleitoral não valerá para 2018. (com, perante, a)
  - III. Quando um homem \_\_\_\_\_ quem eu confiava me disse que havia uma solução para isso, eu acreditei. (a, em, de)
  - IV. Logo cedo chegaram dois gaúchos pilchados e um vizinho meu recente, \_\_\_\_\_ cuja procedência não me lembro. (em, de, sobre)
  - V. Ontem resolvi mandar uma carta à empresa \_\_\_\_\_ a qual o jornal fez uma longa reportagem, publicada na semana passada. (com, perante, sobre)
- a) sobre – perante – a – em – perante  
b) sobre – a – de – de – com  
c) de – com – em – de – sobre  
d) com – perante – em – sobre – com

13. **UEMG 2019**

### 33% dos brasileiros têm acesso à internet em casa, diz pesquisa da FGV

Uma pesquisa divulgada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) aponta que 33% dos brasileiros têm acesso à internet em seus domicílios. Segundo o estudo chamado de Mapa da Inclusão Digital, o Brasil ocupa a 63ª posição no ranking mundial que avaliou 154 países. O Brasil vence a Argentina nesse ranking: a Argentina está na 66ª posição, já que 31% dos argentinos têm acesso à internet em suas casas, em 2012.

(<http://goo.gl/Supje>. Acesso: 17/07/2012. Adaptado.)

As preposições, negritadas na última linha da notícia, introduzem, respectivamente, a ideia de

- a) direção e tempo.                      c) lugar e tempo.  
b) instrumento e lugar.                  d) posse e matéria.

14. **Ulbra-RS** A questão refere-se ao fragmento da reportagem *Aids: tendência de aumento entre jovens*, de Flavia Bemfica, disponível no site: [http://www.sinprors.org.br/extraclassa/set12/imprimir.asp?id\\_conteudo=436](http://www.sinprors.org.br/extraclassa/set12/imprimir.asp?id_conteudo=436).

No final de agosto, um manifesto de instituições e pesquisadores passou quase despercebido do grande público e teve pouca repercussão na imprensa. Intitulado “O que nos tira o sono?”, o documento afirma que o Brasil perdeu o controle sobre a epidemia da Aids e que hoje dispõe de um programa desatualizado e insuficiente para enfrentar a configuração nacional da doença. Ele pode ser taxado de alarmista por gestores públicos e outra parte dos pesquisadores. Afinal, ser portador de HIV deixou de ser uma sentença de morte e novas descobertas de tratamento surgem a cada ano. O país investe pesado na distribuição de medicamentos de combate à epidemia (R\$ 900 milhões à compra de coquetéis só no ano passado). E o Boletim

Epidemiológico Aids e DST 2011, do Ministério da Saúde, aponta para uma estabilização da taxa da doença ao longo dos últimos 12 anos.

- Mas há sempre o outro lado: no mesmo período, por regiões, a taxa de incidência da doença diminuiu apenas no Sudeste e aumentou no Sul, Norte, Nordeste e Centro-Oeste.
- 20 Ainda conforme o boletim, a taxa de prevalência da infecção pelo HIV na população jovem apresenta “tendência ao aumento”. As campanhas de prevenção não se comparam àquelas realizadas no decorrer dos anos 90. A disseminação do vírus entre heterossexuais não recebe a devida divulgação. E o Brasil continua a quantificar oficialmente apenas os casos de Aids e não os de infecção por HIV.
- 25 O título do manifesto, a propósito, é uma alusão à participação do Brasil na XIX *Conferência Internacional de Aids*, realizada em Washington, nos Estados Unidos, no final de julho. Durante a conferência, questionado sobre o que lhe tirava o sono hoje, o representante do governo brasileiro respondeu que dormia tranquilo. Se os gestores nacionais dormem tranquilos, o que dizer daqueles que atuam em solo gaúcho? Porque, quando o tema é Aids, o Rio Grande do Sul e Porto Alegre batem praticamente todos os recordes.

Fragmento da reportagem *Aids: tendência de aumento entre jovens*, de Flavia Bemfica, disponível no site: [http://www.sinprors.org.br/extraclassa/set12/imprimir.asp?id\\_conteudo=436](http://www.sinprors.org.br/extraclassa/set12/imprimir.asp?id_conteudo=436).

Qual a função morfológica dos termos destacados, na ordem em que se encontram, no trecho a seguir? “As campanhas (1) **de** (2) **prevenção** (3) **não** se (4) **comparam** àquelas realizadas no decorrer dos anos 90”. (l. 22-23)

- a) (1) Pronome; (2) verbo; (3) advérbio; (4) pronome.  
b) (1) Preposição; (2) substantivo; (3) advérbio; (4) verbo.  
c) (1) Preposição; (2) adjetivo; (3) advérbio; (4) conjunção.  
d) (1) Conjunção; (2) verbo; (3) pronome; (4) conjunção.  
e) (1) Pronome; (2) substantivo; (3) pronome; (4) preposição.

15. **UFC-CE** Assinale a alternativa que apresenta uma locução prepositiva.

- a) O Estado não substitui a família, a menos que ela esteja em dificuldade.  
b) Com receio de contrariá-los, eles reforçam suas atitudes.  
c) A água afia as garras no momento que julgar oportuno.  
d) Eles não precisam se esconder diante das ameaças.  
e) Com todo respeito, acho a família responsável.

16. **UEM-PR**

#### Texto 1

### A economia precisa parar de crescer

Serge Latouche

A princípio, o crescimento é um fenômeno natural. O ciclo biológico do nascimento, desenvolvimento, reprodução, maturidade, declínio e morte do ser vivo é condição de sobrevivência da espécie. Porém, enquanto a maioria das sociedades dedicou um culto ao crescimento, o Ocidente moderno o transformou em sua religião.

O decrescimento – termo que vem sendo usado nos debates ecológico, econômico e social – propõe o abandono do crescimento ilimitado, da economia cujo motor



10 é a busca do lucro por parte dos detentores do capital, com consequências desastrosas para o meio ambiente e, portanto, para a humanidade.

Para que seja sustentável e durável, toda sociedade deve estabelecer limites próprios. A nossa, ao contrário, se glorifica em deixar de lado qualquer restrição, optando pela **desmesura**. O emprego, o pagamento dos aposentados, a renovação dos gastos públicos supõem o aumento constante do produto interno bruto (PIB). No fim, o círculo virtuoso se transforma num círculo infernal. A vida das pessoas geralmente se reduz à de um biodigestor que metaboliza o salário com as mercadorias e as mercadorias com o salário, transitando do trabalho para o hipermercado e vice-versa. Quando há desaceleração do crescimento, vem a crise e até o pânico. Reencontramos o “Acumulem! acumulem!”.

25 Mas a proposta do decrescimento não é a de um crescimento negativo, que mergulha a sociedade na incerteza, aumenta as taxas de desemprego e acelera o abandono dos programas sociais. Para sermos rigorosos, conviria mais falar de “a-crescimento”, como se fala de “a-teísmo”. A meta  
30 é uma sociedade em que se viverá melhor trabalhando e consumindo menos. Esse novo modelo se resumiria em 8 Rs: reavaliar, reconceitualizar, reestruturar, realocar, redistribuir e os já tradicionais reduzir, reutilizar e reciclar. Assim seríamos capazes de desencadear uma dinâmica  
35 rumo a uma sociedade autônoma.

Sair do imaginário econômico, contudo, implica rupturas concretas, como fixar regras que enquadrem e limitem o desvario da ganância (busca do lucro, do cada vez mais), legislação do trabalho, limitação da dimensão  
40 das empresas etc.

Por fim, a redefinição da felicidade como “abundância **frugal** em uma sociedade solidária” pressupõe sair do círculo infernal da criação ilimitada de necessidade e de produtos e da frustração crescente que esta acarreta. A  
45 autolimitação é a condição para que se alcance a prosperidade sem crescimento, evitando, assim, a queda da civilização humana.

(Texto Adaptado. Revista *Galileu*. São Paulo: Globo, jun. 2013, p. 82.)

**desmesura:** que não tem medida.

**frugal:** aquilo que é moderado, simples.

## Texto 2

### Shakespeariana



(Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/tomate-o-campeao-da-piada-pronta>>. Acesso em 12/06/2013.)

Apoiando-se na leitura dos **textos 1 e 2**, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

- 01** No **texto 1**, Latouche associa a sua proposta de decrescimento da economia à redefinição da felicidade, que, para ele, consiste na “autolimitação” (linha 45).
- 02** Em “para a humanidade” (**texto 1**, linha 12), a palavra grifada é uma preposição, assim como também o é em “Ser ou não ser, eis a questão” (**texto 2**, quadro 1).
- 04** “deixar de lado qualquer restrição” (**texto 1**, linha 15) contrapõe-se ao sentido de “Ter ou não ter, eis a inflação” (**texto 2**, quadro 2).
- 08** “abundância frugal” (**texto 1**, linhas 41-42) contrapõe-se ao sentido contido em “Ter ou não ter, eis a inflação” (**texto 2**, quadro 2).
- 16** O fato de a economia ser movida pela “busca do lucro por parte dos detentores do capital” (**texto 1**, linha 10) implica que esses detentores farão de tudo para motivar um consumismo irracional.

Soma:

## Texto complementar

### Semântica: a espantosa presunção dos “na verdade”

Usada de forma irresponsável, expressão evoca percepção de veracidade, mas revela insegurança e vácuo de ideias. Antecede platitudes, usadas para interditar discussões, até as mais insossas. Urge uma campanha nacional contra este tocoso também

Certas locuções adverbiais me dão preguiça. Não estou falando daquelas indefinidas como “de vez em quando” (isto é “quase sempre” ou “raramente?”) ou “de modo algum” (que, vai entender, quer dizer o mesmo que “de modo nenhum”). Estas me deixam meio confuso, mas é só isto. Preguiça mesmo eu tenho de uma locução adverbial específica: “na verdade”. Ela tem sido mal frequentada, usada de modo irresponsável, substituída para fins escusos, e isso tem concorrido para manchar sua reputação, talvez de modo irreversível.

Ela pertence a uma família bastante tradicional, a das “locuções adverbiais de afirmação”, que têm um longo histórico de serviço às discussões e arengas, cumprindo a função de encadear pontos dissertativos, desmentir hipóteses e propiciar arremates de argumentação. Ultimamente, no entanto, ela tem sido usada por sabichões presunçosos que, se parece com ela quererem encaminhar as considerações finais, estão antes tratorando os argumentos anteriores e nivelando tudo por baixo.

Examinemos com mais cuidado sua parentela.

Um dos irmãos de “na verdade” é o “de fato”, que difere dela porque estabelece sua afirmação através da invocação da factualidade das coisas sendo ditas, isto é, fia-se na concretude objetiva dos fatos, atitude muito sensata. Outros irmãos de “na verdade”, esses gêmeos, são o “por certo” e o “com certeza”. Aquele embasa sua afirmação no efeito retórico de um par opositor, o “certo-errado”, que tem alguma ressonância moral, mas que avisa a que veio. Este invoca a “certeza”, cujo uso costuma ser muito pessoal, afirmado em primeira pessoa, e que por isso não passa por desonesto porque tem o valor do testemunho – não nos passa nenhuma rasteira retórica.

A mãe de “na verdade” é a locução adverbial “sem dúvida”, categórica mas muito elegante. Pense bem, se ela menciona a ausência de dúvida para constituir seu efeito de afirmação, é porque já considerou a dúvida como parte do processo de pensamento – ora, é isto o que se espera de quem constrói um argumento, certo? Por fim, temos o pai de “na verdade”: “com efeito”. Trata-se de um senhor respeitável e venerando, quase fidalgo, que com uma combinação ímpar de firmeza e sutileza consegue ter a mesma eficiência de um “efetivamente”, mas com a fluidez de uma expressão.

Na família de “na verdade” há também um tio-avô, o “na realidade”. Era um sujeito brilhante, inteligentíssimo, até que começou a enveredar pelo caminho filosófico do subjetivismo e do relativismo. Diz-se que ficava dias trancado em casa, parou de tomar banho e não comia direito, e volta e meia saía falando que não sabia mais se as coisas de fato existiam. Perturbado, virou ermitão, foi viver numa caverna e só aparece eventualmente. Hoje são poucos os que ousam empregá-lo. Mas, também, pudera: a fronteira pós-moderna entre o real e o falso foi tão borrada que a loucura solipsista do tio-avô quase faz sentido.

Pensando bem, há semelhança entre as decadências de “na realidade” e “na verdade”. Ambos foram pegos de surpresa por um assalto a nossa capacidade de percepção do real. Se bem que tragédia mesmo foi a do tio-avô, a situação de “na verdade” é farsa.

O uso mal-ajambrado de “na verdade” a que me refiro é aquele que muitos já devem ter tido o desprazer de presenciar em discussões informais, em almoços de domingo, ou naqueles grupelhos e WhatsApp. Vou tentar recriar esquematicamente uma delas:

**Debatedor #1:** O céu é azul. Basta olhar para cima agora e você vai ver que é.

**Debatedor #2:** Sim, mas espere chegar seis horas da tarde pra tu ver, é laranja.

**Debatedor #3:** Você fala isto porque hoje tem sol. Em dia de chuva é cinza.

**Debatedor #4:** Na verdade, isso é tudo questão de quem olha.

Alguns dirão que exagero. Quisera eu! Excetuando o tópico discutido, que simplifiquei para fins didáticos, a mecânica da coisa é mais ou menos esta. As pessoas envolvidas na conversa apresentam suas observações, algumas mais interessantes, outras mais lugar-comum, e aí alguém, que estava à espreita, usa o “na verdade” e atravessa a coisa toda. É o coito interrompido da discussão.

Quando o debate começa a escalar e já se estabeleceram pontos de vista distintos, que podem ajudar a se iluminar mutuamente pela dialética da conversa, vem esse agente anticlimático e reduz tudo a uma platitude medíocre e sem sal, na qual nenhuma das partes se identifica exatamente. O babaca do “na verdade” enfia esse tampão tosco e o resultado é quase sempre um dos seguintes: ou as pessoas desistem da arenga por preguiça de tirar o tampão, ou então a coisa escala na belicosidade para tirar o tampão na base da força. Ou seja, dois caminhos ruins.

Se dá preguiça com uma discussão insossa como aquela sobre a cor do céu, imagina com um assunto de maior complexidade, como política, filosofia, moral, arte, costumes, história. Imagine você estar discutindo (informalmente, bem entendido) as ações de combate ao coronavírus e alguém chega e tasca um “Na verdade, isso é tudo pro governo poder roubar.” Ou suponha um debate orbitando ao redor de alguma manchete policial sangrenta: esgotados os detalhes objetivos, entra-se no domínio dos motivos do crime, das inclinações psicológicas do criminoso, do significado filosófico do ato, e aí algum imbecil manda: “Na verdade, o ser humano sempre foi assim.”

Existem vários desses tampões: “a culpa é do governo”, “o ser humano sempre quer se dar bem”, “a culpa é do PT”, “isso é tudo uma mentiraiada”, “essa é a natureza humana”, “isso é uma conspiração”, “não tem o que fazer”, “sempre foi desse jeito, não vai mudar nunca” etc. O “na verdade” costuma preceder todos eles.

Por isso lanço uma campanha: vamos constranger o babaca do “na verdade” elucidando o peso da evocação do conceito de verdade. O cerne do “argumento” desse sujeito é a atitude, porque é debaixo dela que se esconde a insegurança ou o vácuo de ideias. Quando esse sujeito fala, ele dá uma pausa depois do “na verdade”, para efeito retórico, e é ali que precisamos agir. Diga coisas como: “Tem certeza que você quer começar a frase com todo o peso de ‘na verdade?’”; “Olha que o que você disser em seguida tem que ser muito bom, tem que ser uma síntese dos argumentos anteriores se quiser se arrogar a condição de ‘verdade’”, ou “Veja bem, é muita responsabilidade evocar a verdade, é pressão pra caramba.” Das duas uma: ou ele se constrange e retira o “na verdade” (e aí a discussão pode seguir depois dele) ou então a “verdade” que ele faz questão de enunciar já nasce em xeque (se for tão boa quanto ele diz, aplauda e congratule; se não, a discussão pode seguir, porque o “na verdade” deixou de ser um tampão).

KÖLLN, Lucas, Semântica: a espantosa presunção dos “na verdade”. *Outras palavras*. 14 out. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/semantica-a-espantosa-presuncao-dos-na-verdade/>. Acesso em: 27 mar. 2023.



Veja os principais assuntos e conceitos trabalhados neste capítulo acessando a seção **Resumindo** no livro digital, na Plataforma Poliedro.



## Quer saber mais?



### Vídeo

**Pedido de desculpas: análise do uso de recursos insatisfatórios e equivocados. Português é legal, YouTube.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xpFwIAcrAA>. Acesso em: 11 abr. 2023.

No canal *Português é legal*, professores discutem as convenções da língua portuguesa, as estruturas utilizadas no dia a dia e o preconceito linguístico. No vídeo indicado, são analisadas algumas formas linguísticas e modalizadores discursivos, bem como seus efeitos de sentido em um pedido de desculpas.



### Site

**Wordwall.** Disponível em: <https://wordwall.net/pt/resource/25527310/jogo-das-preposicoes-C3%A7-C3%B5es>. Acesso em: 20 mar. 2023.

A plataforma oferece jogos de preposições em formato de quiz.



### Música

**“Diariamente”, de Nando Reis.**

Na letra da canção, cujo título é um advérbio de tempo, há uma repetição da preposição “para” na construção de imagens que remetem a situações do cotidiano.

## Exercícios complementares



Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. Educada na cidade, ela tinha dos roceiros ideia de que eram felizes, saudáveis e alegres. Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapé sinistro [...]. Por que ao redor dessas casas não havia culturas, uma horta, um pomar? Não seria tão fácil, trabalho de horas? [...] Mesmo nas fazendas, o espetáculo não era mais animador. Todas soturnas, baixas, quase sem o pomar olente e a horta suculenta. [...] E todas essas questões desafiavam a sua curiosidade, o seu desejo de saber, e também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos!...

[...] aproveitou a ocasião para interrogar a respeito o tagarela Felizardo.

Olga encontrou o camarada cá embaixo, cortando a machado as madeiras mais grossas; [...] Ela lhe falou.

10

— Bons dias, *sá dona*.

— Então trabalha-se muito, Felizardo?

— O que se pode.

[...]

— É grande o sítio de você?

15

— Tem alguma terra, sim senhora, *sá dona*.

— Você por que não planta para você?

— *Quá, sá dona!* O que é que a gente come?

— O que plantar ou aquilo que a plantação der em dinheiro.

— *Sá dona* tá pensando uma coisa e a coisa é outra. Enquanto planta cresce, e então? *Quá, sá dona*, não é assim.

20

[...] — Terra não é nossa... E *frumiga?*... Nós não *tem* ferramenta... isso é bom pra italiano ou *alamão*, que governo dá tudo... governo não gosta de nós...

(BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: O Estado de São Paulo / Klick Editora, 1997, p. 97-98.)

1. **AFA-SP 2023** O emprego do advérbio “**não**”, em diversas passagens do texto, demarca carências de personagens que representam pessoas excluídas. Esse uso só **NÃO** se verifica na alternativa:

a) “...governo não gosta de nós...” (l. 21)

b) “Nós não *tem* ferramenta...” (l. 20)

c) “Terra não é nossa...” (l. 20)

d) “...o espetáculo não era mais animador.” (l. 5)

2. **AFA-SP 2023** Considerando os recursos de organização da narrativa do texto, julgue cada afirmativa a seguir como Verdadeira (V) ou Falsa (F).

O emprego do discurso direto permite ao narrador inserir no texto marcas típicas da linguagem coloquial do personagem Felizardo.

As três sentenças interrogativas do 1º parágrafo demonstram o emprego do discurso indireto livre na narrativa.

O emprego do advérbio “*cá*” (l. 9) demonstra que o narrador, mesmo sendo observador, faz-se presente na cena narrada no texto.

A partir da análise das afirmativas, é correto concluir que

a) todas estão corretas.

b) todas estão incorretas.

c) apenas uma está correta.

d) apenas duas estão corretas.

### 3. FGV-SP 2023

## CAPÍTULO XXXI

### AS CURIOSIDADES DE CAPITU

Capitu preferia tudo ao seminário. Em vez de ficar abatida com a ameaça da larga separação, se vingasse a ideia da Europa, mostrou-se satisfeita. E quando eu lhe contei o meu sonho imperial:

— Não, Bentinho, deixemos o Imperador sossegado, replicou; fiquemos por ora com a promessa de José Dias. Quando é que ele disse quealaria a sua mãe? — Não marcou dia; prometeu que ia ver; quealaria logo que pudesse, e que me pegasse com Deus.

Capitu quis que lhe repetisse as respostas todas do agregado, as alterações do gesto e até a pirueta, que apenas lhe contara. Pedia o som das palavras. Era minuciosa e atenta; a narração e o diálogo, tudo parecia remoer consigo. Também se pode dizer que conferia, rotulava e pregava na memória a minha exposição.

Esta imagem é porventura melhor que a outra, mas a ótima delas é nenhuma.

Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem incutir na alma do leitor, à força de repetição.

Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo.

Eram de vária espécie, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda – por isso mesmo, quis que prima Justina lho ensinasse. Se não estudou latim com o Padre Cabral foi porque o padre, depois de lhe propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas.

Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber. Em compensação, quis aprender inglês com um velho professor amigo do pai e parceiro deste ao solo mas não foi adiante. Tio Cosme ensinou-lhe gamão.

— Anda apanhar um capotinho Capitu, dizia-lhe ele. [...]

Machado de Assis, **Dom Casmurro**.

**solo:** tipo de jogo de cartas

**capotinho:** diminutivo de “capote”. Em um jogo, ganhar por grande diferença de pontos.

A palavra sublinhada na frase “Esta imagem é porventura melhor que a outra” pode ser substituída, sem alteração de sentido, por:

- a) talvez.
- b) sem dúvida.
- c) literalmente.
- d) conseqüentemente.
- e) por isso mesmo.

### 4. FICSAE-SP 2021

Leia o trecho do ensaio “Depressão e imagem do novo mundo”, de Maria Rita Kehl, para responder à questão.

A depressão, tão em voga em nossos dias quanto foi a histeria nos tempos de Freud, é uma expressão da dor psíquica que desafia todas as pretensões da ciência de programar a vida humana na direção de uma otimização de resultados. Fátia de mercado disputada pelos laboratórios farmacêuticos, os depressivos formam um grupo desunido e incômodo a desafiar, ainda que inadvertidamente, a norma do bem-estar predominante nas sociedades ditas avançadas: estas que se tornaram incapazes de refletir sobre a dor de viver. Estas que, convencidas de que a riqueza se mede pela abundância de mercadorias em circulação, tornaram-se incapazes de tolerar a falta, de criar estéticas para o vazio, de usufruir da lentidão e vislumbrar o saber contido na tristeza.

A experiência da depressão talvez prove que algo no humano resiste à aliança entre tecnologia e publicidade, assim como às novas formas de credo que elas promovem. Do homem, sabemos, a máquina de moer carne capitalista aproveita até o berro: os depressivos, porém, não oferecem nem isso. Os depressivos não beram. Seu silêncio, seu recolhimento, sua falta de interesse por todas as ofertas do gozo em circulação, fazem do depressivo a expressão do *sintoma social* contemporâneo. O depressivo, como no verso do poeta suicida Torquato Neto, desafina o coro dos contentes nestas primeiras décadas do século XXI.

(Adauro Novaes (org.). *Mutações*, 2008. Adaptado.)

Indicam incerteza e inclusão, respectivamente, os termos ou expressões sublinhados em:

- a) “a norma do bem-estar predominante nas sociedades ditas avançadas” e “os depressivos, porém, não oferecem nem isso”.
  - b) “ainda que inadvertidamente, a norma do bem-estar predominante” e “assim como às novas formas de credo que elas promovem”.
  - c) “ainda que inadvertidamente, a norma do bem-estar predominante” e “os depressivos formam um grupo desunido e incômodo a desafiar”.
  - d) “estas que se tornaram incapazes de refletir sobre a dor de viver” e “O depressivo, como no verso do poeta suicida Torquato Neto, desafina”.
  - e) “A experiência da depressão talvez prove que algo no humano” e “a máquina de moer carne capitalista aproveita até o berro”.
5. **Unesp** A questão toma por base um fragmento da crônica *Letra de canção e poesia*, de Antonio Cicero.

Como escrevo poemas e letras de canções, frequentemente perguntam-me se acho que as letras de canções são poemas. A expressão “letra de canção” já indica de que modo essa questão deve ser entendida, pois a palavra “letra” remete à escrita. O que se quer saber é se a letra, separada da canção, constitui um poema escrito.

“Letra de canção é poema?” Essa formulação é inadequada. Desde que as vanguardas mostraram que não se



pode determinar a priori quais são as formas lícitas para a poesia, qualquer coisa pode ser um poema. Se um poeta escreve letras soltas na página e diz que é um poema, quem provará o contrário?

Neste ponto, parece-me inevitável introduzir um juízo de valor. A verdadeira questão parece ser se uma letra de canção é um bom poema. Entretanto, mesmo esta última pergunta ainda não é suficientemente precisa, pois pode estar a indagar duas coisas distintas: 1) Se uma letra de canção é necessariamente um bom poema; e 2) Se uma letra de canção é possivelmente um bom poema.

Quanto à primeira pergunta, é evidente que deve ter uma resposta negativa. Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema. Mas talvez o que se deva perguntar é se uma boa letra é necessariamente um bom poema. Ora, também a essa pergunta a resposta é negativa. Quem já não teve a experiência, em relação a uma letra de canção, de se emocionar com ela ao escutá-la cantada e depois considerá-la insípida, ao lê-la no papel, sem acompanhamento musical? Não é difícil entender a razão disso.

Um poema é um objeto autotélico, isto é, ele tem o seu fim em si próprio. Quando o julgamos bom ou ruim, estamos a considerá-lo independentemente do fato de que, além de ser um poema, ele tenha qualquer utilidade. O poema se realiza quando é lido: e ele pode ser lido em voz baixa, interna, aural.

Já uma letra de canção é heterotélica, isto é, ela não tem o seu fim em si própria. Para que a julgemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa. Em outras palavras, se uma letra de canção servir para fazer uma boa canção, ela é boa, ainda que seja ilegível. E a letra pode ser ilegível porque, para se estruturar, para adquirir determinado colorido, para ter os sons ou as palavras certas enfatizadas, ela depende da melodia, da harmonia, do ritmo, do tom da música à qual se encontra associada.

(Folha de S.Paulo, 16.06.2007.)

“Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema”.

O advérbio *necessariamente*, nas três ocorrências verificadas na passagem mencionada, equivale, pelo sentido, a:

- a) forçosamente.
- b) raramente.
- c) suficientemente.
- d) independentemente.
- e) frequentemente.

6. **UFRGS 2019** Recebi consulta de um amigo que tenta deslindar segredos da língua para estrangeiros que querem aprender português. Seu problema: “se digo em uma sala de aula: ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância? Certamente, não se diz ‘Pessoal, leia o livro X’”.

Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer regras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se

de entender um dado que ocorre regularmente, mas que parece oferecer alguma dificuldade de análise.

- 10 Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido (ou de uma ordem) mais ou menos informal. Caso contrário, não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senhores” ou “Senhores alunos”.

- 15 Em segundo lugar, não se trata da tal concordância ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramática para explicar concordâncias mais ou menos excepcionais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos semânticos; exemplos correntes do tipo “A

- 20 gente fomos” e “o pessoal gostaram” se explicam por esse critério). Como se pode saber que não se trata de concordância ideológica ou de silepse? A resposta é que, nesses casos, o verbo se liga ao sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que acontece aqui. E em casos como

- 25 “Pedro, venha cá”, “venha” não se liga a “Pedro”, mesmo que pareça que sim, porque Pedro não é o sujeito.

- Para tentar formular uma hipótese mais clara para o problema apresentado, talvez se deva admitir que o sujeito de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir

- 30 concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno não ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando há vocativo. Vamos por partes: a) é normal, em português, haver orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão verbal. Exemplos correntes são frases como “che-

- 35 garam e saíram em seguida”, que todos conhecemos das gramáticas; b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode não aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos, saiam daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois não seria estranha a sequência “meninos, vocês se com-

- 40 portem”; c) se forem aceitas as hipóteses a) e b) (diria que são fatos), não seria estranho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudesse ser tratada como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês leiam o livro x”. Se a palavra “vocês” não estivesse apagada, a concordância se explicaria normal-

- 45 mente; d) assim, o problema real não é a concordância entre “pessoal” e “leiam”, mas a passagem de “pessoal” a “vocês”, que não aparece na superfície da frase.

- Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos obrigariam a considerar na análise elementos que parecem

- 50 não estar na frase, mas que atuam como se lá estivessem.  
Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

Considere os usos de advérbios no texto e assinale com **1** aqueles em que o advérbio modifica o sentido de apenas uma palavra e com **2** aqueles em que modifica o sentido de segmentos textuais.

- Certamente (l. 5)
- menos (l. 12)
- mais (l. 27)
- talvez (l. 28)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a) 2 – 1 – 2 – 1.
- b) 1 – 1 – 1 – 2.
- c) 2 – 1 – 1 – 2.
- d) 2 – 2 – 2 – 1.
- e) 1 – 2 – 2 – 2.

## 7. Unespar-PR 2018

### Por que o Brasil é o melhor país do mundo

(Luiz Ruffato)

Há uma fábula de origem hindu, conhecida em inúmeras versões, que relata a seguinte história: certa feita, um príncipe convocou cinco cegos e colocando cada um deles para apalpar partes específicas do corpo de um elefante pediu que discorressem sobre o aspecto do animal que tinham à sua frente. O que examinou a barriga disse que se tratava de algo como uma grande panela; o que investigou as patas falou que parecia o tronco de uma árvore; o que tocou as orelhas vislumbrou um imenso leque; o que tateou o rabo descreveu uma vassoura; o que sondou a tromba, uma enorme cobra, perigosa e destruidora.

Cataguases, minha cidade-natal, embora fique a apenas 300 quilômetros do Rio de Janeiro, só conheceu um oriental em 1976. Naquele ano, instalou-se na Praça Rui Barbosa, a mais importante do lugar, um nissei vendendo churros – algo bem brasileiro, um descendente de japoneses negociando doce de procedência espanhola... Em pouco tempo, ambos, o homem e o doce, tornaram-se a atração da cidade. Havia filas durante todo o dia de pessoas interessadas menos em comprar churros que em observar de perto aquele ser humano de olhos puxados, cabelos escorridos, pele amarelada. O vendedor de churros ganhou tanto dinheiro que logo passou à frente a carrocinha e deslocou-se para longe.

Na segunda metade da década de 1980, meu amigo J. T. L. transferiu-se com a família (mulher e duas filhas) para Bangor, País de Gales, onde, por seis anos, desenvolveu sua tese de doutorado na área de engenharia florestal. Em 1989, encontramos-nos em Londres para matar a saudade, num pub perto da ponte de Westminster, onde se localiza o Big Ben. Sorvendo uma caneca de cerveja, perguntei a ele como era viver em uma ilha. Ele respondeu: Ilha? Se quiser, em pouco tempo estou na França, Espanha, Portugal, Itália ou Alemanha. Alguns quilômetros e muda tudo, o idioma, a cultura, a comida, os hábitos, os costumes. Ilha é o Brasil, prosseguiu, onde pode-se passar uma existência inteira sem nunca ouvir uma língua estrangeira; onde pode-se cortar o território de leste a oeste, de norte a sul, mais de quatro mil quilômetros em ambas as direções, sem anotar praticamente nenhuma variação significativa de nada.

A ausência de experiências divergentes, ou, em outras palavras, a carência de contato com o outro, com o estranho – o que é de fora, o que nos é desconhecido – acaba estimulando comportamentos tacanhos. Por isso, nós, brasileiros, temos uma descomunal dificuldade de lidar com aquilo que não se parece conosco – podemos agir pateticamente como os cataguasenses frente ao nissei vendedor de churros (quando nos sentimos inferiores) ou bestialmente como em relação aos imigrantes haitianos (quando nos sentimos superiores). E é por isso, também que, ao invés de olharmo-nos no espelho e admitirmos o quanto somos intolerantes, xenófobos, hipócritas e ufanistas, preferimos nos esconder por detrás da dissimulada máscara de cordialidade que nos assenta bem ao rosto.

Continuamos a repetir clichês inventados por uma elite predatória, interessada no pastoreio de um povo dócil

e submisso. “Nosso céu tem mais estrelas / Nossas várzeas têm mais flores / Nossos bosques têm mais vida Nossa vida mais amores”, cantava o poeta Gonçalves Dias em 1847. Nossa natureza é a mais exuberante, nossas mulheres as mais belas, nossos homens os mais viris, repetimos no século XXI. Somos os cegos da fábula hindu que, incapazes de perceber o elefante como um todo, nos contentamos em deduzi-lo por suas partes, com resultados evidentemente desastrosos.

O superlativo sempre transporta um dado absoluto, impermeável, na maioria das vezes, à comprovação. Deveríamos, ao invés de continuar reforçando lugares-comuns, pensar em termos de comparação. Uma coisa somente é em relação a outra. Temos pois que, antes, escutar o discurso discordante, mirar os olhos de quem não se assemelha a nós, nos colocar na pele do vizinho. Talvez até descobríssemos, afinal, que nosso céu tem mais estrelas, mas não as vemos por causa da poluição; que as flores estão morrendo nas várzeas contaminadas; que estamos destruindo nossos bosques; que estamos oprimindo as mulheres, e os negros, e os índios, e os homossexuais, que estamos dizimando os jovens nas guerras do trânsito e do tráfico; que, portanto, nossa vida poderia sim até ter mais amores, mas no momento tudo encontra-se envenenado pela peçonha da ignorância.

(Texto original disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/13/opinion/1444737066\\_408985.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/13/opinion/1444737066_408985.html). Acessado em 31/10/2015)

Os advérbios são uma classe de palavras que tem como finalidade modificar um verbo, um adjetivo, ou até mesmo um outro advérbio. Essa função de modificador faz com que o advérbio atribua uma circunstância ao termo que ele modifica.

A partir dessa afirmação, analise os enunciados a seguir:

- I. “[...] algo bem brasileiro [...]” (linha 16).
- II. “[...] onde se localiza o Big Ben” (linhas 30-31).
- III. “[...] podemos agir pateticamente [...]” (linhas 47-48).
- IV. “Talvez até descobríssemos [...]” (linhas 73-74).

De acordo com o texto, os advérbios “bem”, “onde”, “pateticamente” e “talvez”, nas passagens acima, exprimem, respectivamente, as circunstâncias de:

- a) Modo – lugar – meio – intensidade;
- b) Meio – lugar – modo – intensidade;
- c) Modo – lugar – intensidade – dúvida;
- d) Afirmação – lugar – modo – dúvida;
- e) Intensidade – lugar – modo – dúvida.

## 8. Uerj

### Memórias do cárcere

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos por que silencieei e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. Não vai aqui falsa modéstia, como adiante se verá. Também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me

deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas?

[...]

O receio de cometer indiscrição exibindo em público pessoas que tiveram comigo convivência forçada já não me apoquentava. Muitos desses antigos companheiros distanciaram-se, apagaram-se. Outros permaneceram junto a mim, ou vão reaparecendo ao cabo de longa ausência, alteram-se, completam-se, avivam recordações meio confusas – e não vejo inconveniência em mostrá-los.

[...]

E aqui chego à última objeção que me impus. Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco. Outras, porém, conservaram-se, cresceram, associaram-se, e é inevitável mencioná-las. Afirmarei que sejam absolutamente exatas? Leviandade. [...] Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade. Formamos um grupo muito complexo, que se desagregou. De repente nos surge a necessidade urgente de recompô-lo. Define-se o ambiente, as figuras se delineiam, vacilantes, ganham relevo, a ação começa. Com esforço desesperado arrancamos de cenas confusas alguns fragmentos. Dúvidas terríveis nos assaltam. De que modo reagiram os caracteres em determinadas circunstâncias? O ato que nos ocorre, nítido, irrecusável, terá sido realmente praticado? Não será incongruência? Certo a vida é cheia de incongruências, mas estaremos seguros de não nos haveremos enganado? Nessas vacilações dolorosas, às vezes necessitamos confirmação, apelamos para reminiscências alheias, convencemo-nos de que a minúcia discrepante não é ilusão. Difícil é sabermos a causa dela, desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram. Como isso variava em excesso, era natural que variássemos também, apresentássemos falhas. Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos. Foram apenas bons propósitos: devo ter-me revelado com frequência egoísta e mesquinho. E esse desabrochar de sentimentos maus era a pior tortura que nos podiam infligir naquele ano terrível.

GRACILIANO RAMOS. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo.

O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

- a) utilizá-las em história *presumivelmente* verdadeira? (l. 13-14)
- b) *Certamente* me irão fazer falta, (l. 29)
- c) Afirmarei que sejam *absolutamente* exatas? (l. 42-43)
- d) desenterrarmos *pacientemente* as condições que a determinaram. (l. 62-63)

9. **Uece 2014** O texto que você lerá é um excerto retirado do primeiro parágrafo do artigo de opinião “Com um braço só”, escrito por J. R. Guzzo, que trata da corrupção na política.

Um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana é a tendência de muitas pessoas de só condenar os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas. Um caloteiro que não fuma, não bebe e não joga, por exemplo, é frequentemente a voz que mais grita contra o cigarro, a bebida e os cassinos, mas fecha a boca, os ouvidos e os olhos, como os três prudentes macaquinhos orientais, quando o assunto é honestidade no pagamento de dívidas pessoais. É a velha história: o mal está sempre na alma dos outros. Pode até ser verdade, infelizmente, quando se trata da política brasileira, em que continua valendo, mais do que nunca, a máxima popular do “pega um, pega geral”.

Extraído do artigo “Com um braço só”, de J.R. Guzzo. VEJA. 21/08/2013.

Atente para as seguintes afirmações sobre alguns dos elementos do texto.

- I. Os gramáticos modernos distinguem os **advérbios frásicos** (aqueles advérbios que modificam um elemento da frase, como em *Ele correu muito*.) dos **advérbios extrafrásicos** (aqueles que são exteriores à frase, estão no âmbito da enunciação, como em *Ele, naturalmente, passou de primeira, não foi?*). Esse segundo grupo congrega os advérbios avaliativos, isto é, que indicam uma avaliação do enunciador acerca do conteúdo enunciado. No texto em estudo, temos um advérbio frásico na linha 9: “sempre”; e um advérbio extrafrásico na linha 10: “infelizmente”.
- II. Na expressão “os três prudentes macaquinhos orientais” (linha 7), o artigo definido “os” confere a “três macaquinhos orientais” o *status* de informação conhecida.
- III. O texto, embora constitua apenas um excerto do parágrafo original, apresenta a estrutura paragrafada canônica: tópico frasal ou introdução, desenvolvimento e conclusão.

Está correto o que se diz em

- a) I e II apenas.
- b) II e III apenas.
- c) I, II e III.
- d) II apenas.



10. **Unifesp 2015** Para responder à questão, leia as opiniões em relação ao projeto de adaptação que visa facilitar obras de Machado de Assis.

#### Texto 1

Isso é um assassinato e eu endosso. A autora [da adaptação] quer que a Academia se manifeste. Para ela, vai ser a glória. Mas vários acadêmicos se manifestaram. Eu me manifestei. Há temas em que a instituição não pode se baratear. Essa mulher quer que nós tenhamos essa discussão como se ela estivesse propondo a ressurreição eterna de Machado de Assis, como se ele dependesse dela. Confio na vigilância da sociedade. Vamos para a rua protestar.

(Nélida Piñon. <http://entretenimento.uol.com.br>)

#### Texto 2

Não defenderia, jamais, que Secco [autora da adaptação] fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura e ser realizada com a ajuda de leis que, afinal, transferem impostos para a cultura. Trata-se, na melhor das hipóteses, de ingenuidade; na pior, de excesso de “sagacidade”. Não será a adulteração de obras, para torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes, que irá resolver o problema do acesso a textos literários históricos – mesmo porque, adulterados, já terão deixado de ser o que eram.

(Marcos Augusto Gonçalves. <http://www.folha.uol.com.br>)

Examine os enunciados:

- “Vamos **para** a rua protestar.” (Texto 1)
- “Não será a adulteração de obras, **para** torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes” (Texto 2)

O termo “para”, em destaque nos enunciados, expressa, respectivamente, sentido de

- a) movimento e finalidade.
- b) modo e conformidade.
- c) tempo e comparação.
- d) movimento e comparação.
- e) conformidade e finalidade.

#### 11. UEMG 2019

Eu sei que um outro deve estar falando Ao seu ouvido Palavras de amor como eu falei	Mas eu duvido Duvido que ele tenha tanto amor E <u>até</u> os erros do meu português ruim. [...]
---	--

(Roberto e Erasmo Carlos)

A preposição **até** tem o mesmo valor semântico do sublinhado no texto em:

- a) Até você acha que não compreendo isso?
- b) Ela continuou ali até eu acabar de falar.
- c) Foram até a sala para receber os convidados.
- d) Penso que até lá teremos tempo de sobra.

#### 12. UFVJM-MG 2017

A SUGGAR ESTÁ COMPLETANDO 34 ANOS DE SUCESSO.

Muito obrigado a você pela preferência!  
Sucesso comprovado por números:

- Suggar da Suggar é o depurador mais vendido do País. Neste segmento, temos, também, mais de 20 modelos de coifas ilha e parede; vidro e aço inox;
- As lavadoras Suggar também têm a preferência dos consumidores, pois garantem maior eficiência na lavagem, com baixo consumo de água e energia, comprovados pelo INMETRO;
- Parque industrial de 40 000m<sup>2</sup>, em expansão para 56 400m<sup>2</sup> de área coberta, com apoio do Governo do Estado, Prefeitura Municipal, BDMG, INDI, FIEMG, A.D.C.E (Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas), CEMIG, Secretaria da Fazenda e do Desenvolvimento Econômico;
- 154 produtos diferentes, entre eles, linha branca, *premium*, eletroportáteis, com a qualidade que a força da marca Suggar exige;
- Mais de 28 milhões de peças produzidas;
- Mais de 1 000 colaboradores;
- 968 postos de assistência técnica no país;
- 11 mil pontos de vendas comercializam a marca Suggar;
- Empresas conglomeradas: Cook Cozinhas, Linha Branca Expresso, Cook Eletroar, Cook Interação e Grave Multimídia.

Por tudo isso, os brasileiros adoram a marca Suggar!

Fonte: *Revista Encontro 137*, ano XI, de 1º de outubro de 2012.

Observe o trecho:

“Suggar da Suggar é o depurador mais vendido do País”.

É exemplo da mesma relação de sentido estabelecida entre a preposição destacada no trecho:

- a) “milhões de peças”.
- b) “apoio do governo”
- c) “consumo de água”.
- d) “34 anos de sucesso”.

13. **Fasm-SP 2014** Leia um trecho do conto *Uma vela para Dario*, do escritor curitibano Dalton Trevisan, para responder à questão.

Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque.

Ele reclinou-se mais um pouco, estendido agora na calçada, e o cachimbo tinha apagado. O rapaz de bigode pediu aos outros que se afastassem e o deixassem respirar. Abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou feio e bolhas de espuma surgiram no canto da boca.

Cada pessoa que chegava erguia-se na ponta dos pés, embora não o pudesse ver. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já



no carro a metade do corpo, protestou o motorista: quem pagaria a corrida? Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede – não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. Foi largado na porta de uma peixaria.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozavam as delícias da noite. Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados – com vários objetos – de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira era de outra cidade.

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario. O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo – os bolsos vazios.

(Herberto Sales (org.). *Antologia escolar de contos brasileiros*, s/d. Adaptado.)

Considere as frases a seguir.

A calçada \_\_\_\_\_ que Dario se sentou ao passar mal ainda estava úmida da chuva.

O cachimbo \_\_\_\_\_ que Dario soprava fumaça ficou sobre o calçamento.

O motorista de táxi \_\_\_\_\_ quem as pessoas requisitaram ajuda questionou-as sobre o pagamento da corrida.

A farmácia \_\_\_\_\_ que pretendiam conduzir Dario era no fim do quarteirão.

As preposições que preenchem, respectivamente e de acordo com a norma-padrão, as frases são

- a) de – com – a – com.
- b) em – a – de – em.
- c) em – com – a – a.
- d) a – para – em – a.
- e) a – a – em – em.

**14. Famerp-SP 2016** Leia o trecho do conto “As caridades odiosas”, de Clarice Lispector, para responder à questão.

Foi uma tarde de sensibilidade ou de suscetibilidade? Eu passava pela rua depressa, emaranhada nos meus pensamentos, como às vezes acontece. Foi quando meu vestido me reteve: alguma coisa se enganchara na minha saia. Voltei-me e vi que se tratava de uma mão pequena e escura. Pertencia a um menino a que a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele. O menino estava de pé no degrau da grande confeitaria. Seus olhos, mais do que suas palavras meio engolidas, informavam-me de sua paciente aflição. Paciente demais. Percebi vagamente um pedido, antes de compreender o seu sentido concreto. Um pouco aturdida eu o olhava, ainda em dúvida se fora a mão da criança o que me ceifara os pensamentos.

— Um doce, moça, compre um doce para mim.

Acordei finalmente. O que estivera eu pensando antes de encontrar o menino? O fato é que o pedido deste pareceu cumular uma lacuna, dar uma resposta que podia servir para qualquer pergunta, assim como uma grande chuva pode matar a sede de quem queria uns goles de água.

Sem olhar para os lados, por pudor talvez, sem querer espiar as mesas da confeitaria onde possivelmente algum conhecido tomava sorvete, entrei, fui ao balcão e disse com uma dureza que só Deus sabe explicar: um doce para o menino.

(*A descoberta do mundo*, 1999.)

“Sem olhar para os lados, **por** pudor talvez, sem querer espiar as mesas da confeitaria onde possivelmente algum conhecido tomava sorvete” (4º parágrafo)

A preposição destacada assume valor semântico semelhante ao que se verifica na frase:

- a) A crítica tem Machado de Assis **por** um grande autor.
- b) Há ainda algumas questões **por** fazer.
- c) Ficaremos na Europa **por** cinco dias.
- d) As tropas cercaram os inimigos **por** terra e por mar.
- e) Muitas pessoas vão cedo para casa **por** medo.

**15. Cesmac-AL 2017**

**Saúde, sociedade e qualidade de vida**

Saúde é um direito humano fundamental, reconhecido por todos os foros mundiais e em todas as sociedades. Como tal, se encontra em pé de igualdade com outros direitos garantidos pela Declaração dos Direitos Humanos, de 1948: liberdade, alimentação, educação, segurança, nacionalidade etc.

A saúde é amplamente reconhecida como o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, e como uma importante dimensão da qualidade de vida. Saúde e qualidade de vida são, assim, dois temas correlacionados, aspecto com o qual pesquisadores e cientistas concordam. A saúde contribui para a qualidade de vida, e esta é fundamental para a saúde.

A Carta de Ottawa – um dos documentos mais importantes que se produziram no cenário mundial sobre o tema da saúde e da qualidade de vida – afirma que são recursos indispensáveis para se ter saúde: paz, renda, habitação, educação, alimentação adequada, ambiente saudável, recursos sustentáveis, equidade, justiça social. Isto implica o entendimento de que a saúde não é nem uma conquista, nem uma responsabilidade exclusiva do setor saúde. É o resultado de um conjunto de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, coletivos e individuais, que se combinam, daí resultando sociedades mais ou menos saudáveis.

Na maior parte do tempo de suas vidas, a maioria das pessoas é saudável. Isto significa que, na maior parte do tempo, a maioria das pessoas não necessita de hospitais, ou de complexos procedimentos médicos ou terapêuticos. Mas durante toda a vida, todas as pessoas necessitam de água e ar puros, ambiente saudável, alimentação adequada, situações social, econômica e cultural favoráveis, prevenção de problemas de saúde, educação e informação. Isto quer dizer que fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais, comportamentais e biológicos podem tanto favorecer, como prejudicar a saúde.

Para se melhorar realmente as condições de saúde de uma população, são necessárias mudanças profundas dos padrões econômicos no interior destas sociedades e intensificação de políticas sociais, eminentemente políticas públicas. Para que uma sociedade conquise saúde para seus membros, são necessárias uma verdadeira ação intersetorial e políticas públicas saudáveis, isto é, comprometidas com a qualidade de vida e a saúde da população.

Além destes elementos estruturais, que dependem da decisão e da ação dos indivíduos, a saúde também é decorrência de fatores comportamentais. Isto é, as pessoas desenvolvem padrões alimentares, de atividade física, de maior ou menor estresse na vida quotidiana, entre outros, que também têm grande influência sobre a saúde. Se cada pessoa se preocupar em desenvolver um padrão comportamental favorável à sua saúde e lutar para que as condições sociais e econômicas sejam favoráveis à qualidade de vida e à saúde de todos, certamente estará dando uma poderosa contribuição para que tenhamos uma população mais saudável, com vida mais longa e prazerosa.

(Paulo M. Buss. *Folha de S.Paulo*).

Analise o trecho: “Saúde e qualidade de vida são, assim, dois temas correlacionados, aspecto com o qual pesquisadores e cientistas concordam”. O uso da preposição – uma exigência sintática do verbo – também está correto na alternativa:

- a) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato do qual pesquisadores e cientistas atribuem toda consistência.
- b) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato no qual pesquisadores e cientistas admitem facilmente.
- c) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato ao qual todos nós nos sentimos dependentes.
- d) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato do qual nenhum pesquisador ou cientista discorda.
- e) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato ao qual pesquisadores e cientistas confiam.

**16. ITA-SP 2016** Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de terem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. Afí o sinal fica verde e eu continuo.

“Mas que desmancha-prazeres você é!”, vocês me dizem. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes

baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: “Deixei o cursinho. Estou na universidade”.

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(Ah! la me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

Quando se pergunta a um jovem “O que é que você vai fazer?”, o sentido dessa pergunta é “Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?”. E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso “nobre” que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: “Como vai o Fulano?”. Respondeu-me: “Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!”.

(Rubem Alves. Diploma não é solução, *Folha de S.Paulo*, 25/05/2004.)

No trecho “**Até** os bispos tinham suas pedras.”, a palavra sublinhada expressa a ideia de

- a) inclusão.
- b) tempo.
- c) modo.
- d) quantidade.
- e) qualidade.

## BNCC em foco

EM13LP07

### 1. PUC-SP

#### Depois de brincar de referendo... É hora de falar sério

Ganhe o NÃO ou ganhe o SIM, o problema do crime no Brasil vai continuar do mesmo tamanho. Durante quase um mês as autoridades submetem o país à propaganda eleitoral de uma questão sobre a qual a opinião das pessoas, por mais bem-intencionadas, não tem o menor poder. O referendo das armas vai ser lembrado como um daqueles momentos em que um país entra em transe emocional e algumas pessoas se convencem de que basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade. Em finais de Copa do Mundo essa mobilização é muito apropriada. O referendo das armas no Brasil tem algo dessa ilusão coletiva de que se pode vencer um inimigo poderoso, o crime violento, apenas pela repetição de mantras e mediante sinais feitos com as mãos imitando o voo da pomba branca da paz. Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.

Ganhe o SIM ou o NÃO na proposta de proibir a comercialização de armas, continuará intacto e movimentado o principal caminho que elas percorrem das forjas do metal até as mãos dos bandidos. Esse caminho é a corrupção policial. Se quisesse efetivamente diminuir o número de armas em circulação o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais. São conhecidos os expedientes usados por polícias corruptas que deixam as armas escaparem para as mãos dos bandidos em troca de dinheiro.

O caminho mais comum é a simples venda para os bandidos de armas ilegais apreendidas em operações policiais. A apreensão não é reportada ao comando policial e, em lugar de serem encaminhadas para destruição, elas são vendidas aos bandidos. É frequente criminosos serem soltos em troca de deixarem a arma com policiais. O mesmo vale para cidadãos pegos com armas ilegais ou sem licença para o porte. Eles são liberados pagando como pedágio a arma que portavam. Policiais corruptos também simulam o roubo, furto ou até a perda da arma oficial. Depois raspam sua numeração e a vendem. A corporação cuida de entregar-lhes uma nova, que pode vir a ter o mesmo destino. Enquanto esse tráfico não for interrompido, podem ser organizados milhares de referendos e o problema do crime continuará do mesmo tamanho.

Shelp, Diogo. *Veja*. São Paulo. 26 out. 2005. p. 62.

De acordo com o discurso gramatical tradicional, advérbio é palavra invariável que expressa circunstância e incide sobre verbos, adjetivos e até mesmo advérbios. No entanto, extrapolando esse discurso, sabe-se que, como modalizador, em vez de exprimir uma circunstância (tempo, lugar, intensidade etc.) relacionada a um verbo, advérbio ou adjetivo, o advérbio pode revelar estados psicológicos do enunciador. Isso se vê em:

- a) “[...] basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade.”
- b) “Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.”
- c) “o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais.”
- d) “A apreensão não é reportada ao comando policial [...]”
- e) “Depois raspam sua numeração e a vendem.”

EM13LP07

2. **Enem** Na verdade, o que se chama genericamente de índios é um grupo de mais de trezentos povos que, juntos, falam mais de 180 línguas diferentes. Cada um desses povos possui diferentes histórias, lendas, tradições, conceitos e olhares sobre a vida, sobre a liberdade, sobre o tempo e sobre a natureza. Em comum, tais comunidades apresentam a profunda comunhão com o ambiente em que vivem, o respeito em relação aos indivíduos mais velhos, a preocupação com as futuras gerações, e o senso de que a felicidade individual depende do êxito do grupo. Para eles, o sucesso é resultado de uma construção coletiva. Estas ideias, partilhadas pelos povos indígenas, são indispensáveis para construir qualquer noção moderna de civilização. Os verdadeiros representantes do atraso no nosso país não são os índios, mas aqueles que se pautam por visões preconceituosas e ultrapassadas de “progresso”.

AZZI, R. As razões de ser guarani-kaiowá. Disponível em: [www.outraspalavras.net](http://www.outraspalavras.net). Acesso em: 7 dez. 2012.

Considerando-se as informações abordadas no texto, ao iniciá-lo com a expressão “Na verdade”, o autor tem como objetivo principal

- a) expor as características comuns entre os povos indígenas no Brasil e suas ideias modernas e civilizadas.
- b) trazer uma abordagem inédita sobre os povos indígenas no Brasil e, assim, ser reconhecido como especialista no assunto.
- c) mostrar os povos indígenas vivendo em comunhão com a natureza, e, por isso, sugerir que se deve respeitar o meio ambiente e esses povos.
- d) usar a conhecida oposição entre moderno e antigo como uma forma de respeitar a maneira ultrapassada como vivem os povos indígenas em diferentes regiões do Brasil.
- e) apresentar informações pouco divulgadas a respeito dos indígenas no Brasil, para defender o caráter desses povos como civilizações, em contraposição a visões preconcebidas.

EM13LP06

3. **Enem** A crônica muitas vezes constitui um espaço para reflexão sobre aspectos da sociedade em que vivemos.

Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.

Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão. [...] Na verdade não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê.

(COLASSANTI, Marina. In: *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999)

No terceiro parágrafo, em “... não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua”, a troca de De pelo Na determina que a relação de sentido entre “menino” e “rua” seja:

- a) de localização, e não de qualidade.
- b) de origem, e não de posse.
- c) de origem, e não de localização.
- d) de qualidade, e não de origem.
- e) de posse, e não de localização.



Foto: Manuel Aguiar & Pepe Sanchino

SELFRIDGES & CO

MILHAZES, Beatriz. *Sonho de valsa*, 2004-2005. Colagem de papéis variados, embalagem plástica e fita adesiva sobre papel-cartão, 173 cm × 148 cm.

FRENTE 1

CAPÍTULO

4

## Estrutura e formação de palavras

A obra *Sonho de valsa* (2004-2005), aqui reproduzida, foi criada pela artista plástica brasileira Beatriz Milhazes. Uma das técnicas mais marcantes da tela é a colagem, procedimento muito usado pelos pintores cubistas e por artistas modernos. Na obra, é possível identificar a sobreposição de imagens e a colagem de formas geométricas, de maneira que a tela vai se tornando abstrata, dando a impressão de se estar observando um objeto desmembrado e confuso. À medida que olhamos com mais atenção, notamos que a obra reproduz visões de diferentes ângulos simultaneamente. De forma análoga, as línguas também se formam por meio de processos de “colagem”, de modo que a realidade conhecida por nós se constrói por meio dos significados das palavras de nossa língua. Neste capítulo, estudaremos a estrutura e os processos de formação das palavras.

## Estrutura da palavra

Para compreender melhor a composição e o significado das obras de arte modernas, é importante saber que os pintores modernistas, por exemplo, exploraram a técnica da colagem, utilizando materiais não convencionais, como jornal, papel de parede, pauta musical, rótulo de produtos, cartolina, papelão e arame para produzir sentidos em seus trabalhos. Na obra *Sonho de valsa*, Beatriz Milhazes, por sua vez, usou embalagens de alimentos, plástico, fita adesiva e colagem de papel na criação de sua obra.

De forma análoga ao que acontece nos trabalhos de composição artística, para explorar e compreender melhor a estrutura e o funcionamento de uma língua, é necessário observar e investigar quais são os elementos de sua construção e criação. Sendo assim, torna-se fundamental conhecer bem sua forma, isto é, sua morfologia. Por isso, iniciaremos aqui o estudo da estrutura gramatical das palavras, isto é, da morfologia.

O morfema é a unidade mínima de sentido da estrutura gramatical, e, para analisar sua função, vejamos o cartaz a seguir.

Reprodução

Cartaz da Universidade de São Paulo (USP) para a campanha de denúncia de trotes na recepção aos calouros de 2018.

Esse cartaz circulou pelas unidades da USP, com a finalidade de incentivar os estudantes e a comunidade universitária a denunciar via “Disque trote” abusos cometidos na recepção de novos estudantes. Verificamos que, no cartaz, na conjugação do verbo “denunciar”, há uma parte das palavras que é invariável (“denunci”) e a ela são “coladas” partes variáveis, como “o”, “as”, “a”, “amos”, “ais” e “am”. Portanto, há morfemas que são invariáveis e outros que sofrem variação. Aos primeiros, damos o nome de **morfemas radicais** e, aos segundos, **morfemas afixais**.

### ! Atenção

A parte invariável de uma palavra é chamada de radical. A esse radical são ligadas algumas vogais que têm a função de facilitar o acréscimo de morfemas. Elas são chamadas de vogais temáticas e podem ser “a”, “e” ou “i”. Exemplos: andar (radical “and” + vogal temática “a” + desinência de infinitivo “r”) e vender (radical “vend” + vogal temática “e” + desinência de infinitivo “r”). O radical mais a vogal temática formam o tema.

Os morfemas afixais podem aparecer antes do radical, sendo assim chamados de prefixos; ou após, recebendo o nome de sufixos. Desse modo, os morfemas ligados ao radical “denunci”, no cartaz, são sufixos. Os morfemas afixais podem formar, também, substantivos, como em “denunciação” (denuncia-ção), ou adjetivos, como “denunciável” (denunciá-vel).

Voltando ao cartaz, verificamos que os sufixos “colados” ao radical acrescentam informações a essa parte invariável da palavra. Para exemplificar, o termo “denuncio”, formado pelo acréscimo do morfema “o”, traz ao radical uma informação sobre o modo (indicativo) e o tempo verbal (presente), bem como de que se trata de uma ação realizada pela pessoa que enuncia, “eu”. Já a palavra “denunciaram”, formada pela adição do sufixo “ram”, informa o modo (indicativo) e o tempo verbal (pretérito perfeito), e também indica que se trata de uma ação realizada pelas pessoas de quem se fala, “eles”.

Os sufixos que aportam informações ao radical sobre o modo e o tempo verbal são os sufixos modo temporais, e aqueles que trazem uma informação sobre a pessoa que enuncia e o número (singular ou plural) são os sufixos número pessoais. Os morfemas afixais usados na flexão verbal são chamados de **morfemas verbais** ou **desinências verbais**. Vejamos alguns exemplos:

Desinências numeropessoais	
-o: indica a 1ª pessoa do singular	Exemplos: eu canto <u>o</u> , eu bebo <u>o</u> , eu parto <u>o</u>
-s: indica a 2ª pessoa do singular	Exemplos: tu cantas <u>s</u> , tu bebes <u>s</u> , tu partes <u>s</u>
-mos: indica a 1ª pessoa do plural	Exemplos: nós cantamos <u>os</u> , nós bebemos <u>os</u> , nós partimos <u>os</u>
-m: indica a 3ª pessoa do plural	Exemplos: eles cantam <u>m</u> , eles bebem <u>m</u> , eles partem <u>m</u>
Desinências modotemporais	
-va: indica o pretérito imperfeito do indicativo (1ª conjugação)	Exemplos: eu cantava <u>va</u> , tu cantavas <u>vas</u> ...
-ia: indica o pretérito imperfeito do indicativo (2ª e 3ª conjugações)	Exemplos: eu bebia <u>ia</u> , tu bebias <u>ias</u> ... eu partia <u>ia</u> , tu partias <u>ias</u> ...
-ra: indica o pretérito mais-que-perfeito do indicativo	Exemplos: eu cantara <u>ra</u> , tu beberas <u>ras</u> , ele partira <u>ra</u>
-ria: indica o futuro do pretérito do indicativo	Exemplos: eu cantaria <u>ria</u> , tu beberias <u>rias</u> , ele partiria <u>ria</u>
-sse: indica o pretérito imperfeito do subjuntivo	Exemplos: se eu cantasse <u>sse</u> , se tu bebesse <u>ses</u> , se ele partisse <u>sse</u>
Desinências verbonominais	
-r: indica o infinitivo	Exemplos: cantar <u>r</u> , beber <u>r</u> , partir <u>r</u>
-ndo: indica o gerúndio	Exemplos: cantando <u>do</u> , bebendo <u>do</u> , partindo <u>do</u>
-do: indica o particípio	Exemplos: cantado <u>do</u> , bebido <u>do</u> , partido <u>do</u>

Ao inserir essas informações de tempo verbal, no caso o presente, a campanha da USP busca divulgar a ideia de



que é responsabilidade atual de todos a ação urgente de “denunciar” casos de abuso em trotes universitários. Para facilitar a realização e o recebimento das denúncias, foi criado em 2019 o aplicativo “Disque trote USP”.

### ! Atenção

Palavras cognatas são “palavras irmãs”, derivadas do mesmo radical. As conjugações verbais do cartaz, por exemplo, são cognatas, pois têm o mesmo radical: “denunci”.

## Morfemas nominais

No cartaz, logo após a sequência de verbos, há uma oração em destaque: “Veterano, violência não se conjuga”. Sabemos que a palavra “Veterano” foi utilizada no masculino, pois é formada pelo morfema “o”, indicador desse gênero, em contraste com o morfema “a”. Além disso, a oração se refere a um aluno veterano singular e não a vários, caso contrário teríamos o acréscimo do morfema “s”, informativo do plural. Os morfemas com a finalidade de agregar informações de gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) são chamados de **morfemas nominais** ou **desinências nominais**.

Pensando nos sentidos produzidos pelo cartaz poderíamos nos perguntar o porquê dessas escolhas. Ao se dirigir especificamente a um veterano, a USP busca construir um diálogo direto com cada leitor do texto, o qual é impelido a aderir à ideia divulgada. Ao não usar a palavra “Veterana”, podemos deduzir que, na maioria das vezes, os alunos veteranos homens estão envolvidos direta ou indiretamente em casos de trotes truculentos, logo o objetivo é persuadir esse público sobre a necessidade de denunciar esse tipo de ação.

A língua portuguesa, enquanto língua natural, originou-se do latim vulgar falado pela grande maioria do povo romano. Como o passar do tempo (entre os séculos VII e XIII d.C.), na transformação do latim vulgar nas diferentes línguas românicas (francês, espanhol, italiano, romeno, castelhano e o catalão), muitos radicais, prefixos e sufixos latinos e gregos se mantiveram nas palavras da língua portuguesa.

### ! Saiba mais

Você sabia que algumas línguas se desenvolveram de forma natural e outras foram criadas artificialmente? O português, o inglês e o chinês, por exemplo, surgiram naturalmente, devido ao uso que os falantes fizeram e fazem desses idiomas nas práticas da vida cotidiana. Contudo, há outras línguas que foram inventadas e construídas, como o **na’vi**, idioma criado para o filme *Avatar*. Além do na’vi, há o **quenya** e o **sindarin** (línguas élficas de *O Senhor dos Anéis*), o **klíngon** (de *Jornada nas Estrelas*) e o **dothraki** (de *Game of Thrones*). Existem também línguas planejadas, como o volapük e o esperanto, que foram criadas para servir como uma segunda língua e pretendiam facilitar a comunicação universal.

Embora o português tenha herdado morfemas latinos e gregos e guarde esses traços antigos, também podemos pensar em uma gramática do português brasileiro. Nessa proposta, a língua portuguesa usada no Brasil é uma das

maiores características da nossa identidade como povo, e deve ser estudada também à luz da diversidade do país, seja geográfica (português brasileiro do Norte e do Sul, por exemplo), seja sociocultural (português brasileiro culto e popular), ou ainda relacionada à idade, sexo ou profissão e às situações de uso (português brasileiro formal ou informal).

Tomando-se as diferenças entre o português brasileiro popular e culto, encontramos nos primeiros usos morfológicos como “os homi” e “as pessoa”, em que há perda progressiva do morfema nominal “s” para marcar o plural, que passa a ser expresso apenas pelo artigo. Já no português brasileiro culto, entretanto, verifica-se a manutenção redundante das regras de marcação do plural, “os homens” e “as pessoas”.

### 📖 Estabelecendo relações

As Ciências Biológicas também se dedicam ao estudo da morfologia, porém investigando a forma e estrutura dos organismos, e não das línguas. Nesses estudos são considerados aspectos como aparência externa, cor e partes internas (ossos e órgãos). A morfologia em Biologia atua em complemento à fisiologia, que se ocupa principalmente das funções dos organismos.

## Formação de palavras

Chamamos de formação de palavras o conjunto de processos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas. Utilizam-se, assim, para formar as palavras, os procedimentos de derivação por afixos ou de composição. Conhecer os processos de formação das palavras nos ajuda a refinar nossa interpretação das intencionalidades e finalidades comunicativas em diferentes textos, como em anúncios publicitários, tirinhas, charges, entre outros. A seguir, discutiremos os dois principais processos de formação de palavras: a derivação e a composição.

### Derivação

Derivação é o processo pelo qual é possível formar, com uma palavra, muitas outras por meio do acréscimo de certos elementos que lhe alteram o sentido. Esses elementos são os prefixos ou sufixos, isto é, termos que aparecem antes ou depois da palavra derivante. A seguir, discutiremos os principais casos de derivação.

### DERIVAÇÃO PREFIXAL



MP Publicidade para Hortifrut

Anúncio publicitário com palavra formada por prefixação.

O anúncio publicitário apresentado foi veiculado por uma rede de mercados especializada em hortaliças e frutas. A frase “A incrível rúcula” mostra um diálogo da propaganda com o personagem Hulk, conhecido super-herói dos quadrinhos e do cinema. Hulk é um meta-humano com poderes especiais, sobretudo relacionados à força física. Ao associar de forma humorística o alimento rúcula a essa personagem, busca-se destacar as qualidades desse e de outros produtos vendidos na rede de mercados. A palavra usada para isso foi “superpoderes”, formada pelo prefixo “super” e a palavra “poderes”. O prefixo “super” apresenta uma ideia de posição superior. Em outras palavras, o uso desse termo produz o sentido de que os produtos da empresa são “superiores” em qualidade, pois são frescos e diferenciados.

Muitos vocábulos no português são formados pelo acréscimo de um prefixo, sempre à esquerda de uma palavra, a fim de formar outras:

**IN** + feliz    **AB** + dicar    **ANTE** + braço  
**DES** + leal    **INTER** + nacional    **RE** + duzir

## DERIVAÇÃO SUFIXAL

### ONU retoma debates sobre **racismo** e **violência** policial no mundo

O Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas retomou hoje (17), em Genebra (Suíça), o debate iniciado ontem sobre racismo, brutalidade policial e violência contra manifestantes, após o assassinato do norte-americano George Floyd, quando estava sob custódia policial.

A iniciativa ocorreu após mais de 600 grupos de direitos humanos terem pedido, na segunda-feira (15), a investigação de “supostas violências policiais”, após o assassinato de Floyd. De acordo com a presidente do Conselho, Elisabeth Tichy-Fisslberger, trata-se de uma “questão universal”, reforçada ainda mais após o grande número de protestos que vêm ocorrendo em diversos países.

[...]

PEDUZZI, Pedro; LEAL, Aline (ed.). *Agência Brasil*, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-06/onu-retoma-debates-sobre-racismo-e-violencia-policial-no-mundo>. Acesso em: 6 abr. 2023.

A notícia trata das discussões que se sucederam após o assassinato de George Floyd, em maio de 2020. O acontecimento gerou protestos, que começaram em Mineápolis, cidade onde o fato foi registrado, espalhando-se para outras cidades estadunidenses e do mundo e incentivando debates sobre racismo e violência policial.

No título na notícia, observamos que as palavras em destaque são formadas pelo mesmo processo: a derivação sufixal. Observe:

rac + **ISMO**    viol + **ÊNCIA**

Os sufixos “-ismo” e “-ência” agregam aos radicais a noção de ação praticada.

## DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA



Tirinha com palavra formada por parassíntese.

A tira acima dialoga com a fábula “Os três porquinhos”, a fim de construir uma crítica. Nessa história, oriunda da tradição oral inglesa e publicada pela primeira vez em 1890 pelo escritor australiano Joseph Jacobs, o personagem Lobo tenta de diversas maneiras capturar os três porquinhos para deles se alimentar. Ao final da fábula, o Lobo, ao entrar na casa do terceiro porquinho pela chaminé, é surpreendido por este, que queima sua cauda.



Na tirinha, a mãe de Armandinho explica-lhe que o Lobo é mau, pois ele queria comer os porquinhos. A palavra usada pela mãe para caracterizar o animal é “desalmado”, que é formada pelo radical “alm(a)” e, simultaneamente, pelo acréscimo do prefixo “des-” (sentido de negação, contrário) e do sufixo “-ado” (qualidade ou estado). Isto é, o Lobo não possui alma, por isso ele é “mau” e “impiedoso”. A ironia da tirinha está no último quadro, no qual a mãe de Armandinho o chama para comer um lanche com presunto, alimento derivado de carne suína.

O processo de formação das palavras que são originadas pelo acréscimo concomitante de um prefixo e um sufixo é chamado de “derivação parassintética”:

**DES + alm(a) + ADO**

É possível identificar que os morfemas foram aglutinados ao mesmo tempo, pois não temos na língua portuguesa a palavra “desalma” nem “almado”.

A parassíntese é particularmente frequente com verbos, em que os prefixos “a-” e “em-” (en-) são bastante produtivos:

**A + manhece + R EM + barca + R EN + forca + R**

### DERIVAÇÃO PREFIXAL E SUFIXAL

#### Espanha proíbe **desigualdade** salarial entre gêneros

O governo da Espanha aprovou um decreto que proíbe a desigualdade salarial entre gêneros, disse a ministra do Trabalho, Yolanda Díaz, em coletiva de imprensa nesta terça-feira (13).

“A partir de hoje, um homem e uma mulher não podem mais receber remuneração diferente”, afirmou ela após a reunião semanal de gabinete. Os regulamentos forçarão as empresas a manter registros de salários por gênero e divulgar esses documentos, acrescentou a ministra.

ALLEN, Nathan. *Reuters*, 13 out. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-10/espanha-proibe-desigualdade-salarial-entre-generos>. Acesso em: 6 abr. 2023.

O excerto da notícia traz um fato internacional sobre a proibição de disparidade salarial entre homens e mulheres na Espanha. Na manchete do texto, encontramos a palavra “desigualdade”, formada por um prefixo “des-” (sentido de negação, contrário) e um sufixo “-dade” (sentido de ação praticada):

**DES + igual + DADE**

À primeira vista, poderia se pensar que se trata de um caso de derivação parassintética. Porém, os dois morfemas não se uniram ao radical simultaneamente, assim como observamos na palavra “desalmado” (isto é, não existem as palavras “desalma” ou “almado”, indicando que essa palavra só foi criada pelo acréscimo simultâneo do prefixo e

do sufixo). No caso da palavra “desigualdade”, o prefixo e o sufixo se juntaram ao radical em momentos distintos, pois temos na língua portuguesa tanto o vocábulo “desigual” quanto o termo “igualdade”. Sendo assim, esse processo de formação de palavras é chamado de “derivação prefixal e sufixal”.

Voltando ao trecho da notícia, a ação de praticar a não igualdade de salários entre homens e mulheres está sendo dirimida por ações políticas do governo espanhol, exigindo-se maior transparência das empresas quanto aos salários de funcionários e funcionárias espanhóis.

### DERIVAÇÃO REGRESSIVA



Cartaz com palavra formada por derivação regressiva.

Cartazes informativos como o exemplo acima são comuns em períodos que demandam mais cuidado com a saúde. O objetivo do texto é informar e incentivar a população a utilizar máscaras como forma de proteção contra a covid-19. Para isso, foi utilizada a frase “Uso de máscaras é obrigatório”.

Na formação de palavras da língua portuguesa ocorreu um processo em que os verbos serviram de base para gerar substantivos, os quais, embora não possam ser conjugados, guardam a ideia da ação representada pelos verbos e, ainda, podem receber complementos (no cartaz, “de máscaras” é complemento do substantivo “uso”). Vejamos:

**USAR (verbo) → USO (substantivo)**

Nota-se nessa transformação que o termo derivado (o substantivo) resulta da redução do derivante (verbo), subtraindo-lhe um segmento terminal. Por essa especificidade, esse processo de formação de palavras é chamado de derivação regressiva. O substantivo, por sua vez, foi formado pela junção de uma das vogais temática (“-o”, “-a” ou “-e”) ao radical do verbo. Veja outros exemplos:

ERRAR → ERRO / CAÇAR → CAÇA  
ATACAR → ATAQUE  
PERDER → PERDA / TOCAR → TOQUE

A derivação regressiva tem grande produtividade na criação de substantivos formados de verbos.

### DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA OU CONVERSÃO

## Globo de Ouro muda regras e vai poder indicar filmes em língua estrangeira nas categorias principais

G1, 30 jun. 2021.

## Talibã no poder: quais são os primeiros sinais de que mulheres podem enfrentar um retrocesso

G1, 16 ago. 2021.

Na primeira manchete, a palavra “poder” é empregada em sua forma primitiva, ou seja, como verbo principal de uma locução verbal, indicando uma ação. No contexto enunciado, indica que as regras do Globo de Ouro, uma importante premiação do cinema e da televisão, passou por mudanças para que fossem incluídos nas categorias de maior destaque filmes de outras nacionalidades, não só estadunidenses, aumentando a diversidade e a visibilidade de produções estrangeiras. Já na segunda manchete, a palavra “poder” não é mais um verbo, exercendo a função de substantivo; no caso, refere-se ao governo do Afeganistão, tomado pelo grupo extremista Talibã, que, em 2021, retomou o comando da nação após 20 anos.

Essas palavras podem, portanto, mudar de classe gramatical sem sofrer modificação em sua grafia. A esse processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de derivação imprópria ou conversão.

Vejamos outros casos:

- de verbos a substantivos: o **cantar** dos pássaros faz bem à saúde; o **jantar** estava delicioso;
- de participípios (passados) a substantivos e adjetivos: **conteúdo**, **partido**, **resoluto**.
- de adjetivos a substantivos: os **bons** serão recompensados; os **jovens** precisam trabalhar;
- de substantivos, adjetivos e verbos a interjeições: **quieto!** **bravo!** **pare!**

### Composição

A composição consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais de significação própria. A palavra composta representa sempre uma ideia única, autônoma e nova. Conheça a seguir os tipos de composição mais comuns.

### JUSTAPOSIÇÃO

Nas palavras “arco-íris”, “guarda-chuva” e “cachorro-quente”, não há acréscimos nem de prefixo, nem de sufixo, logo não se trata de um processo de derivação. Verificamos

que essas palavras se formaram por meio da junção de dois elementos com significação própria (arco + íris; guarda + chuva; cachorro + quente), conservando cada qual sua integridade, sem alteração sonora e ortográfica. Vejamos a manchete a seguir:

## Valioso e brilhante, beija-flor-de-bico-curvo conserva elogios no nome científico

G1, 25 jan. 2021.

A justaposição de cinco elementos na palavra em destaque forma o nome de uma espécie de beija-flor. Nesse caso, a justaposição ocorreu com palavras que especificam características desse animal, isto é, o destaque para seu bico, que é sua principal ferramenta para obter alimento.

As palavras formadas por justaposição podem ser ligadas por hífen (segunda-feira; vitória-régia; decreto-lei; ano-luz; mil-folhas); ou não (fim de semana; dia a dia; sala de jantar; cão de guarda; cor de vinho; café com leite).

### AGLUTINAÇÃO

Como vimos, os elementos de uma palavra composta podem justapor-se, conservando cada qual sua forma e sua acentuação (lava-rápido, guarda-civil, girassol). Mas os elementos também podem aglutinar-se, perdendo sua integridade silábica; por exemplo: planalto (plano + alto); fidalgo (filho + de + algo); embora (em + boa + hora), entre outros vocábulos. Observe a manchete a seguir:

## Escalação do Palmeiras: time alverde faz primeiro treino no Rio antes de final

MATOS, José E. de. GE, 28 jan. 2021.

No título dessa notícia, observamos a palavra “alverde”, formada pelos elementos “alvo” + “verde”, com perda de integridade silábica da primeira palavra.

### Outros processos de formação de palavras

Há outros processos de formação de palavras que mostram a criatividade lexical dos falantes da língua. Vamos conhecê-los.

### HIBRIDISMO

Leia o fragmento de notícia a seguir, atentando-se às palavras em destaque.

## Registro Nacional de Veículos possibilita transferência eletrônica de propriedade

*Medida reduz burocracia e gera economia para o consumidor*

Simplificar, reduzir os custos e desburocratizar o serviço de transferência de propriedade de veículos. É o que prevê o Registro Nacional de Veículos em Estoque (Renave), lançado nacionalmente no início do mês. Com ele, quem comprar um **automóvel** na loja revendedora ou concessionária poderá sair com o veículo já transferido para seu nome em qualquer hora do dia e da semana.

Gov.br, 18 fev. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/02/registro-nacional-de-veiculos-possibilita-transferencia-eletronica-de-propriedade>. Acesso em: 6 abr. 2023 (CC BY-ND 3.0).

Na linha fina da matéria, temos a palavra “burocracia”, que é formada por dois elementos diferentes: o vocábulo “buro”, do francês, e “cracia”, do grego. Outra palavra que também passa por processo de formação semelhante é “automóvel”, presente no primeiro parágrafo do texto. Esse termo é originado da junção de “auto”, do grego, e “móvel”, do latim. Tal processo de formação de palavras, que se dá por meio de elementos originários de línguas diferentes, recebe o nome de **hibridismo**.

Alcoômetro = *álcool* (árabe) + *metro* (grego)  
 Biologia = *bio* (latim) + *logia* (grego)  
 Surfista = *surf* (inglês) + *ista* (grego)

## NEOLOGISMO

O processo de formação de palavras em que são criados novos vocábulos não dicionarizados (ou seja, novos no uso da língua) chama-se **neologismo**. As novas palavras são formadas, em geral, por processos de formação já existentes na língua (derivação ou composição).

### Tuitaço contra trabalho infantil reúne famosos e alcança *trending topics*

Correio Braziliense, 11 jun. 2021.

A palavra que inicia o título da reportagem, “tuitaço”, tem origem no substantivo próprio “Twitter” e no sufixo “-aço”, que transmite a ideia de intensidade. Seu significado, portanto, expressa a ideia de um intenso movimento de postagens nessa rede social, geralmente envolvendo questões políticas e sociais e usando uma *hashtag* como referência. Em outras palavras, a manchete da notícia poderia ser apresentada da seguinte forma: “Número expressivo de postagens na rede social Twitter contra trabalho infantil reúne famosos e alcança *trending topics*”. Além disso, foram originados desse substantivo próprio os termos “tuíte”, nome dado à publicação, e “tuitar”, que se refere à ação de publicar algo nessa rede social.

O neologismo é um recurso muito utilizado na literatura. No Brasil, os modernistas criaram diversas palavras novas para dar conta de expressar as diversidades da cultura brasileira. Veja alguns exemplos no quadro a seguir.

Escritor	Neologismo
Mario de Andrade	fatalizadamente, estatisticar
Carlos Drummond de Andrade	silencio-vaca, som-porteira
Guimarães Rosa	enxadachim taurophongo embriagatinhar velvo circuntristeza

## REGIONALISMO

O conjunto de palavras ou expressões de uma determinada região geográfica, decorrentes da cultura lá existente, tem o nome de **regionalismo**. Leia o trecho a seguir.

Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!

Jeca mercador, Jeca lavrador, Jeca filósofo...

Quando comparece às feiras, todo mundo logo advinha o que ele traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher – **cocos de tucum ou jicara, guabirobas, bacuparis**, maracujás, **jataís, pinhões**, orquídeas ou artefatos de **taquarapoca** – peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador ou utensílios de madeira mole – gamelas, pilõezinhos, colheres de pau.

Nada mais.

Seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço – e nisto vai longe.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/fabiomesquita/textos/obras-literarias/Monteiro%20Lobato%20-%20Urupes.pdf/view>. Acesso em: 6 abr. 2023.

O trecho do conto apresentado é parte da obra *Urupês*, de Monteiro Lobato, publicada originalmente em 1918 e que reúne ao todo 14 contos do escritor. Especificamente, esse excerto faz parte do conto cujo título dá nome ao livro, e no qual Lobato dá vida a uma de suas mais famosas personagens: o caboclo Jeca Tatu. A personagem representa a miséria e o atraso econômico do país à época, assim como o descaso do governo em relação ao Brasil rural. Jeca Tatu obedecia à lei do menor esforço, nutrindo-se daquilo que a natureza lhe oferecia. Ele não tinha nenhum tipo de educação e era alheio a tudo. As palavras em destaque (“cocos de tucum ou jicara”, “guabirobas”, “bacuparis”, “jataís”, “pinhões”, “taquarapoca”) mostram a tipicidade de frutas e da vegetação das regiões rurais do interior do Brasil e, portanto, são chamadas de regionalismos.

## ESTRANGEIRISMO

O uso de palavra, expressão ou construção estrangeira na língua portuguesa, seja com equivalentes ou não, é chamado de **estrangeirismo**.

### ‘Cruella’ *fashion* filme: veja os *looks* da vilã mais estilosa da temporada e inspire-se no visual ‘*rock and roll*’

Filme da Disney+ é ambientado em Londres da década de 1960 e mostra a revolução *punk* na moda. Consultora de estilo dá dicas para copiar visual de cinema!

RODRIGUES, Cristiane. *Gshow*, 21 jul. 2021. Disponível em: <https://gshow.globo.com/moda-e-beleza/noticia/cruella-fashion-filme-veja-os-looks-da-vila-mais-fashion-da-temporada-e-inspire-se-no-visual-rock-roll.ghtml>. Acesso em: 6 abr. 2021.

O título e o subtítulo da notícia foram construídos com o emprego de diversas palavras estrangeiras, pertencentes ao inglês: *fashion*, *looks*, *rock and roll* e *punk*. O uso de estrangeirismos é bastante comum em propagandas comerciais, pois com elas se pretende imprimir maior valorização ao produto. Os estrangeirismos também são bastante utilizados nas áreas de moda e tecnologia.

## ARCAÍSMO

Como as línguas são dinâmicas e se modificam ao longo do tempo, algumas palavras e expressões podem deixar de serem usadas pelos falantes. Vejamos alguns exemplos.

### Língua portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela,  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na **ganga** impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
**Tuba** de alto **clangor**, lira singela,  
Que tens o **trom** e o **silvo** da **procela**  
E o **arrollo** da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

BILAC, Olavo. Tarde. *Antologia: Poesias*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

**ganga:** parte impura de um material ou de uma jazida.

**tuba:** trombeta.

**clangor:** som estridente ou forte.

**trom:** trovão.

**silvo:** som agudo e prolongado, assoprando.

**procela:** forte tempestade no mar com vento intenso.

**arrollo:** cantiga de ninar.

O poema “Língua portuguesa”, de Olavo Bilac, enaltece a nossa língua vernacular. Para compreendê-lo integralmente é preciso conhecer os significados de palavras como “ganga”, “tuba”, “clangor”, “trom”, “silvo”, “procela”, “arrollo”.

Tais vocábulos não são comuns no uso corrente da língua, nem se trata de neologismos, muito pelo contrário, são palavras já em desuso na língua portuguesa, esquecidas pelos falantes. A essas palavras dá-se o nome de **arcaísmos**. Elas podem ser encontrados em dicionários e textos antigos.

## GÍRIA

A gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social, por isso seu estudo pressupõe, inicialmente, algumas considerações a respeito das relações entre língua e grupo social. Leia a tirinha a seguir.



Tirinha com exemplos de gírias.



Na tirinha da personagem Anésia, encontramos um diálogo entre ela e sua amiga Dolores. Ambas são senhoras idosas. Anésia sugere a Dolores que pare de assistir a novelas de adolescentes, caso contrário ela ficará “esquisita” como eles. Ao responder à amiga, Dolores acaba utilizando expressões do vocabulário juvenil, “sua louca” e “não viaja”. O humor ocorre pelo fato de Dolores usar as gírias usadas pelos jovens na resposta que dá à amiga, além de ela ser uma mulher idosa, isto é, que pertence a outro grupo social.

Diversos grupos usam as gírias para evidenciar que são diferentes da maioria, seja pelo comportamento inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. Geralmente, a gíria é uma alteração de sentido de um vocábulo da língua, que pode, inclusive, ser usado com sentido contrário.

Além das gírias, são muito comuns os jargões, que são termos usados em áreas científicas ou em profissões específicas; por exemplo: o léxico jurídico (“juridiquês”) e o acadêmico (“academiquês”).

## ABREVIÇÃO

Reprodução

**UNIVERSIDADE**  
*na Praça*  
**A UFBA é nossa!**

**Você sabe o que a UFBA produz?**

**VENHA CONHECER**

- Exposição de trabalhos e atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFBA
- Intervenções artísticas e culturais
- Oficinas

**30**  
**AGOSTO**  
Sexta-feira  
**10h às 20h**

**PRAÇA**  
**CAMPO DA PÓLVORA**  
**NAZARÉ - SALVADOR**

**APUB**  
**SINDICATO**

Cartaz com exemplos de abreviações.

O cartaz da Universidade Federal da Bahia teve como objetivo convidar a população a conhecer as atividades de ensino, pesquisa e ações voltadas para a comunidade promovidas pela instituição. A sigla da universidade, UFBA, aparece três vezes, e foi usada para reduzir a parte escrita do cartaz e facilitar a leitura. A essa redução damos o nome de **abreviação**, que é o processo por meio do qual ocorre a redução de uma palavra até o limite de sua compreensão. Sabemos quem são os responsáveis pela produção do cartaz por meio da sigla que aparece na parte inferior, APUB, que é do Sindicato dos Professores das Instituições Federais do Ensino Superior da Bahia.

Outra forma de abreviação é a eliminação de uma parte da palavra, obtendo uma forma mais reduzida, por exemplo: foto (de “fotografia”), moto (de “motocicleta”).

## ONOMATOPEIA



Tirinha da Turma da Mônica que faz uso de onomatopeias.

Na tirinha, foram utilizadas palavras para representar o som do Cebolinha tocando bumbo e, depois, para imitar seu choro. Esse recurso de imitação de sons por meio de palavras se chama **onomatopeia**. Com ela se pretende reproduzir e imitar um ruído por um grupo de sons da linguagem, transpondo-se para a língua articulada humana ruídos inarticulados, daí haver diferenças entre as onomatopeias de línguas diferentes para a reprodução de sons iguais. Alguns exemplos de onomatopeias do português são: tic-tac, tchibum, dlim-dlão.

## Revisando

- Fuvest-SP 2017** Evidentemente, não se pode esperar que Dostoiévski seja traduzido por outro Dostoiévski, mas desde que o tradutor procure penetrar nas peculiaridades da linguagem primeira, aplique-se com afinco e faça com que sua criatividade orientada pelo original permita, paradoxalmente, afastar-se do texto para ficar mais próximo deste, um passo importante será dado. Deixando de lado a fidelidade mecânica, frase por frase, tratando o original como um conjunto de blocos a serem transpostos, e transgredindo sem receio, quando necessário, as normas do “escrever bem”, o tradutor poderá trazê-lo com boa margem de fidelidade para a língua com a qual está trabalhando.

Boris Schnaiderman, *Dostoiévski Prosa Poesia*.

O prefixo presente na palavra “transpostos” tem o mesmo sentido do prefixo que ocorre em

- ultrapassado.
  - retrocedido.
  - infracolocado.
  - percorrido.
  - introvertido.
- Famema-SP 2022** Todas as opções abaixo mostram palavras formadas com a ajuda do sufixo *-ada*; assinale a opção em que esse sufixo tem o mesmo valor semântico.
    - martelada / panelada / entrada.
    - garotada / livralhada / cusparada.
    - cacetada / bordoada / meninada.
    - marmelada / estada / goiabada.
    - caldeirada / bacalhoadada / feijoada.
  - Urca-RJ 2020** Leia o trecho a seguir e responda ao que se pede:

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, prática que era D. Inácia nesse castigo, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

— Diga nomes feios aos mais velhos outra vez!! Ouviu, peste??

(LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. Disponível em: <https://cs.ufgd.edu.br/download/Negrinha-de-Monteiro-Lobato.pdf>.)

Assinale a alternativa que indica a classe gramatical e o processo de formação da palavra destacada:

- advérbio – derivação sufixal.
- adjetivo – composição por justaposição
- substantivo – derivação prefixal e sufixal.
- verbo – derivação parassintética.
- interjeição – reduplicação.

4. **FICSAE-SP 2022** Leia a crônica “Caso de justiceiro”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

Mercadinho é imagem de confusão organizada. Todos comprando tudo ao mesmo tempo em corredores estreitos, carrinhos e pirâmides de coisas se comprimindo, apalpamento, cheiração e análise visual de gêneros pelas madamas, e, a dominar o vozerio, o metralhar contínuo das registradoras. Um olho invisível, múltiplo e implacável, controla os menores movimentos da freguesia, devassa o mistério de bolsas e bolsos, quem sabe se até o pensamento. Parece o caos; contudo nada escapa à fiscalização. Aquela velhinha estrangeira, por exemplo, foi desmascarada.

— A senhora não pagou a dúzia de ovos quebrados.

— Paguei.

Antes que o leitor suponha ter a velhinha quebrado uma dúzia de ovos, explico que eles estão à venda assim mesmo, trincados. Por isso são mais baratos, e muita gente os prefere; casca é embalagem. A senhora ia pagar a dúzia de ovos perfeitos, comprada depois; mas e os quebrados, que ela comprou antes?

A velhinha se zanga e xinga em ótimo português-carioca o rapaz da caixa. O qual lhe responde boas, no mesmo idioma, frisando que gringo nenhum viria lá de sua terra da peste para dar prejuízo no Brasil, que ele estava ali para defender nosso torrão contra piratas da estranha. A mulher, fula de indignação, foi perdendo a voz. Caixeiros acorreram, tomando posição em defesa da pátria ultrajada na pessoa do colega; entre eles, alguns portugueses. A freguesia fez bolo. O mercadinho parou.

Eis que irrompe o tarzã de calção de banho ainda rorejante e berra para o caixa:

— Para com isso, que eu não conheço essa dona mas vê-se pela cara que é distinta.

— Distinta? Roubou cem cruzeiros à casa e insultou a gente feito uma danada.

— Roubou coisa nenhuma, e o que ela disse de você eu não ouvi mas subscrevo. O que você é, é um calhorda e quer fazer média com o patrão à custa de uma pobre mulher.

O outro ia revidar à altura, mas o tarzã não era de cinema, era de verdade, o que aliás não escapou à percepção de nenhum dos presentes. De modo que enquanto uns socorriam a velhinha, que desmaiava, outros passavam a apoiá-la moralmente, querendo arrebentar aquela joça. O partido nacionalista acolheu-se. Foram tratando de cerrar as portas, para evitar a repetição de Caxias. Quem estava lá dentro que morresse de calor; enquanto não viessem a radiopatrulha e a ambulância, a questão dos ovos ficava em suspenso.

— Ah, é? — disse o vingador. — Pois eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota.

Tirou-a do bolso do calção, fez uma bolinha, puxou para baixo, com dedos de ferro, o queixo do caixa, e meteu-lhe o dinheiro na boca.

Assistência deslumbrada, em silêncio admiracional. Não é todos os dias que se vê engolir dinheiro. O caixa começou a mastigar, branco, nauseado, engasgado.

Uma voz veio do setor de ovos:

— Ela não roubou mesmo não! Olha o dinheiro embaixo do pacote!

Outras vozes se altearam: “Engole mais os outros cem!” “Os ovos também!” “Salafrá” “Isso!” “Aquilo!”.

A onda era tamanha que o tarzã, instrumento da justiça divina, teve de restabelecer o equilíbrio.

— Espera aí. Este aqui já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltrataram este rapaz.

(Carlos Drummond de Andrade. *Cadeira de balanço*, 2020.)

A derivação regressiva ocorre quando, a partir de um vocábulo com sufixo real ou suposto, formamos um novo vocábulo por meio da eliminação do referido sufixo. Verifica-se um exemplo de derivação regressiva no seguinte trecho:

- “Por isso são mais baratos, e muita gente os prefere” (4º parágrafo)
- “Não é todos os dias que se vê engolir dinheiro” (13º parágrafo)
- “ele estava ali para defender nosso torrão contra piratas da estranha” (5º parágrafo)
- “Todos comprando tudo ao mesmo tempo em corredores estreitos” (1º parágrafo)
- “eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota” (11º parágrafo)

5. **Unesp 2022 AMBRÓSIO:** No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la. Pintam-na cega... Que simplicidade! Cego é aquele que não tem inteligência para vê-la e a alcançar. Todo homem pode ser rico, se atinar com o verdadeiro caminho da fortuna. Vontade forte, perseverança e pertinácia são poderosos auxiliares. Qual o homem que, resolvido a empregar todos os meios, não consegue enriquecer-se? Em mim se vê o exemplo. Há oito anos, era eu pobre e miserável, e hoje sou rico, e mais ainda serei. O como não importa; no bom resultado está o mérito... Mas um dia pode tudo mudar. Oh, que temo eu? Se em algum tempo tiver de responder pelos meus atos, o ouro justificar-me-á e serei limpo de culpa. As leis criminais fizeram-se para os pobres...

(Martins Pena. *Comédias (1844-1845)*, 2007.)

Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, sem a modificação de sua forma. É o que se denomina derivação imprópria. Na fala de Ambrósio, constitui exemplo de derivação imprópria o vocábulo sublinhado em

- “O como não importa”.
- “Mas um dia pode tudo mudar”.
- “No mundo a fortuna é para quem sabe adquiri-la”.
- “Pintam-na cega”.
- “Em mim se vê o exemplo”.

6. **FGV-SP 2017**

### Facebookracia

É isso mesmo que você leu: “Facebookracia”. Assim como democracia quer dizer “poder do povo” e plutocracia quer dizer “poder dos ricos”, a palavra Facebookracia é o poder controlado pelo Facebook. Não é bem um regime ou um sistema político, não é uma forma de governo estabelecida numa Constituição, como acontece com o parlamentarismo ou o presidencialismo. A Facebookracia vai se instalando aos poucos, de maneira mais ou menos

informal, até que, quando a gente olha, já tomou conta dos processos pelos quais os eleitores tomam decisões. A Facebookracia é a democracia entregue à lógica das redes sociais. Em sua exuberância cibernética até parece democracia, mas é uma deformação da democracia.

O termo Facebookracia não é original, embora ainda seja pouco difundido. Buscando na internet, a gente não o encontra em português, mas ele já aparece em outras línguas (Facebookracy, por exemplo).

Eugênio Bucci, *Época*, 28 nov. 2016.

Por ser composta de radicais de línguas diferentes, a palavra “Facebookracia” é um exemplo de hibridismo, da mesma forma que o termo sublinhado na seguinte frase:

- Na sentença, o juiz optou por uma decisão monocrática.
- Há países que são regidos por governos teocráticos.
- Reclama-se muito das exigências burocráticas para se abrir uma empresa no Brasil.
- Para os gregos, aristocracia era o governo exercido pelos melhores cidadãos da pólis.
- O poder exercido por anciãos era chamado de gerontocracia.

7. **Fuvest-SP 2021** Terça é dia de Veneza revelar as atrações de seu festival anual, cuja 77ª edição começa no dia 2 de setembro, com a dramédia “Lacci”, do romano Daniele Luchetti, seguindo até 12/9, com 50 produções internacionais e uma expectativa (extraoficial) de colocar “West Side Story”, de Steven Spielberg, na ribalta.

Rodrigo Fonseca. “À espera dos rugidos de Veneza”. *O Estado de S. Paulo*. Julho/2020. Adaptado.

Um processo de formação de palavras em língua portuguesa é o *cruzamento vocabular*, em que são misturadas pelo menos duas palavras na formação de uma terceira. A força expressiva dessa nova palavra resulta da síntese de significados e do inesperado da combinação, como é o caso de “dramédia” no texto.

Ocorre esse mesmo tipo de formação em

- “deleitura” e “namorido”.
- “passatempo” e “microvestido”.
- “hidrelétrica” e “sabiamente”.
- “arenista” e “girassol”.
- “planalto” e “multicor”.

8. **Unicamp-SP 2022** Leia, a seguir, o título e subtítulo de uma reportagem.

**Roça-office: dobra procura por imóveis no interior baiano durante pandemia**

Reflexão sobre vivência urbana tem causado um novo êxodo urbano; conheça histórias e veja quando vale a pena se mudar

(Fonte: *Correio 24horas*. 21/06/2021)

Ao longo da pandemia da Covid-19 tornou-se cada vez mais recorrente o uso da expressão de língua inglesa *home office* (em tradução literal, “escritório em casa”) para se referir a trabalho a distância ou a teletrabalho. Indique a alternativa que descreve o processo de composição do neologismo “roça-office”, conforme empregado no título da reportagem.

- A substituição do vocábulo em inglês “home” por “roça” torna o uso desse estrangeirismo mais adequado à grafia do português.
- A justaposição de “roça” e “office” produz um efeito cômico pelo contraste entre os meios rural e urbano na formação do neologismo.
- A justaposição de “roça” e do neologismo “office” baseia-se na similaridade fonético-fonológica entre os vocábulos “home” e “roça”.
- A aglutinação dos radicais “roça” e “office” adapta o neologismo aos imóveis brasileiros e produz o efeito de humor na manchete.

9. **UFMS 2018**



(Disponível em: <https://bit.ly/2Kth5PN> e <https://bit.ly/2FC4V8r>. Acesso em 22 nov. 2018).



Os quadrinhos apresentam situações comunicativas em que se percebem registros de uso da Língua Portuguesa específicos para grupos ou comunidades falantes em situações de trabalho. Esse vocabulário específico de uma profissão, denomina-se:

- a) gíria.
- b) gerundismo.
- c) jargão.
- d) bazófia.
- e) palavrório.

**10. EEAR-SP 2023** Leia:

E todo aquele **retintim** de ferramentas, e o **martelar** da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoadá de longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia **alarmada**; tudo dava a ideia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio.

(Aluísio Azevedo)

As palavras em destaque no texto acima são formadas, respectivamente, pelos processos de

- a) onomatopeia, derivação imprópria, derivação sufixal.
- b) onomatopeia, derivação regressiva, derivação prefixal.
- c) derivação prefixal, derivação sufixal, derivação parassintética.
- d) derivação sufixal, derivação imprópria, derivação prefixal e sufixal.

## Exercícios propostos

- 1. FGV-SP 2018** Vindos do norte, da fronteira velha-de-guerra, bem montados, bem enroupados, bem apessoados, chegaram uns oito homens, que de longe se via que eram valentões: primeiro surgiu um, dianteiro, escoteiro, que percorreu, de ponta a ponta, o povoado, pedindo água à porta de uma casa, pedindo pousada em outra, espiando muito para tudo e fazendo pergunta e pergunta; depois, então, apareceram os outros, equipados com um despropósito de armas – carabinas, novinhas quase; garruchas, de um e de dois canos; revólveres de boas marcas; facas, punhais, quicés de cabos esculpido; porretes e facões, – e transportando um excesso de breves nos pescoços.

O bando desfilou em formação espaçada, o chefe no meio. E o chefe – o mais forte e o mais alto de todos, com um lenço azul enrolado no chapéu de couro, com dentes brancos limados em acume, de olhar dominador e tosse rosnada, mas sorriso bonito e mansinho de moça – era o homem mais afamado dos dois sertões do rio: célebre do Jequitinhonha à Serra das Araras, da beira do Jequitai à barra do Verde Grande, do Rio Gavião até nos Montes Claros, de Carinhonha até Paracatu; maior do que Antônio Dó ou Indalécio; o arranca-toco, o treme-terra, o come-brasa, o pega-à-unha, o fecha-treta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa: Seu Joãozinho Bem-Bem.

João Guimarães Rosa, “A hora e vez de Augusto Matraga”, in *Sagarana*.

Considerado no contexto do trecho de Guimarães Rosa, o prefixo sublinhado assume sentido intensificador, e não ideia de negação ou de oposição, na seguinte palavra do texto:

- a) “percorreu”.
  - b) “despropósito”.
  - c) “transportando”.
  - d) “apessoados”.
  - e) “enroupados”.
- 2. IME-RJ 2019** Sabe-se que o prefixo de negação “in”, na língua portuguesa, pode assumir diferentes formas, de acordo com a ocorrência dos fenômenos de assimilação e mesmo de dissimilação. Assinale a opção em que o significado do prefixo “in” difere do sentido encontrado nas palavras “indefeso” e “indefinido” no verso abaixo transcrito:
- “Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.”
- a) Alimentar a criança é indispensável ao seu crescimento saudável.
  - b) A conclusão a que se chegou parecia algo ilógico.
  - c) Sua situação me parece irregular.
  - d) Eles estavam impossibilitados de frequentar aquele local.
  - e) Ele está tão fraco que já não consegue ingerir os alimentos.
- 3. Unesp 2019** Leia o trecho do livro *A dança do universo*, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à questão.

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão.

Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes.

Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus (Pequeno comentário)*. Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discricção; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

*A dança do universo*, 2006. (Adaptado.)

Expressam ideia de repetição e ideia de negação, respectivamente, os prefixos das palavras

- a) “relativamente” (4º parágrafo) e “insegurança” (1º parágrafo).
- b) “insatisfeito” (2º parágrafo) e “reconhecem” (1º parágrafo).
- c) “retornou” (2º parágrafo) e “difundidas” (2º parágrafo).
- d) “reformular” (3º parágrafo) e “involuntariamente” (3º parágrafo).
- e) “compartilhar” (4º parágrafo) e “intitulado” (4º parágrafo).

**4. Unifesp 2020** Leia a crônica “Inconfiáveis cupins”, de Moacyr Scliar, para responder à questão.

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuía todas suas frustrações ao artista holandês. Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.

Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

*(O imaginário cotidiano, 2002.)*

Expressam ideia de negação e ideia de repetição, respectivamente, os prefixos das palavras

- a) “deformados” e “repulsivo”.
- b) “insuspeitados” e “repulsivo”.
- c) “deformados” e “recobertas”.
- d) “repulsivo” e “recobertas”.
- e) “insuspeitados” e “deformados”.

**5. PUC-PR 2018** Leia a seguir.

Pergunta: Estou fazendo **reeducação alimentar** e incluí na minha dieta um suco detox, de limão com salsa. Qual sua opinião sobre os sucos detox?

Resposta: Os sucos são cheios de **nutrientes**, vitaminas e minerais. Mas não existe nenhum artigo científico que prove que um suco pode **desintoxicar** o corpo. Nosso organismo tem mecanismos para eliminar **eventuais** toxinas. O fígado é um órgão **extremamente** eficiente para realizar essa função. O melhor mesmo você sabe: movimento físico regular. O **resto** é ter equilíbrio em tudo, até na hora de beber seu suco natural (e não detox).

Disponível em: <https://epoca.globo.com/saude/marcio-atalla/noticia/2017/04/os-sucos-detox-funcionam.html>. Acesso em: 20/02/2018.

A formação de palavras em nossa língua aciona vários mecanismos a que todo falante nativo tem acesso, mesmo sem perceber. Sobre esses processos e os elementos envolvidos nele em relação às palavras destacadas no texto anterior, assinale a alternativa CORRETA.

- a) O sufixo presente em “alimentar” é responsável pela formação de verbos de primeira conjugação a partir de substantivos concretos.
- b) A palavra “resto” foi formada por derivação regressiva a partir do verbo “restar”, processo muito produtivo em nossa língua na formação de substantivos abstratos.
- c) Podemos encontrar em “extremamente” um sufixo formador de advérbios de modo a partir de substantivos sempre flexionados no gênero feminino.
- d) Os prefixos presentes em “reeducação” e “desintoxicar” compartilham a mesma carga semântica, embora tenham passado por mudanças ortográfica e fonéticas.
- e) O processo de formação das palavras “nutrientes” e “eventuais” chama-se sufixação e, nesse caso, criou adjetivos a partir de substantivos comuns.

**6. UEPG-PR 2019** Leia abaixo um excerto do livro *Vidas Secas*, de autoria de Graciliano Ramos.

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. Arrastaram-se para lá, devagar, Sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

— Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

RAMOS, G. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 09.

A respeito do vocabulário empregado pelo autor, assinale o que for correto.

- 01** A palavra “avermelhada” tem origem no termo “vermelho”, ao qual são acrescentados um prefixo e um sufixo.
- 02** Ao optar por utilizar a palavra “sinha”, no lugar de “senhora”, o autor destaca a origem popular e humilde dos personagens do texto.
- 04** O termo “planície” se refere a uma grande área de terra plana, ou seja, com poucos desníveis.
- 08** O vocábulo “alargavam” escolhido pelo escritor, que significa aumentar ou ampliar, remete à ideia de as árvores gradativamente se aproximarem sob o ponto de vista dos caminhantes.

Soma:

**7. Unifesp 2022** Para responder à questão, leia o trecho inicial de uma crônica de Machado de Assis, publicada originalmente em 17.07.1892.

Um dia desta semana, farto de vendavais, naufrágios, boatos, mentiras, polêmicas, farto de ver como se descompõem os homens, acionistas e diretores, importadores e industriais, farto de mim, de ti, de todos, de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação, peguei de uma página de anúncios, e disse comigo:

— Eia, passemos em revista as procuras e ofertas, caixeiros desempregados, pianos, magnésias, sabonetes, oficiais de barbeiro, casas para alugar, amas de leite, cobradores, coqueluche, hipotecas, professores, tosses crônicas...

E o meu espírito, estendendo e juntando as mãos e os braços, como fazem os nadadores, que caem do alto, mergulhou por uma coluna abaixo. Quando voltou à tona, trazia entre os dedos esta pérola:

“Uma viúva interessante, distinta, de boa família e independente de meios, deseja encontrar por esposo um homem de meia-idade, sério, instruído, e também com meios de vida, que esteja como ela cansado de viver só; resposta por carta ao escritório desta folha, com as iniciais M.R...., anunciando, a fim de ser procurada essa carta.”

Gentil viúva, eu não sou o homem que procuras, mas desejava ver-te, ou, quando menos, possuir o teu retrato, porque tu não és qualquer pessoa, tu vales alguma coisa mais que o comum das mulheres. Ai de quem está só! dizem as sagradas letras, mas não foi a religião que te inspirou esse anúncio. Nem motivo teológico, nem metafísico. Positivo também não, porque o positivismo é infenso às segundas núpcias. Que foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência? Não queres amar; estás cansada de viver só.

E a cláusula de ser o esposo outro aborrecido, farto de solidão, mostra que tu não queres enganar, nem sacrificar ninguém. Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida. Que não pedes um diálogo de amor, é claro, desde que impões a cláusula da meia-idade, zona em que

as paixões arrefecem, onde as flores vão perdendo a cor purpúrea e o viço eterno. Não há de ser um naufrago, à espera de uma tábua de salvação, pois que exiges que também possuas. E há de ser instruído, para encher com as coisas do espírito as longas noites do coração, e contar (sem as mãos presas) a tomada de Constantinopla.

Viúva dos meus pecados, quem és tu que sabes tanto? O teu anúncio lembra a carta de certo capitão da guarda de Nero. Rico, interessante, aborrecido, como tu, escreveu um dia ao grave Sêneca, perguntando-lhe como se havia de curar do tédio que sentia, e explicava-se por figura: “Não é a tempestade que me aflige, é o enjoo do mar”. Viúva minha, o que tu queres realmente, não é um marido, é um remédio contra o enjoo. Vês que a travessia ainda é longa – porque a tua idade está entre trinta e dois e trinta e oito anos –, o mar é agitado, o navio joga muito; precisas de um preparado para matar esse mal cruel e indefinível. Não te contentas com o remédio de Sêneca, que era justamente a solidão, “a vida retirada, em que a alma acha todo o seu sossego”. Tu já provaste esse preparado; não te fez nada. Tentas outro; mas queres menos um companheiro que uma companhia.

(Machado de Assis. *Crônicas escolhidas*, 2013.)

O prefixo “in-” que compõe a palavra “indefinível” (7º parágrafo) tem o mesmo sentido do prefixo da palavra:

- a) contramão.
- b) interconectado.
- c) metafísico.
- d) anormal.
- e) transnacional.

**8. FCMSCSP 2021** Leia o ensaio de Eduardo Giannetti para responder à questão.

### Ardil da desrazão

Imagine uma pessoa afivelada a uma cama com eletrodos colados em suas têmporas. Ao se girar um botão situado em local distante, a corrente elétrica nos eletrodos aumenta em grau infinitesimal, de modo que o paciente não chegue a sentir. Um hambúrguer gratuito é então ofertado a quem girar o botão. Ocorre, porém, que, quando milhares de pessoas fazem isso – sem que cada uma saiba das ações das demais –, a descarga elétrica gerada é suficiente para eletrocutar a vítima. Quem é responsável pelo quê? Algo tenebroso foi feito, mas de quem é a culpa? O efeito isolado de cada giro do botão é, por definição, imperceptível – são todos “torturadores inofensivos”. Mas o efeito conjunto é ofensivo ao extremo. Até que ponto a somatória de ínfimas partículas de culpa se acumula numa gigantesca dívida moral coletiva? – O experimento mental concebido pelo filósofo britânico Derek Parfit dá o que pensar. A mudança climática em curso equivale a uma espécie de eletrocussão da biosfera. Quem a deseja? A quem interessa? O ardil da desrazão vira do avesso a “mão invisível” da economia clássica. O aquecimento global é fruto da alquimia perversa de incontáveis ações humanas, mas não resulta de nenhuma intenção humana. E quem assume – ou deveria assumir – a culpa por ele? Os 7 bilhões de habitantes da Terra pertencem a três grupos: o primeiro bilhão, no cobiçado topo da escala de consumo, responde por 50% das emissões de gases-estufa; os 3 bilhões seguintes por 45%; e os 3 bilhões na base da pirâmide (metade sem acesso a eletricidade) por 5%. Por seu modo de vida, situação geográfica e vulnerabilidade material, este último grupo – o único inocente – é o mais tragicamente afetado pelo “giro de botão” dos demais.

(Eduardo Giannetti. *Trópicos utópicos*, 2016.)

**ardil:** cilada

- a) Ao se referir ao aquecimento global como exemplo de “ardil da desrazão”, o autor recorre a uma aparente contradição. Explícite essa contradição.
- b) Cite duas palavras do texto formadas com prefixos diferentes que exprimem ideia de negação ou oposição.

**9. PUC-GO 2020** Leia o trecho de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Baleia, imóvel, paciente, olhava os carvões e esperava que a família se recolhesse. Enfastiava-a o barulho que Fabiano fazia. No campo, seguindo uma rês, se esgoelava demais. Natural. Mas ali, à beira do fogo, para que tanto grito? Fabiano estava-se cansando à toa. Baleia se enjoava, cochilava e não podia dormir. Sinha Vitória devia retirar os carvões e a cinza, varrer o chão, deitar-se na cama de varas com Fabiano. Os meninos se arrumariam na esteira, por baixo do caritó, na sala. Era bom que a deixassem em paz. O dia todo espiava os movimentos das pessoas, tentando adivinhar coisas incompreensíveis. Agora precisava dormir, livrar-se das pulgas e daquela vigilância a que a tinham habituado. Varrido o chão com vassourinha, escorregaria entre as pedras, enroscar-se-ia, adormeceria no calor, sentindo o cheiro das cabras molhadas e ouvindo rumores desconhecidos o tique-taque das pingueiras, a cantiga dos sapos, o sopro do rio cheio. Bichos miúdos e sem dono iriam visitá-la.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 53. ed. Rio, São Paulo: Record, 1984, pp. 69-70.

Marque a alternativa que indica corretamente o processo de formação das palavras sublinhadas no texto:

- a) Parassíntese, sufixação, derivação regressiva, sufixação.
- b) Derivação regressiva, sufixação, parassíntese, onomatopeia.
- c) Sufixação, justaposição, derivação regressiva, parassíntese.
- d) Parassíntese, sufixação, sufixação, derivação regressiva.



- 10. Unicamp-SP 2020** O telejornalismo é um dos principais produtos televisivos. Sejam as notícias boas ou ruins, ele precisa garantir uma experiência esteticamente agradável para o espectador. Em suma, ser um “infotainment”, para atrair prestígio, anunciante e rentabilidade. Porém, a atmosfera pesada do início do ano baixou nos telejornais: Brumadinho, jovens atletas mortos no incêndio do CT do Flamengo, notícias diárias de feminicídios, de valentões armados matando em brigas de trânsito e supermercados. Conjunções adversativas e adjuntos adverbiais já não dão mais conta de neutralizar o tsunami de tragédias e violência, e de amenizar as más notícias para garantir o “infotainment”. No jornal, é apresentada matéria sobre uma mulher brutalmente espancada, internada com diversas fraturas no rosto. Em frente ao hospital, uma repórter fala: “mas a boa notícia é que ela saiu da UTI e não precisará mais de cirurgia reparadora na face...”. Agora, repórteres repetem a expressão “a boa notícia é que...”, buscando alguma brecha de esperança no “outro lado” das más notícias.

(Adaptado de Wilson R. V. Ferreira, Globo adota “a boa notícia é que...” para tentar se salvar do baixo astral nacional. Disponível em <https://cinegnose.blogspot.com/2019/02/globo-adota-boa-noticia-e-que-para.html>. Acessado em: 01/03/2019.)

Para se referir a matérias jornalísticas televisivas que informam e, ao mesmo tempo, entretêm os espectadores, o autor cria um neologismo por meio de

- a) derivação prefixal. c) composição por aglutinação.  
b) composição por justaposição. d) derivação imprópria.

- 11. UEA-AM 2019** Para responder à questão, leia o trecho do “Sermão de Santo Antônio aos peixes”, de Antônio Vieira.

Pegadores se chamam os peixes de que agora falo, e com grande propriedade, porque sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores, mas de tal sorte se lhes pegam aos costados que jamais os desaferram. De alguns animais de menos força e indústria se conta que vão seguindo de longe aos leões na caça, para se sustentarem do que a eles sobeja. O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto, como aqueles ao longe; porque o peixe grande não pode dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz às costas, e assim lhes sustenta o peso, e mais a fome.

Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou, e pegou de um elemento a outro, sem dúvida, que o aprenderam os peixes com os nossos portugueses; porque não parte vice-rei, ou governador para as conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quais se arrimam a eles, para que cá lhe matem a fome, de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes, desenganados da experiência, despegam-se, e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados à mercê e fortuna dos maiores, vem-lhes a suceder no fim o que aos pegadores do mar.

Rodeia a nau o tubarão com os seus pegadores às costas, tão cerzidos com a pele, que mais parecem remendos, ou manchas naturais, que hóspedes ou companheiros. Lançam-lhe um anzol de cadeia com a ração de quatro soldados, arremessa-se furiosamente à presa, engole tudo de um bocado, e fica preso. Corre meia companha a alá-lo acima, bate fortemente o convés com os últimos arrancos; enfim, morre o tubarão, e morrem com ele os pegadores.

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011. Adaptado.)

É formada pelo processo de prefixação a seguinte palavra:

- a) “propriedade” (1º parágrafo). d) “arremessa” (3º parágrafo).  
b) “generoso” (2º parágrafo). e) “furiosamente” (3º parágrafo).  
c) “despegam” (2º parágrafo).

- 12. UEA-AM 2018** Para responder à questão, leia um trecho da “Lira II” da obra Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810).

Pintam, Marília, os Poetas  
A um menino vendado,  
Com uma **aljava** de setas,  
Arco empunhado na mão;  
Ligeiras asas nos ombros,  
O tenro corpo despido,  
E de Amor ou de Cupido  
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,  
Que assim seja Amor, pois ele  
Nem é moço nem é cego,  
Nem setas nem asas tem.  
Ora pois, eu vou formar-lhe  
Um retrato mais perfeito,  
Que ele já feriu meu peito;  
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabelos,  
Que sobre as costas ondeiam,  
São que os de Apolo mais belos;  
Mas de loura cor não são.  
Têm a cor da negra noite;  
E com o branco do rosto  
Fazem, Marília, um composto  
Da mais formosa união.  
[...]

Chamei-lhe um dia formoso;  
Ele, ouvindo os seus louvores,  
Com um modo desdenhoso  
Se sorriu e não falou.  
Pintei-lhe outra vez o estado,  
Em que estava esta alma posta;  
Não me deu também resposta,  
Constrangeu-se e suspirou.

Conheço os sinais; e logo,  
Animado da esperança,  
Busco dar um desafoço  
Ao cansado coração.  
Pego em teus dedos nevados,  
E querendo dar-lhe um beijo,  
Cobriu-se todo de pejo,  
E fugiu-me com a mão.

Tu, Marília, agora vendo  
De Amor o lindo retrato,  
Contigo estarás dizendo  
Que é este o retrato teu.  
Sim, Marília, a cópia é tua,  
Que Cupido é Deus suposto;  
Se há Cupido, é só teu rosto,  
Que ele foi quem me venceu.

Domício Proença Filho (org.). *A poesia dos inconfidentes*, 1996.

**aljava:** estojo em que se guardavam setas (ou flechas).

É formada pelo processo de derivação sufixal a palavra:

- a) “tenro” (1ª estrofe)
- b) “compridos” (3ª estrofe)
- c) “desdenhoso” (4ª estrofe)
- d) “retrato” (2ª estrofe)
- e) “desafogo” (5ª estrofe)

### 13. Unitins-TO 2020

#### Crise climática deve alterar padrões de assentamentos e migrações

Ao longo da história humana, a migração e o clima sempre estiveram interligados. Atualmente, os impactos da crise climática provocada pelo homem devem alterar extensivamente os padrões de assentamentos humanos.

Segundo a chefe da divisão de Migração, Meio Ambiente e Mudança Climática da Organização Internacional para as Migrações (OIM), estamos vivendo uma era em que eventos catastróficos relacionados ao clima estão ligados à atividade humana e, provavelmente, terão grande impacto sobre a maneira como decidimos migrar e assentar. “O Atlas da Migração Ambiental, que cita exemplos de 45 mil anos atrás, mostra que mudanças ambientais e desastres naturais influenciaram na distribuição da população em nosso planeta ao longo da história”, afirmou Dina Ionesco, em entrevista ao UN News.

“No entanto, é altamente provável que mudanças ambientais não desejáveis e que foram diretamente criadas, ou amplificadas, pela mudança climática, mudem extensivamente os padrões de assentamento humano. Degradação futura de terras usadas para agricultura, perda de ecossistemas frágeis e esgotamento de recursos naturais preciosos, como água fresca, irão impactar diretamente as vidas e lares de pessoas”, continuou Ionesco.

A crise climática já está produzindo efeitos: de acordo com o Centro de Monitoramento de Deslocamentos Internos, 17,2 milhões de pessoas tiveram que deixar as casas no ano passado por causa de desastres que afetaram negativamente suas vidas. Mudanças lentas no meio ambiente, como a acidificação dos oceanos, a desertificação e a erosão das costas estão impactando diretamente meios de subsistência de pessoas e suas capacidades de sobreviver nos lugares de origem.

Segundo Ionesco, há forte possibilidade de que mais pessoas migrem em busca de melhores oportunidades, conforme condições de vida pioram em seus locais de origem. “Previsões para o século 21 indicam que até mais pessoas terão que se movimentar como resultado desses impactos climáticos adversos. O Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC), principal autoridade da ONU para ciências climáticas, tem afirmado repetidamente que as mudanças geradas pela crise climática irão influenciar padrões de migração”, afirmou Ionesco. “O Banco Mundial apresentou projeções para migração climática interna que representam 143 milhões de pessoas até 2050, em três regiões do mundo, se nenhuma ação climática for tomada”. [...]

Disponível em: <https://nacoesunidas.org/crise-climatica-deve-alterar-padroes-de-assentamentos-e-migracoes-diz-autoridade-da-onu/>. Texto publicado em 02/08/2019. Acesso em: 03 out. de 2019 (adaptado).

Sobre processo de formação de palavras, coloque (1) se a palavra for primitiva, (2) se for derivada pelo processo de prefixação, (3) se for derivada pelo processo de sufixação e (4) se for derivada pelo processo de prefixação e sufixação:

- \_\_\_ migração
- \_\_\_ intergovernamental
- \_\_\_ ambiente
- \_\_\_ organização
- \_\_\_ interligado

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, marcada de cima para baixo.

- a) 1, 4, 2, 3, 1.
- b) 1, 2, 4, 2, 3.
- c) 3, 4, 1, 3, 2.
- d) 4, 3, 1, 2, 3.
- e) 3, 4, 4, 1, 2.

### 14. Fuvest-SP 2020

Tenho utilizado o conceito de precariado num sentido bastante preciso que se distingue, por exemplo, do significado dado por Guy Standing e Ruy Braga. Para mim, precariado é a camada média do proletariado urbano constituída por jovens adultos altamente escolarizados com inserção precária nas relações de trabalho e vida social.

Para Guy Standing, autor do livro *The Precariat: The new dangerous class*, o precariado é uma “nova classe social” (o título da edição espanhola do livro é explícito: *Precariado: una nueva clase social*). Ruy Braga o critica, **com razão**, salientando que o precariado não é exterior à relação salarial que caracteriza o modo de produção capitalista, isto é, o precariado pertence sim à classe social do proletariado, sendo tão somente o “proletariado precarizado”. [...] Por outro lado, embora Ruy Braga (no livro *A política do precariado*) esteja correto em sua crítica do precariado como classe social exterior à relação salarial, ele equivoca-se quando identifica o precariado meramente com o “proletariado precarizado”, perdendo, deste modo, a particularidade heurística do conceito capaz de dar visibilidade categorial às novas contradições do capitalismo global.

Giovanni Alves. *O que é precariado?*. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/>. Adaptado.

- a) Explique o processo de formação da palavra “precariado”, associando-o ao seu significado.
- b) Qual a função sintática da expressão “com razão” e o seu sentido na construção do texto?

15. **Unifesp 2022** Leia o soneto de Luís de Camões para responder à questão.

A fermosura desta fresca serra  
e a sombra dos verdes castanheiros,  
o manso caminhar destes ribeiros,  
donde toda a tristeza se desterra;

o rouco som do mar, a **estranha** terra,  
o esconder do sol pelos **outeiros**,  
o recolher dos gados derradeiros,  
das nuvens pelo ar a branda guerra;

enfim, tudo o que a rara natureza  
com tanta variedade nos ofrece,  
me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;  
sem ti, perpetuamente estou passando,  
nas mores alegrias, mor tristeza.

(Luís de Camões. *Sonetos*, 2001.)

**estranha:** rara, que não é comum, que não é vulgar.  
**outeiros:** montes.

Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, sem qualquer modificação de sua forma. Tal processo de formação de palavras é denominado derivação imprópria. Observa-se um exemplo de derivação imprópria no verso:

- a) “donde toda a tristeza se desterra;” (1ª estrofe)
- b) “o manso caminhar destes ribeiros;” (1ª estrofe)
- c) “o rouco som do mar, a estranha terra;” (2ª estrofe)
- d) “das nuvens pelo ar a branda guerra;” (2ª estrofe)
- e) “sem ti, perpetuamente estou passando;” (4ª estrofe)

16. **UEM-PR 2023**

### Aporofobia: aversão a pessoas pobres está presente até na arquitetura

Giacomo Vicenzo

A palavra aporofobia tem ganhado holofotes com as denúncias feitas pelo padre Júlio Lancellotti, da Pastoral do Povo de Rua. Entre as fotos postadas em suas redes sociais ele mostra elementos da chamada “arquitetura antipobres”,  
5 que impedem, nos espaços públicos, a estadia, descanso ou passagem de pessoas em situação de rua. “Grades, dutos de água, pedras pontiagudas. Há os que querem disfarçar com vasos e com paisagismo”, diz ele para *Ecoa*.

- 10 Aporofobia significa aversão, medo e desprezo aos pobres e desfavorecidos financeiramente. O termo, que se tornou um neologismo no Brasil, deriva do grego da junção das palavras *á-poros* [pobres] + *fobos* [medo].

- 15 Para entender como a aporofobia se enraíza na sociedade e cria uma construção mental que entende pessoas como mais ou menos humanas, *Ecoa* conversou com Lancellotti e com um doutor em psicologia social que estuda as causas e as consequências do preconceito.

#### O que é aporofobia e quando o termo surgiu?

- 20 O termo aporofobia foi usado pela primeira vez em meados dos anos 90 pela filósofa espanhola Adela Cortina, que estuda, entre outros temas, a aversão aos pobres. Em

2017, foi escolhido como palavra do ano pela Fundación del Español Urgente (Fundéu) e no mesmo ano foi integrado ao dicionário da língua espanhola.

- Assim como o termo xenofobia, que quer dizer  
25 aversão ou medo direcionado aos estrangeiros, Cortina procurou uma palavra que desse conta de descrever a rejeição aos pobres. Ela defende, aliás, que a verdadeira “fobia” só é direcionada contra os estrangeiros pobres e não pelos que detêm recurso financeiro ou boa condição  
30 de vida e passam a viver em um novo país.

- “A aporofobia é um sentimento sempre presente no ser humano, segundo a Adela Cortina. Esse medo do pobre faz parte da nossa estrutura de pensamento, mas pode ser mudado por meio de uma educação”, explica Lancellotti  
35 para *Ecoa*. “Acontece também com os refugiados, que morrem nos mares mediterrâneos, pois os países da Europa se negam a socorrê-los”.

#### Quais são os alvos da aporofobia?

- Para James Moura Jr., doutor em psicologia social pela  
40 Universidade Federal do Rio Grande do Sul e pesquisador visitante do Boston College (EUA), que estuda as consequências da aporofobia, é preciso entender a pobreza de uma perspectiva multidimensional para analisar alguns impactos sutis desse preconceito.

- 45 “Quando se pensa na ideia de linhas de pobreza, é o dinheiro que é usado como régua. Mas o filósofo e economista Amartya Sen traz ao debate a compreensão de que ela deve ser entendida como privação de forma mais ampla, para além da pobreza financeira”, alerta.

- 50 “Nesse caso, a pessoa é privada de formas de ser e fazer, por exemplo, a falta de acesso à educação, mobilidade e cultura. Assim, é possível ser considerado pobre em uma perspectiva multidimensional. É uma forma mais ampla de compreender a pobreza”, completa ele, afirmando que é por isso que muitas pessoas podem não se sentir bem-vindas em um lugar, mesmo quando podem pagar por ele.

- No Brasil, no começo dos anos 2000, o grupo Racionais MC’s popularizou, entre as suas muitas composições,  
60 os versos da música “Negro Drama”: “O dinheiro tira um homem da miséria, mas não pode arrancar, de dentro dele, a favela”.

- Os versos forjados na periferia de São Paulo vão ao encontro das explicações feitas por Moura Jr., para quem  
65 os símbolos que representam “os pobres” e seus territórios não desaparecem, mesmo com a ascensão econômica, e são percebidos e repudiados pela elite. Sobretudo entre os períodos de 2002 a 2015, momentos em que houve queda ininterrupta da desigualdade de renda no Brasil,  
70 como mostra estudo do Insper e publicado em reportagem na *Folha*.

- “Depois desse período de incremento da renda, outras pessoas começaram a frequentar espaços elitizados como aeroportos, pois muitos que não tinham como pagar passaram a ter essa possibilidade”, lembra o doutor em psicologia social.

- 75 “No entanto, havia uma construção das classes mais altas de uma espécie de preconceito aos pobres, pois eles ainda eram reconhecidos como pessoas de classes mais baixas por uma série de sinais simbólicos”,  
80 completa.



Entre as afirmações de preconceito, o pesquisador lembra de falas como a do Ministro da Economia Paulo Guedes em um evento privado, que comentava o período em que o dólar estava a R\$ 1,80: “Todo mundo indo pra Disneylândia, empregada doméstica indo pra Disneylândia, uma festa danada”, disse na ocasião.

- 85 Para Lancellotti, esse preconceito vem aumentando na proporção em que o empobrecimento cresce. “Está acontecendo um empobrecimento acelerado, temos uma população de rua que aumentou 53% em 2019 [de acordo com dados da Prefeitura de São Paulo]. Mas esses números estavam abaixo da realidade, pois consideravam menos de 25 mil e nós acreditávamos que já tínhamos 32 mil pessoas nessas condições à época”, aponta o padre. [...]

<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/01/25/aporofobia-aversao-a-pessoas-pobres-esta-presente-ate-na-arquitetura.htm#:~:text=Aporofobia%3A%20avers%C3%A3o%20a%20pessoas%20pobres,%2F01%2F2022%20%2D%20UOL%20ECO>. Acesso 12 set 2022.

De acordo com o texto, assinale o que for correto.

- 01 Em “antipobres” (linha 4), o morfema *anti-* é o mesmo que se observa em palavras como *antigamente*.  
 02 Em “desfavorecidos” (linha 10), o prefixo *des-* é o mesmo que se observa em *destino* e *destinatário*.  
 04 Em “acelerado” (linha 86), temos uma palavra que apresenta o prefixo *a-*, cujo sentido é o mesmo que se observa em vocábulos como *anormal*.  
 08 Em “pelos” (linha 29), a estrutura morfológica formada por preposição e artigo definido expressa o conceito de contrariedade e é substituível nesse texto por “contra os”.  
 16 A expressão “vão ao encontro” (linhas 63 e 64) expressa uma relação de contradição que seria mantida caso fosse substituída por *vão de encontro*.

Soma:

## Texto complementar

### Maratona da preguiça: um neologismo que não sai do sofá

Por Marcelo Módolo, professor da FFLCH-USP e pesquisador do CNPq, e Henrique Braga, doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela FFLCH-USP

Os primeiros estudos em gramaticalização defendem que as mudanças linguísticas seguem sempre um mesmo rumo, conhecido e previsível: termos de sentido concreto podem se abstratizar, assumindo assim funções “mais gramaticais”. No português brasileiro, “ir” é exemplo disso: de seu sentido físico e concreto, indicando deslocamento (“Vou ao Rio de Janeiro sempre que posso”), o verbo passou a desempenhar uma função gramatical, atuando como marcador de tempo futuro. Em casos como “Vou chegar atrasado”, ou mesmo no curioso “Vou ir assim que puder”, o verbo “ir” faz as vezes da desinência que expressa tempo futuro (como “chegarei” ou “irei”).

Estudos posteriores, contudo, questionaram a chamada unidirecionalidade da mudança linguística. Entre outros pesquisadores, merece destaque o linguista brasileiro Ataliba Teixeira de Castilho, que, em sua abordagem multissistêmica, condenou o que chama de “língua-linha” (termo que cunhou para referir-se criticamente à ideia de que existiriam passos previsíveis no fenômeno complexo que é a mudança linguística).

Em meio a essa polêmica, a emergência de um verbo como “maratonar” parece colocar de fato o princípio da unidirecionalidade em questão.

#### Verbos plenos e verbos-suporte

Para avançar nesta conversa, o conceito de verbo-suporte é bastante caro. E, como “na língua não há senão diferenças” (resgatando a máxima do linguista suíço), convém diferenciá-los dos verbos plenos.

Quando a carga semântica do verbo é bastante marcada e definida, o que ocorre nos casos prototípicos, tratamos de verbos plenos: “gritar”, “melhorar” e “perguntar”, por exemplo. Há casos, entretanto, nos quais o valor semântico do verbo é mais leve, abstrato, o que permite que a forma verbal e seu complemento formem uma unidade, uma construção única, com um único sentido global. Nesses casos, “gritar” se converte em “dar um grito”, “melhorar” dá lugar a “ter melhora” e “perguntar” se torna “fazer pergunta”. Os verbos leves que integram essas construções são chamados verbos-suporte.

#### “Fazer maratona” ou “maratonar”?

A pandemia que afeta a sociedade afeta igualmente o português brasileiro. Com o tempo de isolamento, trancados em casa, novas construções vão sendo acionadas e requeridas para descrever essa nova ordem social. Nesse sentido, o verbo “maratonar” parece ter ocupado em definitivo seu lugar ao sol, como no exemplo: “Vou maratonar aquela série que você me recomendou!”.

Se o verbo está sendo bastante acionado recentemente com a busca de séries televisivas (para preencher o tempo que forçosamente muitos têm de digerir), é natural que seu emprego se consolide mais no dia a dia. Em uma pesquisa rápida pelo Google, “maratonar séries” aparece 32 100 vezes, ao lado de “fazer uma maratona de séries”, que surge em 526 mil resultados.

Comparando as duas estruturas, identificamos a ocorrência de duas formas variantes, uma com verbo-suporte (“fazer maratona”) e outra com verbo pleno (“maratonar”). E o mais interessante: a construção mais antiga é feita com o verbo leve (mais abstrato), não com o verbo pleno (mais concreto). Aceitando que a mudança linguística ocorresse sempre em direção a formas mais abstratas, seria de se supor que “maratonar” precedesse “fazer maratona”, ao contrário do que efetivamente ocorreu.





### Dá no mesmo?

O verbo “maratonar” começa a despontar na década de 1990. Já em 1996 lemos “[...] amigos e amigas que amam a literatura, ouvir uma boa música, ver filmes e maratonar séries [...]”. Em contextos como esse, o verbo “maratonar” se especializou em transmitir o sentido figurado da expressão.

Dito de outro modo: a construção com verbo-suporte é polissêmica, pois “fazer maratona” pode significar tanto “participar de uma corrida de longa distância” quanto “assistir a vários episódios seguidos de um seriado televisivo”. Já o verbo “maratonar” tem um significado unívoco, fazendo referência sempre ao momento de lazer diante da tela – sentido certamente insuflado pelo surgimento de grandes provedores globais de filmes, como a Netflix.

É plausível pensar, portanto, que a emergência e a frequência de um novo comportamento dos consumidores de seriados tenham tido um impacto no uso de um novo item lexical. Especializado em diferenciar os dois tipos de maratona, a esportiva e a preguiçosa, “maratonar” caiu no gosto e no uso popular – e, em tempos de confinamento, a maratona da preguiça venceu a corrida.

MODOLO, Marcelo. *Jornal da USP*, 26 maio 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/maratona-da-preguica/>. Acesso em: 10 abr. 2023.



Veja os principais assuntos e conceitos trabalhados neste capítulo acessando a seção **Resumindo** no livro digital, na Plataforma Poliedro.



### Quer saber mais?



#### Filme

**A chegada. Direção: Denis Villeneuve. 2016.**

Neste filme de ficção científica, uma linguista é encarregada de encontrar uma forma de se comunicar com extraterrestres que chegaram à Terra.



#### Livro

**As intermitências da morte, de José Saramago. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.**

O que aconteceria se um dia você acordasse e não houvesse nenhuma morte noticiada a partir desse dia? Na obra, Saramago nos faz pensar sobre a construção do significado da palavra “morte”.



#### Site

**Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://delpo.prp.usp.br/~delpo/index.php>. Acesso em: 12 abr. 2023.**

O DELPo é um dicionário etimológico *on-line* da língua portuguesa que oferece a primeira ocorrência das acepções de cada verbete e o contexto dessa acepção. O material é organizado por pesquisadores da USP.



#### Música

**“Felicidade”, de Luiz Tatit.**

Nesta canção, o compositor, cantor e linguista Luiz Tatit constrói a letra variando o uso da palavra “feliz” por meio de prefixos e sufixos.

## Exercícios complementares

### 1. IFPE 2018

#### Cabra da peste

Eu sou de uma terra que o povo padece  
Mas nunca esmorece, procura vencê,  
Da terra adorada, que a bela caboca  
De riso na boca zomba no sofrê.  
Não nego meu sangue, não nego meu nome,  
Olho para fome e pergunto: o que há?  
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,  
Sou cabra da peste, sou do Ceará.  
Tem munta beleza minha boa terra,  
Derne o vale à serra, da serra ao sertão.  
Por ela eu me acabo, dou a própria vida,  
É terra querida do meu coração.

ASSARÉ, Patativa do. *Cabra da peste*. Disponível em: <http://patativa.gnumeric.org/sito/poesie/03.php>. Acesso em: 13 maio 2018 (adaptado).

No trecho “Eu sou brasileiro [brasileiro] fio do Nordeste” (linha 7), o termo sublinhado foi formado pelo mesmo processo de derivação que

- a) censura.
- b) acariciar.
- c) fechadura.
- d) desobediência.
- e) indispensável.



Texto para as questões **2** e **3**.

### Panc da Periferia

Folhas e ervas antes consideradas pragas têm despertado o interesse de pesquisadores, médicos e chefes de cozinha

Se não fosse plantado por ninguém, se não desse frutos ou flores ornamentais, no passado se chamava mato. Hoje ervas e folhas antes tidas como pragas tornaram-se valiosas para médicos, chefes de cozinha e cultivadores de plantas. As chamadas plantas alimentícias não convencionais (PANC) estão se tornando moda no Brasil. Algumas espécies têm um valor nutricional suficiente para suprir as demandas diárias de um adulto e são tão ricas quanto o feijão e o leite.

No dia a dia do brasileiro, a cultura PANC ainda não pegou. A demanda do varejo é baixa e o uso no circuito de restaurantes não chega a ser uma tendência nacional, apesar de alguns *chefs* renomados já terem começado a lançar mão dessas plantas para incrementar suas receitas.

Nicollas Witzel, *Época*, 24.09.2018. Adaptado.

**2. FGV-SP 2020** Analise as seguintes afirmações sobre o título dessa matéria jornalística, possivelmente inspirado em uma conhecida canção popular, considerando o restante do texto:

- I. Revela, com o uso da palavra “periferia” e talvez involuntariamente, uma atitude preconceituosa de seu redator.
- II. Pode ser considerado um trocadilho em relação a uma palavra inglesa que designa um certo movimento de contracultura.
- III. Baseia-se num acrônimo (sigla) que alude a apenas uma das propriedades das referidas plantas.

Está correto o que se afirma em

- a) II, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) III, apenas.
- e) I, II e III.

**3. FGV-SP 2020** O prefixo de origem grega que entra na formação da palavra “periferia”, e de outras como “perímetro” e “perífrase”, tem o mesmo sentido que o prefixo de origem latina que forma a palavra

- a) transatlântico.
- b) circum-navegação.
- c) ambivalente.
- d) península.
- e) infra-assinado.

**4. Unicamp-SP 2023**

### Papo Preto: Vamos falar sobre transfeminismo?

Neste episódio do podcast Papo Preto, o apresentador Yago Rodrigues e a cinegrafista Débora Oliveira recebem Jarda Maria, que se tornou símbolo da luta pelos direitos das transexuais em Recife após ingressar na Universidade Federal de Pernambuco. Ela fala sobre os desafios de ocupar e se manter no ambiente acadêmico e da importância de compreender o que é o transfeminismo.

Jarda explica que o conceito de transfeminismo ou feminismo trans surge nos EUA quando foi percebido que as pautas discutidas no feminismo não abarcavam a situação das mulheres trans e travestis. Ela diz que há muita cobrança em cima da comunidade de transexuais e travestis sobre os motivos e as causas da violência que sofrem todos os dias, mas as respostas devem partir da sociedade, que deve praticar a não violência e dar exemplos.

“Nós já estamos preocupadas em pensar esses meios de sobrevivência, que as pessoas que movimentam a transfobia pensem os movimentos de enfrentamento. A transfobia e a travestifobia são problemáticas cisgêneras e não nossa. Nós somos vítimas desse processo”, afirma Jarda.

(PAPO PRETO 69: Vamos falar sobre transfeminismo? [Locução de] Yago Rodrigues. S. I. Ecoa Produções, 09/03/2020. Podcast. Disponível em <https://uol.com.br/ecoa/videos/2022/03/09/papo-preto-69-vamos-falar-sobre-transfeminismo0.htm>. Acesso em 20/10/2022.)

Sobre as ocorrências do item *trans* no texto, podemos afirmar que

- a) introduzem termos como *transfeminismo* e *transfobia*, que servem para conceituar tipos de violência contra mulheres trans.
- b) o seu emprego em *transfeminismo* indica que a pauta feminista já se estende às mulheres trans, mas ainda exclui as travestis.
- c) é empregado como antônimo do prefixo *cis-* para indicar que a transfobia e a travestifobia devem preocupar apenas as pessoas cisgêneras.
- d) remete a transexuais e travestis no termo *feminismo trans*, que é sinônimo de *transfeminismo* e abrange grupos não incluídos na pauta feminista.

5. **IFSC 2014** Os aplicativos que auxiliam os especialistas no diagnóstico de doenças são uma esperança para populações que vivem em regiões com pouca ou nenhuma oferta de instalações para exames médicos. O *portable eye examination kit* (*Peek*), ou kit portátil de exame de olho, é um exemplo de sucesso. Desenvolvido por uma equipe de oftalmologistas ingleses, o aplicativo usa recursos do *smartphone* (tela, câmera e *flash*) para detectar males como catarata, glaucoma, degeneração macular e retinopatia diabética, além de realizar testes de acuidade visual. As imagens podem ser enviadas a médicos em qualquer parte do planeta para que eles as avaliem. Atualmente, 5000 pessoas estão sendo submetidas a exames oftalmológicos no Quênia graças ao *Peek*. Ao trocarmos equipamentos pesados e caros por um *smartphone* e usarmos pequenos painéis solares para recarregar a bateria do aparelho em localidades sem energia elétrica, os médicos conseguem “visitar” populações carentes que vivem em regiões de difícil acesso. Detalhe: os dados do paciente ficam armazenados junto às informações do GPS – ou seja, encontrá-lo posteriormente para fornecer tratamento é simples e rápido. Pacientes diagnosticados pelo programa com tipos reversíveis de cegueira já passaram por cirurgia e voltaram a enxergar. “Esse caso mostra a viabilidade do uso de bons aplicativos para a telemedicina”, diz a oftalmologista Andrea Barbosa do Rio de Janeiro.

Fonte: <http://www.abradilan.com.br/noticias>

Assinale a opção em que nem todas as palavras possuem o mesmo radical:

- a) olho, olhada, olhador
  - b) aparelho, aparelhável, desaparelhar
  - c) exames, examinar, examinado
  - d) diagnóstico, diário, diagonal
  - e) regiões, regional, regionalização
6. **IFC-SC 2019** Leia atentamente o texto a seguir e responda à questão.

### Três tartarugas são encontradas mortas em rede de pesca na praia da Pinheira, em Palhoça

A equipe do Projeto de Monitoramento de Praias da Baía de Santos (PMP-BS) encontrou três tartarugas verdes (*Chelonia mydas*) presas em uma rede de pesca na praia da Pinheira, em Palhoça. A rede, localizada durante o monitoramento diário, estava abandonada em uma duna de areia e os animais em estado de decomposição avançado. Todas as tartarugas eram jovens.

Segundo o Projeto Baleia Franca, que divulgou a ocorrência, a pesca incidental é uma grande ameaça para a conservação da vida nos mares, por isso, é necessária a sensibilização e colaboração da comunidade para preservar o ambiente marinho.

A orientação em caso de presenciarem algum animal encalhado na praia – vivo ou morto – é entrar em contato com o PMP-BS pelo telefone 0800 642 3341, fornecendo o local e outras informações que possam ser úteis aos profissionais.

Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2017/07/tres-tartarugas-sao-encontradas-mortas-em-rede-de-pescana-praia-da-pinheira-em-palhoça-9853708.html>. Acesso em: 10 jul. 2017.

Na Língua Portuguesa, há dois processos de formação de palavras: a derivação e a composição. Uma forma de derivação é chamada de sufixal, pois consiste no acréscimo de um sufixo ao radical. Considerando esta definição, assinale a alternativa em que todas as palavras, retiradas do texto “Três tartarugas são encontradas mortas em redes de pesca na praia da Pinheira, em Palhoça”, foram formadas por esse processo:

- a) pesca, decomposição, monitoramento.
- b) conservação, sensibilização, decomposição.
- c) tartaruga, orientação, informações.
- d) marinho, sensibilização, ambiente.
- e) monitoramento, marinho, conservação.

7. **Uece 2019**

### Conheça 5 atitudes simples para preservar o meio ambiente

É possível mudar muito fazendo atitudes simples em seu cotidiano.

Não é mais nenhum segredo que as mudanças climáticas e agressão ao meio ambiente estão entre as ameaças mais graves à humanidade e, se nada for feito, em poucos séculos, a Terra como conhecemos pode deixar de existir. Mas [...] pouca gente parece perceber ou compreender o que pode fazer de fato para mudar a situação. Não é preciso muito: atitudes

- 5 simples no dia a dia podem ajudar a minimizar os danos causados no meio ambiente.

#### Economize energia

Comece trocando as lâmpadas por modelos eficientes. [...]. Em seguida, preste atenção para não deixar luzes acesas em cômodos que não estão sendo utilizados e desligue o computador durante a noite. Nas tarefas domésticas, busque ser mais eficiente, por exemplo, esperando acumular roupas o suficiente para encher uma máquina antes de lavá-las.

10 **Economize papel**

Evite impressões desnecessárias: ingressos (quando há a opção de e-ticket), extratos de banco, via da compra no cartão, contas que podem ser pagas online... [...] Ao usar papel para anotações, certifique-se de usá-lo por completo antes de reciclar. E, na hora de dar presentes, experimente reutilizar papéis antigos ou buscar novas formas criativas de embrulhá-los.

15 **Tenha um dia vegetariano**

Você não precisa parar de comer carne, mas experimente deixar de consumir carne por somente um dia. São necessários 9,5 mil litros de água para produzir cada meio quilo de carne, e cada hambúrguer que vem de animais que pastam em áreas desmatadas causou a destruição de cinco metros quadrados de floresta.

**Desligue a torneira**

20 Só de desligar a torneira ao escovar os dentes, por exemplo, é possível economizar 18 litros de água por dia. Experimente fazer o mesmo quando for ensaboar as mãos ou as louças na pia na hora de lavá-las para economizar ainda mais.

**Reduza o consumo de plástico**

Você já deve ter ouvido falar da ilha de plástico no Pacífico. Ela é formada por 4 milhões de toneladas de plástico [...]. Reduzir o consumo de plástico no dia a dia é fundamental para reverter este cenário. Muitas cidades brasileiras já aboliram a sacola plástica no supermercado [...]. Tenha a própria garrafinha para quando precisar tomar água: cerca de 90% das garrafas de plástico não são recicladas e acabam em aterros. E, se for usar copos plásticos, [...] adote a técnica de marcar o nome com uma caneta em vez de jogá-lo no lixo cada vez que for tomar algo.

Adaptado de MARASCIULO, Marília. Conheça 5 atitudes simples para preservar o meio ambiente. Revista Galileu. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2019/01/conheca-5-atitudes-simplespara-preservar-o-meio-ambiente.html>. 2019. Acesso em: 20 maio 2019.

Algumas palavras da língua portuguesa são formadas a partir da combinação de morfemas. Sobre esse aspecto, atente para as seguintes afirmações:

- I. O sufixo *inha* do vocábulo *garrafinha* (linha 25) indica diminutivo e o processo de formação dessa palavra se chama derivação sufixal.
- II. Os prefixos *re* e *des* dos vocábulo *reutilizar* e *desligar* (linhas 13 e 20) indicam, respectivamente, repetição de uma ação e negação, e o processo de formação dessas palavras se chama derivação prefixal.
- III. O prefixo *ex* do vocábulo *extratos* (linha 11) significa que algo está fora e o processo de formação dessa palavra é denominado derivação prefixal.

Estão corretas as assertivas contidas em

- a) I e II apenas.
- b) I e III apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I, II e III.

8. **ESPM-RJ 2020**



**Lei de Abuso de Autoridade não ameaça qualquer prática jurisdicional**

Em corpos diferenciados do funcionalismo público emerge, naturalmente, um corporativismo construído pelo elitismo do seu “espírito de corpo”. Trata-se, de fato, de um anel protetor do bom e do mau uso que seus membros podem fazer de suas prerrogativas. Um exemplo disso é a que o País assiste agora, perplexo: a reação à lei que combate os possíveis abusos de autoridade nos Três Poderes da República.

[...]

Eventuais dúvidas sobre julgamentos são analisadas com recurso a instâncias jurídicas superiores (colegiadas), porque só outros juízes podem avaliar a razoabilidade de outro juiz. O preparo da ação e o julgamento são influenciados por muitos fatores (inclusive a “visão de mundo” de cada um deles). O importante, entretanto, é que, se o paciente não se conformar com o resultado, há a possibilidade de recorrer a instâncias superiores que, eventualmente, terá a oportunidade de corrigi-lo. Esses parcos conhecimentos me levaram nos últimos 70 anos a aceitar tal mecanismo como satisfatório para minimizar os riscos do sistema.

É por isso que estou surpreso com a reação corporativista contra a Lei de Abuso de Autoridade, que, obviamente, não ameaça qualquer prática jurisdicional que obedeça ao espírito e à letra da Lei. Sobre o poder do Congresso de produzi-la e aprová-la, e o poder do presidente de sancioná-la ou vetá-la parcialmente, não há dúvidas. Entretanto, a palavra final sobre ela (pela rejeição de eventuais vetos) pertence ao Congresso. Mas há um problema lógico muito interessante, apontado pelo competente Elio Gaspari. No caso de eventual denúncia de abuso de autoridade, quem vai julgá-lo? O próprio Judiciário! Logo, se um funcionário da Receita, do Coaf, um promotor ou um juiz se julga ameaçado, porque será “controlado” pelo próprio Judiciário, é porque ele não acredita em nada do que foi dito acima! [...]

(Delfim Netto, revista *Carta Capital*, adaptado, 28 de agosto de 2019)



Os vocábulos abaixo, extraídos do texto, possuem um processo de formação de palavras denominado derivação sufixal. O sufixo que traduz ideia de **qualidade** é:

- a) naturalmente
- b) corporativismo
- c) julgamento
- d) jurisdicional
- e) razoabilidade

## 9. Uespi 2018

### A Língua

Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra. Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente de Minas Gerais, falei em “varreção” – do verbo “varrer”. De fato, trata-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário, aquela que tem, no topo, a fotografia de uma “varroa” (*sic!*) (você não sabe o que é uma “varroa”?) para corrigir-me do meu erro. E confesso: ele está certo. O certo é “varrição” e não “varreção”. Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim porque nunca os vi falar de “varrição”. E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário com a “varroa” no topo. Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala “varreção” quando não “barreção”. O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

(Rubem Alves. *In: Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Planeta, 2014, p.62-64)

Assinale a alternativa em que aparece uma palavra formada pelo processo de derivação sufixal.

- a) Descuido.
- b) Acostumado.
- c) Sistematicamente.
- d) Trabalho.
- e) Reclama.

10. **Unicamp-SP 2018** O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores “praticamente intraduzíveis”. Mesmo sem ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês.

Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:

- I. Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
- II. Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções abaixo foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos I e II estão presentes:

- a) Quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*) e tattarrattat (JJ, *Ulisses*).
- b) Transtrazer (GR, *Grande sertão: veredas*) e monoideal (JJ, *Ulisses*).
- c) Rstststr (JJ, *Ulisses*) e quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*).
- d) Tattarrattat (JJ, *Ulisses*) e esquecer-se (GR, *Ave, Palavra*)

11. **Univesp 2014** Casimiro de Abreu pertence à geração dos poetas que morreram prematuramente, na casa dos vinte anos, como Álvares de Azevedo e outros, acometidos do “mal” byroniano. Sua poesia, reflexo autobiográfico dos tranSES, imaginários e verídicos, que lhe agitaram a curta existência, centra-se em dois temas fundamentais: a saudade e o lirismo amoroso. Graças a tal fundo de juvenilidade e timidez, sua poesia saudosista guarda um não sei quê de infantil.

Massaud Moisés. *A literatura brasileira através dos textos*, 2004. Adaptado.

Os substantivos do texto derivados pelo mesmo processo de formação de palavras são:

- a) juvenilidade e timidez.
- b) geração e byroniano.
- c) reflexo e imaginários.
- d) prematuramente e autobiográfico.
- e) saudade e infantil.

12. **ESPM-SP 2016** Levando-se em conta os prefixos latinos e gregos grifados, assinale o par que **não** possui correspondência de significados:

- a) **ab**uso / **an**encéfalo
- b) **amb**idestro / **an**fíbio
- c) **bi**enal / **di**lema
- d) **circump**olar / **per**iferia
- e) **contra**veneno / **anti**doto

13. **Enem 2019** Antes de Roma ser fundada, as colinas de Alba eram ocupadas por tribos latinas, que dividiam o ano de acordo com seus deuses. Os romanos adaptaram essa estrutura. No princípio dessa civilização o ano tinha dez meses e começava por Martius (atual março). Os outros dois teriam sido acrescentados por Numa Pompílio, o segundo rei de Roma.

Até Júlio César reformar o calendário local, os meses eram lunares, mas as festas em homenagem aos deuses permaneciam designadas pelas estações. O descompasso de dez dias por ano fazia com que, em todos os triênios, um décimo terceiro mês, o Intercalaris, tivesse que ser enxertado. Com a ajuda de matemáticos do Egito emprestados por Cleópatra, Júlio César acabou com a bagunça ao estabelecer o seguinte calendário solar: Januarius, Februarius, Martius, Aprilis, Maius, Junius, Quintilis, Sextilis, September, October, November e December. Quase igual ao nosso, com as diferenças de que Quintilis e Sextilis deram origem aos meses de julho e agosto.

Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br>.  
Acesso em: 8 dez. 2018.

Considerando as informações no texto e aspectos históricos da formação da língua, a atual escrita dos meses do ano em português

- a) reflete a origem latina de nossa língua.
- b) decorre de uma língua falada no Egito antigo.
- c) tem como base um calendário criado por Cleópatra.
- d) segue a reformulação da norma da língua proposta por Júlio César.
- e) resulta da padronização do calendário antes da fundação de Roma.

14. **Unicamp-SP 2020**

#### Texto I

Os idiomas e suas regras são coisas vivas, que vão se modificando de maneira dinâmica, de acordo com o momento em que a sociedade vive. Um exemplo disso é a adoção do termo “maratonar”, quando os telespectadores podem assistir a vários ou a todos os episódios de uma série de uma só vez. Contudo, ao que parece, a plataforma Netflix não quer mais estar associada à “maratona” de séries. A maior razão seria a tendência atual que as gigantes da tecnologia têm seguido para evitar o consumo excessivo e melhorar a saúde dos usuários.

(Adaptado de Claudio Yuge, “Você notou? Netflix parece estar evitando o termo ‘maratonar’.” Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/internet/133690-voce-notou-netflix-pareceevitando-termo-maratonar.htm>. Acessado em 01/06/2019.

#### Texto II



Embora os dois textos tratem do termo “maratonar” a partir de perspectivas distintas, é possível afirmar que o Texto II retoma aspectos apresentados no Texto I porque

- a) esclarece o significado do neologismo “maratonar” como esforço físico exaustivo, derivado de “maratona”.
- b) deprecia a definição de “maratona” como ação contínua de superação de dificuldades e melhoria da saúde.
- c) reflete sobre o impacto que a falta de exercícios físicos e a permanência em casa provocam na saúde.
- d) menospreza o uso do termo “maratonar” relacionado a um estilo de vida sedentário, antagônico a maratona.

15. **FGV-SP 2017** Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena venda. Em compensação nesse mesmo ano Antônio casou-se com Eulália Moura, filha dum colono açoriano dos arredores do Rio Pardo, e trouxe a mulher para a estância, indo ambos viver num puxado que tinham feito no rancho.

Em 85 uma nuvem de gafanhotos desceu sobre a lavoura deitando a perder toda a colheita. Em 86, quando Pedrinho se aproximava dos oito anos, uma peste atacou o gado e um raio matou um dos escravos.

Foi em 86 mesmo ou no ano seguinte que nasceu Rosa, a primeira filha de Antônio e Eulália? Bom. A verdade era que a criança tinha nascido pouco mais de um ano após o casamento. Dona Henriqueta cortara-lhe o cordão umbilical com a mesma tesoura de podar com que separara Pedrinho da mãe.

E era assim que o tempo se arrastava, o sol nascia e se sumia, a lua passava por todas as fases, as estações iam e vinham, deixando sua marca nas árvores, na terra, nas coisas e nas pessoas.

E havia períodos em que Ana perdia a conta dos dias. Mas entre as cenas que nunca mais lhe saíram da memória estavam as da tarde em que dona Henriqueta fora para a cama com uma dor aguda no lado direito, ficara se retorcendo durante horas, vomitando tudo o que engolia, gemendo e suando de frio.

(Érico Veríssimo. *O tempo e o Vento*, "O Continente", 1956.)

Leia o trecho do 1º parágrafo: "Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena **venda**. Em compensação nesse mesmo ano Antônio casou-se com Eulália Moura, filha dum colono açoriano dos arredores do Rio Pardo, e trouxe a mulher para a estância, indo ambos viver num **puxado** que tinham feito no rancho".

Explique os processos de derivação das palavras destacadas no trecho.

16. **FMJ-SP 2021** Leia o soneto de Luís de Camões para responder à questão.

Posto me tem fortuna em tal estado,  
E tanto a seus pés me tem rendido!  
Não tenho que perder já, de perdido;  
Não tenho que mudar já, de mudado.

Todo o bem para mim é acabado;  
Daqui dou o viver já por vivido;  
Que, aonde o mal é tão conhecido,  
Também o viver mais será escusado.

Se me basta querer, a morte quero,  
Que bem outra esperança não convém;  
E curarei um mal com outro mal.

E, pois do bem tão pouco bem espero,  
Já que o mal este só remédio tem,  
Não me culpem em querer remédio tal.

(Luís de Camões. *Lírica*, 1991.)

**fortuna:** destino.

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de "derivação imprópria".

(Celso Cunha. *Gramática essencial*, 2013. Adaptado.)

Observa-se um exemplo de derivação imprópria no verso:

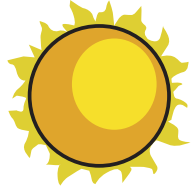
- a) "E tanto a seus pés me tem rendido!" (1ª estrofe)
- b) "Não tenho que perder já, de perdido;" (1ª estrofe)
- c) "Não me culpem em querer remédio tal." (4ª estrofe)
- d) "Se me basta querer, a morte quero," (3ª estrofe)
- e) "Também o viver mais será escusado." (2ª estrofe)

EM13LP06

1. Observe os usos expressivos da linguagem na tira em relação às palavras empregadas e à composição imagética.



JÁ NO HELIOCENTRISMO,  
O CENTRO DO UNIVERSO  
SERIA O SOL!



Alexandre Beck 24/21/17  
Amandinho, de Alexandre Beck

Na relação entre os usos da linguagem, podemos afirmar que:

- a) “geocentrismo”, “heliocentrismo” e “umbigocentrismo” são neologismos.
- b) para o personagem, o modelo teórico de “hoje” é melhor que os anteriores.
- c) o termo “umbigocentrismo” é o responsável pela crítica da tira.
- d) a composição é o processo de formação de palavras predominante na tira.

EM13LP10

2. **Enem 2020** É possível afirmar que muitas expressões idiomáticas transmitidas pela cultura regional possuem autores anônimos, no entanto, algumas delas surgiram em consequência de contextos históricos bem curiosos. “Aquele é um cabra da peste” é um bom exemplo dessas construções.

Para compreender essa expressão tão repetida no Nordeste brasileiro, faz-se necessário voltar o olhar para o século 16. “Cabra” remete à forma com que os navegadores portugueses chamavam os índios. Já “peste” estaria ligada à questão da superação e resistência, ou mesmo uma associação com o diabo. Assim, com o passar dos anos, passou-se a utilizar tal expressão para denominar qualquer indivíduo que se mostre corajoso, ou mesmo insolente, já que a expressão pode ter caráter positivo ou negativo. Aliás, quem já não ficou de “nhe-nhe-nhém” por aí? O termo, que normalmente tem significado de conversa interminável, monótona ou resmungo, tem origem no tupi-guarani e “nhém” significa “falar”.

Disponível em: <http://leiturasdahistoria.uol.com.br>. Acesso em: 13 dez. 2017.

A leitura do texto permite ao leitor entrar em contato com

- a) registros do inventário do português brasileiro.
- b) justificativas da variedade linguística do país.
- c) influências da fala do nordestino no uso da língua.
- d) explorações do falar de um grupo social específico.
- e) representações da mudança linguística do português.

EM13LP06 e EM13LP26

3. Em 2020, o Congresso Nacional do Brasil aprovou a “Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet”, como um primeiro passo no combate contra as notícias falsas. Um dos conceitos definidos no Projeto de Lei foi a “desinformação”:

Art. 4º Para efeitos desta Lei, considera-se:

[...]

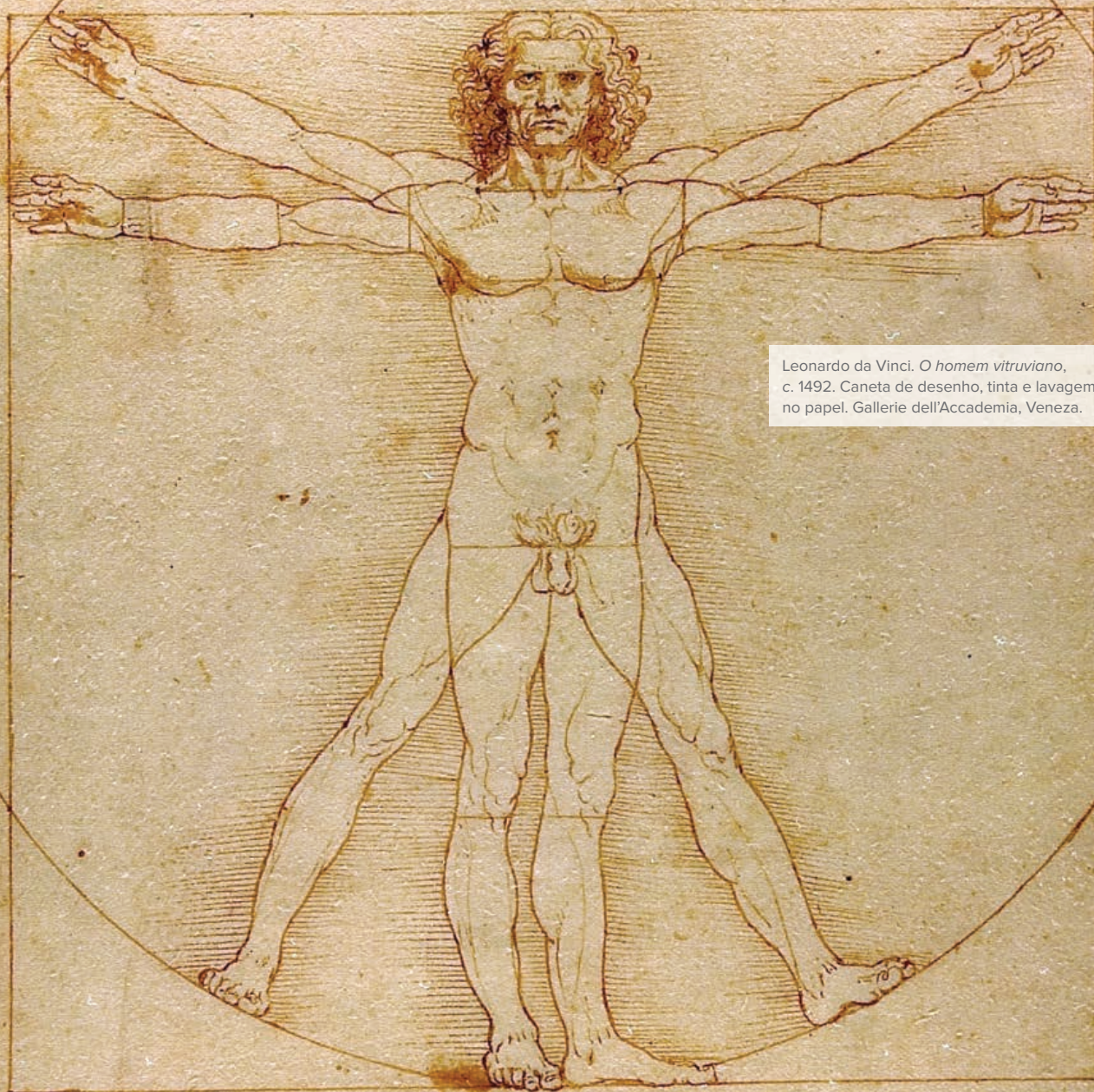
II – desinformação: conteúdo, em parte ou no todo, inequivocamente falso ou enganoso, passível de verificação, colocado fora de contexto, manipulado ou forjado, com potencial de causar danos individuais ou coletivos, ressalvado o ânimo humorístico ou de paródia.

BRASIL. *Projeto de Lei nº 2.630, de 2020*. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8110634&ts=1612303001672&disposition=inline>. Acesso em: 6 jul. 2023.

A palavra “desinformação” passou pelo processo derivacional na sua formação, porém adquiriu especificidades na sua definição no excerto de lei acima. Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela que apresenta o processo específico de formação do vocábulo “desinformação” e o significado desse conceito na lei.

- a) Prefixal; uma notícia equivocadamente falsa é desinformação.
- b) Imprópria; aceita-se na lei a desinformação visando o humor.
- c) Sufixal; os danos coletivos sobrepõem-se aos danos individuais na lei.
- d) Parassintética; o compartilhamento de conteúdo falso é penalizado.
- e) Prefixal e sufixal; desinformação é um conteúdo falso dolosamente forjado.





Leonardo da Vinci. *O homem vitruviano*, c. 1492. Caneta de desenho, tinta e lavagem no papel. Gallerie dell'Accademia, Veneza.

FRENTE 1

CAPÍTULO

5

## Sintaxe do período simples I

O desenho que você vê chama-se *O homem vitruviano*, esboçado pelo artista italiano Leonardo da Vinci (1452-1519), cuja inspiração veio das proporções do corpo humano demarcadas na obra *De Architectura*, de Vitruvius. O desenho de Da Vinci está relacionado à filosofia humanista e ao conceito de antropocentrismo, e as duas obras mencionadas foram basilares e muito difundidas na época do Renascimento. Tanto no antropocentrismo como na filosofia humanista temos a ideia de que o homem se torna o centro do mundo, em contraposição ao teocentrismo, vigente na Idade Média. Neste capítulo, discutiremos o sujeito do ponto de vista da língua, bem como os elementos relacionados a ele, contidos no predicado. Essas noções pertencem aos estudos da sintaxe da língua portuguesa.



## Introdução à sintaxe

Observe a tirinha do artista Fábio Coala.



Fábio Coala. Disponível em: [mentirinhas.com.br](http://mentirinhas.com.br). Acesso em: 5 jul. 2023.

O texto discute a organização estabelecida para a produção de tirinhas, e o artista, humoristicamente, busca subverter a composição canônica das tiras. Todos os textos escritos e orais, incluindo as imagens, como pinturas e desenhos, entre outros, necessitam de uma organização composicional, pois é por meio dela que as partes se inter-relacionam e possibilitam a construção de sentido.

Nos capítulos anteriores estudamos as classes de palavras separadamente, e pudemos verificar que essas palavras são organizadas por meio de radicais e afixos: palavras → [prefixos + radicais + sufixos]. Contudo, quando nos comunicamos, estabelecemos relações entre essas diversas classes de palavras, ou seja, atribuímos a elas uma organização. Na língua, essa questão é estudada na **sintaxe**, que se ocupa da construção linear dos elementos linguísticos.

A palavra “sintaxe” significa, etimologicamente, “organização” e “ordenação”. Segundo o dicionário *Michaelis on-line*, a sintaxe é a parte da gramática que trata da disposição das palavras na frase, da relação entre essas palavras, bem como das combinações entre elas na sentença.

Imaginemos que na tira acima não houvesse nenhuma fala entre as personagens, apenas a palavra “FIM”. Nesse caso, poderíamos estudar esse texto escrito do ponto de vista sintático? A resposta é sim, mas para compreender a situação é preciso fazer uma distinção importante na sintaxe: frase, oração e período simples e composto. Veja o quadro a seguir.

<b>Frase</b>	Enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação dentro de um contexto. Pode ser constituído por uma única palavra (Ex.: FIM), ou por várias, e pode apresentar verbo ou não. As frases são classificadas de acordo com a entonação e o propósito comunicativo e por isso podem ser: interrogativas, exclamativas, declarativas ou imperativas. Ex.: Perigo! (um aviso), Ufa! (interjeição que expressa alívio).
<b>Oração</b>	Enunciado que se organiza em torno de um verbo ou locução verbal. Ex.: Você está em perigo!
<b>Período simples</b>	Constituído por uma oração; portanto organizado em torno de apenas um verbo ou locução verbal. Ex.: Eu corro muito perigo.
<b>Período composto</b>	Constituído por mais de uma oração; portanto organizado em torno de mais de um verbo ou locução verbal. Ex.: Eu corro muito perigo, pois não tive cuidado.

### Sujeito: conceito e classificação

No primeiro capítulo, apresentamos brevemente a classe gramatical dos verbos, que podem sofrer variações de pessoa, número, modo, tempo e voz. Em relação ao sentido, o verbo se refere a processos da realidade objetiva sob a influência do tempo. Muitos processos, apesar de serem identificáveis, não são definidos por suas causas, ou seja, não sabemos o que os produz. Veja a manchete a seguir:

### Pesquisador da Unesp apresenta evidência de matéria escura na Via Láctea

ARANTES, José T. *EBC* com informações da Agência Fapesp, 10 fev. 2015.

Na astronomia, há diversos estudos que buscam entender o que causa a matéria escura, que é uma parte do universo que os astrônomos sabem que existe, mas ainda não sabem exatamente o que é e como é produzida. Em diversas outras áreas de estudo, os pesquisadores investigam para descobrir o que ou quem produz determinados processos.

#### Estabelecendo relações

Na filosofia, a noção de sujeito também é estudada. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche, por exemplo, criticava o sujeito moderno, que via a si próprio como uma unidade autônoma, capaz de conhecer a si mesmo e o mundo ao seu redor, de tomar decisões e agir livremente nesse mundo. Para o filósofo, isso é uma ilusão. O “Eu”, segundo Nietzsche, é o produto resultante de forças em conflito. Assim, o sujeito é um processo e não uma unidade estável.

O sujeito pode ser definido como aquele ou aquilo sobre o que se fala. Na manchete anterior, por exemplo, fica claro que o verbo “apresenta” diz respeito a “o pesquisador da Unesp”, é ele o responsável pela ação de “apresentar”; logo, ele é o sujeito da oração. O núcleo desse sujeito é o termo “Pesquisador”, portanto um sujeito simples. Observe o quadro a seguir.

Pesquisador da Unesp	apresenta	evidência de matéria escura	na Via Láctea
Sujeito	Verbo	Complemento do verbo	Modificador do verbo

Uma sentença também pode conter dois ou mais núcleos do sujeito. Veja o título da notícia a seguir.

Nasa e SpaceX	enviam	missão tripulada ao espaço
Sujeito	Verbo	Complemento do verbo

PEDUZZI, Pedro; LEAL, Aline (ed.). *Agência Brasil*, 27 maio 2020.

Nesse período, identificamos dois núcleos do sujeito, “Nasa” e “SpaceX”, logo trata-se de um sujeito composto.

Em algumas sentenças, o sujeito parece não estar identificado, porém ele está subentendido na desinência numeropessoal do verbo. Veja adiante o trecho inicial da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, **encontrei** num trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, **fechei** os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso. [...]

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv00180a.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv00180a.pdf). Acesso em: 12 abr. 2023.

### Saiba mais

Muitos pesquisadores vêm demonstrando que o português brasileiro se encontra em uma fase de mudança: a tendência de “evitar pronomes” vem cedendo espaço para a prática de “explicitar pronomes” e, conseqüentemente, “explicitar o sujeito”.

De acordo com o linguista Marcos Bagno, é comum estabelecer uma distinção entre as línguas que têm “morfologia rica” e as que têm “morfologia pobre”: as do primeiro grupo possuem desinências verbais específicas para todas as pessoas do discurso, o que viabiliza a omissão do pronome na posição de sujeito; já as do segundo grupo são aquelas cuja forma verbal não permite a omissão do sujeito, necessitando, portanto, de um pronome para identificá-lo, como ocorre no inglês (a forma verbal *can*, por exemplo, exige um pronome-sujeito para a interpretação adequada de uma sentença que contenha esse verbo).

No português falado no Brasil, o quadro pronominal e a morfologia verbal têm revelado algumas mudanças que, como mencionado anteriormente, levam os falantes a explicitar o sujeito com mais frequência. Isso ocorre, principalmente, para evitar ambigüidade, já que, apesar de a nossa língua apresentar uma morfologia rica, contém casos como o da forma verbal “falava”, que pode ter como sujeito, por exemplo, os pronomes “eu”, “você”, “ele”, “ela”, “a gente” e também “tu”, se considerarmos as variedades linguísticas informais de determinadas regiões do Brasil.

No trecho, o narrador relata um breve acontecimento no percurso da cidade para o Engenho Novo, que se inicia com a forma verbal “encontrei”. O sujeito não está evidente, mas pode ser subentendido pela desinência numeropessoal “ei”, assim como em “fechei”, que indica a primeira pessoa do singular, designada pelo pronome “eu”. Esse sujeito refere-se a Bentinho, protagonista da obra que narra a história. Esse tipo de sujeito recebe o nome de sujeito oculto ou desinencial.

O sujeito também pode ser omitido, seja por falta de informação para nomeá-lo, seja para gerar algum efeito de sentido. Observe a capa de livro a seguir.



O verbo do título do livro é “Procura-se”. Ao nos perguntarmos “quem faz a ação de procurar?”, não obteríamos uma resposta fácil. Estamos diante de um verbo com sujeito indeterminado. Ao empregar esse tipo de sujeito, o autor do livro reforça a ideia de que algumas espécies de animais estão em extinção, por isso nenhum sujeito poderia procurá-los. É justamente esse o objetivo da obra, focar a ideia de extinção.

Note que o verbo está na terceira pessoa do singular, acrescido da partícula “se”, chamada, nesse caso, de índice de indeterminação do sujeito. Há uma outra forma de identificar o sujeito indeterminado. Observe:

Fui assaltado! Roubaram vários pertences.

Nesse caso, perceba que a referência na 3ª pessoa não permite identificar quem seria o sujeito da ação de roubar. Portanto, o sujeito é indeterminado quando a construção é feita com verbo na 3ª pessoa do plural e desconhecemos quem executa determinada ação.

Finalmente, cabe acrescentar que alguns verbos constroem orações sem sujeito. Acompanhe:

- verbos que indicam fenômeno da natureza: “ventar,” “anoitecer,” “nevar” etc. Ex.: Choveu muito!
- verbo “haver” com sentido de “existir”. Ex.: Há muitos pacientes doentes.
- verbos “fazer” e “haver” indicando tempo decorrido. Ex.: Faz meses que não saio de casa.
- verbos “ser” e “estar” demarcando tempo. Ex.: Está muito tarde!

Em caso de oração sem sujeito, os verbos permanecem na 3ª pessoa do singular.

Na função de indicação de tempo, o verbo “ser”, mesmo que componha uma oração sem sujeito, varia conforme a expressão numérica que o acompanha. Ex.: São cinco horas da tarde.

## Vocativo

Vocativo é o termo sintático usado para indicar um chamamento ou invocação ao interlocutor. Muitas vezes, é confundido com o sujeito, porém, ao contrário deste, não estabelece concordância com o verbo, já que tem outra função. Observe a charge a seguir.



Emidio Batista de Almeida Filho

Perceba que a expressão “Meu filho” está demarcada por vírgula e designa o interlocutor do pai. A forma verbal “será”, na 3ª pessoa do singular, estabelece concordância com o sujeito simples “Tudo isto”, que, pela imagem, sabemos que é o “lixo”.

Em poemas, os vocativos são usados para expressar um efeito de linguagem chamado de apóstrofe. Com esse recurso estilístico, cria-se um chamamento de alguém ou de algo personificado com finalidade expressiva, tal como ocorre nestes versos do poema “O navio negreiro”, do poeta Castro Alves:

[...] Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
Se é loucura... se é verdade  
Tanto horror perante os céus?!  
Ó mar, por que não apagas

Co’ a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?...  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão!  
[...]

ALVES, Castro. *O navio negreiro*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf). Acesso em: 26 jun. 2023.

Na construção da estrofe do poema, Castro Alves se vale com frequência do recurso da apóstrofe. Encontramos diversos chamamentos, como “Senhor Deus”, “Ó mar”, “tufão”, e várias invocações, em “Astros! noites! tempestades!”, por exemplo. O poeta expressa a sua indignação perante o navio negreiro e roga a Deus e à fúria do mar para que acabe tal sofrimento.

## Predicado: conceito e classificação

Como vimos, o verbo estabelece uma relação de concordância com o sujeito, e ele tem a função de configurar uma ação, um acontecimento ou um estado do sujeito. Do ponto de vista semântico, os verbos podem ser significativos ou não significativos.

### ! Atenção

Verbos significativos são aqueles que indicam uma ação ou um acontecimento. Verbos não significativos, também chamados de verbos de ligação, são os que indicam estado, qualidades e condições, como “ser”, “estar”, “andar”, “ficar”, “permanecer”.

Vejamos um cartaz publicitário da Hemoba, que é a fundação responsável pela aplicação da Política Nacional do Sangue no Estado da Bahia.

Arquivo da Fundação de Hematologia e Hemoterapia da Bahia

Arquivo da Fundação de Hematologia e Hemoterapia da Bahia.



Observe dois trechos retirados do cartaz:

Precisamos	da sua ajuda!
Verbo significativo	Complemento verbal

Se o verbo for significativo, isto é, se configurar uma ação ou um acontecimento, o predicado será verbal e seu núcleo informacional será o próprio verbo. Os verbos significativos podem necessitar de complementos para que a informação fique mais completa. No caso do cartaz, o complemento verbal “da sua ajuda” mostra que a Hemoba precisa do apoio da população.

A Hemoba	está	com estoque crítico de sangue
Sujeito	Verbo não significativo	Predicativo do sujeito

Entretanto, se a sentença apresenta um verbo de ligação, o predicado será nominal, posto que o núcleo informacional será o predicativo do sujeito, termo que configura um estado do sujeito e é conectado a ele por meio de um verbo de ligação. Pensando no cartaz, a informação sobre o estado crítico do estoque de sangue da Hemoba evidencia a gravidade da situação.

Agora, observe os títulos a seguir.

### Alasca se torna o primeiro estado americano a vacinar todos acima de 16 anos

ROSEN, Yereth. *CNN Brasil* com informações da *Reuters*, 10 mar. 2021.

### Nevasca deixa milhões sem luz nos Estados Unidos

*Estadão Conteúdo*, 15 fev. 2021.

No primeiro exemplo, o verbo “tornar-se” indica uma condição, e a expressão “o primeiro estado americano a vacinar todos acima de 16 anos” atua caracterizando o sujeito “Alasca”, portanto é predicativo do sujeito. No segundo exemplo, o verbo “deixar” é transitivo direto e tem como complemento a expressão “milhões”, classificada como objeto direto, seguida de outra expressão que a caracteriza, fornecendo-lhe uma informação de estado. É como se fossem somadas duas informações: nevasca deixa milhões + milhões ficam sem luz. Nessa situação, o termo “sem luz” é predicativo do objeto.

Observe que o predicado do segundo exemplo é construído com dois núcleos informacionais: um verbo significativo e um predicativo do objeto, o que se configura como predicado verbonominal. Os conceitos de complemento verbal e de predicativo serão retomados mais à frente.

### Verbo e transitividade

O verbo se destaca no meio de outras classes de palavras por ter uma função de organizador da sentença. Essa organização ocorre porque o radical verbal revela uma carga semântica que seleciona os complementos da sentença, enquanto o sufixo numeropessoal contribui para a seleção do sujeito. No estudo da língua, dá-se o nome de transitividade a essa propriedade sintática de organização por meio de complementos. A transitividade não é uma propriedade

exclusiva dos verbos, pois ela ocorre também entre substantivos, adjetivos, advérbios e preposições sempre que essas palavras selecionam outra para complementá-las.

Vamos observar a transitividade do verbo “mudar”.

### CBF muda horário do segundo jogo da final da Copa do Brasil

LISBOA, Fábio (ed.). *Agência Brasil*, 22 fev. 2021.

“Mudar” foi usado como verbo transitivo direto, tendo selecionado “horário” para seu complemento. Podemos notar que o complemento do verbo também recebe complementação (“do segundo jogo da final da Copa do Brasil”).

### Toffoli mudou de ideia sobre a reeleição de Maia e Alcolumbre

JARDIM, Lauro. *O Globo*, 7 dez. 2020.

Nesse caso, “mudar” foi usado como verbo transitivo indireto, tendo selecionado “de ideia” para seu complemento. Podemos perceber que o complemento é iniciado pela preposição “de”.

Alguns verbos não precisam apresentar complementos, pois já têm sentido completo. É o caso dos verbos intransitivos.

Leia o título a seguir.

### Campo magnético da Terra muda mais rápido do que se previa

*Época Negócios* com informações da *Agência ANSA*, 8 jul. 2020.

O verbo “mudar” foi usado, nesse contexto, como intransitivo, pois apresenta sentido completo, sem a necessidade de um complemento verbal. A expressão “mais rápido do que se previa” modifica a ação do verbo, detalhando-a, porém não a complementa.

### Mudar a TV de lugar transforma a sala

MELLO, Mariana. *Revista Casa e Jardim*, 1º jul. 2015.

Aqui, o verbo “mudar” apresenta transitividade direta e indireta, no sentido de deslocar algo de um lugar para outro. Observe que ao verbo são agregados um complemento verbal direto, “a TV”, e um indireto, “de lugar”.

### Complementos verbais

Pelos títulos de notícias analisados anteriormente, podemos observar que os complementos verbais (ou objetos) especificam ou modificam o sentido do predicado e designam um objeto para o qual se orienta a ação verbal ou para o qual a ação está orientada.

O complemento direto ocorre normalmente sem preposição, mas há casos em que ela pode ser obrigatória, como antes de:

Pronome átono	Pronome “quem”	Nome “Deus”
A mim, ninguém me engana.	Ela trabalhava com sua irmã, a quem tanto amava.	Amar a Deus.

Devido aos sentidos que agrega à sentença, o complemento verbal direto também é chamado de objeto direto (OD).

Ao complementar o verbo, o objeto pode informar sobre o resultado da ação verbal (objeto efetuado) ou o paciente dessa ação (objeto afetado).

Observe as manchetes.

### Rubem Fonseca escreveu primeiro livro aos 17 anos [...]

G1, 15 abr. 2020.

O verbo “escreveu” tem como complemento “primeiro livro”, cujo sentido resulta da ação do verbo escrever. Assim, “primeiro livro” é um objeto efetuado.

### Homem rouba motoboy no ES [...]

G1, 22 out. 2020.

“Rouba” tem como complemento “motoboy”, o qual assume um sentido de paciente da ação de roubar. Por isso, “motoboy” é um objeto afetado.

O objeto direto ainda pode agregar ao verbo sentido locativo, como em:

### Centenas de manifestantes invadem o palácio presidencial na cidade iemenita de Adén

Isto É com informações da AFP, 16 mar. 2021.

O verbo “invadem” tem um complemento cujo sentido é o de “localidade”.

O complemento indireto é regido geralmente pela preposição “a” e ocorre com alguns verbos transitivos indiretos (“obedecer”, “agradar” etc.) e transitivos diretos e indiretos (“dar”, “responder”, “perguntar” etc.). A posição do complemento indireto é normalmente após o verbo, e esse complemento é também nomeado de objeto indireto (OI), agregando ao verbo informações sobre o destinatário ou beneficiário da ação.

### Nova York dará US\$ 500 a funcionário público que provar vacinação [...]

SHERMAN, Stacie. O Globo com informações da Bloomberg, 20 out. 2021.

O verbo “dará” tem como objeto direto “US\$ 500” e objeto indireto “funcionário público que provar vacinação”, evidenciando o destinatário da ação do verbo “dar”.

Os complementos verbais contribuem para a construção de sentidos em textos diversos. Leia o cartaz a seguir de uma campanha do agasalho.



O cartaz anterior apresenta duas sentenças em destaque. Vamos analisá-las.

Sentença 1:

Sua doação aquece uma vida.

O verbo “aquece” rege o objeto direto “uma vida”, cujo sentido resulta da ação do verbo aquecer. Pensando no propósito do cartaz, podemos dizer que a doação de agasalhos mantém a “vida aquecida”, ou seja, mantém a sobrevivência de pessoas sem vestimentas em dias frios.

Sentença 2:

Toda a arrecadação será doada à população em situação de rua.

Na sentença acima, a locução verbal “será doada” tem como objeto indireto “à população em situação de rua”, o qual agrega a informação do beneficiário da ação de “doar”. O cartaz traz a informação específica das pessoas que receberão as doações e, com isso, mostra que a campanha está organizada e direcionada para beneficiar um grupo específico.

Nos textos jornalísticos, cuja função é informativa, os complementos verbais cumprem a importante função de orientar o sentido dos verbos e explicitar os fatos. Observe:

### Universitários reclamam de frequentes mudanças em grades curriculares

Em todo o país, universitários reclamam de prejuízos causados pela liberdade de as faculdades modificarem, a qualquer tempo, o conteúdo de seus cursos. Estudantes, especialistas e entidades ouvidas pela Agência Brasil dizem que os mais afetados por súbitas mudanças pedagógicas são os alunos de instituições particulares que, em muitos casos, veem o sonho da formatura adiado e têm que arcar com custos inesperados. [...]

RODRIGUES, Alex; BERALDO, Lílian (ed.). Agência Brasil, 15 mar. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-03/universitarios-reclamam-de-frequentes-mudancas-em-grades-curriculares>. Acesso em: 26 jun. 2023.

Vejam, no quadro a seguir, os verbos do excerto anterior com seus respectivos complementos verbais.

Verbos	Complementos verbais
Reclamam	de frequentes mudanças em grades curriculares (OI) / de prejuízos (OI)
Modificarão	o conteúdo de seus cursos (OD)
Dizem	que os mais afetados por súbitas mudanças pedagógicas são os alunos de instituições particulares (OD)
Veem	o sonho da formatura adiado (OD)
Têm	que arcar com custos inesperados (OD)

Vejam que os verbos podem ser complementados por uma oração inteira, como ocorre na reprodução das falas – iniciadas pelo pronome “que” – de estudantes, especialistas e entidades ouvidas pelo jornal.

## Agente da passiva e adjunto adverbial

Além dos complementos verbais, são termos associados ao verbo o agente da passiva e o adjunto adverbial.

### AGENTE DA PASSIVA

Anteriormente, vimos que o verbo apresenta também flexão de voz, podendo se apresentar na voz ativa, passiva ou reflexiva. A seguir, leia a manchete de uma notícia.

## Cavalo cai em piscina e é resgatado pelos bombeiros, em Montes Claros

PEREIRA, Marina. *G1 Grande Minas*, 18 mar. 2021.

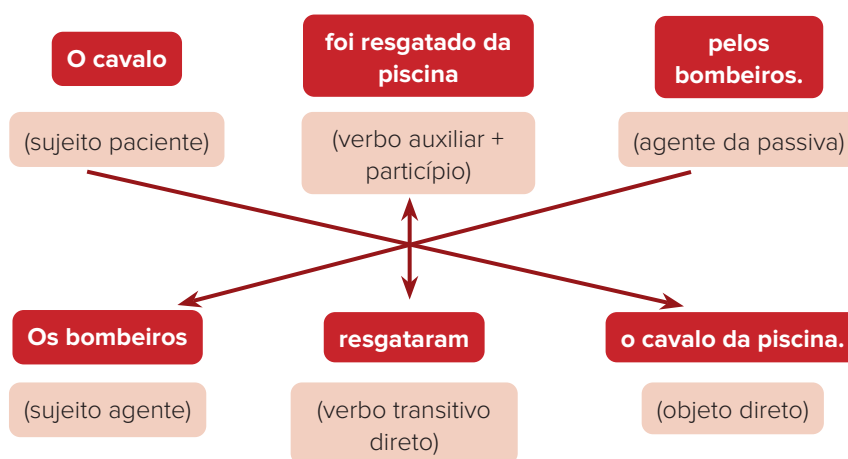
A locução verbal “é resgatado” indica que o cavalo foi resgatado graças à ação dos bombeiros.

Agora, observe:

Voz passiva	Voz ativa
O cavalo foi resgatado da piscina pelos bombeiros.	Os bombeiros resgataram o cavalo da piscina.
O cavalo = sujeito paciente pelos bombeiros = agente da passiva	O cavalo = objeto direto Os bombeiros = sujeito agente

Com base nas sentenças, percebemos que, na voz passiva, o sujeito é paciente, isto é, recebe a ação representada pelo verbo. Na transformação em voz ativa, o sujeito paciente corresponde ao objeto direto do verbo. Sendo assim, as noções de “sujeito” e “objeto direto” correspondem às funções sintáticas dos elementos que se organizam em torno do verbo. Ao mesmo tempo, esses elementos têm papéis semânticos que indicam o tipo de participação deles em relação ao evento expresso pelo verbo. Na oração com voz passiva analisada, vemos que “o cavalo” desempenha a função de *sujeito* e apresenta o papel de *paciente*. Já na oração passada para a voz ativa, as funções sintáticas se invertem, mas os papéis semânticos se mantêm: agora “o cavalo” passou a *objeto direto*, mas continua com o papel de *paciente*.

O termo que indica quem é o agente da ação é denominado, na voz passiva, de agente da passiva. Esse termo geralmente é introduzido pela preposição “por” e suas contrações (“pelo”, “pelos”, “pela”, “pelas”), mas também pode ser acompanhado de outras preposições, como em “Esta roupa é composta **de** algodão”. Na transposição para a voz ativa, o agente da passiva equivale ao sujeito agente. Veja o esquema.



### ADJUNTO ADVERBIAL

Você já estudou os advérbios. Em uma sentença, a função sintática dessa classe de palavras é a de adjunto adverbial, que modifica a circunstância de um verbo, de um adjetivo, de outro advérbio e, às vezes, de uma sentença inteira. Leia o trecho da notícia a seguir.

## Festa do Livro da USP terá a presença de 225 editoras

[...] Se os brasileiros estão lendo **mais**, a tendência é que a 23ª Festa do Livro da USP seja uma grande celebração para os milhares de participantes previstos, que terão à disposição livros de 225 editoras com no mínimo 50% de desconto. Promovida pela Editora da USP (Edusp), a Festa do Livro da USP começa às **9 horas do dia 8 de novembro, segunda-feira, e termina no dia 15** [...].

ALVES, Juliana. *Jornal da USP*, 5 nov. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/festa-do-livro-da-usp-tera-a-presenca-de-225-editoras/>. Acesso em: 12 abr. 2023.

No trecho, as expressões “mais”, “às 9 horas do dia 8 de novembro, segunda-feira” e “no dia 15” são adjuntos adverbiais que estão atuando com os verbos “ler”, “começar” e “terminar”, respectivamente, demarcando intensidade, no primeiro caso, e tempo, no segundo e no terceiro. Os adjuntos adverbiais são termos que não são obrigatórios em uma

sentença, mas, se eles aparecem, contribuem com informações significativas para o entendimento do enunciado. Eles são classificados conforme a modificação que aportam aos verbos. Nos contextos reais de uso da língua, os adjuntos adverbiais podem apresentar valores semânticos diversos.

Vejamos alguns exemplos.

Classificação dos adjuntos adverbiais e exemplos	
Lugar	Venha <b>aqui</b> comigo.
Afirmação	<b>Certamente</b> iremos viajar nas férias.
Negação	<b>Nunca</b> diga que <b>não</b> conseguirá.
Dúvida	<b>Talvez</b> ela falte amanhã.
Tempo	O <i>shopping</i> será fechado <b>às oito da noite</b> .
Modo	Ele se aproximou de mim <b>rapidamente</b> .
Intensidade	Estudei <b>demais</b> para a prova.
Ordem	<b>Primeiramente</b> , sente-se!
Exclusão	Fale <b>somente</b> o necessário.

Note, nos exemplos, que o adjunto adverbial pode aparecer no início, no meio ou no final da sentença. Na língua portuguesa, considera-se ordem direta: sujeito + verbo + complemento (se houver) + adjunto adverbial (se houver).

## Revisando

- UTFPR** Assinale a alternativa em que há oração sem sujeito.
  - Esperanças haverá sempre.
  - Ninguém trovejou de tanta raiva quanto eu.
  - Haveria desejado ele tudo isso?
  - Alguém havia aberto a porta.
  - Choveu papel picado nas ruas de Curitiba.
- UFC-CE 2015** Assinale a alternativa em que o predicado é nominal.
  - Eu fico sem jeito.
  - Defendo o mal-estar.
  - A convenção reencena-se.
  - Os anos não acabam mais.
  - Amores terminam sozinhos.
- Leia o soneto de Olavo Bilac para responder à questão.

### Em uma tarde de outono

Outono. Em frente ao mar. Escancaro as janelas  
Sobre o jardim calado, e as águas miro, absorto.  
Outono... Rodopiando, as folhas amarelas  
Rolam, caem. Viuvez, velhice, desconforto...

Por que, belo navio, ao clarão das estrelas,  
Visitaste este mar inabitado e morto,  
Se logo, ao vir do vento, abriste ao vento as velas,  
Se logo, ao vir da luz, abandonaste o porto?

A água cantou. Rodeava, aos beijos, os teus flancos  
A espuma, desmanhada em riso e flocos brancos...  
Mas chegaste com a noite, e fugiste com o sol!

E eu olho o céu deserto, e vejo o oceano triste,  
E contemplo o lugar por onde te sumiste,  
Banhado no clarão nascente do arrebol...

BILAC, Olavo. *Alma inquieta*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000285.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000285.pdf). Acesso em: 19 abr. 2023.



No contexto do soneto, assinale a alternativa **incorreta**.

- a) Os verbos “escancarar” e “miro” (1ª estrofe) são transitivos diretos.
- b) Os verbos “rodopiando”, “rolam” e “caem” (1ª estrofe) são transitivos indiretos.
- c) O verbo “abriste” (2ª estrofe) é transitivo direto e indireto.
- d) Os verbos “chegaste” e “fugiste” (3ª estrofe) são transitivos indiretos.

4. **Ufam/PSC 2021** Leia o texto a seguir, início de uma crônica intitulada “Ano-Novo”, de Luís Fernando Veríssimo (do livro *Orgias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p. 95):

Existem muitas superstições sobre a melhor maneira de entrar o Ano-Novo. Na nossa casa, por exemplo, nunca falta um prato de lentilha quente para ser consumido nos primeiros minutos do ano que começa. Dá sorte. Ouvi dizer que na Espanha, ao soar a meia-noite, deve-se comer uma uva para cada badalada do relógio. Este costume chegou à Bulgária mas, por uma falha na tradução, lá se come um melão para cada batida do relógio, e os hospitais ficam cheios no dia 1º. Na Suíça, comem o relógio.

Observe agora as seguintes orações:

- I. “Na Suíça, comem o relógio”.
- II. “Na nossa casa, nunca falta um prato de lentilha quente”.
- III. “Ouvi dizer que na Espanha”.
- IV. “Deve-se comer uma uva para cada badalada do relógio”.

Os sujeitos das orações reproduzidas são, respectivamente:

- a) I: indeterminado; II: inexistente; III: oculto; IV: indeterminado.
- b) I: oculto; II: simples; III: oculto; IV: indeterminado.
- c) I: indeterminado; II: simples; III: oculto; IV: simples.
- d) I: oculto; II: indeterminado; III: simples; IV: indeterminado.
- e) I: indeterminado; II: inexistente; III: simples; IV: simples.

5. Leia o cartaz.



O verbo “diga”, em suas duas ocorrências, é transitivo direto e indireto. A proposição é verdadeira ou falsa? Justifique.

6. **Unifesp 2023** Leia o poema de Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, também conhecida como Marquesa de Alorna, para responder à questão.

Retratar a tristeza em vão procura  
Quem na vida um só pesar não sente,  
Porque sempre vestígios de contente  
Hão-de apar’cer por baixo da pintura:

Porém eu, infeliz, que a desventura  
O mínimo prazer me não consente,  
Em dizendo o que sinto, a mim somente,  
Parece que compete esta figura.

Sinto o bárbaro efeito das mudanças,  
Dos prazeres o mais cruel pesar,  
Sinto do que perdi tristes lembranças;

Condenam-me a chorar, e a não chorar,  
Sinto a perda total das esperanças,  
E sinto-me morrer sem acabar.

(Marquesa de Alorna. *Sonetos*, 2007.)

Os sujeitos dos verbos “procura” e “sente” (ambos na 1ª estrofe) são, respectivamente,

- a) “Retratar a tristeza” e “Quem”.
- b) “Retratar a tristeza” e “um só pesar”.
- c) “em vão” e “um só pesar”.
- d) “Quem na vida um só pesar não sente” e “um só pesar”.
- e) “Quem na vida um só pesar não sente” e “Quem”.

7. Leia a manchete a seguir.

### Última novela de Gilberto Braga foi engavetada pela Globo

CAPUANO, Amanda. *Veja*, 27 out. 2021.

No título da notícia, há a presença de agente da passiva. Identifique-o e, na sequência, transcreva a sentença na voz ativa.

8. **EEAR-SP 2023** Assinale a alternativa que **não** contém predicado verbo-nominal.
- a) “Alegres tangem os sinos convidando à prece os fiéis.” (Carlos de Laet)
  - b) “Já podeis, da Pátria filhos, ver contente a mãe gentil.” (Evaristo da Veiga)
  - c) “No silêncio tilintavam os chocalhos dum rebanho de cabras.” (Eça de Queirós)
  - d) “Há veludos de embaúba nessas redes dos teus olhos / que convidam preguiçosos a gente para o descanso.” (Ascenso Ferreira)
9. **Uema** Em qual das alternativas existe oração sem sujeito?
- a) Houveram-se bem nos estudos.
  - b) Havia sido aprovado com distinção.
  - c) Fazia móveis em casa.
  - d) Bateu quatro horas o relógio.
  - e) Fazia horas que procuravam uma sombra.



6. **FCMSCSP 2023** Leia a crônica “A insônia dos justos”, de Moacyr Scliar, para responder à questão.

Desde aquela história de Jó contada no Antigo Testamento, Deus e o Diabo não apostavam sobre os seres humanos, com o que a eternidade já estava ficando meio monótona. O Maligno resolveu, então, provocar o Senhor: que tal uma nova aposta? Deus, na sua infinita paciência, topou.

Dessa vez, contudo, o Diabo estava decidido a não perder. Para começar, escolheu cuidadosamente o lugar onde procuraria sua vítima: um país chamado Brasil no qual, segundo seus assessores ministeriais, a diferença entre pobres e ricos chegava ao nível da obscenidade. Os mesmos assessores tinham sugerido que se concentrasse em aposentados, pessoas que sabidamente ganham pouco.

O Diabo pôs-se em ação. Foi-lhe fácil induzir um erro no sistema de pagamento de aposentadorias, com o qual um aposentado recebeu, de uma só vez, mais de R\$ 6 milhões. E aí tanto o céu como o inferno pararam: anjos, santos e demônios, todos queriam ver o que o homem faria com o dinheiro. O Diabo, naturalmente, esperava que ele se entregasse a uma vida de deboches: festas espantosas, passeios em iates luxuosos, rios de champanhe fluindo diariamente.

Não foi nada disto que aconteceu. Ao constatar a existência do depósito milionário, o aposentado simplesmente devolveu o dinheiro. Eu não conseguiria dormir, disse, à guisa de explicação.

O Diabo ficou indignado com o que lhe parecia uma extrema burrice. Mas então teve a ideia de verificar o quanto o homem recebia de aposentadoria por mês: menos de R\$ 600. Deu-se conta então de seu erro: a desproporção entre a quantia e os R\$ 6 milhões da tentação tinha sido grande demais.

Mas o Diabo aprendeu a lição. Pretende desafiar de novo o Senhor. Desta vez, porém, escolherá um milionário, alguém familiarizado com o excesso de grana. Ou então um pobre. Mas neste acaso fornecerá, além de muito dinheiro, um frasco de pílulas para dormir. A insônia dos justos tira o sono de qualquer diabo.

(O imaginário cotidiano, 2002.)

- a) Transcreva duas frases da crônica em que se notam tanto a voz do narrador quanto a voz de um dos personagens.
- b) Identifique os sujeitos dos verbos sublinhados no segundo e no terceiro parágrafos.
7. **Fuvest-SP 2016** Mito, na acepção aqui empregada, não significa mentira, falsidade ou mistificação. Tomo de empréstimo a formulação de Hans Blumenberg do mito político como um processo contínuo de trabalho de uma narrativa que responde a uma necessidade prática de uma sociedade em determinado período. Narrativa simbólica que é, o mito político coloca em suspenso o problema da verdade. Seu discurso não pretende ter validade factual, mas também não pode ser percebido como mentira (do contrário, não seria mito). O mito político confere um sentido às circunstâncias que envolvem os indivíduos: ao fazê-los ver sua condição presente como parte de uma história em curso, ajuda a compreender e suportar o mundo em que vivem.

ENGELKE, Antonio. O anjo redentor. *Piauí*, ago. 2018, ed. 143, p. 24.

Sobre o sujeito da oração “em que vivem” (L. 14), é correto afirmar:

- a) Expressa indeterminação, cabendo ao leitor deduzir a quem se refere a ação verbal.
- b) Está oculto e visa evitar a repetição da palavra “circunstâncias” (L. 11).
- c) É uma função sintática preenchida pelo pronome “que” (L. 14).
- d) É indeterminado, tendo em vista que não é possível identificar a quem se refere a ação verbal.
- e) Está oculto e seu referente é o mesmo do pronome “os” em “fazê-los” (L. 12).
8. **UEPG-PR** Só num caso a oração é sem sujeito. Assinale-a.
- a) Faltavam três dias para o batismo.
- b) Houve por improcedente a reclamação do aluno.
- c) Só me resta uma esperança.
- d) Havia tempo suficiente para as comemorações.
- e) N.d.a.
9. **FCMSCSP 2023** Leia o soneto de Luís de Camões.

Qual tem a borboleta por costume,  
que, enlevada<sup>1</sup> na luz da acesa vela,  
dando vai voltas mil, até que nela  
se queima agora, agora se consome,

tal eu correndo vou ao vivo lume  
desses olhos gentis, Aónia bela;  
e abraço-me, por mais que com cautela  
livrar-me a parte racional presume.

Conheço o muito a que se atreve a vista,  
o quanto se levanta o pensamento,  
o como vou morrendo claramente;

porém, não quer Amor que lhe resista,  
nem a minha alma o quer; que em tal tormento,  
qual em glória maior, está contente.

(Luís de Camões. *Sonetos*, 1942.)

<sup>1</sup>enlevada: atraída, fascinada.

No soneto, o eu lírico dirige-se, mediante vocativo,

- a) à vela. d) a Aónia.
- b) a Amor. e) à própria alma.
- c) à borboleta.
10. Observe a capa da *Revista Superinteressante*, edição 78, publicada em março de 1994.



Reprodução

Na manchete “O clima está louco”, o predicado se classifica como:

- verbal, por conter verbo transitivo direto e indireto.
- nominal, por conter verbo transitivo direto e indireto.
- verbal, por conter verbo de ligação.
- verbal, por conter verbo transitivo indireto.
- nominal, por conter verbo de ligação.

11. Augusto Cury, professor e escritor brasileiro, é autor de dezenas de livros, os quais venderam 25 milhões de cópias apenas no Brasil, além de serem publicados em mais de 70 países. Observe o título a seguir:



Agora, responda: qual tipo de predicado pode ser encontrado no título desse livro? Explique o seu uso.

12. Leia os trechos retirados do conto “A honra passada a limpo”, de Marina Colasanti:

[...]

Todos os dias boto a mesa, tiro a mesa.

[...]

Sou caprichosa, eu sei.

[...]

COLASANTI, Marina. A honra passada a limpo. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 187.

Os predicados dos enunciados são classificados, respectivamente, como:

- verbal – verbal – nominal – verbo-nominal.
- nominal – verbo-nominal – verbal – verbal.
- nominal – verbal – verbal – verbo-nominal.
- verbo-nominal – verbal – verbal – nominal.
- verbal – verbal – nominal – verbal.

13. Examine a charge a seguir:



Nos trechos “não levamos picanha, fraldinha e costela” e “é melhor levamos ouro, incenso e mirra”, temos, respectivamente, os seguintes predicados:

- nominal e nominal.
- nominal e verbal.
- verbal e verbal.
- verbal e verbo-nominal.
- verbo-nominal e verbal.

14. Leia o texto a seguir.

[...]

Maradona morreu sozinho e abandonado.

Estava extremamente agressivo nas últimas semanas.

A sua alta do hospital em que foi submetido à uma cirurgia na cabeça, gerou muita confusão.

Os médicos que fizeram a cirurgia queriam que ele continuasse o tratamento em uma clínica.

Leopoldo Luque fez questão que ele fosse para uma casa em Tigre.

Profissionais da saúde foram contratados para cuidar de Diego. Agora Luque acusa estes profissionais de negligência. [...]

MIRANDA, Vladimir. Triste fim de Diego Armando Maradona. *Terceiro Tempo*, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/noticias/triste-fim-de-diego-armando-maradona-por-wladimir-miranda>.

Acesso em: 20 abr. 2023. (Adapt.).

É um exemplo de predicado verbo-nominal:

- Leopoldo Luque fez questão [...].
- Maradona morreu sozinho e abandonado.
- Luque acusa estes profissionais de negligência.
- [...] ele continuasse o tratamento em uma clínica.

15. UFU-MG

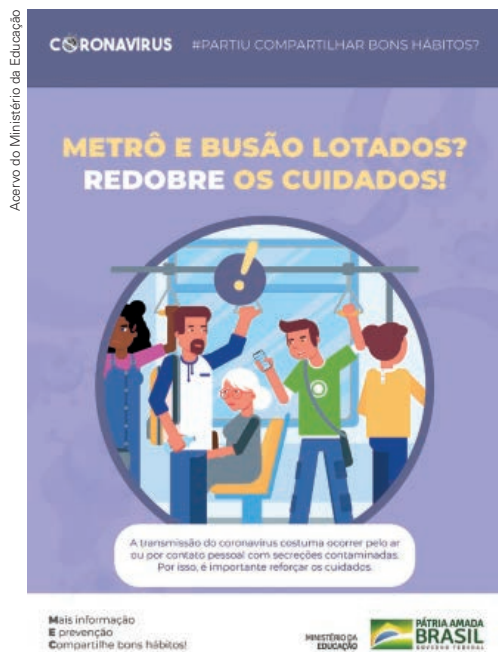
“O sol entra cada dia mais tarde, pálido, fraco, oblíquo.”  
“O sol brilhou um pouquinho pela manhã.”

Pela ordem, os predicados das orações acima classificam-se como:

- nominal e verbo-nominal.
- verbal e nominal.
- verbal e verbo-nominal.
- verbo-nominal e nominal.
- verbo-nominal e verbal.



16.



O predicado do enunciado “Redobre os cuidados” é classificado como:

- verbal.
- nominal.
- verbo-nominal.
- composto.

17. Leia o texto a seguir.

A equipe de fiscais da Prefeitura do Rio de Janeiro se encontrou no 3º Batalhão da PM, na Zona Norte do Rio de Janeiro, pouco antes das oito da noite. **Eram** vigilantes sanitários, guardas municipais e policiais militares escalados para o trabalho daquela sexta-feira, 19 de março, na região do Méier e redondezas. **Bateram** papo, fumaram cigarros e saíram uma hora depois, formando um comboio. Ao todo, eram quinze pessoas, todas de máscara, em seis carros, numa operação que se repete diariamente em vários pontos da cidade, para conferir se restaurantes e bares **cumprem** o decreto municipal que ordena o fechamento do comércio às nove da noite. A regra, em vigor desde 12 de março, é mais branda que a anterior, quando restaurantes e bares não podiam funcionar depois das cinco da tarde. O afrouxamento coincidiu com a piora da pandemia no Rio e no país inteiro.

MAZZA, Luigi. Aqui fechou, pra onde a gente vai agora?. *Piauí*, 22 mar. 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/aqui-fechou-pra-onde-gente-vai-agora/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

De acordo com a transitividade verbal, no texto, os verbos destacados são, respectivamente:

- verbo de ligação – verbo transitivo indireto – verbo de ligação.
- verbo de ligação – verbo transitivo direto – verbo transitivo direto.
- verbo de ligação – verbo transitivo indireto – verbo transitivo direto.
- verbo transitivo direto – verbo transitivo direto – verbo transitivo indireto.

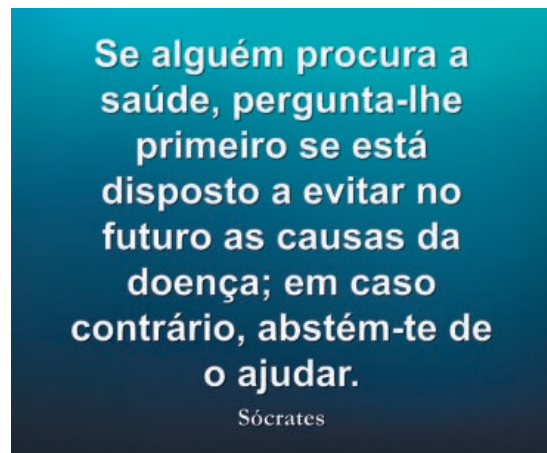
18. **Uece** Em “Cuspi no chão com um nojo desgraçado daquele sangue...”, o verbo cuspir é:

- intransitivo.
- transitivo direto.
- transitivo direto e indireto.
- transitivo indireto.

19. **FCMSCSP** Observe as seguintes frases:

- Pedro pagou os tomates.
  - Pedro pagou os feirantes.
  - Pedro pagou os tomates ao feirante.
- Estão corretas apenas a I e a II, pois o verbo PAGAR é transitivo direto.
  - A II está errada, porque, quando PAGAR tem por objeto um nome de pessoa é transitivo indireto (o certo seria “ao feirante”).
  - Apenas a I está correta.
  - A frase II é a única correta e PAGAR é transitivo direto nesta frase.
  - Todas as frases estão construídas conforme as regras de regência do verbo PAGAR.

20. Leia, a seguir, a citação de Sócrates, na qual o filósofo faz uma reflexão sobre o tema saúde.



No enunciado, o verbo “procurar” apresenta a seguinte transitividade verbal:

- intransitivo.
- transitivo direto.
- transitivo indireto.
- verbo de ligação.
- verbo transitivo direto e indireto.

21. Leia o texto a seguir.

Vamos aos fatos que comprovem que o poder da escolha está nas nossas mãos (mesmo que de forma inconsciente). Quando um relacionamento acaba, por exemplo, procuramos motivos que nos convençam de que o erro foi do outro. Procuramos justificativas, culpamos o outro por tudo e nos colocamos no papel de vítima para que o cérebro emita a seguinte mensagem “você fez de tudo e a culpa não é sua”.

CAMOCARDI, Pamela. Que tipo de relacionamento você tem atraído para a sua vida?. *A soma de todos os afetos*, 18 jul. 2020. Disponível em: <https://www.asomadetodosafetos.com/2020/07/que-tipo-de-relacionamento-voce-tem-atraido-para-a-sua-vida.html>. Acesso em: 20 abr. 2023.

Quanto à transitividade verbal, nos enunciados “procuramos motivos”, “culpamos o outro” e “emita a seguinte mensagem”, temos, respectivamente:

- a) verbo de ligação, verbo transitivo direto e verbo transitivo direto.
- b) verbo transitivo direto, verbo transitivo indireto, verbo transitivo indireto.
- c) verbo transitivo indireto, verbo intransitivo, verbo transitivo direto.
- d) verbo transitivo direto, verbo transitivo direto, verbo transitivo direto.

**22. FMABC-SP 2022** Leia a crônica “Enquanto os mineiros jogavam”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde; o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção.

Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do center-half investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação.

Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de visão, deixa-me frio e silencioso.

Os meus patrícios, porém, rasgaram-se anteontem de gozo, imaginando os tiros de Nariz, e sentiram na espinha o frio clássico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se no joelho, deixara o combate. Alguns pensaram em comprar iodo para o herói e outros gritavam para Carazzo que não chutasse fora. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: “O senhor está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada.” Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fugi.

(Carlos Drummond de Andrade. Quando é dia de futebol, 2014.)

“Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada” (5º parágrafo) Ao se transpor o trecho para a voz passiva sintética, a locução verbal sublinhada assume a seguinte forma:

- a) marcou.
- b) marcaria.
- c) se marcou.
- d) seria marcada.
- e) se marcaria.

**23. Fuvest-SP 2020** Leia o trecho extraído de uma notícia veiculada na internet:

“O carro furou o pneu e bateu no meio fio, então eles foram obrigados a parar. O refém conseguiu acionar a população, que depois pegou dois dos três indivíduos e tentaram linchar eles. O outro conseguiu fugir, mas foi preso momentos depois por uma viatura do 5º BPM”, afirmou o major.

Disponível em: <https://www.gp1.com.br/>.

No português do Brasil, a função sintática do sujeito não possui, necessariamente, uma natureza de agente, ainda que o verbo esteja na voz ativa, tal como encontrado em:

- a) “O carro furou o pneu”.
- b) “e bateu no meio fio”.
- c) “O refém conseguiu acionar a população”.
- d) “tentaram linchar eles”.
- e) “afirmou o major”.

**24. Unip-SP 2023** Leia o soneto “O caminho do morro”, do poeta parnasiano Alberto de Oliveira.

Guiava à casa do morro, em voltas, o caminho,  
Até lhe ir esbarrar com as orlas do terreno;  
Dava-lhe o doce ingá<sup>1</sup>, rachado ao sol, o cheiro,  
E um rumor de maré o cafezal vizinho.

Quanta vez o subi, buscando a um guaxe<sup>2</sup> o ninho,  
Ou, saltando, o descí com o regato ligeiro,  
Para voar num balanço, embaixo, o dia inteiro,  
E ver girar, zonzando, as asas de um moinho!

De setembro até março uma colcha de flores  
Tapetava-o. Reluz-lhe em poças de água o céu;  
Das folhas sobre o saibro os orvalhos escorrem...

Mas morreram na casa, em cima, os moradores,  
Morreu, caindo, a casa, o moinho morreu,  
O caminho morreu... Até os caminhos morrem!

(Sânzio de Azevedo (org.). Parnasianismo, 2006.)

<sup>1</sup>ingá: uma fruta.

<sup>2</sup>guaxe: uma espécie de ave.

O núcleo do sujeito do verbo sublinhado na primeira estrofe é

- a) “terreiro”.
- b) “caminho”.
- c) “ingá”.
- d) “morro”.
- e) “cheiro”.

**25. EEAR-SP 2022** Assinale a alternativa incorreta quanto à classificação da voz verbal.

- a) O público e o palestrante saudaram-se friamente no início do evento. (voz reflexiva)
- b) O público presente havia aplaudido friamente o palestrante no início do evento. (voz passiva)
- c) A saudação do palestrante foi friamente recebida pelo público presente no início do evento. (voz passiva)
- d) O público presente tinha respondido friamente à saudação do palestrante no início do evento. (voz ativa)

**26. FMC-RJ 2022**

### O diagnóstico e a terapêutica

Eduardo Galeano

O amor é uma das doenças mais bravas e contagiosas. Qualquer um reconhece os doentes dessa doença. Fundas olheiras delatam que jamais dormimos, despertos noite após noite pelos abraços, ou pela ausência de abraços, e padecemos febres devastadoras e sentimos uma irresistível necessidade de dizer estupidezes.

O amor pode ser provocado deixando cair um punhadinho de pó-de-me-ame, como por descuido, no café ou na sopa ou na bebida. Pode ser provocado, mas não pode impedir. Não o impede nem a água benta, nem o pó de hóstia; tampouco o dente de alho, que nesse caso não serve para nada. O amor é surdo frente ao Verbo divino e ao esconjuro das bruxas. Não há decreto de governo que possa com ele, nem poção capaz de evitá-lo, embora as vivandeiras apregoem, nos mercados, infalíveis beberagens com garantia e tudo.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. 15. ed. Porto Alegre: LP&M, 2021. p. 91

De acordo com a norma culta, na voz passiva sintética, a oração sublinhada em “O amor pode ser provocado deixando cair um punhadinho de pó-de-me-ame, ...” (Linhas 7-8) teria a seguinte estrutura:

- a) Seja provocado o amor deixando cair um punhadinho de pó-de-me-ame.
- b) Esteja provocado o amor deixando cair um punhadinho de pó-de-me-ame.
- c) Provoque-se o amor deixando cair um punhadinho de pó-de-me-ame.
- d) Pode-se provocar o amor deixando cair um punhadinho de pó-de-me-ame.
- e) Poder-se-ia provocar o amor deixando cair um punhadinho de pó-de-me-ame.

 Texto para as questões de **27 a 30**.

Era uma tarde. Tomei o metrô. Estava lotado. Não havia lugares. Segurei-me num balaústre. Eu tinha planejado ler durante a viagem, mas naquela posição isso não era possível. Guardei meu livro e me entreguei a um outro tipo de literatura: a leitura dos rostos... Rostos são objetos oníricos. Cada um deles revela e esconde um sonho de amor. Os meus olhos iam de rosto a rosto,

tentando adivinhar o que morava naqueles silêncios: “os corpos naqueles bancos, as almas por longes terras...”.

**10** Minha imaginação fantasiava as terras por onde andavam aqueles corpos assentados. E assim eu ia, passando rostos como se fossem páginas de um livro.

Mas de repente minha leitura foi interrompida. Ao passar de um rosto para outro, meus olhos se encontraram com olhos que faziam comigo o que eu estava fazendo com os outros: eles me liam. Era uma jovem. **15** Nossos olhares se encontraram e seu olhar não se desviou. O que é raro. Quando olhos desconhecidos se encontram, eles procuram se defender por meio de um movimento automático: o olhar se desvia. O olhar silencioso do desconhecido é sempre sinistro. Mas os olhos dela não tiveram medo. E chegaram mesmo a sorrir discretamente.

[...] Foi então que ela falou. Não disse coisa alguma.

**25** Fez um gesto que dispensava palavras. Simplesmente levantou-se e ofereceu o seu lugar... E a bolha mágica de felicidade em que eu me encontrava estourou, pelo toque de um gesto de gentileza...

Miserável gentileza! Eu teria preferido uma grosseria!

**30** De fato, a imagem que ela via era bela. Mais que bela: era terna. Gostara de mim. Seu gesto era uma declaração de amor, quase um abraço. Mas a beleza que ela vira não era a beleza que eu desejava. Ela me amara por uma beleza que não era aquela que meu desejo queria ver. Seu gesto gentil destruiu a bela cena que minha fantasia pintara para colocar no seu lugar uma outra, também bela, mas de uma beleza diferente: uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo, primavera e outono.

**40** [...] E foi assim que começou o meu “caso de amor” com a velhice, com o rigor de um silogismo. Primeira premissa: eu sou velho; o gesto da moça do metrô o atesta. Segunda premissa: a velhice é a tarde imóvel, banhada por uma luz antiquíssima; a metáfora poética **45** assim o declara. Terceira premissa: essa tarde imóvel me encanta, é bela. [...]

ALVES, Rubem. *As cores do crepúsculo*. A estética do envelhecer. São Paulo: Papirus, 2014, p. 18-25.

**27. UFC-CE 2016** Analisando-se as quatro primeiras orações do texto, é correto afirmar que:

- a) há dois complementos verbais diretos.
- b) o predicado é verbal em três das orações.
- c) duas das orações possuem verbo intransitivo.
- d) em apenas duas delas o sujeito está posposto.
- e) todas possuem sujeito simples e determinado.

**28. UFC-CE 2016** Sobre a ordem dos nomes em: “uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo, primavera e outono” (linhas 38-39), é correto afirmar que:

- a) tem relação direta com a referência nominal.
- b) é rigidamente determinada pela sintaxe da frase.
- c) evita aproximação de sons desagradáveis ao ouvido.
- d) constitui recurso estilístico de gradação decrescente.
- e) poderia ser alterada livremente sem prejuízo significativo.

29. **UFC-CE 2016** A forma verbal destacada em “Minha imaginação fantasiava as terras por onde andavam aqueles corpos assentados” (linhas 10-11) está na terceira pessoa do plural, porque:
- é verbo intransitivo e impessoal.
  - o núcleo do sujeito é “corpos” (linha 11).
  - o sujeito composto está posposto ao verbo.
  - refere-se genericamente a “almas” (linha 9).
  - o antecedente “terras” (linha 10) está no plural.
30. **UFC-CE 2016** Assinale a alternativa em que o termo sublinhado exerce função de núcleo do sujeito.
- Não havia lugares. (linhas 1-2).
  - como se fossem páginas de um livro. (linha 12).
  - Não disse coisa alguma. (linha 24).
  - que minha fantasia pintara (linha 36).
  - começou o meu “caso de amor” com a velhice (linhas 40-41).



Texto para as questões 31 e 32.

### Pá, pá, pá

A americana estava há pouco tempo no Brasil. Queria aprender o português depressa, por isto prestava muita atenção em tudo que os outros diziam. [...]

Achava curioso, por exemplo, o “pois é”. Volta e meia,

- 5 quando falava com brasileiros, ouvia o “pois é”. Era uma maneira tipicamente brasileira de não ficar quieto e ao mesmo tempo não dizer nada. Quando não sabia o que dizer, ou sabia mas tinha preguiça, o brasileiro dizia “pois é”. Ela não aguentava mais o “pois é”.
- 10 [...] Mas o que ela não entendia mesmo era o “pá, pá, pá”.
- Qual o significado exato de “pá, pá, pá”?
- [...] — Onde foi que você ouviu isso?
- É a coisa que eu mais ouço. Quando brasileiro
- 15 começa a contar história, sempre entra o “pá, pá, pá”.
- Como que para ilustrar nossa conversa, chegou-se a nós, providencialmente, outro brasileiro. E um brasileiro com história:
- Eu estava ali agora mesmo, tomando um cafezinho,
- 20 quando chega o Túlio. Conversa vai, conversa vem e coisa e tal e pá, pá, pá...
- Eu e a americana nos entreolhamos.
- Funciona como reticências — sugeri eu. — Significa, na verdade, três pontinhos. “Ponto, ponto, ponto.”
- 25 — Mas por que “pá” e não “pó”? Ou “pi” ou “pu”? Ou “etcetera”?
- Me controlei para não dizer — “E o problema dos negros nos Estados Unidos?”.
- Ela continuou:
- 30 — E por que tem que ser três vezes?
- Por causa do ritmo. “Pá, pá, pá.” Só “pá, pá” não dá.
- E por que “pá”?
- Porque sei lá — disse, didaticamente.
- O outro continuava sua história. História de brasileiro
- 35 não se interrompe facilmente.
- E aí o Túlio veio com uma lengalenga que vou te contar. Porque pá, pá, pá...
- É uma expressão utilitária — intervi. — Substitui várias palavras por apenas três. [...] São palavras que...

- 40 — Mas não são palavras. São só barulhos. “Pá, pá, pá.” — Pois é — disse eu.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada*: 101 crônicas escolhidas. 15. ed. Porto Alegre: L&PM, 1995, p. 199-201.

31. **UFC-CE** No enunciado “Volta e meia, quando falava com brasileiros, ouvia o ‘pois é’” (linhas 4-5), a expressão destacada é classificada como adjunto adverbial de:
- tempo, e equivale a “às vezes”.
  - tempo, e equivale a “raramente”.
  - modo, e equivale a “raramente”.
  - intensidade, e equivale a “às vezes”.
  - intensidade, e equivale a “muitas vezes”.

32. **UFC-CE** Releia o enunciado a seguir (transcrito do texto) e a reescrita sugerida:

- “A americana estava há pouco tempo no Brasil. Queria aprender o português depressa, por isto prestava muita atenção em tudo que os outros diziam”. (linhas 1-3)
- “A americana estava há pouco tempo no Brasil. Queria aprender o português depressa, por isto prestava muita atenção em tudo que diziam”.

Sobre o sujeito de “diziam”, o enunciado II, em relação ao enunciado I:

- mantém a classificação de sujeito simples, mas modifica o sentido de referência, específica para inespecífica.
  - modifica a classificação, de simples para indeterminado, mas mantém o sentido de referência inespecífica.
  - modifica a classificação, de composto para oculto, mas mantém o sentido de referência específica.
  - modifica a classificação, de simples para oculto, mas mantém o sentido de referência específica.
  - mantém a classificação de sujeito indeterminado e mantém o sentido de referência inespecífica.
33. **FCMMG 2022** Leia o texto a seguir.

### BUSCA DA PERFEIÇÃO PELOS ATLETAS DE ALTO NÍVEL ME LEMBRA “O MITO DE SÍSIFO”

A excepcional ginasta Simone Biles, ao desistir das competições por equipes e das finais individuais, nas quais era favorita, conseguiu sua grande vitória no esporte. Ela expôs, com sobriedade, clareza e coragem, suas fraquezas, ao dizer que não suportava mais a pressão para ganhar a medalha de ouro e que já estava assim há vários anos. Além do sofrimento emocional, Simone falou que a queda no salto, durante as eliminatórias, foi resultante da falta de simetria entre a mente e o corpo. Simone humanizou as Olimpíadas. A decisão da ginasta abre um importante debate sobre os problemas emocionais dos atletas de alto rendimento. O fato é também importante para enfatizar a necessidade da presença rotineira de profissionais de psicologia no acompanhamento de atletas. Os campeões, com prazer e, às vezes, sofrimento mental, buscam a perfeição, que não existe. Quanto mais o atleta treina, mais brilha, mais evolui e mais ele tenta chegar a um limite



técnico inalcançável. Isso me lembra “O Mito de Sísifo”, obra do genial Albert Camus, que conta a absurda tarefa humana, em que uma pessoa tenta carregar uma enorme pedra até o pico de uma montanha, sem conseguir. A pedra volta, e ele tenta, ininterruptamente, o impossível, até a eternidade.

## CORRER E SONHAR

Era a véspera da disputa pela medalha de ouro na prova de maratona entre mulheres. Joana era a esperança brasileira. Antes de dormir, lembrou-se de sua infância pobre no interior. Era conhecida como a menina que corria. Na adolescência, Joana foi para a capital, onde começou a treinar. Ganhou várias competições e chegou à Olimpíada de Tóquio. Joana demorou para dormir. Adormeceu e sonhou que, na hora da largada, seus pés estavam colados ao chão. Não saía do lugar. Foi eliminada. Acordou aliviada e percebeu que era um sonho. Pensou que deveria ser o medo de fracassar. Sentiu-se mais forte e mais resistente. Correu como nunca e ganhou, com facilidade, a medalha de ouro. Após a comemoração, junto com outros atletas, Joana foi para o quarto, telefonou para os familiares, chorou abraçada à medalha, dormiu e sonhou com o ouro em Paris, em 2024. Depois disso, poderia parar de correr e fazer outras coisas que sonhava. A vida continuava.

TOSTÃO. Folha de São Paulo, 01/08/2021. (Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2021/07/busca-da-perfeicao>. Acesso em 01/10/2021.)

Assinale a alternativa CORRETA que apresenta alteração de sentido e de função sintática ao se deslocar o termo destacado.

- “Além do sofrimento emocional, Simone falou que a queda no salto, **durante as eliminatórias**, foi resultante da falta de simetria entre a mente e o corpo.” Além do sofrimento emocional, Simone falou que, **durante as eliminatórias**, a queda no salto foi resultante da falta de simetria entre a mente e o corpo.
- “Ela expôs, **com sobriedade, clareza e coragem**, suas fraquezas, ao dizer que não suportava mais a pressão para ganhar a medalha de ouro...” Ela expôs suas fraquezas **com sobriedade, clareza e coragem**, ao dizer que não suportava mais a pressão para ganhar a medalha de ouro...
- “O fato é também importante para enfatizar a necessidade da presença rotineira de profissionais de psicologia **no acompanhamento de atletas**.” O fato é também importante para enfatizar, **no acompanhamento de atletas**, a necessidade da presença rotineira de profissionais de psicologia.
- “A pedra volta, e ele tenta, **ininterruptamente**, o impossível, até a eternidade.” A pedra volta, e ele tenta o impossível, **ininterruptamente**, até a eternidade.

34. **Unesp 2022** Leia o artigo “Pó de pirlimpimpim”, do neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro.

Alcançar o aprendizado instantâneo é um desejo poderoso, pois o cérebro sem informação é pouco mais que estofado de macela<sup>1</sup>. Emília, a sabida boneca de Monteiro

Lobato, aprendeu a falar copiosamente após engolir uma pílula, adquirindo de supetão todo o vocabulário dos seres humanos ao seu redor. No filme *Matrix* (1999), a ingestão de uma pílula colorida faz o personagem Neo descobrir que todo o mundo em que sempre viveu não passa de uma simulação chamada *Matrix*, dentro da qual é possível programar qualquer coisa. Poucos instantes depois de se conectar a um computador, Neo desperta e profere estupefato: “*I know kung fu*”.

Entretanto, na *matrix* cerebral das pessoas de carne e osso, vale o dito popular: “Urubu, pra cantar, demora.” O aprendizado de comportamentos complexos é difícil e demorado, pois requer a alteração massiva de conexões neuronais. Há consenso hoje em dia de que o conteúdo dos nossos pensamentos deriva dos padrões de ativação de vastas redes neuronais, impossibilitando a aquisição instantânea de memórias intrincadas.

Mas nem sempre foi assim. Há meio século, experimentos realizados na Universidade de Michigan pareciam indicar que as planárias, vermes aquáticos passíveis de condicionamento clássico, eram capazes de adquirir, mesmo sem treinamento, associações estímulo-resposta por ingestão de um extrato de planárias já condicionadas. O resultado, aparentemente revolucionário, sugeria que os substratos materiais da memória são moléculas. Contudo, estudos posteriores demonstraram que a ingestão de planárias não condicionadas também acelerava o aprendizado, revelando um efeito hormonal genérico, independente do conteúdo das memórias presentes nas planárias ingeridas.

A ingestão de memórias é impossível porque elas são estados complexos de redes neuronais, não um quantum de significado como a pílula da Emília. Por outro lado, é sim possível acelerar a consolidação das memórias por meio da otimização de variáveis fisiológicas envolvidas no processo. Uma linha de pesquisa importante diz respeito ao sono, cujo benefício à consolidação de memórias já foi comprovado. Em 2006, pesquisadores alemães publicaram um estudo sobre os efeitos mnemônicos da estimulação cerebral com ondas lentas (0,75 Hz) aplicadas durante o sono por meio de um estimulador elétrico. Os resultados mostraram que a estimulação de baixa frequência é suficiente para melhorar o aprendizado de diferentes tarefas. Ao que parece, as oscilações lentas do sono são puro pó de pirlimpimpim.

(Sidarta Ribeiro. *Limiar: ciência e vida contemporânea*, 2020.)

Pode ser reescrito na voz passiva o seguinte trecho do artigo:

- “Há consenso hoje em dia de que o conteúdo dos nossos pensamentos deriva dos padrões de ativação de vastas redes neuronais” (2º parágrafo).
- “Uma linha de pesquisa importante diz respeito ao sono” (4º parágrafo).
- “A ingestão de memórias é impossível porque elas são estados complexos de redes neuronais” (4º parágrafo).
- “Em 2006, pesquisadores alemães publicaram um estudo sobre os efeitos mnemônicos da estimulação cerebral” (4º parágrafo).
- “Alcançar o aprendizado instantâneo é um desejo poderoso” (1º parágrafo).

**35. Unimar-SP** Classifique corretamente os termos integrantes destacados:

Mulher que **a dois** ama, **a ambos** engana.

- a) objeto direto preposicionado e objeto direto preposicionado.
- b) objeto indireto e objeto direto.
- c) objeto indireto pleonástico e complemento nominal.
- d) objeto direto e objeto direto preposicionado.
- e) objeto direto preposicionado e objeto indireto.

**36. Unesp 2022** Outro fantasma?... é verdade: outro fantasma. Já tardava. O Rio de Janeiro não pode passar muito tempo sem o seu lobisomem. Parece que tudo aqui concorre para nos impelir ao amor do sobrenatural [...]. Agora, já se não adormecem as crianças com histórias de fadas e de almas do outro mundo. Mas, ainda há menos de cinquenta anos, este era um povo de beatos [...]. [...] Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade. Inventar um fantasma é ainda um magnífico recurso para quem quer levar a bom termo qualquer grossa patifaria. As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando.

O novo espectro que nos aparece é o de Catumbi. Começou a surgir vagamente, sem espalhafato, pelo pacato bairro – como um fantasma de grande e louvável modéstia. E tão **esbatido**<sup>1</sup> passava o seu vulto na treva, tão sutilmente deslizava ao longo das casas adormecidas – que as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea. [...] O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas... Também, ninguém lhe falava – não por experiência, mas por medo. Porque, enfim, pode um homem ter nascido num século de luzes e de descrenças, e ter mamado o leite do liberalismo nos estafados seios da Revolução Francesa, e não acreditar nem em Deus nem no Diabo – e, apesar disso, sentir a voz presa na garganta, quando encontra na rua, a **desoras**<sup>2</sup>, uma **avantesma**<sup>3</sup> ...

Assim, um profundo mistério cercava a existência do lobisomem de Catumbi – quando começaram de aparecer vestígios assinalados de sua passagem, não já pelas ruas, mas pelo interior das casas. Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi, ou que os empregados do cemitério de S. Francisco de Paula tenham achado alguma sepultura vazia, ou que algum circunspecto pai de família, certa manhã, ao despertar, tenha dado pela falta... da própria alma. Nada disso. Os fenômenos eram outros. Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias... E a polícia, finalmente, adquiriu a convicção de que o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos, e dando-se à prática de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia.

Dizem as **folhas**<sup>4</sup> que a polícia, competentemente munida de **bentinhos**<sup>5</sup> e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma. Um jornal, dando conta da diligência, disse que o delegado achou dentro da casa sinistra – um velho **pardieiro**<sup>6</sup>

que fica no topo de uma ladeira íngreme – alguns objetos singulares que pareciam instrumentos “pertencentes a gatunos”. E acrescentou: “alguns morcegos esvoaçavam espavoridos, tentando apagar as velas acesas que os **sitiantes**<sup>7</sup> empunhavam”.

Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiário. No fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta... Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem há morcegos. Esses feios quirópteros, esses medonhos ratos alados, companheiros clássicos do terror noturno, já não aparecem pelo bairro civilizado de Catumbi. Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas... Ai dos fantasmas! e mal dos lobisomens! o seu tempo passou.

(Olavo Bilac. Melhores crônicas, 2005.)

<sup>1</sup>**esbatido**: de tom pálido.

<sup>2</sup>**a desoras**: muito tarde.

<sup>3</sup>**avantesma**: alma do outro mundo, fantasma, espectro.

<sup>4</sup>**folha**: periódico diário, jornal.

<sup>5</sup>**bentinho**: objeto de devoção contendo orações escritas.

<sup>6</sup>**pardieiro**: prédio velho ou arruinado.

<sup>7</sup>**sitiente**: policial.

A expressão sublinhada em “No fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta...” (5º parágrafo) exerce a mesma função sintática da expressão sublinhada em

- a) “Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiário.” (5º parágrafo)
- b) “Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade.” (1º parágrafo)
- c) “Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas...” (5º parágrafo)
- d) “Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias...” (3º parágrafo)
- e) “Dizem as folhas que a polícia, competentemente munida de bentinhos e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma.” (4º parágrafo)

**37. EEAR-SP 2023** Classifique sintaticamente os termos em destaque e assinale a alternativa com a sequência correta.

“Se você vier **me** perguntar por onde andei

No tempo em que você sonhava

De olhos abertos **lhe** direi

Amigo eu **me** desesperava” (Belchior)

- a) objeto indireto – objeto indireto – objeto direto
- b) objeto direto – objeto indireto – objeto indireto
- c) objeto indireto – objeto direto – objeto indireto
- d) objeto direto – objeto direto – objeto indireto

**38. EEAR-SP 2020** Identifique a alternativa em que não há sujeito simples.

- a) Dos doces da vovó Pedro gosta muito.
- b) Choveu muito durante o inverno.
- c) Eu não serei o algoz de mim mesmo.
- d) Nós temos muita pena de crianças abandonadas.

### 39. UEPG-PR 2022

#### Com modalidades inéditas, UEPG realiza a 66ª edição dos Jogos da Primavera

Na manhã de sexta-feira (24), iniciaram-se as competições da 66ª edição dos Jogos da Primavera (Jeps) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). As competições acontecem até 03 de outubro e contam com 13 modalidades. Organizados pela Coordenadoria de Esportes e Recreação (CDR), os Jeps são os jogos estudantis mais antigos do Brasil. De 24 de setembro a 03 de outubro, 1 077 atletas disputam as sete modalidades presenciais (badminton, corrida rústica, ciclismo, basquetebol, futsal, futebol society, tênis de mesa) e seis modalidades remotas (futebol, League of Legends, Free Fire, Clash Royale, Counter Strike, xadrez). Nessa edição, participam atletas de nove cidades e 59 instituições de ensino. O atleta mais jovem tem sete anos; o mais velho, 72. O professor Leandro Vargas, coordenador da CDR, conta que o número de participantes excedeu as expectativas da organização, o que demonstra o sucesso do evento. “Só por essa quantidade de inscritos, já podemos dizer que o evento está sendo um sucesso e mostra que a comunidade estudantil e a comunidade esportiva da cidade e da região estão esperançosas e ansiosas pela retomada dos Jogos da Primavera”. Durante as provas presenciais, realizadas no Campus Uvaranas, os competidores podem acompanhar as mudanças realizadas no espaço. “O Campus está bonito e foi preparado com carinho para o retorno das atividades”, conta o prefeito do Campus, Eduardo Pereira. “Depois de todo esse período sem atividades presenciais, foi possível voltar a ocupar esse espaço que é nosso, da comunidade, tanto acadêmica quanto externa”. Na sexta-feira, a abertura aconteceu de forma remota, transmitida pelo Youtube. Também já aconteceram as competições de tênis de mesa, na sexta, e ciclismo, no sábado, nas modalidades Mountain Bike e Estrada. Em sua fala na noite de abertura, o professor Gonçalo Cassins Moreira do Carmo, chefe do departamento de Educação Física, destacou o trabalho realizado pela UEPG durante a pandemia. “Um dos ensinamentos do esporte é a coragem”, apontou. “Foi preciso coragem para continuar os Jogos da Primavera no ano passado, com mais limitações pela pandemia; e nesse ano, respeitando todos os protocolos de biossegurança e demonstrando que a UEPG nunca parou de trabalhar”. A diretora do Setor de Ciências Biológicas e da Saúde, professora Fabiana Mansani, parabenizou a organização do evento por manter a tradição de pioneirismo dos Jogos da Primavera. Ela apontou ainda a importância dos Jeps para levar a UEPG além de seus muros. “Esse evento oportuniza a interrelação entre os estudantes, em um movimento de aproximação e de troca”, enalteceu.

Adaptado de: JASPER, Aline. Com modalidades inéditas, UEPG realiza a 66ª edição dos Jogos da Primavera. Disponível em: < <https://www.uepg.br/iniciojeps-2021/>>. Acesso em: 25/09/21.

A respeito do texto de Aline Jasper, assinale o que for correto.

- 01 Na oração “iniciaram-se as competições da 66ª edição dos Jogos da Primavera”, a partícula “-se” serve para indicar que o sujeito que rege o verbo “iniciaram” não pode ser determinado.

- 02 Na frase “As competições acontecem até 03 de outubro”, o termo “até” serve para estabelecer um limite temporal para a ação.
- 04 Na sentença “os Jeps são os jogos estudantis mais antigos do Brasil”, a palavra destacada pode ser substituída pelo vocábulo “discentes” sem prejuízo para o correto entendimento da frase.
- 08 Na oração “participam atletas de nove cidades e 59 instituições de ensino” não existe um sujeito que rege o verbo “participam”.
- 16 No período “As competições acontecem até 03 de outubro”, o sujeito que rege o verbo “acontecem” é “as competições”.

Soma:

### 40. EsPCEEx-SP 2022

#### Assiste à demolição

— Morou mais de vinte anos nesta casa? Então vai sentir “uma coisa” quando ela for demolida. Começou a demolição. Passando pela rua, ele viu a casa já sem telhado, e operários, na poeira,

removendo caibros. Aquele telhado que lhe dera tanto trabalho por causa das goteiras, tapadas aqui, reaparecendo ali. Seu quarto de dormir estava exposto ao céu, no calor da manhã. Ao fundo, no terraço, tinham desaparecido as colunas da pérgula, e a cobertura de ramos de buganvília – dois troncos subindo do pátio lá embaixo e enchendo de florinhas vermelhas o chão de ladrilho, onde gatos da vizinhança amavam fazer sesta e surpreender tico-ticos.

Passou nos dias seguintes e viu o progressivo desfazer-se das paredes, que escancarava a casa de frente e de flancos jogando-a por assim dizer na rua. Os marcos das portas apareciam emoldurando o vazio. O azul e as nuvens circulavam pelos cômodos, em composição surrealista. E o pequeno balcão da fachada, cercado de ar, parecia um mirante espacial, baixado ao nível dos miópes.

A demolição prosseguiu à noite, espontaneamente. Um lança de parede desabou sozinho, para fora do tapume, quando já cessara na rua o movimento dos lotações. Caiu discreto, sem ferir ninguém, apenas avariando – desculpem – a rede telefônica.

A casa encolhera-se, em processo involutivo. Já agora de um só pavimento, sem teto, aspirava mesmo à desintegração. Chegou a vez da pequena sala de estar, da sala de jantar com seu lambri envernizado a preto, que ele passara meses raspando a poder de gilete, para recuperar a cor da madeira. E a vez do escritório, parte pensante e sentinte de seu mecanismo individual, do eu mais íntimo e simultaneamente mais público, eu de gavetas sigilosas, manuseadas por um profissional da escrita. De todo o tempo que vivera na casa, fora ali que passara o maior número de horas, sentado, meio corcunda, desligado de acontecimentos, ouvindo, sem escutar, rumores que chegavam de outro mundo – cantoria de bêbados, motor de avião, chorinho de bebê, galo na madrugada.

E não sentiu dor vendo esfarinhar-se esses compartimentos de sua história pessoal. Nem sequer a melancolia do desvanecimento das coisas físicas. Elas tinham durado, cumprido a tarefa. Chega o instante em



que compreendemos a demolição como um resgate de formas cansadas, sentença de liberdade. Talvez sejamos levados a essa compreensão pelo trabalho similar, mais surdo, que se vai desenvolvendo em nós. E não é preciso imaginar a alegria de formas novas, mais claras, a surgirem constantemente de formas caducas, para aceitar de coração sereno o fim das coisas que se ligaram à nossa vida.

Fitou tranquilo o que tinha sido sua casa e era um amontoado de **caliça** e tijolo, a ser removido. Em breve restaria o **lote**, à espera de outra casa maior, sem sinal dele e dos seus, mas destinada a concentrar outras vivências. Uma ordem, um estatuto pairava sobre os destroços, e tudo era como devia ser, sem ilusão de permanência.

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Cadeira de balanço**. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

**caibro:** s.m. elemento estrutural de um telhado, geralmente peças de madeira que se dispõem da cumeeira ao frechal, a intervalos regulares e paralelas umas às outras, em que se cruzam e assentam as ripas, frequentemente mais finas e compridas, e sobre as quais se apoiam e se encaixam as telhas

**pérgula:** s.f. espécie de galeria coberta de barrotes espaçados assentados em pilares, geralmente guarnecida de trepadeiras

**buganvília:** s.f. designação comum às plantas do gênero *bougainvillea*, trepadeira, muito cultivadas como ornamentais

**de flanco:** s.m. pela lateral

**marco:** s.m. parte fixa que guarnece o vão de portas e janelas, e onde as folhas destas se encaixam, prendendo-se por meio de dobradiças

**tapume:** s.m. cerca ou vala guarnecida de sebe que defende uma área; anteparo, geralmente de madeira, com que se veda a entrada numa área, numa construção

**lambri:** s.m. revestimento interno de parede, usado com fim decorativo ou para proteger contra frio, umidade ou barulho; feito de madeira, mármore, estuque, numa só peça ou composto por painéis, que vão até certa altura ou do chão ao teto (mais usado no plural)

**caliça:** s.f. conjunto de resíduos de uma obra de alvenaria demolida ou em desmoraçamento, formado por pó ou fragmentos dos materiais diversos do reboco (cal, argamassa ressequida) e de pedras, tijolos desfeitos

**lote:** s.m. porção de terra autônoma que resulta de loteamento ou desmembramento; terreno de pequenas dimensões, urbano ou rural, que se destina a construções ou à pequena agricultura

Fonte: HOUAISS, A. e Villar, M. de S. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. Objetiva, 2009.

Marque a alternativa que traz, respectivamente, a correta classificação das expressões sublinhadas nas frases “A demolição prosseguiu à noite...” e “... aspira-va mesmo à desintegração...”.

- adjunto adverbial – complemento verbal
- adjunto adverbial – adjunto adverbial
- adjunto adnominal – complemento verbal
- complemento verbal – adjunto adnominal
- complemento verbal – adjunto adverbial

41. **EEAR-SP 2022** Há sujeito simples em qual alternativa?

- “Mais ao longe, numa volta da estrada, uma esperança havia.”
- “Nenhuma pedra poderia haver no caminho da felicidade.”
- “Nunca houve cometa igual, assim tão terrível, desdenhoso e belo.”
- “No lombo do cavalo baio, havia partido minha esperança de felicidade.”

42. **FMU-SP** Em: “Eu era **enfim, senhores, uma graça de alienado**”, os termos em destaque são, respectivamente:

- adjunto adnominal, vocativo, predicativo do sujeito.
- adjunto adverbial, aposto, predicativo do objeto.
- adjunto adverbial, vocativo, predicativo do sujeito.
- adjunto adverbial, vocativo, objeto direto.
- adjunto adnominal, aposto, predicativo do objeto.

43. **Acafe-SC 2022** De repente, surge-lhe revés violento. O plano inclinado daquela vida em declive termina, de golpe, em queda formidável. Foge-lhe a mulher, em lpu, raptada por um policial. Foi o desfecho. Fulminado de vergonha, o infeliz procura o recesso dos sertões, paragens desconhecidas, onde lhe não saibam o nome; o abrigo da absoluta obscuridade.

Desce para o sul do Ceará.

Ao passar em Paus Brancos, na estrada do Crato, fere com ímpeto alucinado, à noite, um parente, que o hospedara. Fizeram-se breves inquirições policiais, tolhidas logo pela própria vítima reconhecendo a não culpabilidade do agressor. Salva-se da prisão. Prossegue depois para o sul, à toa, na direção do Crato. E desaparece...

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Ediouro, p. 142.

Sobre o texto, é **CORRETO** o que se afirma em:

- Na frase “Ao passar em Paus Brancos, na estrada do Crato, fere com ímpeto alucinado, à noite, um parente, que o hospedara”, todos os termos adverbiais estão destacados.
- Nos segmentos frasais “surge-lhe revés violento”, “foge-lhe a mulher” e “onde lhe não sabiam o nome”, o pronome *lhe* tem a mesma função sintática: objeto indireto.
- Na frase “Fulminado de vergonha, o infeliz procura o recesso dos sertões, paragens desconhecidas, onde lhe não saibam o nome; o abrigo da absoluta obscuridade”, todos os termos destacados são adjetivos.
- Em “Fizeram-se breves inquirições policiais, tolhidas logo pela própria vítima reconhecendo a não culpabilidade do agressor”, a oração “fizeram-se breves inquirições policiais” está na voz passiva sintética, e o sujeito do verbo *fizeram* é o sintagma *breves inquirições policiais*.

44. **PUC-SP** Dê a função sintática do termo destacado em: “**Depressa** esqueci o Quincas Borba”.

- objeto direto.
- sujeito.
- agente da passiva.
- adjunto adverbial.
- aposto.



45. **Mackenzie-SP** Aponte a alternativa que expressa a função sintática do termo destacado: “Parece **enfermo**, seu irmão”.
- sujeito.
  - objeto direto.
  - predicativo do sujeito.
  - adjunto adverbial.
  - adjunto adnominal.

46. **FCMSC-SP 2022** Leia o soneto “Não comerei da alface a verde pétala”, de Vinicius de Moraes.

Não comerei da alface a verde pétala  
 Nem da cenoura as hóstias desbotadas  
 Deixarei as pastagens às manadas  
 E a quem mais aprouber fazer dieta.

Cajus hei de chupar, mangas-espadas  
 Talvez pouco elegantes para um poeta  
 Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta  
 Que acredita no cromo das saladas.

Não nasci ruminante como os bois  
 Nem como os coelhos, roedor; nasci  
 Omnívoro; deem-me feijão com arroz

E um bife, e um queijo forte, e parati  
 E eu morrerei, feliz, do coração  
 De ter vivido sem comer em vão.

(Vinicius de Moraes. *Livro de sonetos*, 2009.)

Objeto direto enfático: Por ênfase ou realce, é lícito repetir o objeto direto por meio de um pronome oblíquo.

(Domingos Paschoal Cegalla. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, 2009. Adaptado.)

Ocorre objeto direto enfático no seguinte verso:

- “Mas peras e maçãs, deixo-as ao esteta” (2ª estrofe)
- “E a quem mais aprouber fazer dieta.” (1ª estrofe)
- “Cajus hei de chupar, mangas-espadas” (2ª estrofe)
- “Não comerei da alface a verde pétala” (1ª estrofe)
- “Omnívoro; deem-me feijão com arroz” (3ª estrofe)

47. **AFA-SP 2021** Leia o texto para responder à questão.

### Mulheres de Atenas

Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas  
 Vivem pros seus maridos  
 Orgulho e raça de Atenas  
 Quando amadas, se perfumam  
 Se banham com leite, se  
 Arrumam  
 Suas melenas  
 Quando fustigadas não choram  
 Se ajoelham, pedem, imploram  
 Mais duras penas; cadenas  
 Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas  
 Sofrem pros seus maridos  
 Poder e Força de Atenas [...]  
 Elas não têm gosto ou vontade  
 Nem defeito, nem qualidade

Têm medo apenas  
 Não têm sonhos, só têm  
 Presságios  
 O seu homem, mares,  
 Naufrágios  
 Lindas sirenas, morenas  
 Mirem-se no exemplo  
 Daquelas mulheres de Atenas  
 Temem por seus maridos  
 Heróis e amantes de Atenas  
 As jovens viúvas marcadas  
 E as gestantes abandonadas  
 Não fazem cenas  
 Vestem-se de negro, se  
 Encolhem  
 Se conformam e se recolhem  
 Às suas novenas, serenas

(HOLANDA, Chico Buarque de. *Meus caros amigos*. LP, 1976. Phonogram/Philips)

Em relação à composição linguística do texto, é INCORRETO afirmar que

- as formas verbais “mirem” (v. 1), “vivem” (v. 3), “sofrem” (v. 14) e “têm” (v. 16) estão conjugadas no mesmo modo e tempo, além de possuírem o mesmo sujeito.
  - levando em consideração o contexto, é possível considerar o sentido da palavra “fustigadas” (v. 9) como castigadas.
  - em “vivem pros seus maridos” (v. 3), o termo sublinhado é classificado pela gramática normativa como adjunto adverbial.
  - na última estrofe, em todas as ocorrências, o vocábulo “se” é classificado como pronome reflexivo.
48. No enunciado: “A fim de irmos à escola, chegamos **no metrô das 9h**”, a expressão destacada refere-se a:
- Adjunto adverbial de meio e lugar.
  - Adjunto adverbial de tempo e meio.
  - Adjunto adverbial de lugar e meio.
  - Adjunto adverbial de modo e lugar.
  - Adjunto adverbial de meio e de tempo.

## Texto complementar

### Quem testa positivo foi contaminado por estrangeirismo?

As expressões “testar positivo” e “testar negativo”, como nas manchetes “Boris Johnson testa positivo para coronavírus” ou “Bolsonaro anuncia que testou negativo para coronavírus”, vêm despertando certa curiosidade. Especialistas como Marcos Bagno, por exemplo, têm produzido reflexões para explicar o que parece ser o surgimento de uma nova sintaxe no português brasileiro.

#### Tradição e inovação

Aos que questionam tratar-se ou não de bom português, afirmando que “testar” é verbo transitivo direto, recordamos que tradicionalmente esse verbo apenas aparecia nos dicionários nos sentidos jurídicos de “legar em testamento” e de “dar testemunho”. O substantivo cognato “teste” resistia como latinismo, significando “testemunha”, ademais “obsoleto” para Cândido de Figueiredo, já em 1899.

Apenas decênios depois, “teste” foi incorporado ao léxico no sentido de “exame”, provindo do inglês *test*, como avisa Laudelino Freire, em 1954. Mais ou menos ao mesmo tempo, em 1961, outro grande dicionarista, Antenor Nascentes, admitiu “testar” no sentido de “submeter a teste”. É, portanto, fenômeno razoavelmente recente em português usar o verbo “testar” como transitivo, cujo objeto designa a coisa ou a pessoa submetida a teste.

[...]

#### Decalque do inglês

Que se trate de decalque do inglês, isto é, tradução literal daquela língua, é ponto pacífico. Tal construção frequentemente figura, nos anos 2000, em reportagens obtidas junto a agências internacionais ou na tradução de declarações de língua inglesa.

Em geral, como no inglês *he tested positive for coronavirus*, figuram, também em português, sujeito, verbo e dois complementos, um indicando o resultado do teste (positivo ou negativo) e o outro, com a preposição “para” (como o *for* em inglês), delimitando o escopo do teste: “ele testou negativo para coronavírus”. Ambos os complementos podem, contudo, não comparecer.

[...]

#### Gramática emergente

Mas a criatividade linguística continua a todo vapor, e alguns falantes vêm flexionando “positivo” e “negativo” de forma que não ocorreria com um advérbio. Uma busca simples no Google produz 4 320 resultados “testaram positivos” e 888 “testaram positivas”, pouco diante dos 352 mil “testaram positivo”, mas sem dúvida números expressivos: “cinco imigrantes que testaram positivos para o novo coronavírus”, “[u]m total de 153 mulheres (13,1%) testaram positivas para *C. trachomatis*”. Nesses casos, os usuários trataram “positivos” e “positivas” como adjetivos que exercem a função de predicativos do sujeito.

O que dizer de interessantíssimo caso com duas frases sucessivas no mesmo enunciado, em franca variação? Veja-se: “Com o desenrolar da pandemia, porém, surgiram relatos isolados de quatro cães e um gato na China e outro felino na Bélgica que testaram positivos para o Sars-CoV-2. Todos tiveram contato com o vírus de tutores que também testaram positivo”.

Exemplos dessa ordem mostram que os usuários estão a todo momento processando o idioma, como bem aponta o linguista Paul Hopper, com a noção de *emergent grammar*; pois ela capta o caráter fluido da estrutura da língua, sempre adiada, sempre negociável na interação real. A gramática é vista assim como um fenômeno social. É assim que, em nosso caso, os usuários ora empregam formas flexionadas ao lado de formas não flexionadas, ora buscam equivalências e vão eles mesmo testando os limites da língua que falam.

Desse modo, se há cem anos, um médico não poderia “testar um paciente”, mas apenas examiná-lo, se há 50 anos, um sujeito não podia “testar para o novo vírus”, mas apenas ser testado, é perfeitamente possível que esses “novos” usos frutifiquem, como resultado do incessante tectonismo da língua.

AUBERT, Eduardo Henrik. Quem testa positivo foi contaminado por estrangeirismo? *Jornal da USP*, 8 maio 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/quem-testa-positivo-foi-contaminado-por-estrangeirismo/>. Acesso em: 20 abr. 2023.



Veja os principais assuntos e conceitos trabalhados neste capítulo acessando a seção **Resumindo** no livro digital, na Plataforma Poliedro.



### Quer saber mais?



#### Filme

***Sujeito Oculito: na Rota do Grande Sertão*. Direção: Silvio Tendler. 2013.**

O documentário é uma jornada pelo norte de Minas Gerais – região por onde, em 1952, o escritor Guimarães Rosa seguiu a notável boiada de 300 cabeças de gado. Esse documentário resgata diversos elementos da cultura do Sertão.



#### Livro

***Sujeito Oculito: leitura e apropriação*, de Cristiane Costa. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014.**

Com parte do livro construída com citações de Clarice Lispector, Machado de Assis, Flaubert, horóscopos de jornais, entre outros, a história mexe com o leitor e o leva a refletir sobre autenticidade, originalidade e o processo de criação autoral.



#### Música

**“Sintaxe à vontade”, O Teatro Mágico.**

Nessa canção, o eu poético discorre sobre a liberdade do sujeito, usando vários conceitos discutidos neste capítulo. Disponível em: [www.letras.mus.br/o-teatro-magico/361401/](http://www.letras.mus.br/o-teatro-magico/361401/). Acesso em: 20 abr. 2023.

## Exercícios complementares

1. Leia o cartaz a seguir.



Que tipo de enunciado temos na sequência “Use máscara”?

- a) Frase interrogativa.
  - b) Frase declarativa.
  - c) Frase exclamativa.
  - d) Frase imperativa.
2. Classifique as frases a seguir em declarativas afirmativas, negativas, imperativas, interrogativas ou exclamativas.
- a) Eu gosto de ir à praia nas férias.
  - b) Não o acompanharei neste passeio.
  - c) Que dia triste!
  - d) Entre e fique conosco.
  - e) Não o telefonou para vir?
3. Leia o texto a seguir.

O domingo, que, há muitos anos, vinha sendo o meu dia sem graça, fez-me redescobrir o seu bom ar e convenceu-me de sua alegria, como na meninice. Vou a pé por uma rua de Ipanema, vou andando sozinho, sentindo a tarde fresca e me interessando pelas pessoas que encontro. O prazer físico de andar e estar só. O conforto de estar vestindo uma camisa muito maior que eu, só a camisa, sobre uma calça grande também desvincada. A maravilha de não falar.

MARIA, Antônio. Domingo. *Portal da Crônica Brasileira*. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/13379/domingo>. Acesso em: 20 abr. 2023.

Considere a estrutura do seguinte trecho retirado do parágrafo anterior: “Vou a pé por uma rua de Ipanema, vou andando sozinho, sentindo a tarde fresca e me interessando pelas pessoas que encontro.”. Em seguida, assinale a alternativa que traz a análise correta:

- a) Trata-se de um período composto de duas orações.
- b) Trata-se de um período composto de três orações.

- c) Trata-se de um período composto de quatro orações.
- d) Trata-se de um período simples.
- e) Trata-se de um período composto de cinco orações.

4. Leia o trecho que se segue.

Foi o que me aconteceu, depois da última vez que estive aqui. Há dias, pegando numa folha da manhã, li uma lista de candidaturas para deputados por Minas, com seus comentários e prognósticos. Chego a um dos distritos, não me lembra qual, nem o nome da pessoa, e que hei de ler? Que o candidato era apresentado pelos três partidos, liberal, conservador e republicano.

ASSIS, Machado de. In: DIANA, Daniela. Crônica. *Toda Matéria*, 7 out. 2020. Disponível em: <https://todamateria.com.br/cronica/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

Assinale a alternativa que indica o número de orações que compõe o período composto a seguir: “Foi o que me aconteceu, depois da última vez que estive aqui.”.

- a) 2
- b) 3
- c) 4
- d) 5
- e) 6

5. Leia o excerto.

Para dar ideia da dimensão que vem tomando o uso dessa tecnologia, o governo chinês implantou o reconhecimento facial nas farmácias de Xangai para controlar as pessoas que compram alguns medicamentos. Assim, aqueles clientes que compram medicamentos controlados, como os psicotrópicos, serão solicitados para ser identificados por leitura facial. O objetivo é rastrear pessoas que utilizam essas substâncias para produzir drogas ilegais.

TECNOLOGIA de reconhecimento facial traz preocupação. *Portogente*, 18 jan. 2020. Disponível em: <https://portogente.com.br/noticias/diaadia/110565-a-tecnologia-de-reconhecimento-facial-traz-preocupacao>. Acesso em: 20 abr. 2023.

O último período do excerto é composto de:

- a) duas orações.
- b) três orações.
- c) uma oração.
- d) quatro orações.

6. Na linguagem cotidiana observamos enunciados que isoladamente não possuem sentidos completos, mas são concebidos como frases. Diante disso, analise o diálogo a seguir comentando sobre esta ocorrência:

Filha — Não posso falar muito, mãe. Como é que se faz café?

Mãe — O quê?

Filha — Café, café. Como é que se faz?

Mãe — Não sei, minha filha. Com água, com... Mas onde é que você está, Duda?

Filha — Estou trabalhando de “au pair” num apartamento. Ih, não posso falar mais. Eles estão chegando. Depois eu ligo. Tchau.

VERISSIMO, Luis Fernando. Sufilê de Chuchu. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 29.





- I. O enunciado “Dinho, você viu a blusa” é verbal.
  - II. A frase “Tem coisa mais ridícula que aquilo?” é verbal.
  - III. “Tem sim” é uma frase nominal.
  - IV. “Vi sim” é frase nominal.
  - V. V. “A mania que alguns têm” é uma frase verbal.
- a) Apenas II, III, IV e V estão corretas.
  - b) Apenas I, II, III e V estão corretas.
  - c) Apenas III, IV e V estão corretas.
  - d) Apenas I, II e V estão corretas.
  - e) Todos os itens estão corretos.

12. Leia o trecho que se segue.

### Suflê de chuchu

Houve uma grande comoção em casa com o primeiro telefonema de Duda, a pagar, de Paris. O primeiro telefonema desde que ela embarcara, mochila nas costas (a Duda, que em casa não levantava nem a sua roupa do chão!), na Varig, contra a vontade do pai e da mãe. Você nunca saiu de casa sozinha, minha filha! Você não sabe uma palavra de francês! Vou e pronto. E fora. E agora, depois de semanas de aflição, de “onde anda essa menina?”, de “você não devia ter deixado, Eurico!”, vinha o primeiro sinal de vida. Da Duda, de Paris. [...]

VERISSIMO, Luis Fernando. Suflê de Chuchu. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva; 2001. p. 29.

Releia os enunciados:

- 1. Você nunca saiu de casa sozinha, minha filha!
- 2. Onde anda essa menina?

Assinale a alternativa correta:

- a) O predicado é verbal em 1 e 2.
- b) O predicado é nominal em 1 e 2.
- c) O predicado é verbo-nominal em 1 e 2.
- d) O predicado é verbal em 1 e nominal em 2.
- e) O predicado é nominal em 1 e verbal em 2.

13. Leia o trecho a seguir.

Há alguns meses troquei meu celular. Um modelo lindo, pequeno, prático. Segundo a vendedora, era capaz de tudo e mais um pouco. Fotografava, fazia vídeos, recebia e-mails e até servia para telefonar. Abri o manual, entusiasmado. “Agora eu aprendo”, decidi, folheando as 49 páginas. Já na primeira, tentei executar as funções. Duas horas depois, eu estava prestes a roer o aparelho. O manual tentava prever todas as possibilidades. Virou um labirinto de instruções!

CARRASCO, Walcyr. O labirinto dos manuais. *Veja São Paulo*, 18 set. 2009. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/o-labirinto-dos-manuais/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

- I. Há alguns meses troquei meu celular.
  - II. Abri o manual, entusiasmado.
  - III. O manual tentava prever todas as possibilidades.
  - IV. [...] recebia e-mails, [...]
- a) Há um predicado nominal apenas em I e II.
  - b) Há um predicado verbo-nominal apenas III e IV.
  - c) Há um predicado verbal em I, II, III e IV.
  - d) Há um predicado inexistente apenas I.

14. UFU-MG 2018

#### Texto I

Nada mais lindo que um açude sangrando [...]. Não há como não se *arrupiar* todinho diante de tal fenômeno. Levo essa ideia da chuva para onde for, só a chuva nos importa [...]. A chuva é meu gol, minha Copa do Mundo, Deus gozando a glória, meu amor.

SÁ, Xico. Chove no sertão e não tem nada mais bonito. *El País*, 24 fev. 2018. Disponível em: <https://goo.gl/D2k4eA>. Acesso em: 27 abr. 2018.

#### Texto II

Oh! Deus,  
Perdoe esse pobre coitado,  
Que de joelhos rezou um bocado,  
Pedindo pra chuva cair,  
Cair sem parar.

GORDURINHA; NELINHO. Súplica cearense. In: O RAPPÁ. 7 vezes. Álbum, 2008.

Considere as seguintes afirmações.

- I. Em ambos os textos, a palavra Deus é um elemento do predicado.
- II. No texto I, a palavra Deus integra o predicativo do sujeito.
- III. No texto II, a palavra Deus exerce a mesma função sintática que a expressão “meu amor”, presente no texto I.
- IV. Em ambos os textos, a palavra Deus constitui um termo acessório da oração.

São corretas as afirmações apresentadas em

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) III e IV.

15. Observe os seguintes títulos de notícia:

#### Conselheiros tutelares de Santos partilham experiências para melhorar desempenho

Prefeitura de Santos, 23 set. 2021.

#### Apple é menos afetada pela escassez global de chips que Samsung e Xiaomi

MELIANI, Fernando. *TudoCelular*, 3 out. 2021.

Qual tipo de predicado pode ser encontrado em cada um dos títulos?

16. UFRRJ O preto Henrique tomou o caneco das mãos da preta velha e bebeu dois tragos.
- Ainda tá quente, meu filho? É o restinho...
  - Tá, tia. Bota mais.
  - Quando acabou, disse:
  - Você lembra dessas histórias que você sabe, minha tia?
  - Que histórias?
  - Essas histórias de escravidão...
  - O que é que tem?
  - Você vai esquecer elas todas.
  - Quando?
  - No dia em que nós for dono disso...
  - Dono de quê?
  - Disso tudo... Da Bahia... do Brasil...

- Como é isso, meu filho?
- Quando a gente não quiser mais ser escravo dos ricos, titia, e acabar com eles...
- Quem é que vai fazer feitiço tão grande pros ricos ficar tudo pobre?
- Os pobres mesmo, titia.
- Negro é escravo. Negro não briga com branco. Branco é senhor dele.
- O negro é liberto, tia.
- Eu sei. Foi a Princesa Isabel, no tempo do Imperador. Mas negro continua a respeitar o branco...
- Mas a gente agora livra o preto de vez, velha.
- Você sabe qual é a coisa mais melhor do mundo, Henrique?
- Não.
- Não sabe o que é? É cavalo. Se não fosse cavalo, branco montava em negro...

(Adap. AMADO, Jorge. *Suor*. Rio de Janeiro: Record, 1984, 43. ed., p.43/44.)

O texto é praticamente todo composto por diálogos, sem verbos de elocução – aqueles que indicam quem está falando. O recurso gramatical utilizado pelo autor, em substituição aos verbos de elocução, para que o leitor possa identificar quem está com a palavra, foram:

- a) os períodos curtos.
- b) os travessões.
- c) os vocativos.
- d) as frases interrogativas.
- e) as reticências.

17. Os verbos de ligação indicam noções distintas de estados. A noção do verbo sublinhado nos títulos abaixo está corretamente sinalizada em:

- a) Como uma ex-trabalhadora braçal se tornou uma das mulheres *self-made* mais ricas dos EUA → mudança de estado.  
ABREU, Maria; HELMAN, Christopher. *Forbes*, 3 out. 2021.
- b) Andei pensando sobre a tristeza → estado permanente.  
MARLON, Tony. *ECO A Uol*, 8 jun. 2021.
- c) Veja como estão as ruas de São Paulo no 1º dia da fase emergencial → continuidade de estado.  
FERRARI, Murillo. *CNN Brasil*, 15 mar. 2021.
- d) Esquema que desviou R\$ 7 milhões era composto por políticos, servidores e empresas fantasmas → estado transitório.  
*G1 Tocantins*, 3 ago. 2018.
- e) Relembra quais são os convocados para a seleção brasileira para esta data FIFA → aparência de estado.  
HOJAJI, Matheus. *Bolavip*, 3 out. 2021.

18. Observe:

E eu olho o céu deserto, e vejo o oceano triste,  
E contemplo o lugar por onde te sumiste

BILAC, Olavo. *Em uma tarde de outono*. Disponível em: <https://culturagenial.com/olavo-bilac-poemas/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

De acordo com a transitividade verbal, nos versos extraídos do soneto “Em uma tarde de outono”, de Olavo Bilac, há:

- a) somente um verbo transitivo direto.
- b) dois verbos transitivos diretos.
- c) um verbo transitivo indireto.
- d) dois verbos intransitivos.
- e) nenhuma das alternativas.

19. Leia o trecho a seguir.

E assim iniciamos um novo capítulo da pandemia. Meus filhos hoje não são as mesmas crianças do início da pandemia. **Houve** inúmeros aprendizados, e **encontraram** pouco a pouco suas próprias vozes. O que fica? A resiliência. Crianças que escutam, leem, questionam e produzem suas próprias conclusões sobre a gestão (ou quase sempre a falta de enfrentamento) desta pandemia. Crianças que cantam, tocam músicas, dançam. Crianças, já não mais tão inocentes, que são testemunhas.

BARBERIA, Lorena. A próxima aula. *Jornal da USP*, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-proxima-aula/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

Quanto à predicação dos verbos destacados, pode-se afirmar que

- a) “houve” e “encontraram” são verbos transitivos diretos.
- b) “houve” é verbo transitivo direto e “encontraram” é verbo transitivo direto e indireto.
- c) “houve” é verbo intransitivo e “encontraram” é verbo transitivo direto.
- d) “houve” e “encontraram” são verbos intransitivos.

20. Leia o trecho a seguir.

Há exatamente um ano, o cenário da epidemia ainda não tinha sido classificado como pandemia e já preocupava todo o planeta. As informações existentes eram que a doença era provocada por um vírus que afetava as vias respiratórias provocando pneumonia. Até então, isso não seria novidade frente ao constante embate que já tivemos em outras epidemias causadas por vírus, principalmente pela influenza.

LOTUFO, Paulo. A epidemia é um fenômeno social com decisão política. *Jornal da USP*, 5 mar. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-epidemia-e-um-phenomeno-social-com-decisao-politica/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

No período “preocupava todo o planeta”, o verbo é:

- a) transitivo.
- b) de ligação.
- c) intransitivo.
- d) bitransitivo.

21. **UEL-PR 2020** Leia os trechos a seguir, extraídos de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e responda à questão.

(Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para me entenderem, está bem. Se não, também está bem. Mas por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio?)

[...]

(Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce e obediente.)

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 32-33.

Com base nos trechos e na leitura do romance, considere as afirmativas a seguir.

- I. O uso da primeira pessoa explica-se por se tratar de uma fala do narrador-personagem dirigida à outra personagem da história.
- II. A referência à intransitividade deliberada do verbo “ter” no trecho corresponde tanto a um uso peculiar da linguagem em outras passagens do livro quanto à insignificância da protagonista.
- III. O fato de haver referência à personagem como “a moça” deve-se ao recurso de retardar o momento de informar seu nome, o que ocorre apenas quando ela encontra Olímpico.
- IV. O “trigo puramente maduro” constitui uma imagem de esplendor que se caracteriza como o contrário do perfil da personagem da moça.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

22. Leia os títulos de notícias a seguir e, depois, assinale a alternativa que **não** apresenta a análise correta do verbo.

- a) Em “WhatsApp, Facebook e Instagram apresentam pane global”, título de uma reportagem do *G1*, publicada em 4 de outubro de 2021, encontramos um verbo transitivo direto.

*G1*, 4 out. 2021.

- b) Em “Bilionário romeno está entre as vítimas de queda avião na Itália”, título de uma reportagem do *UOL*, também veiculada em 4 de outubro de 2021, temos um verbo de ligação.

*UOL*, 4 out. 2021.

- c) Em “Plenário vota propostas que garantem mais proteção às mulheres”, título de uma reportagem em áudio do portal Senado Notícias, publicada na mesma data que os textos anteriores, temos um verbo transitivo indireto.

TEIXEIRA, Raquel. *Agência Senado*, 4 out. 2021.

- d) Em “Média de mortes por Covid no Brasil diminui e chega a 329 neste sábado”, título de uma notícia do *site* Metrôpoles, publicada em 23 de outubro de 2021, encontramos um verbo transitivo direto.

MENESES, Celimar de. *Metrôpoles*, 23 out. 2021.

23. IFPI 2016 Responda à questão, considerando o seguinte título de um artigo publicado na Folha de São Paulo on-line.

Fonte: Folha de São Paulo UOL. Ano: 2015.

Nesse título, o verbo “passarão”, quanto à predicação, pode ser classificado como:

- a) Verbo de ligação.
- b) Verbo intransitivo.
- c) Verbo transitivo direto.
- d) Verbo transitivo indireto.
- e) Verbo transitivo direto e indireto.

**24. UFMG** Observe:

1. Queria muito aquele brinquedo. Queria muito ao amigo.
2. Dormi muito esta noite. Dormi um sono agradável.

A partir desses exemplos, explique a seguinte afirmativa: “A análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente”.

**25. Unesp 2018** Leia o trecho do livro *Em casa*, de Bill Bryson.

Quase nada, no século XVII, escapava à astúcia dos que adulteravam alimentos. O açúcar e outros ingredientes caros muitas vezes eram aumentados com gesso, areia e poeira.

A manteiga tinha o volume aumentado com sebo e banha.

Quem tomasse chá, segundo autoridades da época, poderia ingerir, sem querer, uma série de coisas, desde serragem até esterco de carneiro pulverizado. Um carregamento inspecionado, relata Judith Flanders, demonstrou conter apenas a metade de chá; o resto era composto de areia e sujeira.

Acrescentava-se ácido sulfúrico ao vinagre para dar mais acidez; giz ao leite; terebintina ao gim. O arsenito de cobre era usado para tornar os vegetais mais verdes, ou para fazer a geleia brilhar. O cromato de chumbo dava um brilho dourado aos pães e também à mostarda. O acetato de chumbo era adicionado às bebidas como adoçante, e o chumbo avermelhado deixava o queijo Gloucester, se não mais seguro para comer, mais belo para olhar.

Não havia praticamente nenhum gênero que não pudesse ser melhorado ou tornado mais econômico para o varejista por meio de um pouquinho de manipulação e engodo. Até as cerejas, como relata Tobias Smollett, ganhavam novo brilho depois de roçadas, delicadamente, na boca do vendedor antes de serem colocadas em exposição. Quantas damas inocentes, perguntava ele, tinham saboreado um prato de deliciosas cerejas que haviam sido “umedecidas e roçadas entre os maxilares imundos e, talvez, ulcerados de um mascate de Saint Giles”?

O pão era particularmente atingido. Em seu romance de 1771, *The expedition of Humphry Clinker*, Smollett definiu o pão de Londres como um composto tóxico de “giz, alume e cinzas de ossos, insípido ao paladar e destrutivo para a constituição”; mas acusações assim já eram comuns na época.

A primeira acusação formal já encontrada sobre a adulteração generalizada do pão está em um livro chamado *Poison detected: or frightful truths*, escrito anonimamente em 1757, que revelou segundo “uma autoridade altamente confiável” que “sacos de ossos velhos são usados por alguns padeiros, não infreqüentemente”, e que “os ossuários dos mortos são revolvidos para adicionar imundícies ao alimento dos vivos”.

(*Em casa*, 2011. Adaptado.)

Em “Quase nada, no século XVII, escapava à astúcia dos que adulteravam alimentos” (1º parágrafo), o termo sublinhado é um verbo

- a) transitivo direto.
- b) intransitivo.
- c) de ligação.
- d) transitivo indireto.
- e) transitivo direto e indireto.

**26.** Analise o título da notícia a seguir e, depois, responda ao que se pede.

**Homem é morto pela PM após perseguição de 10 quilômetros**

ACidadeON Campinas, 24 set. 2020.

- a) Acerca do termo que se encontra em destaque no título, qual é a classificação que a ele pode ser atribuída? Justifique sua resposta.
- b) Transforme o título para a voz ativa, fazendo com que o termo destacado passe a exercer outra função sintática.

**27. Unesp 2018** Leia um trecho do artigo “Reflexões sobre o tempo e a origem do Universo”, do físico brasileiro Marcelo Gleiser.

Qualquer discussão sobre o tempo deve começar com uma análise de sua estrutura, que, por falta de melhor expressão, devemos chamar de “temporal”. É comum dividirmos o tempo em passado, presente e futuro. O passado é o que vem antes do presente e o futuro é o que vem depois. Já o presente é o “agora”, o instante atual.

Isso tudo parece bastante óbvio, mas não é. Para definirmos passado e futuro, precisamos definir o presente. Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro. Portanto, para sermos coerentes em nossas definições, o presente não pode ter duração no tempo. Ou seja, o presente não existe!

A discussão acima nos leva a outra questão, a da origem do tempo. Se o tempo teve uma origem, então existiu um momento no passado em que ele passou a existir. Segundo nossas modernas teorias cosmológicas, que visam explicar a origem do Universo, esse momento especial é o momento da origem do Universo “clássico”. A expressão “clássico” é usada em contraste com “quântico”, a área da física que lida com fenômenos atômicos e subatômicos.





Observe as afirmações abaixo, considerando a função sintática desempenhada pelos elementos destacados nas orações, e assinale a alternativa **correta**.

- “contundente” (linha 7) desempenha função sintática de adjetivo.
- “... Estados Unidos, Japão e Tigres Asiáticos” (linha 8) desempenham a função sintática de adjunto adverbial de modo.
- “de ‘genéricos’” (linha 12) desempenha função sintática de adjunto adnominal, uma vez que seu emprego é obrigatório para a construção sintático-semântica do período.
- “quem” (linha 36) desempenha função sintática de objeto direto.
- “da história do nylon” (linha 5) desempenha a função sintática de objeto indireto.

29. Leia a tirinha.



Em relação aos verbos da tirinha e à sua natureza sintática, analise as afirmativas a seguir:

- Não há verbo de estado na tirinha.
- Só há um verbo transitivo indireto na tirinha, em única ocorrência.
- Todos os verbos possuem sujeito simples.

Assinale:

- se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
- se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- se todas as afirmativas estiverem corretas.
- se nenhuma afirmativa estiver correta.

30. Leia o trecho a seguir.

Estados e municípios **deram** os passos que julgaram necessários na corrida por vacinas. Ações que seguem rendendo troca de acusações entre as esferas de poder e que parecem deixar o país ainda mais atrasado no combate à pandemia.

Parte do mundo já imuniza grupos prioritários, enquanto por aqui vemos crescer um movimento antivacina, talvez alimentado por tantos desencontros e temor [...].

BATER cabeça parece mesmo ser o esporte nacional. *Hoje em dia*, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://hojeemdia.com.br/opiniaõ/colunas/editorial-1.334042/bater-cabeça-parece-mesmo-ser-o-esporte-nacional-1.816453>. Acesso em: 20 abr. 2023.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o verbo destacado no texto está empregado em “Parte do mundo já **imuniza** grupos prioritários”. Justifique a afirmativa.

31. Observe o cartaz de uma campanha de doação de órgãos.



Classifique sintaticamente os termos sublinhados nas orações “Milhares de brasileiros esperam por um transplante. Ser doador de órgãos é um ato de amor e solidariedade”. Em seguida, justifique sua resposta.

32. **PUC-SP** Em: “Porque eu continuarei a chamar **guerra a toda esta época embaralhada** de inéditos valores...”, as expressões destacadas são, respectivamente:
- a) objeto direto, objeto indireto.
  - b) predicativo, objeto indireto.
  - c) objeto direto, objeto direto preposicionado.
  - d) predicativo, objeto direto pleonástico.
  - e) objeto direto, objeto indireto.

33. **UGF-RJ** Assinale o único caso em que o pronome oblíquo átono exerce a função de objeto indireto:
- a) Contive-me.
  - b) Ele aguardava-me desde cedo.
  - c) Isto me agrada.
  - d) O aluno me viu.
  - e) Socorram-me.

34. Leia o trecho que se segue.

Em 1907, Oswaldo Cruz ganha a medalha de ouro no 14º Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim. A despeito do medo e desconhecimento da população, em 1908, uma nova epidemia de varíola levou a população espontaneamente aos postos de vacinação e, assim o Brasil finalmente reconhecia o **valor** do sanitarista. Em 1909 lançou importantes expedições científicas no interior do país, erradicando a febre amarela no Pará e realizando campanhas de saneamento da Amazônia.

CASTRO, Daniel S. de. Oswaldo Cruz. *InfoEscola*. Disponível em: [www.infoescola.com/biografias/oswaldo-cruz/](http://www.infoescola.com/biografias/oswaldo-cruz/). Acesso em: 20 abr. 2023.

Qual é a função sintática do termo “valor” em destaque no texto?

35. **FMU-SP** Assinale a alternativa que contenha, respectivamente, um pronome pessoal do caso reto funcionando como sujeito e um pronome pessoal do caso oblíquo funcionando como objeto direto.
- a) Eu comecei a reforma da natureza por este passarinho.
  - b) E mais uma vez me convenci da “tortura” destas coisas.
  - c) Todos a ensinavam a respeitar a Natureza.
  - d) Ela os ensina a fazer os ninhos nas árvores.
  - e) Ela não convencia a ninguém disso.

36. **Unifesp 2021** Leia o poema de Fernando Pessoa para responder à questão.

Cruz na porta da tabacaria!  
Quem morreu? O próprio Alves? Dou  
Ao diabo o bem-estar que trazia.  
Desde ontem a cidade mudou.

Quem era? Ora, era quem eu via.  
Todos os dias o via. Estou  
Agora sem essa monotonia.  
Desde ontem a cidade mudou.

Ele era o dono da tabacaria.  
Um ponto de referência de quem sou.

Eu passava ali de noite e de dia.  
Desde ontem a cidade mudou.

Meu coração tem pouca alegria,  
E isto diz que é morte aquilo onde estou.  
Horror fechado da tabacaria!  
Desde ontem a cidade mudou.

Mas ao menos a ele alguém o via,  
Ele era fixo, eu, o que vou,  
Se morrer, não falto, e ninguém diria:  
Desde ontem a cidade mudou.

(Obra poética, 1997.)

Sempre que haja necessidade expressiva de reforço, de ênfase, pode o objeto direto vir repetido. Essa reiteração recebe o nome de objeto direto pleonástico.

(Adriano da Gama Kury. *Novas lições de análise sintática*, 1997. Adaptado.)

O eu lírico lança mão desse recurso expressivo no verso

- a) “Todos os dias o via. Estou” (2ª estrofe)
- b) “E isto diz que é morte aquilo onde estou.” (4ª estrofe)
- c) “Ele era fixo, eu, o que vou,” (5ª estrofe)
- d) “Mas ao menos a ele alguém o via,” (5ª estrofe)
- e) “Ao diabo o bem-’star que trazia.” (1ª estrofe)

37. Classifique os termos em destaque das seguintes orações em:

OD – objeto direto

OI – objeto indireto

- a) As decisões beneficiaram **a todos**.
- b) O Oriente Médio precisa **de harmonia**.
- c) Perdoei **todas as suas palavras**.
- d) Aos professores, respeite-**lh**es.

38. **UFV-MG** Na frase “Ela atribui-se uma culpa que não tem”, o pronome **se** é classificado como:

- a) pronome apassivador.
- b) índice de indeterminação do sujeito.
- c) objeto direto.
- d) objeto indireto.
- e) partícula expletiva ou de realce.

39. Leia o título da notícia a seguir.

### **Novo doc. mostra as transformações em Lisboa, Nova York e Londres durante a pandemia**

GRILO, Fernanda. *Glamurama*, 17 set. 2021.

Na oração “[...] mostra as transformações”, qual é a função sintática do item sublinhado?

40. **Mackenzie-SP** Entre as alternativas a seguir, aponte a única em que um dos termos corresponde à análise dada: “Pareciam infinitas as combinações de cores no azul do céu.”

- a) Pareciam é um verbo intransitivo.
- b) Infinitas é objeto direto.
- c) Cores é o núcleo do sujeito.
- d) Do céu é o complemento nominal.
- e) n.d.a.

41. **FGV-SP** Assinale a alternativa em que, pelo menos, um verbo esteja sendo usado como transitivo direto.

- a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.
- b) Oremos, irmãos!
- c) Chega o primeiro raio da manhã.
- d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
- e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

42. **IFBA** A análise da transitividade verbal não deve ser feita isoladamente, mas sim de acordo com o texto. O mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente, ora com objeto direto, ora com objeto indireto. Dessa forma, indique a alternativa **INCORRETA**:

- a) Perdoai sempre. (verbo intransitivo)
- b) Perdoai as ofensas. (verbo transitivo direto)
- c) Perdoais aos inimigos. (verbo transitivo indireto)
- d) Por que sonhas, ó jovem poeta? (verbo transitivo direto)
- e) Sonhei um sonho guinholesco. (verbo transitivo direto)

43. Leia o trecho da reportagem a seguir.

### **Novas tecnologias**

Atualmente, prevalece na mídia um discurso de exaltação das novas tecnologias, principalmente aquelas ligadas às atividades de telecomunicações. Expressões frequentes como “o futuro já chegou”, “maravilhas tecnológicas” e “conexão total com o mundo” “fetichizam” novos produtos, transformando-os em objetos do desejo, de consumo obrigatório.



[...] Por esse motivo **carregamos** hoje nos bolsos, bolsas e mochilas o “futuro” tão festejado [...].

Todavia, não podemos reduzir-nos a meras vítimas de um aparelho midiático perverso, ou de um aparelho capitalista controlador. Há perversão, certamente, e controle, sem sombra de dúvida. Entretanto, **desenvolvemos** uma relação simbiótica de dependência mútua com os veículos de comunicação, que se estreita a cada imagem compartilhada e a cada dossiê pessoal transformado em objeto público de entretenimento.

Não mais como aqueles acorrentados na caverna de Platão, somos livres para nos aprisionar, por espontânea vontade, a esta relação sadomasoquista com as estruturas midiáticas, na qual tanto **controlamos** quanto somos controlados.

SAMPAIO, André Silveira. A microfísica do espetáculo. *Observatório da Imprensa*, 26 fev. 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 20 abr. 2023 (Adapt.).

Indique a classificação sintática das formas verbais em destaque no texto quanto à sua transitividade.

44. **PUC-Minas** Considerando que verbo transitivo direto requer complemento verbal chamado objeto direto, assinale a alternativa em que esse termo ocorre:
- a) O tostão é regateado com cerimônia.
  - b) Como viverei sem ti, meu bem?
  - c) Vamos... – disse Jesuíno.
  - d) Eram todos irmãos, felizmente.
  - e) E vão fazendo telhados.
45. **FEI-SP** Em “Usando do direito que lhe confere a Constituição”, as palavras sublinhadas exercem a função, respectivamente, de:
- a) objeto direto e objeto direto.
  - b) sujeito e objeto indireto.
  - c) objeto indireto e sujeito.
  - d) sujeito e sujeito.
  - e) objeto direto e objeto indireto.

46. Leia o trecho a seguir.

O Brasil soma 607.954 mortes por Covid-19, e nesta terça-feira (02/11), Dia de Finados, usuários do Twitter estão aproveitando para contar histórias de vítimas da doença com a hashtag #nãoóumnúmero. Entre as publicações, há relatos de vítimas famosas e anônimas, de amigos e parentes lamentando a ida precoce de suas pessoas queridas.

FREITAS, Hyndara. No Dia de Finados, histórias de vítimas da Covid viralizam no Twitter. *Metrópoles*, 2 nov. 2021. Disponível em: [www.metropoles.com/brasil/no-dia-de-finados-historias-de-vitimas-da-covid-viralizam-no-twitter](http://www.metropoles.com/brasil/no-dia-de-finados-historias-de-vitimas-da-covid-viralizam-no-twitter). Acesso em: 20 abr. 2023.

No parágrafo, extraído de uma notícia, qual é a função sintática do trecho “relatos de vítimas famosas e anônimas, de amigos e parentes”?

- a) Objeto indireto.
  - b) Objeto direto.
  - c) Adjunto adverbial.
  - d) Agente da passiva.
47. Leia o trecho que se segue.

### **Brasileiro conta que descobriu maior cometa do sistema solar ‘por acaso’**

O cosmólogo brasileiro Pedro Bernardinelli, de 27 anos, descobriu “por acaso” o maior cometa do sistema solar já identificado, enquanto pesquisava objetos distantes que orbitam o Sol para sua tese de doutorado.

*Tilt Uol*, 14 out. 2021. Disponível em: [www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/10/14/brasileiro-counta-que-descobriu-maior-cometa-do-sistema-solar-por-acaso.htm](http://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/10/14/brasileiro-counta-que-descobriu-maior-cometa-do-sistema-solar-por-acaso.htm). Acesso em: 20 abr. 2023.

Qual é a classificação sintática da palavra “acaso”, que aparece no título e no trecho da notícia?

48. **UnB-DF** Nas frases a seguir, todos os predicativos pertencem ao sujeito, exceto em:
- a) Narciso era apaixonado pela própria beleza.
  - b) O bairro parece despersonalizado com estas novas residências.
  - c) Só gosto de você alegre.
  - d) Nenhum amigo era mais sincero e carinhoso.

EM13LP08

1. **Enem PPL 2015 E:** Diva ... tem algumas ... alguma experiência pessoal que você passou e que você poderia me contar ... alguma coisa que marcou você? Uma experiência ... você poderia contar agora...

I: É ... tem uma que eu vivi quando eu estudava o terceiro ano científico lá no Atheneu...né... é:: eu gostava muito do laboratório de química ... eu ... eu ia ajudar os professores a limpar aquele material todo ... aqueles vidros ... eu achava aquilo fantástico ... aquele monte de coisa ... né ... então ... todos os dias eu ia ... quando terminavam as aulas eu ajudava o professor a limpar o laboratório ... nesse dia não houve aula e o professor me chamou pra fazer uma limpeza geral no laboratório ... chegando lá ... ele me fez uma experiência ... ele me mostrou uma coisa bem interessante que ... pegou um béquer com meio d'água e colocou um pouquinho de cloreto de sódio pastoso... então foi aquele fogaréu desfilando... aquele fogaréu ... quando o professor saiu ... eu chamei umas duas colegas minhas pra mostrar a experiência que eu tinha achado fantástico ... só que ... eu achei o seguinte ... se o professor colocou um pouquinho... foi aquele desfile... imagine se eu colocasse mais ... peguei o mesmo béquer ... coloquei uma colher ... uma colher de cloreto de sódio ... foi um fogaréu tão grande ... foi uma explosão ... quebrou todo o material que estava exposto em cima da mesa eu branca ... eu fiquei ... olha ... eu pensei que fosse morrer sabe ... quando ... o colégio inteiro correu pro laboratório pra ver o que tinha sido ...

CUNHA, M. A. F. (Org.). *Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal*. Natal: EdUFRN, 1998.

Na transcrição de fala, especialmente, no trecho “eu branca ... eu fiquei ... olha ... eu pensei que fosse morrer sabe ...”, há uma estrutura sintática fragmentada, embora facilmente interpretável. Sua presença na fala revela

- a) distração e poucos anos de escolaridade.
- b) falta de coesão e coerência na apresentação das ideias.
- c) afeto e amizade entre os participantes da conversação.
- d) desconhecimento das regras de sintaxe da norma-padrão.
- e) característica do planejamento e execução simultânea desse discurso.

EM13LP08

2. **Enem** Gripado, penso entre espirros em como a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas. Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe que disseminou pela Europa, além do vírus propriamente dito, dois vocábulos virais: o italiano *influenza* e o francês *grippe*. O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava “influência dos astros sobre os homens”. O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, “agarrar”. Supõe-se que

fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

RODRIGUES. S. *Sobre palavras*. Veja, São Paulo, 30 nov. 2011.

Para se entender o trecho como uma unidade de sentido, é preciso que o leitor reconheça a ligação entre seus elementos. Nesse texto, a coesão é construída predominantemente pela retomada de um termo por outro e pelo uso da elipse. O fragmento do texto em que há coesão por elipse do sujeito é:

- a) “[...] a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas.”
- b) “Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe [...]”.
- c) “O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava ‘influência dos astros sobre os homens’.”
- d) “O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper* [...]”.
- e) “Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.”

EM13LP08 e EM13LP43

3.

Quem bate na mulher machuca a família inteira.

eu, Mãe, Aninha, Papai

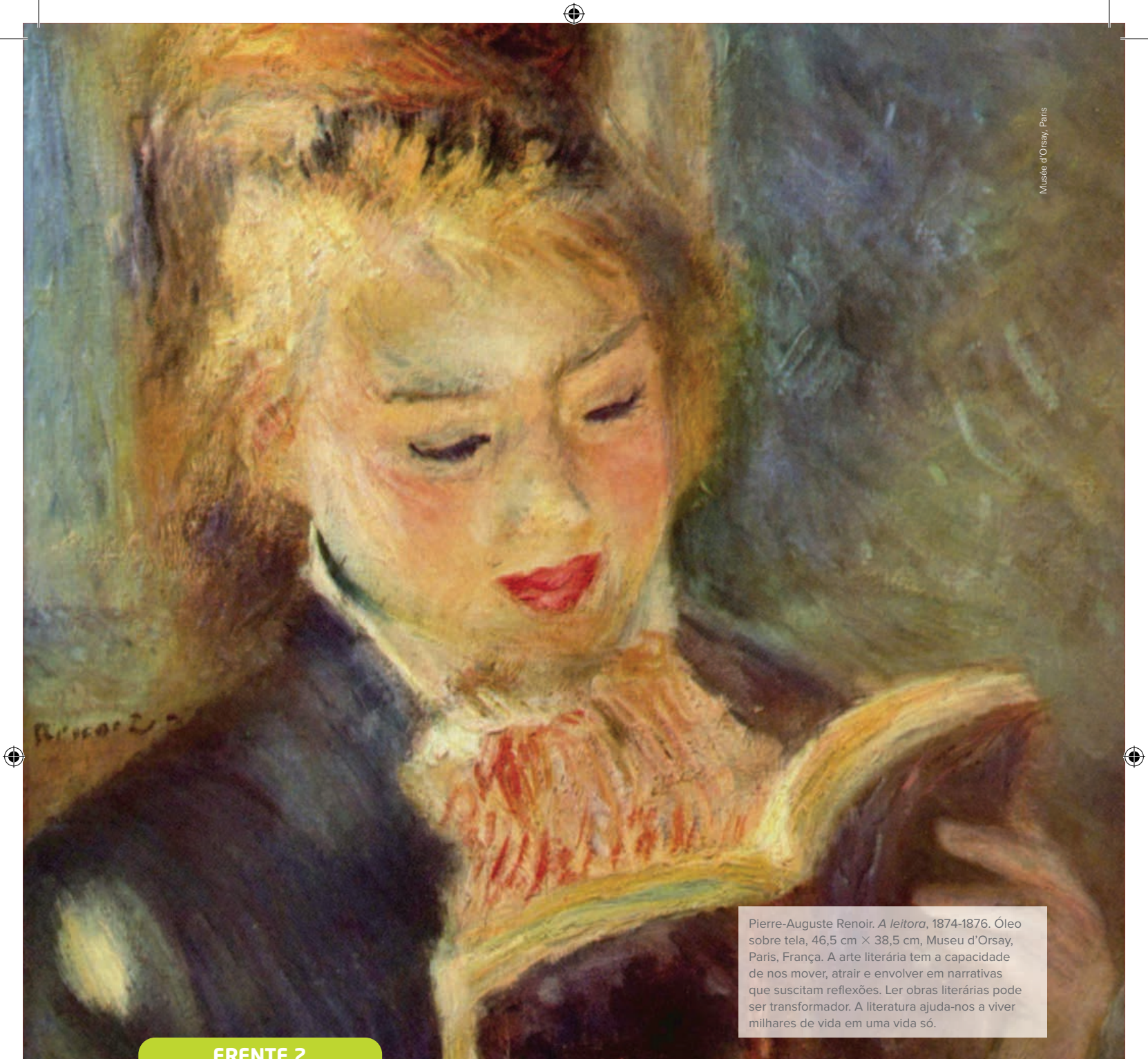
Ligue 180. Não se cale diante da violência doméstica.

REALIZAÇÃO: INSTITUTO PATRÍCIA SALVÁ

Reprodução

Qual é o objetivo dessa publicidade? Qual é a função sintática de “machuca a família inteira”?





Pierre-Auguste Renoir. *A leitora*, 1874-1876. Óleo sobre tela, 46,5 cm × 38,5 cm, Museu d'Orsay, Paris, França. A arte literária tem a capacidade de nos mover, atrair e envolver em narrativas que suscitam reflexões. Ler obras literárias pode ser transformador. A literatura ajuda-nos a viver milhares de vida em uma vida só.

## FRENTE 2

### CAPÍTULO

# 1

## O que é literatura?

Em linhas gerais, a literatura é a arte da palavra, principalmente da palavra escrita. Mas há algo no texto literário que o diferencia de qualquer outro, e, ao longo deste livro, vamos ler, analisar e tentar compreender suas peculiaridades.

Neste primeiro capítulo, vamos lançar as bases que podem nos ajudar nessa empreitada. Além dos preceitos básicos dos estudos literários, vamos aprender sobre linguagem literária, intertextualidade, gêneros clássicos, elementos da narrativa e história da literatura. Tudo isso sem deixar de lado o mais importante: o texto literário e o papel do leitor.

## A linguagem literária: preceitos básicos

### Arte e literatura

#### Da calma e do silêncio

Quando eu morder  
a palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.

Quando meu olhar  
se perder no nada,  
por favor,  
não me despertem,  
quero reter,  
no adentro da íris,  
a menor sombra,  
do ínfimo movimento.

EVARISTO, Conceição. Da calma e do silêncio. In: *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

Quando meus pés  
abrandarem na marcha,  
por favor,  
não me forcem.  
Caminhar para quê?  
Deixem-me quedar,  
deixem-me quieta,  
na aparente inércia.  
Nem todo **viandante**  
anda estradas,  
há mundos submersos,  
que só o silêncio  
da poesia penetra.

**viandante:** viajante; quem viaja.

Definir o que é literatura não é uma tarefa fácil. Literatura é mais do que uma história de ficção, um texto em verso ou palavras em um papel. A literatura não é um mero entretenimento ou um hábito de pessoas cultas; ela amplia nosso universo e pode nos ajudar a sermos melhores como humanos, pois é capaz de penetrar os “mundos submersos” que existem dentro de todos nós.

Os versos de Conceição Evaristo trazem um bom exemplo do que é o fazer literário. O poema suscita imagens, mostra um processo que é de escrita, mas também de leitura. Desde o título somos convidados a refletir sobre a literatura, já que a calma e o silêncio se fazem necessários para ler e refletir a respeito dos possíveis significados propostos pela poeta.

Para tentarmos entender o que é literatura, precisamos ter em mente que ela é uma forma de arte. A arte, por sua vez, consiste em um meio de expressar emoções, sentimentos, crenças e valores humanos. O artista é aquele que se propõe a representar uma realidade – sua própria ou imaginada – de um modo único por meio das mais diversas linguagens. De maneira geral, a música é a arte dos sons; a dança é a arte do movimento; a pintura é a arte da cor e das formas; a escultura é a arte do volume; o teatro é a arte da representação; e a literatura é a arte da palavra. Além disso, o cinema, a fotografia e até os quadrinhos também são formas de arte.

#### Saiba mais



Bruno Fernandes/Fotorema

A escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte (MG), no ano de 1946. Graduiu-se em Letras e trabalhou como professora da rede pública. Mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada, romancista, poeta e contista, a principal temática de suas obras é a vivência das mulheres negras. Entre seus livros, destacam-se o romance *Ponciá Vicêncio* (2003) e a coletânea *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017).

Tentar definir o que é literatura tem sido a tarefa de estudiosos há muito tempo. Desde a Antiguidade Clássica, discute-se o fazer literário. Aristóteles, em sua obra *Poética*, faz uma das mais antigas reflexões sobre o assunto, distinguindo o texto histórico de um texto poético.

[...] a tarefa do poeta não é a de dizer o que de fato ocorreu, mas o que é possível e poderia ter ocorrido segundo a **verossimilhança** ou a necessidade. Com efeito o historiador e o poeta diferem entre si não por descreverem os eventos em versos ou em prosa [...], mas porque um se refere a eventos que de fato ocorreram, enquanto o outro aos que poderiam ter ocorrido.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 95-97.

**verossimilhança:** no sentido amplo, é a qualidade do que é verossímil, ou seja, semelhante à verdade; relativo à narrativa há duas possibilidades: interna, que emerge da coerência da própria obra, e externa, que surge das relações com o possível e provável segundo o senso comum.

Para o filósofo grego, portanto, o poeta é aquele que representa uma possibilidade da realidade. Talvez seja por isso que comumente a literatura seja definida como escrita imaginativa, ou seja, o texto de ficção; já os demais textos teriam como função o registro de fatos e informações.

Essa definição, baseada na distinção entre fato e ficção, mostrou-se insuficiente ao longo do tempo, pois a linha entre esses dois conceitos é muito questionável. Houve um tempo em que mesmo as notícias de jornal carregavam uma dose de imaginação, mas nem por isso poderiam ser consideradas obras de arte.

A concepção clássica da literatura entende que uma obra literária representa uma visão de mundo e um posicionamento



diante dele. Nesse sentido, o foco recai sobre o autor, aquele que cria a literatura, e a linguagem seria um meio de imitar o mundo. Assim, a obra literária se distinguiria pela originalidade da visão de mundo concebida por seu autor.

Essa concepção se desenvolveu por séculos, de certa maneira, sempre voltada para o autor, a visão de mundo e os temas. Foi só no início do século XX, na Rússia, que um grupo de críticos literários, cujo objetivo era justamente conseguir definir o objeto de seus estudos, voltou os olhos para o texto literário e suas especificidades. Esse grupo ficou conhecido como “formalistas russos”, que, munidos de espírito científico e desejando imprimir seriedade à sua área de conhecimento, romperam com a crítica impressionista praticada até aquele momento para voltar sua atenção para a linguagem literária. Para eles, a literatura é uma organização peculiar da linguagem. Por isso, o objeto de estudo dos críticos e teóricos literários deveria ser o que eles definiram como **literariedade**, ou seja, aquilo que faz um texto ser compreendido como uma obra literária.

### Saiba mais

O grupo dos formalistas russos surgiu no fim dos anos 1910 e suas ideias floresceram ao longo da década seguinte até serem perseguidos pelo regime stalinista. Entre os principais representantes do grupo temos Viktor Chklovski, Roman Jakobson e Boris Eikhenbaum. Eles rejeitavam a crítica impressionista, ou seja, a crítica literária de viés simbolista e místico que até então predominava nos estudos literários.

À crítica caberia dissociar arte e mistério e preocupar-se com a maneira pela qual os textos literários funcionavam na prática: a literatura não era uma pseudoreligião, ou psicologia ou sociologia, mas uma organização particular da linguagem.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Em síntese, os formalistas russos desejavam analisar a materialidade do texto literário de forma científica e prática.

### Atenção

A **literariedade**, segundo os formalistas russos, é uma especificidade da linguagem literária que a diferencia do discurso cotidiano. Para isso, são utilizadas diferentes ferramentas para intensificar, condensar, torcer, ampliar e inverter a linguagem para gerar estranhamento e desautomatizar o processo de leitura.

## Linguagem literária

O que podemos perceber até aqui é que o conceito de literatura não é algo fechado, mas está em construção e divide opiniões. Ele tem se desenvolvido ao longo de muitos anos e segue dando origem a novos estudos, reflexões e pensamentos. Para nós, cabe reconhecer que as qualidades estéticas de uma obra literária residem em sua linguagem.

Ao pensarmos em nossas conversas do dia a dia, podemos afirmar que a fala e a escrita são instrumentos de comunicação e de informação; uma conversa com colegas sobre os horários de aula ou um recado para comprar pão,

geralmente, são situações corriqueiras que não demandam uma complexa interpretação, visto que os discursos do cotidiano são objetivos.

Já na linguagem literária não encontramos objetividade; as palavras nem sempre correspondem ao seu significado mais usual, pois o artista propõe usos que obscurecem os sentidos e possibilitam a **plurissignificação**, ou seja, o mesmo objeto ganha novos significados promovendo uma experiência única ao leitor. Tal procedimento é chamado pelos formalistas de **singularização**.

A linguagem literária dá uma nova forma à linguagem cotidiana, intensificando, condensando, ampliando as possibilidades a ponto de transformá-la em algo fora do comum. É uma linguagem que chama a atenção para si mesma, porque deixa evidente o processo artístico que a originou, diferentemente do processo espontâneo e de caráter mais **denotativo** das conversas diárias.

Se buscarmos o significado de uma palavra, como “verbo”, em um dicionário, vamos encontrar sua definição literal: palavra, discurso, classe gramatical. Mas observe novamente o poema de Conceição Evaristo, retome a leitura do início do capítulo e perceba como ela singulariza o uso dessa palavra em seu poema. Logo percebemos o uso especial que a autora faz da língua portuguesa. O poema tem ritmo específico, organização e distribuição das palavras no espaço; além disso, o tamanho dos versos, os cortes, o tema escolhido, enfim, os diferentes aspectos do texto evidenciam o fazer literário.

Se destacarmos apenas o uso do termo “verbo”, percebemos que Evaristo transfere a ele características que poderiam ser humanas: a pele, os ossos, o tutano. A poeta explora o sentido **conotativo** dessa palavra – muito presente na linguagem literária –, pois não faz referência a uma classe gramatical, mas há algo que tem vida e forma, que ela deseja morder, mascar e rasgar, como se fosse alimento, absorvendo o que há de mais profundo no verbo para falar sobre o que é central e importante nas coisas. Ela cria uma imagem bastante singular e parece estar representando, por meio da linguagem, seu próprio fazer literário.

A conotação transforma o texto literário em um campo de possibilidades, que evidencia o papel fundamental do leitor. Dificilmente um autor vai explicar sua obra e, então, caberá ao leitor descobrir, a partir do que foi sugerido no texto, quais são os possíveis significados de um poema, um romance, um conto etc.

A literatura é um campo de liberdade artística no qual as regras gramaticais e sintáticas podem ser propositalmente desrespeitadas, e palavras são inventadas e modeladas com o objetivo de singularizar a linguagem para provocar o leitor e convidá-lo a elaborar possíveis interpretações ao que se diz.

### Atenção

No sentido **denotativo**, as palavras têm uma relação direta de significado, ou seja, a comunicação é direta e dispensa contexto.

No sentido **conotativo**, há uma ampliação do sentido direto das palavras, de modo que o contexto se faz importante na atribuição de sentido.

Além das características que exploramos até aqui, é comum, na criação do texto literário, o uso de figuras de linguagem. Esse recurso tem finalidade estética e pode ser organizado em quatro categorias:

- **figuras de palavras:** desvio do significado próprio de uma palavra;
- **figuras de construção:** desvio consciente das regras gramaticais;
- **figuras de pensamento:** desvio de sentido da frase;
- **figuras de som:** uso de reprodução, repetição e alternância dos fonemas.

Organizamos um quadro que sintetiza as principais figuras de linguagem para facilitar seu estudo.

Figuras de palavras	Definição	Exemplo
<b>Metáfora</b>	Ocorre um desvio de significado por meio da associação direta entre dois elementos. Há uma transposição de sentido de caráter subjetivo.	Meu pensamento é um rio subterrâneo. (Fernando Pessoa)
<b>Metonímia</b>	Parecida com a metáfora, mas há, de fato, a substituição de uma palavra por outra, construindo uma relação de parte pelo todo, efeito pela causa, continente pelo conteúdo, entre outros.	Entretanto, <b>a cidade</b> , que [...] parecia nos haver esquecido, voltava subitamente a atacar. (Rubem Braga) [substituição de “moradores” por “cidade”]
<b>Sinestesia</b>	Nesta figura, há uma transferência de sentido também, mas, desta vez, relacionada às sensações dos órgãos de sentido. Ela reúne palavras de diferentes planos sensoriais, criando uma percepção singular do mundo.	E um <b>doce vento</b> , que se erguera, punha nas folhas alagadas e lustrosas um frémito alegre e doce. (Eça de Queirós)

Figuras de construção	Definição	Exemplo
<b>Elipse</b>	Ocorre a omissão de um termo ou oração, sem prejudicar o entendimento do texto.	Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada. (Olavo Bilac) [omissão do sujeito eu e tu]
<b>Hipérbato</b>	Nesta figura de linguagem há uma alteração da ordem normal dos termos ou das orações.	E alma de sonhos povoada eu tinha. (Olavo Bilac) [Eu tinha a alma povoada de sonhos.]
<b>Pleonasmo</b>	Trata-se do uso de palavras redundantes para dar ênfase a uma expressão.	<b>Morrerás morte</b> vil na mão de um forte. (Gonçalves Dias)
<b>Silepse</b>	Nesta figura, a concordância acontece segundo o sentido da palavra, e não de acordo com as regras gramaticais.	É o costume <b>desta gente</b> , quando <b>gostam</b> dum branco, <b>querem-no</b> para padrinho dos filhos. (Luandino Vieira)

Figuras de pensamento	Definição	Exemplo
<b>Antítese</b>	Consiste na aproximação de ideias de sentido oposto.	Sua alma <b>subiu</b> ao céu Seu corpo <b>desceu</b> ao mar (Alphonsus Guimaraes)
<b>Eufemismo</b>	Trata-se da substituição de uma expressão desagradável por outra que suavize o discurso.	Tirar Inês ao mundo determina (Camões)
<b>Hipérbole</b>	Esta figura de linguagem consiste em exagerar ou intensificar uma afirmação.	Rios te correrão dos olhos, se chorares (Olavo Bilac)
<b>Paradoxo (ou oxímoro)</b>	Consiste na união de ideias contrárias, que tornam o discurso absurdo.	E o quintal cheio de luz sem luz... (Fernando Pessoa)
<b>Prosopopeia (ou personificação)</b>	Atribui características humanas a animais e seres inanimados.	[...] fiz primeiro uma longa visita de inspeção por alguns dias, e toda a <b>casa me desconheceu</b> . (Machado de Assis)

Figuras de som	Definição	Exemplo
<b>Aliteração</b>	É a repetição harmônica de sons consonantais.	<b>Vozes veladas, veludosas vozes</b> (Cruz e Sousa)
<b>Assonância</b>	Refere-se à repetição harmônica de sons vocálicos.	Na messe, que enlourece, estre- mece a quermesse (Eugênio de Castro)
<b>Onomatopeia</b>	Trata-se do uso de palavras que reproduzem sons, como ruídos produzidos por pessoas, animais, objetos etc.	Enquanto dizia essas palavras, pisou em falso e, num instante, <b>tchibum!</b> estava com água salgada até o queixo. (Lewis Carroll)

## Intertextualidade

O termo “intertextualidade” foi usado inicialmente para designar o processo de produção do texto literário. Ele se refere à propriedade desse texto de retomar, dialogar, absorver e transformar outros textos.

A intertextualidade aponta para o caráter sociável da escrita literária, pois evidencia que ela não surge do nada, ou seja, não se cria sozinha. Ela também reforça a importância do leitor, pois é ele quem estabelece a relação entre dois ou mais textos durante a leitura.

O intertexto pode surgir a partir de referências, alusões, epígrafes, paráfrases, paródias ou pastiches, de maneira implícita ou explícita. A intertextualidade também está presente no cinema, na pintura, na fotografia, entre outros. Vamos observar esse recurso em textos literários.

Cada criatura é um rascunho, a ser retocado sem cessar, até a hora da liberação pelo arcano, a além do Lethes, rio sem memória. Porém, todo verdadeiro grande passo adiante, no crescimento do espírito, exige o baque inteiro do ser, o apalpar imenso de perigos, um falecer no meio das trevas; a passagem. Mas o que vem depois, é o renascido, um homem mais real e novo, segundo referem os antigos grimórios.

ROSA, João Guimarães. Estas estórias. In: *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

**Muadiê**, já dizia o kota Guimarães, rosa no apelido e olhar dele: cada criatura é um rascunho a ser retocado sem cessar...

Num sei explicar; pra mim, minha uma outra alcunha podia ser qualquer palavra parecida com madrugada – sou muito isso, o avesso duma noite a provocar as beiras dum dia seguinte, radioso.

ONDJAKI. *Quantas madrugadas tem a noite*. São Paulo: LeYa, 2010.

**muadiê**: rapaz; homem.

A leitura desses dois trechos constitui um bom exemplo de como os autores estão em constante diálogo com obras do passado ou de sua própria época. No caso, temos um intertexto explícito, uma paráfrase do texto de João Guimarães Rosa – publicado pela primeira vez em 1969 – na obra do autor angolano Ondjaki, publicada em 2010. Aqui, podemos dizer que o primeiro trecho é o **texto-fonte**, e o segundo o **texto resultante**.

Da mesma maneira, podemos perceber que Guimarães Rosa dialoga com o texto-fonte da mitologia grega, pois ele faz uma citação sobre o rio Lethes, um dos rios do reino de Hades – o mundo onde residem os mortos. Dessa perspectiva, a obra de Guimarães Rosa seria o texto resultante.

### ! Atenção

A **intertextualidade** é uma propriedade do texto literário, pois ele é resultado da absorção e transformação de outros textos.

## Os gêneros literários: lírico, épico e dramático

### Noções de gênero

[...] Eu lhe narrei todos os fatos em seqüência. Então me disse textualmente a augusta Circe:

— Assim, pois, tudo isso já se passou. Agora, escuta; o que te vou dizer um deus mesmo te fará lembrar. Primeiro encontrarás as duas Sereias; elas fascinam todos os homens que se aproximam. Se alguém, por ignorância, se avizinha e escuta a voz das Sereias, adeus regresso! Não tornará a ver a esposa e os filhos inocentes sentados alegres a seu lado, porque, com seu canto melodioso, elas o fascinam, sentadas na campina, em meio a montões de ossos de corpos em decomposição, cobertos de peles amarfanhadas. Toca para diante; amassa cera doce de mel e veda os ouvidos de teus tripulantes para que mais ninguém as ouça. Se tu próprio as quiseres ouvir,

que eles te amarrem de pés e mãos, de pé na carlinga do barco veloz, e que as pontas das cordas pendam fora de teu alcance, para te deleitares ouvindo o canto das Sereias; se insistires com teus companheiros para te soltarem, que eles te prendam com laços ainda mais numerosos.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 142.



Coletação particular

John William Waterhouse. *Circe oferecendo a taça a Ulisses*, 1891. Óleo sobre tela, 148 cm × 92 cm. A pintura retrata um episódio da *Odisseia* em que a tripulação de Ulisses (Odisseu) está sob o controle da feiticeira Circe. Na cena, a feiticeira oferece a Ulisses uma taça com uma poção que colocaria o herói sob o mesmo feitiço lançado sobre sua tripulação.

Anteriormente, estudamos que os primeiros pensamentos acerca da natureza dos textos literários surgiram na Grécia Antiga. A civilização grega levava com muita seriedade a formação do indivíduo, por isso se destacou na Filosofia, nas Ciências e nas Artes, e seu legado foi (e ainda é) fundamental na constituição do pensamento ocidental. O trecho que selecionamos para iniciar esta aula foi retirado da obra *Odisseia*, de Homero. Nela Odisseu, rei de Ítaca, e seus companheiros enfrentam diversos desafios para voltar à terra natal. Essa obra tinha grande importância para os gregos, pois os valores de nobreza, coragem e bravura demonstrados pelo herói eram exemplos do ideal a ser alcançado pela coletividade.

Segundo Aristóteles, a *Odisseia* pertence a um **gênero literário** com características específicas. Em sua *Poética*, o filósofo definiu as três categorias literárias que até hoje são usadas para a classificação de textos e obras: épica, lírica e dramática.

Cada um desses gêneros será estudado em detalhes e será possível perceber quanto eles evoluíram ao longo do tempo. Tenha sempre em mente que o gênero literário permite classificar e aproximar as obras literárias por causa de suas características em comum, mas ele não é um conceito fechado, porque cada obra literária é única.

## Gênero épico

O gênero épico, na Antiguidade Clássica, era representado pela **epopeia**, uma narrativa em versos sobre as ações extraordinárias de um indivíduo, o herói que

geralmente é o representante de uma coletividade. Tal narrativa é marcada pela aproximação entre seres humanos e deuses, pois a intervenção sobrenatural – antecipando acontecimentos, aconselhando o herói e até mesmo impedindo tragédias – é constante, como estudamos, no trecho em que Circe orienta Odisseu.

O poema épico é um resgate histórico da grandiosidade de um povo; sendo assim, *Ilíada* – narrativa das aventuras de Aquiles e da conquista de Troia pelos gregos – e *Odisseia*, ambas atribuídas a Homero, são textos fundamentais para entender o pensamento da civilização grega da Antiguidade. Além de serem textos fundadores da literatura ocidental, a *Odisseia*, por exemplo, influenciou diversos autores renomados, entre eles Luís de Camões, o autor português do poema épico *Os Lusíadas*.

### Saiba mais

Os textos épicos de Homero são os poemas gregos mais antigos de que se tem notícia, porém há uma certa polêmica a respeito dessa autoria e até mesmo a respeito da existência de Homero. Há uma teoria que defende que diversos poetas cantaram (como era o costume) versões dessas histórias, que depois foram compiladas e registradas por escrito, momento no qual as obras teriam sido creditadas a Homero. Outra teoria é que *Ilíada* e *Odisseia* teriam sido escritas por dois autores diferentes.

A epopeia carrega elementos essenciais da estrutura de uma narrativa, como enredo, narrador, personagens, espaço e tempo. Com o passar do tempo, o gênero épico transformou-se e começou a ser produzido também em prosa – como na adaptação de *Odisseia* que lemos. Além disso, a ideia da influência de um herói no destino de uma coletividade perdeu força com a consolidação da burguesia no século XVII e, como consequência, os deuses, os heróis e as criaturas fantásticas deram lugar a situações mais cotidianas. O individualismo e o racionalismo do pensamento burguês ajudaram a criar o **romance** – narrativa em prosa cuja leitura é mais propícia ao isolamento –, o **conto** e a **novela**.

## ELEMENTOS DA NARRATIVA

A leitura do trecho a seguir vai ilustrar cada elemento de uma narrativa literária e a maneira como se dá a articulação desses elementos na construção de uma história. Ele foi retirado da obra *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas*, de Maria José Silveira, cujo objetivo é contar uma versão do que poderia ter sido a história do Brasil a partir da perspectiva feminina.

No lusco-fusco vermelho-dourado do entardecer no mar, quando depois de quarenta e dois dias os marujos da armada portuguesa viram as primeiras algas compridas se espalhando pelo verde-escuro do oceano, em claro anúncio de terra próxima, a mãe de Inaiá, no chão firme do terreiro de sua taba, olhou as primeiras estrelas e soube: “Está chegando”.

Quando a escuridão se alastrou e os marujos nos navios foram dormir alvoroçados, já tomados pelos canecões de vinho servidos como celebração antecipada da aproximação de terra desconhecida, a mãe de Inaiá virou-se de lado na rede de fibra de algodão, sentindo o primeiro repuxar das contrações.



De manhãzinha, quando as gaivotas de plumagem negra e cabeça branca transformaram a expectativa dos marujos em crescente euforia e fizeram repicar os sinos da armada, a mãe de Inaiá em sua tribo se levantou e retomou os afazeres daquele dia de céu azul-turquesa.

À hora da véspera daquele 21 de abril, um monte alto e redondo foi avistado pelos marujos em rebuliço, debruçados uns sobre os outros nos tombadilhos dos doze navios da armada, no exato momento em que a mãe de Inaiá se dirigiu para o recanto da floresta que previamente escolhera para esse dia, à beira de um pequeno remanso de águas límpidas que refletia no fundo o verde-esmeralda das árvores ao redor.

E quando o céu outra vez começou a escurecer e nos navios as âncoras foram lançadas e todos se ajoelharam para dar graças pela visão da floresta copada junto à estreita faixa de areia branca, as aves da beira do remanso se levantaram em revoada, assustadas com o primeiro choro de Inaiá.

SILVEIRA, Maria José. *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. p. 17.

O primeiro elemento que vamos destacar é o **narrador**, ou seja, a voz que conta a história. Antes, precisamos lembrar que narrador e autor são conceitos diferentes. O narrador é uma criação literária, assim como os demais elementos, e nem sempre suas opiniões e pensamentos refletem os do seu autor.

Observe que no trecho lido é por meio do narrador que conhecemos os **espaços** (um navio no oceano, um recanto da floresta), o **tempo** (no entardecer, depois de quarenta e dois dias, véspera de 21 de abril), as **personagens** (marujos da armada portuguesa, mãe de Inaiá, Inaiá) e o **enredo** da narrativa.

O narrador, nesse trecho, demonstra ter conhecimento de tudo que acontece nos diferentes espaços da narrativa, além de saber quando as coisas acontecem e o que pensam as personagens. O foco narrativo, ou seja, o ponto de vista do narrador, pode variar: a narração pode ser em primeira ou terceira pessoa, e a voz do narrador pode se alternar com as das personagens ou não. No quadro a seguir, vamos conhecer melhor alguns tipos de narrador e suas características.

Tipos de narrador		
<b>Onisciente</b>	Sabe tudo o que acontece na narrativa; conhece sentimentos, pensamentos e ações das personagens. Ele pode ser:	<b>Intruso</b> – interfere na história dando opiniões sobre os acontecimentos.
		<b>Neutro</b> – não interfere diretamente na narrativa.
<b>Personagem</b>	Trata-se de um narrador em primeira pessoa, que participa como protagonista da narrativa. Seu ponto de vista é limitado e fixo, fala das demais personagens a partir de suas percepções.	
<b>Testemunha</b>	Está presente na história como personagem secundária, que narra em primeira pessoa aquilo que está testemunhando da periferia dos acontecimentos; sua visão é limitada.	
<b>Onisciência seletiva múltipla</b>	Não há um narrador exatamente, a história se desenrola a partir da mente das personagens. Predomina o discurso indireto livre e os pontos de vista podem ser vários.	
<b>Onisciência seletiva</b>	A narrativa também se desenrola diretamente à cena, mas pelo ponto de vista de apenas um personagem; o discurso predominante é o indireto livre.	
<b>Câmera</b>	Aqui temos a completa exclusão do narrador, em uma tentativa de mostrar a história da forma mais neutra possível, apresentando-a como se fosse uma câmera de cinema, narrando por meio de um discurso indireto.	

As **personagens** são os seres que participam dos fatos narrados; são elas que praticam as ações descritas pelo narrador. Constituem representações fictícias, ou seja, uma criação, mesmo quando inspiradas em pessoas reais. A personagem principal da narrativa é chamada de protagonista. As personagens podem ser planas (previsíveis, caricaturais e estereotipadas) ou redondas (complexas, contraditórias, imprevisíveis).

O **tempo** indica quando as ações das personagens acontecem, como no trecho que lemos, em que as ações se iniciam ao entardecer e, prosseguindo a leitura, conseguimos nos localizar no ano de 1500, na chegada dos portugueses ao Brasil. Esse é o **tempo cronológico**, marcado pela passagem das horas, dias, anos etc. Ele pode ser linear, seguindo uma lógica temporal, ou não linear, começando do fim ou do meio, retrocedendo ou avançando na narrativa, mas sempre mantendo uma lógica segundo a qual é possível organizar os acontecimentos narrados em uma ordem cronológica. Há também o **tempo psicológico**, que é subjetivo e não pode ser medido, é o tempo das memórias e reflexões.

O lugar onde as ações ocorrem diz respeito ao elemento conhecido como **espaço**, que indica o país, a região ou o ambiente em que as personagens estão ou sobre o qual se referem. Ele pode ser mais ou menos detalhado, dependendo da importância que desempenha na narrativa. Perceba que, na descrição do espaço em *A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas*, o narrador detalha a exuberância da floresta, suas cores, cheiros e barulhos. Essas informações são relevantes para ajudar o leitor a enxergar o local em que a personagem Inaiá vai nascer e naturalmente se conectar, como se fosse parte da floresta, ao mesmo tempo que para os portugueses esses detalhes são indícios das riquezas comerciais que eles buscavam.

O **enredo**, por fim, refere-se aos acontecimentos da narrativa, à maneira como eles se arranjam e se sucedem para gerar um **conflito** com a intenção de atrair o leitor. O enredo se divide em partes: introdução, complicação, desenvolvimento, clímax e desfecho.

Vale a pena considerarmos que todos esses elementos narrativos servem para fins estruturantes e classificatórios, mas nem sempre aparecem nos textos literários, uma vez que essa obrigatoriedade já limitaria as possibilidades de criação tão inerentes a essas obras.

## Gênero lírico

Na Grécia Antiga, era costume que a poesia fosse cantada e acompanhada pela lira, um instrumento musical de cordas. É daí que vem a denominação de gênero lírico para a produção de poesia.

Ele é sem dúvida o mais subjetivo dos gêneros e seus temas abrangem os sentimentos, as emoções, o estado da alma e as disposições psicológicas do **eu lírico**. Diferentemente do que acontece na épica, em que a narrativa se dá em um tempo, a lírica é atemporal. Nela encontramos forte cunho emocional e a expressão das reflexões e experiências do “eu”.

### ! Atenção

O **eu lírico** é uma voz ficcional e não deve ser confundida com a voz do poeta.

## EU

Eu sou a que no mundo anda perdida,  
Eu sou a que na vida não tem norte,  
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte  
Sou a crucificada ... A dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,  
E que o destino amargo, triste e forte,  
Impele brutalmente para a morte!  
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...  
Sou a que chamam triste sem o ser...  
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,  
Alguém que veio ao mundo pra me ver,  
E que nunca na vida me encontrou!

ESPANCA, Florbela. Eu. In: *Antologia Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2015. p. 19.

Observe que o eu lírico exprime sentimentos de dor profunda (*a crucificada*), revelando que se vê como uma pessoa deslocada, perdida, sem rumo. Perceba a imagem que o eu lírico cria de si mesmo: *Sombra de névoa tênue e esvaecida*; a partir dela somos remetidos às ideias de imaterialidade e invisibilidade. Os versos são carregados de aspectos negativos: *amargo, triste, morte, perdida, dolorida*. Trata-se de um bom exemplo para nos lembrar que o gênero lírico não fala apenas de amor, mas também dos mais variados sentimentos e emoções do indivíduo.

O **soneto** é a forma lírica mais popular, como vemos no poema de Florbela Espanca. Ele tem quatro estrofes: duas com quatro versos e duas com três versos. Outras formas líricas são a **ode** (exaltação do sublime ou da natureza), a **elegia** (fala da morte e do luto), o **idílio** (poema curto ligado à vida pastoril), a **cantiga** (de amor, de amizade, de escárnio) e o **haicai** (forma poética milenar originária da China).

## RECURSOS POÉTICOS

Já sabemos que o texto literário é singular e que nele a linguagem é trabalhada para potencializar os sentidos. No poema isso fica bastante evidente, não apenas pela seleção das palavras, mas também pelo ritmo, pela rima e pelo metro. Esses recursos tornam o poema mais expressivo.

- **Rima:** repetição de sons semelhantes no final dos versos ou no meio de um mesmo verso. Pode ser:

- emparelhada

Quando infiltrei na literatura	a
Sonhava so com a ventura	a
Minhalma estava chêia de hianto	b
Eu nao previa o pranto.	b

JESUS, Maria Carolina de. Quarto de despejo. In: *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã, 1996.

- alternada

Tranquilo, o mar não canta nem ondeia;	a
O nauta, imerso noutro mar de mágoas,	b
Os olhos tristes e úmidos passeia	a
Pela tranquila quietação das águas.	b

GOETHE, Johann Wolfgang von. Calm de la mer (Calma do mar). In: SILVA, Francisca Júlia da. *Mármore*. Brasília: Senado Federal, 2020. (Escritoras do Brasil)

- interpolada

Eu sou a que no mundo anda perdida,	a
Eu sou a que na vida não tem norte,	b
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte	b
Sou a crucificada ... A dolorida...	a

ESPANCA, Florbela. Eu. In: *Antologia Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2015. p. 19.

- mista

Choras, criança, mas chorar não deves;	a
Entre a velhice e as tuas horas leves	a
É pequena a distância;	b
Choras de balde; choras,	c
Por que não sabes, flor, quanto são breves	a
Da humana vida as horas,	c
Por que não sabes quanto é bela a infância!	b

SILVA, Francisca Júlia da. A uma criança. In: *Mármore*. Brasília: Senado Federal, 2020. (Coleção Escritoras do Brasil).

- **Métrica:** os versos de um poema se dividem em **sílabas poéticas**, uma espécie de unidade de medida adotada para definir o tamanho deles. Observe a escansão – divisão em sílabas métricas – dos versos de Florbela Espanca. Note que a última sílaba do verso não é contada. Além disso, guiamo-nos pelo som para fazer a medição; por isso, é comum que uma palavra terminada em vogal se junte com outra que inicia em vogal.

Sombra de névoa tênue e esvaecida,  
 Som | bra | de | né | voa | tê | nue e es | va | e | ci | da,  
 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |  
 E que o destino amargo, triste e forte,  
 E | que o | des | ti | no a | mar | go, | tris | te e | for | te,  
 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |

ESPANCA, Florbela. Eu. In: *Antologia Poética*.  
 São Paulo: Martin Claret, 2015. p. 19.

Os versos podem ser classificados de acordo com a quantidade de sílabas poéticas. As métricas mais usadas são: redondilha menor ou pentassílabo (5); redondilha maior ou heptassílabo (7); decassílabo (10); alexandrino (12); bárbaro (mais de 12 sílabas poéticas).

- **Ritmo:** sucessão de sílabas fortes e fracas combinadas em um verso que imprimem a melodia do poema. No exemplo a seguir, a combinação de sílabas e a aliteração simulam o som do vento tremulando a bandeira.

Que a brisa do Brasil beija e balança.  
 Estandarte que a luz do sol encerra  
 E as promessas divinas da esperança...

ALVES, Castro. *O navio negreiro*. São Paulo:  
 Textura Editorial, 2019.

## Gênero dramático

No gênero dramático, os acontecimentos não são contados por um narrador. As ações se desenrolam a partir das falas das personagens. O texto dramático, assim como acontecia na lírica e na épica, era escrito em versos e criado para ser interpretado. A expressão, a entonação e a postura corporal dos atores são indicadas pelas **rubricas**, assim como os detalhes do cenário, a entrada e a saída das personagens, os figurinos, entre outros aspectos. Todos esses elementos ajudam a contar a história diretamente ao público. O trecho que vamos ler é de uma das peças mais importantes da Antiguidade Clássica, escrita por Sófocles.



IES-MANUEL GARCÍA BARRIOS (CC BY 2.0)

*Édipo rei* – Festival de Lugo 2011, organizado por SEECGalicia. Grupo S. V. Producciones de Madrid, dirigido por Susana Verdú.

## Édipo rei

Entra Tirésias, guiado por uma criança. Dois escravos de Édipo os acompanham.

ÉDIPO – Tirésias, tu que percebes tudo, tanto o que se ensino quanto o que permanece interdito aos lábios humanos,

tanto o que há no céu quanto o que há na terra, sabes, mesmo sendo cego, do flagelo que assola Tebas. Cremos que somente tu, senhor, poderás nos proteger e nos salvar contra ele. Com efeito, Apolo – se nada soubeste por meus enviados –, Apolo consultado nos deu este conselho: há um único meio para nos livrarmos do flagelo; é descobrir os assassinos de Laio, para em seguida fazê-los perecer ou exilá-los do país. [...] Nossa vida está em suas mãos. Para um homem não há mais nobre tarefa que ajudar os outros na medida de sua força e seus recursos.

TIRÉSIAS – Ai de mim! Como é terrível saber, quando o saber de nada serve a quem o possui! Eu não o ignorava, mas havia esquecido. Caso contrário não teria vindo.

ÉDIPO – O que foi? E por que tamanha perturbação ao pensamento de ter vindo?

[...]

TIRÉSIAS – Digo que és tu o assassino procurado.

ÉDIPO – Ah! Não repetirás tais horrores impunemente!

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Tradução de Paulo Neves.  
 Porto Alegre: L&PM, 2011. p. 21-25.

Aristóteles subdividiu o gênero épico em duas modalidades: **tragédia** (representação da queda da nobreza) e **comédia** (sátira das pessoas comuns, dos acontecimentos do cotidiano). Mas, assim como os demais gêneros, que se transformaram ao longo dos anos, o dramático se desdobrou em outras formas, como a farsa, o auto e o teatro de costumes.

## Estabelecendo relações

O legado da Grécia Antiga para a civilização ocidental não se restringe ao âmbito das artes. Uma das contribuições mais relevantes da civilização grega é a **democracia**.

A palavra democracia, originalmente grega, possui um significado político. É composta de duas outras: *demo* e *cracia*. *Demo* quer dizer “povo”, e *cracia*, “poder”. Democracia significa “poder do povo”, “forma de governo”, “governo do povo, pelo povo e para o povo”. Na Cidade-Estado de Atenas, a democracia era o exercício do poder político pelo povo e para o povo sem qualquer mediação. A famigerada democracia ateniense tinha por base a ideia de utilização do Estado para atender às necessidades do povo. Tudo girava em função de seu bem-estar e prosperidade.

A sociedade ateniense estava dividida em três grupos sociais: os cidadãos [...], os metecos [...], os escravos [...].

A democracia era estendida somente para os cidadãos e restrita aos estrangeiros, mulheres e escravos.

ROSSET, Luciano. A democracia ateniense: filha de sua história, filha de sua época. *Revista de Cultura Teológica*, v. 16, n. 64, jul./set. 2008. p. 183-207.

Em sua origem, a democracia não era tão democrática como a conhecemos, já que apenas os homens nascidos de pai e mãe atenienses eram considerados cidadãos e usufruíam dos direitos civis e políticos. Eles também atuavam diretamente tomando parte nas decisões políticas. Atualmente, os estados modernos adotaram a democracia representativa, na qual o povo elege os representantes que devem zelar pelos interesses da maioria.



Leia os textos a seguir para responder às questões 1 e 2.

[...] o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção.

CHKLOVSKI, Viktor. *A arte como procedimento*. In: *Teoria Literária: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 45.

Se não tivesse visto o sol  
A sombra eu suportaria.  
Mas essa luz fez do meu deserto  
Um deserto que antes não existia.

DICKINSON, Emily. *Um livro de horas*. Tradução de Angela-Lago. São Paulo: Scipione, 2007.

1. Sabemos que a literatura é uma forma de arte. Segundo Viktor Chklovski, a singularização obscurece a forma e aumenta a dificuldade e a duração da percepção. Como esse procedimento é percebido no poema de Emily Dickinson?
2. Reflita sobre o uso das palavras “sol” e “sombra” no poema. O sentido das palavras é denotativo ou conotativo? Justifique.

### 3. Enem Digital 2020

#### Caso pluvioso

A chuva me irritava. Até que um dia descobri que maria é que chovia.

A chuva era maria. E cada pingo de maria ensopava o meu domingo.

E meus ossos molhando, me deixava como terra que a chuva lava e lava.

E eu era todo barro, sem verdura... maria, chuvosíssima criatura!

Ela chovia em mim, em cada gesto, pensamento, desejo, sono, e o resto.

Era chuva fininha e chuva grossa, Matinal e noturna, ativa... Nossa!

ANDRADE, C. D. *Viola de bolso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952 (fragmento).

Considerando-se a exploração das palavras “maria” e “chuvosíssima” no poema, conclui-se que tal recurso expressivo é um(a)

- a) registro social típico de variedades regionais.
- b) variante particular presente na oralidade.
- c) inovação lexical singularizante da linguagem literária.
- d) marca de informalidade característica do texto literário.
- e) traço linguístico exclusivo da linguagem poética.

### 4. Enem Digital 2020

#### Pessoal intransferível

Escute, meu chapa: um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela. Nada no bolso e nas mãos. Sabendo: perigoso, divino, maravilhoso.

Poetar é simples, como dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena etc. Difícil é não correr com os versos debaixo do braço. Difícil é não cortar o cabelo quando a barra pesa. Difícil, pra quem não é poeta, é não trair a sua poesia, que, pensando bem, não é nada, se você está sempre pronto a temer tudo; menos o ridículo de declamar versinhos sorridentes. E sair por aí, ainda por cima sorridente mestre de cerimônias, “herdeiro” da poesia dos que levaram a coisa até o fim e continuam levando, graças a Deus.

E fique sabendo: quem não se arrisca não pode berrar. Citação: leve um homem e um boi ao matadouro. O que berrar mais na hora do perigo é o homem, nem que seja o boi. Adeusão.

TORQUATO NETO. *Melhores poemas de Torquato Neto*. São Paulo: Global, 2018.

Expoente da poesia produzida no Brasil na década de 1970 e autor de composições representativas da Tropicalia, Torquato Neto mobiliza, nesse texto,

- a) gírias e expressões coloquiais para criticar a linguagem adornada da tradição literária então vigente.
- b) intenções satíricas e humorísticas para delinear uma concepção de poesia voltada para a felicidade dos leitores.
- c) frases de efeito e interpelações ao leitor para ironizar as tentativas de adequação do poema ao gosto do público.
- d) recursos da escrita em prosa e noções do senso comum para enfatizar as dificuldades inerentes ao trabalho do poeta.
- e) referências intertextuais e anedóticas para defender a importância de uma atitude destemida ante os riscos da criação poética.

5. **Enem Digital 2020** Na sua imaginação perturbada sentia a natureza toda agitando-se para sufocá-la. Aumentavam as sombras. No céu, nuvens colossais e túmidas rolavam para o abismo do horizonte... Na várzea, ao clarão indeciso do crepúsculo, os seres tomavam ares de monstros... As montanhas, subindo ameaçadoras da terra, perfilavam-se tenebrosas... Os caminhos, espreguiçando-se sobre os campos, animavam-se quais serpentes infinitas... As árvores soltas choravam ao vento, como carpideiras fantásticas da natureza morta... Os aflitivos pássaros noturnos gemiam agouros com pios fúnebres. Maria quis fugir, mas os membros cansados não acudiam aos ímpetos do medo e deixavam-na prostrada em uma angústia desesperada.

ARANHA, J. P. G. *Canaã*. São Paulo: Ática, 1997.

No trecho, o narrador mobiliza recursos de linguagem que geram uma expressividade centrada na percepção da



- a) relação entre a natureza opressiva e o desejo de libertação da personagem.
- b) confluência entre o estado emocional da personagem e a configuração da paisagem.
- c) prevalência do mundo natural em relação à fragilidade humana.
- d) depreciação do sentido da vida diante da consciência da morte iminente.
- e) instabilidade psicológica da personagem face à realidade hostil.

6. Leia o trecho a seguir para responder à questão.

[...] E tudo à volta era névoa, fumo do mar rolando ao lume das águas e depois invadindo mansamente a costa deserta. Havia esse sudário fresco, quase matinal, embora, cravado no céu verde-ácido, despontasse já o brilho frio da primeira estrela do anoitecer.

PIRES, José Cardoso. Uma simples flor nos teus cabelos claros. In: *Jogos de azar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

A figura de linguagem chamada sinestesia estabelece cruzamento de sentidos, associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações diferentes numa só impressão. Essa figura pode ser encontrada no seguinte trecho:

- a) “brilho frio da primeira estrela do anoitecer”.
- b) “E tudo à volta era névoa”.
- c) “Havia esse sudário fresco”.
- d) “invadindo mansamente a costa deserta”.
- e) “fumo do mar rolando”.

7. O uso de figuras de linguagem é muito comum nos textos literários, pois elas ajudam a singularizar a linguagem. Leia o trecho a seguir e observe as figuras de linguagem utilizadas como recursos expressivos. Destaque um exemplo de metáfora, de antítese e de prosopopeia.

**HELENA** – Como são felizes uns, muito mais que outros podem ser! Por toda a Atenas me acham tão linda quanto ela. Mas, e daí? Demétrio não pensa assim. Ele não quer saber daquilo que todos, menos ele, sabem. E, assim como ele está equivocado, ao adorar os olhos de Hérnia, estou eu igualmente equivocada, admirando nele as qualidades. Coisas baixas e vis, sem o menor valor, pode invertê-las o amor em caráter e dignidade. O Amor não enxerga com os olhos, e sim com a mente, e por isso pinta-se cego o Cupido alado. Tampouco a mente do Amor tem fato para qualquer discernimento. Com asinhas e sem olhos, representa a pressa da imprudência. Dizem, portanto, que o Amor é uma criança; porque, ao escolher, ele é tantas vezes enganado.

SHAKESPEARE, William. *Sonho de uma noite de verão*. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: TAG, 2019. p. 22. (Coleção Clássicos da Literatura TAG Curadoria)

8. Leia o seguinte trecho de uma das obras de Tolkien e responda à questão proposta.

– Levarei o anel – disse ele. – Embora não conheça o caminho. Elrond levantou os olhos e olhou para ele, e Frodo sentiu o coração devassado pela agudeza daquele olhar. – Se entendo bem tudo o que foi dito – disse ele –, penso que essa tarefa é destinada a você, Frodo; e que, se

você não achar o caminho, ninguém saberá. É chegada a hora do povo do Condado, quando deve se levantar de seus campos pacíficos para abalar as torres e as deliberações dos Grandes. [...] Mas o fardo é pesado. Tão pesado que ninguém poderia impô-lo a outra pessoa. Não o imponho a você. Mas se o toma livremente, direi que sua escolha foi acertada; e se todos os poderosos amigos dos elfos de antigamente, Hador, e Húrin, e Túrin, e o próprio Beren, estivessem reunidos juntos, haveria um lugar para você entre eles.

TOLKIEN, J. R. R. *O senhor dos anéis: a sociedade do anel*. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 286.

As narrativas épicas apresentam os feitos extraordinários de um povo representado pela figura do herói. No fragmento de *O Senhor dos Anéis*, nota-se a proximidade com o gênero épico, porque o personagem Frodo

- a) está predestinado a cumprir uma missão recusada pelos homens do Condado.
- b) aceita a imposição dos amigos dos elfos para levar o anel a seu destino.
- c) assume a tarefa de enfrentar perigos da missão em nome do povo do Condado.
- d) reconhece que levar o anel a seu destino é uma tarefa designada a um herói pacífico.
- e) lança-se em uma jornada impossível porque ele desconhece o caminho a ser percorrido.

9. O lírico é o mais subjetivo dos gêneros literários. Além dessa, quais são as outras características desse gênero?

10. Leia o trecho a seguir para responder à questão.

CENA 1

Atenas. Um aposento no palácio de Teseu. Entram Teseu, Hipólita, Filóstrato e Serviçais

**TESEU** – Agora, graciosa Hipólita, o momento de nossas núpcias vem de nós aproximando-se, a passos acelerados. Quatro gloriosos dias, e teremos uma mudança de lua. Mas, ah, parece-me que esta lua, agora antiga, demora-se tanto a minguar! Ela vai protelando os meus desejos, como madrastra ou nobre viúva que faz mirrar e murchar e secar os rendimentos de um mancebo herdado.

**HIPÓLITA** – Quatro dias vão rapidamente submergir em quatro noites, e quatro noites farão as horas esvanecer rapidamente em sonhos, e então a lua, como um arco prateado recém-arqueado no céu, contemplará a noite da celebração de nossas bodas.

**TESEU** – Vá, Filóstrato, incite a juventude ateniense a participar dos festejos. Acorde o atrevido e ágil espírito do júbilo, expulse a melancolia daqui para os funerais. Essa pálida companhia não combina com nossa pompa.

[Sai Filóstrato]

SHAKESPEARE, William. *Sonho de uma noite de verão*. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: TAG, 2019. p. 12. (Coleção Clássicos da Literatura TAG Curadoria)

O trecho que acabamos de ler pertence a uma peça de William Shakespeare, um dos autores mais relevantes da literatura mundial. Indique em qual dos gêneros literários a obra pode ser categorizada e apresente as características que justificam sua resposta.

## Exercícios propostos

- 1. Fuvest-SP 2020** Os textos literários são obras de discurso, a que falta a imediata referencialidade da linguagem corrente; poéticos, abolem, “destroem” o mundo circundante, cotidiano, graças à função irrealizante da imaginação que os constrói. E prendem-nos na teia de sua linguagem, a que devem o poder de apelo estético que nos enleia; seduz-nos o mundo outro, irreal, neles configurado [...]. No entanto, da adesão a esse “mundo de papel”, quando retornamos ao real, nossa experiência, ampliada e renovada pela experiência da obra, à luz do que nos revelou, possibilita redescobri-lo, sentindo-o e pensando-o de maneira diferente e nova. A ilusão, a mentira, o fingimento da ficção, aclara o real ao desligar-se dele, transfigurando-o; e aclara-o já pelo insight que em nós provocou.

Benedito Nunes, “Ética e leitura”, de *Crivo de Papel*.

O que eu precisava era ler um romance fantástico, um romance besta, em que os homens e as mulheres fossem criações absurdas, não andassem magoando-se, traindo-se. Histórias fáceis, sem almas complicadas. Infelizmente essas leituras já não me comovem.

Graciliano Ramos, *Angústia*.

Romance desagradável, abafado, ambiente sujo, povoado de ratos, cheio de podridões, de lixo. Nenhuma concessão ao gosto do público. Solilóquio doído, enervante.

Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*, em nota a respeito de seu livro *Angústia*.

O argumento de Benedito Nunes, em torno da natureza artística da literatura, leva a considerar que a obra só assume função transformadora se

- estabelece um contraponto entre a fantasia e o mundo.
- utiliza a linguagem para informar sobre o mundo.
- instiga no leitor uma atitude reflexiva diante do mundo.
- oferece ao leitor uma compensação anestésica do mundo.
- conduz o leitor a ignorar o mundo real.

- 2. Ufam 2020** Leia o poema de Raimundo Correia:

### Anoitecer

Esbraseia o Ocidente na agonia  
O sol... Aves em bandos destacados,  
Por céus de oiro e de púrpura raiados,  
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serra  
Os vértices de chama aureolados,  
E em tudo, em torno, esbatem derramados  
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar flutua...  
Como uma informe nódoa, avulta e cresce  
A sombra à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...  
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua  
Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

Analise as afirmativas a seguir:

- O uso das reticências sugere a construção de imagens frágeis da natureza pelo próprio leitor, numa interação com o sujeito lírico, compromissado com os problemas sociais.
- O poema, rigorosamente, enquadra-se na arte pela arte, ou seja, a função essencial da arte era produzir o belo.
- O sujeito lírico opta por descrever um fenômeno natural, mantendo uma postura impassível diante do objeto do poema.

Assinale a alternativa correta:

- Somente a afirmativa I é verdadeira.
- Somente a afirmativa II é verdadeira.
- Somente as afirmativas I e II são verdadeiras.
- Somente as afirmativas I e III são verdadeiras.
- Somente as afirmativas II e III são verdadeiras.

- 3. FICSAE-SP 2021** Leia a crônica “O pistolão”, de Lima Barreto, para responder à questão.

Quando o dr. Café foi nomeado diretor do Serviço de Construção de Albergues e Hospedarias, anunciou aos quatro ventos que não atenderia a pistolões.

Sabe toda a gente em que consiste o pistolão ou o cartucho. É uma carta ou cartão de pessoa influente, de amigo ou amiga, de chefe político que faz as altas autoridades torcerem a justiça e o direito.

Café tinha anunciado que não atenderia absolutamente aos tais “cartuchos”; que ia decidir por si todos os casos e questões.

Firme em tal propósito, ele se trancara no gabinete e lia os regulamentos que inteiramente desconhecia, sobretudo os da sua repartição.

Naquele dia, o doutor teve notícia de que um moço o procurava.

Deu ordem a um contínuo que o fizesse entrar.

— Que deseja?

— Vossa excelência há de perdoar-me o incômodo.

Eu desejava ser nomeado porteiro do albergue da ilha do Governador.

— Há albergue lá?

— Há sim, senhor.

Café pensou um tempo e disse com rapidez:

— Não conheço bem o senhor. Quem me garante a sua idoneidade para o cargo?

— Vossa excelência disse que não admitia empenhos...

— É verdade...

— Mas saberá vossa excelência que eu...

— É, é... O senhor deve fazer-se recomendar.

— Tenho mesmo já a recomendação.

— De quem é?

— Do senador Xisto.

— Deixe-me ver.

Café leu a carta e lembrou-se de que esse senador tinha concorrido muito para a nomeação dele.

Leu e respondeu:

— Pode ir. Amanhã estará nomeado.

(*Sátiras e outras subversões*, 2016.)

Verifica-se expressão empregada em sentido figurado no seguinte trecho:

- a) “anunciou aos quatro ventos que não atenderia” (1º parágrafo)
- b) “ia decidir por si todos os casos e questões” (3º parágrafo)
- c) “o doutor teve notícia de que um moço o procurava” (5º parágrafo)
- d) “Vossa excelência há de perdoar-me o incômodo” (8º parágrafo)
- e) “O senhor deve fazer-se recomendar” (16º parágrafo)

#### 4. Enem

##### Guardar

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro

Do que um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica, por isso se declara e declama um poema:

Para guardá-lo:

Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:

Guarde o que quer que guarda um poema:

Por isso o lance do poema:

Por guardar-se o que se quer guardar.

MACHADO, G. In: MORICONI, I. (org.).  
*Os cem melhores poemas brasileiros do século.*  
Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

A memória é um importante recurso do patrimônio cultural de uma nação. Ela está presente nas lembranças do passado e no acervo cultural de um povo. Ao tratar o fazer poético como uma das maneiras de se guardar o que se quer, o texto

- a) ressalta a importância dos estudos históricos para a construção da memória social de um povo.
  - b) valoriza as lembranças individuais em detrimento das narrativas populares ou coletivas.
  - c) reforça a capacidade da literatura em promover a subjetividade e os valores humanos.
  - d) destaca a importância de reservar o texto literário àqueles que possuem maior repertório cultural.
  - e) revela a superioridade da escrita poética como forma ideal de preservação da memória cultural.
5. **EEAR-SP 2023** Assinale a alternativa cuja frase não contém a mesma figura de linguagem apresentada em “De um lado, a pobreza que todos repelem, de outro, a riqueza que todos almejam”.
- a) “As armas não descansam na guerra infame.” (Josué Solar)
  - b) “A vida separa muito mais que a morte.” (Murilo Mendes)

- c) “E melhor é naturalmente cedo que artificialmente tarde.” (Machado de Assis)
- d) “Sofremos demasiado pelo pouco que nos falta e alegremo-nos pouco pelo muito que temos.” (Shakespeare)

6. **UFPR 2023** Considere os seguintes versos da música “O Quereres”, de Caetano Veloso:

Onde queres revólver, sou coqueiro  
E onde queres dinheiro, sou paixão  
Onde queres descanso, sou desejo  
E onde sou só desejo, queres não  
E onde não queres nada, nada falta  
E onde voas bem alta, eu sou o chão  
E onde pisas o chão, minha alma salta  
E ganha liberdade na amplidão.

Assinale a alternativa que aponta, respectivamente, o recurso estilístico empregado pelo compositor e o efeito de sentido pretendido.

- a) sinestesia, desejo de empatia com a posição do outro.
- b) antítese, constatação da diferença de opiniões.
- c) paradoxo, reforço das posições dos interlocutores.
- d) eufemismo, cuidado ao expor posições antagônicas.
- e) repetição, surpresa em relação às posições dos sujeitos envolvidos.

#### 7. Uerj 2016

##### A ARTE DE ENGANAR

Em seu livro *Pernas pro ar*, Eduardo Galeano recorda que, na era vitoriana, era proibido mencionar “calças” na presença de uma jovem. Hoje em dia, diz ele, não cai bem utilizar certas expressões perante a opinião pública:

- 5 “O capitalismo exhibe o nome artístico de economia de mercado; imperialismo se chama globalização; suas vítimas se chamam países em via de desenvolvimento; oportunismo se chama pragmatismo; despedir sem indenização nem explicação se chama flexibilização laboral” etc.
- 10 A lista é longa. Acrescento os inúmeros preconceitos que carregamos: ladrão é sonegador; lobista é consultor; fracasso é crise; especulação é derivativo; latifúndio é agronegócio; desmatamento é investimento rural; lavanderia de dinheiro escuso é paraíso fiscal;
- 15 acumulação privada de riqueza é democracia; socialização de bens é ditadura; governar a favor da maioria é populismo; tortura é constrangimento ilegal; invasão é intervenção; peste é pandemia; magricela é anoréxica. Eufemismo é a arte de dizer uma coisa e acreditar que o público escuta ou lê outra. É um jeitinho de escamotear significados. De tentar encobrir verdades e realidades.
- 20 Posso admitir que pertenço à terceira idade, embora esteja na cara: sou velho. Ora, poderia dizer que sou seminovo! Como carros em revendedoras de veículos. Todos
- 25 velhos! Mas o adjetivo seminovo os torna mais vendáveis. Coitadas das palavras! Elas são distorcidas para que a realidade, escamoteada, permaneça como está. Não conseguem, contudo, escapar da luta de classes: pobre é ladrão, rico é corrupto. Pobre é viciado, rico é dependente químico.
- 30 Em suma, eufemismo é um truque semântico para tentar amenizar os fatos.

Frei Betto Adaptado de *O Dia*, 21/03/2015

Em sua origem grega, o termo “eufemismo” significa “palavra de bom agouro” ou “palavra que deseja o bem”. Como figura de linguagem, indica um recurso que suaviza alguma ideia ou expressão mais chocante. Na crônica, o autor enfatiza o aspecto negativo dos eufemismos, que serviriam para distorcer a realidade. De acordo com o autor, o eufemismo camufla a desigualdade social no seguinte exemplo:

- a) fracasso é crise (l. 12)
- b) peste é pandemia (l. 18)
- c) magricela é anoréxica (l. 18)
- d) rico é corrupto (l. 29)

8. **Fatec-SP 2023** Journey, ilustração do artista polonês Pawel Kuczynski, é a concretização, por meio de imagens, de uma figura de linguagem. Assinale a alternativa que identifica essa figura de linguagem e que interpreta corretamente a obra.



- a) Sinestesia, pois há a fusão das sensações visuais e auditivas na representação do farfalhar dos livros.
- b) Personificação, pois dá aos livros a capacidade de voar livremente como pássaros durante a sua elaboração.
- c) Onomatopeia, pois representam-se os ruídos dos objetos que circulam a personagem durante uma viagem.
- d) Metáfora, pois atribui-se à leitura a capacidade de transportar os indivíduos a outras realidades, comparando-a a uma viagem.
- e) Metonímia, pois o livro é utilizado como símbolo para representar o desenvolvimento cultural; e o jovem, como o futuro da sociedade.

9. **ESPM-RJ 2014** Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão **empeçado**, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é também essa. O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte [...] Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se uma parte está branco, da outra há de estar negro [...] Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação, muito distinto e muito claro.

Padre Antonio Vieira, “Sermão da sexagésima”.

**empeçado:** com obstáculo, com empecilho.

A repetição da expressão “um estilo tão” e o uso da expressão “xadrez de palavras” compõem respectivamente as figuras de linguagem:

- a) anáfora e metáfora.
- b) polissíndeto e metonímia.
- c) pleonasma e anacoluto.
- d) metáfora e prosopopeia.
- e) antonomásia e catacrese.

10. **UEL-PR 2021** Leia o texto a seguir.

Assim, a epopeia e a poesia trágica, também a cômica, [...] são, [...] produções miméticas. [...] mas não há nada em comum entre Homero e Empédocles, exceto a métrica; eis porque designamos, com justiça, um de poeta, o outro de naturalista em vez de poeta.

ARISTÓTELES. *Poética*. 1447 a15; 1447 b16-21. 2. ed. Edição bilíngue. Trad. Paulo Pinheiro. Rio de Janeiro: Editora 34, 2017. p. 37 e 39; 43 e 45

Com base no texto e nos conhecimentos sobre Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- a) Homero e Empédocles, por usarem a metrificação e discursos miméticos, falam dos deuses e heróis da mitologia e da presença deles na natureza.
- b) A escrita tanto de poetas trágicos como de filósofos naturalistas é definida pela métrica, ambos tratando racionalmente da natureza dos deuses.
- c) Mesmo usando métrica, Empédocles é um dos primeiros filósofos que tratam da natureza, enquanto Homero narra os mitos da tradição grega.
- d) Métrica e mimética de poetas e naturalistas expressavam o modo como os mitos explicavam o funcionamento da natureza e do cosmo.
- e) Empédocles e Anaximandro, filósofos naturalistas, escreviam em métrica, explicando como os deuses controlavam a natureza.

11. **PUC-Rio**

### Recordação

Agora, o cheiro áspero das flores  
leva-me os olhos por dentro de suas pétalas.

Eram assim teus cabelos;  
tuas pestanas eram assim, finas e curvas.

As pedras limosas, por onde a tarde ia aderindo,  
tinham a mesma exalação de água secreta,  
de talos molhados, de pólen,  
de sepulcro e de ressurreição.

E as borboletas sem voz  
dançavam assim veludosamente.

Restitui-te na minha memória, por dentro das flores!  
Deixa virem teus olhos, como besouros de ônix,  
tua boca de malmequer orvalhado,  
e aquelas tuas mãos dos inconsoláveis mistérios,  
com suas estrelas e cruces,  
e muitas coisas tão estranhamente escritas  
nas suas nervuras nítidas de folha,  
– e incompreensíveis, incompreensíveis.

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1972, p. 154.



O poema de Cecília Meireles caracteriza-se pela visão intimista do mundo, a presença de associações sensoriais e a aproximação do humano com a natureza. A memória é a fonte de inspiração do eu poético. A partir dessas afirmações, determine o gênero literário predominante no Texto, justificando sua resposta com suas próprias palavras.

## 12. Enem 2019

### Canção

No desequilíbrio dos mares,  
as proas giram sozinhas...  
Numa das naves que afundaram  
é que certamente tu vinhas.

Eu te esperei todos os séculos  
sem desespero e sem desgosto,  
e morri de infinitas mortes  
guardando sempre o mesmo rosto.

Quando as ondas te carregaram  
meus olhos, entre águas e areias,  
cegaram como os das estátuas,  
a tudo quanto existe alheias.

Minhas mãos pararam sobre o ar  
e endureceram junto ao vento,  
e perderam a cor que tinham  
e a lembrança do movimento.

E o sorriso que eu te levava  
desprende-se e caiu de mim:  
e só talvez ele ainda viva  
dentro destas águas sem fim.

MEIRELES, C. In: SECCHIN, A. C. (org.). *Obra completa*.  
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Na composição do poema, o tom elegíaco e solene manifesta uma concepção de lirismo fundada na

- contradição entre a vontade da espera pelo ser amado e o desejo de fuga.
- expressão do desencanto diante da impossibilidade da realização amorosa.
- associação de imagens díspares indicativas de esperança no amor futuro.
- recusa à aceitação da impermanência do sentimento pela pessoa amada.
- consciência da inutilidade do amor em relação à inevitabilidade da morte.

## 13. Unifor-CE

### Janela

Janela, palavra linda  
Janela é o bater das asas da borboleta amarela.  
Abre pra fora as suas folhas de madeira à toa pintada,  
janela jeca, de azul.  
Eu pulo você pra dentro e pra fora, monto a cavalo em você,  
meu pé esbarra no chão.  
Janela sobre o mundo aberta, por onde vi  
o casamento da Anita esperando neném, a mãe  
do Pedro Cisterna urinando na chuva, por onde vi  
meu bem chegar de bicicleta e dizer a meu pai:  
minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.  
Ô janela com tramela, brincadeira de ladrão,  
claraboia na minha alma,  
olho no meu coração.

PRADO, A. *Poesia Reunida*. Rio de Janeiro: Record, 2017

Nesse poema, o eu lírico celebra a janela. Sobre esse objeto poético no texto, considere as assertivas a seguir.

- O elogio do objeto janela se revela a partir do próprio signo linguístico.
  - A janela da afeição do eu lírico é a de cor amarela como a da borboleta.
  - A janela no poema sugere o movimento dialético da própria vida.
  - A janela é denotativa e conotativamente um lugar de registro dos eventos da vida.
- É correto o que se afirma apenas em
- I, II, III e IV.
  - I, II e IV.
  - I, III e IV.
  - II, III e IV.
  - III e IV.



Leia o poema de Fernando Pessoa para responder às questões 14 e 15.

As rosas amo dos jardins de Adônis  
Essas volucres amo, Lídia, rosas,  
Que em o dia em que nascem,  
Em esse dia morrem.  
A luz para elas é eterna, porque  
Nascem nascido já o sol, e acabam  
Antes que Apolo deixe  
O seu curso visível.  
Assim façamos nossa vida um dia,  
Inscientes, Lídia, voluntariamente  
Que há noite antes e após  
O pouco que duramos.

(Obra poética, 1997.)

**Adônis:** na mitologia grega, um jovem de notável beleza, o favorito da deusa Afrodite.  
**volucres:** efêmero, transitório.  
**Apolo:** na mitologia grega, o deus do Sol.  
**insciente:** não ciente, ignorante.

- FICSAE-SP 2021** No poema, o eu lírico aspira à
  - beleza das rosas.
  - inconsciência das rosas.
  - imortalidade dos deuses.
  - transitoriedade da luz.
  - indiferença dos deuses.
- FICSAE-SP 2021** No poema, o eu lírico recorre reiteradamente ao recurso estilístico denominado
  - eufemismo, a atenuação do sentido desagradável de uma palavra ou de uma expressão.
  - hipérbole, a ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística.
  - pleonasma, a redundância desnecessária de palavras ou expressões para enunciar uma ideia.
  - hipérbato, a inversão da ordem natural e direta das palavras ou dos termos de uma oração.
  - anáfora, a repetição de uma palavra ou grupo de palavras no início de dois ou mais versos sucessivos.
- EsPCEX-SP 2017** A sátira é um exemplo do gênero
  - dramático.
  - narrativo.
  - lírico.
  - épico.
  - didático.

17. **UFT-TO** Leia os fragmentos de textos para responder à questão.

### Fragmento de Texto 1

**MARIA** (falando baixo, entre risos) – Pronto, lá se foi o sapato... Enterrei o pé na lama...

**TIÃO** – Olha só como tá meu linho! (Passa a mão pela roupa, risonho. Para fora) Ei, Juvêncio! Tocando na chuva estraga a viola! (Pausa. O violão afasta-se.) É um maluco... tocando na chuva.

**MARIA** – Fala baixo, tu acorda o pessoal!

Guarnieri, Gianfrancesco. *Eles não usam black-tie*.

### Fragmento de Texto 2

abrindo um antigo caderno  
foi que eu descobri  
antigamente eu era eterno

LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*.

### Fragmento de Texto 3

Seu Chico Brabo era solteiro, de meia-idade, grosso, baixo, na cara balofa e amarelenta uma barba ruiva, olhos miúdos e de porco. Não me lembro de tê-lo visto nas cavaqueiras de proprietários e negociantes, que, depois do vigário e do juiz, formavam a aristocracia do lugar e marcavam a distinção usando capotes e cachê-nez de lã no inverno.

RAMOS, Graciliano. *Infância*.

Marque a alternativa correta em que os fragmentos representam, respectivamente, os gêneros literários:

- |   |   |
|---|---|
| a) dramático, lírico, dramático.          | d) épico ou narrativo, lírico, dramático. |
| b) lírico, dramático, épico ou narrativo. | e) dramático, lírico, épico ou narrativo. |
| c) épico ou narrativo, dramático, lírico. |   |

## Texto complementar

### O livro da literatura

O ato de contar histórias é tão antigo quanto a própria humanidade. A tradição de capturar os acontecimentos e as crenças das comunidades vem da época em que os humanos se sentaram pela primeira vez ao redor de uma fogueira para contar casos. A história foi preservada na forma de lendas e mitologias passadas de uma geração para a outra e ofereceu respostas sobre os mistérios do universo e sua criação.

Narrativas apareceram na mesma época que as antigas civilizações, mas, em um primeiro momento, a invenção da escrita serviu a funções simples e prosaicas – por exemplo, para registrar transações entre comerciantes ou quantidades de bens. [...]

A escrita logo evoluiu de uma maneira de fornecer informações comerciais para preservar as histórias orais que eram intrínsecas de cada cultura e seus costumes, ideias, morais e estruturas sociais. Isso levou aos primeiros exemplos de literatura escrita, encontrados nas narrativas épicas da Mesopotâmia, da Índia e da Grécia Antiga [...] Apesar das distrações quase ilimitadas que os leitores encaram hoje, a literatura continua satisfazendo uma necessidade espiritual ou psicológica, e abrindo a mente de seus leitores para o mundo e sua extraordinária variedade.

CANTON, James (org.). *O livro da literatura*. Tradução de Camile Mendrot et al. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2016. p. 12.



Veja os principais assuntos e conceitos trabalhados neste capítulo acessando a seção **Resumindo** no livro digital, na Plataforma Poliedro.



### Quer saber mais?



#### Livro

**Mitos gregos: histórias extraordinárias de heróis, deuses e monstros para jovens leitores, de Nathaniel Hawthorne. Tradução de Bruno Gambarotto. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.**

A obra reúne seis histórias clássicas da mitologia grega, como “A cabeça da górgona”, em que Perseu luta contra Medusa, e “O paraíso das crianças”, narrativa em que se abre a caixa de Pandora, fonte de todos os problemas da humanidade.



#### Filme

**Minhas tardes com Margueritte. Direção: Jean Becker. 2010.**

O protagonista, Germaine, faz amizade com uma senhora amante dos livros, Margueritte. Com ela, vai aprender sobre a beleza da literatura.

## Exercícios complementares

1. **Unesp 2021** Leia o trecho do ensaio “As mutações do poder e os limites do humano”, de Newton Bignotto, para responder à questão.

A modernidade se construiu a partir do Renascimento à luz da famosa asserção do filósofo italiano Pico della Mirandola em seu Discurso sobre a dignidade do homem (1486), segundo o qual fomos criados livres e com o poder de escolher o que desejamos ser. Diferentemente dos outros seres, o homem pode constituir a própria face e transitar pelos caminhos mais elevados, ou degenerar até o nível inferior das bestas.

Para Pico della Mirandola, o homem é um ser auto-construído, e, por isso, não podemos atribuir a forças transcendentais nem os sucessos nem os fracassos. A liberdade para forjar sua própria natureza é um dom que implica riscos. Se com frequência preferimos olhar apenas para a força de uma vontade, que decidiu explorar o mundo com as ferramentas da razão, desde a era do Barroco sabemos que o real comporta um lado escuro, que não pode ser simplesmente esquecido. Ao lado do racionalismo triunfante, sempre houve um grito de alerta quanto às trevas que rondavam as sociedades modernas.

O século XX viu essas trevas ocuparem o centro da cena mundial e enterrou para sempre a ideia de que o progresso da civilização iria nos livrar de nossas fraquezas e defeitos. O século da técnica e dos avanços espetaculares da ciência foi também o século dos massacres e do aparecimento da morte em escala industrial. Tudo se passa como se a partir de agora não pudéssemos mais esquecer da besta, que Pico della Mirandola via como uma das possibilidades de nossa natureza. O monstro, que rondava a razão, e que por tanto tempo pareceu poder ser por ela derrotado, aproveitou-se de muitas de suas conquistas para criar uma nova identidade, que nos obriga a conviver com a barbárie no seio mesmo de sociedades que tanto contribuíram para criar a imagem iluminada do Ocidente.

(Auto Novaes (org.). *Mutações*, 2008. Adaptado.)

Está empregado em sentido figurado o termo que qualifica o substantivo na expressão

- “sociedades modernas” (2º parágrafo).
- “lado escuro” (2º parágrafo).
- “escala industrial” (3º parágrafo).
- “famosa asserção” (1º parágrafo).
- “forças transcendentais” (2º parágrafo).

2. **Famerp-SP 2023** Examine a tirinha de Dik Browne, publicada na conta do Instagram “Hagar, o Horrível”, em 01.04.2022.



Para produzir o seu efeito de humor, a tirinha mobiliza o seguinte recurso expressivo:

- eufemismo.
- personificação.
- antítese.
- sinestesia.
- hipérbole.

3. **Unifesp 2018** Leia o soneto “Aquele triste e leda madrugada”, do escritor português Luís de Camões (1525?-1580), para responder à questão.

Aquele triste e leda madrugada,  
cheia toda de mágoa e de piedade,  
enquanto houver no mundo saudade  
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada  
saía, dando ao mundo claridade,  
viu apartar-se de uma outra vontade,  
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio  
que, de uns e de outros olhos derivadas,  
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas  
que puderam tornar o fogo frio,  
e dar descanso às almas condenadas.

(Sonetos, 2001.)

A imagem das lágrimas a formarem um “largo rio” (3ª estrofe) produz um efeito expressivo que se classifica como

- paradoxo.
- pleonasma.
- personificação.
- hipérbole.
- eufemismo.

4. **Uece 2018**

### Retrato do artista quando coisa

A maior riqueza  
do homem  
é sua incompletude.

- Nesse ponto  
5 sou abastado.  
Palavras que me aceitam  
como sou  
— eu não aceito.  
Não aguento ser apenas  
10 um sujeito que abre  
portas, que puxa  
válvulas, que olha o  
relógio, que compra pão  
às 6 da tarde, que vai  
15 lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai. Mas eu  
preciso ser Outros.  
Eu penso  
20 renovar o homem  
usando borboletas.

BARROS, Manoel. *O retrato do Artista Quando Coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

A utilização de figuras de linguagem ocorre de maneira muito particular na escrita literária. Sobre o uso desse recurso no poema de Manoel de Barros, identifica-se

- a) a metáfora no verso “Mas eu preciso ser Outros” (linhas 17-18) relativa à analogia que se faz entre o poeta ser ele mesmo e ser outro.
- b) a hipérbole no trecho “Palavras que me aceitam como sou — eu não aceito” (linhas 6-8), em razão de aí haver o desejo do enunciador em engrandecer a verdade dos fatos.
- c) a prosopopeia no enunciado “Eu penso renovar o homem usando borboletas” (linhas 19-21), em que há uma atribuição da função humana a um ser não humano.
- d) o oxímoro em “A maior riqueza do homem é sua incompletude” (linhas 1-3), pela contradição de sentidos presente no enunciado.



Para responder às questões de **5 a 8**, leia o poema de Catulo da Paixão Cearense (1863-1946).

### O Azulão e os tico-ticos

Do começo ao fim do dia,  
um belo Azulão cantava,  
e o pomar que atento ouvia  
o seus trilos de harmonia,  
cada vez mais se enflorava.  
Se um tico-tico e outras aves  
viaavam sua canção...  
mais doce ainda se ouvia  
a flauta desse Azulão.  
Um papagaio, surpreso  
de ver o grande desprezo,  
do Azulão, que os desprezava,  
um dia em que ele cantava  
e um bando de tico-ticos  
numa algazarra o vaiava,  
lhe perguntou: “Azulão,  
olha, dize-me a razão  
por que, quando estás  
cantando e recebes uma vaia  
desses garotos joviais,  
tu continuas gorgando  
e cada vez canta mais?!”  
Numas volatas sonoras,  
o Azulão lhe respondeu:  
“Caro Amigo! Eu prezo  
muito esta garganta sublime  
e esta voz maravilhosa...  
este dom que Deus me deu!  
Quando, há pouco, eu descantava,  
pensando não ser ouvido  
nestes matos por ninguém,  
um Sabiá\*, que me escutava,  
num capoeirão, escondido,  
gritou de lá: — meu colega,  
bravos! Bravos... muito bem!  
Pergunto agora a você:  
quem foi um dia aplaudido  
pelo príncipe dos cantos de  
celestes harmonias,  
(irmão de Gonçalves Dias,

um dos cantores mais ricos...)  
— que caso pode fazer  
das vaias dos tico-ticos?”

\* Nota do editor: simbolicamente, Rui Barbosa está representado neste Sabiá, pois foi a “Águia de Haia” um dos maiores admiradores de Catulo e prefaciador do seu livro *Poemas bravios*.

- 5. **Unesp 2015** Tomando por base a leitura do poema, verifica-se que o pomar, mencionado na primeira estrofe, é apresentado como
  - a) um ser inteiramente insensível ao canto dos pássaros.
  - b) morada dos tico-ticos invadida pelo Azulão.
  - c) mero cenário dos acontecimentos.
  - d) um ser capaz de ouvir e apreciar o canto do Azulão.
  - e) recanto de uma floresta selvagem.
- 6. **Unesp 2015** Ante as vaias dos tico-ticos e outras aves, o Azulão torna ainda mais perfeita sua canção. Com isso, revela uma atitude de
  - a) autoconfiança.
  - b) rancor.
  - c) ingenuidade.
  - d) ignorância.
- 7. **Unesp 2015** Considerando a nota do editor, que identifica o Sabiá como Rui Barbosa, grande admirador da poesia de Catulo, os tico-ticos representam no poema
  - a) os outros poetas.
  - b) os adversários de Rui Barbosa.
  - c) os músicos e cantores.
  - d) os admiradores de Gonçalves Dias.
  - e) os críticos do poeta.
- 8. **Unesp 2015** Se, nos versos 32 e 33, as palavras “Sabiá” e “capoeirão” fossem pronunciadas “sa-bi-á” e “ca-po-ei-rão”, tais versos quebrariam o padrão e o ritmo dos demais, pois passariam a ser
  - a) heptassílabos.
  - b) octossílabos.
  - c) eneassílabos.
  - d) hexassílabos.
  - e) decassílabos.
- 9. **Famema-SP 2021** Leia o trecho do poema “Amor feinho”, de Adélia Prado, para responder à questão.

Eu quero amor feinho.  
Amor feinho não olha um pro outro.  
Uma vez encontrado é igual fé,  
não teóloga mais.  
Duro de forte, o amor feinho é magro, doido por sexo  
e filhos tem os quantos haja.  
Tudo que não fala, faz.  
Planta beijo de três cores ao redor da casa  
e saudade roxa e branca,  
da comum e da dobrada.  
Amor feinho é bom porque não fica velho.  
Cuida do essencial; o que brilha nos olhos é o que é:  
eu sou homem você é mulher.  
Amor feinho não tem ilusão,  
o que ele tem é esperança:  
eu quero amor feinho.

(Bagagem, 2011.)



Segundo o eu lírico, o “amor feinho” é

- a) um acontecimento único na vida de uma pessoa.
- b) uma experiência cotidiana, desejável e possível.
- c) uma ilusão em que alguns amantes acreditam.
- d) uma maneira de viver acessível a qualquer pessoa.
- e) um estado de aceitação de uma vida desinteressante.

- 10. Unicamp-SP 2021** Milhões de mulheres vivem algumas frustrações derivadas de mecanismos que as silenciam e que as afastam dos centros de poder. O mundo dos antigos gregos e romanos pode nos ajudar a compreender a construção desses mecanismos. Na fundação da tradição literária ocidental temos o primeiro exemplo registrado de um homem mandando uma mulher “calar a boca”. Refiro-me à Odisseia de Homero, escrita há quase 3 mil anos. Tendemos, hoje, a pensar na Odisseia apenas como a épica história de Ulisses e seu retorno para casa após a Guerra de Troia. Mas a Odisseia é também a história de Telêmaco, filho de Ulisses e Penélope. É a história do seu crescimento, e de como, ao longo do texto, ele amadurece, passando de menino a homem. Esse processo surge no primeiro livro do poema, quando Penélope desce de seus aposentos e vai ao grande saguão do palácio, onde um poeta se apresenta perante a multidão; ele canta as dificuldades encontradas pelos heróis gregos ao voltar para casa. A música não a agrada, e ela, diante de todos, pede-lhe que escolha outro tema, mais feliz. Nesse momento, intervém Telêmaco: “— Mãe, volte para seus aposentos e retome seu próprio trabalho, o tear e a roca. Discursos são coisas de homens, de todos os homens, e minhas, mais que de qualquer outro, pois meu é o poder nesta casa.”

(Adaptado de Mary Beard, *Mulheres e Poder*. São Paulo: Planeta. 2018. Edição do Kindle: de Posição 51, 52, 63 e 64.)

De acordo com o texto, por que a **Odisseia** pode ser revisitada para a compreensão do mundo contemporâneo?

- 11. Unicamp-SP 2021** Durante anos, Penélope esperou que seu marido, Ulisses, retornasse da Guerra de Troia (IX e VII a.C.). Essa viagem é o tema da Odisseia, poema épico grego atribuído a Homero. Como os anos passavam e não havia notícias de Ulisses, o pai de Penélope sugeriu que ela se casasse novamente. Diante da insistência do pai, resolveu aceitar a corte dos pretendentes, com a condição de que o novo casamento somente aconteceria depois que ela terminasse de tecer um sudário, que ficou conhecido como “Tela de Penélope”, que serviria de mortalha para Laerte, pai de Ulisses. Durante o dia, aos olhos de todos, Penélope tecia, e à noite, secretamente, desmanchava todo o trabalho. Com esse artifício, adiava a escolha de outro marido até a volta de Ulisses.

(Adaptado de Penélope, *Wikipedia*. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pen%C3%A9lope>. Acessado em 09/01/2021.)

### Penélope (I)

O que o dia tece	de noite, traças.
a noite esquece.	De dia, sedas,
O que o dia teça	de noite, perdas.
a noite esgarça.	De dia, malhas,
De dia, tramas,	de noite, falhas

(Ana Martins Marques, *A vida submarina*. Belo Horizonte: Scriptum, 2009, p. 105.)

No poema, a palavra “tramas” remete a Penélope por duas razões. Quais são elas? Explique.

- 12. EsPCEEx-SP 2018** Leia o trecho abaixo, retirado de *I-Juca Pirama*, obra de Gonçalves Dias.

Da tribo pujante,	Sou bravo, sou forte,
Que agora anda errante	sou filho do norte,
Por fado inconstante,	Meu canto de morte,
Guerreiros, nasci:	Guerreiros, ouvi.

Trata-se de um:

- a) poema lírico
- b) poema épico
- c) cantiga de amigo
- d) novela de cavalaria
- e) auto de fundo religioso

- 13. Unicamp-SP 2020**

### este livro

Meu filho. Não é automatismo. Juro. É jazz do coração. É prosa que dá prêmio. Um tea for two total, tilintar de [verdade que você seduz, charmeur volante, pela pista, a toda. [Enfie a

carapuça.

E cante.

Puro açúcar branco e blue.

(Ana Cristina César, *A teus pés*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 29.)

- a) No poema “este livro” usa-se um recurso poético chamado aliteração. Explique o que é aliteração e identifique um exemplo de aliteração presente nesse texto poético.
- b) O poema propõe uma definição do próprio livro e inclui algumas “instruções” para o provável leitor. Identifique dois verbos que instruem o leitor e explique a frase “Não é automatismo”, com base no conjunto do poema.

- 14. UEL-PR 2020** Leia o poema de Gregório de Matos e responda aos itens a seguir.

### A umas saudades

MOTE

Parti, coração, parti,  
navegai sem vos deter,  
ide-vos, minhas saudades,  
a meu amor socorrer.

GLOSA

Em o mar do meu tormento  
em que padecer me vejo,  
já que amante me desejo  
navegue o meu pensamento:  
meus suspiros, formai vento,  
com que me façais ir ter  
onde me apeteço ver;

e diga minha alma assi:

“Parti, coração, parti,  
navegai sem vos deter.

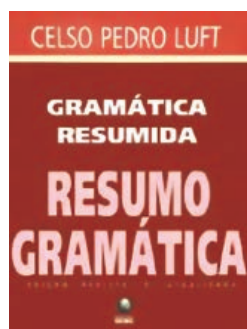
Ide donde meu amor,  
apesar desta distância,  
não há perdido constância,  
nem demitido o rigor:  
antes é tão superior  
que a si se quer exceder,  
e se não desfalecer  
em tantas adversidades,  
ide-vos minhas saudades  
a meu amor socorrer.

MATOS, G. de. *Poemas escolhidos*. Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 271-272.

- a) Quais imagens concretizam a metáfora do movimento no mote? Explique sem copiar os versos.
- b) Na glosa, como são os versos quanto à métrica?

## 15. Unicamp-SP 2020

era uma vez uma mulher  
e ela queria falar de gênero  
era uma vez outra mulher  
e ela queria falar de coletivos  
e outra mulher ainda  
especialista em declinações  
a união faz a força  
então as três se juntaram  
e fundaram o grupo de estudos  
Celso Pedro Luft



(Angélica Freitas, *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 14.)

Considerando o poema e a imagem, resolva as questões.

- Explique as ambiguidades presentes nas duas primeiras estrofes do poema.
- Que figura de linguagem é usada nos três últimos versos do poema? Justifique sua resposta.



As questões **16** e **17** focalizam uma passagem da comédia *O juiz de paz da roça*, do escritor Martins Pena (1815-1848).

**JUIZ** (assentando-se): Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

**ESCRIVÃO** (lendo): Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. “Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos

pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher”.

**JUIZ**: É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

**JOSÉ DA SILVA**: É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

**JUIZ**: Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

**JOSÉ DA SILVA**: Mas, Sr. Juiz...

**JUIZ**: Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.

Martins Pena. *Comédias* (1833-1844), 2007.

- 16. Unifesp 2016** O efeito cômico produzido pela leitura do requerimento decorre, principalmente, do seguinte fenômeno ou procedimento linguístico:

- paródia.
- intertextualidade.
- ambiguidade.
- paráfrase.
- sinonímia.

- 17. Unifesp 2016** O emprego das aspas no interior da fala do escrivão indica que tal trecho

- reproduz a solicitação de Francisco Antônio.
- recorre a jargão próprio da área jurídica.
- reproduz a fala da mulher de Francisco Antônio.
- é desacreditado pelo próprio escrivão.
- deve ser interpretado em chave irônica.

## BNCC em foco

EM13LP49 e EM13LP06

### 1. Enem Digital 2020

#### Ponto morto

A minha primeira mulher  
se divorciou do terceiro marido.  
A minha segunda mulher  
acabou casando com a melhor amiga dela.  
A terceira (seria a quarta?)  
detesta os filhos do meu primeiro casamento.

Estes, por sua vez, não suportam os filhos  
do terceiro casamento da minha primeira mulher.  
Confesso que guardo afeto pelas minhas ex-sogras.  
Estava sozinho  
quando um dos meus filhos acenou para mim no  
meio do engarrafamento.  
A memória demorou para engatar seu nome.  
Por segundos, a vida parou em ponto morto.

MASSI, A. *A vida errada*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001.

No poema, a singularidade da situação representada é efeito da correlação entre

- a dissipação das identidades e a circulação de sujeitos anônimos.
- as relações familiares e a dinâmica da vida no espaço urbano.
- a constatação da incomunicabilidade e a solidão humana.
- o trânsito caótico e o impedimento à expressão afetiva.
- os lugares de parentesco e o estranhamento social.

EM13LP06

- 2. FMABC-SP 2020** Leia a fábula “O pagamento do devedor e a dívida do credor”, de Millôr Fernandes, para responder à questão.

Na última lona, Hizi-ibn-Bem-Gazara pediu um empréstimo a um amigo rico que ia passando por ali. O amigo, cuja mania era apertar torneiras, recusou o empréstimo. Gazara implorou. O já não tão amigo recusou. Gazara chorou, prometeu, garantiu, até que o ex-amigo lhe disse:

— Se você, aos sessenta anos, conseguir plantar bananaeira, eu lhe empresto o dinheiro.

Apesar da idade, e apesar de nunca ter feito um exercício na vida, Gazara imediatamente plantou bananaeira.\* O agora inimigo, obrigado a honrar sua palavra, imediatamente deu a Gazara as 3 000 rúpias de que ele necessitava. Um observador social, que observava socialmente, não se conteve, saiu de sua observação e disse a Gazara:

— Como pode um sexagenário se humilhar de maneira tão humilhante e se curvar de maneira tão curvante pra conseguir que um idiota lhe empreste umas míseras gotas de sua liquidez?

E Gazara respondeu:

— Não — pra mim foi fácil e nem senti a humilhação. Eu precisava do dinheiro e vou pagar com juros. Mas os juros maiores, os da humilhação, quem vai pagar é ele, quando quiser receber: terá que andar de quatro atrás de mim um ano inteiro.

Moral: O credor está sempre na mão do devedor.

\* Não há maior estímulo do que a adversidade, dizem todos os filósofos que, vivendo sempre à custa do poder, jamais passaram necessidade.

(100 fábulas fabulosas, 2012.)

“Um observador social, que observava socialmente, não se conteve, saiu de sua observação e disse a Gazara:

— Como pode um sexagenário se humilhar de maneira tão humilhante e se curvar de maneira tão curvante pra conseguir que um idiota lhe empreste umas míseras gotas de sua liquidez?” (3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> parágrafos)

Contribui para o humor desse trecho o recurso reiterado

- |                 |                  |
|-----------------|------------------|
| a) à antítese.  | d) ao eufemismo. |
| b) à hipérbole. | e) ao pleonasmo. |
| c) ao paradoxo. |                  |

EM13LP52

**3. Famerp-SP 2021** Considere a crônica “Iniciativa”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

É sina de minha amiga penar pela sorte do próximo, se bem que seja um penar jubiloso. Explico-me. Todo sofrimento alheio a preocupa, e acende nela o facho da ação, que a torna feliz. Não distingue entre gente e bicho, quando tem de agir, mas como há inúmeras sociedades (com verbas) para o bem dos homens, e uma só, sem recursos, para o bem dos animais, é nesta última que gosta de militar. Os problemas aparecem-lhe em cardume, e parece que a escolhem de preferência a outras criaturas de menor sensibilidade e iniciativa. Os cães postam-se no seu caminho, e:

— Dona, me leva — murmuram-lhe os olhos surrados pela vida mas sempre meigos.

Outro dia o cão vinha pela rua, mancando, amarrado a um barbante e puxado por um bêbado pobre, mas tão bêbado como qualquer outro. Com o aperto do laço, o infeliz punha a alma pela boca. E o bêbado resmungava ameaças confusas.

Minha amiga aproximou-se, com jeito.

— Não faça assim com o pobrezinho, que ele sufoca.

— Faço o que eu quero, ele é meu.

— Mas é proibido maltratar os animais.

— Eu não vou maltratar. Vou matar com duas navalhadas.

Minha amiga pulou como Ademar Ferreira da Silva<sup>1</sup>:

— Me dá esse cachorro.

— Dar, não dou, mas vendo.

Dez cruzeiros selaram o negócio, e, livre do barbante, o cachorro embarcou no carro de minha amiga. Felizmente, anoitecia — e ela penetrou no apartamento, sem impugnação do porteiro. Que prodígios não faz para amortecer o latido dos hóspedes, lá dentro! (Uma vez, ante a reclamação do vizinho, explicou que era disco de jazz.) Já havia três cães instalados, não cabia mais. Tratou do bicho, chamou-lhe veterinário, curou-lhe a pata, deu-lhe vitamina e carinho. Só depois começou a providenciar uma casa de confiança para ele. Seu método consiste numa conversa mole com a pessoa: tem cachorro em casa? Por que não tem mais? Fugiu? Morreu de velho? (Se o cão fugiu, o dono não presta.) Conforme a ficha da pessoa, minha amiga lhe oferece o animal, ou não, e passa adiante.

Desta vez o escolhido foi José, contínuo de autarquia (não carece ser rico, mas bom, paciente, bem-humorado). José tem crianças, espaço cercado e vocação para dedicar-se. Minha amiga ofereceu-se para levar o cachorro ao longe subúrbio, José disse que não precisava, ela insistiu, ele idem.

Afinal foram juntos, o carro subiu ladeira, desceu ladeira, e no alto do morro desvendou-se a triste casa de José, que não era casa cercada, era um corredor de **cabeça de porco**<sup>2</sup>, com cinco crianças, mulher e sogra de José empilhadas.

Minha amiga compreendeu. José era mais pobre do que o cachorro e sem um mínimo de dinheiro não se compra ar livre e espaço para brincar. Seria cruel dizer a José: “Volto com o cachorro”. Felizmente o animal salvou a situação, tentando morder um dos garotos que lhe fizera festa. Minha amiga iluminou-se: “Está vendo, José? Ele não se acostuma. Vou te trazer outro, novinho”. José, desolado, aquiesceu. Minha amiga saiu voando para a cidade, entrou numa dessas casas onde se martirizam animais à venda, e resgatou o menor dos cachorrinhos recém-nascidos, que já penava numa jaula sem água e alimento, a um sol de fogo. “Para este, qualquer coisa é negócio, e melhora a vida.” Levou-o rápido, para José, que o recebeu de alma embandeirada.

Agora, minha amiga tem dois problemas: arranjar um dono para o cachorro do bêbado, e dar um jeito nos cinco filhos de José. Mas resolve, não tenham dúvida.

(70 historinhas, 2016.)

**<sup>1</sup>Ademar Ferreira da Silva:** atleta brasileiro, primeiro bicampeão olímpico do país; conquistou as medalhas de ouro no salto triplo nos Jogos de Helsinque 1952 e de Melbourne 1956.

**<sup>2</sup>cabeça de porco:** cortiço.

- “Os problemas aparecem-lhe em cardume, e parece que a escolhem de preferência a outras criaturas de menor sensibilidade e iniciativa.” (1<sup>o</sup> parágrafo)
- “Uma vez, ante a reclamação do vizinho, explicou que era disco de jazz.” (11<sup>o</sup> parágrafo)
- “Minha amiga iluminou-se: ‘Está vendo, José? Ele não se acostuma. Vou te trazer outro, novinho.’” (13<sup>o</sup> parágrafo)

Os termos sublinhados estão empregados, respectivamente, em sentido

- |                                  |
|----------------------------------|
| a) figurado, literal e literal.  |
| b) figurado, figurado e literal. |
| c) literal, literal e figurado.  |
| d) literal, figurado e figurado. |
| e) figurado, literal e figurado. |





Biblioteca Monasterio Escorial, Madrid

Iluminura de manuscrito medieval dos trovadores das cantigas do Rei Afonso, o Sábio. A literatura, por ser uma arte que permite a livre expressão, sempre foi acompanhada por outras manifestações artísticas, como a música. Assim como na Antiguidade os poetas declamavam os versos ao som da lira, os trovadores, durante o período da Idade Média, cantavam seus poemas nas cortes aristocráticas, sempre acompanhados de instrumentos musicais.

FRENTE 2

CAPÍTULO

2

## Origens da literatura em língua portuguesa

Neste livro, o estudo da literatura está organizado cronologicamente e por estilos literários. Geralmente, a publicação de uma obra ou um acontecimento político e histórico com repercussões culturais serve de marco para um novo movimento literário, mas o critério de classificação dos estilos pode variar. Neste capítulo, voltamos nossa atenção às origens da literatura portuguesa para compreender os movimentos Trovadorismo, Humanismo e Classicismo.



# Trovadorismo: o movimento poético-musical da Idade Média

## Trovadorismo em Portugal

### Cantiga da Ribeirinha

No mundo **nom me sei parelha**  
**mentre** me for como me vai,  
**ca** já moiro por vós e ai,  
**mia senhor** branca e vermelha!  
queredes que vos **retraia**  
quando vos eu vi **em saia**?  
Mao dia me levantei  
que vos entom nom vi fea!

E, mia senhor, des aquela  
**me foi a mi mui mal di'**, ai!  
E vós, filha de dom Paai  
Moniz, e bem vos semelha  
d'haver eu por vós **garvaia**:  
pois eu, mia senhor, d'**alfaia**  
nunca de vós houve nem hei  
valia d'ua **correa**.

TAVEIRÓS, Paio Soares de. Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=124>. Acesso em: 3 jul. 2023

**nom me sei parelha:** não conheço ninguém como eu.

**mentre:** enquanto.

**ca:** pois.

**mia senhor:** minha senhora.

**retraia:** denuncie.

**em saia:** sem manto.

**me foi a mi mui mal di':** passei muito maus dias.

**garvaia:** manto luxuoso.

**alfaia:** ornamento.

**correa:** coisa sem valor.

Tradicionalmente, o marco inicial do movimento literário conhecido como Trovadorismo é a produção da “Cantiga da Ribeirinha”, de Paio Soares de Taveirós. As produções líricas desse período são chamadas **cantigas**, pois, assim como na lírica da antiga Grécia, os poemas também eram acompanhados por instrumentos musicais, como a fídula, ou viola de arco; o alaúde; o saltério; o pandeiro e a flauta; fazer uma leitura em voz alta do poema aqui apresentado pode revelar a musicalidade dos versos. Quem compunha as cantigas era o trovador, que tinha origem nobre; já a interpretação das composições era feita pelo jogral, o mnestrel era quem cantava poemas em versos. Infelizmente, a pauta musical de muitas cantigas se perdeu por conta das circunstâncias de circulação da poesia na época.

#### Saiba mais

A musicalidade das cantigas do período medieval se deve à chamada **medida velha**, em que os versos eram compostos em redondilhas maiores (formadas por sete sílabas poéticas) e redondilhas menores (formadas por cinco sílabas poéticas).

## Literatura medieval portuguesa

A literatura medieval em Portugal e em outras nações europeias conservou características da tradição clássica, porém trilhou seu próprio caminho para superar os grandes mestres clássicos. A França, por exemplo, teve um papel fundamental no desenvolvimento da literatura na Idade Média, produzindo poemas épicos e lírica sofisticada, cujo tema principal era o amor e a mulher amada. Os poetas e músicos franceses eram conhecidos como *trouvères* ou *troubadours*. Durante os séculos XII e XIII, a produção de cantigas, ou canções, pelos *trouvères* foi intensa e se expandiu para outros países, como Portugal.

Em Portugal, a renovação das formas e a ampliação do alcance de todas as artes, incluindo a literária, foram influenciadas pelas transformações do pensamento, pelas mudanças políticas e sociais e pela Igreja católica. O primeiro período da literatura medieval portuguesa tem início em 1198 (ou 1189, não há consenso) com a composição de Taveirós, presente no início do capítulo. Essa cantiga foi dedicada à Dona Maria Pais Ribeiro, amante de Dom Sancho I, segundo rei de Portugal.

#### Saiba mais

Os termos franceses *trouvères* e *troubadours* podem ser relacionados ao verbo *trouver*, que significa “descobrir” ou “inventar”.

O Trovadorismo predominou durante a Idade Média, refletindo a organização sociopolítica da Europa na época, que dividia a sociedade em três níveis. Imagine uma pirâmide dividida em três: em sua base abrigava-se a maior parte da população, composta de camponeses e servos. Eles eram a força de trabalho que se submetia aos senhores feudais e pagavam os impostos que financiavam a nobreza. No meio da pirâmide estava a nobreza, que era composta de um grupo mais seletivo e menor de pessoas: a família real, os senhores feudais (**suseranos**) e os **vassalos** (cavaleiros que garantiam a segurança do reino). No topo da pirâmide, encontrava-se apenas o clero, que estabelecia regras sociais por meio da religião católica. A Igreja exercia forte influência social nesse período e detinha grande riqueza, chegando a possuir dois terços das terras europeias, o que significava maior poder político.

#### Saiba mais

A sociedade medieval era teocêntrica, ou seja, tinha Deus como o centro de todas as coisas; por isso, o clero (representantes do divino) e a monarquia (escolhidos por Deus) estavam no topo da pirâmide da sociedade. A Igreja católica influenciou fortemente a moral da época, exercendo seu poder não só na vida cotidiana, mas também nas ciências. Um exemplo disso é a condenação por heresia do matemático e astrônomo Galileu Galilei que não defendia a Terra como centro do Universo, como a Igreja católica pregava.

A relação entre suseranos e vassallos, a **vassalagem**, foi bastante explorada nas cantigas. Nesse sistema, o suserano cedia terras em troca da lealdade e do auxílio de outro nobre que, ao aceitar, recebia proteção, tornando-se seu vassallo. Na concepção medieval, renunciar aos prazeres e confortos terrenos, dedicando-se ao trabalho, era um meio de se alcançar o paraíso. Então, entre eles era criada não só uma ligação de honra terrena, mas também espiritual, pois a vida terrena era uma preparação para a eternidade.

A compreensão da estrutura da sociedade medieval e do contexto histórico e social da época é chave importante para entender a literatura trovadoresca por meio da leitura das cantigas.



Ilustração de Maître de Jouvenel (c. 1460) para a obra *Romance da Rosa*, de Guillaume de Lorris e Jean de Meung. Na cena, trovadores tocam, enquanto senhores e donzelas dançam.

Retome a leitura da “Cantiga da Ribeirinha” e observe como a relação de subserviência permeia o texto. A expressão “*mia senhor*” aparece duas vezes, indicando que o eu lírico se considera um vassallo da mulher amada, a quem viu nua e, desde então, não consegue esquecer. Pelo seu amor e sua devoção, o eu lírico se torna esse vassallo, ligado à mulher amada pela honra e lealdade, não apenas no mundo terreno, mas também na eternidade.

### Saiba mais

As cantigas trovadorescas eram escritas em galego-português, a língua falada no norte de Portugal e na Galiza (região a noroeste da Espanha). Algumas palavras e expressões soam estranhas atualmente, e palavras como “senhora” não existiam ainda; por isso, para se referir à mulher amada, o eu lírico usa as expressões “*mia senhor*” ou “*mia dona*”, ambas como forma de reverência e respeito.

Em Portugal, o Trovadorismo apresenta dois tipos de cantiga: **cantigas líricas** – classificadas em cantigas de amor e cantigas de amigo – e **cantigas satíricas** – classificadas em cantigas de escárnio e cantigas de maldizer. As cantigas eram organizadas em coletâneas chamadas **cancioneiros**. Os registros conhecidos mais famosos são: *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, o *Cancioneiro da Ajuda* e o *Cancioneiro da Vaticana*.

## Cantigas líricas

### CANTIGAS DE AMOR

As cantigas de amor são a expressão amorosa do **vassallo trovador**, um eu lírico masculino que sofre pela mulher amada inacessível. O sofrimento amoroso, ou **coita de amor**, vem da consciência que a concretização do relacionamento entre o trovador e a senhora é impossível, seja pela condição social superior da dama, pelo fato de ela já ser casada – motivo pelo qual elas nunca eram chamadas pelo nome – ou simplesmente pelo desejo do trovador de alcançar o paraíso por meio do sofrimento e da renúncia aos prazeres da carne. Observe a cantiga do rei Dom Dinis (1261-1325):

Um tal home sei eu, ai **bem talhada**,  
que por vós ten'a sa morte chegada;  
veedes quem é, **seed'en nembrada**:  
**eu, mia dona**.

Um tal home sei [eu] que **preto** sente  
de si [a] morte [chegada] certamente;  
veedes quem é, venha-vos em mente:  
**eu, mia dona**.

Um tal home sei [eu], **aquest'óide**,  
que por vós morre, **vó'lo [en] partide**;  
veedes quem é, nom **xe** vos **obride**:  
**eu, mia dona**.

DINIS, Dom. Um tal home sei eu, ai bem talhada. *Cantigas medievais galego-portuguesas*, [s.d]. Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=518&pv=sim>. Acesso em: 3 jul. 2023.

**bem talhada**: bem-feito, elegante.  
**seed'en nembrada**: lembrai-vos disso.  
**preto**: perto.  
**aquest'óide**: isto ouvi.  
**vó'lo [en] partide**: evitai-lhe isso.  
**xe**: se.  
**obride**: esqueça.

Na cantiga, podemos observar o uso de dois recursos típicos da poesia popular. A estrutura dos três primeiros versos se repete, com pequenas alterações nas estrofes: esse recurso é chamado **paralelismo**, e o verso “*eu, mia dona*” funciona como **refrão** da cantiga.

Em linguagem elaborada, o trovador implora a atenção da amada, enfatizando seu sofrimento e sua submissão por ela. Dessa forma, o **amor cortês**, um dos principais temas da poesia trovadoresca, evidencia a ideia de vassalagem e a relação de poder, o desejo de estar sempre pronto para servir e o constante estado de espera.

O sentimento, é claro, é de amor, mas amor de uma espécie altamente especializada, cujas características podem ser enumeradas como Humildade, Cortesia, Adulterio e a Religião do Amor. O amante é sempre servil. O atendimento aos menores caprichos da donzela, por mais extravagantes, e a aquiescência silenciosa de suas censuras por mais injustas, são as únicas virtudes que ele ousa reivindicar. Há uma espécie de

serviço prestado por amor que segue de perto o modelo do serviço que um vassalo presta ao seu senhor. [...] Essa atitude foi acertadamente descrita como sendo a “feudalização do amor”.

LEWIS, C. S. *Alegoria do amor: um estudo da tradição medieval*. São Paulo: Realizações, 2012.



Departement des Objets d'art du Moyen Age, de la Renaissance et des temps modernes

*A oferta do coração*, 1400-1410, tapeçaria, Museu do Louvre, Paris, França.

## CANTIGAS DE AMIGO

As cantigas de amigo são a expressão amorosa do eu lírico feminino. Os compositores dessa época são sempre homens, mas assumem o papel da mulher, que, geralmente, é uma camponesa ou pastora que se apaixona pelo trovador e sofre pelo seu abandono ou pela sua ausência. Ela expressa seus sentimentos à mãe, às amigas ou a elementos da natureza, como o mar, os pássaros e as flores.

Nas cantigas de amor, a idealização desse sentimento é evidente, mas nas cantigas de amigo (na época, a palavra “amigo” significava “namorado” ou “amante”) o amor é mais realista. Entre os temas das cantigas estão os conflitos sentimentais, a saudade e as expectativas amorosas do eu lírico.

Bailemos nós já todas três, ai amigas,  
sô aquestas avelaneiras frolidas,  
e quem for **velida**, como nós, velidas,  
se amigo amar,  
sô aquestas avelaneiras frolidas  
**verrá** bailar.

Bailemos nós já todas três, ai irmanas,  
sô aqeste ramo destas avelanas,  
e quem for **louçana**, como nós, louçanas,  
se amigo amar,  
sô aqeste ramo destas avelanas  
verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, **mentr'al** nom fazemos  
sô aqeste ramo frolido bailemos,  
e quem bem parecer, como nós parecemos,  
se amigo amar,  
sô aqeste ramo, **sol que** nós bailemos,  
verrá bailar.

NUNES, Airas. Bailemos nós já todas três, ai amigas. *Cantigas medievas galego-portuguesas*, [s.d]. Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=883&pv=sim>. Acesso em: 3 jul. 2023.

**sô:** sob.  
**aquestas:** este; esta.  
**velida:** bela; formosa.  
**verrá:** virá.  
**louçana:** bonita.  
**mentr'al:** enquanto outra.  
**sol que:** assim que.

Na cantiga de Airas Nunes, trovador galego, podemos observar outras características das cantigas de amigo. O cenário é campestre e idílico e a linguagem é mais simples do que nas cantigas de amor, porém não menos virtuosa. Essas composições eram feitas para serem acompanhadas por música e dança, como sugerem as amigas que bailam sob as avelaneiras.

## Cantigas satíricas

### CANTIGAS DE ESCÁRNI O E DE MALDIZER

A principal diferença entre as duas modalidades é a forma como o eu lírico constrói sua sátira. Essa pode ser uma diferença sutil, mas em geral as:

- **cantigas de escárnio** fazem uma crítica indireta a uma pessoa ou a um grupo de pessoas; a linguagem visa ao humor, sendo ambígua, cheia de ironia e de duplo sentido.
- **cantigas de maldizer** são diretas e podem citar o nome das pessoas que criticam; são mais rudes, com uso de palavrões, obscenidades e grosserias.

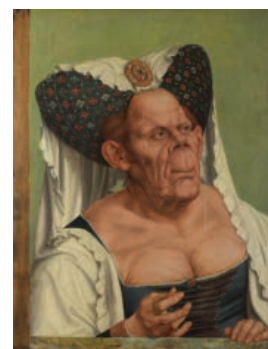
Ai dona fea, fostes-vos queixar  
que vos nunca louv'en[o] meu cantar;  
mais ora quero fazer um cantar  
em que vos **loarei** todavia;  
e vedes como vos quero loar:  
dona fea, velha e **sandia**!

Dona fea, se Deus mi perdom,  
pois havedes [a]tam gram **coraçom**  
que vos eu loe, em esta **razom**  
vos quero já loar todavia;  
e vedes qual será a **loaçom**:  
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei  
em meu trobar, **pero** muito trobei;  
mais ora já um bom cantar farei  
em que vos loarei todavia;  
e direi-vos como vos loarei:  
dona fea, velha e sandia!

GUILHADE, João Garcia de. Ai dona fea, fostes-vos queixar. *Cantigas medievas galego-portuguesas*, [s.d]. Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1520&pv=sim>. Acesso em: 3 jul. 2023.

**loarei:** louvarei.  
**sandia:** louca.  
**coraçom:** vontade.  
**razom:** razão; assunto.  
**loaçom:** louvor.  
**pero:** ainda que.



National Gallery, Londres

Quentin Matsys. *A duquesa feia*, c. 1525-1530. Óleo sobre tela, 64,1 cm × 45,4 cm, National Gallery, Londres, Inglaterra. Essa obra, assim como a cantiga de Guilhade, é uma sátira.



Na cantiga de João Garcia de Guilhade, além do uso do paralelismo e do refrão, podemos perceber que é criado um tipo de paródia de cantiga de amor. Ele utiliza uma linguagem cortês, mas expressa com humor o desejo de uma senhora que, segundo o eu lírico, já está feia, velha e louca para ser cortejada por um jovem trovador. Podemos classificar a cantiga como de maldizer, já que as ofensas são diretamente dirigidas à “dona fea”.

### Novelas de cavalaria

A poesia tinha destaque no Trovadorismo, mas a prosa também foi explorada e está representada pelos cronicões (espécie de crônica sobre o cotidiano, retratado em ordem cronológica), pelos nobiliários (livros que descreviam a linhagem das famílias nobres), pelas hagiografias (narrativas sobre a vida dos santos) e pelas novelas de cavalaria, que serão o foco do nosso estudo.

As **novelas de cavalaria** tiveram origem nas **canções de gesta**, que eram poemas épicos, recitados ou cantados, muito comuns no norte da França e que celebravam feitos heroicos. Da mesma maneira, as novelas de cavalaria contavam em prosa as aventuras amorosas ou bélicas de cavaleiros medievais. O cavaleiro representa o ideal da época: um homem temente a Deus, corajoso, honrado e leal ao seu suserano. Essa estrutura é semelhante à das epopeias gregas.

As obras mais populares na península Ibérica eram *Amadis de Gaula* e *A demanda do Santo Graal*. As novelas de cavalaria são organizadas em três ciclos, de acordo com o assunto.

- **Ciclo greco-latino ou clássico:** obras inspiradas na tradição da Antiguidade Clássica.
- **Ciclo bretão ou arturiano:** obras que abordavam as aventuras do Rei Arthur e de seus cavaleiros. Algumas personagens dessas novelas ficaram famosas, como Lancelote, Merlim, Galaaz e Tristão e Isolda.
- **Ciclo carolíngio:** obras que tinham como protagonistas Carlos Magno e os doze pares de França.

Então foram pelo grande caminho e andaram quatro dias que não acharam aventuras. E sabei que naqueles quatro dias se afastaram muito de Camalote [...]. Aos cinco dias, lhes aconteceu que chegaram a um castelo que tinha nome castelo Felão. [...] E indo acharam uma donzela muito formosa e muito bem vestida e tinha um gavião em sua mão e andava com ela um donzel. [...] E quando chegaram os cavaleiros a ela, disse-lhes:

— Senhores cavaleiros, voltaí, porque ides muito loucamente, pois não podeis sair sem a perda dos corpos, se mais adiante fordes, porque este é o castelo Felão, de onde nenhum cavaleiro e nenhuma donzela que entrem saem, antes ficam lá todos em prisão.

— Por quê? – disse Galaaz.

— Por maus costumes. – disse ela – que lá há e malditos sejam todos aqueles que os estabeleceram e os mantêm, porque muitos bons homens e muitas donzelas caem lá em grande desventura.

— Donzela – disse Galaaz –, não há jeito de voltarmos até que saibamos o que é, por que por outra coisa não saímos de nossas terras, senão para vermos as maravilhas do reino de Logres.

*A demanda do Santo Graal*. Tradução de Heitor Megale. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.



Biblioteca da Universidade de Heidelberg, Alemanha

Iluminura ilustrando o duque Heinrich von Breslau, que era um trovador popular em sua época (1258?-1290). Na imagem, ele recebe uma coroa de flores enquanto cavalga; suas vestimentas, acessórios evidenciam sua nobreza.

A demanda do Santo Graal reúne contos da missão que o Rei Arthur confiou aos seus cavaleiros: encontrar o cálice sagrado que foi usado por Jesus na última ceia e com o qual José de Arimateia teria recolhido o sangue de Cristo após sua crucificação. No trecho, Galaaz, um dos cavaleiros da tábua redonda, mostra que eles eram homens que não recuavam perante nenhum perigo, mistério ou desafio. Ele é a representação do Bem que pode combater e vencer o Mal.

## Humanismo: uma nova forma de olhar o mundo

Do círculo primeiro fui descendo,  
ao segundo, onde o espaço se restringe,  
e cresce a dor, em brados irrompendo.

Lá está Minos que horrendamente ringe;  
as culpas examina já na entrada,  
julga e despacha conforme se cinge.  
[...]

A procela infernal, que nunca assenta,  
essas almas arrasta em sua rapina,  
volteando e percutindo as tormenta.  
[...]

Por sua luxúria foi tão possuída  
que **libito** fez lícito em sua lei,  
Pra escapar da censura merecida

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia: Inferno*. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Atena, 1955. p. 49-51.

**libito:** vontade própria; arbítrio.





Coleção Particular

Gustave Doré. *Paolo e Francesca da Rimini*, 1863. Óleo sobre tela, 279,4 cm × 194,3 cm. Dante e o poeta Virgílio, ao fundo, observam, agitadas pelo vento, as almas condenadas pelo pecado da luxúria. A obra de Gustave Doré destaca o casal adúltero Paolo e Francesca da Rimini.

Os versos reproduzidos anteriormente pertencem ao Canto V – Inferno –, primeira parte da obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Nela estão os luxuriosos Paolo e Francesca de Rimini, que formam o casal em destaque no Vale dos Ventos, segundo círculo do Inferno, que é o local onde os que cometeram o pecado da luxúria se confessam ao juiz Minos e são arrebatados por violenta ventania.

Paolo é cunhado de Francesca, mas ambos se envolvem perdidamente e acabam assassinados quando o marido de Francesca, irmão de Paolo, descobre a traição. O casal foi eternizado pela literatura e pela pintura como símbolo da luxúria. A pintura feita por Gustave Doré os coloca no centro, evidenciando a expressão de sofrimento, o que sugere o martírio dos amantes, conduzidos à sepultura pelo amor proibido, como afirma Dante. Pela doutrina cristã, após a morte, as almas são julgadas e destinadas ao Inferno, ao Paraíso ou ao Purgatório, dependendo da conduta que tiveram em vida. A representação desses espaços fazia parte do imaginário medieval, associada à concepção maniqueísta (fundamentada nas dualidades Luz × Trevas e Bem × Mal) e ao objetivo da Igreja de doutrinar seus fiéis pelo temor a Deus.

Com o passar dos séculos, a visão teocêntrica de mundo foi sofrendo alterações e dando lugar ao **antropocentrismo**, que valorizava a condição humana em todas as suas realizações e atributos. Esse pensamento foi desenvolvido no contexto do surgimento da burguesia e de seu fortalecimento no cenário mercantil. As viagens empreendidas no processo de expansão marítima permitiram que países europeus ampliassem sua visão de mundo, impulsionados pelo contato com outros territórios e culturas.

Apesar das transformações que deram espaço para uma nova mentalidade voltada para o antropocentrismo, o homem ainda não havia se desprendido totalmente do pensamento medieval. Por isso, grandes obras produzidas nesse período, como *A Divina Comédia*, apresentam um movimento transitório, em que a visão teocêntrica de mundo é (re)interpretada pelo homem, evidenciando os primeiros passos da visão antropocêntrica. Assim como Dante, outros artistas produziram obras de grande importância que ilustram a corrente artística e filosófica desse período, o **Humanismo**.

**Saiba mais**



Coleção Particular

Dante Alighieri (1265-1321) foi um poeta e político florentino, autor de uma das maiores obras da literatura universal, o poema épico escrito em **terza rima**, *A Divina Comédia*. Na obra, é narrada a odisséia de Dante, guiado pelo poeta romano Virgílio, ao Inferno e ao Purgatório, até sua chegada ao Paraíso. Essa é uma representação literária do imaginário católico acerca do destino das almas após a vida terrena. O primeiro caminho percorrido por Dante e Virgílio é no Inferno, espaço representado por nove círculos em formato de funil na direção do centro da Terra, onde os pecados são distribuídos de acordo com a gravidade.

**terza rima:** criada por Dante Alighieri, é uma unidade de ritmo de três versos, cuja simetria matemática se baseia no número três. Os tercetos seguem o esquema ABA, BCB, CDC, DED etc., sendo que o verso central de cada terceto estabelece a rima dos versos marginais do terceto seguinte.

### Humanismo em Portugal

O reinado da Dinastia de Avis garantiu a Portugal o pioneirismo e a liderança no processo de expansão mercantil durante as Grandes Navegações. Esse período histórico representou o fim de uma crise sucessória ao longo do século XIV, consolidando a independência portuguesa do Reino de Castela, com a coroação de Dom João I, o Mestre de Avis, como rei de Portugal em 1385. A fim de reforçar a aliança com a Inglaterra, Dom João I se casou com Filipa de Lencastre, neta de Eduardo III. A Dinastia de Avis reinou até meados do século XVI, tendo seu último rei, Dom Sebastião, desaparecido na batalha ocorrida em Alcácer-Quibir no norte da África, em 1578.



Museu de Alberto Sampaio, Lisboa

Frei Manuel dos Reis. *Dom João I invocando Nossa Senhora da Oliveira na Batalha de Aljubarrota*, 1665. Pintura a óleo, 174 cm × 152 cm, Museu de Alberto Sampaio, Lisboa, Portugal. A Batalha de Aljubarrota se deu entre os exércitos português e castelhano. A vitória portuguesa teve impactos positivos, como a consolidação da aliança entre Portugal e Inglaterra, a dissolução da disputa com o Reino de Leão e Castela, além de preparar caminho para a era das Grandes Navegações.

Entre as conquistas de Portugal nesse período, a batalha travada em Ceuta, localizada no norte da África, em 1415, garantiu ao país o apoio papal. Assim, a glória portuguesa e a estabilidade política permitiram ao país prosperar e investir no desenvolvimento comercial, apoiado pela burguesia e respaldado pela Igreja católica.

Por essa razão, é comum perceber a relevância do tema religioso nas obras humanistas portuguesas, como a alegoria de “bem e mal” nas produções do poeta e dramaturgo português Gil Vicente. Em uma de suas peças mais conhecidas, *Auto da Barca do Inferno*, é possível notar a forte influência da doutrina cristã na construção das personagens.

O caráter religioso presente nas obras literárias do Humanismo português também é encontrado nos registros historiográficos dos cronistas, produzidos entre os anos de 1350 e 1450, período de crise da produção poética. Entre esses registros, está a misteriosa e mística história de Afonso Henriques, o monarca português que vivenciou a experiência da aparição de Cristo, episódio compreendido como providência divina, que é associado à “origem sagrada” do reino português. Confira um poema com base nessa personagem histórica.

#### D. Afonso Henriques

Pai, foste cavaleiro.  
Hoje a vigília é nossa.  
Dá-nos o exemplo inteiro  
E a tua inteira força!

Dá, contra a hora em que, errada,  
Novos infiéis vençam,  
A bênção como espada,  
A espada como bênção!

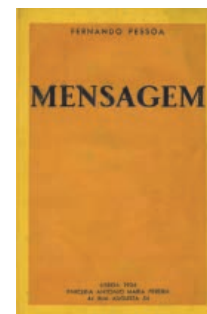
PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Cotia: Ateliê Editorial, 2015.

O poema que você leu refere-se ao primeiro rei de Portugal, Dom Afonso Henriques, chamado de cavaleiro pelo poeta Fernando Pessoa, condição adquirida em cerimônia religiosa na Idade Média. A associação de Dom Afonso à

imagem de cavaleiro ilustra a dimensão sacra do rei homóloga à história do país. O poema de Pessoa pertence ao Modernismo, movimento literário do século XX que iremos estudar mais adiante. Apesar da distância histórica, podemos notar como o Humanismo inspirou autores saudosistas do passado glorioso de Portugal.

#### Saiba mais

O misticismo presente nas narrativas sobre a origem de Portugal estava no imaginário do povo português e foi representado por inúmeros artistas. O poeta modernista Fernando Pessoa publicou em 1934 a obra *Mensagem*, em que se pode notar o resgate do passado português nos 44 poemas referentes a personagens históricos e lendários desse país.



Reprodução

### Fernão Lopes e as crônicas sobre os reis e o povo

Os eventos históricos e os principais acontecimentos dos reinados de Dom Pedro I, Dom Fernando e Dom João I foram compilados em registros feitos por Fernão Lopes, nomeado cronista-mor do reino em 1418, ano que marcou o início do Humanismo em Portugal. Os textos chamados de **crônicas** colocavam em ordem cronológica os episódios da vida dos reis e dos nobres. Fernão Lopes se destacou como cronista pela relevância dada a todos os seguimentos sociais. Retratava o cotidiano das grandes figuras do reino, mas também do povo, a “arraia miúda”, que em suas crônicas tinham o lugar de coadjuvantes. Isso evidenciava seu olhar humanista na tarefa de escrever sobre as dinastias de Borgonha e de Avis.

Considerado o primeiro historiador de Portugal, Fernão Lopes foi responsável, por mais de uma década, pelos arquivos da Torre do Tombo, empreendimento de Dom Duarte que tinha por objetivo construir a memória de Portugal a partir de registros historiográficos.



Arquivo Nacional Torre do Tombo

Provisão de D. João I mandando dar da Torre do Tombo os traslados de papéis e escrituras pertencentes ao Mosteiro de São Miguel de Vilarinho, 1422-08-18. Portugal, Torre do Tombo, Coleção Especial, cx. 33, nº 15.



## Saiba mais

O edifício do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, localizado na alameda da Universidade de Lisboa, guarda documentos de mais de oito séculos. A fachada alude às letras iniciais TT, sendo as partes superiores encimadas por gárgulas. Os arquivos são acessíveis a qualquer pessoa maior de 18 anos, basta fazer o cartão de autorização para pesquisas. Outra forma de conhecer os documentos disponíveis é pela base de dados do Arquivo Distrital de Lisboa, disponível no [site https://digitarq.arquivos.pt/](https://digitarq.arquivos.pt/). (acesso em: 10 jul. 2023).



Carlos Luis M.C. da Cruz

A Crônica de *El-Rei D. Pedro I* está entre as principais narrativas do século XIV, em que Fernão Lopes relatou o episódio da morte trágica de Inês de Castro, amante de Dom Pedro, assassinada por ordem do rei Dom Afonso IV. Confira um trecho da crônica.

Filho de Afonso IV, Pedro I reinou entre 1357 e 1367. Aos vinte anos, casou-se com D. Constança, filha do Infante João Manuel, regente de Castela. Entre as damas de companhia de D. Constança contava-se Inês de Castro, filha do fidalgo galego Pedro Fernandes de Castro, da qual D. Pedro logo se apaixonou. Mas seu pai, que então reinava interpôs-se. Com o falecimento de D. Constança em 1345, os enamorados passaram a entreter livremente os seus amores. Todavia, o rei se deixa convencer por seus conselheiros, a permitir o assassinio de Inês, que se consumou a 7 de janeiro de 1355. Enfurecido de dor e de indignação, D. Pedro, quando já erguido ao trono, conseguindo aprisionar os matadores de Inês, ordenou que morressem com tal sadismo que ele acabou merecendo os epítetos de “O Cruel” e “O Justiceiro”. Nem por isso amainaram as saudades de Inês: torturado pela ausência, passava noites e noites de horrores e pressentimentos, de que se julgava livrar saindo às ruas para dançar e confraternizar com o povo.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 29. ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 47.

Em memória da mulher amada, Dom Pedro I mandou construir o túmulo de Inês de Castro no mosteiro de Alcobaça, local para onde seu corpo foi trasladado. Dom Pedro também garantiu que o casamento dos dois havia sido realizado clandestinamente um ano antes da morte de Inês, o que legitimaria sua coroação como rainha, mesmo após sua morte. Assim, no túmulo de Inês podemos verificar a coroa presente.



Edgar Machado/Shutterstock.com

Túmulo de D. Inês de Castro, localizado no Mosteiro Alcobaça, em Portugal.

Lembre-se de que muitas dessas narrativas foram resgatadas pelo poeta do século XVI, Luís Vaz de Camões, que estudaremos ainda neste capítulo. Camões se beneficiou dos registros históricos de Fernão Lopes para criar sua obra-prima, *Os Lusíadas*, publicada em 1572. A história de amor de Inês e Dom Pedro I foi registrada também em algumas estrofes do Canto III do poema épico camoniano.

Confira no quadro a seguir os temas das crônicas de Fernão Lopes.

Crônicas de Fernão Lopes		
<p><b>D. Pedro, O Justicheiro</b></p>  <p><small>Câmara Municipal de Sintra, Portugal</small></p>	<p><i>Crônica de El-Rei D. Pedro I</i></p>	<p><b>Reinado:</b> 1357 a 1367</p> <p>Volume em que são narrados de forma crítica os principais acontecimentos do reinado de D. Pedro I, como o episódio da morte de Inês de Castro.</p>
<p><b>D. Fernando, O Formoso</b></p>  <p><small>Casa Pia, Lisboa</small></p>	<p><i>Crônica de El-Rei D. Fernando</i></p>	<p><b>Reinado:</b> 1367 a 1383</p> <p>Compilação do período do reinado de D. Fernando, a partir de seu casamento com Dona Leonor até a Revolução de Avis.</p>
<p><b>D. João I, O de Boa Memória</b></p>  <p><small>Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa</small></p>	<p><i>Crônica de El-Rei D. João</i></p>	<p><b>Interregno:</b> 1383 a 1385</p> <p>2ª Dinastia (Avis) 1385 a 1433</p> <p>Volume organizado em duas partes, sendo a primeira sobre a revolução que torna D. João rei de Portugal, e a segunda sobre o reinado até o ano de 1411.</p>

## A poesia palaciana no Humanismo português

Na Idade Média, a poesia era acompanhada de instrumentos musicais e apresentada nas cortes pelo menestrel – músico ambulante que cantava poemas em versos próprios ou de terceiros. No período humanista, a poesia se desvinculou da música e ganhou maior sofisticação, com recursos estilísticos e novas formas, como a trova, a esparsa e o vilancete. Seus textos eram criados para entreter a nobreza, sendo declamados nos palácios (daí a origem de seu nome). Além disso, os temas também se alteraram, voltando-se às influências greco-romana e italiana. Essas poesias foram organizadas em uma obra chamada *Cancioneiro Geral*, por Garcia de Resende, autor de “Trovas à Morte de D. Inês de Castro”, que você pode conferir a seguir:

Senhoras, se algum senhor  
vos quiser bem servir,  
quem tomar tal servidor  
eu lhe quero descobrir  
o galardão do amor.  
Por Sua Mercê saber  
o que deve de fazer,  
vej’o que fêz esta dama,  
que de si vos dará fama,  
se estas trovas quereis ler.

*Fala D. Inês:*  
— Qual será o coração  
tão cru, e sem piedade,  
que lhe não cause paixão  
Uma tam grã crueldade  
e morte tão sem razão?  
Triste de mim, inocente,  
que por ter muito fervente  
lealdade, fé, amor,  
ao príncipe meu senhor,  
me mataram cruamente!  
[...]

RESENDE, Garcia. Trovas à Morte de D. Inês de Castro *apud* MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. 29. ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 61.

**galardão:** recompensa; prêmio.



Segundo o crítico literário Massaud Moisés, a trova de Garcia Resende é um exemplo de poesia palaciana, por apresentar, entre outras características, a atmosfera dramática presente nas tragédias gregas. A própria Inês morta ganha voz narrativa, o que garante grandeza trágica ao texto por evidenciar o amor como símbolo do sacrifício da vida humana. É importante notar que, apesar das inovações na poesia do período humanista, ainda há o recurso da redondilha maior, chamada medida velha, nos versos de Garcia Resende, adotado nas cantigas trovadorescas. Apenas no século XVI, durante o Renascimento, período que iremos estudar mais adiante, será adotada nova medida para a poesia.

## Gil Vicente, o pai do teatro popular português

Gil Vicente desempenhou a função de teatrólogo da Coroa portuguesa por três décadas, sendo responsável por inaugurar o teatro popular em Portugal. Por ter escrito peças em castelhano, comumente é considerado o maior teatrólogo ibérico, partilhando a fundação do teatro espanhol com outro dramaturgo de grande destaque, Juan del Encina.

As peças encenadas antes do período humanista tinham caráter religioso e seguiam os temas do calendário litúrgico, como o nascimento e a morte de Cristo. O advento do teatro popular possibilitou a adoção de novos temas, alterando a tradição de autos e farsas já encenados na Idade Média, e permitiu que um número maior de pessoas pudesse apreciar as produções teatrais.

A primeira peça de Gil Vicente é um monólogo em homenagem ao nascimento de Dom João III, encenado no Paço Real para Dom Manuel, a rainha, Dona Maria, e membros da Corte. Conhecida como *Monólogo do Vaqueiro* ou *Auto da Visitação*, a peça inaugurou o teatro popular português em 1502.

A obra vicentina se destaca pelo caráter moralizante e pela crítica aos costumes usando o humor. Seguindo a máxima *ridendo castigat mores*, cujo significado é “rindo, corrige-se os costumes”, Gil Vicente criticava o comportamento condenável de indivíduos de qualquer segmento social – plebeus, nobres, fidalgos –, independentemente da função que ocupavam: juízes, sapateiros, onzeneiros etc. Para ele, as pessoas eram responsáveis pela mácula das instituições, o que nos permite afirmar que **o teatro vicentino critica os indivíduos, e não as instituições que estes compõem**. Nesse sentido, é comum em sua obra a crítica a personagens como frades e corregedores, por exemplo, o que não significa que haja crítica à instituição religiosa ou às práticas da justiça. Citava, por exemplo, a prática de corrupção por homens da nobreza ou do clero e o comportamento não virtuoso de diversos seguimentos da sociedade portuguesa.

A obra de Gil Vicente é dividida em **autos** e **farsas**. Os autos são peças de caráter moralizante e temas religiosos, sendo os mais famosos aqueles que compõem a **trilogia das barcas**: *Auto da barca do inferno*, *Auto da barca do purgatório* e *Auto da barca da glória*. Já as farsas são peças críticas, com a presença de personagens que retratam tipos populares, nas quais se desenvolviam temas ligados ao cotidiano da sociedade da época.



*O inferno*, 1505-1530. Pintura a óleo, 119 cm × 217,5 cm, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. A obra apresenta o imaginário medieval no inferno e relaciona os pecados capitais, como vaidade e luxúria ao sofrimento eterno.

O desejo de ascensão e o enriquecimento pelos homens surgem nos textos vicentinos sob o olhar crítico do dramaturgo. Confira essa observação no trecho de crítica sobre a *Farsa de Inês Pereira*:

As alterações econômicas e sociais da época redefinem inteiramente os padrões de conduta até então convencionados. A nobreza necessita manter o conforto a que está acostumada; os camponeses, os artesãos, os comerciantes, os serviçais do paço são movidos pelo desejo de ascensão e encantam-se com a possibilidade de enriquecimento. Para satisfazer essa necessidade e esse desejo corrompem-se os valores mais autênticos e adequados, segundo a visão de Gil Vicente. Valoriza-se a aparência, a futilidade, a ociosidade, a trapaça que resulta em benefício, e despreza-se o esforço, a honestidade, a satisfação com a vida modesta e pureza de caráter. Em *Inês Pereira*, esses vícios estão representados pelo comportamento do interesseiro Brás da Mata e da sonhadora Inês; o ingênuo Pero Marques e a sensata Mãe indicam a virtude que se está perdendo.

TORRALVO, Izeti Fragata; MINCHILLO, Carlos Cortez. Apresentação. In: VICENTE, Gil. *A farsa de Inês Pereira*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999. p. 19.

O mote da *Farsa de Inês Pereira* é “Mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube” e sintetiza o aspecto da mobilidade social e da mudança de hábitos ocorrida por conta das transformações do período em que a rigidez feudal perdeu sua força. Gil Vicente ridiculariza as intenções de Inês por meio do humor, alertando o público das consequências das alterações sociais que vivenciavam.

### ! Atenção

O mote é o verso ou estrofe que inicia um poema, utilizado pelos poetas como motivo da obra, que vai desenvolver a ideia sugerida.

A construção da crítica vicentina, muitas vezes, explora o recurso da **alegoria** com o intuito de denunciar os vícios e exaltar as virtudes humanas respaldadas pelos dogmas católicos. Em o *Auto da barca do inferno*, a alegoria consiste na imagem maniqueísta que polariza o bem e o mal, representados pelos elementos concretos dispostos no palco: o Anjo e o Diabo.

Para estabelecermos diálogo com os versos de Dante Alighieri lidos no início desta aula, vamos ver como o pecado da luxúria é alegorizado no *Auto da barca do inferno*. Leia o trecho em que a personagem Brísida Vaz tenta persuadir o Anjo a permitir que ela entre no céu.

**Diabo** — Ora ponde aqui o pé...

**Brízida** — Hui! E eu vou para o Paraíso!

**Diabo** — E quem te dixeu a ti isso?

**Brízida** — Lá hei de ir desta maré.

Eu sô uma **martela** tall!...  
Açoutes tenho levados  
e tormentos suportados  
que ninguém me foi igual.  
Se fosse ò fogo infernal,  
lá iria todo o mundo!  
A estoutra barca, cá fundo,  
me vou, que é mais real.

Chegando à Barca da Glória diz ao Anjo:  
Barqueiro mano, meus olhos, prancha a Brízida Vaz.

**Anjo** — Eu não sei quem te cá traz...

**Brízida** — Peço-vo-lo de gíolhos!

Cuidais que trago piolhos,  
anjo de Deos, minha rosa?  
Eu sô aquela preciosa  
que dava as moças a molhos,

a que criava as meninas  
para os cônegos da Sé...  
Passai-me, por vossa fé,  
meu amor, minhas boninas,  
olho de **perlinhas** finas!  
E eu som apostolada,  
**angelada** e **martelada**,  
e fiz cousas mui divinas.

VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*. Cotia:  
Ateliê Editorial, 2016, p. 77-79.

**martela**: feminino de mártil; mártir.  
**perlinhas**: pérolas pequeninas.  
**angelada**: enrugada pelo sofrimento.  
**martelada**: martirizada.

Brísida Vaz é uma alcoviteira, aquela que cuidava de assuntos da alcova, ou seja, incentivava as meninas à prostituição. A crítica vicentina sobre a luxúria reside nos argumentos da personagem que afirma ao Anjo ter servido à Igreja, levando prostitutas aos cônegos.

## Classicismo: a valorização e a superioridade do homem

O sol é grande, caem coa calma as aves  
do tempo em tal **sazão**, que **sói** ser fria;  
esta água que d'alto cai acordar-m'-ia  
do sono não, mas de cuidados graves.

Ó cousas, todas vãs, todas mudaves,  
qual é tal coraçõ qu'em vós confia?  
Passam os tempos vai dia trás dia,  
incertos muito mais que ao vento as naves.

Eu vira já aqui sombras, vira flores,  
vi tantas águas, vi tanta verdura,  
as aves todas cantavam d'amores.

Tudo é seco e mudo; e, de mistura,  
também mudando-m'eu fiz doutras cores:  
e tudo o mais renova: isto é sem cura!

MIRANDA, Sá de. *apud* MOISÉS, Massaud.  
*A literatura portuguesa através dos textos*. 29 ed. São Paulo:  
Cultrix, 2000. p. 109.

**sazão**: estação do ano.

**soer**: que ocorre com frequência.

O auge do período humanista ocorreu com o abandono da perspectiva medieval e com a proposta de renovação de áreas do conhecimento, principalmente, a filosofia e a arte, retomando os princípios greco-latinos. O **Renascimento** é definido por esse pensamento e coloca o ser humano no centro de uma nova visão de mundo, a partir da qual ele se torna intérprete da realidade. Assim, dizemos que esse período foi marcado pelo antropocentrismo.

A valorização da Antiguidade Clássica impulsionou os artistas dos séculos XV e XVI a resgatarem teorias estéticas de obras como *Poética*, de Aristóteles, e *Arte Poética*, de Horácio, buscando os requisitos necessários para sua produção racional erudita e mimética. É por esse retorno ao modelo clássico que a literatura renascentista ganha o nome de **Classicismo**. A criação artística para os autores desse período deveria ser uma representação do comportamento humano, ou seja, "imitar" a natureza circundante permitiria ao homem compreender a realidade. A teoria da **mimese** aristotélica passou a ser um guia das produções artísticas que recriaram muitos dos temas clássicos, além de apresentar o ideal calcado na razão e no equilíbrio.

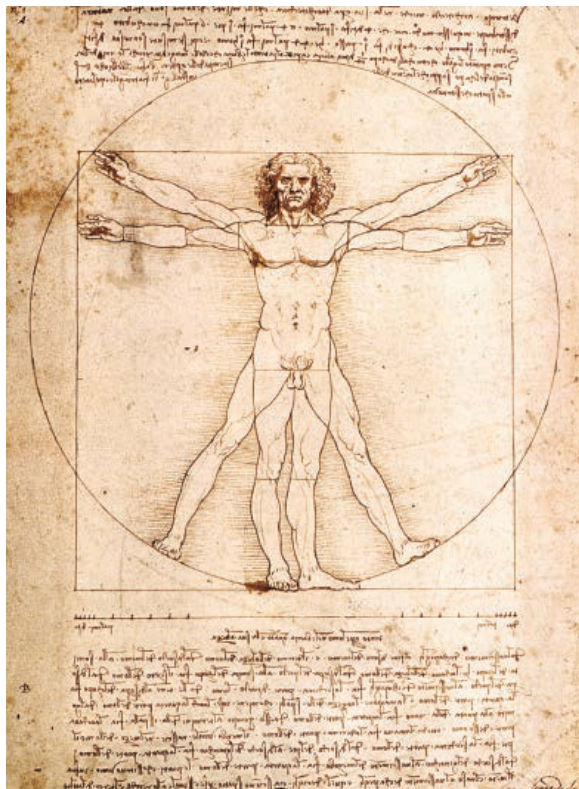
O **racionalismo**, pensamento que coloca a lógica e a razão como a base do conhecimento, foi norteador do Renascimento, que controlava o transbordamento imaginativo do artista na obra, visando ao equilíbrio clássico e à harmonia, de modo que a visão universalista da realidade se apoiasse nos valores absolutos, o Bem, o Belo e a Verdade. A busca pelo equilíbrio e pela harmonia simétrica impeliu o homem a conhecer a sua própria natureza e se debruçar em estudos sobre anatomia, mecânica dos movimentos, proporcionalidade, imprimindo, assim, à obra artística a concepção de beleza clássica harmônica e simétrica. Notamos o resultado desses estudos ao observar as esculturas renascentistas, como *Davi* (a seguir), obra colossal esculpida por Michelangelo (1475-1564) ao longo de três anos, que apresenta realismo anatômico surpreendente.





muraran/Shutterstock.com

Michelangelo. *David*, 1501-1504. Mármore, Galeria da Accademia de Belas Artes, Florença, Itália.



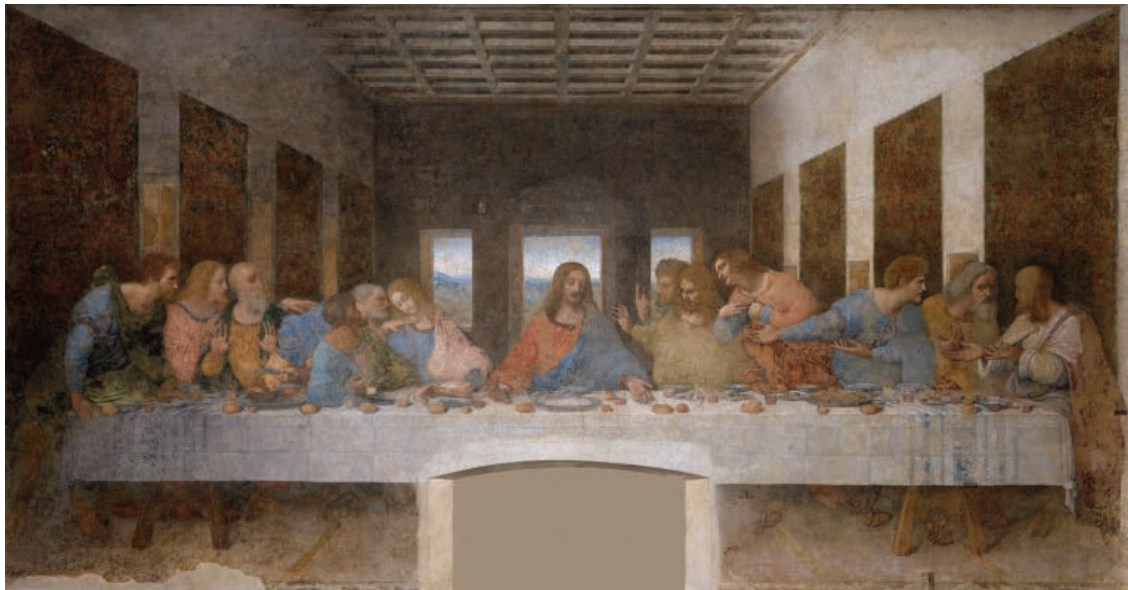
Gallerie dell'Accademia, Venezia

Leonardo da Vinci. *Homem Vitruviano*, 1492.

Leonardo da Vinci adotou os conceitos do arquiteto romano clássico Marcus Vitruvius Pollio para criar o *Homem Vitruviano*, desenho que apresenta as proporções ideais do corpo humano como símbolo de beleza e harmonia. Trata-se de uma observação científica que trabalha o tema da perfeição e da unidade, visando mostrar o corpo humano a partir de equações matemáticas em um círculo e um quadrado, que são figuras geométricas perfeitas. Provavelmente, você já deve ter ouvido as expressões “proporção divina” ou “cânone das proporções”; elas sintetizam o conceito humanista aliado ao racionalismo.

### Saiba mais

Leonardo da Vinci (1452-1519) tornou-se uma das figuras mais importantes do Renascimento e da história da arte ocidental. Em *A Última Ceia*, o artista imprime realismo emocional à cena bíblica, além de romper com a imagem santificada dos apóstolos, representando-os como pessoas comuns.



Convento de Santa Maria della Grazie, Milão

FRENTE 2



National Gallery of Victoria's, Melbourne; kavalenkava/Shutterstock.com; Galleria degli Uffizi, Florence; Museu do Louvre, Paris; Creative Lab/Shutterstock.com

Ao estudarmos o Classicismo, é importante entendermos as razões que levaram o homem ao racionalismo, dando fim ao período medieval. O desenvolvimento de pesquisas no campo científico é uma das razões que alteraram a relação do homem com o universo. Os estudos de Galileu Galilei, que utilizava instrumentos para a observação do céu e publicou o tratado sobre o movimento dos corpos, aliados à descoberta marítima sobre o formato redondo do planeta Terra – resultado da viagem de Cristóvão Colombo ao continente americano – permitiram que o homem expandisse sua visão de mundo.

A mudança de mentalidade levou o pensamento humanista a seu apogeu no Renascimento, movimento cultural intrinsecamente ligado à expansão territorial. Como já estudamos, o advento das Grandes Navegações ampliou o horizonte físico e, conseqüentemente, o horizonte intelectual do homem moderno, colocando-o no centro de grandes conquistas e permitindo-lhe afirmar sua superioridade. Portanto, as transformações políticas, econômicas e sociais, bem como o surgimento da burguesia e o enriquecimento das cidades, também foram razões para impulsionar o contexto estético de produção e de consumo da arte.

Nesse contexto, a produção artística era uma forma de evidenciar a ascensão social, passando a ser financiada por mecenas – indivíduo rico que patrocinava artistas, escritores e cientistas. No campo literário, a ênfase da produção se deu a partir da invenção da imprensa, por volta de 1440, por Johannes Gutenberg, que promoveu a circulação de obras literárias. A relação com a arte foi alterada até mesmo pela Igreja, que passou por significativas mudanças de valores com a Reforma Protestante impulsionada pelas 95 teses publicadas por Martinho Lutero em 1517, assim, disputando o prestígio de ter obras de grandes artistas, como Michelangelo Buonarroti, Rafael Sanzio e Donato di Niccolò di Betto Bardi, conhecido como Donatello.

### A chegada do “doce estilo novo”

Ao ler os sonetos camonianos e algumas estrofes do poema épico *Os Lusíadas*, você notará que a busca por razão, equilíbrio e simetria está presente na construção de textos em que a lógica do pensamento e da estrutura se destaca. Nos nossos estudos sobre a linguagem do Classicismo, analisaremos alguns recursos estilísticos, como as figuras de linguagem, usados com o intuito de conciliar a razão e o sentimento humanos.

Na literatura, a explicação das emoções humanas é expressa no **soneto**, forma clássica que foi adotada preferencialmente, permitindo a concretização da expressão lírica mediante o raciocínio completo. Releia o poema de abertura desta aula e verifique que esse raciocínio está na forma como o tema é trabalhado. A inquietação do eu lírico diante da mudança constante do mundo reflete seu anseio de encontrar algo que perdure. A mudança da natureza expressa no primeiro quarteto é comparada à mudança constante que o próprio ser humano experimenta ao longo da vida. Assim, o último terceto une a ideia de efemeridade, um tema frequente na Renascença: *tempus fugit*.

Quanto à métrica dos versos, é instituída a **medida nova**, conhecida como “doce estilo novo”, opondo-se à medida medieval, cuja marcação rítmica se dá pelas redondilhas maiores e menores. Francesco Petrarca é conhecido como um dos mais importantes poetas do Renascimento italiano, a quem é atribuída a nova fórmula poética utilizada pelos poetas do Classicismo: a forma fixa do soneto (dois quartetos e dois tercetos) e a medida de dez sílabas poéticas, os versos decassílabos.



### Saiba mais

Francesco Petrarca (1304-1374) foi um dos maiores poetas do período humanista e considerado o precursor do Renascimento italiano. Ele é conhecido por ter fixado a forma de soneto com quatorze versos. A lírica amorosa é largamente trabalhada nos seus versos, tendo influenciado diversos poetas da modernidade. Ao estudar a lírica camoniana, notamos os ecos da poesia petrarquista, especialmente no que tange ao tema amoroso.



Galeria degli Uffizi, Florença

Em Portugal, a medida foi instituída pelo poeta Sá de Miranda (1481-1558), que viajou para a Itália a fim de estudar as novidades estéticas renascentistas, retornando em 1527, momento da origem do Classicismo português. Como você leu no soneto de abertura, as contradições humanas são um tema recorrente na lírica classicista, marcadas pelo uso de figuras de linguagem como paradoxo, antítese, oxímoros etc.

### Lírica camoniana

Luís Vaz de Camões (1524-1580) é o poeta de maior destaque no Classicismo português, o que se deve à sua vasta produção de sonetos e à notoriedade de sua obra *Os Lusíadas*. Camões participou do projeto de expansão marítima de seu país, tendo viajado pela Índia, China e lutado em Ceuta, onde perdeu o olho direito. Diversas desavenças renderam-lhe desterro e um período na prisão, quando decidiu iniciar os primeiros versos de seu poema épico. A sua extensa obra evidencia conhecimento em diversos campos, como a literatura clássica greco-latina e a literatura de crônicas portuguesas que, provavelmente, renderam-lhe o material histórico necessário para a construção do enredo de *Os Lusíadas*, obra que narra o heroísmo português.



Steve Cymro/Shutterstock.com

António Vítor de Figueiredo Bastos. *Luís Vaz de Camões*, 1860-1867, bronze, 700 cm altura, Praça Luís de Camões, Lisboa, Portugal.

A produção literária de Camões se divide em lírica e épica. A lírica apresenta caráter bem variado, pois o poeta utiliza tanto a medida velha quanto a nova, além de adotar odes, elegias e sonetos. O domínio da medida nova e a predileção pelo soneto permitiram ao poeta trabalhar de forma racional os temas mais recorrentes em sua poética: o sofrimento amoroso, o desconcerto do mundo, as mudanças constantes, a representação da amada e o neoplatonismo amoroso.

Nos sonetos, há um constante antagonismo entre o amor sensual e o amor espiritual, além da herança clássica presente em temas como a mitologia e a natureza. Ao ler um soneto camoniano, procure identificar as marcas temáticas e formais para facilitar seu entendimento do texto, como a presença do antagonismo identificado nas ideias entre os quartetos e tercetos. Essa leitura é comumente solicitada em provas de vestibulares, por isso, exercite sua interpretação. Repare que os sonetos não apresentam título; logo, é comum considerarmos o primeiro verso como título.

Transforma-se o amator na cousa amada,  
por virtude do muito imaginar;  
não tenho logo mais que desejar,  
pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,  
que mais deseja o corpo de alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,  
que, como o acidente em seu sujeito,  
assim co'a alma minha se conforma,

está no pensamento como ideia;  
o vivo e puro amor de que sou feito,  
como matéria simples busca a forma.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Transforma-se o amator na cousa amada*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Esse soneto reflete o conflito entre o amor material e o amor neoplatônico, considerado puro e idealizado na perspectiva espiritual. Os quartetos apresentam o objeto amado como realização plena do amador, visto que este por “muito imaginar” alcança a união perfeita com “a parte desejada”. O eu lírico afirma no segundo quarteto que a realização ocorre porque o desejo carnal é suplantado pela união de sua alma “liada”, ou seja, ligada à alma de sua amada. No entanto, como podemos ver nos tercetos, essa concepção amorosa se mostra no campo do pensamento; assim, a materialização do amor requer a “matéria simples” que “busca a forma”.

### ! Atenção

No Renascimento, os filósofos adotaram a ideia de amor platônico conciliada a princípios do Cristianismo. Isso significa que a concepção amorosa não carecia da consumação carnal, aproximando o ser humano de Deus. Esse conceito chamado **neoplatonismo amoroso** provém das ideias de amor presentes em *O Banquete*, diálogo do filósofo da Grécia Antiga Platão, escrito por volta de 380 a.C.



Rafael Sanzio. Detalhe da pintura *Escola de Atenas*, 1509-1510, 500 cm x 770 cm, Palácio Apostólico, Cidade do Vaticano, Itália.

Na lírica camoniana, é comum a imagem do amor personificado como um deus punitivo e sedento do sacrifício humano.

Busque Amor novas artes, novo engenho,  
para matar me, e novas esquivanças;  
que não pode tirar me as esperanças,  
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!  
Vede que perigosas seguranças!  
Que não temo contrastes nem mudanças,  
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto  
onde esperança falta, lá me esconde  
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n'alma me tem posto  
um não sei quê, que nasce não sei onde,  
vem não sei como, e dói não sei por quê.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Busque Amor novas artes, novo engenho*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

Note que a tirania do sentimento amoroso já castigou demasiadamente o eu lírico, a ponto de ele concluir que não há mais como sofrer. Por essa razão, o amor deve buscar “novas esquivanças”, ou seja, novas crueldades. O eu lírico afirma sentir segurança, mesmo perdido em seu lenho (barco) em “bravo mar”. No entanto, a lógica argumentativa desencadeia uma ideia de oposição marcada pela conjunção “mas” do primeiro terceto, pois o eu lírico considera que o mal do amor vem inesperadamente, como “um mal, que mata e não se vê”.

Embora a tônica do amor cruel seja comum na lírica de Camões, vale lembrar que há em sua obra épica o episódio da morte de Inês de Castro, rainha assassinada a mando do rei Dom Afonso, pai de Dom Pedro I. Confira a estrofe do Canto III de *Os Lusíadas*:

Tu, só tu, puro amor, com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
Nem com lágrimas tristes se mitiga,  
É porque queres, áspero e tirano,  
Tuas aras banhar em sangue humano.

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

Na estrofe, é possível notar a tensão diante da catástrofe (o assassinato de Inês) e o lamento pela tirania do amor, que banha de sangue o seu altar (tuas aras) como punição pelo amor concretizado.

## Épica camoniana

### Rota marítima para a Índia (1498-1499)



Fonte: Elaborado com base em *O caminho marítimo para a Índia: 1498-1499*. *Disciplina de História*, 14 out. 2009. Disponível em: <http://disciplina-de-historia.blogspot.com/2009/10/o-caminho-maritimo-para-india-1498-1499.html>. Acesso em: 3 jul. 2023.

As armas e os Barões assinalados,  
Que da Ocidental praia Lusitana.

Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

A primeira das 1102 estrofes do poema épico de Luís Vaz de Camões *Os Lusíadas*, publicado em 1572, expressa a intenção humanista de exaltar as conquistas lusitanas mediante a imagem de um herói coletivo, o povo português. Esse herói foi representado por Vasco da Gama, navegador que realizou a viagem às Índias entre 1497 e 1498. O nome dado a esse herói coletivo representativo – lusíada – foi inspirado na mitologia, na lenda de Luso, filho de Baco, que fundou na parte ocidental da península Ibérica um reino chamado Lusitânia.

O poeta português celebrou os feitos heroicos dos lusitanos, seguindo o modelo das epopeias de Homero, *Ilíada* e *Odisseia*, que exaltam o poder dos gregos, e de Virgílio, *Eneida*, que celebra os romanos. Perceba, na leitura dos versos a seguir, que a voz épica enaltece os portugueses, sobrepondo seu poder ao de Ulisses e Eneias.

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Netuno e Marte obedeceram;  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.



Fac-símile da capa de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões

O eu lírico épico convida o leitor a esquecer as conquistas dos imperadores romanos (Alexandre e Trajano) porque os deuses do mar e da guerra (Netuno e Marte) obedecem a outro conquistador, “o ilustre lusitano”, cujas glórias são exaltadas nas estrofes de *Os Lusíadas*.

A estrutura da obra segue o modelo greco-latino com a divisão em cinco partes. Na Introdução (18 estrofes do Canto I), estão:

- **Proposição** (três primeiras estrofes do Canto I): apresentação do assunto da obra – as conquistas portuguesas.
- **Invocação** (estrofes 4 e 5 do Canto I): pedido de inspiração às musas para que o autor tenha engenho e arte necessários na construção da obra. Camões invoca as Tágides, ninfas do Tejo, rio navegável de onde partiam as embarcações.
- **Dedicatória** (estrofes 6 a 18 do Canto I): oferecimento da obra a Dom Sebastião, rei de Portugal à época da publicação.  
E duas partes completam a divisão:
- **Narração** (estrofe 19 do Canto I a 144 do Canto X): narrativa iniciada com a técnica *in media res*, no meio da viagem, quando os navegadores já estão em alto mar.

- **Epílogo** (estrofes 145 a 156 do canto X): encerramento da narrativa em tom melancólico, por causa da desilusão do poeta quanto ao momento de Portugal, em que o enfraquecimento político anunciava decadência.

### Os Lusíadas: esquema rítmico

As armas e os Barões assinalados	(A)	} <i>Os Lusíadas</i> • 10 cantos • 1102 estrofes • 8 816 versos decassílabos • Oitava rima: ABABABCC
Que da Ocidental praia Lusitana	(B)	
Por mares nunca de antes navegados	(A)	
Passaram ainda além da Taprobana,	(B)	
Em perigos e guerras esforçados	(A)	
Mais do que prometia a força humana,	(B)	
E entre gente remota edificaram	(C)	
Novo Reino, que tanto sublimaram;	(C)	

O esquema de rimas adotado no poema épico de Camões é o que dá o ritmo da narrativa, como se os eventos históricos e os episódios fossem cantados aos ouvidos do leitor. Faça o exercício de ler em voz alta para perceber como a seleção vocabular, as rimas e a métrica contribuem com o aspecto racional da estrutura de cada uma das estrofes.

*Os Lusíadas* é uma obra pautada em três planos principais: plano da viagem, plano histórico e plano mitológico. Ao longo da leitura, é possível perceber que a narrativa sobre o empreendimento marítimo rumo às Índias é entrecortada por elementos narrativos mitológicos, como o Concílio dos deuses, reunião em que as divindades discutem os rumos e o apoio aos portugueses ao longo da viagem. Em outros momentos, a voz épica se cala para dar espaço ao próprio Vasco da Gama como narrador. Ao chegar a Melinde, por exemplo, é ele quem narra os principais eventos históricos ao rei local, como as batalhas de Ourique, Aljubarrota e a despedida de sua frota na praia do Restelo, sul de Lisboa, em direção às Índias.

### Os Lusíadas: principais episódios

#### EPISÓDIO DO VELHO DO RESTELO

Na saída da praia do Restelo, apresentada no Canto IV do poema, os navegadores são duramente criticados por uma figura simbólica, um homem idoso com vestimenta longa e escura, que vocifera contra a expansão marítima. Tal figura simboliza uma visão contrária ao projeto português e ressalta a insegurança do mar. A advertência feita pelo velho foi a maneira de Camões apontar os riscos e os resultados desastrosos que a expansão marítima poderia desencadear. Além disso, Portugal estava enfrentando dificuldades em manter suas terras colonizadas na América, na África e na Ásia, o que fica evidenciado no tom de reprovação da personagem.

Deixas criar às portas o inimigo,  
Por ires buscar outro de tão longe,  
Por quem se despovoe o Reino antigo,  
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;  
Buscas o incerto e incógnito perigo  
Por que a Fama te exalte e te lisonje  
Chamando-te senhor, com larga cópia,  
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia.

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.



No século XX, poetas portugueses modernistas com espírito saudosista recuperaram os textos e a glória náutica, em poemas bastante significativos. Você pode conferir os poemas de Fernando Pessoa publicados no livro *Mensagem* (1934). Entre eles há o famoso poema “Mar português”, em que o eu lírico apresenta uma voz que se contrapõe à fala do Velho do Restelo. Faça a leitura estabelecendo as devidas comparações e procure atentar à intertextualidade, pois essa habilidade costuma ser solicitada em provas de grandes vestibulares nacionais.

### Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2405>. Acesso em: 3 jul. 2023.

### EPISÓDIO DO GIGANTE ADAMASTOR

O Cabo das Tormentas, hoje conhecido como Cabo da Boa Esperança, localizado a oeste da província do Cabo Ocidental na África do Sul, foi a representação do perigo para os navegantes durante muitos séculos. Na obra de Camões, no Canto V, o Cabo é chamado de Gigante Adamastor, personificação da força da natureza sobre os homens. Apesar de o gigante ser um eco da voz do Velho do Restelo, profetizando os males advindos com a conquista marítima, conseguir vencê-lo é a evidência do poder do povo lusitano.

Outro texto de Fernando Pessoa que dialoga com *Os Lusíadas* é o poema “O monstrengo”, também presente no livro *Mensagem*. Confira como Pessoa ressignificou a imagem do perigo marítimo.

### O Monstrengo

O mostrengo que está no fim do mar  
Na noite de breu ergueu-se a voar;  
À roda da nau voou três vezes,  
Voou três vezes a chiar,  
E disse: “Quem é que ousou entrar  
Nas minhas cavernas que não desvendo,  
Meus tectos negros do fim do mundo?”  
E o homem do leme disse, tremendo:  
“El-Rei D. João Segundo!”  
[...]

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2387>. Acesso em: 3 jul. 2023.

### A MÁQUINA DO MUNDO

No Canto X, após a realização do feito de chegar ao seu destino, os lusos são agraciados com um banquete na Ilha dos Amores. Nesse local, a ninfa Tétis apresenta a Vasco da Gama o essencial do universo por meio da máquina do mundo, que prediz os feitos valorosos dos portugueses.

Vês aqui a grande máquina do Mundo,  
Etérea e elemental, que fabricada  
Assim foi do Saber, alto e profundo,  
Que é sem princípio e meta limitada.  
Quem cerca em derredor este rotundo  
Globo e sua superfície tão limada,  
É Deus; mas o que é Deus, ninguém o entende,  
Que a tanto o engenho humano não se estende.  
[...]

Aqui, só verdadeiros, gloriosos  
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,  
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,  
Fingidos de mortal e cego engano.  
Só pera fazer versos deleitosos  
Servimos; e, se mais o trato humano  
Nos pode dar, é só que o nome nosso  
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.



A gravura é a representação da máquina do mundo segundo a cosmografia de Ptolomeu, com a Terra no centro e, ao seu redor, os outros elementos dos cosmos em círculos concêntricos.

A alegoria da máquina é a maneira camoniana de afirmar o contato dos portugueses com o mundo metafísico, afinal, nessa ilha, a união sexual entre os navegadores e as ninfas aquáticas simboliza a união de Portugal com o mar.

Nesse sentido, antes do retorno a Portugal, é evidenciado o domínio físico do mar e das terras longínquas de África, Ásia e América, bem como o domínio português sobre as religiões dos gentios, o que revela a divinização da história dos lusíadas.

### Saiba mais

Carlos Drummond de Andrade, poeta da segunda fase do Modernismo brasileiro, publicou em 1951 seu sétimo livro, *Claro enigma*, que apresenta um tom pessimista diante dos rumos do mundo no contexto de Guerra Fria. O recurso da metalinguagem está presente em muitos dos poemas que avaliam o próprio fazer poético angustiado e paralisado diante da ânsia em encontrar respostas para os problemas sociais, tão discutidos em obras anteriores. Nesse sentido, o poema de encerramento do livro, “A máquina do mundo”, dialoga com a poesia clássica camoniana, em que o sujeito lírico se mostra desenganado e nega a grandiosidade épica. Pesquise e confira o poema na íntegra!



## Estabelecendo relações

O pintor português modernista, Almada Negreiros, criou dois importantes painéis nas gares marítimas ao sul de Lisboa. Entre eles está a *Gare Marítima da Rocha do Conde d'Óbidos*, em que há dois trípticos: um representando a vida lisboeta em um domingo e o outro, o tema da emigração. A temática da navegação marítima é retomada com tom saudosista no século XX pelos artistas em Portugal, dada a situação em que o país se encontrava após a queda da monarquia e a sequência de eventos políticos caóticos. Produzir obras referentes ao contexto do período das Grandes Navegações era para os modernistas uma forma de retomar a glória do país.

Você pode conferir a explicação sobre essas obras no vídeo educativo destinado à visita guiada dos alunos do Ensino Secundário em Lisboa, disponível no site: <https://ensina.rtp.pt/artigo/os-paineis-de-almada-negreiros-que-afrontaram-o-estado-novo/> (acesso em: 3 jul. 2023).

Almada Negreiros. *Gare Marítima da Rocha do Conde d'Óbidos*, 1945-1948. Afresco. Cais da Rocha, Lisboa. Destaque de um dos painéis integrantes dessa obra, que revela a íntima relação dos portugueses com o mar e o tom saudosista com que o tema das navegações é retomado.



© Negreiros, Almada/AUTVUS, Brasil, 2022. Foto: Z1 Collection/AlamyFotoarena

## Revisando

Leia a cantiga para responder às questões 1 e 2.

– Ai flores, ai flores do verde pino,  
se sabedes novas do meu amigo?  
Ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,  
se sabedes novas do meu amado?  
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,  
aquele que mentiu do que pôs connigo?  
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,  
aquele que mentiu do que mi há jurado?  
Ai Deus, e u é?

– Vós me preguntades polo voss'amigo  
e eu bem vos digo que é san'e vivo.  
Ai Deus, e u é?

Vós me preguntades polo voss'amado  
e eu bem vos digo que é viv'e sano.  
Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é san'e vivo  
e será vosco ant'o prazo saído.  
Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é viv'e sano  
e será vosc[o] ant'o prazo passado.  
Ai Deus, e u é?

D. DINIS. "Ai flores, ai flores do verde pino". Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=592>. Acesso em: 3 jul. 2023.

u: onde.

1. A cantiga trovadoresca de Dom Dinis é um exemplo de cantiga de amigo. Quais características desse texto comprovam essa classificação?
2. Quanto à estrutura, o que é possível destacar na cantiga?
3. A vassalagem amorosa e a coita de amor são características das cantigas de amor trovadorescas. Leia e analise a cantiga a seguir e explique como essas duas características são evidenciadas nela.

Estes meus olhos nunca perderám,  
senhor, gram coita, mentr'eu vivo for;  
e direi-vos, freiosa mia senhor,  
destes meus olhos a coita que ham:  
choram e cegam, quand'algüem nom veem,  
e ora cegam por algüem que veem.

Guisado têm de nunca perder  
meus olhos coita e meu coração,  
e estas coitas, senhor, mñas som:  
mais los meus olhos, por algüem veer,  
choram e cegam, quand'algüem nom veem,  
e ora cegam por algüem que veem.

E nunca já poderei haver bem,  
pois que Amor já nom quer nem quer Deus;  
mais os cativos destes olhos meus  
morrerám sempre por veer algüem:  
choram e cegam, quand'algüem nom veem,  
e ora cegam por algüem que veem.

GUILHADE, João Garcia de. "Ai dona fea, fostes-vos queixar". Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=404&pv=sim>. Acesso em: 3 jul. 2023.

4. Para responder à próxima questão, leia o excerto de *Auto da Barca do Inferno*, do escritor português Gil Vicente. A peça prefigura o destino das almas que chegam a um braço de mar onde se encontram duas barcas, uma destinada ao Paraíso, comandada pelo anjo, e outra destinada ao Inferno, comandada pelo diabo.

Vem um Corregedor, carregado de feitos, e, chegando à barca do Inferno, com sua vara na mão, diz:

CORREGEDOR

Hou da barca!

DIABO

Que quereis?

CORREGEDOR

Está aqui o senhor juiz?

DIABO

Ó amador de perdiz

gentil cárrega trazeis!

CORREGEDOR

No meu ar conhecereis  
que nom é ela do meu jeito.

DIABO

Como vai lá o direito?

CORREGEDOR

Nestes feitos o vereis.

DIABO

Ora, pois, entrai. Veremos  
que diz i nesse papel.

CORREGEDOR

E onde vai o **batel**?

DIABO

No Inferno vos poeremos.

CORREGEDOR

Como? À terra dos demos

há de ir um corregedor?

DIABO

Santo descorregedor,

embarcai, e remaremos!

Ora, entrai, pois que viestes!

CORREGEDOR

Non est de regulae juris, não!

DIABO

*Ita, Ita!* Dai cá a mão!

remareis um remo destes.

Fazeis conta que nacestes

pera nosso companheiro.

— Que fazes tu, barzoneiro?

Faze-lhe essa prancha prestes!

[...]

CORREGEDOR

Semper ego justitia

*fecit*, e bem por nível.

DIABO

E as **peitas** dos judeus

que a vossa mulher levava?

CORREGEDOR

Isso eu não o tomava

eram lá percalços seus.

Nom som peccatus meus,

peccavit uxor mea.

DIABO

Et vobis quoque cum ea,

não temuistis Deus.

[...]

VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*. Cotia: Ateliê Editorial, 2016. p. 84-88.

**batel:** embarcação.

**peita:** presente oferecido como suborno.

Explique a crítica vicentina satirizada no diálogo entre o Diabo e o Corregedor.

5. Leia o texto em que Almeida Garret resgata o episódio sobre a proteção real dada a Gil Vicente, dramaturgo interpelado pela Inquisição por suas críticas à Igreja católica romana.

GIL VICENTE – Vossa Alteza bem sabe que não sou medroso. Quando eu fiz o Clérigo da Beira...

D. MANUEL – Essa é a melhor farsa que nunca fizeste.

GIL VICENTE – Nunca me escondi de priores nem de cônegos, e mais...

D. MANUEL – E mais não lhes faltaria vontade de te ensinar.

GIL VICENTE – E no dia depois do Juiz da Beira jantei com dois desembargadores dos agravos. Tudo pode o exemplo de tolerância e liberdade com que Vossa Alteza nos ensina a todos.

D. MANUEL – Barão, podeis dizer em Itália que nem só de marfim e especiarias se trata a corte de Lisboa. Traçemos guerra, e mandamos nossos galeões a pelejar e traficar nas quatro partes do mundo de que hoje – graças aos nossos pilotos – se compõe o mundo; mas em casa cultivamos as artes da paz.

GARRETT, Almeida. *Catão*. 5ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

Explique o posicionamento à arte do rei D. Manoel evidenciado no texto de Garrett.

6. Leia os textos seguintes para responder à questão proposta.

## TEXTO I

### Canto IV

Em tão longo caminho e duvidoso,  
Por perdidos as gentes nos julgavam;  
As mulheres c'um choro piedoso,  
Os homens com suspiros que arrancavam.  
Mães, esposas, irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, acrescentavam  
A desesperação e frio medo  
De já nos não tornar a ver tão cedo.

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>.

Acesso em: 3 jul. 2023.

## TEXTO II

### Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Disponível em:

<http://arquivopessoa.net/textos/2405>. Acesso em: 3 jul. 2023.

Ao confrontar o poema de Fernando Pessoa com o episódio do Canto IV (estâncias 94 a 104) de *Os Lusíadas*, “Velho do Restelo”, é possível afirmar que

- a) ambos adotam o ponto de vista positivo em relação ao sucesso da empreitada que transformou Portugal na principal potência europeia por quatro séculos.
- b) a imprecação do velho associa-se à dúvida sobre a utilidade da expedição portuguesa para o Oriente, ao contrário do que aborda o poema de Pessoa.
- c) tanto o poema de Pessoa quanto o episódio de *Os Lusíadas* atentam aos riscos desnecessários vivenciados pela expedição comandada por Vasco da Gama.
- d) a percepção dos ganhos individuais e coletivos provocados pelas navegações, ao contrário do que é afirmado no poema de Pessoa, é reconhecida pelo velho.
- e) a imagem do velho alude à mentalidade feudal, agrária, oposta ao expansionismo e às navegações empreendidas pelos portugueses, o que é corroborado no poema de Pessoa.

7. Leia as estrofes do Canto V de *Os Lusíadas* para responder à questão.

Porém já cinco sóis eram passados  
Que dali nos partíramos, cortando  
Os mares nunca doutrem navegados,  
Prosperamente os ventos assoprando,  
Quando uma noite, estando descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Uma nuvem, que os ares escurece,  
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha e carregada,  
Que pôs nos corações um grande medo.  
Bramindo, o negro mar de longe brada,  
Como se desse em vão nalgum rochedo  
— “Ó Potestade – disse – sublimada,  
Que ameaço divino ou que segredo  
Este clima e este mar nos apresenta,  
Que mor cousa parece que tormenta?”

Não acabava, quando uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandíssima estatura;  
O rosto carregado, a barba esquelada,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má e a cor terrena e pálida;  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos.

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>.  
Acesso em: 3 jul. 2023.

As estrofes se referem a um importante episódio do poema épico camoniano, nas quais se nota a intenção de evidenciar

- a) o medo e a fragilidade dos portugueses diante do perigo vivenciado no Cabo das Tormentas.
- b) o iminente risco de perdas e morte personificado pelo rochedo localizado na ilha Taprobana.

- c) o perigo lançado por Baco, deus protetor dos mouros, que procura prejudicar a conquista dos portugueses.
- d) as credices dos navegantes ao se depararem com o perigo, o que contraria o espírito cristão exaltado por Camões.
- e) a capacidade heroica da expedição que enfrenta o perigo personificado pelo Gigante Adamastor.

8. Leia o soneto e as estrofes de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões.

#### TEXTO I

##### Episódio “Inês de Castro”

Tu só, tu, puro Amor, com força crua  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
Nem com lágrimas tristes se mitiga,  
É porque queres, áspero e tirano,  
Tuas aras banhar em sangue humano.

CAMÕES, L. *Os Lusíadas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

#### TEXTO II

Busque Amor novas artes, novo engenho,  
para matar me, e novas esquivações;  
que não pode tirar me as esperanças,  
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!  
Vede que perigosas seguranças!  
Que não temo contrastes nem mudanças,  
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto  
onde esperança falta, lá me esconde  
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias há que n'alma me tem posto  
um não sei quê, que nasce não sei onde,  
vem não sei como, e dói não sei por quê.

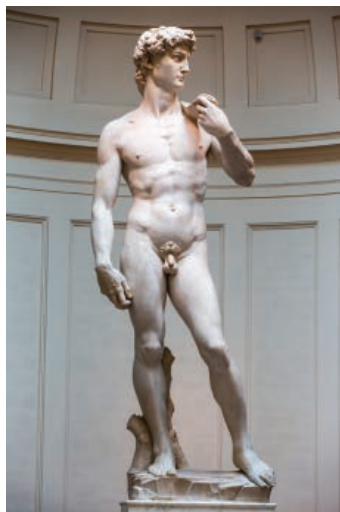
CAMÕES, Luís Vaz de. Busque Amor novas artes, novo engenho.  
Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

Embora a obra camoniana *Os Lusíadas* pertença ao gênero épico, há momento de lirismo, como se nota na estrofe referente ao episódio lírico-amoroso sobre Inês de Castro, o qual simboliza a força do amor entre Inês e Dom Pedro, filho de Dom Afonso de Borgonha.

Ao considerar a abordagem camoniana sobre o sentimento amoroso em *Os Lusíadas*, é possível notar similaridade com a temática do soneto, porque o amor

- a) é celebrado dada as suas benesses ao ser humano.
- b) é puro e resgata a esperança aos corações perdidos.
- c) revela sua ferocidade aos inimigos da coroa portuguesa.
- d) mostra-se tirano diante da fragilidade humana.
- e) é personificado como um mal dominável.

9. Analise a imagem a seguir.



O Renascimento foi um movimento cultural amplo que modificou as artes, dentre elas a escultura.

A escultura de Michelangelo, *Davi*, traz a marca do antropocentrismo, característica que

- a) reproduz a beleza e a harmonia do corpo humano nas artes.
- b) confere uma intensa dramaticidade à escultura do rosto humano.
- c) obedece a um modelo estereotipado, calcado na religiosidade.

- d) aborda a transitoriedade da vida do ser humano.
- e) revela o afastamento das bases da cultura grega e da latina.

10. Leia o soneto de Luís Vaz de Camões para responder à próxima questão.

Transforma-se o amador na coisa amada,  
Por virtude do muito imaginar;  
Não tenho, logo, mais que desejar,  
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,  
Que mais deseja o corpo de alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
Pois com ele tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,  
Que, como o acidente em seu sujeito,  
Assim como a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;  
E o vivo e puro amor de que sou feito,  
Como a matéria simples busca a forma.

CAMÕES, Luís Vaz de. "Transforma se o amador na cousa amada". Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

O antagonismo é um elemento comum na lírica de Luís Vaz de Camões. Considerando o soneto citado, explique como essa característica camoniana é desenvolvida no poema.

## Exercícios propostos

1. **EsPCEX-SP 2013** É correto afirmar sobre o Trovadorismo que

- a) os poemas são produzidos para ser encenados.
- b) as cantigas de escárnio e maldizer têm temáticas amorosas.
- c) nas cantigas de amigo, o eu lírico é sempre feminino.
- d) as cantigas de amigo têm estrutura poética complicada.
- e) as cantigas de amor são de origem nitidamente popular.

2. **Uema 2021** Mario Quintana, poeta gaúcho, foi um dos maiores expoentes da literatura brasileira. Com estilo eclético, estreou em 1940, desafiando os críticos literários por se ter tornado um poeta popular. Sua poesia é compreensível sem ser banal; sua originalidade é natural; suas metáforas são claras, mas, ao mesmo tempo, surpreendentes. Leia o poema *Solau à moda antiga* para responder à questão.

Senhora, eu vos amo tanto  
Que até por vosso marido  
Me dá um certo quebranto...  
Pois que tem que a gente inclua  
No mesmo alastrante amor  
Pessoa animal ou cousa  
Ou seja lá o que for,  
Só porque os banha o esplendor  
Daquela a quem se ama tanto?  
E sendo desta maneira,

Não me culpeis, por favor,  
Da chama que ardente abrasa  
O nome de vossa rua,  
Vossa gente e vossa casa

E vossa linda macieira  
Que ainda ontem deu flor...

QUINTANA, M. *Esconderijos do tempo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Nesse poema, marcado pelo senso de humor, reconhece-se, fortemente, características da poesia medieval trovadoresca nos versos:

- a) "Pois que tem que a gente inclua No mesmo alastrante amor Pessoa animal ou cousa"
- b) "Não me culpeis, por favor, Da chama que ardente abrasa O nome de vossa rua,"
- c) "Senhora, eu vos amo tanto Que até por vosso marido Me dá um certo quebranto..."
- d) "Ou seja lá o que for, Só porque os banha o esplendor Daquela a quem se ama tanto?"
- e) "E vossa linda macieira Que ainda ontem deu flor..."



### 3. Unifesp

#### Texto I

Ao longo do sereno  
Tejo, suave e branco  
Num vale de altas árvores sombrio  
Estava o triste Almeno  
Suspiros espalhando  
Ao vento, e doces lágrimas ao rio.

(Luís de Camões, *Ao longo do sereno.*)

#### Texto II

Bailemos nós ia todas tres, ay irmanas  
so aqeste ramo destas auelanas  
e que for louçana, como nós, louçanas  
se amigo amar  
so aqeste ramo destas auelanas  
uerrá baylar.

(Aires Nunes. In: Nunes, J. J., *Crestomantia arcaica*)

#### Texto III

Tão cedo passa tudo quanto passa!  
morre tão jovem ante os deuses quanto  
Morre! Tudo é tão pouco!  
Nada se sabe, tudo se imagina.  
Circunda-te de rosas, ama, bebe  
E cala. O mais é nada.

(Fernando Pessoa, *Obra poética.*)

#### Texto IV

Os privilégios que os Reis  
Não podem dar, pode Amor,  
Que faz qualquer amador  
Livre de humanas leis,  
mortes e guerras cruéis,  
Ferro, frio, fogo e neve,  
Tudo sofre quem o serve.

(Luís de Camões, *Obra completa.*)

#### Texto V

As minhas grandes saudades  
São do que nunca enlacei.  
Ai, como eu tenho saudades  
Dos sonhos que não sonhei!...

(Mário de Sá Carneiro, *Poesias.*)

A alternativa que indica que o texto que faz parte da poesia medieval da fase trovadoresca é

- a) I.
- b) II.
- c) III.
- d) IV.
- e) V.

### 4. Unifap

Uma dama não digo qual  
não agoirou este ano mal  
pelas oitavas do Natal:  
ia ela a missa ouvir  
e ouvindo um corvo carníçal  
já de casa não quis sair.

(João Airas)

O trecho acima se refere à

- a) Cantiga de Amor.
- b) Cantiga de Maldizer.
- c) Cantiga de Escárnio.
- d) Cantiga de Amigo.
- e) Canção da Ribeirinha.

### 5. Unifap

Sobre as cantigas de escárnio do trovadorismo português, é correto afirmar que

- a) apresentam interesse, sobretudo histórico através da voz lírica feminina.
- b) revelam detalhes da vida íntima da aristocracia através das convenções do amor cortês.
- c) apresentam uma linguagem velada, sem deixar de lado o humor sobre a vida social da época.
- d) utilizam-se de sátiras diretas, revelando a vida campesina e urbana.
- e) fazem a crítica rude, direta, muitas vezes enveredando para a obscenidade.

### 6. Uepa

A literatura do amor cortês, pode-se acrescentar, contribuiu para transformar de algum modo a realidade extraliterária, atua como componente do que Elias (1994)\* chamou de **processo civilizador**. Ao mesmo tempo, a realidade extraliterária penetra processualmente nessa literatura que, em parte, nasceu como forma de sonho e de evasão.

(*Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, v. 41, n. 1 e 2, p. 83-110, Abril e Outubro de 2007 pp. 91-92)

\*Cf. ELIAS, N. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v.1.

Interprete o comentário acima e, com base nele e em seus conhecimentos acerca do lirismo medieval galego-português, marque a alternativa correta:

- a) as cantigas de amor recriaram o mesmo ambiente palaciano das cortes galegas.
- b) “a literatura do amor cortês” refletiu a verdade sobre a vida privada medieval.
- c) a servidão amorosa e a idealização da mulher foi o grande tema da poesia produzida por vilões.
- d) o amor cortês foi uma prática literária que aos poucos modelou o perfil do homem civilizado.
- e) nas cantigas medievais mulheres e homens submetem-se às maneiras refinadas da cortesia.

### 7. Mackenzie-SP 2017

#### Ondas do mar de Vigo

Ondas do mar de Vigo,  
se vistes meu amigo?  
e ai Deus, se **verrá** cedo?

Se vistes meu amigo,  
o por que eu sospiro?  
e ai Deus, se verrá cedo?

Ondas do mar levado,  
se vistes meu amado?  
e ai Deus, se verrá cedo?

Se vistes meu amado,  
o por que hei gram coidado?  
e ai Deus, se verrá cedo?

Martim Codax

**verrá:** virá.

Pode-se afirmar que pertence ao mesmo tipo de poesia trovadoresca de “Ondas do mar de Vigo” APENAS a alternativa:

- a) Dona fea, nunca vos eu loei/en meu trobar, pero muito trobei;/mais ora já un bon cantar farei,/en que vos loarei toda via;/e direi-vos como vos loarei:/dona fea, velha e sandia! (Joan Garcia de Guilhade)

- b) Quer'eu en maneira provençal/fazer agora un cantar d'amor/e querrei muit'i loar mia senhor, a que prez nem fremusura non fal,/nem bondade, e mais vos direi en: tanto fez Deus comprida de ben/que mais que todas las do mundo val. (D. Dinis)
- c) A melhor dona que eu nunca vi,/per bõa fé, nem que oí dizer,/e a que Deus fez melhor parecer,/mia senhor est, e senhor das que vi,/de mui bom preçõ e de mui bom sem,/per bõa fé, e de tod'outro bem, de quant'eu nunca doutra dona oí. (Fernão Garcia Esgaravunha)
- d) Quantos ham gram coita d'amor/eno mundo, qual hoj'eu hei,/queriam morrer, eu o sei,/e haveriam em sabor;/mais, mentr'eu vos vir, mia senhor,/sempre m'eu querria viver/ e atender e atender. (João Garcia de Guilhade)
- e) Que coita tamanha ei a sofrer,/por amar amigu'e non o ver!/E pousarei sô lo avelanal. (Nuno Fernandes Torneol)



As questões 8 e 9 tomam por base uma cantiga do trovador galego Airas Nunes, de Santiago (século XIII), e o poema “Confessor medieval”, de Cecília Meireles (1901-1964).

### Cantiga

Bailemos nós já todas três, ai amigas,  
So aquestas avelaneiras **frolidas**,  
E quem for velida, como nós, **velidas**,  
Se amigo amar,  
So **aquestas** avelaneiras frolidas  
Verrá bailar.

Bailemos nós já todas três, ai **irmanas**,  
So **aqueste** ramo destas **avelanas**,  
E quem for **louçana**, como nós, louçanas  
Se amigo amar,  
So aqueste ramo destas avelanas  
Verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, **mentr'al** non fazemos,  
So aqueste ramo frolido bailemos,  
E quem **bem parecer**, como nós parecemos

Se amigo amar,  
So aqueste ramo so lo que bailemos  
Verrá bailar.

AIRAS NUNES, de Santiago. In: SPINA, Segismundo. *Presença da Literatura Portuguesa* – 1. Era Medieval. 2.ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

### Confessor Medieval

(1960)

Irias à bailia com teu amigo,  
Se ele não te dera saia de sirgo?

Se te dera apenas um anel de vidro  
Irias com ele por sombra e perigo?

Irias à bailia sem teu amigo,  
Se ele não pudesse ir bailar contigo?

Irias com ele se te houvessem dito  
Que o amigo que amavas é teu inimigo?

Sem a flor no peito, sem saia de **sirgo**,  
Irias sem ele, e sem anel de vidro?

Irias à bailia, já sem teu amigo,  
E sem nenhum suspiro?

MEIRELES, Cecília. *Poesias completas de Cecília Meireles* – v. 8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

**frolidas:** floridas.  
**velida:** formosa.  
**aquestas:** estas.  
**irmanas:** irmãs.  
**aqueste:** este.  
**avelanas:** avelaneiras.  
**louçana:** formosa.  
**verrá:** virá.  
**mentr'al:** enquanto outras coisas.  
**bem parecer:** tiver belo aspecto.  
**sirgo:** seda.

8. **Unesp** Tanto na cantiga como no poema de Cecília Meireles verificam-se diferentes personagens: um eu poemático, que assume a palavra, e um interlocutor ou interlocutores a quem se dirige. Com base nesta informação, releia os dois poemas e a seguir:
- a) indique o interlocutor ou interlocutores do eu poemático em cada um dos textos.
- b) identifique, em cada poema, com base na flexão dos verbos, a pessoa gramatical utilizada pelo eu poemático para dirigir-se ao interlocutor ou interlocutores.
9. **Unesp (Adapt.)** A leitura da cantiga de Airas Nunes e do poema “Confessor Medieval”, de Cecília Meireles, revela que este poema, mesmo tendo sido escrito por uma poeta modernista, apresenta intencionalmente algumas características da poesia trovadoresca, como o tipo de verso e a construção baseada na repetição e no paralelismo. Releia com atenção os dois textos e, em seguida, estabeleça as identidades que há entre o terceiro verso da cantiga de Airas Nunes e o terceiro verso do poema de Cecília Meireles no que diz respeito ao número de sílabas e às posições dos acentos
10. **Famema-SP 2020** Leia o texto para responder à questão.
- Vem um Sapateiro com seu avental e carregado de formas, chega ao **bate!** infernal, e diz:
- Hou da barca!
- Diabo** – Quem vem aí?  
Santo sapateiro honrado,  
como vens tão carregado?
- Sapateiro** – Mandaram-me vir assi...  
Mas para onde é a viagem?
- Diabo** – Para a terra dos danados.
- Sapateiro** – E os que morrem confessados  
onde têm sua passagem?
- Diabo** – Não cures de mais linguagem!  
que esta é tua barca, esta!
- Sapateiro** – Renegaria eu da festa  
e da barca e da bargameo!  
Como poderá isso ser, confessado  
e comungado?

**Diabo** – Tu morreste excomungado,  
 não no quiseste dizer.  
 Esperavas de viver;  
 calaste dez mil enganos,  
 tu roubaste bem trinta anos  
 o povo com teu mister.  
 Embarca, pobre de ti,  
 que há já muito que te espero!

**Sapateiro** – Pois digo-te que não quero!

**Diabo** – Que te pese, há de ir, si, si!

(Gil Vicente. *Auto da Barca do Inferno*. Adaptado.)

**1** **batel:** pequena embarcação.

O texto transcrito de Gil Vicente assume caráter

- moralizante, uma vez que traz explícita crítica aos costumes do personagem.
- educativo, pois o personagem reconhece seu erro e, ao final, é perdoado.
- humorístico, com intenção de entreter mais do que condenar comportamentos.
- doutrinário, considerando a devoção do personagem à religião quando em vida.
- edificante, já que o comportamento do personagem se torna exemplo a seguir.

- 11. UFMS 2018** Leia a letra da canção “Queixa”, de Caetano Veloso.

### Queixa

Um amor assim delicado  
 Você pega e despreza  
 Não devia ter despertado  
 Ajoelha e não reza

Dessa coisa que mete medo  
 Pela sua grandeza  
 Não sou o único culpado  
 Disso eu tenho a certeza  
 [...]

Você pensa que eu tenho tudo  
 E vazio me deixa  
 Mas Deus não quer  
 Que eu fique mudo  
 E eu te grito esta queixa

Princesa  
 Surpresa  
 Você me arrasou  
 Serpente  
 Nem sente que me envenenou  
 Senhora e agora  
 Me diga aonde eu vou  
 Amiga  
 Me diga

(VELOSO, Caetano. “Queixa”. *Intérprete: Caetano Veloso. In: Cores, nomes. PHILIPS, 1982, CD, Faixa 1.*)

O trovadorismo é o período literário que reúne os primeiros registros poéticos da literatura de Língua Portuguesa. Aconteceu entre os séculos XII e XV, período conhecido como Idade Média. As principais produções literárias do trovadorismo foram as cantigas, sendo

geralmente vinculadas à música e às novelas de cavalaria. Na canção anterior, há várias referências às cantigas medievais. Assinale a alternativa que contém essas referências.

- O trecho da canção mostra o cavaleiro medieval que sai para batalhas, a fim de conquistar a mulher ideal.
- A canção apresenta a coita de amor (sofrimento), a presença da figura divina (Deus), a idealização da amada e a vassalagem amorosa (submissão).
- Na canção, o eu lírico se refere a Deus, que no trovadorismo era representado pela figura feminina, o que justifica o uso do vocativo “senhora”.
- A canção de Caetano Veloso aproxima-se do que no trovadorismo era conhecido como cantiga de escárnio, uma vez que ironiza a figura feminina.
- Ao referir-se à mulher como “serpente”, o eu lírico deixa claro que o texto se trata de uma cantiga de escárnio, muito utilizada no período trovadoresco para maldizer as mulheres promíscuas que vagavam pelos vilarejos.

- 12. IFRR 2019** O Humanismo foi um movimento com desdobramentos filosóficos, políticos, culturais e artísticos. Sobre o Humanismo, é INCORRETO afirmar que:

- Durante a Renascença se inspirou nos conhecimentos da antiga civilização greco-romana.
- Valorizava o saber crítico voltado para um maior conhecimento do homem e uma cultura capaz de desenvolver as potencialidades da condição humana.
- Difundiu ideias que se opunham ao teocentrismo reinante, compreendendo o Homem como maior obra divina.
- Defendia a capacidade humana de criação e transformação da realidade natural e social, reafirmando a ideia de livre-arbítrio.
- Defendia a necessidade da intervenção religiosa em todas as áreas da vida humana a fim de promover o progresso e a unidade dos espíritos e indivíduos.



Para responder às questões de **13** a **16**, leia o excerto de *Auto da Barca do Inferno* do escritor português Gil Vicente (1465?-1536?). A peça prefigura o destino das almas que chegam a um braço de mar onde se encontram duas barcas (embarcações): uma destinada ao Paraíso, comandada pelo anjo, e outra destinada ao Inferno, comandada pelo diabo.

*Vem um Frade com uma Moça pela mão [...]; e ele mesmo fazendo a baixa<sup>1</sup> começou a dançar, dizendo*

FRADE: Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;  
 Tai-rai-rai-ra-rã ta-ri-ri-rã;  
 Tã-tã-ta-ri-rim-rim-rã, huha!

DIABO: Que é isso, padre? Quem vai lá?

FRADE: *Deo gratias*<sup>2</sup>! Sou cortesão.

DIABO: Danças também o tordião<sup>3</sup>?

FRADE: Por que não? Vê como sei.

DIABO: Pois entrai, eu tangerei<sup>4</sup>  
 e faremos um serão.

E essa dama, porventura?

FRADE: Por minha a tenho eu,  
 e sempre a tive de meu.

DIABO: Fizeste bem, que é lindura!  
Não vos punham lá censura  
no vosso convento santo?

FRADE: E eles fazem outro tanto!

DIABO: Que preciosa **clausura**<sup>5</sup>!  
Entraí, padre reverendo!

FRADE: Para onde levais gente?

DIABO: Para aquele fogo ardente que não  
temestes vivendo.

FRADE: Juro a Deus que não te entendo!  
E este **hábito**<sup>6</sup> não me **val**<sup>7</sup>?

DIABO: Gentil padre **mundanal**<sup>8</sup>,  
a Belzebu vos encomendo!

FRADE: Corpo de Deus consagrado!  
Pela fé de Jesus Cristo,  
que eu não posso entender isto!  
Eu hei de ser condenado?  
Um padre tão namorado  
e tanto dado à virtude?  
Assim Deus me dê saúde,  
que eu estou maravilhado!

DIABO: Não façamos mais **detença**<sup>9</sup>  
embarcai e partiremos;  
tomareis um par de remos.

FRADE: Não ficou isso na **avença**<sup>10</sup>.

DIABO: Pois dada está já a sentença!

FRADE: Por Deus! Essa seria ela?  
Não vai em tal caravela  
minha senhora Florença?  
Como? Por ser namorado  
e folgar c'uma mulher?  
Se há um frade de perder.  
com tanto salmo rezado?!

DIABO: Ora estás bem arranjado!

FRADE: Mas estás tu bem servido.

DIABO: Devoto padre e marido.  
haveis de ser cá **pingado**<sup>11</sup>...

(Auto da Barca do Inferno, 2007.)

<sup>1</sup>**baixa**: dança popular no século XVI.

<sup>2</sup>**Deo gratias**: graças a Deus.

<sup>3</sup>**tordião**: outra dança popular no século XVI.

<sup>4</sup>**tanger**: fazer soar um instrumento.

<sup>5</sup>**clausura**: convento.

<sup>6</sup>**hábito**: traje religioso.

<sup>7</sup>**val**: vale.

<sup>8</sup>**mundanal**: mundano.

<sup>9</sup>**detença**: demora.

<sup>10</sup>**avença**: acordo.

<sup>11</sup>**ser pingado**: ser pingado com gotas de gordura fervendo (segundo o imaginário popular, processo de tortura que ocorreria no inferno).

**13. Unesp 2017** No excerto, o escritor satiriza, sobretudo

- a compra do perdão para os pecados cometidos.
- a preocupação do clero com a riqueza material.
- o desmantelamento da hierarquia eclesial.
- a concessão do perdão a almas pecadoras.
- o relaxamento dos costumes do clero.

**14. Unesp 2017** No excerto, o traço mais característico do diabo é

- o autoritarismo, visível no seguinte trecho: “Não façamos mais detença”.
- a curiosidade, visível no seguinte trecho: “Danças também o tordião?”.
- a ironia, visível no seguinte trecho: “Que preciosa clausura!”.
- a ingenuidade, visível no seguinte trecho: “Fizeste bem, que é lindura!”.
- o sarcasmo, visível no seguinte trecho: “Pois dada está já a sentença!”.

**15. Unesp 2017** Com a fala “E eles fazem outro tanto!”, o frade sugere que seus companheiros de convento

- consideravam-se santos.
- estavam preocupados com a própria salvação.
- estranhavam seu modo de agir.
- comportavam-se de modo questionável.
- repreendiam-no com frequência.

**16. Unesp 2017** Assinale a alternativa cuja máxima está em conformidade com o excerto e com a proposta do teatro de Gil Vicente.

- “O riso é abundante na boca dos tolos.”
- “A religião é o ópio do povo.”
- “Pelo riso, corrigem-se os costumes.”
- “De boas intenções, o inferno está cheio.”
- “O homem é o único animal que ri dos outros.”

**17. PUC-SP** Gil Vicente escreveu o **Auto da Barca do Inferno** em 1517, no momento em que eclodia na Alemanha a Reforma Protestante, com a crítica veemente de Lutero ao mau clero dominante na igreja. Nesta obra, há a figura do frade, severamente censurado como um sacerdote negligente. Indique a alternativa cujo conteúdo **NÃO** se presta a caracterizar, na referida peça, os erros cometidos pelo religioso.

- Não cumprir os votos de celibato, mantendo a concubina Florença.
- Entregar-se a práticas mundanas, como a dança.
- Praticar esgrima e usar armamentos de guerra, proibidos aos clérigos.
- Transformar a religião em manifestação formal, ao automatizar os ritos litúrgicos.
- Praticar a avareza como cúmplice do fidalgo, e a exploração da prostituição em parceria com a alcoviteira.

**18. Uepa 2014** Analise os trechos a seguir, retirados da peça *Pranto de Maria Parda*, de Gil Vicente, e assinale aquele que comunica ao leitor uma visão preconceituosa de caráter racial.

- Eu só quero prantear este mal que a muitos toca; que estou já como minhoca que puseram a secar.
- Ó bebedores irmãos que nos presta ser cristãos, pois nos Deus tirou o vinho?



- c) Martim Alho, amigo meu,  
Martim Alho, meu amigo,  
tão seco trago o umbigo  
como nariz de Judeu.
- d) Ó Rua da Mouraria,  
quem vos fez matar a sede  
pela lei de Mafamede  
com a triste da água fria?
- e) Devoto João Cavaleiro  
que pareceis Isaías,  
dai-me de beber três dias,  
e far-vos-ei meu herdeiro.

### 19. Fuvest-SP

E chegando à barca da glória, diz ao Anjo:

**Brísida.** Barqueiro, mano, meus olhos,  
prancha a Brísida Vaz!

**Anjo.** Eu não sei quem te cá traz...

**Brísida.** Peço-vo-lo de gíolhos!  
Cuidais que trago piolhos,  
anjo de Deus, minha rosa?  
Eu sou Brísida, a preciosa,  
que dava as môças aos molhos.  
A que criava as meninas  
para os cônegos da Sé...  
Passai-me, por vossa fé,  
meu amor, minhas boninas,  
olhos de perlinhas finas!  
[...]

VICENTE, Gil. *Auto da barca do Inferno*. (Texto fixado por S. Spina)

- a) No excerto, a maneira de tratar o Anjo, empregada por Brísida Vaz, relaciona-se à atividade que ela exercera em vida? Explique resumidamente.
- b) No excerto, o tratamento que Brísida Vaz dispensa ao Anjo é adequado à obtenção do que ela deseja – isto é, levar o Anjo a permitir que ela embarque? Por quê?

### 20. Unicamp-SP 2021

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança:  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
Diferentes em tudo da esperança:  
Do mal ficam as mágoas na lembrança,  
E do bem (se algum houve) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
Que já coberto foi de neve fria,  
E em mim converte em choro o doce canto.

E afora este mudar-se cada dia,  
Outra mudança faz de mor espanto,  
Que não se muda já como soía\*.  
(Luís Vaz de Camões)

(Luís de Camões, *20 Sonetos*. Campinas: Editora da Unicamp, p.91.)

\*soía: terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo do verbo “soer” (costumar, ser de costume).

Indique a afirmação que se aplica ao soneto escrito por Camões.

- a) O poema retoma o tema renascentista da mudança das coisas, que o poeta sente como motivo de esperança e de fé na vida.
- b) A ideia de transformação refere-se às coisas do mundo, mas não afeta o estado de espírito do poeta, em razão de sua crença amorosa.
- c) Tudo sempre se renova, diferentemente das esperanças do poeta, que acolhem suas mágoas e saudades.
- d) Não apenas o estado de espírito do poeta se altera, mas também a experiência que ele tem da própria mudança.

21. **Unesp 2020** A grande síntese da ciência moderna, estabelecendo as leis físicas do movimento por meio de equações matemáticas e respondendo a todas as questões surgidas com a cosmologia de Copérnico, foi obra de Isaac Newton. Com ela, a física adquiriu um caráter de previsibilidade capaz de impressionar o homem moderno. A evolução do pensamento científico, iniciada por Galileu e Descartes, em direção à concepção de uma natureza descrita por leis matemáticas chegava, assim, a seu grande desabrochar.

(Claudio M. Porto e Maria Beatriz D. S. M. Porto. “A evolução do pensamento cosmológico e o nascimento da ciência moderna”. In: *Revista brasileira de ensino de física*, vol. 30, no 4, 2008. Adaptado.)

A base da grande síntese newtoniana foi, de certa forma, preparada pelo humanismo renascentista, que

- a) estabelece uma perspectiva dualista da realidade, fundamentada na filosofia grega.
- b) restringe o entendimento da natureza, tornando-o objeto de investigação somente da física.
- c) recupera teorias da Antiguidade para explicar a natureza, com ênfase em uma perspectiva mitológica.
- d) resgata o racionalismo da Antiguidade, valorizando o homem no debate científico.
- e) mantém o quadro geral de conhecimentos teológicos, tais como os utilizados durante a Idade Média.

22. **Unicamp-SP 2021** Leia o poema e responda à questão que se segue.

A fermosura desta fresca serra  
e a sombra dos verdes castanheiros,  
o manso caminhar destes ribeiros,  
donde toda a tristeza se desterra;

o rouco som do mar, a estranha terra,  
o esconder do Sol pelos outeiros,  
o recolher dos gados derradeiros,  
das nuvens pelo ar a branda guerra;

enfim, tudo o que a rara natureza  
com tanta variedade nos oferece,  
se está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;  
sem ti, perpetuamente estou passando,  
nas mores alegrias, mor tristeza.

É correto afirmar que, no soneto de Camões,

- a) a beleza natural aborrece o eu lírico, uma vez que se transforma em objeto de suas maiores tristezas.
- b) a variedade da paisagem está em harmonia com o sentimento do eu lírico porque a relação amorosa é imperfeita.
- c) a harmonia da natureza consola o eu lírico das imperfeições da vida e da ausência da pessoa amada.
- d) a singularidade da natureza entristece o eu lírico quando ele está distante da pessoa amada.

**23. UCS-RS 2022** Leonardo da Vinci (1452-1519), um dos maiores gênios da humanidade, não foi só o pintor de *Mona Lisa*, a obra mais famosa já pintada, reproduzida e parodiada de todos os tempos; ele também era matemático, engenheiro, cientista, inventor, botânico, poeta e músico. Por volta de 1490, Da Vinci produziu vários desenhos para um diário. Entre eles, está o celebre *Homem Vitruviano*, baseado em uma passagem do arquiteto Marcus Vitruvius Pollio na sua série de dez livros intitulada “De Architectura”, em que, no terceiro livro, são descritas as proporções do corpo humano masculino. Nesse contexto, a questão abordará o eixo temático o “Homem Vitruviano” de Leonardo da Vinci.

O Homem Vitruviano, de Leonardo da Vinci, é apontado como uma figura de proporções ideais, segundo o modelo clássico de beleza e harmonia. De maneira geral, as obras literárias produzidas durante o Clasicismo também privilegiam essas características, já que são derivadas da nova visão de mundo da época. Assim, os sonetos, poemas constituídos de 14 versos, organizados em 2 quartetos e 2 tercetos, representam a parte mais conhecida da lírica de Luís Vaz de Camões, considerado o maior poeta renascentista português e uma das vozes mais expressivas da Língua Portuguesa. Os versos de 10 sílabas métricas (decassílabos) também passaram a ser adotados, na época, como medida nova, em substituição à preferência medieval pelos versos redondilhos (de 5 e 7 sílabas), chamados pelos renascentistas de medida velha. Tais características são evidenciadas no poema que segue.



### Eu cantarei de amor tão docemente (Camões)

Eu cantarei de amor tão docemente,  
 Por uns termos em si tão concertados,  
 Que dois mil acidentes namorados  
 Faça sentir ao peito que não sente.

Farei que amor a todos avivente,  
 Pintando mil segredos delicados,  
 Brandas iras, suspiros magoados,  
 Temerosa ousadia e pena ausente.

Também, Senhora, do desprezo honesto  
 De vossa vista branda e rigorosa,  
 Contentar-me-ei dizendo a menor parte.

Porém, pera cantar de vosso gesto  
 A composição alta e milagrosa  
 Aqui falta saber, engenho e arte.

Fonte: CAMÕES, Luís. In: Rimas. **Eu cantarei de amor tão docemente.** Edição de A. J. da Costa Pimão. Coimbra: Atlântida Editora, 1973.

No poema anterior, é possível observar elementos da poesia lírica de Luís Vaz de Camões, tais como:

- a) imitação dos clássicos; cultismo; amor realizado ou possível; e dualidade.
- b) medievalismo; ideal de perfeição formal; amor realizado ou possível; e imitação dos clássicos.
- c) tendência à ilusão; conceptismo; impessoalidade; e universalismo dos valores ideais do Bem, da Beleza e da Verdade.
- d) obediência a regras; conceptismo; negação dos clássicos; e ideal de perfeição formal.
- e) universalismo dos valores ideais do Bem, da Beleza e da Verdade; racionalismo; equilíbrio entre razão e emoção; e idealização do amor e da mulher.

### 24. Unifor-CE 2017

Ao desconcerto do mundo  
 Os bons vi sempre passar  
 No mundo graves tormentos;  
 E para mais me espantar,  
 Os maus vi sempre nadar  
 Em mar de contentamentos  
 Cuidando alcançar assim  
 O bem tão mal ordenado,  
 Fui mau, mas fui castigado.  
 Assim que, só para mim  
 Anda o mundo concertado.

(CAMÕES, Luís de Camões – Lírica. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1976. p.90)

Assinale a alternativa que contém o tema do poema “Ao desconcerto do mundo” de Camões.

- a) Alegria.
- b) Bondade.
- c) Maldade.
- d) Tristeza.
- e) Injustiça.

### 25. Unesp 2021

Observe a imagem.



(<https://pt.wikipedia.org>)

A Pietà, escultura de Michelangelo Buonarroti, foi produzida nos últimos anos do século XV e revela uma característica importante da arte renascentista:

- a) o delineamento preciso das formas do corpo humano, realizado a partir dos estudos de anatomia pelo artista.
- b) o teocentrismo, explicitado na inexpressividade e no estatismo da representação das figuras humanas.
- c) a desproporcionalidade entre os tamanhos dos corpos, para evidenciar a grandiosidade da figura de Cristo.
- d) a influência da arte religiosa medieval, manifesta na tridimensionalidade e na carência de perspectiva da peça.
- e) o prevaletimento de temática bíblica, com recriação precisa e fiel de um trecho do Evangelho segundo Lucas.

**26. UPE 2016** Leia o soneto de Luís de Camões e Soneto do amor total, de Vinícius de Moraes, abaixo.

### Luís de Camões

Amor é fogo que arde sem se ver;  
 É ferida que dói e não se sente;  
 É um contentamento descontente;  
 É dor que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;  
 É solitário andar por entre a gente;  
 É nunca contentar-se de contente;  
 É cuidar que se ganha em se perder;

É querer estar preso por vontade;  
 É servir a quem vence, o vencedor;  
 É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
 Nos corações humanos amizade,  
 Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

### Vinícius de Moraes

Amo-te tanto, meu amor... não cante  
 O humano coração com mais verdade...  
 Amo-te como amigo e como amante  
 Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,  
 E te amo além, presente na saudade.  
 Amo-te, enfim, com grande liberdade  
 Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,  
 De um amor sem mistério e sem virtude  
 Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim muito e amiúde,  
 É que um dia em teu corpo de repente  
 Hei de morrer de amar mais do que pude.

Considere as seguintes afirmações sobre os dois poemas.

- I. Os dois poemas apresentam a temática amorosa: no soneto de Camões, o sujeito lírico define o amor; no soneto de Moraes, o sujeito lírico diz como ama.
- II. O soneto de Camões apresenta uma estrutura anti-tética nas três primeiras estrofes, como a exprimir o caráter contraditório do sentimento amoroso.

III. O soneto de Vinícius de Moraes apresenta o sujeito lírico que ama de corpo e alma, ampliando o sentimento amoroso à dimensão física.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

## 27. UFJF-MG 2020

### SONETO 45 (53-57)

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
 Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
 Todo o Mundo é composto de mudança,  
 Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
 Diferentes em tudo da esperança;  
 Do mal ficam as mágoas na lembrança  
 E do bem (se algum houve...), as saudades,

O tempo cobre o chão de verde manto,  
 Que já coberto foi de neve fria,  
 E, em mi[m], converte em choro o doce canto,

E, afora este mudar-se cada dia,  
 Outra mudança faz mor espanto,  
 Que não se muda já como soía.

(CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1988.)

Na poesia lírica de Luís de Camões, um dos temas recorrentes é o da mudança que o tempo provoca nos seres e nas coisas. No poema acima, como o sujeito poético avalia o saldo das mudanças com as quais ele tem de lidar?

- a) Positivamente – o passado desagradável foi substituído, ao longo do tempo, por um presente sem mágoas.
- b) Indiferentemente – apesar das mudanças ocorridas no plano da natureza, nele próprio nada se alterou.
- c) Impossível de avaliar – afinal, o tempo passa, as coisas mudam, mas ele continua a se reconhecer como o mesmo de sempre.
- d) Negativamente – se houve alguma coisa de agradável no passado, dele restou apenas uma saudosa lembrança; e, no presente, o mal persiste como mágoa nos seus pensamentos.
- e) Normalmente – uma vez que o bem e o mal estão envolvidos numa relação de perfeito equilíbrio.



Textos para as questões 28 e 29.

### Texto I

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
 Muda-se o ser, muda-se a confiança:  
 Todo o mundo é composto de mudança,  
 Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
 Diferentes em tudo da esperança:  
 Do mal ficam as mágoas na lembrança,  
 E do bem (se algum houve) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
Que já coberto foi de neve fria,  
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,  
Outra mudança faz de mor espanto,  
Que não se muda já como soía.

(CAMÕES, Luís de. Rimas: Primeira parte, Sonetos. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003. p. 284.)

## Texto II XXXII

Se os poucos dias, que vivi contente,  
Foram bastantes para o meu cuidado,  
Que pode vir a um pobre desgraçado,  
Que a ideia de seu mal não acrescente!

Aquele mesmo bem, que me consente,  
Talvez propício, meu tirano fado,  
Esse mesmo me diz, que o meu estado  
Se há de mudar em outro diferente.

Leve pois a fortuna os seus favores;  
Eu os desprezo já; porque é loucura  
Comprar a tanto preço as minhas dores:

Se quer, que me não queixe, a sorte escura,  
Ou saiba ser mais firme nos rigores,  
Ou saiba ser constante na brandura.

(COSTA, Cláudio Manoel da. In: *A poesia dos inconfidentes*. Org. Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 65)

**28. UFJF-MG 2015** Na última estrofe do soneto de Camões (texto I), o eu lírico constata que:

- a) a mudança cotidiana de valores gera espanto.
- b) tudo se transforma diariamente no mundo.
- c) o bem e o mal deixam marcas eternas.
- d) o próprio processo de mudança é instável.
- e) o tempo converte o verde em neve e o canto em choro.

**29. UFJF-MG 2015** Quanto à conclusão, em que diferem os textos I e II?

- a) enquanto o eu lírico do texto I demonstra resignação, o do texto II reclama.
- b) enquanto o eu lírico do texto I demonstra apatia, o do texto II se rebela.
- c) enquanto o eu lírico do texto I demonstra impaciência, o do texto II espera.
- d) enquanto o eu lírico do texto I demonstra tristeza, o do texto II se alegra.
- e) enquanto o eu lírico do texto I demonstra fé, o do texto II duvida.

**30. Mackenzie-SP 2015**

### Sete anos de pastor Jacob servia

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
Mas não servia ao pai, servia a ela,  
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
Passava, contentando-se com vê-la;  
Porém o pai, usando de cautela,  
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganoso  
Lhe fora assim negada a sua pastora,  
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,  
Dizendo – Mais servira, se não fora  
Para tão longo amor tão curta a vida.

CAMÕES, Luís de

Sobre o Classicismo, movimento literário surgido na época do Renascimento, ao qual a crítica vincula Luís de Camões, todas as alternativas estão corretas, EXCETO:

- a) destaca-se o predomínio da razão sobre o sentimento nas composições artísticas.
- b) há a libertação dos dogmas da Igreja, mas sem o desaparecimento, por completo, da religiosidade.
- c) destaca-se a presença da mitologia greco-latina nas composições artísticas.
- d) há a preocupação e valorização da perfeição formal nas composições literárias.
- e) destaca-se o relato realista, por vezes com enfoque determinista, sobre os eventos narrados nas composições artísticas.

**31. UEM-PR 2023** Sobre o poema a seguir e a obra do seu autor, assinale o que for correto.

No mundo quis o Tempo que se achasse  
o bem que por acerto ou sorte vinha;  
e, por experimentar que dita tinha,  
quis que a Fortuna em mim se experimentasse.

Mas por que meu destino me mostrasse  
que nem ter esperanças me convinha,  
nunca nesta tão longa vida minha  
cousa me deixou ver que desejasse.

Mudando andei costume, terra e estado,  
por ver se se mudava a sorte dura;  
a vida pus nas mãos de um leve lenho.

Mas, segundo o que o Céu me tem mostrado,  
já sei que deste meu buscar ventura  
achado tenho já que não a tenho.

CAMÕES, L. de. *Sonetos*: Antologia comentada. São Paulo: Ática, 2012. p. 81.

**dita:** sorte; boa sorte.

**fortuna:** destino, fado, sorte.

**lenho:** madeiro, embarcação, cruz (sagrado lenho).

**ventura:** fortuna, destino, sorte, acaso, felicidade.

**01** O soneto cultivado por Luís Vaz de Camões no Classicismo português influenciou muitos poetas da literatura brasileira, a exemplo de Cláudio Manuel da Costa. Nas três primeiras estrofes, o eu lírico desenvolve o tema (exposição). A última estrofe, iniciada com a conjunção adversativa “Mas”, funciona como conclusão.

**02** Em versos decassílabos, cuja métrica é denominada medida nova, o sujeito se vê perante sua própria condição como ser humano. Ao representar o sofrimento terreno do eu lírico, o poeta emprega marcas do antropocentrismo renascentista.



04 A gradação, recurso poético presente no primeiro verso da terceira estrofe, sugere que o eu lírico empregou estratégias no intuito de conseguir mudar a “sorte dura”, mas seus esforços não surtiram efeito. Os hipérbatos presentes na última estrofe, por exemplo, sugerem as dificuldades enfrentadas pelo eu lírico, que chega à conclusão de que não alcançou ventura.

08 No verso: “a vida pus nas mãos de um leve lenho”, a hipérbole da expressão “leve lenho”, somada à sinestesia (figura que toma a parte pelo todo), deixa transparecer a ânsia do eu lírico no sentido de buscar ventura.

16 Há uma relação de oposição nas duas primeiras estrofes: enquanto o Tempo “quis” que o bem fosse achado e a Fortuna fosse experimentada, o destino mostrava que não “convinha” “nem ter esperanças”. “Tempo” e “destino” estão, portanto, personificados, são exemplos de prosopopeias.

Soma:

### 32. Enem

#### LXXVIII (Camões, 1525?-1580)

Leda serenidade deleitosa,  
Que representa em terra um paraíso;  
Entre rubis e perlas doce riso;  
Debaixo de ouro e neve cor-de-rosa;

Presença moderada e graciosa,  
Onde ensinando estão despejo e siso  
Que se pode por arte e por aviso,  
Como por natureza, ser fermosa;

Fala de quem a morte e a vida pende,  
Rara, suave; enfim, Senhora, vossa;  
Repouso nela alegre e comedido:

Estas as armas são com que me rende  
E me cativa Amor; mas não que possa  
Despojar-me da glória de rendido.

CAMÕES, L. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.



SANZIO, R. (1483-1520) *A mulher com o unicórnio*. Roma, Galleria Borghese. Disponível em: [www.arquipelagos.pt](http://www.arquipelagos.pt). Acesso em: 29 fev. 2012.

A pintura e o poema, embora sendo produtos de duas linguagens artísticas diferentes, participaram do mesmo contexto social e cultural de produção pelo fato de ambos

- apresentarem um retrato realista, evidenciado pelo unicórnio presente na pintura e pelos adjetivos usados no poema.
- valorizarem o excesso de enfeites na apresentação pessoal e na variação de atitudes da mulher, evidenciadas pelos adjetivos do poema.
- apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela sobriedade e o equilíbrio, evidenciados pela postura, expressão e vestimenta da moça e os adjetivos usados no poema.
- desprezarem o conceito medieval da idealização da mulher como base da produção artística, evidenciado pelos adjetivos usados no poema.
- apresentarem um retrato ideal de mulher marcado pela emotividade e o conflito interior, evidenciados pela expressão da moça e pelos adjetivos do poema.



Leia a letra da canção “De volta pro aconchego” para responder às questões 33 e 34.

Estou de volta pro meu aconchego  
Trazendo na mala bastante saudade  
Querendo um sorriso sincero,  
Um abraço para aliviar meu cansaço  
E toda essa minha vontade.

Que bom poder tá contigo de novo  
Roçando teu corpo e beijando você  
Pra mim tu és a estrela mais linda  
Teus olhos me prendem, fascinam  
A paz que eu gosto de ter.

É duro ficar sem você vez em quando,  
Parece que falta um pedaço de mim.  
Me alegre na hora de regressar,  
Parece que vou mergulhar na felicidade sem fim.

(Dominguinhos e Nando Cordel. *Um barzinho, um violão* – Novelas anos 80, Universal Music e Zecapagodiscos, 2013.)

33. IFSP 2014 Podemos relacionar, corretamente, essa canção

- às cantigas trovadorescas de amor, pois há a concretização física do relacionamento amoroso entre eu lírico e mulher amada.
- às cantigas trovadorescas de amigo, pois homem e mulher passam por um período de separação, de distanciamento físico.
- às novelas de cavalaria, pois o protagonista defende a integridade da mulher amada por meio de atos heroicos.
- à maioria dos sonetos de Camões, pois nesses poemas a figura feminina não é apresentada de forma idealizada.
- aos poemas líricos de Gregório de Matos, pois a mulher é vista, ambigualmente, como um ser angelical e perverso.

34. **IFSP 2014** Em “De volta pro aconchego”, o eu lírico expressa a intensidade de seus sentimentos pela mulher amada. Semelhante situação ocorre em poemas escritos por Camões, o que se comprova pelos versos:

- a) A fermosura desta fresca serra  
E a sombra dos verdes castanheiros,  
O manso caminhar destes ribeiros,  
Donde toda a tristeza se desterra.
- b) Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o Mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.

- c) Tudo passei; mas tenho tão presente  
A grande dor das cousas que passaram,  
Que as magoadas iras me ensinaram  
A não querer já nunca ser contente.
- d) O tempo acaba o ano, o mês e a hora,  
A força, a arte, a manha, a fortaleza;  
O tempo acaba a fama e a riqueza,  
O tempo o mesmo tempo de si chora.
- e) Vossos olhos, Senhora, que competem  
Co Sol em formosura e claridade,  
Enchem os meus de tal suavidade,  
Que em lágrimas, de vê-los, se derretem.

## Texto complementar

### É preciso rever a forma como Gil Vicente é mostrado aos alunos

É frequente ouvirmos dizer que um autor clássico mantém por norma a sua atualidade intacta. No caso da obra de Gil Vicente acredita que isso faz particular sentido?

Alimentamos essa ideia, de fato. Por vezes, na escola costumamos acentuar o caráter de quase adivinhação que distinguiria as grandes obras. Mas existe algo de demagógico nessa crença. Só em parte se pode dizer que a atualidade transita de umas épocas para as outras. O maior desafio que um artista enfrenta é o de corresponder aos desafios do seu próprio tempo. [...] Dou um exemplo aplicável a Gil Vicente. Um dos temas mais recorrentes nos seus autos é o da Justiça. Significa isso que Gil Vicente antecipou a importância que a Justiça viria a ter nas sociedades democráticas do século XXI? Claro que não. A Ordem defendida e proclamada por Gil Vicente no tempo de D. Manuel e de D. João III requeria uma Justiça forte e impoluta e, por isso, o dramaturgo se empenhou tanto em denunciar a venalidade dos magistrados [...].

Podemos hoje olhar para a Barca do Inferno onde há um Procurador e um Corregedor que vão parar ao Inferno ou ainda um Onzeneiro que enriqueceu a emprestar dinheiro a altos juros. No lugar de um e de outro poderiam estar agentes da justiça e um banqueiro do nosso tempo. Mas isso não significa que Gil Vicente tenha antecipado nenhum dos megaprocessos de hoje. Isso quer dizer apenas que, tendo vivido há quinhentos anos, o dramaturgo identificou a Justiça como base essencial para o funcionamento das sociedades humanas. Era, de facto, um dos muitos desafios do seu tempo que, desde então, nunca mais deixou de nos interpelar.

ALMEIDA, Sergio. É preciso rever a forma como Gil Vicente é mostrado aos alunos. *Companhia dos livros*, 14 jan. 2018. Disponível em: <https://www.jn.pt/artes/especial/gil-vicente-9047493.html>. Acesso em: 10 jul. 2023.



Veja os principais assuntos e conceitos trabalhados neste capítulo acessando a seção **Resumindo** no livro digital, na Plataforma Poliedro.



### Quer saber mais?



#### Site

**Lista de cantigas. Cantigas medievais galego-portuguesas.** Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>. Acesso em: 3 jul. 2023.

O site da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa apresenta todas as cantigas medievais portuguesas listadas em cancioneiros, além da versão musicada daquelas que foi possível recuperar a pauta musical.



#### Música

**“Monte Castelo”, de Legião Urbana.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YMq4YFz7iLO>. Acesso em: 3 jul. 2023.

Ouçã a música “Monte Castelo” da banda Legião Urbana, composta por Renato Russo, em que o músico retoma os versos do famoso poema de Luís Vaz de Camões, “Amor é um fogo que arde sem se ver”.



#### Livro

**Auto da Barca do Inferno em HQ, de Laudo Ferreira.** São Paulo: Peirópolis, 2011.

Nessa adaptação para quadrinhos, o texto do *Auto da Barca do Inferno* se encontra na íntegra e em português arcaico. A riqueza de imagens colabora para a compreensão do leitor.



#### Filmes

**O nome da rosa.** Direção: Jean-Jacques Annaud. 1986.

O filme é uma adaptação do romance homônimo de Umberto Eco. Ambientado em um mosteiro no ano de 1327, conta a história de um monge franciscano convidado a participar de um conclave que pretende decidir se a Igreja deve ou não doar parte de suas riquezas, mas uma série de mortes misteriosas desvia a atenção desse objetivo.

**As pontes de Madison.** Direção: Clint Eastwood. 1995.

A história de Francesca, uma dona de casa, e Robert Kincaid, um fotógrafo, dialoga com a história de amor proibido entre os personagens de *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, Francesca e Paolo.

**O Auto da Compadecida.** Direção: Guel Arraes. 2001.

O filme é uma adaptação cinematográfica do texto teatral do paraibano Ariano Suassuna, *Auto da Compadecida*. Confira a atualização dos aspectos do auto medieval e a retomada da tradição do teatro popular.

## Exercícios complementares

### 1. UEG-GO 2015

Senhora, que bem pareceis!  
Se de mim vos recordásseis  
que do mal que me fazeis  
me fizésseis correção,  
quem dera, senhora, então  
que eu vos visse e agradasse.  
Ó formosura sem falha  
que nunca um homem viu tanto  
para o meu mal e meu quebranto!  
Senhora, que Deus vos valha!  
Por quanto tenho penado  
seja eu recompensado  
vendo-vos só um instante.  
De vossa grande beleza  
da qual esperei um dia  
grande bem e alegria,  
só me vem mal e tristeza.  
Sendo-me a mágoa sobeja,  
deixai que ao menos vos veja  
no ano, o espaço de um dia.

Rei D. Dinis CORREIA, Natália. *Cantares dos trovadores galego-portugueses*. Seleção, introdução, notas e adaptação de Natália Correia. 2 ed. Lisboa: Estampa, 1978. p. 253.

### Quem te viu, quem te vê

Você era a mais bonita das cabrochas dessa ala  
Você era a favorita onde eu era mestre-sala  
Hoje a gente nem se fala, mas a festa continua  
Suas noites são de gala, nosso samba ainda é na rua  
Hoje o samba saiu procurando você  
Quem te viu, quem te vê  
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer  
Quem jamais a esquece não pode reconhecer  
[...]

Chico Buarque

A cantiga do Rei D. Dinis, adaptada por Natália Correia, e a canção de Chico Buarque de Holanda expressam a seguinte característica trovadoresca:

- a) A vassalagem do trovador diante da mulher amada que se encontra distante.
- b) A idealização da mulher como símbolo de um amor profundo e universal.
- c) A personificação do samba como um ser que busca a plenitude amorosa.
- d) A possibilidade de realização afetiva do trovador em razão de estar próximo da pessoa amada.



Textos para as questões 2 e 3.

### Texto I

Ondas do mar de Vigo,  
se vistes meu amigo!  
E ai Deus, se verrá cedo!  
Ondas do mar levado,  
se vistes meu amado!  
E ai Deus, se verrá cedo!

Martim Codax

### Texto II

- 01 Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao
- 02 menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma lírica da
- 03 canção paralelística [...].
- 04 O “Cantar de amor” foi fruto de meses de leitura dos cancioneiros.
- 05 Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei
- 06 com a cabeça cheia de “velidas” e “mha senhor” e “nula ren”;
- 07 sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando.
- 08 O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga.

Manuel Bandeira

### 2. Mackenzie-SP Assinale a alternativa correta com relação ao Trovadorismo.

- a) Um dos temas mais explorados por esse estilo de época é a exaltação do amor sensual entre nobres e mulheres camponesas.
- b) Desenvolveu-se especialmente no século XV e refletiu a transição da cultura teocêntrica para a cultura antropocêntrica.
- c) Devido ao grande prestígio que teve durante toda a Idade Média, foi recuperado pelos poetas da Renascença, época em que alcançou níveis estéticos insuperáveis.
- d) Valorizou recursos formais que tiveram não apenas a função de produzir efeito musical, como também a função de facilitar a memorização, já que as composições eram transmitidas oralmente.
- e) Tanto no plano temático como no plano expressivo, esse estilo de época absorveu a influência dos padrões estéticos greco-romanos.

### 3. Mackenzie-SP Assinale a afirmativa correta sobre o texto I.

- a) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico masculino manifesta a Deus seu sofrimento amoroso.
- b) Nessa cantiga de amor, o eu lírico feminino dirige-se a Deus para lamentar a morte do ser amado.
- c) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico masculino manifesta às ondas do mar sua angústia pela perda do amigo em trágico naufrágio.
- d) Nessa cantiga de amor, o eu lírico masculino dirige-se às ondas do mar para expressar sua solidão.
- e) Nessa cantiga de amigo, o eu lírico feminino dirige-se às ondas do mar para expressar sua ansiedade com relação à volta do amado.



Textos para as questões 4 e 5.

### Sedia la fremosa seu sirgo torcendo

Estêvão Coelho

Sedia la fremosa seu sirgo torcendo,  
Sa voz manselinha fremoso dizendo  
Cantigas d'amigo.

Sedia la fremosa seu sirgo lavrando,  
Sa voz manselinha fremoso cantando  
Cantigas d'amigo.

— Par Deus de Cruz, dona, sey que avedes  
Amor muy coyado que tan ben dizedes  
Cantigas d'amigo.

Par Deus de Cruz, dona, sey que andades  
D'amor muy coyada que tan ben cantades  
Cantigas d'amigo.

— Avuytor comestes, que adevinhades,

Cantiga n.º. 321 – CANC. DA VATICANA.

### Estava a formosa seu fio torcendo

Paráfrase de Cleonice Berardinelli

Estava a formosa seu fio torcendo,  
Sua voz harmoniosa, suave dizendo  
Cantigas de amigo.

Estava a formosa sentada, bordando,  
Sua voz harmoniosa, suave cantando  
Cantigas de amigo.

— Por Jesus, senhora, vejo que sofreis  
De amor infeliz, pois tão bem dizeis  
Cantigas de amigo.

Por Jesus, senhora, eu vejo que andais  
Com penas de amor, pois tão bem cantais  
Cantigas de amigo.

— Abutre comeste, pois que adivinhais.

BERARDINELLI, Cleonice. *Cantigas de trovadores medievais em português moderno*. Rio de Janeiro: Organ. Simões, 1953, p. 58-59.

4. **Unesp** O paralelismo é um dos recursos estilísticos mais comuns na poesia lírico-amorosa trovadoresca. Consiste na ênfase de uma ideia central, às vezes repetindo expressões idênticas, palavra por palavra, em séries de estrofes paralelas. A partir destas observações, releia o texto de Estêvão Coelho e responda:

- O poema se estrutura em quantas séries de estrofes paralelas? Identifique-as.
- Que ideias centrais que são enfatizadas em cada série paralelística?

5. **Unesp** Considerando-se que o último verso da cantiga caracteriza um diálogo entre personagens; considerando-se que a palavra “abutre” grafava-se “avuytor”, em português arcaico; e considerando-se que, de acordo com a tradição popular da época, era possível fazer previsões e descobrir o que está oculto, comendo carne de abutre, mediante estas três considerações:

- Identifique o personagem que se expressa em discurso direto, no último verso do poema:
- Interprete o significado do último verso, no contexto do poema.

6. **UFSM-RS** Poeta amante da música, colaborador e amigo de músicos, crítico musical bissexto, Manuel Bandeira sempre contou com uma espécie de musicalidade intrínseca em sua poesia. Observe:

### Cantiga

Nas ondas da praia  
Nas ondas do mar  
Quero ser feliz  
Quero me afogar.  
Nas ondas da praia  
Quem vem me beijar?  
Quero a estrela-d'alva  
Rainha do mar.  
Quero ser feliz  
Nas ondas do mar  
Quero esquecer tudo  
Quero descansar.

Assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das afirmações relacionadas com o poema:

- Na primeira quadra, há predominância de assonância em “a” nos versos 1 e 2, o que não acontece nos versos 3 e 4.
- Todos os versos apresentam anáfora.
- 1ª e 3ª quadras são compostas de versos sem vínculo através de conjunções e sem pontuação entre eles.
- A medida regular de cinco sílabas poéticas (redondilha menor) e o paralelismo identificados no poema também são recursos de musicalidade.

A sequência correta é:

- F – V – V – V.
- F – V – V – F.
- V – F – F – V.
- V – V – F – F.
- V – F – V – V.

7. **PUC-Minas 2014**

Se eu pudesse forçar meu coração,  
obrigá-lo, senhora, a vos dizer  
quanta amargura me fazeis sofrer,  
posso jurar – dê-me Deus seu perdão! –  
que sentiríeis compaixão de mim.

Pois, senhora, conquanto apenas dor  
e nenhuma alegria me causeis,  
se soubésseis o mal que me fazeis,  
posso jurar – perdoa-me, Senhor! –  
que sentiríeis compaixão de mim.

Não me querendo nenhum bem, embora,  
se soubésseis a pena que dais,  
e quanta dor há nos meus tristes ais,  
posso jurar – de boa-fé, senhora! –  
que sentiríeis compaixão de mim.

E mal seria, se não fosse assim.

D. Dinis. In: BERARDINELLI, Cleonice. *Cantigas de trovadores medievais em português moderno*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953. p. 21.



A cantiga de D. Dinis é representativa do Trovadorismo português e, como ocorre em outras produções literárias do período, enfatiza:

- a) o conflito entre pecado e religião.
- b) a necessidade de perdão da mulher amada.
- c) o sentimento de culpa pelo amor perdido.
- d) o sofrimento amoroso do eu lírico.

### 8. IFSP 2013

Com'ousará parecer ante mi  
o meu amigo, ai amiga, por Deus,  
e com'ousará catar estes meus  
olhos se o Deus trouxer per aqui,  
pois tam muit'há que nom veo veer  
mi e meus olhos e meu parecer?

(Com'ousará parecer ante mi de Dom Dinis. Fonte:  
[http://pt.wikisource.org/wiki/Com%27ousar%C3%A1\\_parecer\\_ante\\_mi](http://pt.wikisource.org/wiki/Com%27ousar%C3%A1_parecer_ante_mi).  
Acesso em: 05 dez. 2012.)

Sobre o fragmento anterior, pode-se afirmar que pertence a uma cantiga de

- a) amor, pois o eu lírico masculino declara a uma amiga o sentimento de amor que tem por ela.
- b) amigo, pois o eu lírico feminino expressa a uma amiga a falta de seu amigo por quem sente amor.
- c) amor, pois o eu lírico é feminino e acha que seu amor não deve voltar para os seus braços.
- d) amigo, pois o eu lírico masculino entende que só Deus pode trazer de volta sua amiga a quem não vê há muito tempo.
- e) amor, pois o eu lírico feminino não consegue enxergar o amor que sente por seu amigo.

9. **ESPM-SP 2014** O amor cortês foi um gênero praticado desde os trovadores medievais europeus. Nele a devoção masculina por uma figura feminina inacessível foi uma atitude constante. A opção cujos versos confirmam o exposto é:

- a) Eras na vida a pomba predileta  
[...]  
Eras o idílio de um amor sublime.  
Eras a glória, – a inspiração, – a pátria,  
O porvir de teu pai!  
(Fagundes Varela)
- b) Carnais, sejam carnais tantos desejos,  
Carnais sejam carnais tantos anseios,  
Palpitações e frêmitos e enleios  
Das harpas da emoção tantos arpejos...  
(Cruz e Sousa)
- c) Quando em meu peito rebentar-se a fibra,  
Que o espírito enlaça à dor vivente,  
Não derramem por mim nenhuma lágrima  
Em pálpebra demente.  
(Álvares de Azevedo)
- d) Em teu louvor, Senhora, estes meus versos  
E a minha Alma aos teus pés para cantar-te,  
E os meus olhos mortais, em dor imersos,  
Para seguir-lhe o vulto em toda a parte.  
(Alphonsus de Guimaraens)

- e) Que pode uma criatura senão,  
entre criaturas, amar?  
amar e esquecer  
amar e malamar,  
amar, desamar, amar?

(Manuel Bandeira)

10. **Uefs-BA 2015** (Ao abrir o pano, entram todos os atores, com exceção do que vai representar Manuel, como se se tratasse de uma tropa de saltimbancos, correndo, com gestos largos, exibindo-se ao público. Se houver algum ator que saiba caminhar sobre as mãos, deverá entrar assim. Outro trará uma corneta, na qual dará um alegre toque, anunciando a entrada do grupo. Há de ser uma entrada festiva, na qual as mulheres dão grandes voltas e os atores agradecerão os aplausos, erguendo os braços, como no circo. A atriz que for desempenhar o papel de Nossa Senhora deve vir sem caracterização, para deixar bem claro que, no momento, é somente atriz. Imediatamente após o toque de clarim, o Palhaço anuncia o espetáculo.)

**PALHAÇO:** (grande voz) Auto da Compadecida! O julgamento de alguns canalhas, entre os quais um sacristão, um padre, e um bispo, para exercício da moralidade.  
(Toque de clarim.)

**PALHAÇO:** A intervenção de Nossa Senhora no momento propício, para triunfo da misericórdia. Auto da Compadecida!  
(Toque de clarim.)

**A COMPADECIDA:** A mulher que vai desempenhar o papel desta excelsa Senhora, declara-se indigna de tão alto mister.

(Toque de clarim.)

**PALHAÇO:** Ao escrever esta peça, onde combate o mundanismo, praga de sua igreja, o autor quis ser representado por um palhaço, para indicar que sabe, mais do que ninguém, que sua alma é um velho catre, cheio de insensatez e de solércia. Ele não tinha o direito de tocar nesse tema, mas ousou fazê-lo, baseado no espírito popular de sua gente, porque acredita que esse povo sofre, é um povo salvo e tem direito a certas intimidades.

(Toque de clarim.)

**PALHAÇO:** Auto da Compadecida! O ator que vai representar Manuel, isto é, Nosso Senhor Jesus Cristo, declara-se também indigno de tão alto papel, mas não vem agora, porque sua aparição constituirá um grande efeito teatral e o público seria privado desse elemento de surpresa.  
(Toque de clarim.)

**PALHAÇO:** Auto da Compadecida! Uma história altamente moral e um apelo à misericórdia.

**JOÃO GRILO:** Ele diz “à misericórdia”, porque sabe que, se fôssemos julgados pela Justiça, toda a nação seria condenada.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. 35 ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 15-17.

Primeiramente, no presente auto, se figura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos subitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dous batéis que naquele porto estão, ou seja, um deles passa

para o paraíso e o outro para o inferno: os quais batéis tem cada um seu arrais na proa: o do paraíso um anjo, e o do inferno um arrais infernal e um companheiro. O primeiro interlocutor é um Fidalgo que chega com um Paje, que lhe leva um rabo mui comprido e uma cadeira de espaldas.

Fidalgo — Esta barca aonde vai ora, que assim está apercebida?

Diabo — Vai para a ilha perdida, e há-de partir logo ess'ora.

Fidalgo — Para lá vai a senhora?

Diabo — Senhor, a vosso serviço.

Fidalgo — Parece-me isso cortiço...

Diabo — Porque a vedes lá de fora.

[...]

Fidalgo — Não há aqui outro navio?

Diabo — Não, senhor, que este fretastes, e primeiro que expirastes me destes logo sinal.

Fidalgo — Que sinal foi esse tal?

Diabo — Do que vós vos contentastes.

Fidalgo — A estoura barca me vou.

Hou da barca! Para onde is?

Ah, barqueiros! Não me ouvis?

[...]

Anjo — Que quereis?

Fidalgo — Que me digais, pois parti tão sem aviso, se a barca do Paraíso é esta em que navegais.

Anjo — Esta é; que demandais?

Fidalgo — Que me deixeis embarcar.

Sou fidalgo de solar, é bem que me recolhais.

Anjo — Não se embarca tirania neste batel divinal.

VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*.

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua00111a.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2014.

Comparando o texto de Ariano Suassuna, “Auto da Compadecida”, com o texto medieval de Gil Vicente, “Auto da Barca do Inferno”, é correto afirmar:

- O “Auto da Compadecida” se propõe a analisar a postura moral do homem em sociedade, mas o “Auto da Barca do Inferno” apenas reproduz a fala das personagens, sem proposta de reflexão.
- O texto de Ariano Suassuna, ao contrário do escrito por Gil Vicente, que reproduz uma cultura medieval, não apresenta uma percepção maniqueísta na construção ideológica do juízo final.
- O perfil do “arrais infernal”, no texto de Gil Vicente, é reiterado, no de Ariano Suassuna, pela figura do Palhaço, que, de forma irônica, vai explicitando a postura moral de cada personagem.
- Ariano Suassuna, assim como Gil Vicente, propõe uma reflexão sobre a moral dos homens na Terra por meio de personagens alegóricos e da simbologia maniqueísta do bem e do mal, contextualizados no momento do juízo final.
- O “Auto da Compadecida”, do mesmo modo que o “Auto da Barca do Inferno”, reproduz um contexto ideológico marcado por uma concepção maniqueísta de que todos os homens eram maus e todas as alegorias místicas eram boas, representando, portanto, o paraíso.

- ESPM-SP 2018** Dante Alighieri, em *A Divina Comédia*, ao chegar ao vestibulo do Inferno, via a mensagem: “Deixai, ó vós que entraís, toda a esperança!” (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro).

Raul Pompeia, em *O Ateneu*, assim apresentou a entrada do estudante Sérgio, narrador da obra, no estabelecimento estudantil:

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico [...]. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Pode-se dizer, corretamente:

- A advertência do pai do narrador não tem o mesmo teor da que está na entrada do Inferno, pois o narrador é saudoso do ambiente escolar.
- As decepções do narrador são infundadas, pois recorda da experiência de “felizes tempos”, ao passo que no Inferno de Dante é o destino infeliz da vida pecaminosa.
- “A luta” a que se refere o pai do narrador é pelo melhor aproveitamento escolar, sem o qual haverá uma “saudade hipócrita” ao se deixar o Ateneu.
- Tanto na inscrição presente na obra de Dante, quanto na fala do pai de Sérgio, existe o pressuposto de um mundo de sofrimento.
- Os “felizes tempos” mencionados em *O Ateneu* demonstram que a lembrança é saudosa, sentimento ausente em *A Divina Comédia*, de Dante.

- Unicamp-SP 2013** Os excertos a seguir foram extraídos do *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente.

[...] FIDALGO: Que leixo na outra vida quem reze sempre por mi.

DIABO: [...] E tu viveste a teu prazer, cuidando cá guarecer por que rezem lá por ti!... [...]

ANJO: Que querés?

FIDALGO: Que me digais, pois parti tão sem aviso, se a barca do paraíso é esta em que navegais.

ANJO: Esta é; que me demandais?

FIDALGO: Que me leixês embarcar.

Sô fidalgo de solar, é bem que me recolhais.

ANJO: Não se embarca tirania neste batel divinal.

FIDALGO: Não sei por que haveis por mal que entr’á minha senhoria.

ANJO: Pera vossa fantasia mui estreita é esta barca.

FIDALGO: Pera senhor de tal marca nom há aqui mais cortesia? [...]

ANJO: Não vindes vós de maneira pera ir neste navio. Essoutro vai mais vazio: a cadeira entrará e o rabo caberá e todo vosso senhorio. Vós irês mais espaçoso com fumosa senhoria, cuidando na tirania do pobre povo queixoso; e porque, de generoso, desprezastes os pequenos, achar-vos-eis tanto menos quanto mais fostes fumoso. [...]

SAPATEIRO: [...] E pera onde é a viagem?  
DIABO: Pera o lago dos danados.  
SAPATEIRO: Os que morrem confessados, onde têm sua passagem?

DIABO: Nom cures de mais linguagem! Esta é a tua barca, esta!

[...] E tu morreste excomungado: não o quiseste dizer. Esperavas de viver, calaste dous mil enganados... tu roubaste bem trint'anos o povo com teu mester. [...]

SAPATEIRO: Pois digo-te que não quero!

DIABO: Que te pês, hás-de ir, si, si!

SAPATEIRO: Quantas missas eu ouvi, não me hão elas de prestar?

DIABO: Ouvir missa, então roubar, é caminho per'aqui.

Gil Vicente, *Auto da barca do inferno*, em Cleonice Berardinelli (org.), *Antologia do teatro de Gil Vicente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984, p. 57-59 e 68-69.)

- a) Por que razão específica o fidalgo é condenado a seguir na barca do inferno? E o sapateiro?
- b) Além das faltas específicas desses personagens, há uma outra, comum a ambos e bastante praticada à época, que Gil Vicente condena. Identifique essa falta e indique de que modo ela aparece em cada um dos personagens.

- 13. Unicamp-SP 2015** Os trechos a seguir, do *Auto da barca do inferno* e das *Memórias de um sargento de milícias*, tratam, de maneira cômica, dos “pecados” de duas Personagens que, cada uma a seu modo, representam uma autoridade.

Leia-os com atenção e responda às questões propostas em seguida.

Frade  
Ah, Corpo de Deus consagrado!  
Pela fé de Jesus Cristo,  
qu'eu não posso entender isto!  
Eu hei-de ser condenado?  
Um padre tão namorado  
e tanto dado à virtude!  
Assi Deus me dê saúde  
que eu estou maravilhado!

Diabo  
Não façamos mais detença.  
Embarcai e partiremos:  
tomareis um par de remos.

Frade  
Não ficou isso n'avença!  
Diabo  
Pois dada está já a sentença!

Frade  
Par Deus! Essa seri'ela!  
Não vai em tal caravela  
minha senhora Florença.  
Como? Por ser namorado  
e folgar com ua mulher  
se há um frade de se perder,  
com tanto salmo rezado?  
Diabo  
Ora estás bem aviado!

Frade  
Mas estás bem corregido!  
Diabo  
Devoto padre marido,  
haveis de ser cá pingado...

Gil Vicente, *Auto da barca do inferno*.  
São Paulo: Ática, 2006, p. 35-36.

Os leitores estão já curiosos por saber quem é ela, e têm razão; vamos já satisfazê-los. O major era pecador antigo, e no seu tempo fora daqueles de quem se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje alguma coisa que às vezes lhe recordava o passado: essa alguma coisa era a Maria-Regalada que morava na Prainha.

Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz, como vulgarmente se diz: era de um gênio sobremaneira folgazão, vivia em contínua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto: daí é que vinha o apelido – regalada – que haviam juntado ao seu nome.

Manuel Antonio de Almeida, *Memória de um sargento de milícias*.  
São Paulo: Ática, 2004, Capítulo XLV – “Empenhos”, p. 142.

- a) O que há de comum na caracterização da conduta do Frade, na peça, e do major Vidigal, no romance?
- b) Que diferença entre as obras faz com que essas personagens tenham destinos distintos?

- 14. Mackenzie-SP 2017** Assinale a alternativa que NÃO pode ser associada ao teatro de Gil Vicente.

- a) [...] aparecem os homens livres pobres e também os escravos, tidos os primeiros como parasitas, e os segundos como tipos preguiçosos que nada fazem e devem ser frequentemente punidos. (Fernando Juarez De Cardoso)
- b) Muitas de suas peças são moralidades [...] Seus autos, contudo, não têm a rigidez das moralidades da época; as alegorias transformam-se em vida, em personagens saborosos. (Anatol Rosenfeld)
- c) [...] predomina [...] a sucessão de pequeninos quadros, a lembrar a mesma técnica da pintura narrativa medieval e das novelas de cavalaria. (Segismundo Spina)
- d) Seu teatro, essencialmente moral e social, é marcado pela intenção crítica. O riso, a sátira e os gracejos tinham um endereço certo: o público que assistia às encenações e que acabava por rir de si mesmo, sem que, por cegueira ou vaidade, se reconhecesse. (João Domingues Maia)
- e) [...] traz em si características de um momento de transição portuguesa, assim é marcado por traços que indicam desde elementos medievais até elementos renascentistas. (Alexandre Huady Torres Guimarães)

- 15. Unifor-CE 2015**

MULHER: – Que é que vocês estão combinando aí?  
JOÃO GRILO: – Estou dizendo que, se é desse jeito, vai ser difícil cumprir o testamento do cachorro, na parte do dinheiro que ele deixou para o padre e para o sacristão.

SACRISTÃO – Que é isso? Que é isso? Cachorro com testamento?

JOÃO GRILO: – Esse era um cachorro inteligente. Antes de morrer, olhava para a torre da igreja toda vez que o sino

batia. Nesses últimos tempos, já doente para morrer, botava uns olhos bem compridos para os lados daqui, latindo na maior tristeza. Até que meu patrão entendeu, com a minha patroa, e é claro que ele queria ser abençoado pelo padre e morrer como cristão. Mas nem assim ele sossegou. Foi preciso que o patrão promettesse que vinha encomendar a bênção e que, no caso dele morrer, teria um enterro em latim. Que em troca do enterro acrescentaria no testamento dele dez contos de réis para o padre e três para o sacristão.

SACRISTÃO: – (enxugando uma lágrima) Que animal inteligente! Que sentimento nobre!

(SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. 31.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1997)

A leitura das peças teatrais de Ariano Suassuna nos faz mergulhar nas nossas origens culturais. Suassuna é um contador de histórias que pratica a intertextualidade na construção de suas narrativas e prepara o leitor para uma moral conforme a filosofia medieval cristã. Especificamente sobre a peça “Auto da Compadecida” NÃO é correto afirmar que:

- a) a peça faz uma sátira aos poderosos e aos religiosos que se preocupam apenas com questões materiais e, ainda, exalta os humildes.
- b) o enredo da peça retoma elementos dos autos medievais de Gil Vicente e da literatura de cordel.
- c) a peça apresenta texto introdutório que objetiva orientar a encenação e explicar, em linhas gerais, o espírito da obra.
- d) o “Auto da Compadecida” traz a figura do anti-herói, uma espécie de personagem folclórica que vive ao sabor das aventuras e do acaso.
- e) o “Auto da Compadecida” busca inspiração nos maulungos, tradicional teatro de bonecos nordestino.

**16. Unesp 2013** Podemos afirmar que as obras *A divina comédia*, escrita por Dante Alighieri no início do século XIV, e *Dom Quixote*, escrita por Miguel de Cervantes no início do século XVII,

- a) parodiaram as novelas de cavalaria e defenderam a hegemonia da Igreja Católica e da aristocracia, respectivamente.
- b) derivaram de registros orais e foram apenas organizadas e sistematizadas na escrita de seus autores.
- c) contribuíram para a unificação e o estabelecimento da forma moderna dos idiomas italiano e espanhol.
- d) assumiram forte conotação anticlerical e intensificaram as críticas renascentistas à conduta e ao poder da Igreja Católica.
- e) retrataram o imaginário da burguesia comercial ascendente na Itália e na Espanha do final da Idade Média.

**17. PUC-SP** O teatro de Gil Vicente caracteriza-se por ser fundamentalmente popular. E essa característica manifesta-se, particularmente, em sua linguagem poética, como ocorre no trecho a seguir, de *O Auto da Barca do Inferno*.

Ó Cavaleiros de Deus,  
A vós estou esperando,  
Que morrestes pelejando

Por Cristo, Senhor dos Céus!  
Sois livres de todo o mal,  
Mártires da Madre Igreja,  
Que quem morre em tal peleja  
Merece paz eternal.

No texto, a fala final do Anjo, temos no conjunto dos versos:

- a) variação de ritmo e quebra de rimas.
- b) ausência de ritmo e igualdade de rimas.
- c) alternância de redondilha maior e menor e simetria de rimas.
- d) redondilha menor e rimas opostas e emparelhadas.
- e) igualdade de métrica e de esquemas das palavras que rimam.

**18. IFSP 2016** Leia o texto abaixo, um trecho do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, para assinalar a alternativa correta no que se refere à obra desse autor e ao Humanismo em Portugal.

Nota: foram feitas pequenas alterações no trecho para facilitar a leitura.

Vem um Frade com uma Moça pela mão, e um broquel<sup>1</sup> e uma espada na outra, e um casco<sup>1</sup> debaixo do capelo<sup>2</sup>; e, ele mesmo fazendo a baixa, começou de dançar, dizendo:

FRADE Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã;

ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã;

tã-tã; ta-ri-rim-rim-rã. Huhá!

DIABO Que é isso, padre?! Que vai lá?

FRADE *Deo gratias!* Sou cortesão.

DIABO Sabes também o tordião?

FRADE Por que não? Como ora sei!

DIABO Pois entrai! Eu tangerei e faremos um serão.

Essa dama é ela vossa?

FRADE Por minha a tenho eu, e sempre a tive de meu

DIABO Fizestes bem, que é formosa! E não vos

punham lá grossa<sup>3</sup> no vosso convento santo?

FRADE E eles fazem outro tanto!

DIABO Que cousa tão preciosa... Entrai, padre reverendo!

FRADE Para onde levais gente?

DIABO Pera aquele fogo ardente que não temestes vivo.

FRADE Juro a Deus que não te entendo! E este hábito não me vale?

DIABO Gentil padre mundanal, a Belzebu vos encomendo!

<sup>1</sup>broquel e casco: respectivamente, *escudo* e *armadura* para cabeça – são elementos por meio dos quais o autor descreve o frade.

<sup>2</sup>capelo: chapéu ou capuz usado pelos religiosos.

<sup>3</sup>pôr grossa: censurar.

- a) O destino do frade é exemplar no que se refere à principal característica da obra de Gil Vicente: a crítica severa, de sabor renascentista, à Igreja Católica, de cuja moral se distancia a obra do dramaturgo.
- b) A proposta do teatro vicentino alegórico – especialmente a Trilogia das Barcas – era a montagem de peças complexas, de linguagem rebuscada, distante do falar popular, para criticar, nos termos da moral medieval, os homens do povo.



- c) A imagem cômica, mas condenável, de um frade que canta, dança e namora, trazendo consigo uma dama, é exemplo cabal do pressuposto das peças de Gil Vicente de que, rindo, é possível corrigir os costumes.
- d) O frade terá como destino o inferno porque é homem “mundanal”, ligado aos gozos do mundo material, em cujo pano de fundo percebe-se o sistema de valores do homem medieval, para o qual não há salvação após a morte.
- e) O sistema de valores que pode ser entrevisto nas peças de Gil Vicente, e especialmente no Auto da Barca do Inferno, revela uma mentalidade avessa aos valores da Idade Média.

### 19. Unesp 2017

Alma minha gentil, que te partiste  
tão cedo desta vida descontente,  
repousa lá no Céu eternamente,  
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
memória desta vida se consente,  
não te esqueças daquele amor ardente  
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te  
alguma coisa a dor que me ficou  
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,  
que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
quão cedo de meus olhos te levou.

(Sonetos, 2001.)

No soneto, o eu lírico

- a) suplica a Deus que suas memórias afetivas lhe sejam subtraídas.
- b) expressa o desejo de que sua amada seja em breve restituída à vida.
- c) expressa o desejo de que sua própria vida também seja abreviada.
- d) suplica a Deus que sua amada também se liberte dos sofrimentos terrenos.
- e) lamenta que sua própria conduta tenha antecipado a morte da amada.

### 20. Unesp 2020 [Leonardo da Vinci] viu que “a água corrente detém em si um número infinito de movimentos”.

Um “número infinito”? Para Leonardo, não se trata apenas de uma figura de linguagem. Ao falar da variedade infinita da natureza e sobretudo de fenômenos como as correntes de água, ele estava fazendo uma distinção baseada na preferência por sistemas analógicos sobre os digitais. Em um sistema analógico, há gradações infinitas, o que se aplica à maioria das coisas que fascinavam Leonardo: sombras de sfumato, cores, movimento, ondas, a passagem do tempo, a dinâmica dos fluidos.

(Walter Isaacson. Leonardo da Vinci, 2017.)

A partir da explicação do texto sobre Leonardo da Vinci, pode-se afirmar que

- a) o princípio cristão da vida eterna orientou o pensamento renascentista.
- b) o materialismo pré-socrático foi a principal sustentação teórica do Renascimento.
- c) os experimentos da Antiguidade oriental basearam a ciência renascentista.
- d) as concepções artísticas medievais fundamentaram a arte renascentista.
- e) a observação da pluralidade da natureza foi um dos fundamentos do Renascimento.

### 21. Fuvest-SP 2017 Em uma significativa passagem da tragédia Macbeth, de Shakespeare, seu personagem principal declara: “Ouso tudo o que é próprio de um homem; quem ousa fazer mais do que isso não o é”. De acordo com muitos intérpretes, essa postura revela, com extraordinária clareza, toda a audácia da experiência renascentista. Com relação à cultura humanista, é correto afirmar que

- a) o mecenato de príncipes, de instituições e de famílias ricas e poderosas evitou os constrangimentos, prisão e tortura de artistas e de cientistas.
- b) a presença majoritária de temáticas religiosas nas artes plásticas demonstrava as dificuldades de assimilar as conquistas científicas produzidas naquele momento.
- c) a observação da natureza, os experimentos e a pesquisa empírica contribuíram para o rompimento de alguns dos dogmas fundamentais da Igreja.
- d) a reflexão dedutiva e o cálculo matemático limitaram-se à pesquisa teórica e somente seriam aplicados na chamada revolução científica do século XVII.
- e) a avidez de conhecimento e de poder favoreceu a renovação das universidades e a valorização dos saberes transmitidos pela cultura letrada.



Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580) para responder às questões de **22** a **24**.

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
mas não servia ao pai, servia a ela,  
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
passava, contentando-se com vê-la;  
porém o pai, usando de cautela,  
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos  
lhe fora assi negada a sua pastora,  
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,  
dizendo: “Mais servira, se não fora  
para tão longo amor tão curta a vida”.

Luís Vaz de Camões. Sonetos, 2001.

- 22. Unifesp 2016** De acordo com a história narrada pelo soneto,
- Labão engana Jacob, entregando-lhe a filha Lia, em vez de Raquel.
  - Labão aceita ceder Lia a Jacob, se este lhe entregar Raquel.
  - Labão obriga Jacob a trabalhar mais sete anos para obter o amor de Lia.
  - Jacob descumpre o acordo feito com Labão, negando-lhe a filha Raquel.
  - Jacob morre antes de completar os sete anos de trabalho, não obtendo o amor de Raquel.

- 23. Unifesp 2016** Uma das principais figuras exploradas por Camões em sua poesia é a antítese. Neste soneto, tal figura ocorre no verso:
- “mas não servia ao pai, servia a ela,”
  - “passava, contentando-se com vê-la;”
  - “para tão longo amor tão curta a vida.”
  - “porém o pai, usando de cautela,”
  - “lhe fora assi negada a sua pastora,”

- 24. Unifesp 2016** Do ponto de vista formal, o tipo de verso e o esquema de rimas que caracterizam este soneto camoniano são, respectivamente,
- dodecassílabo e ABAB ABAB ABC ABC.
  - decassílabo e ABAB ABAB CDC DCD.
  - heptassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.
  - decassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.
  - dodecassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.

- 25. PUC-RS 2022** Luís Vaz de Camões (1524-1580) foi um poeta do Classicismo português, autor da epopeia *Os Lusíadas* (1572). O poema a seguir faz parte de sua produção lírica.

### Ao desconcerto do Mundo

Os bons vi sempre passar  
No Mundo graves tormentos;  
E para mais me espantar,  
Os maus vi sempre nadar  
Em mar de contentamentos.  
Cuidando alcançar assim  
O bem tão mal ordenado,  
Fui mau, mas fui castigado.  
Assim que, só para mim,  
Anda o Mundo concertado.

Adaptado de: BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos Camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Cátedra Padre Antônio Vieira, Instituto Camões, 2000. pp. 164-165.

- Sobre o poema em questão, assinale a alternativa correta.
- Ao empregar a forma do soneto, o autor busca vincular-se a poetas fundamentais da tradição italiana, como Dante e Petrarca.
  - Ao apresentar o mundo dividido entre os “bons” e os “maus”, o eu lírico reflete a visão maniqueísta do período medieval e aponta a importância de se agir de acordo com as normas morais e religiosas.
  - Ao tratar do tema do “desconcerto do mundo”, o eu-lírico registra a impotência do indivíduo diante de uma realidade vista como injusta e incoerente.

- Ao aproximar-se da reflexão filosófica, o poema abre mão de recursos usuais do discurso poético, como a metrificação regular e o uso de esquemas de rimas.

- 26. PUC-RS 2013** Para responder à questão, leia o poema a seguir, de Luís de Camões.

Transforma-se o amador na cousa amada,  
por virtude do muito imaginar;  
não tenho, logo, mais que desejar,  
pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,  
que mais deseja o corpo de alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
pois consigo tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,  
que, como o acidente em seu sujeito,  
assim coa alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;  
[e] o vivo e puro amor de que sou feito,  
como a matéria simples busca a forma.

Com base no poema e em seu contexto, afirma-se:

- Criado no século XVI, o poema apresenta um eu lírico que reflete sobre o amor e sobre os efeitos desse sentimento no ser apaixonado.
- Camões é também o criador de *Os Lusíadas*, a mais famosa epopeia produzida em língua portuguesa, que tem como grande herói o povo português, representado por Vasco da Gama.
- Uma das características composicionais do poema é a presença de inversões sintáticas.

A(s) afirmativa(s) correta(s) é/são

- I, apenas.
- III, apenas.
- I e II, apenas.
- II e III, apenas.
- I, II e III.

- Leia o soneto “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” do poeta português Luís Vaz de Camões (1525?-1580) para responder às questões **27** e **28**.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
muda-se o ser, muda-se a confiança;  
todo o mundo é composto de mudança,  
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
diferentes em tudo da **esperança**;  
do mal ficam as mágoas na lembrança,  
e do bem – se algum houve –, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
que já coberto foi de neve fria,  
e enfim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,  
outra mudança faz de **mor**2 espanto:  
que não se muda já como **soía**3.


(Sonetos, 2001.)

- <sup>1</sup>esperança: esperado.  
<sup>2</sup>mor: maior.  
<sup>3</sup>soer: costumar (soía: costumava).

- 27. Unesp 2017** Considere as seguintes citações:
1. “Não podemos entrar duas vezes no mesmo rio: suas águas não são nunca as mesmas e nós não somos nunca os mesmos.” – Heráclito (550 a.C.-480 a.C.)
  2. “A breve duração da vida não nos permite alimentar longas esperanças.” – Horácio (65 a.C.-8 a.C.)
  3. “O melhor para o homem é viver com o máximo de alegria e o mínimo de tristeza, o que acontece quando não se procura o prazer em coisas perecíveis.” – Demócrito (460 a.C.-370 a.C.)
  4. “Toda e qualquer coisa tem seu vaivém e se transforma no contrário ao capricho tirânico da fortuna.” – Sêneca (4 a.C.-65 d.C.)
  5. “Uma vez que a vida é um tormento, a morte acaba sendo para o homem o refúgio mais desejável.” – Heródoto (484 a.C.-430 a.C.)

Quais das citações aproximam-se tematicamente do soneto camoniano? Justifique sua resposta.

- 28. Unifesp 2017** Em um determinado trecho do soneto, o eu lírico assinala a passagem de uma estação do ano para outra. Transcreva os versos em que isso ocorre e identifique as estações a que eles fazem referência. Para o eu lírico, tal passagem constitui um evento aprazível? Justifique sua resposta.

 Texto para as questões **29 e 30**.

### Soneto 168

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,  
 A força, a arte, a manha, a fortaleza;  
 O tempo acaba a fama e a riqueza,  
 O tempo o mesmo tempo de si chora;

O tempo busca e acaba o onde mora  
 Qualquer ingratidão, qualquer dureza;  
 Mas não pode acabar minha tristeza,  
 Enquanto não quiserdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro  
 E o mais ledo prazer em choro triste;  
 O tempo, a tempestade em grão bonança.

Mas de abrandar o tempo estou seguro  
 O peito de diamante, onde consiste  
 A pena e o prazer desta esperança.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p. 545.

- 29. UFJF-MG 2015** Explique em que consiste a “esperança” do eu lírico, mencionada no último verso do “Soneto 168”, de Camões.
- 30. UFJF-MG 2015** A posição da mulher em relação ao eu lírico, no “Soneto 168”, de Camões, baseia-se em uma tradição poética que também encontra ecos no Romantismo. Explique, com base nessa afirmação, como a figura feminina é retratada no texto.



Texto para responder às questões **31 e 32**.

Falaremos da hostilidade que Bloom,  
 o nosso herói,  
 revelou em relação ao passado,  
 levantando-se e partindo de Lisboa  
 numa viagem à Índia, em que procurou sabedoria,  
 e esquecimento.  
 E falaremos do modo como na viagem  
 levou um segredo e o trouxe, depois, quase intacto.

[...]

Esperamos, pois, Bloom, que cresças e que crescendo  
 vás directo à realidade  
 e não pares. Porque não basta  
 encostares-te aos acontecimentos,  
 o que pensamos para ti é bem mais profundo,  
 não basta conheceres as sete teorias,  
 terás que subir a sete altas montanhas.  
 E atravessar ainda os continentes  
 como se a terra fosse uma extensão temporal  
 capaz de medir os teus dias.

Atravessa as águas também, excelente amigo Bloom,  
 quebra o mar em dois.  
 O mar é um mamífero,  
 o barco, o punhal do sacrifício.  
 Porque, como todos os animais,  
 o mar só é arrogante  
 até encontrar o seu dono.  
 Falamos do mar, mas talvez  
 seja a terra e o céu que exigem ser descritos.  
 Bloom, Bloom, Bloom.

TAVARES, Gonçalo M. *Uma viagem à Índia: melancolia contemporânea (um itinerário)*. São Paulo: Leya, 2010, p. 28 - 31. (fragmento)

**Nota explicativa:** Bloom é o protagonista do livro de Gonçalo Tavares, que empreende uma viagem de Lisboa à Índia no século XXI.

- 31. Cefet-MG 2016** O texto de Gonçalo M. Tavares dialoga com a tradição literária portuguesa, especialmente com a obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. O trecho que caracteriza esse diálogo é:
- a) “o mar só é arrogante até encontrar o seu dono.”
  - b) “Falamos do mar, mas talvez seja a terra e o céu que exigem ser descritos.”
  - c) “E falaremos do modo como na viagem levou um segredo e o trouxe, depois, quase intacto.”
  - d) “Esperamos, pois, Bloom, que cresças e que crescendo vás directo à realidade e não pares.”
- 32. Cefet-MG 2016** Entre os recursos estéticos empregados no fragmento de *Uma viagem à Índia*, destaca-se a presença de um(a)
- a) coletivo de heróis.
  - b) voz narrativa plural.
  - c) menção a fato histórico recente.
  - d) personificação de elementos marítimos.
- 33. Uepa 2014** Reconheça, nos versos a seguir, extratidos de *Os Doze de Inglaterra*, os dois elementos da comparação que Camões associa para comunicar ao

leitor um pouco da intensidade da luta, que está para se iniciar, entre portugueses e ingleses, destacando o brilho das armas dos combatentes.

Mastigam os cavalos, escumando,  
Os áureos freios com feroz semblante;  
Estava o Sol nas armas rutilando  
Como cristal ou rígido diamante;

- a) Diamante e cristal.      d) Armas e freios.  
b) Sol e diamante.      e) Armas e cristal.  
c) Cavalos e sol.



Leia o seguinte trecho de *Os Lusíadas* para responder às questões 34 e 35.

Tão temerosa vinha e carregada,  
Que pôs nos corações um grande medo;  
Bramindo, o negro mar de longe brada,  
Como se desse em vão nalgum rochedo,  
– Ó Potestade, disse, sublimada:  
Que ameaço divino ou que segredo  
Este clima e este mar nos apresenta,

Que mor coisa parece que tormenta?  
Não acabava, quando uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandíssima estatura;  
O rosto carregado, a barba esqualida,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má e a cor terrena e pálida;  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos.

(NEVES, João Alves das e TUFANO, Douglas. *Lus de Camões*. São Paulo: Moderna, 1980.)

34. IFSP 2014 As estrofes referem-se ao

- a) Velho do Restelo que, devido à sua insanidade e à sua aparência marcada pela passagem do tempo, aterroriza os marinheiros portugueses.  
b) Velho do Restelo que recrimina os portugueses por partirem em busca de riquezas, abandonando mulheres, crianças e idosos à própria sorte.

- c) Gigante Adamastor, personagem que representa um dos perigos enfrentados pelos portugueses, ressaltando o lado heroico dos protagonistas.  
d) Gigante Adamastor que, submetido ao comando da deusa Vênus, surge para proteger os navegantes contra o mar revoltado do Cabo das Tormentas.  
e) soldado que, obedecendo às ordens do rei de Portugal, mata cruelmente Inês de Castro, jovem espanhola amante de D. Pedro.

35. IFSP 2014 Considere a afirmação a seguir.

Na segunda estrofe predomina a \_\_\_\_\_, e o trecho selecionado evidencia que Camões optou por versos \_\_\_\_\_ ao escrever *Os Lusíadas*.

As lacunas devem ser preenchidas, correta e respectivamente, por

- a) descrição ... alexandrinos.  
b) dissertação ... alexandrinos.  
c) narração ... pentassílabos.  
d) descrição ... decassílabos.  
e) narração ... decassílabos.

36. IFSP 2016 Considerando o Classicismo em Portugal, assinale a alternativa correta.

- a) *Os Lusíadas* é a principal obra lírica de Camões e o tema central é o sofrimento por um amor não correspondido.  
b) *Os Lusíadas* tem como temática a descoberta do Brasil e a relação entre o colonizador e o índio.  
c) Luís Vaz de Camões é o principal autor do Classicismo em Portugal e destacou-se por sua produção épica e lírica.  
d) Uma característica dos versos de Camões é que eles não apresentam uma métrica, são livres e brancos.  
e) Uma característica de Camões é que ele desprezava Portugal e o povo português.

## BNCC em foco

EM13LGG601

1. Leia os dois textos e indique as semelhanças que podem ser observadas entre a relação de Tristão e Isolda e a relação do trovador com a mulher amada.

[...] Isolda estava sentada, ela viu-o aproximar-se e lhe disse humildemente:

– Entrai, senhor.

– Rainha – disse Tristão –, por que me chamar senhor? Não sou eu, ao contrário vosso homem de lígio e vosso vassalo, para vos reverenciar, vos servir e vos amar como minha rainha e minha senhora?

– Não, tu o sabes; sabes que és meu senhor e meu amo. Sabes que tua força me domina e que sou tua serva! [...]

Os amantes abraçaram-se. Em seus belos corpos fremam o desejo e a vida. Tristão disse:

– Que venha pois a morte!

BÉDIER, Joseph. *O romance de Tristão e Isolda*. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. p. 20-21.

Mia senhor fremosa, direi-vos **ũa rem**:

vós sodes mia morte e meu mal e meu bem!

E mais por que vo-lo hei eu já mais a dizer?

Mia morte sodes, que me fazedes morrer!

[...]

Mia mort'e mia coita sodes, **nom há i al**,

e os vossos olhos mi fazem bem e mal.

E mais por que vo-lo hei eu já mais a dizer?

Mia morte sodes, que me fazedes morrer!

CERZEO, Nuno Anes. Mia senhor fremosa, direi-vos **ũa rem**. Disponível em: <https://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=105&tr=4&pv=sim>. Acesso em: 3 jul. 2023.

**ũa rem**: uma coisa.

**nom há i al**: sem qualquer dúvida.



EM13LP50

2. Leia os textos a seguir.

**Texto I**

Era um sonho dantesco... o tombadilho  
Que das luzernas avermelha o brilho.  
Em sangue a se banhar.  
Tinir de ferros... estalar de açoite...  
Legiões de homens negros como a noite,  
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas  
Magras crianças, cujas bocas pretas  
Rega o sangue das mães:  
Outras moças, mas nuas e espantadas,  
No turbilhão de espectros arrastadas,  
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais ...  
Se o velho arqueja, se no chão resvala,  
Ouvem-se gritos... o chicote estala. E voam mais e mais...

ALVES, Castro. *O Navio Negreiro*. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>.  
Acesso em: 3 jul. 2023.

**Texto II**

[A] matriz bíblica encontra forte ressonância no contexto em que Gil Vicente ambienta a ação dramática dos autos e constitui da *Trilogia da Barcas*, da qual *o Auto da Barca do Inferno* é o primeiro. A infiltração do motivo bíblico do Juízo Final deveu-se, na época, não só à intensa penetração da ideologia católica, centrada na pedagogia do medo do pecado e do castigo divino, como também à onipresença da Morte, [...].

O local para onde vai esta barca é nomeado pelo Diabo duas vezes [...] “pera ilha perdida” (v.26), “pera o Inferno, senhor” (v.33). Para os cristãos medievais, “el infierno era el reino de sataná, el lugar onde eran torturados en sus llamas eternas los cuerpos de los condenados”.

GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres. *O auto religioso vicentino em diálogo com a pintura*. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-30112009-123047/publico/ALEXANDRE\\_HUADY\\_TORRES\\_GUIMARAES.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-30112009-123047/publico/ALEXANDRE_HUADY_TORRES_GUIMARAES.pdf). Acesso em: 3 jul. 2023.

Embora o poema romântico tenha sido composto em outro contexto, nota-se um possível diálogo com a tônica dos textos humanistas, como *A Divina Comédia* e *Auto da Barca do Inferno*, pois no poema o inferno representa

- a) o medo da condenação.
- b) o território dos pecadores.
- c) a possibilidade de regeneração.

- d) o destino dos homens negros.
- e) o território de sofrimento e privação.

EM13LP01

3. Leia um trecho de *Os Lusíadas*, de Camões, e o texto do crítico literário João Adolfo Hansen.

Vês aqui a grande máquina do mundo,  
Etérea e elemental, que fabricada  
Assi foi do Saber, alto e profundo,  
Que é sem princípio e meta limitada,  
Que cerca em derredor este rotundo  
Globo e sua superfície tão limada,  
É Deus; mas o que é Deus, ninguém o entende,  
Que a tanto o engenho humano não se estende.  
[...]

Aqui, só verdadeiros, gloriosos  
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,  
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,  
Fingidos de mortal e cego engano.  
Só pera fazer versos deleitosos  
Servimos; e, se mais o trato humano  
Nos pode dar, é só que o nome nosso  
Nestas estrelas pôs o engenho vosso

CAMÕES. *Os Lusíadas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000162.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2023.

Aqui, Camões reproduz a cosmografia de Ptolomeu, pondo a Terra no centro dos vários orbes concêntricos que compõem o Universo. O uso da figura do círculo para figurá-lo não é arbitrário e corresponde à definição antiga de Deus que se lê em Nicolau de Cusa ou no tratado sobre as hierarquias angélicas de Dionísio, o Pseudo-Areopagita. [...]

A visão da máquina do mundo alegoriza o contato extático dos portugueses com o princípio metafísico, o Bem para além do movimento aparente das esferas, que fundamenta e orienta providencialmente a união e a viagem por meio da deusa Vênus, seu instrumento ou causa segunda. Dizendo de outro modo, o episódio da máquina do mundo fundamenta o domínio físico do mar e das novas terras da África, Ásia e América como domínio teológico-político da monarquia católica portuguesa sobre regiões e religiões gentias e infiéis, divinizando a história de Portugal.

HANSEN, João Adolfo. *A máquina do mundo*. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/download/149115/149220/324747>. Acesso em: 3 jul. 2023.

A maneira como Camões apresenta a máquina do mundo é cautelosa, o que lhe garante proteção de uma das principais causas de opressão e tristeza de seu tempo. Explique essa causa e como ela se manifesta no texto, segundo João Adolfo Hansen.



Oscar Pereira da Silva. *Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500*, 1922. Óleo sobre tela, 330 cm × 190 cm. Museu Paulista da USP, São Paulo. A imagem retrata o primeiro encontro entre indígenas e portugueses, durante o desembarque da tripulação de Pedro Álvares Cabral no território que hoje é conhecido como Porto Seguro, localizado na Bahia.

## FRENTE 2

### CAPÍTULO

# 3

## Literatura colonial no Brasil

O período colonial no Brasil é marcado pela chegada dos portugueses ao sul da Bahia em 1500. Esse primeiro contato entre dois povos tão distintos foi o início de um processo que mudaria a face dessa nova terra. O leitor do século XXI deve olhar para esse passado na tentativa de compreender o processo cultural e as relações de poder que nele estão subentendidas. Nesse sentido, ao estudarmos os primeiros registros – os poemas de Gregório de Matos, os sermões de Padre Antônio Vieira, os textos dos poetas inconfindentes –, é necessária uma crítica sobre o contexto e os processos de criação de cada uma dessas manifestações literárias.

## Quinhentismo: as primeiras manifestações literárias

### Origem

cabral descobriu uma roda de colonização  
dos homens indígenas do brasil  
das mulheres indígenas do brasil  
das aldeias indígenas do brasil

os povos originários desta terra  
que não se chamava brasil  
não faziam ideia de que existia um país  
com gana de engolir o planeta pelo mar

eles sabiam que o mico-leão-dourado  
macaqueava como o sol do meio dia  
e que o tamanduá-bandeira deglutia  
formigas com apetite de fogo

que ainda voavam as araras-azuis  
e se confundiam com a tranquilidade  
dos reflexos no rio, que o rio corria  
limpo, incólume, inocente e nu

e que os bichos tinham nomes  
mas não eram nomes violados por caravelas  
ou por pedaços de pano, a imprimir decência  
onde só existia a honestidade,

de todos os deuses que coabitavam  
não no céu, mas na própria floresta  
no raiar do mico, no lamber do tamanduá  
no voo da arara e no nome das coisas

todos eles [os deuses] se transfiguraram  
em torno de um chumaço de algodão  
branco como o nervosismo da névoa  
e assim a primeira missa marcou território

de lá para cá, cabrais que não se chamavam cabral  
assim como o primeiro pedro Álvares  
dizimaram periodicamente a cor vermelha  
do sangue e da pele indígena — e fim.

ANICETO, Guilherme. *Origem*. Disponível em:  
<https://medium.com/revista-subjetiva/origem-7046fa88f0f5>.  
Acesso em: 13 jul. 2023.

Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.



Aurélio de Figueiredo. *Descobrimiento do Brasil*, 1887. Óleo sobre tela, 52,3 cm × 71,3 cm. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro. A pintura registra o momento exato em que Pedro Álvares Cabral avista o território brasileiro.

A colonização, ao longo dos séculos que se seguiram à chegada das naus comandadas por Pedro Álvares Cabral, colocou o Brasil na história ocidental e permitiu que autores imprimissem seu olhar subjetivo sobre a fauna, a flora, os nativos e os processos mais diversos oriundos dessa relação entre o chamado velho mundo e o mundo recém-descoberto. No entanto, chamar a produção escrita desse momento histórico de “literatura” já causou discussões acaloradas entre nomes da crítica literária no Brasil, pois alguns defendem que a literatura é resultado de um fenômeno civilizatório, o que significa ser necessária a constituição do país enquanto Estado político. Leia o texto *Literatura como sistema*, de Antonio Candido, para conferir o seu ponto de vista sobre a formação da literatura brasileira:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de decisivos os momentos estudados, convém principiar distinguindo manifestações literárias, de literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. [...] Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. [...] isto ocorre a partir dos meados do século XVIII, adquirindo plena nitidez na primeira metade do século XIX.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013. p. 25-27.

O crítico literário Antonio Candido não considera que as produções feitas antes do século XVIII sejam literatura propriamente dita, pois elas deveriam seguir um sistema que associa autores dentro de um determinado estilo ou linguagem. Além disso, ele afirma que a formação literária em um país precisa de um grupo de autores conscientes de seu papel e que seus textos sejam direcionados a um público leitor. No início da colonização do Brasil, os textos são produzidos pelos viajantes que aqui chegaram e, posteriormente, pelos jesuítas que intencionavam a catequização dos indígenas, o que se permite afirmar que não havia um sistema ou mesmo um público leitor. Para Antonio Candido, a noção de realidade local e a construção da nação são elementos imprescindíveis para que a literatura possa florescer. Se considerarmos essa perspectiva crítica, concluímos que os textos produzidos no período de colonização são “manifestações literárias”.

No entanto, há outros críticos que divergem dessa opinião e consideram que “formação” literária não tem o mesmo significado de “autonomia”, como defende Afrânio Coutinho, autor de uma teoria que considera o primeiro contato entre portugueses e nativos como uma nova situação a partir da qual a literatura já se formava. Segundo o crítico, a ideia de nação tornou-se um critério de valor para balizar a literatura no país, porém há confusão entre independência política e autonomia literária.

Essas discussões evidenciam que a designação de literatura brasileira é problemática, por isso, ao discutirmos os textos produzidos no início da colonização, precisamos pensar nos **agentes do discurso** e nas **condições de circulação desses textos**.



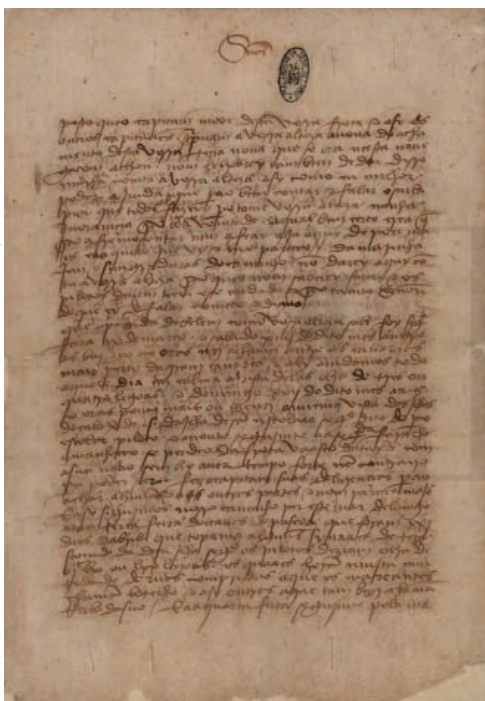
## Literatura de informação: o olhar estrangeiro sobre a nova terra

O poema que abre o capítulo apresenta um olhar crítico sobre o primeiro contato dos indígenas com os portugueses. Os nativos “violados por caravelas” tiveram sua cultura e suas crenças corrompidas por “pedaços de pano, a imprimir decência”. O tom severo em relação ao projeto colonial reside no olhar do eu lírico que consegue observar o impacto significativo que a expansão marítima teve sobre a vida dos nativos na terra encontrada por Pedro Álvares Cabral.

O projeto colonizador de Portugal considerava encontrar terras a noroeste dos Açores, pois a existência de terras nessa direção já era sabida. O Tratado de Tordesilhas firmado com a Espanha em 1494 definia limites de exploração desses países na região que hoje conhecemos como América do Sul. Assim, o texto escrito por Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Cabral, visa informar D. Manuel, o venturoso, sobre a terra que estaria sob domínio português. Esse registro é a “certidão de nascimento” do Brasil, como território pertencente à Coroa portuguesa.

É preciso considerar, portanto, que o olhar crítico no poema “Origem” se difere de maneira simbólica do observador do escrivão da frota cabralina.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa



Fac-símile da primeira página da Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel I.

### Trecho de A Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel I:

Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer.

[...]

A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março.

[...]

E assim seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que, terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, estando da dita Ilha obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, [...]

Neste dia, a horas de véspera, houve vista de terra! Primeiramente dum grande monte, mui alto e redondo; e doutras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos: ao monte alto o capitão pôs nome – o Monte Pascoal e à terra – a Terra da Vera Cruz.

[...]

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro. Então lançamos fora os batéis e esquifes, e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor, onde falaram entre si. E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens. Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram.

[...]

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber. Os cabelos seus são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobrepena, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas.

CAMINHA, Pero Vaz de. A Carta. In: Carta a El-Rei D. Manuel. São Paulo: Dominus, 1963. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023.

A já presente revelação do novo mundo no projeto marítimo de Portugal se deu no dia 22 de abril de 1500, quando as naus atracaram nas terras localizadas no sul do estado da Bahia. A Carta apresenta-se descritiva no intuito de informar exatamente o que há nessa terra; por essa razão, é frequente encontrarmos a expressão “literatura de informação” nos livros didáticos para designar os textos elaborados nesse contexto. Era comum serem impressos diários de bordo nesse período, contendo as informações e as narrativas da aventura marítima, prática que foi impulsionada pela invenção da prensa móvel de Gutenberg.

O olhar diante desse novo mundo é marcadamente estrangeiro, como pode ser percebido na imagem dos indígenas descrita nas linhas de A Carta e, principalmente, na reação de espanto do europeu diante dessa cultura desconhecida e claramente exótica a seus olhos.



A pintura *A primeira missa no Brasil* (mais adiante), de Victor Meirelles, expressa o fragmento da narrativa de Pero Vaz de Caminha:

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu. Mandou a todos os capitães que se aprestassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou naquele ilhéu armar um esperável, e dentro dele um altar mui bem corregido. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual foi dita pelo padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes, que todos eram ali. A qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Ali era com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre levantada, da parte do Evangelho. [...]

À quinta-feira, derradeiro de abril, comemos logo, quase pela manhã, e fomos de terra por mais lenha e água. [...]

Quando saímos do batel, disse o Capitão que seria bom irmos direitos à Cruz, que estava encostada a uma árvore, junto com o rio, para se erguer amanhã, que é sexta-feira, e que nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. A esses dez ou doze que aí estavam, acenaram-lhe que fizessem assim, e foram logo todos beijá-la. Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença. E portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar.

CAMINHA, Pero Vaz de. A Carta. In: *Carta a El-Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023.

A primeira missa realizada no Brasil descrita por Caminha demarca a ideologia cristã como manifestação ritualística a ser implementada na nova terra. O discurso eurocêntrico de Caminha apresenta ao leitor do século XXI a imagem de indígenas selvagens e inocentes, que poderiam ser facilmente convertidos ao cristianismo, intenção que está declarada no texto.

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro



Victor Meirelles. *A primeira missa no Brasil*, c. 1860. Óleo sobre tela, 268 cm × 356 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

O projeto cristão português já presente no texto de Caminha é resgatado pelo pintor Victor Meirelles no quadro *Primeira Missa do Brasil*, a partir do qual o Brasil tentava se desvencilhar da imagem de nação não civilizada, visto ainda manter as relações de escravidão no final do século XIX. A monarquia tentava expressar sua liderança, e a divulgação de obras de arte que corroboravam a sua força civilizatória era um caminho adotado para evitar má relação com outros países.

Nesse sentido, é importante que pensemos como a arte e a cultura em geral podem construir sentidos e determinados pontos de vista sobre o conceito de nação e suas relações políticas. Meirelles se inspirou na Carta de Caminha, fazendo com que o ponto central de sua obra fosse a fé católica, representada pela cruz. O religioso Frei Henrique de Coimbra ganha destaque com as vestimentas claras e iluminadas pelo sol, tendo atrás de si um franciscano ajoelhado, o que indica a relação hierárquica entre navegadores e princípios católicos. Se repararmos no grupo indígena retratado, concluímos que o diálogo se encontra no fato de seus integrantes estarem voltados para a cruz, como se buscassem a salvação. Dispostos em uma natureza selvagem e escura, encontram-se em um segundo plano cortado pela luz vinda do céu.

O diálogo estabelecido entre o quadro de Victor Meirelles e a Carta de Pero Vaz de Caminha se constrói mediante uma mentalidade pautada no poder civilizatório, o qual considera os nativos da terra brasileira bárbaros e incultos. No entanto, com o passar dos séculos, os indígenas buscaram resistir para conservar suas tradições e garantir o direito à terra que lhes tinha sido usurpado.

#### Saiba mais

O primeiro ensaio histórico sobre o Brasil foi escrito pelo português Pero de Magalhães Gândavo. Uma curiosidade do relato de Gândavo sobre a terra brasileira é a forma que ele encontrou para explicar o que eram as bananas, frutas abundantes. O autor afirma que “parecem-se na feição de pepinos, nascem numas árvores mui tenras e não são muito altas”. A comparação era uma alternativa que os viajantes encontraram para que o leitor visualizasse sem dificuldades os elementos da fauna e flora observados pelos viajantes.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa.

[...]

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

[...] um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata. [...]

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos.

CAMINHA, Pero Vaz de. A Carta. In: *Carta a El-Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023.



Giacomo Gastaldi; Giovanni Battista Ramusio. *Delle navigationi et viaggi*, 1556. Xilogravura, 29,8 cm × 39,2 cm. Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da USP, São Paulo.

O mapa de Giovanni Battista Ramusio, publicado em 1556, é considerado o primeiro registro cartográfico do Brasil. A ilustração mostra embarcações, a presença de indígenas e europeus, alguns animais silvestres, a visualização do terreno, além da prática de extração da madeira iniciada ainda no primeiro século de colonização. Essa possibilidade de extrair produtos de valor da terra descrita a D. Manoel é expressa por Pero Vaz de Caminha nos trechos de sua carta, em que são identificados elementos naturais abundantes e a possibilidade de haver metais preciosos.

Tanto na carta quanto no mapa, a imagem da terra é a representação do senso comum e do olhar do estrangeiro diante da natureza exuberante. O interesse mercantil e a possibilidade de “salvação” do gentio são aspectos que ganharão páginas da história brasileira ao longo dos séculos seguintes. Com o tempo, os jesuítas foram enviados para a catequização indígena, o que representa uma missão pautada na educação e na fé católica, e os textos produzidos nesse processo de conversão constituem a chamada literatura de catequese.

### Literatura catequética: a conversão pela palavra

Os missionários jesuítas tiveram um papel importante durante a Contrarreforma, cujo objetivo era disseminar a fé católica aos territórios longínquos dada a reforma protestante impulsionada por Martinho Lutero em 1517. A Companhia de Jesus, fundada pelo espanhol Inácio de Loyola, era responsável por enviar em missão os religiosos que deveriam

converter os nativos dessas terras. No Brasil, o nome de destaque é o padre José de Anchieta, responsável por fundar o Colégio de São Paulo de Piratininga, em 1534, bem como outro representante de peso nessa empreitada com os indígenas, o padre Manoel da Nóbrega.

Como os textos da época – peças teatrais, autos e poemas – tinham o intuito pedagógico e declaradamente religioso, é comum encontrarmos algumas marcas que revelam a posição de superioridade dos colonizadores sobre os colonizados. Leia o trecho do *Auto da Festa de São Lourenço*, de Padre Anchieta, inspirado na história do mártir católico perseguido e queimado vivo pelo Imperador Valeriano I, em 258 d.C.

### SEGUNDO ATO

(Eram três diabos que querem destruir a aldeia com pecados, aos quais resistem São Lourenço, São Sebastião e o Anjo da Guarda, livrando a aldeia e prendendo os tentadores cujos nomes são: Guaixará, que é o rei; Aimbirê e Saravaia, seus criados)

#### GUAIXARÁ

Esta virtude estrangeira  
Me irrita sobremaneira.  
Quem a teria trazido,  
com seus hábitos polidos  
estragando a terra inteira?  
Só eu  
permaneço nesta aldeia  
como chefe guardião.  
Minha lei é a inspiração  
que lhe dou, daqui vou longe  
visitar outro torrão.  
Quem é forte como eu?  
Como eu, conceituado?  
Sou diabo bem assado.  
A fama me precedeu;  
Guaixará sou chamado.

ANCHIETA, Pe. José de. *Auto da Festa de São Lourenço*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000145.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000145.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023.



Tiziano Vecellio. *O martírio de São Lourenço*, 1564-67. Óleo sobre tela, 415 cm × 297,5 cm. Monastério Real de São Lourenço de El Escorial, Espanha.



Na história do auto, o rei dos diabos, Guaixará, com seus criados, decide perverter os integrantes da aldeia após o martírio de São Lourenço, que defenderá os indígenas dos demônios com o apoio dos personagens Anjo, Temor de Deus e Amor de Deus. O aspecto dual e maniqueísta do auto reside na criação de personagens que representam de forma alegórica o bem e o mal, tal como notamos nas peças do dramaturgo humanista português Gil Vicente.

O dualismo também está presente na cultura ameríndia, o que permitiu a Anchieta associá-lo à sua intenção catequética, demonizando os costumes dos nativos. A “virtude estrangeira” que irrita Guaixará na aldeia é jesuítica, o que sugere aos indígenas que suas crenças são pagãs e malignas.

A associação entre paganismo e trevas é comum nos textos do período, pois representa o imaginário europeu a respeito das terras da América, lugar de monstros, demônios e criaturas maléficas. Os missionários viam na cultura desses povos uma forma de estabelecer relações que facilitariam o processo de conversão e integração com o mundo europeu. Os textos tinham estrutura simples, similar aos autos medievais, e muitas vezes lançavam mão da medida velha, como você pode conferir ao fazer a escansão do trecho transcrito anteriormente do *Auto da Festa de São Lourenço*.

Ao analisar textos produzidos no Quinhentismo, vale atentar para um cuidado que devemos ter ao fazermos uma leitura anacrônica de seus objetivos. Os valores da contemporaneidade se diferem de maneira significativa daqueles previstos no início da colonização do Brasil. A imagem do “novo mundo” é paradisíaca, vista como um espaço virgem ao qual se deveria impor a aculturação. Esse Brasil exótico foi pintado ao longo dos séculos por vários artistas que por aqui passaram, como os holandeses, que permaneceram entre os anos de 1637 e 1644, o paisagista Frans Post e Albert Eckhout, pintor que imprimiu em suas obras um olhar etnográfico. Confira os principais registros feitos por eles:

- **Registros da paisagem local**



Frans Jansz Post. *Paisagem de várzea com engenho*, 1652. Óleo sobre tela, 282,5 cm × 210,5 cm. Rijksmuseum, Amsterdã.



Albert Eckhout. *Banana, goiaba e outras frutas*, [s.d]. Óleo sobre tela, 91 cm × 91 cm. Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague.

- **Registros dos casais étnicos**



Albert Eckhout. *Índio Tarairiu (Tapuia)*, 1643. Óleo sobre tela, 266 cm × 159 cm. Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague.



Albert Eckhout. *Índia Tarairiu (Tapuia)*, 1641. Óleo sobre tela, 264 cm × 159 cm. Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague.



Albert Eckhout. *Mulher Tupi com criança*, 1641. Óleo sobre tela, 274 cm × 163 cm. Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague.



Albert Eckhout. *Índio Tupi*, 1643. Óleo sobre tela, 267 cm × 159 cm. Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague.

Apesar de notarmos uma preocupação dos pintores em retratar de forma fiel a natureza observada, ainda é necessário cuidado nessa análise, uma vez que alguns aspectos apresentam inverossimilhança. Repare que as imagens dos “tipos brasileiros”, como o próprio Eckhout os categorizou, revela, no entanto, um olhar etnográfico marcado pelo aspecto alegórico. Os tarairius, aliados dos holandeses, são representados como guerreiros dotados de força, o que é corroborado pela presença de armas na imagem, além da alusão à prática de canibalismo, enquanto os tupis são retratados como indígenas **aculturados**, dada a vestimenta, a presença de instrumentos de origem europeia (por exemplo, a faca de cabo de madeira) compondo uma imagem de aparente tranquilidade.

Frans Post registrou em suas pinturas as cidades que nasciam no processo de cultivo de cana-de-açúcar, os portos, entre inúmeras imagens da paisagem tropical que lhe atribuíram o lugar de primeiro paisagista das Américas. Tanto ele quanto Albert Eckhout, de certa maneira, idealizaram a paisagem e os tipos humanos encontrados no Brasil. Suas obras já surgiram em várias provas de vestibular, por isso é importante analisá-las com atenção, verificando o sentido que tinham quando foram criadas.

A imagem da paisagem brasileira e dos nativos observados pelo olhar estrangeiro, desde *A Carta de Caminha*, evidenciam que a colonização desconsiderava a **alteridade** como fator relevante no processo formativo das culturas. O contato com as tribos indígenas pressupunha que essas figuras humanas compunham a paisagem silvestre e careciam de civilidade, o que se nota nos trechos que lemos de textos escritos nesse período do início da colonização.

**aculturação:** processo que modifica a cultura de um indivíduo; adaptação de grupo ou povo a outra cultura ou dela retira traços significativos.

**alteridade:** concepção que considera as relações interpessoais dos seres humanos como interativas e interdependentes.

Hoje, sabemos da importância da preservação do passado, da cultura, da tradição dos povos indígenas e de seu direito ao território nacional, o que se tornou missão de muitos sociólogos, antropólogos e pessoas da sociedade civil ao longo da história, especialmente no século XX. Órgãos de proteção como a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), uma instituição indigenista vinculada ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, criada em 5 de dezembro de 1967 por meio da Lei nº 5.371, foram criados com o intuito de prestar assistência aos povos indígenas do Brasil. O artigo 231 da Constituição Brasileira de 1988 prevê a proteção às terras ocupadas pelas diversas etnias indígenas do território nacional, bem como seus costumes, línguas e tradições.

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

§ 3º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

§ 4º As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.

§ 5º É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, “*ad referendum*” do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco.

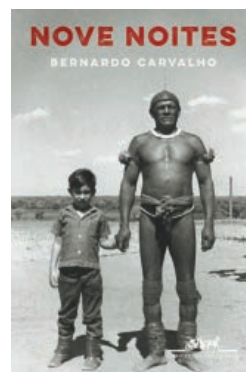
§ 6º São nulos e extintos, não produzindo efeitos jurídicos, os atos que tenham por objeto a ocupação, o domínio e a posse das terras a que se refere este artigo, ou a exploração das riquezas naturais do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes, ressalvado relevante interesse público da União, segundo o que dispuser lei complementar, não gerando a nulidade e a extinção direito a indenização ou a ações contra a União, salvo, na forma da lei, quanto às benfeitorias derivadas da ocupação de boa fé.

§ 7º Não se aplica às terras indígenas o disposto no art. 174, § 3º e § 4º.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988*. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 8 jul. 2023.

### Saiba mais

Em 2002, Bernardo Carvalho publica uma obra literária instigante que apresenta como pano de fundo a investigação de um jornalista sobre a morte do estadunidense Buell Quain em 1939, enquanto fazia um trabalho de campo etnográfico com os indígenas da tribo Krahô no Maranhão. A narrativa explora também a relação do antropólogo com outra tribo, os Trumai, cujos rituais despertaram estranhamento em Buell Quain, segundo sua narrativa. A obra apresenta uma perspectiva muito interessante sobre os indígenas, uma vez que eles não são vistos como selvagens, mas em uma dimensão humana que apresenta conflitos de ordem existencial.



Reprodução  
Capa do livro do antropólogo Bernardo Carvalho, 5. reimp., 2016.



A imagem do indígena enquanto integrante de uma cultura que compõe a identidade nacional foi resgatada em alguns momentos da literatura brasileira. No Romantismo, sua força guerreira e os aspectos de caráter heroico tornaram-no símbolo da nação na pele de Peri e Iracema, personagens de obras de José de Alencar, além de ocupar espaço de destaque nos cantos de poetas da 1ª geração romântica, como Gonçalves Dias. No Modernismo, a imagem indígena é parte integrante do processo de miscigenação cultural discutida pelos autores em manifestos, poemas, romances e revistas.

Temas ligados a pautas de direitos civis têm surgido em variados campos de discussão na sociedade, inclusive em provas de vestibulares. Então, vale a pena conferir *sites*, *blogs*, revistas especializadas etc. sobre a abordagem das questões indígenas no Brasil, como a demarcação de terras indígenas, as chamadas **TIs**. Provavelmente, você já ouviu a expressão “marco temporal”, que passou a ser um assunto muito discutido em jornais e redes sociais em 2021, pois a ação em trâmite recente no Supremo Tribunal Federal (STF) defende que os povos indígenas teriam direito apenas às terras ocupadas em 5 de outubro de 1988, quando entrou em vigor a atual Constituição brasileira. A disputa de terras se iniciou em 2007 e acirrou discussões e debates ao longo dos anos seguintes, trazendo à tona uma discussão delicada sobre os direitos dos povos indígenas, que geram diversas interpretações.

Cristiano Mariz/O Globo/Agência O Globo



Mobilização de povos indígenas em Brasília contra o Marco Temporal em frente ao STF.

A aculturação desses povos é resultante de um longo processo de perseguição e morte de muitos dos povos nativos encontrados em terra brasileira no momento em que as embarcações de Pedro Álvares Cabral chegaram, em abril de 1500. Retomar os textos produzidos nesse período, como as cartas, os diários de bordo e os textos catequéticos é acessar o passado e a busca em compreender de maneira crítica como a história do país foi construída e como ressignificamos nossa identidade coletiva com o passar do tempo.

## Barroco: a estética conflitante do mundo em tensão



Schloss Sanssouci, Potsdam

Caravaggio. *A incredulidade de São Tomé*, 1602-03. Óleo sobre tela, 107 cm × 146 cm. Stiftung Schlösser und Gärten Potsdam-Sanssouci, Potsdam, Alemanha.

O século XVII foi marcado por alguns momentos de instabilidade que refletem a tensão entre a euforia antropocêntrica resultante dos avanços associados às Grandes Navegações e o resgate dos dogmas religiosos pelos conflitos oriundos da Reforma Religiosa.

A ampliação dos horizontes impulsionada pela expansão marítima permitiu ao homem dominar territórios, ter contato com outros povos e culturas, além de ampliar seu conhecimento científico. As contribuições à ciência foram inúmeras no período que marca o início da Idade Moderna, como as teorias de Galileu Galilei, Nicolau Copérnico, Johannes Kepler na Astronomia, os estudos de anatomia e fisiologia de Andreas Vesalius na Medicina, e o desenvolvimento do pensamento filosófico proposto com base no racionalismo, cujos nomes de destaque são Francis Bacon e René Descartes. Além da perspectiva humanista ampliada pelo campo científico, o Renascimento cultural proporcionou um retorno ao modelo clássico, o que promoveu produção intensa no campo das artes. No entanto, as bases do pensamento humanista que romperam com o teocentrismo medieval viveram uma experiência de tensão associada à disputa religiosa.

Em 1517, o padre alemão Martinho Lutero dá início à Reforma Protestante com a divulgação de suas 95 teses que denunciavam práticas incoerentes da Igreja católica, como a cobrança de indulgências. Com número significativo de fiéis que deixavam o catolicismo a fim de seguir os passos do protestantismo, a Igreja reage com a determinação de um concílio para resgatar seus princípios com o propósito de disseminar os dogmas católicos pela Europa e pelo Novo Mundo. No Concílio realizado em Trento, em 1545, algumas decisões serviram de parâmetros para as ações de combate da Igreja ao avanço da Reforma, como a retomada do Tribunal do Santo Ofício e a criação da Companhia de Jesus pelo Padre Inácio de Loyola.

O momento marcado pelo conflito religioso e pela retomada dos valores medievais teocêntricos colocam o homem diante de um dilema, em que ele se vê dividido entre o racionalismo humanista e a culpa religiosa. Nesse sentido, ao

observarmos obras artísticas do período, podemos notar os temas mais frequentes: dúvida, medo da morte, religiosidade, fragilidade humana, além do confronto de valores que conduz a dualidades, como pecado X perdão, vida terrena X vida celestial, sagrado X profano, racional X irracional. No quadro de Caravaggio, reproduzido anteriormente, nota-se que ele se preocupou em dar realismo à cena bíblica por meio do contraste entre luz e sombra, recurso que confere drama à cena. A incerteza é o tema central da pintura, pois São Tomé, ao duvidar da ressurreição de Cristo, mergulha o dedo na ferida para se certificar do fato.

Os excessos barrocos são marcados pelo detalhamento, sofisticação, rebuscamento e requinte, além das expressões dramáticas e do sofrimento humano presente nas pinturas. O contraste da visão teocêntrica e antropocêntrica reflete o **fusionismo**, ou seja, a aproximação de elementos opostos, marca da linguagem barroca expressa em vários campos da arte. Na música de Antonio Vivaldi, por exemplo, é possível perceber o contraste e a densidade marcados pelo violino, instrumento capaz de captar os sons da natureza na obra mais famosa do músico, *As quatro estações*, série de quatro concertos de violino e orquestra. A intensidade de cada uma das estações marcadas por três movimentos de dez minutos reflete a inconstância, a efemeridade temporal e a ideia de transição. Essas características também surgem na literatura, que lança mão de recursos linguísticos para marcar o conflito humano vivenciado no período.

## A linguagem barroca

### A Jesus Cristo, nosso Senhor

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,  
de vossa alta clemência me despido;  
porque quanto mais tenho delinquido,  
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vós irar tanto um pecado,  
a abrandar-vos sobeja um só gemido:  
que a mesma culpa, que vos há ofendido,  
vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada,  
glória tal e prazer tão repentino  
vos deu, como afirmais na sacra história,

eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,  
cobrai-a; e não queirais, pastor divino,  
perder na vossa ovelha a vossa glória.

GUERRA, Gregório de Matos. *Poemas escolhidos*.  
Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010. p. 313.

O poema de Gregório de Matos Guerra, “A Jesus Cristo Nosso Senhor”, apresenta a temática dualística do Barroco, pecado-perdão, em que o eu lírico se mostra arrependido de seus delitos e seguro de que será perdoado. Apesar do ato de remissão do pecador e de sua busca pela salvação divina, percebe-se que há uma lógica argumentativa na qual o perdão está atrelado à existência do pecado. Por essa razão, o eu lírico tem uma postura de enfrentamento a Jesus Cristo, afirmando que o pecado é uma condição para a sua glória. Nos tercetos, o texto alude a

uma passagem bíblica sobre a ovelha desgarrada, presente no evangelho de Mateus, para justificar que o pecador necessita ser resgatado pela figura divina, o que conduz ao questionamento da misericórdia de Deus.

O soneto decassílabo, sendo uma forma literária clássica, mas com temática religiosa, representa a tensão da linguagem barroca. O racionalismo na seleção vocabular, no uso de inversões sintáticas e no jogo esquemático de rimas confronta com o pensamento medieval de culpabilidade e castigo perante o qual deve haver arrependimento.

O jogo linguístico é um dos artifícios do texto barroco, que recorre a recursos como o uso das **figuras de linguagem** para expressar o questionamento, a dúvida, a angústia e o conflito entre matéria e espírito. Nesse sentido, é comum encontrarmos as figuras de pensamento que marcam oposição, como antítese e paradoxo na composição do texto que traduz a dualidade do homem barroco; a hipérbole é utilizada para ilustrar o exagero, o sofrimento ou mesmo a deformação como efeito expressivo; o hipérbato mostra nas inversões da construção frasal o estado de confusão e a angústia do homem dividido entre a postura racional e a culpa religiosa.

Essas marcas de expressividade também estão presentes nas esculturas, muitas delas oscilam entre a espiritualidade e a representação do profano. Por exemplo, *Êxtase de Santa Teresa*, obra do artista Gian Lorenzo Bernini, revela marcas de expressão facial.



Gian Lorenzo Bernini. *Êxtase de Santa Teresa*, 1645-1652. Mármore, 350 cm × 138 cm. Igreja de Santa Maria Della Vittoria, Roma, Itália.

A escultura de mármore representa o momento em que Santa Teresa é transpassada pela flecha de um anjo e desfalece em virtude da experiência mística. Os elementos simbólicos presentes na escultura de Bernini marcam a relação entre o sagrado e o profano, uma vez que a reação de Santa Teresa oscila entre o contentamento transcendental e o prazer carnal, o que induz o observador a questionar sobre a expressão física meneada entre dor e prazer.

Essa discussão sobre as características barrocas presentes em diversas linguagens artísticas do século XVII devem ser avaliadas com prudência para que não façamos uma leitura anacrônica do período artístico de suas obras, como afirma o crítico João Adolfo Hansen.



Para que a definição e o uso do termo fossem pelo menos aceitáveis, seria necessário que características ditas “barrocas” especificassem todas as obras de uma série determinada e apenas a elas; no entanto, as séries classificadas como “barrocas” são bastante diversas e diferentes de lugar para lugar, de autor para autor, e, principalmente, de uma arte para outra e mesmo de obras para obras de um mesmo autor, de modo que características formais propostas como específicas de “barroco”, quando a noção se aplica às representações do século XVII, não passam de generalidades formuladas como deduções e analogias – *informalidade, irracionalismo, pictórico, fusionismo, contraste, desproporção, deformação, acúmulo, excesso, exuberância, dinamismo, incongruência, dualidade, sentido dilemático, gosto pelas oposições, angústia, jogo de palavras, niilismo temático, horror do vácuo* – que explicitam mais as disposições teórico-ideológicas dos lugares institucionais que as aplicam que propriamente a estrutura, a função e o valor históricos dos objetos a que são aplicadas, na medida mesma em que, sendo genéricas, como resultados de esquemas universalizados a-criticamente sem fundamentação empírica, também poderiam ser aplicadas a qualquer outra arte de qualquer outro tempo.

HANSEN, João Adolfo. *Barroco, neobarroco e outras ruínas*. Disponível em: [www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116560/114160](http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116560/114160). Acesso em: 8 jul. 2023.

O crítico afirma que o termo “barroco”, criado no século XIX, é usado como uma etiqueta de forma arbitrária, pois as formas identificadas como confusas ou ornamentadas podem ser oriundas de uma expressividade independente de algum princípio técnico partilhado entre os artistas. Com base nessa análise, é importante que observemos as obras barrocas do século XVII com maior atenção, principalmente pelo fato de que cada uma delas tem suas próprias peculiaridades, já que sua representação antitética, hiperbólica e deformada não é, necessariamente, fruto de um irracionalismo comum a todos os artistas.

Há artistas que são considerados revolucionários para sua época, como Caravaggio, que dá às suas obras uma perspectiva capaz de mobilizar o expectador, além de caracterizar os santos como pessoas comuns em situações cotidianas. Nesse sentido, é importante que verifiquemos os elementos que fazem de seus quadros obras barrocas, mas sem desconsiderar o artista em seu próprio tempo.

As pinturas de Caravaggio integram a manifestação artística cuja expressão de sentimentos intensificam a sensação de profundidade. No quadro *A ceia na casa de Emaús*, Caravaggio trabalha com a técnica de sombra e luz, criando dramaticidade na cena inspirada no episódio bíblico narrado no evangelho de Lucas sobre a ceia realizada entre Cristo e dois discípulos depois do encontro inesperado em uma estrada.

O artifício da dúvida é o tema do referido episódio, o que se nota no espanto dos discípulos desacreditados ao descobrirem que o homem com quem ceiam é Cristo ressuscitado. A figura central apresenta traços andróginos, além de encarnar um corpo volumoso, o qual alude a um aspecto mais terreno. A ambiguidade da cena está também na cesta de frutas, que parece não estar totalmente apoiada na mesa, marcando o elemento conflitante presente nas obras barrocas.

Confira outras obras do pintor (ao lado) e registre suas impressões sobre cada uma delas, analisando o jogo de luz e sombra, a cena dramática, a composição assimétrica, o que resulta em um estilo monumental.

As cenas trágicas e o conflito podem surgir na poesia barroca com o intuito de marcar a instabilidade terrena. A consciência de que a matéria é perecível e a morte é o destino humano faz com que o homem barroco reflita sobre a efemeridade da vida humana. Essa abordagem temática aparece sob metáfora no soneto “Desenganos da vida humana, metaforicamente”, do poeta Gregório de Matos Guerra.



Caravaggio. *A ceia de Emaús*, 1601. Óleo sobre tela, 141 cm × 196,2 cm. National Gallery, Londres.



Caravaggio. *Judite e Holofernes*, séc. XVII. Óleo sobre tela. Galleria Nazionale d'Arte Antica, Roma, Itália.



Caravaggio. *Crucificação de São Pedro*, 1600-01. Óleo sobre tela. Santa Maria del Popolo, Roma, Itália.



Caravaggio. *O sepultamento de Cristo*, 1602. Óleo sobre tela. Museu do Vaticano, Cidade do Vaticano.

## Desenganos da vida humana metaforicamente

É a vaidade, Fábio, nesta vida,  
Rosa, que da manhã lisonjeada,  
Púrpuras mil, com ambição dourada,  
Airosa rompe, arrasta presumida.

É planta, que de abril favorecida,  
Por mares de soberba desatada,  
Florida galeota empavesada,  
Sulca ufana, navega destemida.

É nau enfim, que em breve ligeireza  
Com presunção de Fênix generosa,  
Galhardias apresta, alentos preza:

Mas ser planta, ser rosa, nau vistosa  
De que importa, se aguarda sem defesa  
Penha a nau, ferro a planta, tarde a rosa?

GUERRA, Gregório de Matos. *Poemas escolhidos*. Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 340.

A vaidade vista como um desengano da vida humana é apresentada sob a metáfora de elementos que encontrarão o seu fim, ou seja, a morte física. O eu lírico explica a seu interlocutor, Fábio, que a vaidade encontrará seu fim da mesma forma que uma rosa lisonjeada ao amanhecer, a planta favorecida na primavera e a embarcação destemida em alto mar. Afinal, ao sulcar presunçosa o mar, a nau pode se deparar com um rochedo e naufragar; já a planta pode enfrentar o ferro cortante, enquanto a rosa, provavelmente, desfalecerá com o fim do dia. A partir dessas imagens metafóricas, o eu lírico conclui em sua reflexão filosófica que a vida é ligeira e a morte é inexorável.

Esse trabalho com a linguagem literária nos textos barrocos pode recorrer mais detalhadamente tanto no trato da forma quanto do conteúdo. Os artifícios linguísticos que visam revelar agudeza de raciocínio ou elaboração rebuscada da linguagem dividem-se em duas tendências do movimento barroco: **cultismo** e **conceptismo**. No quadro seguinte, você pode verificar como cada um desses conceitos se manifesta nos poemas.

Vertentes barrocas	
Cultismo	Conceptismo
Jogo de imagens: predomínio na poesia.	Jogo de ideias: predomínio na prosa.
Rebuscamento da linguagem.	Persuasão e lógica frasal.
Uso de figuras de linguagem.	Uso de analogias e comparações.
Construção sintática elaborada.	Valorização do conteúdo.
Apelo aos sentidos.	Apelo ao raciocínio.

A engenhosidade do texto barroco é constituída pela agudeza dos jogos linguísticos adotados pelas duas correntes espanholas, cultismo e conceptismo. Luís de Gôngora (1561-1627) e Francisco de Quevedo (1580-1645) são nomes de destaque da produção barroca espanhola, autores de poemas cuja complexidade causa dificuldade ao leitor de hoje. É pertinente lembrar que a influência da Espanha na

estética de língua portuguesa ocorreu porque o Barroco foi um movimento do período seiscentista, ou seja, fruto de um contexto de unidade política entre Portugal e Espanha, a União Ibérica, no período de 1580 a 1640, quando houve a união dinástica das duas monarquias. Por essa razão, vamos ver os termos **gongorismo** e **quevedismo** associados às duas vertentes barrocas, o **cultismo** e o **conceptismo**, respectivamente.

O jogo de ideias e a retórica (conceptismo) são características do pensamento lógico e do racionalismo na combinação de argumentos que levam a uma determinada conclusão, por isso esse princípio é mais comumente percebido nos textos em prosa, como os sermões de Padre Antônio Vieira, sobre os quais estudaremos mais adiante. No entanto, é possível perceber esse jogo argumentativo em poemas, como vimos no soneto de Gregório de Matos Guerra, “A Jesus Cristo, nosso Senhor”. O cultismo, por sua vez, é de fato evidente nos poemas dado o jogo de imagens promovido pelo uso de elementos sensoriais e figuras de linguagem que contribuem para o rebuscamento textual, isto é, para a construção elaborada de frases que, muitas vezes, parecem confusas ao leitor pelas constantes inversões e elementos paradoxais. O soneto “Desenganos da vida humana metaforicamente” é um exemplar do texto cultista.

Além desses princípios, há o recurso conhecido como **silogismo**, termo filosófico originado do grego antigo que supõe a conexão de ideias por meio do cálculo e do raciocínio dedutivo. A teoria aristotélica foi criada com base na possibilidade de padronização de uma sequência de sentenças, fazendo com que o argumento seja reduzido a uma conclusão pautada em duas premissas, o que hoje é discutível. Veja o esquema explicativo:

Premissa maior	Premissa menor	Conclusão
Todo homem é mortal	Gregório é homem	Gregório é mortal

Repare que a premissa maior é uma verdade irrefutável, o que induz o leitor a acreditar na relação aparentemente inquestionável da conclusão.

### Estabelecendo relações

No estudo de Produção de Texto, são abordados os diversos tipos de argumentos que podem ser utilizados na construção de um texto dissertativo-argumentativo a fim de sustentar a tese defendida. Um dos caminhos que podem ser escolhidos é utilizar a argumentação baseada em raciocínio lógico, que pode tomar duas vias: o raciocínio dedutivo e o raciocínio indutivo. O raciocínio dedutivo é embasado no silogismo, em que se parte de uma ideia geral (premissa maior) até restringi-la a algo particular (premissa menor). Já no raciocínio indutivo, parte-se de uma ideia particular para se chegar a uma abordagem mais geral. Esse tipo de estratégia argumentativa auxilia não só no desenvolvimento do texto, mas também na elaboração da conclusão, já que, independentemente de qual via seguir, esse tipo de raciocínio encaminha para uma conclusão lógica.



A lógica do silogismo surge em alguns poemas barrocos, como no soneto reproduzido a seguir.

### A Cristo S. N. crucificado estando o poeta na última hora de sua vida

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,  
Em cuja lei protesto de viver,  
Em cuja santa lei hei de morrer  
Animoso, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,  
Pois vejo a minha vida anoitecer,  
É, meu Jesus, a hora de se ver  
A brandura de um Pai manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor, e meu delito,  
Porém pode ter fim todo o pecar,  
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,  
Que por mais que pequei, neste conflito  
Espero em vosso amor de me salvar.

GUERRA, Gregório de Matos. *Poemas escolhidos*.  
Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010. p. 314.

O raciocínio dedutivo utilizado por Gregório de Matos se estrutura na premissa de que o amor divino é grande e capaz de aniquilar qualquer pecado (“Mui grande é vosso amor”), o que leva o leitor à conclusão de que, se há pecado e arrependimento por parte do eu lírico, logo haverá perdão por parte de Deus (“Porém pode ter fim todo o pecar, / E não o vosso amor, que é infinito”).

A poesia barroca, ao utilizar os artifícios linguísticos que visam expressar conflitos, pode apresentar um raciocínio labiríntico, como no soneto seguinte.

### Descreve com galharda propriedade o labirinto confuso de suas desconfianças

Ó caos confuso, labirinto horrendo,  
Onde não topo luz, nem fio achando,  
Lugar de glória, aonde estou penando,  
Casa da morte, aonde estou vivendo!

Ó voz sem distinção, Babel tremendo,  
Pesada fantasia, sono brando,  
Onde o mesmo, que toco, estou sonhando,  
Onde o próprio, que escuto, não entendo!

Sempre és certeza, nunca desengano,  
E a ambas propensões, com igualdade  
No bem te não penetro, nem no dano.

És ciúme martírio da vontade,  
Verdadeiro tormento para engano,  
E cega presunção para verdade.

GUERRA, Gregório de Matos. *Poemas escolhidos*.  
Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010. p. 319.

**Babel:** bíblico; torre inacabada por castigo divino, quando, em sua construção, os homens viram seus idiomas se confundirem, gerando as desavenças que impediram a continuidade da obra. Por extensão, desentendimento, confusão.

O soneto descreve um labirinto, onde o eu lírico se encontra perdido, assim a proposta central é desenvolvida de modo confuso, e a razão de suas desconfianças é apresentada no último terceto: “ciúme martírio da vontade”. O próprio título apresenta a intensa confusão, já que há o pleonasma “labirinto confuso”, além da presença de paradoxos, como se nota nos versos terceiro e quarto do primeiro quarteto, visto que o labirinto é classificado como “lugar de glória” e “casa da morte”, onde o eu lírico está “vivendo”. A confusão também é expressa pela palavra “Babel”, referência bíblica à ambiciosa torre construída pelos descendentes de Noé a fim de se comunicarem com Deus, sendo castigados por ele pela presunção. O mito fundador que explica a diversidade de línguas, a confusão e a falta de entendimento entre os homens é utilizada no soneto gregoriano a fim de compor a imagem do labirinto.

### A linguagem barroca na moda

Na moda do século XVII, a vestimenta feminina ganhou algumas alterações significativas, como o fato de as mangas finalmente serem encurtadas, embora as peças ainda apresentassem algum tipo de tecido rendado ou babados que cobrissem os braços das mulheres. O volume era garantido pelas inúmeras saias acompanhadas de corpetes, que marcavam a silhueta no formato de um “v”, e pelo rufo, ornamento feito em tecido plissado para ser usado em torno do pescoço com intuito de dar impressão de altivez. Uma das peças usadas, principalmente no final do século XVII, foi a *mantua*, utilizada como sobreveste que cobria os ombros e se estendia até o chão. Os ornamentos e bordados compunham até mesmo os penteados que ganhavam vários acessórios como joias e fitas.



National Portrait Gallery Londres

Vestido da Rainha Elizabeth I, exemplo dos trajes nobres do século XVII.

Esse rebuscamento ainda se mantém na moda do século XXI, como você pode notar nas peças das modelos no desfile da grife Dolce & Gabbana na Semana da moda de Milão, em 2013.



Stefano Rellandini/Reuters/Photoarena

Desfile da marca Dolce & Gabbana durante a Semana de Moda de Milão em 2012; coleção inspirada no período barroco.

As peças apresentadas no desfile têm como características muito bordado, excesso de rendas e aplicações, além do uso abundante do tom de dourado. A textura dessa tendência retoma a proposta barroca do ornamento, do rebuscamento que tanto na moda quanto na linguagem barroca optam pela imagem do exagero.

## Padre Antonio Vieira

### O grande orador do Barroco em língua portuguesa

#### Segundo: ANTÓNIO VIEIRA

O céu estrela o azul e tem grandeza.  
Este, que teve a fama e a glória tem,  
Imperador da língua portuguesa,  
Foi-nos um céu também.

No imenso espaço seu de meditar,  
Constelado de forma e de visão,  
Surge, prenúncio claro do luar,  
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz do etéreo.  
É um dia; e, no céu amplo de desejo,  
A madrugada irreal do Quinto Império  
Doira as margens do Tejo.

PESSOA, Fernando. Segundo: ANTÓNIO VIEIRA.  
In: *Mensagem*. Disponível em:  
<http://arquivopessoa.net/textos/106>.  
Acesso em: 8 jul. 2023.



Edilaine Barros/Shutterstock.com

Marco Fidalgo.  
Estátua de Padre  
António Vieira.  
Lisboa, Portugal.

Padre Antônio Vieira nasceu em Lisboa no ano de 1608, veio ainda criança para o Brasil e iniciou os estudos no Colégio dos Jesuítas na Bahia, tornando-se o nome mais importante da prosa barroca em língua portuguesa, tendo sido protagonista em muitas questões associadas à história portuguesa no século XVII. Atuante na literatura e na política indissociavelmente, faleceu no Brasil em 1697 aos 89 anos de idade. Sua longa vida permitiu-lhe participar de eventos históricos relevantes, além de ter desempenhado o papel de embaixador extraordinário em importantes Cortes europeias, como Roma, Londres, Haia e Paris, durante o reinado de D. João IV, seu protetor.

A atuação política de Vieira rendeu-lhe inimizades, perseguição pelo Tribunal do Santo Ofício e prisão por dois anos. Como representante influente da monarquia portuguesa no Brasil, sua vasta produção de sermões viabilizava a disseminação da doutrina cristã e funcionava como uma ferramenta poderosa na luta da Igreja católica contra o avanço do protestantismo.

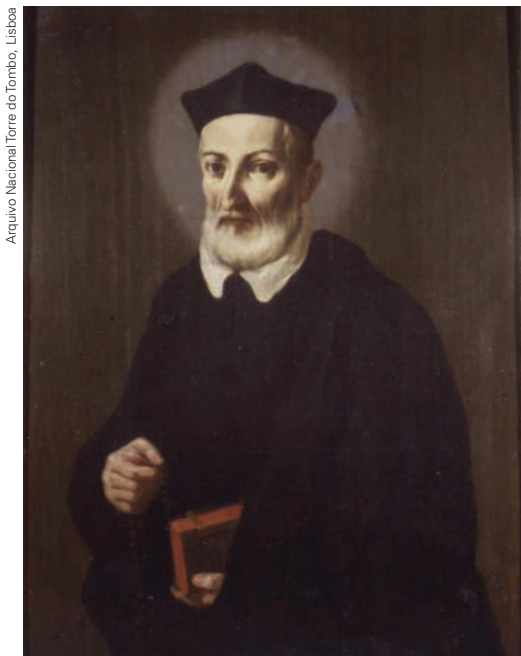
As desavenças de Padre Antônio ocorreram em terras brasileiras dadas as suas ações de intervenção junto aos indígenas, as quais intencionavam afastá-los dos colonos para garantir sua catequização. As leis locais e as decisões dos colonos, muitas vezes, confrontavam com a política indigenista praticada pelos jesuítas; por essa razão, os missionários achavam prudente o afastamento dos indígenas, bem como sua fixação em locais que permitissem o processo de evangelização e impedissem o nomadismo dos nativos.

Vieira foi perseguido pela Inquisição sob a acusação de defender os cristãos novos e sua permanência em Portugal, pois para ele Portugal não se sustentaria sem recursos após a restauração da independência alcançada com D. João IV. O capital necessário para que Portugal recuperasse força econômica poderia ser injetado com a presença de judeus no país e com a suspensão do confisco dos bens daqueles que fossem presos, opinião que desagradava os inquisidores. Após a morte de seu protetor, ele é julgado e condenado pela Inquisição, mas sua defesa pelo papa anula o processo, impedindo ainda que Vieira fosse novamente alvo da Inquisição.

A sua vasta e importante obra fez com que o poeta português modernista Fernando Pessoa o homenageasse como o “Imperador da Língua Portuguesa”, em poema dedicado no livro *Mensagem*. O poema alude à engenhosidade da escrita de Padre Antônio Vieira, além de se referir ao livro utópico, *História do futuro*, segundo o qual Portugal seria o quinto império a dominar o mundo, sucedendo os quatro anteriores, assírio, persa, grego e romano.

A engenhosidade argumentativa vista nos textos do Barroco ganha outra dimensão nos sermões escritos por Vieira. O seu domínio da técnica sermonista apresenta um discurso engenhoso e uma eloquência capaz de persuadir os ouvintes para os quais pregava dos púlpitos das igrejas. Os temas dos sermões eram regulados pelo **calendário litúrgico** e associados ao evangelho do dia em que seria pregado. Vieira preocupava-se em construir um texto que estabelecesse relações com a vida da comunidade, por essa razão as comparações e as alegorias estão presentes na construção de seus sermões.

**calendário litúrgico:** período de 12 meses, divididos em tempos litúrgicos, nos quais se celebram os mistérios da vida de Cristo.



Mestre desconhecido. *Retrato do Padre Antônio Vieira*. Óleo sobre tela, 90 cm × 66 cm. Torre do Tombo, Portugal.

O crítico Antonio Candido afirma em seu ensaio “Letras e ideias no período colonial”, publicado no livro *Literatura e sociedade*, que os autores do século XVII formam um grupo atrelado à diretriz cultista ou conceptista cuja formação é portuguesa e direcionada por interesses administrativos ou religiosos, o que levou ao ajuste dos impulsos locais. Nesse sentido, o autor alude à prática dos sermões fechada nos limites de pequenos grupos para os quais eram direcionados sob o signo doutrinador. Embora Candido não considere a produção de autores barrocos literatura propriamente dita, uma vez que as classifica como “manifestações literárias”, não podemos negar a elaboração minuciosa e o trabalho linguístico primoroso de Padre Antônio Vieira, permitindo que seja considerado um grande artista da língua portuguesa. A elaboração de seus sermões segue uma lógica conceptista pautada no raciocínio e no recurso da argumentação.

Estrutura do sermão:

- **Exórdio:** exposição do assunto a ser discutido.
- **Exposição e confirmação:** defesa de uma ideia baseada na argumentação.
- **Peroração:** conclusão.

Os sermões são iniciados por um conceito praticável, textos bíblicos que consistem no uso de alegorias para demonstrar a fé ou alguma verdade moral. Trata-se de um texto que serve de mote para a introdução do sermão. No *Sermão da Sexagésima*, pregado na Capela Real em 1655, o conceito praticável é retirado da parábola do sementeiro no evangelho de São Lucas: “*Semen est verbum Dei*” (a semente é a palavra de Deus). Com base nesse mote, Padre Antônio Vieira propõe a discussão a respeito do alcance da palavra de Deus sobre os ouvintes. Depois de apresentar o tema e definir a matéria do sermão, a questão é problematizada:

Nunca na Igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva, não há um moço que se arrependa, não há um velho que se desengane. Que é isto?

VIEIRA, Pe. Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Sermões Escolhidos*. São Paulo: Edameris, 1965. v. 2. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023.

Os argumentos desenvolvidos ao longo do texto se debruçam sobre o problema identificado pelo sermonista, o fato de a palavra não estar fazendo frutos. A lógica argumentativa organiza três possibilidades de respostas que induzem o interlocutor a identificar a solução para a problemática, seguindo os passos de uma construção alegórica engenhosa.

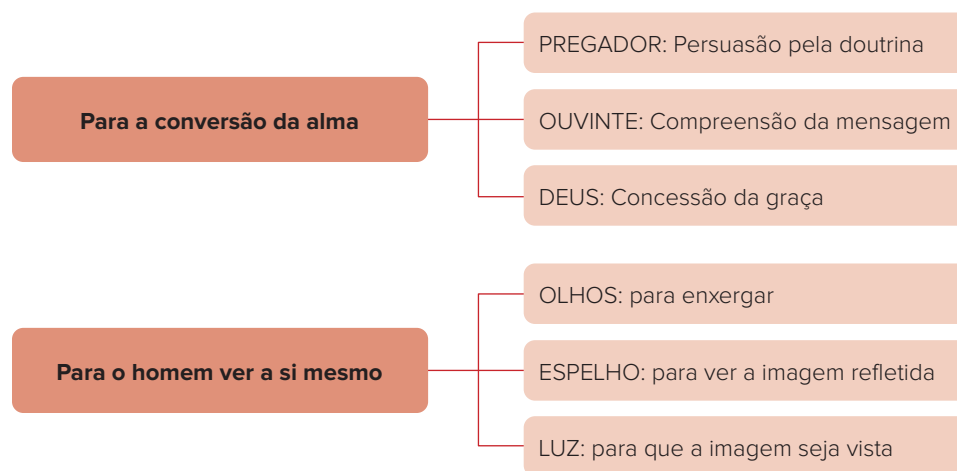
Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas:



olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego, não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo, há mister luz, há mister espelho e há mister olhos. Que coisa é a conversão de uma alma, senão entrar um homem dentro em si e ver-se a si mesmo? Para esta vista são necessários olhos, e necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles devemos entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?

VIEIRA, Pe. Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Sermões Escolhidos*. São Paulo: Edameris, 1965. v. 2. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023.

A **alegoria** é um recurso atrelado à agudeza de raciocínio que estabelece uma relação entre elementos concretos – olhos, espelho, luz – que se referem a elementos abstratos – conhecimento, doutrina, graça – com o objetivo de convencer os fiéis de que os culpados pelo pouco fruto da palavra de Deus são os pregadores preocupados em ornamentar o texto, deixando-os rebuscados, superficiais e vazios. Veja o esquema construído para induzir o leitor a essa conclusão:



### ! Atenção

A alegoria é um recurso que utiliza a representação de uma ideia ou pensamento por meio da figuração.

No intuito de encontrar o culpado, o sermão de Padre Antônio Vieira inocenta Deus e o ouvinte, acusando o pregador:

Mas como em um pregador há tantas qualidades, e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? – No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, e ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala. Todas estas circunstâncias temos no Evangelho. Vamo-las examinando uma por uma e buscando esta causa. Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será porque antigamente os pregadores eram santos eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores são eu e outros como eu? – Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia. Reparaí. Não diz Cristo: saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia: *Ecce exiit, qui seminatur, seminare*. Entre o semeador e o que semeia há muita diferença. Uma coisa é o soldado e outra coisa o que peleja; uma coisa é o governador e outra o que governa. Da mesma maneira, uma coisa é o semeador e outra o que semeia; uma coisa é o pregador e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que saneia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter o nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o Mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? – o conceito que de sua vida têm os ouvintes.

VIEIRA, Pe. Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Sermões Escolhidos*. São Paulo: Edameris, 1965. v. 2. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf). Acesso em 8 jul. 2023.

Ao analisar cinco circunstâncias importantes para a pregação – pessoa, ciência, matéria, estilo e voz –, Vieira explica a estrutura ideal de um sermão com base na metáfora da árvore, que tem raízes, tronco, ramos, folhas, varas, flores e frutos, assim como o sermão deve ser fundado em um único tronco e oriundo de raízes, ou seja, feito de uma só matéria que lhe dá sustentação.

Uma árvore tem raízes, tem tronco, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há-de ser o sermão: há-de ter raízes fortes e sólidas, porque há-de ser fundado no Evangelho; há-de ter um tronco, porque há-de ter um só assunto e tratar uma só matéria; deste tronco não-de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria e continuados nela; estes ramos não-de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos não-de ser vestidos e ornados de palavras. Há-de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há-de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo,



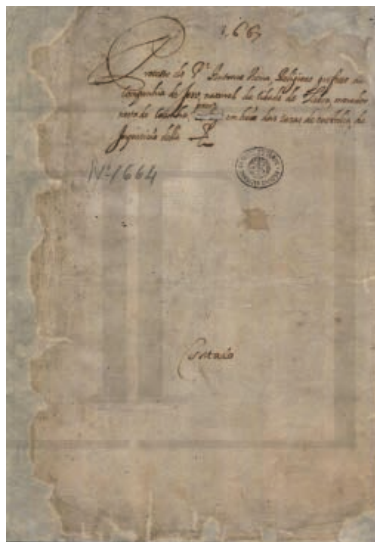
há-de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há-de ordenar o sermão. De maneira que há-de haver frutos, há-de haver flores, há-de haver varas, há-de haver folhas, há-de haver ramos; mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravilhas. Se tudo são folhas, não é sermão, são versas. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe. Se tudo são flores, não é sermão, é ramalhete. Serem tudo frutos, não pode ser; porque não há frutos sem árvore. Assim que nesta árvore, à que podemos chamar “árvore da vida”, há-de haver o proveitoso do fruto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos; mas tudo isto nascido e formado de um só tronco e esse não levantado no ar, senão fundado nas raízes do Evangelho: *Seminare semen*. Eis aqui como hão-de ser os sermões, eis aqui como não são. E assim não é muito que se não faça fruto com eles.

VIEIRA, Pe. Antônio. *Sermão da Sexagésima*. In: *Sermões Escolhidos*. São Paulo: Edameris, 1965. v. 2. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023.

A árvore torna-se símbolo do conceito a ser desenvolvido ao longo do sermão, ou seja, tal como uma árvore, o tema abordado deve iniciar o texto e ser retomado pelo sermão em sua conclusão. Com essa explicação clara e objetiva sobre a construção de um texto por um autor no século XVII, Padre Antônio Vieira critica o modo como muitos sermões elaboravam seus textos, apoiados em estruturas confusas e muito rebuscadas, não estimulando os fiéis a seguir os dogmas cristãos. Para ele, o sermão deve atingir este objetivo: os ensinamentos bíblicos.

### Saiba mais

Padre Antônio Vieira foi acusado pelos crimes de proposições heréticas, temerárias, mal soantes e escandalosas, tendo seu direito de pregar impedido pela Inquisição em 23 de dezembro de 1667. As informações presentes nos documentos oficiais estão disponíveis nos arquivos da Torre do Tombo, localizada em Lisboa, Portugal, podendo ser acessadas no site da instituição. Disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/padre-antonio-vieira-nos-carceres-da-inquisicao/> (acesso em: 8 jul. 2023).



Arquivo Nacional Torre do Tombo, Lisboa

Processo do Pe. Antonio Vieira, 1659-1668. Torre do Tombo, Lisboa, Portugal.

## Gregório de Matos Guerra

### O grande poeta da colônia no século XVII

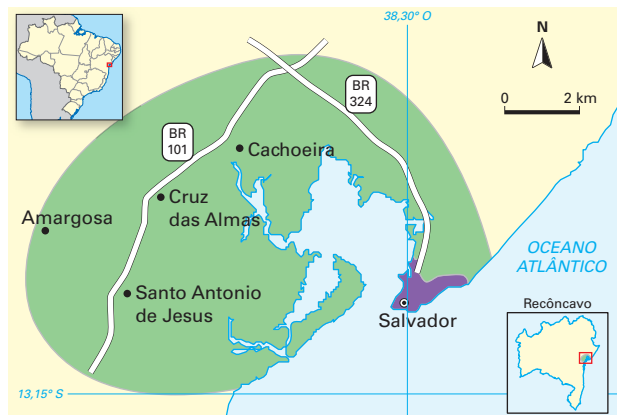
Gregório de Matos Guerra nasceu em 1636, na capital baiana, Salvador, filho de uma brasileira com um português que pertencia à série dos escudeiros em Ponte de Lima. Em um ambiente rico e influente, o poeta teve a oportunidade de estudar no Colégio dos Jesuítas, dando continuidade aos estudos em Direito na cidade de Coimbra, Portugal. O período na metrópole estende-se por três décadas, de 1652 a 1681, quando Gregório atua como juiz de Alcácer do Sal, na região do Alentejo. Os cargos desempenhados no Brasil após seu retorno são de Vigário-geral e Tesoureiro-mor da Sé, tendo sido afastado pelas suas desavenças e resistência à hierarquia. Sua veia satírica e as críticas mordazes a todos os segmentos sociais justificam a alcunha de “Boca do Inferno”, fruto da sua produção satírica de poemas no estilo barroco popular, elaborados no período em que o poeta se tornou um cantor itinerante pelo Recôncavo Baiano. A acidez de Gregório trouxe-lhe problemas na vida pública, resultando no desterro em Angola. Sua morte se dá em 1696, em Pernambuco, depois de ter se fixado no Brasil novamente.



João Souza/Shutterstock.com

Estátua do poeta Gregório de Matos em Salvador, Bahia.

## Municípios do Recôncavo Baiano



Elaborado com base em: MUNICÍPIOS dos Campi. UFRB, 3 mar. 2009. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/994-municipios-dos-campi>. Acesso em: 8 jul. 2023.

O poeta baiano sempre dividiu a opinião da crítica, sua figura ainda considerada controversa é, no entanto, de extrema importância no que se refere ao processo de consolidação do cânone literário brasileiro, cujo desenho começa a ser formado no século XVII, período colonial. Homem de perfil insolente, o poeta levou a crítica – dividida – a diversas opiniões sobre seu caráter e sua produção poética. Entre os nomes que se dedicaram ao estudo da poesia gregoriana, Francisco Adolfo de Varnhagen considera cínica a filosofia presente em seus versos, o que faz o poeta parecer um insano e, muitas vezes, indecente. Já a crítica de Sílvio Romero é contrária ao desencanto de Varnhagen, pois Romero vê em Gregório de Matos Guerra o sentimento de nacionalidade, além de considerado lirismo, digno de aclamação.

[...] é pelo lado humorístico e satírico que o baiano foi um fator nacional. Aí dá ele entrada a certos termos puramente *brasileiros* e emprega um torneio de linguagem inteiramente popular. Apreciam-se, lendo as suas sátiras escritas no Brasil, [...] a diferenciação já crescente da *maneira brasileira* de manejar a língua; a tendência de ridicularizarem-se entre si, que pronunciadamente animava as três raças formadoras de nossa população.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. (fragmento).

José Veríssimo, por sua vez, discorda de Romero quanto aos rompantes de cunho nativista do autor baiano. Para Veríssimo, Gregório é um poeta impulsivo, contraditório e rabugento. As opiniões dos dois críticos se anulam, pois há o discurso de exaltação daquele que seria o primeiro poeta do Brasil, em oposição à opinião que coloca em xeque a postura anticolonialista do poeta. Além da divergência de opiniões, há ainda a problemática sobre a formação da literatura brasileira. Como vimos anteriormente, há críticos que não consideram a produção anterior à Independência do Brasil como um sistema literário por não haver projeto estético definido, autores conscientes de seu papel e público leitor. De qualquer forma, é inegável a riqueza poética do primeiro poeta brasileiro.

A obra de Gregório de Matos foi organizada em uma antologia em 1975 pelo professor e crítico literário José Miguel Wisnik a convite do editor José Paulo Paes, pois na época eram raras as edições de seus escritos. A obra se organiza da seguinte maneira:

- **poesia de circunstância:** dividida em satírica e encomiástica
- **poesia amorosa:** dividida em lírica e erótico-irônica
- **poesia religiosa**

A **poesia de circunstância** está associada a situações e eventos corriqueiros, como as festividades, em que locais e personalidades são elogiados (encomiástica) ou criticados (satírica). Nos poemas amorosos, há uma dupla face, as contradições do amor e o aspecto sensual e carnal. Já na poesia religiosa, são evidentes os preceitos barrocos e a dualidade entre matéria e espírito.

Em muitos de seus poemas satíricos, Gregório de Matos critica os desmandos da metrópole portuguesa. Um dos mais emblemáticos foi analisado ao longo dos tempos com base em uma visão equivocadamente nativista, por fazer referência ao tratamento que a Bahia dava aos nativos, sendo-lhes madrasta. No entanto, a “opulenta cidade” é sede de estrangeiros, os quais são chamados pelo poeta de paisanos.

### Senhora Dona Bahia

Senhora Dona Bahia,  
nobre e opulenta cidade,  
madrasta dos Naturais,  
e dos Estrangeiros madre.

Se o fazeis pelo interesse,  
de que os estranhos vos  
[gabem,  
isso os Paisanos fariam  
com duplicadas vantagens.

Dizei-me por vida vossa,  
em que fundais o ditame  
de exaltar, os que aí vêm,  
e abater, os que ali nascem?

E suposto que os louvores  
em boca própria não cabem,  
se tem força terá a verdade.  
[...]

GUERRA, Gregório de Matos. In: *Poemas escolhidos*. Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 53.

Diante desses primeiros versos, o leitor desavisado vê o suposto espírito de nacionalidade do poeta que questiona o tratamento hostil da cidade da Bahia direcionado aos seus naturais em contraponto ao prestado aos estrangeiros. No entanto, o seguimento à leitura permite a percepção da origem da crítica do poeta, a qual se direciona, verdadeiramente, aos homens, antes pobres, que chegam ricos às terras baianas por intermédio do mercado.

Embora tenha sido influenciado pela vertente barroca e figuras singulares como Góngora e Quevedo, sua produção artística satírica ganhou atenção da crítica literária por seu tom irreverente e ácido diante da estrutura social da colônia. Autor incansável, não poupava nenhuma camada social, sua língua ferina se voltava contra o governo, que ele chamava de falsa nobreza da terra, personalidades do clero, negros, mulatos etc. Confira um trecho de um poema extraído de *Poemas escolhidos*.

## Ao padre Lourenço Ribeiro, homem pardo que foi vigário da Freguesia do Passé

Que vos direi do Mulato,  
que vos não tenha já dito,  
se será amanhã delito  
falar dele sem recato:  
não faltará um mentecapto,  
que como vilão de encerro  
sinta, que deem no seu perro,  
e se porta como um cão:  
milagres do Brasil são.  
Imaginais, que o insensato  
do canzarrão fala tanto,  
porque sabe tanto, ou quanto,  
não, senão porque é mulato:  
ter sangue de carrapato  
ter estoraque de congo  
cheirar-lhe a roupa a mondongo  
é cifra de perfeição:  
milagres do Brasil são.

GUERRA, Gregório de Matos. In: *Poemas escolhidos*.  
Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010. p. 49.

O padre Lourenço Ribeiro, pregador da Bahia, era conhecido pelas trovas que cantava acompanhadas de instrumento musical. Em alguns versos, ele desdenha dos poemas de Gregório de Matos, o que leva o poeta baiano a revidar com sua acidez poética ferina.

As críticas inúmeras não consideravam a posição social do alvo criticado, mas Gregório vocifera contra a flexibilização social em vários de seus versos, especialmente em relação aos mulatos. Por representarem a ruptura com a fixidez social então vigente, os mulatos teriam o caráter duvidoso, já que não são negros escravizados nem homens brancos livres, logo são alvo constante da poesia satírica gregoriana.

Vale ressaltar que a literatura colonial à época da produção gregoriana apresenta a sobreposição cultural de uma etnia ou cultura sobre a outra, evidenciada no silenciamento e na marginalização do homem colonizado. No entanto, precisamos atentar ao fato de que Gregório de Matos é um autor do período colonialista, cuja estrutura social se baseia nas relações previstas pela sociedade escravocrata do contexto de produção canavieira, logo nossa leitura não pode ser anacrônica do ponto de vista histórico. Para o poeta, a rigidez estamental deveria ser defendida, por isso a flexibilização social e o sistema de privilégios são alvo de crítica.

Já a poesia amorosa apresenta outro trato da linguagem, sintetizando as características barrocas, como a dualidade matéria-espírito, além das contradições do amor e da constatação da efemeridade da vida humana.

### SONETO VII

Ardor em firme coração nascido!  
Pranto por belos olhos derramado!  
Incêndio em mares de água disfarçado!  
Rio de neve em fogo convertido!

Tu, que em um peito abrasas escondido,  
Tu, que em um rosto corres desatado,  
Quando fogo em cristais aprisionado,  
Quando cristal em chamas derretido.

Se és fogo como passas brandamente?  
Se és neve, como queimas com porfia?  
Mas ai! Que andou Amor em ti prudente.

Pois para temperar a tirania,  
Como quis, que aqui fosse a neve ardente,  
Permitiu, parecece a chama fria.

GUERRA, Gregório de Matos. In: *Poemas escolhidos*.  
Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010. p. 232.

### Discreta e formosíssima Maria

Discreta e formosíssima Maria,  
Enquanto estamos vendo a qualquer hora  
Em tuas faces a rosada Aurora,  
m teus olhos e boca o Sol e o dia:

Enquanto com gentil descortesia,  
O ar, que fresco Adônis te namora,  
Te espalha a rica trança brilhadora  
Quando vem passear-te pela fria...

Goza, goza da flor da mocidade,  
Que o tempo trata a toda a ligeireza,  
E imprime em toda a flor sua pisada.

Ó não guardes, que a madura idade,  
Te converta essa flor, essa beleza,  
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

GUERRA, Gregório de Matos. In: *Poemas escolhidos*.  
Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010. p. 338.

O primeiro soneto trabalha com o jogo de elementos opostos incêndio/água, neve/fogo e com os oxímoros “neve ardente” e “chama fria”, em construções simétricas, o que indica uma tentativa do homem barroco em amenizar suas tensões e contradições no nível da linguagem literária.

[...] Gregório mostra-se hábil na espécie de alquimia dos contrários com que Gérard Genette caracterizou a “fórmula da ordem barroca”, sua “dialética fulminante”. [...] Nos limites desse trajeto, o diferente torna-se idêntico, o outro torna-se o mesmo. [...] Essa oposição, desdobrada através das variações do contraste básico entre fogo e água, ganha com os quiasmos, um caráter simétrico (o quiasmo como a figura do espelho, que contém em si o idêntico e o diferente, a igualdade invertida).

GUERRA, Gregório de Matos. In: *Poemas escolhidos*.  
Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010. p. 29-30.

O segundo soneto se refere a um tema comum no Barroco, a passagem do tempo ligeiro que pisa a flor da mocidade, logo é preciso aproveitar a juventude, antes que a beleza se converta “em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada”. Essa perspectiva de aproveitamento retoma a ideia do *carpe diem*, porém associado à angústia do homem do século XVII atormentado pela não



conciliação dos opostos. A poesia religiosa sintetiza a dualidade matéria/espírito lançada na dualidade culpa/perdão. Comumente, os poemas religiosos de Gregório de Matos apresentam uma argumentação de um discurso engenhoso que pretende alcançar a salvação por meio da construção linguística. No poema “A Jesus Cristo, nosso Senhor”, apresentado anteriormente, vimos que o eu lírico coloca Deus em xeque sobre a glória alcançada pelo perdão dado ao pecador. No soneto seguinte, o ato de contrição dos pecados é percebido ao longo dos versos, nos quais o eu lírico confessa estar “arrependido a tanta enormidade” e pronto para a salvação, sendo o apelo perceptível nos versos finais, em que ele pede a misericórdia divina.

**carpe diem:** aproveite o dia; locução usada para enfatizar a necessidade de se aproveitar o presente, o momento atual, o agora, o dia de hoje.

### A Nosso Senhor Jesus Cristo com atos de arrependimento e suspiros de amor

Ofendi-vos, meu Deus, bem é verdade,  
É verdade, Senhor, que hei delinquido,  
Delinquido vos tenho, e ofendido,  
Ofendido vos tem minha maldade.

Maldade, que encaminha a vaidade,  
Vaidade, que todo me há vencido;  
Vencido quero ver-me e arrependido,  
Arrependido a tanta enormidade.

Arrependido estou de coração,  
De coração vos busco, dai-me os braços,  
Abraços, que me rendem vossa luz.

Luz, que claro me mostra a salvação,  
A salvação pretendo em tais abraços,  
Misericórdia, amor, Jesus, Jesus.

GUERRA, Gregório de Matos. In: *Poemas escolhidos*.  
Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010. p. 315.

Apesar de terem sido escritos no século XVII, os poemas de Gregório de Matos Guerra ainda são muito aclamados, principalmente por artistas da música brasileira. Caetano Veloso, em 1970, incorporou trechos do poema “Triste Bahia” em uma de suas canções do disco *Transa*. O professor e crítico literário Miguel José Wisnik, além de organizar a coletânea de *Poemas escolhidos*, musicou um dos poemas do poeta baiano, “Mortal loucura”, no qual é utilizado o processo da **disseminação e recolha**, recurso que visa espalhar as palavras nos versos e recolhê-los. Confira o poema a seguir na voz de Wisnik, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AtVGICYRTZO> (acesso em: 8 jul. 2023).

### Mortal loucura

Na oração, que desaterra ..... a terra,  
Quer Deus que a quem está o cuidado ..... dado,  
Pregue que a vida é emprestado ..... estado,  
Mistérios mil que desenterra ..... enterra.

Quem não cuida de si, que é terra, ..... erra,  
Que o alto Rei, por afamado ..... amado,  
É quem lhe assiste ao desvelado ..... lado,  
Da morte ao ar não desaferra, ..... aferra.

Quem do mundo a mortal loucura ..... cura,  
A vontade de Deus sagrada ..... agrada  
Firmar-lhe a vida em atadura ..... dura.

O voz zelosa, que dobrada ..... brada,  
Já sei que a flor da formosura, ..... usura,  
Será no fim dessa jornada ..... nada.

GUERRA, Gregório de Matos. In: *Poemas escolhidos*.  
Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010. p. 327.

### Arcadismo: o resgate do modelo clássico

O elemento natural surge no movimento chamado **Arcadismo**, retomando o conceito clássico em ruptura com a estética barroca influenciada pela tensão religiosa. O **século das luzes** determina novos rumos para o pensamento humano mais voltado ao racionalismo; a ciência e a razão funcionam como faróis que iluminam os caminhos para longe da confusão obscurantista do século anterior.

A crença na racionalidade pautada no conjunto de ideias de saber enciclopédico altera a mentalidade do homem que deseja recuperar seu impulso de observação dos fenômenos naturais. Esse aspecto do conhecimento era característico do modelo greco-latino ressurgido no Renascimento; por essa razão, o Arcadismo pode ser chamado de **Neoclassicismo**, visto que conceitos ligados a Verdade, Razão e Beleza serão resgatados mais uma vez.

### A lírica neoclássica

Os temas e as regras da poesia clássica permearão os textos produzidos nesse movimento estético, assim como a mitologia, de onde se originou o nome dessa escola literária. A Arcádia é uma região localizada no Peloponeso, na Grécia antiga, onde habitam pastores e ninfas e reina Pã, deus dos bosques, rebanhos e pastores. O **espaço bucólico** rústico e natural de vales, montanhas, onde os seres caçam, cantam, dançam e cultivam a poesia, é sinônimo da harmonia que procuram os autores do Arcadismo. Nesse sentido, a imagem de pastores, musas e seres mitológicos surge para compor a produção elaborada nas arcádias, academias de reuniões de poetas que buscavam a restauração do modelo de poesia clássica, imitando os gregos e latinos.





Gemäldegalerie Alte Meister, Dresden

Nicolas Poussin. *Pan e Syrinx*, 1637. Óleo sobre tela, 820 cm × 1060 cm. Gemäldegalerie Alte Meister Dresden, Alemanha.

Os preceitos do poeta clássico Horácio (65-8 a.C) foram retomados em resposta ao excesso da arte barroca, do rebuscamento e da ornamentação presentes nas artes visuais e na poesia. O ideal de vida simples marca a tendência ao **bucolismo**, o que representa simplicidade na estrutura dos textos escritos em ordem direta e em composições mais objetivas. Os principais temas latinos presentes na poesia árcade são:

Características do Arcadismo	
<b>Carpe diem</b>	Colher o dia: associação ao aproveitamento da vida passageira.
<b>Locus amoenus</b>	Lugar ameno: apreciação da natureza tranquila e agradável, espaço para o encontro amoroso.
<b>Aurea mediocritas</b>	Vida mediana: simbologia do valor das coisas simples e da vida humilde, sábia e espiritual.
<b>Inutilia trunat</b>	Cortar o inútil: preocupação em eliminar os excessos, o rebuscamento e a ornamentação.
<b>Fugere urbem</b>	Fuga da cidade: valorização campestre em oposição à vida urbana e material.

**bucolismo:** relativa à vida pastoril, essa expressão se refere às obras literárias que abordam a temática campestre e pastoril.

### Nos campos o vilão sem sustos passa

Nos campos o vilão sem sustos passa,  
inquieto na corte o nobre mora;  
o que é ser infeliz aquele ignora,  
este encontra nas pompas a desgraça:

aquele canta e ri; não se embarça  
com essas coisas vãs que o mundo adora:  
este (oh cega ambição!) mil vezes chora,  
porque não acha bem que o satisfaça:

aquele dorme em paz no chão deitado,  
este no ebúrneo leito precioso  
nutre, exaspera velador cuidado:

triste, sai do palácio majestoso;  
Se hás de ser cortesão, mas desgraçado,  
antes ser camponês, e venturoso.

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. Nos campos o vilão sem susto passa. In: *Sonetos e outros poemas, de Bocage*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000059.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2023.

No soneto do poeta português **Manuel Maria Barbosa du Bocage** (1765-1805), de pseudônimo pastoril Elmano Sadino, há o contraste entre a vida experimentada pelo nobre na Corte, que “encontra nas pompas a desgraça” do “palácio majestoso”, e a vida do vilão, aquele que mora no campo, “venturoso” e satisfeito, pois “dorme em paz no chão deitado”. A tônica da natureza aprazível, presente no soneto e em inúmeros poemas neoclássicos, apresenta o ideal árcade de natureza acolhedora e símbolo de equilíbrio, pois o conceito clássico o considera fonte da verdade.

As descobertas de Isaac Newton sobre a gravitação estão intimamente relacionadas a essa busca do homem pela explicação de forma racional dos fenômenos naturais, ou seja, trata-se de uma ótica científica que não considera a perspectiva mística como caminho para justificar o funcionamento da natureza. A valorização do conhecimento empírico sinaliza os caminhos do homem que rompe com os valores teocêntricos do movimento Barroco e concentra-se no panorama antropocêntrico de entendimento do universo. Essa relação íntima com a ciência ilumina os novos caminhos do pensamento humano, o que explica o retorno ao tema clássico da natureza.

O século das luzes, como é chamado o período setecentista, propagou as ideias do **Iluminismo**, conjunto de tendências ideológicas e filosóficas características do racionalismo do século XVIII, cuja principal obra é a *Enciclopédia*, organizada pelos filósofos franceses Diderot e D'Alembert em 28 volumes, nos quais são descritas as concepções filosóficas de grandes nomes daquele momento. Entre os principais autores ligados à ciência e à filosofia, estão Immanuel Kant, Isaac Newton, John Locke, Jean-Jacques Rousseau, Montesquieu, Voltaire e Descartes.

Ao ler os poemas do Arcadismo, movimento associado a um contexto de fermentação política e filosófica, geralmente questionamos a sua relação próxima com os temas bucólicos e a apreciação da natureza, enquanto um espaço de prazer onde é possível viver de forma simples e humilde, longe do luxo, do conforto e da valorização material vistos na cidade. Ao considerarmos o contexto iluminista que serve de pano de fundo para essa produção estética, é possível compreender por que razão os campos verdejantes, as colinas e os rios de água cristalina são temas da poesia árcade.

A Revolução Francesa, ocorrida com a queda da Bastilha, em 14 de julho de 1789, prisão simbólica da opressão do Antigo Regime, foi um movimento que resultou da crise

política, econômica e social na França. Nesse contexto, a **Declaração dos direitos do homem e do cidadão** foi adotada para que se pudesse constituir a República Francesa. Os direitos de liberdade, propriedade e segurança passaram a ser, em tese, garantidos como **direitos naturais** de cada ser humano, considerado a partir de então como indivíduo perante o Estado. Confira os primeiros três artigos reconhecidos pela Assembleia Nacional francesa naquela ocasião:

**Art. 1º.** Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem ter como fundamento a utilidade comum.

**Art. 2º.** A finalidade de toda associação política é a preservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão.

**Art. 3º.** O princípio de toda a soberania reside, essencialmente, na nação. Nenhuma operação, nenhum indivíduo pode exercer autoridade que dela não emane expressamente.

A DECLARAÇÃO dos direitos do homem e do cidadão. *Embaixada da França no Brasil*, 13 jan. 2017. Disponível em: <https://br.ambafrance.org/A-Declaracao-dos-Direitos-do-Homem-e-do-Cidadao>. Acesso em: 8 jul. 2023.

Os primeiros artigos tutelam os direitos naturais do homem e, por isso, são inalienáveis e visam atingir todos os integrantes do corpo social.



Jean Jacques François Le Barbier. *Declaração dos direitos do homem e do cidadão*, 1789. Óleo sobre madeira, 71 cm × 56 cm. Museu Carnavalet, Paris, França.

A garantia de direitos, a eliminação do poder absoluto e a busca por igualdade entre os homens direciona, em certa medida, a produção do século XVIII. Nas agremiações (as arcádias), os poetas uniam-se e faziam conferências nas quais eram discutidos os princípios dessa estética voltada para a composição clássica. Em Portugal, a **Arcádia Lusitana**, fundada em 1756, apresentava um estatuto com 20 capítulos, entre os quais havia a orientação sobre a vestimenta dos participantes, que deveriam usar um lírio na lapela.

O **convencionalismo arcádico** adotado por esses autores visava delegar a voz lírica a um pastor inspirada na mitologia. Assim, o cenário acolhedor, humilde e aprazível é o lugar onde o pastor convida sua musa a aproveitar a vida de maneira simples em meio à natureza, longe de qualquer luxo ou elemento material que categoriza e distingue os indivíduos. Por essa razão, vamos ver os poemas árcades assinados por **pseudônimos** no lugar dos nomes de seus autores.

Em Portugal, as ideias iluministas que ilustravam o desprendimento da Igreja contribuíram para a constituição de uma universidade de ensino laico, cuja proposta educacional reformaria a educação portuguesa. Nesse período, o primeiro ministro do país era o Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, responsável pela política de antijesuitismo, medida que expulsou os jesuítas dos domínios portugueses. O pombalismo impulsionou o capitalismo e garantiu a modernização do ensino. As medidas severas do ministro geraram opiniões divergentes e influenciaram, inclusive, a produção literária brasileira, que discutiremos mais adiante.

## Arcadismo no Brasil: a conjuração mineira



Cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

No Brasil, em 1760, a **Arcádia Ultramarina** foi criada em Vila Rica (atual Ouro Preto), conhecida como “a pérola preciosa do Brasil”, cidade de destaque dada a extração do ouro. O lucro gerado com o escoamento de minerais fez com que o eixo econômico se deslocasse do Nordeste para o Sudeste, o que gerou uma elite mercantil e o povoamento da região, habitada por comerciantes, ourives e diversos artistas.

O contato com as ideias iluministas e com o desejo de liberdade impulsionou os estudantes brasileiros, muitos deles formados na Europa, a buscar mudanças para a situação da colônia explorada. A tentativa de se livrar da opressão da metrópole portuguesa levou os intelectuais brasileiros, entusiasmados com os ideais revolucionários ocorridos em outros países, a buscar justiça e liberdade por meio do movimento separatista chamado **Conjuração Mineira**.

Os principais poetas do Arcadismo no Brasil estavam intimamente envolvidos com o movimento que pretendia proclamar a República e se tornar independente dos domínios de Portugal. Delatados pelo “traidor dos inconfidentes”, Joaquim Silvério dos Reis, foram presos e julgados; José da Silva Xavier, o Tiradentes, por ter assumido a responsabilidade pelo movimento separatista, foi enforcado e esquartejado publicamente.



No livro *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, a imagem de Judas, personagem bíblico, é usada como metáfora da traição de Joaquim Silvério, que, segundo o texto, recebeu dinheiro, pediu pensão e perdão, alcançando quase tudo o que solicitava. Embora tenha sido publicado em 1953, o contexto histórico que permeia a obra modernista é exatamente o período relativo à extração do ouro, à crise provocada pela alta cobrança de impostos e à prisão e condenação dos inconfidentes. A voz narrativa adota a perspectiva dos envolvidos no movimento, possibilitando a sua versão da história. A estrutura polifônica, ou seja, com diversidade de vozes, permite que o próprio Tiradentes se expresse, mostre seu desespero após ser agarrado por soldados e questiona a própria dedicação ao movimento que o levou à prisão e à morte.

Museu Paulista da USP, São Paulo



Oscar Pereira da Silva. *Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes*, 1922. Óleo sobre tela. Museu Paulista da USP, São Paulo.

O cenário de descontentamento vivenciado pelos intelectuais propiciou a circulação de cartas anônimas nas ruas de Vila Rica, escritas sob disfarce. A **produção satírica** foi composta de 13 cartas, escritas em versos decassílabos brancos. Os críticos acreditam que o autor das cartas era Tomás Antônio Gonzaga, que estabelece um jogo de máscaras para fazer críticas aos desmandos, à injustiça, ao abuso de poder e à corrupção em Vila Rica.

Afirmam alguns, sem maior prova, que o poema circulava largamente por Vila Rica, em cópias manuscritas. É possível; mas na devassa da Inconfidência não se faz qualquer menção a ele, e no entanto seria pela de primeira ordem para delatores, acusadores e juízes. Parece, portanto, que as cópias tiveram curso pequeno e sigiloso. Nem teriam tempo de divulgar-se, visto como a repressão foi imediata à sua composição, que deve datar do fim do governo de Cunha Menezes, 1788, prolongando-se com certeza até o ano seguinte.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013. p. 170.

Apesar da circulação questionável, tomando o ponto de vista do crítico literário Antonio Candido, as *Cartas chilenas* representam a veia artística satírica de Tomás Antônio Gonzaga, que revela a tensão por meio de seus versos sobre os episódios arbitrários encabeçados pelo governador de Minas Gerais, principal alvo da crítica.

## CARTA 1ª

Em que se descreve a entrada que fez Fanfarrão em Chile.

Amigo Doroteu, prezado amigo,  
Abre os olhos, boceja, estende os braços  
E limpa, das pestanas carregadas,  
O pegajoso humor, que o sono ajunta.  
Critilo, o teu Critilo é quem te chama;  
Ergue a cabeça da engomada fronha  
Acorda, se ouvir queres coisas raras.  
“Que coisas, (tu dirás), que coisas podes  
Contar que valham tanto, quanto vale  
Dormir a noite fria em mole cama,  
Quando salta a saraiva nos telhados  
E quando o sudoeste e outros ventos  
Movem dos troncos os frondosos ramos?”  
É doce esse descanso, não te nego.  
Também, prezado amigo, também gosto  
De estar amadornado, mal ouvindo  
Das águas despenhadas brando estrondo,  
E vendo, ao mesmo tempo, as vãs quimeras,  
Que então me pintam os ligeiros sonhos.  
Mas, Doroteu, não sintas que te acorde;  
Não falta tempo em que do sono gozes:  
Então verás leões com pés de pato,  
Verás voarem tigres e camelos,  
Verás parirem homens e nadarem  
Os roliços penedos sobre as ondas.  
Porém que têm que ver estes delírios  
Co'os sucessos reais, que vou contar-te?  
Acorda, Doroteu, acorda, acorda;  
Critilo, o teu Critilo é quem te chama.

GONZAGA, Tomás Antônio. Carta 1ª. In: *Cartas chilenas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000300.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2023.

O remetente Critilo envia as “Cartas chilenas” a seu amigo Doroteu. Chile seria o Brasil, governado por Fanfarrão Minésio, nome irônico fictício que remete ao governador da Capitania de Minas Gerais, Luís da Cunha Menezes. No trecho, é possível notar que Critilo interpela o amigo que dorme, enquanto absurdos ocorrem em Santiago (Vila Rica).

Comumente, afirma-se que há nas linhas das *Cartas chilenas* um tom nativista, mas precisamos ter cuidado ao analisá-las. As críticas que vemos são direcionadas à má administração de Vila Rica, ou seja, ao mau governo, não às questões associadas aos interesses da terra. Segundo Antonio Candido, trata-se mais de um desconforto relacionado ao atentado que desequilibra a sociedade, tirando-a de sua estrutura natural, já que o governador flexibiliza a estrutura hierarquizada.

Com efeito, o horror manifestado à violação da lei se completa pelo que lhe desperta a violação do uso e do costume; de tal forma que Critilo não se sente mais seguro, nem mesmo situado, numa sociedade em que os homens de pro são menosprezados, as autoridades tratadas sem cortesia, as conveniências levemente puladas. Reinado da canalha é o subtítulo que se poderia dar à obra, tal a obsessão com que se refere à ascensão de mulatos, tendeiros, gente miúda em geral. O Fanfarrão alterou as relações naturais duma sociedade hierarquizada, e isto é crime solidário da concussão e da prepotência.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013. p. 177. (fragmento)

Tiradentes era alferes, mas não poeta como os demais envolvidos que também foram presos; porém, graças à intervenção da rainha, D. Maria I, com o intuito de suavizar algumas das ações cruéis tomadas pelo Marquês de Pombal, os inconfidentes receberam como sentença o exílio na África.

A lírica arcáde apresenta o espaço bucólico mineiro, muitas vezes permeado de riachos, montanhas, ilustrando a natureza e a rusticidade neoclássica, decorrentes do conceito de belo e verdadeiro, resultantes das formas naturais, como afirma Antonio Candido:

Com o intuito meramente ilustrativo, poderíamos dizer que há em literatura três atitudes estéticas possíveis. Ou a palavra é considerada algo maior que a natureza, capaz de sobrepor-lhe as suas formas próprias; ou é considerada menor que a natureza, incapaz de exprimi-la, abordando-a por tentativas fragmentárias; ou, finalmente, é considerada equivalente à natureza, capaz de criar um mundo de formas ideais que exprima objetivamente o mundo das formas naturais. [...] [No Classicismo], há portanto um esforço de equilíbrio, fundado no pressuposto de que as formas elaboradas pela inteligência se regem por leis essencialmente análogas às do mundo natural.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013. p. 57. (fragmento)

Os autores de destaque da lírica são Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, que usavam como pseudônimos os nomes dos pastores, Glauceste Saturnino e Dirceu, respectivamente.

### Cláudio Manuel da Costa

O poeta mineiro, Cláudio Manuel da Costa, é responsável por iniciar o Arcadismo no Brasil ao publicar *Obras*, em 1768. A presença de montes e vales na sua poética corroboram o fato de que Cláudio Manuel da Costa, mesmo sendo fiel ao modelo clássico em aludir à beleza natural, não deixava de cantar sua própria terra natal, enaltecendo as características próprias de Minas Gerais.

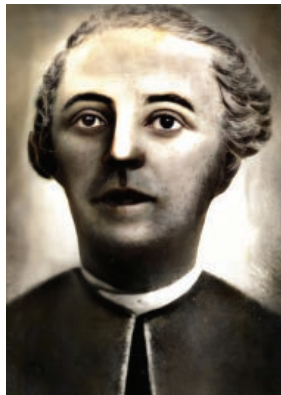


Ilustração de Cláudio Manoel da Costa.

Coletagem particular

Considerado o poeta mais fiel ao modelo clássico camoniano, escreveu inúmeros sonetos, entre eles os amorosos de temática petrarquista, nos quais sua principal musa, Nise, é louvada. Embora a musa seja sempre comparada com a natureza no intuito de o pastor evidenciar sua perfeição, declarando seu amor a ela, o sentimento não é correspondido, logo o pastor Glauceste sofre pela indiferença e ausência da amada.

### Pastores, que levais ao monte o gado

Pastores, que levais ao monte o gado,  
Vêde lá como andais por essa serra;  
Que para dar contágio a toda a terra,  
Basta ver-se o meu rosto magoado:

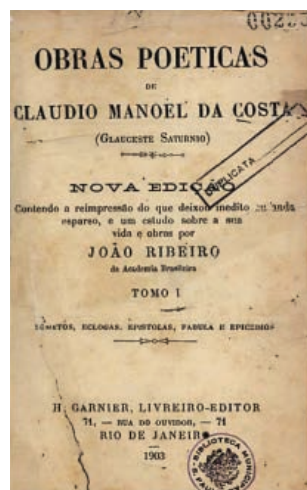
E quando (vós me vedes) tão pesado;  
É a pastora infiel, que me faz guerra,  
É a mesma, que em seu semblante encerra  
A causa de um martírio tão cansado.

Se a quereis conhecer, vinde comigo,  
Vereis a formosura, que eu adoro:  
Mas não; tanto não sou vosso inimigo:

Deixai, não a vejais; eu vo-lo imploro;  
Que se seguir quiserdes, o que eu sigo,  
Chorais, ó pastores, o que eu choro.

COSTA, Cláudio Manuel da. Pastores, que levais ao monte o gado. *Obras poéticas de Glauceste Saturnino*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000038.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2023.

Com o predomínio do sentido da visão, o eu lírico adverte seus interlocutores, os pastores que levam o gado ao monte, sobre a beleza de sua musa que faz qualquer observador sofrer, logo Nise é “a causa de um martírio tão cansado”.



Reprodução

Capa de *Obras poéticas*, de Cláudio Manoel da Costa.

Que inflexível se mostra, que constante  
Se vê este penhasco! já ferido  
Do proceloso vento, e já batido  
Do mar, que nele quebra a cada instante!

Não vi; nem hei de ver mais semelhante  
Retrato dessa ingrata, a que o gemido  
Jamais pode fazer, que enternecido  
Seu peito atenda às queixas de um amante.



Tal és, ingrata Nise: a rebeldia,  
Que vês nesse penhasco, essa dureza  
Há de ceder aos golpes algum dia:

Mas que diversa é tua natureza!  
Dos contínuos excessos da porfia,  
Recobras novo estímulo à fereza.

COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas de Glauceste Satúrnio*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000038.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2023.

O soneto de Cláudio Manuel da Costa alude ao ditado popular “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, expondo a crueza de sua musa Nise e crendo que um dia ela cederá aos golpes de seu amor.

O respeitado intelectual, que estudou Direito na Universidade de Coimbra, morreu enforcado na prisão, após ser capturado e preso sob a acusação de envolvimento na Conjuração Mineira. Há divergência entre os historiadores sobre a causa da morte, pois alguns defendem a tese de que Cláudio Manuel da Costa poderia ter sido vítima de assassinato. Essa tese é adotada no livro *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, que retoma os eventos do período aurífero mineiro. Nos trechos que aludem à morte do poeta, a voz lírica afirma que não crê na morte por suicídio e que doutores deixaram declarado que se tratava de um assassinato.

## Tomás Antônio Gonzaga



Biblioteca Nacional Digital, Rio de Janeiro

João Maximiliano Mafra. *Tomás Antônio Gonzaga*, 1843.

O poeta mais popular do Arcadismo foi Tomás Antônio Gonzaga, autor de um dos livros de maior destaque do século XVIII no Brasil, *Marília de Dirceu*. Marília é a musa de seu pastor Dirceu, inspirada na figura de Maria Doroteia Joaquina de Seixas, por quem o poeta nutriu grande paixão. Afastados em razão de seu envolvimento com a Conjuração Mineira, tendo ele sido exilado em Moçambique, conta-se que a moça o esperou até a morte, como uma viúva de um noivo com quem nunca conseguiu casar.

A tópica do *locus amoenus* é presente em grande parte de seus poemas, que optam por uma estrutura menos rígida como o soneto, ainda que seja notada a predileção pelos versos decassílabos, como podemos notar no texto seguinte.

## Marília de Dirceu

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio gado;  
De tosco trato, d' expressões grosseiro,  
Dos frios gelos, e dos sóis queimado.  
Tenho próprio casal, e nele assisto;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,  
E mais as finas lãs, de que me visto.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,  
Dos anos inda não está cortado:  
Os pastores, que habitam este monte,  
Com tal destreza toco a sanfoninha,  
Que inveja até me tem o próprio Alceste:  
Ao som dela concerto a voz celeste;  
Nem canto letra, que não seja minha,  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,  
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,  
Depois que teu afeto me segura,  
Que queres do que tenho ser senhora.  
É bom, minha Marília, é bom ser dono  
De um rebanho, que cubra monte, e prado;  
Porém, gentil Pastora, o teu agrado  
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um trono.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,  
A quem a luz do Sol em vão se atreve:  
Papoula, ou rosa delicada, e fina,  
Te cobre as faces, que são cor de neve.  
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;  
Teu lindo corpo bálsamos vapora.  
Ah! Não, não fez o Céu, gentil Pastora,  
Para glória de Amor igual tesouro.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Leve-me a sementeira muito embora  
O rio sobre os campos levantado:  
Acabe, acabe a peste matadora,  
Sem deixar uma rês, o nédio gado.  
Já destes bens, Marília, não preciso:  
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;  
Para viver feliz, Marília, basta  
Que os olhos movas, e me dês um riso.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000301.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2023.

O pastor mostra à sua amada todos os seus atributos, como juventude e dotes artísticos que são capazes de causar inveja em outros pastores. O espaço bucólico é o local onde Marília pode desfrutar dos prazeres da vida simples e natural com seu amado, longe da vida atribulada e cheia de luxo da cidade. Essa abordagem representa o ideal de *carpe diem* que se associa ao ideal de *aurora mediocritas*.

Segundo Antonio Candido, Tomás Antônio Gonzaga é um poeta cuja produção literária apresenta relação com sua vida amorosa. Assim, para compreender sua obra, é pertinente compreender que a musa Marília apresenta uma presença física nos poemas, muitas vezes, com descrição de suas feições.

Quando apareces  
na madrugada,  
mal embrulhada  
na larga roupa,  
e desgrenhada,  
sem fita ou flor;  
ah! que então brilha  
a natureza!

Então se mostra  
tua beleza  
inda maior.

[...]

Quando à janela saíres,  
sem querer, descuidada,  
tu verás Marília, a minha,  
e minha pobre morada,  
Pintam que entrando vou na grande igreja;  
pintam que as mãos nos damos,

Entra nesta grande terra,  
passa uma formosa ponte,  
passa a segunda; a terceira  
tem um palácio defronte.

Ele tem ao pé da porta  
uma rasgada janela:  
é da sala, aonde assiste  
a minha Marília bela.

Versos como esses personificam e localizam concretamente a bem-amada, dando-lhe uma realidade que podemos reconstruir, superpondo a Vila Rica um roteiro amoroso que o visitante procura captar, contemplando janelas, medindo distâncias, refazendo itinerários, de todo possuído pela topografia mágica do antigo amor.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013. p. 119-120.



Artista desconhecido. *Mulheres Famosas do Brasil: Marília de Dirceu*, 1967.

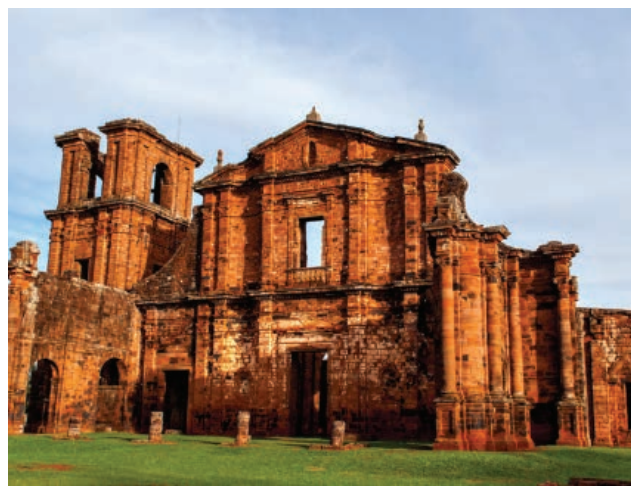
Ao depararmos com essa imagem de Marília, bem como outras em que a musa aparece vestida de forma campestre em meio a árvores e ovelhas, não podemos nos esquecer, porém, que Doroteia se desindividualizou para ser absorvida na convenção arcádica. Assim, ela é corpórea, diferindo-se de outras musas presentes nos poemas neoclássicos, mas ainda é uma pastora que compõe um espaço fictício.

## Arcadismo: a épica

Os poetas do Arcadismo brasileiro despertaram interesse pela épica, a fim de retomar alguns eventos do período colonial. Entre as principais produções, há a obra histórica *Vila Rica*, escrita por Cláudio Manuel da Costa, de temática voltada aos acontecimentos ligados à fundação da cidade. No entanto, são outros dois poemas épicos que ganham destaque entre as discussões críticas, principalmente pela presença da figura indígena como um herói moral diferente da imagem silvestre adotada nos textos dos primeiros séculos da colonização.

## O Uruguai, de Basílio da Gama

O poema épico de Basílio da Gama, publicado em 1769, rompe com o modelo camonian, pois apresenta versos brancos (sem rima) distribuídos em apenas cinco cantos sem estrutura fixa de estrofes. A divisão é a mesma de *Os Lusíadas* (proposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo), os versos são decassílabos e a proposta apresenta tom político, visto que o autor defende o ideal pombalino, o ataque ao projeto missionário dos jesuítas. Nesse sentido, a narrativa visa manchar a imagem do jesuíta, dando-lhe o papel de vilão da história.



Fachada das ruínas de São Miguel das Missões, um dos Sete Povos das Missões, no estado do Rio Grande do Sul.

O evento histórico que serve de pano de fundo à narrativa ficcional é a Guerra Guaranítica ocorrida entre 1752 e 1756 em Sete Povos das Missões, região onde hoje é o Rio Grande do Sul. O Tratado de Madri, acordado entre as coroas portuguesa e espanhola, visava a um novo conceito de fronteiras que colocaria fim ao Tratado de Tordesilhas, já não respeitado na prática. O novo tratado levaria em consideração os limites entre os territórios a partir de sua topografia, balizada pelos rios e montanhas.

Portugal cederia a Colônia do Sacramento e receberia, entre outros territórios, grande parte da região sul do país, localização das missões jesuíticas espanholas. No entanto, o acordo gerou desentendimentos entre os interessados, principalmente os jesuítas expulsos da região, o que teve como grave consequência o combate que deixou mais de 1 500 indígenas mortos, comandados pelo cacique **Sepé Tiaraju**.

A narrativa de Basílio da Gama conta como os jesuítas insuflaram os indígenas contra a força militar com o intuito de dominar o território e os nativos. Padre Balda – jesuíta pérfido que engravida uma nativa – tinha a intenção de casar seu filho, Baldeta, com Lindóia, esposa de Cacambo, guerreiro indígena morto por envenenamento pelo padre. O canto sobre a morte de Lindóia é o mais dramático, pois, em fuga, ao tentar escapar do ritual, ela acaba sendo mordida por uma cobra, enquanto adormecia já muito cansada no meio da floresta. Seu irmão Caitutu tenta salvá-la matando a serpente com uma flecha, mas já era tarde.

Cansada de viver, tinha escolhido  
Para morrer a mísera Lindóia.  
Lá reclinada, como que dormia,  
Na branda relva e nas mimosas flores,  
Tinha a face na mão, e a mão no tronco  
De um fúnebre cipreste, que espalhava  
Melancólica sombra. Mais de perto  
Descobrem que se enrola no seu corpo  
Verde serpente, e lhe passeia, e cinge  
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.  
Fogem de a ver assim, sobressaltados,  
E param cheios de temor ao longe;  
E nem se atrevem a chamá-la, e temem  
Que desperte assustada, e irrite o monstro,  
E fuja, e apresse no fugir a morte.  
Porém o destro Caitutu, que treme  
Do perigo da irmã, sem mais demora  
Dobrou as pontas do arco, e quis três vezes  
Soltar o tiro, e vacilou três vezes  
Entre a ira e o temor. Enfim sacode  
O arco e faz voar a aguda seta,  
Que toca o peito de Lindóia, e fere  
A serpente na testa, e a boca e os dentes  
Deixou cravados no vizinho tronco.  
Açouta o campo co'a ligeira cauda  
O irado monstro, e em tortuosos giros  
Se enrosca no cipreste, e verte envolto  
Em negro sangue o lívido veneno.  
Leva nos braços a infeliz Lindóia  
O desgraçado irmão, que ao despertá-la  
Conhece, com que dor! no frio rosto  
Os sinais do veneno, e vê ferido  
Pelo dente sutil o brando peito.  
Os olhos, em que Amor reinava, um dia,  
Cheios de morte; e muda aquela língua  
Que ao surdo vento e aos ecos tantas vezes  
Contou a larga história de seus males.

Gama, Basílio da. *O Uruguai*. Disponível em:  
[www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000094.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000094.pdf).  
Acesso em: 8 jul. 2023.



José Maria de Medeiros. *Lindóia*, 1882. Óleo sobre tela, 54,5 cm × 81,5 cm. Instituto Ricardo Brennand, Recife.

## **Caramuru, de Santa Rita Durão**

O Frei José de Santa Rita Durão publicou o poema épico *Caramuru* em 1781, cujo tema é exatamente o mesmo proposto por Basílio da Gama em *O Uruguai*, uma vez que se trata de um texto escrito por um jesuíta interessado em dar ênfase ao processo missionário na colônia. Nesse momento, Marquês de Pombal já havia sido afastado do poder por D. Maria I, rainha que o declara culpado pelos crimes cometidos com abuso de poder.

O fim da política pombalina permite que Durão escreva sua narrativa, seguindo fielmente os moldes da obra épica de Luís Vaz de Camões. O evento histórico que lhe serve de fio condutor é a aventura parcialmente verdadeira do naufrago Diogo Álvares Correia, que chegou à costa sul da Bahia no século XVI, tendo vivido com os indígenas da tribo Tupinambá, conhecidos pelas práticas antropofágicas. Segundo a obra *Caramuru*, os naufragos capturados foram presos em uma gruta:

XXX

Mas já três vezes tinha a Lua enchido  
Do vasto globo o luminoso aspecto,  
Quando o Chefe dos bárbaros temido  
Fulmina contra os seis o atroz decreto:  
Ordena que no altar seja oferecido  
O brutal sacrifício em sangue infecto,  
Sendo a cabeça às vítimas quebrada,  
E a gula infanda de os comer saciada.

XXXI

Em tanto que se ordena a brutal festa,  
Nada sabiam na marinha gruta  
Os habitantes da prisão funesta;  
Que ardilosa lho esconde a gente bruta:  
E enquanto a feral pompa já se apresta,  
Toda a pena em favor se lhe comuta;  
Nem parecem ter dado a menor ordem,  
Senão que comam, e, comendo engordem.

XXXII

Mimosas carnes mandam, doces frutas  
O araçá, o caju, coco, e mangaba;  
Do bom maracujá lhe enchem as grutas  
Sobre rimas, e rimas de guaiaba:  
Vasilhas põem de vinho nunca enxutas,  
E a imunda catimpuera, que da baba  
Fazer costuma a bárbara patrulha,  
Que só de ouvi-lo o estômago se embrulha.

DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/caramuru.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/caramuru.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023.





Theodore de Bry, *Preparo da carne humana em episódio canibal*, 1592. Gravura em cobre. Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo.

Diogo se integra aos rituais e práticas da tribo, como a caça, além de participar de batalhas. O título da obra se refere ao nome “Caramuru” – homem de fogo ou filho do trovão – dado pelos indígenas ao naufrago quando ele atira com sua arma de fogo, causando espanto. O convívio com os indígenas permitiu que Diogo iniciasse a atividade de catequização. Posteriormente, ele se casa com Paraguaçu, filha do cacique Taparica, e a leva para a França, onde é batizada com o nome de Catarina Álvares Paraguaçu.



Aristeu Chagas/Fotarena

Alegoria a Catarina Paraguaçu: detalhe do monumento ao 2 de julho (data da independência da Bahia), Salvador, Bahia.

Banhada a formosíssima Donzela  
No Santo Crisma, que os Cristãos confirma,  
Os Desposórios na Real Capela  
Com o valente Diogo amante firma:  
Catarina Álvares se nomeia a bela,  
De quem a glória no troféu se afirma,  
Com que a Bahia, que lhe foi Senhora,  
Noutro tempo, a confessa, e fundadora.

DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000099.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000099.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023.



No momento da partida rumo à França, Moema, uma das indígenas apaixonadas por Diogo Álvares Correia, joga-se ao mar e nada na tentativa de alcançar o navio que leva seu amado, morrendo afogada.

## XLI

Enfim, tens coração de ver-me aflita,  
Flutuar moribunda entre estas ondas;  
Nem o passado amor teu peito incita  
A um ai somente, com que aos meus respondas:  
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,  
(Disse, vendo-o fugir) ah não te escondas;  
Dispara sobre mim teu cruel raio...  
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

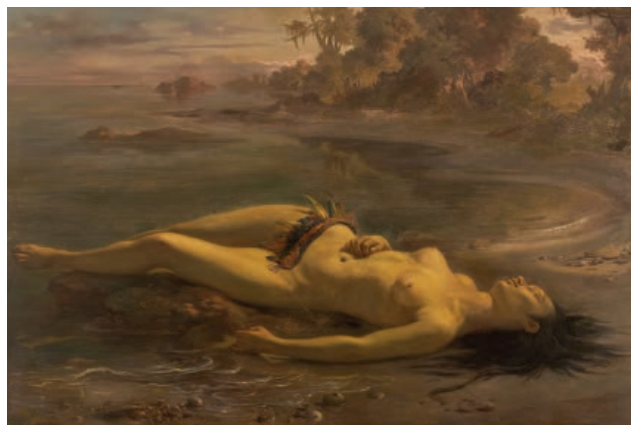
## XLII

Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,  
Pálida a cor, o aspecto moribundo,  
Com mão já sem vigor, soltando o leme,  
Entre as falsas escumas desce ao fundo:  
Mas na onda do mar, que irado freme,  
Tornando a aparecer desde o profundo;  
Ah Diogo cruel! disse com mágoa,  
E sem mais vista ser, sorveu-se n'água.

## XLIII

Choraram da Bahia as Ninfas belas,  
Que nadando a Moema acompanhavam;  
E vendo que sem dor navegam delas,  
À branca praia com furor tornavam:  
Nem pode o claro Herói sem pena vê-las,  
Com tantas provas, que de amor lhe davam;  
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,  
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000099.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000099.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023.



Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

Victor Meireles de Lima. *Moema*, 1866. Óleo sobre tela. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand/MASP, São Paulo.

As mortes por amor nas duas obras épicas do Arcadismo brasileiro, de Lindóia e de Moema, dialogam com a parte lírica do poema épico de Camões, em que Inês de Castro é morta por ter se envolvido em um romance proibido com o herdeiro da Coroa portuguesa.





A presença do indígena nas obras do século XVIII prenuncia o caráter heroico que será adotado pela literatura romântica no século XIX, que busca a identidade nacional no passado histórico.

Portanto, ao nos depararmos com obras pintadas no Romantismo, ainda que façam referência a um contexto anterior, a exemplo o século XVIII, precisamos atentar às intenções e ao contexto em que são constituídas.

A obra pintada por Pedro Américo, em 1893, foi encomendada cem anos depois da prisão e morte de Tiradentes. O contexto era a recente Proclamação da República, ocorrida em 1889, que, no entanto, ainda não havia se consolidado e precisava de elementos para garantir o apoio popular dada a crise econômica e financeira que tornavam frágil o novo regime adotado no país. Assim, Tiradentes, considerado uma figura simbólica por ter sido o único morto na Conjuração Mineira, atendia aos requisitos da construção mítica de um herói nacional.

As dimensões da tela (2,7 m de altura × 1,65 m de largura) chamam a atenção do observador, que se sensibiliza pela imagem semelhante às pinturas que buscavam retratar Jesus Cristo. A presença do crucifixo, além da posição do cadafalso similar a um altar, contribui para a comparação, que faz com que o herói nacional ganhe um caráter de mártir morto pela liberdade da nação. A posição do seu corpo esquartejado evoca o aspecto nacional, já que alude ao mapa do Brasil.



Pedro Américo. *Tiradentes esquartejado*, 1893. Óleo sobre tela, 270 cm × 165 cm. Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora, Minas Gerais.

## Revisando

1. Leia os textos seguintes para responder à questão.

### TEXTO I

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação Tabajara.

O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

[...]

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Saraiva, 1956. p. 13.

### TEXTO II

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.

CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta*. In: *Carta a El-Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023. (fragmento)

Indique os objetivos de Pero Vaz de Caminha ao escrever *A Carta* a D. Manoel e explique:

- a) Por que a descrição das nativas revela um choque cultural?
- b) Por que há significativas diferenças entre a descrição das indígenas na Carta de Pero Vaz e a da personagem de José de Alencar, Iracema?

2. Observe o quadro de Victor Meirelles e leia o trecho de *A Carta*, de Pero Vaz de Caminha.



Victor Meirelles. *Primeira missa no Brasil*, c. 1860. Óleo sobre tela, 268 cm × 356 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. E mandou a todos os capitães que se arranjassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão naquele ilhéu, e dentro levantar um altar mui bem arranjado. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes que todos assistiram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Ali estava com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saíra de Belém, a qual esteve sempre bem alta, da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação, da história evangélica; e no fim tratou da nossa vida, e do achamento desta terra, referindo-se à Cruz, sob cuja obediência viemos, que veio muito a propósito, e fez muita devoção. Enquanto assistimos à missa e ao sermão, estaria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos, como a de ontem, com seus arcos e setas, e andava folgando. E olhando-nos, sentaram.

CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta*. In: *Carta a El-Rei D. Manuel*. São Paulo: Dominus, 1963. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023. (fragmento)

O quadro e o texto se referem ao mesmo tema, mas foram produzidos em diferentes momentos da história brasileira. Ao analisar o conteúdo de cada obra, nota-se que:

- ambas as obras apresentam perspectivas similares quanto ao tema, planos e personagens.
- tanto Victor Meirelles quanto Pero Vaz adotam uma visão nacionalista sobre o evento.
- ainda que distintas, as obras se aproximam quanto ao sincretismo religioso abordado.
- o quadro se aproxima da carta dada a visão romântica típica do momento histórico.
- a tela de Victor Meirelles destaca a natureza, ao contrário da carta que destaca os índios.

3. Leia o poema a seguir.

### Discreta e formosíssima Maria

Discreta e formosíssima Maria,  
Enquanto estamos vendo a qualquer hora  
Em tuas faces a rosada Aurora,  
Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:

Enquanto com gentil descortesia  
O ar, que fresco Adônis te namora,  
Te espalha a rica trança voadora,  
Quando vem passear-te pela fria:

GUERRA, Gregório de Matos. *Seleção de obras poéticas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000119.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2023.

Identifique o tema do Barroco predominante no poema.

- Carpe diem*: rejeição barroca ao aproveitamento da juventude.
- Efemeridade da vida: consciência do fim da vida terrena.
- Medo de pecar: certeza da finitude do corpo e da matéria.
- Religiosidade: crença na existência de uma vida celestial.
- Arrependimento: remorso do passado pouco proveitoso.

Goza, goza da flor da mocidade,  
Que o tempo trota a toda ligeireza,  
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh não aguardes, que a madura idade  
Te converta em flor, essa beleza  
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.



4. Leia o trecho do sermão de Padre Antônio Vieira.

Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado: *Imitatoribus Christi crucifixi* – porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o cetro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós mal-tratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio.

VIEIRA, Pe. Antônio. *Sermão XIV*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000032pdf.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2022. (fragmento)

Embora Jean-Baptiste Debret tenha retratado cenas do cotidiano do Brasil no século XIX, uma delas estabelece diálogo com o tema do sermão de Vieira, escrito em 1633. Selecione uma das imagens seguintes e explique a sua relação com o sermão.

I

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



Jean-Baptiste Debret. *Feitores castigando negros*. In: *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. vol. II. Paris: Lith. G. Engelmann, 1835. pl. 25.

II

Coleção particular



Jean-Baptiste Debret. *Negros trabalhando no calçamento de ruas*, 1834-1839. Litografia colorida à mão, 49 cm × 34 cm.

III



Museus Castro Maya, Rio de Janeiro

Jean-Baptiste Debret. *Café torrado*, 1834-1839. Litografia colorida à mão, 49 cm × 34 cm.

IV



Coleção particular

Jean-Baptiste Debret. *Caboclo*, 1834-1839. Litografia colorida à mão, 49 cm × 34 cm.

V



Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Jean-Baptiste Debret. *Pequeno moinho portátil de açúcar*, 1768-1848. Litografia sobre papel, 32 cm × 47,2 cm.

FRENTE 2

5. Leia os versos do poema de Gregório de Matos Guerra para responder à questão seguinte.

### Epílogos

Que falta nesta cidade?.....Verdade.  
Que mais por sua desonra?.....Honra.  
Falta mais que se lhe ponha.....Vergonha.

O demo a viver se exponha,  
Por mais que a fama a exalta,  
numa cidade, onde falta  
Verdade, Honra, Vergonha.

Quem a pôs neste socrócio?.....Negócio.  
Quem causa tal perdição?.....Ambição.  
E o maior desta loucura?.....Usura.

Notável desventura  
de um povo néscio, e sandeu,  
que não sabe, que o perdeu  
Negócio, Ambição, Usura.  
[...]

O açúcar já se acabou?.....Baixou.  
E o dinheiro se extinguiu?.....Subiu.  
Logo já convalesceu?.....Morreu.

À Bahia aconteceu  
o que a um doente acontece,  
cai na cama, o mal lhe cresce,  
Baixou, Subiu, e Morreu.

A Câmara não acode?.....Não pode.  
Pois não tem todo o poder?.....Não quer.  
É que o governo a convence?.....Não vence.

Que haverá que tal pense,  
que uma Câmara tão nobre  
por ver-se mísera, e pobre  
Não pode, não quer, não vence.

GUERRA, Gregório de Matos. *Poemas escolhidos*.  
Seleção e organização de José Miguel Wisnik. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010. p. 41.

Os textos barrocos são marcados pela influência de duas vertentes conhecidas como cultismo e concep-tismo. Identifique e explique as marcas de uma delas no poema de Gregório de Matos.

6. Leia o soneto seguinte.

XCVIII

Destes penhascos fez a natureza  
O berço, em que nasci! oh quem cuidara,  
Que entre penhas tão duras se criara  
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigre por empresa  
Tomou logo render-me; ele declara  
Contra o meu coração guerra tão rara,  
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,  
A que dava ocasião minha brandura,  
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,  
Temei, penhas, temei; que Amor tirano,  
Onde há mais resistência, mais se apura.

COSTA, Cláudio Manoel da. *Temei, penhas*. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000040.pdf>.  
Acesso em: 8 jul. 2023.

O soneto é um exemplo da poesia neoclássica brasileira do século XVIII, cuja característica de destaque é

- a) a sátira ao amor, feita pelo poeta Gregório de Matos Guerra.
  - b) a lírica de atmosfera pré-romântica de Tomás Antônio Gonzaga.
  - c) a paisagem bucólica idealizada na poesia de Basílio da Gama.
  - d) o modelo camoniano resgatado por Cláudio Manuel da Costa.
  - e) o apelo ao *fugere urbem* do Frei Santa Rita Durão.
7. Considere a imagem e o texto e explique a associação que pode ser estabelecida entre eles por meio do movimento literário do século XVIII batizado de Arcadismo.



Sterling and Francine Clark Art Institute, Williamstown

William-Adolphe Bouguereau. *Ninfas e sátiros*, 1873. Óleo sobre tela, 260,4 cm × 182,9 cm. Clark Art Institute, Williamstown, EUA.

Fauno também é um deus bardo e montanhês, criador da flauta-de-Pã. Na antiga Grécia, ele era cultuado dessa forma, e era chamado de Pã. Existem nas montanhas e florestas criaturas bardas chamadas faunos (ou sátiros, na Grécia), são espíritos da fertilidade, entidades masculinas que representam o prazer primordial e o bucolismo campestre.

Fauno e os faunos. In: *Dodecateísmo blog*. Disponível em: <http://dodecateismo.blogspot.com.br/2011/06/fauno.html>. Acesso em: 8 jul. 2023. (fragmento)

8. **Uepa 2015** Leia os versos a seguir:

Deixa louvar da corte a vã grandeza:  
Quanto me agrada mais estar contigo  
Notando as perfeições da Natureza!



Os versos de Bocage, transcritos anteriormente, sugerem a tese da superioridade da natureza sobre a civilização. Assinale a opção que apresenta uma das causas deste modo de entender a relação entre estas.

- a) O desejo de se afastar dos problemas da vida urbana provocados pela consolidação do modo de produção capitalista.
- b) O exacerbado crescimento do sistema feudal e a insatisfação dos poetas árcades com este crescimento.
- c) A influência do modo de produção capitalista e a ascensão da burguesia influenciando esteticamente o modelo poético árcade a ter uma visão negativa da natureza.
- d) A satisfação com as consequências do capitalismo e o repúdio aos ideais campestres.
- e) A influência da propriedade da terra como fonte geradora de riqueza no modo de produção capitalista.

9. Observe o quadro de Jacques Louis David.



Jacques Louis David. *A morte de Marat*, 1793. Óleo sobre tela, 165 cm × 128 cm, Museu Real de Belas Artes, Antuérpia, Bélgica.



Pedro Américo. *Tiradentes esquartejado*, 1893. Óleo sobre tela, 270 cm × 165 cm. Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora, Minas Gerais.

Jean-Paul Marat é uma figura simbólica da Revolução Francesa, conhecido pela atuação impetuosa, tendo fundado o jornal *Amigo do Povo*. Considerado porta-voz do partido jacobino, o mais radical do movimento de insurreição, depois de muitas perseguições, foi morto por Charlotte Corday, simpatizante do partido de oposição, com uma punhalada em sua banheira. Acredita-se que o quadro *Tiradentes esquartejado*, de Pedro Américo, tenha sido inspirado na pintura de Jacques Louis David. Analise as obras e explique por que razão é possível aproximá-las.

10. Leia o texto sobre a composição do músico Debussy, “Prelúdio à tarde de um fauno”.

Claude Debussy compôs o *Prélude à l'Après-midi d'un faune* de 1891 a 1894, por encomenda da *Société Nationale de Musique*. Foi o próprio Mallarmé que instigou seu amigo compositor a compor esta peça, e ela tornou-se um sucesso imediato. Debussy é muitas vezes descrito como um compositor intuitivo, improvisador, sonhador de imagens musicais. [...] A peça orquestral tornou-se um marco na história da música europeia, causou uma verdadeira revolução e inaugurou a música moderna. Já no início é inovadora, começando com um solo de flauta em arabesco marcando o intervalo de trítone C#-G e finalizando com o modo dórico de C#. Este tema vai aparecer diversas vezes ao longo do *Prélude*, a forma da peça não cabe em nenhuma estrutura anteriormente produzida: episódios fragmentados, articulados por irregularidades métricas, um tema bastante ambíguo em termos tonais, uma instrumentação envolvente. O tropos da flauta pastoral que é inaugurado pelo mito de *Pan* e *Syrinx* inspira a flauta nesta peça, e também a peça *Syrinx* para flauta solo, composta em 1913. Como no Prelúdio, o som da flauta presentifica o desejo, o sonho, o homem reconciliado com o mistério, com sua natureza originária.

PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. *A longa tarde de um fauno*. Disponível em: [www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/download/14199/9274/47645](http://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/download/14199/9274/47645). Acesso em: 8 jul. 2023. (fragmento)

Faça uma pesquisa na internet e ouça a composição de Debussy, buscando compreender o uso da flauta e o resgate do mito do deus Pan, personagem que está intimamente ligado ao movimento neoclássico do século XVIII. Depois de sua pesquisa, escreva uma resenha sobre suas impressões a respeito do prelúdio, associando-o aos aspectos gerais do Arcadismo. Compartilhe-a com seus colegas em um canal onde eles possam fazer comentários sobre seu texto.

## Exercícios propostos

1. **Unicamp-SP 2021** Se Cabral tivesse uma vaga noção d'ACAPA de hoje, véspera do 22 de abril de 2020, provavelmente teria desviado o curso de suas caravelas rumo a outras terras.



(ACAPA. Disponível em [www.facebook.com/acapabr/](http://www.facebook.com/acapabr/). Acessado em 30/04/2020.)

ACAPA é um perfil de Facebook, que publica capas possíveis de revista. O efeito humorístico na leitura dessa edição de ACAPA decorre mais precisamente do uso

- da expressão “terra à vista”, que remete à época em que a terra ainda era plana.
  - da expressão “abundam birutas”, em referência aos povos originários do Brasil.
  - do pronome relativo “cujo” para indicar o destino traçado para a terra plana há 520 anos.
  - da imagem de uma biruta mostrando a direção do vento, aliada à referência a “birutas” atuais.
2. **IFSP 2015** Analise as assertivas a seguir sobre a literatura produzida no primeiro século da vida colonial brasileira.
- Os textos que a constituem apresentam evidente preocupação artística e pedagógica ao relatar as condições encontradas no Novo Mundo.

- A “literatura jesuíta”, nos primórdios da história brasileira, está a serviço do poder real e tem fortes doses nacionalistas.
- Anchieta escreveu cartas, sermões, fragmentos históricos e informações.
- As primeiras manifestações literárias que se registram na literatura brasileira referem-se à poesia épica e à prosa de ficção.
- A Carta de Caminha é a mistura de ingenuidade e malícia na descrição dos índios e seus costumes.

É correto o que se afirma em

- I e II, apenas.
  - I e III, apenas.
  - III e V, apenas.
  - II e IV, apenas.
  - IV e V, apenas.
3. **Unicamp-SP 2021** As imagens produzidas por artistas europeus, tal como vemos na pintura do holandês Jan Davidsz de Heem, tiveram um papel importante na construção do conceito de exótico no imaginário da Europa na época moderna.



(Jan Davidsz de Heem. *Natureza Morta com Papagaios*. The Ringling Museum, fim da década de 1640.)

Naquele contexto, a pintura apresentava itens obtidos quando se exploravam e se colonizavam países em cantos distantes do mundo. A natureza (os elementos que a representam) é, assim, quase um estudo científico e, novamente, uma alusão à abundância obtida graças ao vitorioso comércio holandês.

(Adaptado de Rolf Winkes. *Natura Morta*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 10: 145-161, 2000. p. 149.)

- O exótico é estabelecido a partir de uma relação assimétrica entre universos diferentes. Justifique por que a imagem apresentaria características “exóticas” e relacione essa adjetivação ao pensamento colonial da época.
- Apresente uma semelhança e uma diferença entre a experiência colonial holandesa e a portuguesa.



- 4. UFSC 2018** E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas. [...]

Deduzo que é gente bestial e de pouco saber, e por isso tão esquiva. Mas apesar de tudo isso andam bem curados, e muito limpos. E naquilo ainda mais me convenço que são como aves, ou alimárias montesinas. [...]

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a vossa fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. [...]

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. [...] E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão naquele ilhéu, e dentro levantar um altar mui bem arranjado. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes que todos assistiram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. [...]

Enquanto assistimos à missa e ao sermão, estaria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos, como a de ontem, com seus arcos e setas, e andava folgando. E olhando-nos, sentaram. E depois de acabada a missa, quando nós sentados atendíamos a pregação, levantaram-se muitos deles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço. [...]

O melhor fruto que se pode tirar desta terra me parece ser salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente de que Vossa Alteza deve lançar nesta terra.

PERO Vaz de Caminha. Carta à D. Manuel (excertos). In: Enciclopédia Itaú Cultural de arte e cultura brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7833/pero-vaz-de-caminha>. Acesso em: 30 jun. 2017.

Sobre a carta de Pero Vaz de Caminha e o contexto da expansão ultramarina portuguesa, é correto afirmar que:

- 01** na carta, é possível identificar choque e estranhamento entre as diferentes culturas, assim como perceber a iniciativa portuguesa de tomar posse da terra.
- 02** apesar dos rituais católicos descritos na carta, a Igreja Católica não apoiava a iniciativa das navegações portuguesas porque contrariava princípios da instituição sobre as explorações do mundo.
- 04** no relato do autor, há referências aos habitantes como seres que, na sua visão, seriam selvagens.
- 08** a mais conhecida das cartas relacionadas à expedição de Pedro Álvares Cabral é a de Pero Vaz de Caminha, que relata a estada da tripulação durante o tempo em que esteve aportada nas terras encontradas.
- 16** movida pelo grande interesse sobre as terras descobertas, parte da tripulação daquela expedição não seguiu viagem, garantindo assim a posse do lugar ao reino português.
- 32** a carta de Pero Vaz de Caminha reproduz fielmente o que aconteceu durante a estada da armada de Pedro Álvares Cabral, já que esta era a função de Caminha como escrivão.

- 64** fica evidente, pela descrição do autor, o respeito da Coroa portuguesa em relação às crenças e aos costumes dos habitantes da terra.

Soma:

- 5. UPE 2014** Ali ficamos um pedaço, bebendo e folgando, ao longo dela, entre esse arvoredo, que é tanto, tamanho, tão basto e de tantas prumagens, que homens as não podem contar. Há entre ele muitas palmas, de que colhemos muitos e bons palmitos.

Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem nenhuma crença. E, portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa.

Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Partindo da leitura das três citações da Carta de Pero Vaz de Caminha, analise os itens a seguir:

- I.** Trata-se de um documento histórico que exalta a terra descoberta mediante o uso de expressões valorativas dos hábitos e costumes de seus habitantes, o que, de um lado, revela a surpresa dos portugueses recém-chegados, de outro, tem a intenção de instigar o rei a dar início à colonização.
- II.** Ao afirmar que os habitantes da nova terra não têm nenhuma crença, Caminha faz uma avaliação que denota seu desconhecimento sobre a cultura daqueles que habitam a terra descoberta, pois todos os grupos sociais, primitivos ou não, têm suas crenças e mitos.
- III.** Caminha usa a conversão dos gentios como argumento para atrair a atenção do Rei Dom Manuel sobre a terra descoberta, colocando, mais uma vez, a expansão da fé cristã como bandeira dos conquistadores portugueses.
- IV.** Ao afirmar que os habitantes da terra descoberta não lavram nem criam, alimentam-se do que a natureza lhes oferece, Caminha tece uma crítica à inaptidão e inércia daqueles que vivem mal, utilizando, por desconhecimento, as riquezas naturais da região.
- V.** As citações revelam que a Carta do Achamento do Brasil tem por objetivo descrever a nova terra de modo a atrair os que estão distantes pela riqueza e beleza de que é possuidora.



Estão CORRETOS, apenas,

- a) I, II e IV.
- b) I, II, III e V.
- c) I, II e III.
- d) II e IV.
- e) I e II.

- 6. UFSM-RS 2015** Os hábitos alimentares estão entre os principais traços culturais de um povo. Era de se esperar, portanto, que houvesse alguma menção sobre o assunto no primeiro contato entre os portugueses e os nativos, conforme relatado na Carta de Pero Vaz de Caminha. De fato, Caminha escreve a respeito da reação de dois jovens nativos que foram até a caravela de Cabral e que experimentaram alimentos oferecidos pelos portugueses:

Deram-lhe[s] de comer: pão e peixe cozido, confeitos, bolos, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada de tudo aquilo. E se provavam alguma coisa, logo a cuspiam com nojo. Trouxeram-lhes vinho numa taça, mas apenas haviam provado o sabor, imediatamente demonstraram de não gostar e não mais quiseram. Trouxeram-lhes água num jarro. Não beberam. Apenas bochechavam, lavando as bocas, e logo lançavam fora.

Fonte: CASTRO, Sílvio (org.). A carta de Pero Vaz de Caminha. Porto Alegre: L&PM, 2003, p. 93.

A partir da leitura do fragmento, são feitas as seguintes afirmativas:

- I. No fragmento, ao dar destaque às reações dos nativos frente à comida e à bebida oferecidas, Caminha registra o comportamento diferenciado deles quanto aos itens básicos da alimentação de um europeu.
- II. No fragmento, percebe-se a antipatia de Caminha pelos nativos, o que se confirma na leitura do restante da carta quanto a outros aspectos dos indígenas, como sua aparência física.
- III. O predomínio de verbos de ação, numa sequência de eventos interligados cronologicamente, confere um teor narrativo ao texto.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas II e III.
- d) apenas I e III.
- e) I, II e III.

- 7. PUC-Campinas 2017** Do Brasil descoberto esperavam os portugueses a fortuna fácil de uma nova Índia. Mas o pau-brasil, única riqueza brasileira de simples extração antes da “corrida do ouro” do início do século XVIII, nunca se pôde comparar aos preciosos produtos do Oriente. [...] O Brasil dos primeiros tempos foi o objeto dessa avidez colonial. A literatura que lhe corresponde é, por isso, de natureza parcialmente superlativa. Seu protótipo é a carta célebre de Pero Vaz de Caminha, o primeiro a enaltecer a maravilhosa fertilidade do solo.

(MERQUIOR, José Guilherme. De Anchieta a Euclides – Breve história da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p. 3-4)

Uma vez que se considere que o conceito de literatura, compreendida como um autêntico sistema, supõe a

presença ativa de escritores, a publicação de obras e a resposta de um público, entende-se que

- I. ainda não ocorreu no Brasil a vigência plena de um sistema literário, capaz de expressar aspectos mais complexos de nossa vida cultural.
- II. os primeiros documentos informativos sobre a terra a ser colonizada devem ser vistos como manifestações literárias esparsas, ainda não sistemáticas.
- III. a carta de Caminha e os textos dos missionários jesuíticos fazem ver desde cedo a formação de um maduro sistema literário nacional. Atende ao enunciado o que está APENAS em
  - a) I.
  - b) II.
  - c) III.
  - d) I e II.
  - e) II e III.

- 8. Ufam 2015** Leia os trechos abaixo, pertencentes à Carta, de Pero Vaz de Caminha:

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem-vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e aos pés uma alcatifa por estrado. Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correa e nós outros que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa. Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata.

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela; não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo.

Sobre o texto anterior, fazem-se as seguintes afirmativas:

- I. O cronista procura valorizar o cristianismo, ideologia que seria um dos braços da colonização, mediante referência ao interesse do gentio pelo rosário.
- II. Caminha registra pormenores em ritmo sincopado (“Acenderam-se tochas. Entraram.”), o que mostra o literato latente que havia nele.
- III. Com as referências à existência de ouro e prata em terra, Caminha procura despertar o interesse do rei de Portugal, D. Manuel.
- IV. O carneiro e a galinha eram animais que os portugueses traziam para a sua alimentação a bordo e que não existiam no Brasil.
- V. Como escrivão da frota de Cabral, a quem chama de Capitão, Caminha procurou ser fiel à realidade, a fim de bem informar a Coroa portuguesa.

Assinale a alternativa correta:

- a) Somente as afirmativas I, II e V estão corretas.
- b) Somente as afirmativas I, III e IV estão corretas.
- c) Somente as afirmativas II, III e IV estão corretas.
- d) Somente as afirmativas II, III e V estão corretas.
- e) Todas as afirmativas estão corretas.

9. **Famema-SP 2021** Leia o trecho inicial da crônica “Os segredos do *spa*”, de Moacyr Scliar, para responder à questão.

Diferente de SPC, a palavra *Spa* não é uma sigla, não se trata de nenhum Serviço-de-Proteção-a-Qualquer-Coisa. É o nome de uma cidade da Bélgica, famosa, desde o século 14, por suas águas minerais. Século 14, sim: é muito antiga a crença do homem no poder dessas águas que brotam do seio da terra, aquecidas, segundo a lenda, nas forjas do deus Vulcano. E há muito tempo pessoas vão aos banhos termais, em busca de tratamento para situações que vão desde as doenças de pele até os proferbiais males do fígado. As águas foram estudadas e classificadas: sulfurosas, bicarbonatadas, ferruginosas. E para cada tipo de doença havia uma água específica. Tamanha demanda acabou criando uma verdadeira indústria: grandes estabelecimentos foram construídos para hospedar pessoas que vinham muitas vezes de longe em busca de curas para os seus males. Alguns desses hotéis ficaram famosos pelo luxo barroco; num desses, Alain Resnais filmou o famoso *O ano passado em Marienbad*, um filme cult dos anos 60, no qual os longos corredores serviam de metáfora para os labirintos da paixão. Irai, aqui no Rio Grande do Sul, sempre foi um equivalente modesto, mas digno.

As pessoas melhoravam no *spa*. E por que não haviam de melhorar? Comiam bem (inclusive para afastar o espectro da tuberculose, sempre associada à magreza), descansavam, conversavam e sobretudo relaxavam: mergulhadas na água tépida, voltavam por algumas horas ao líquido amniótico onde o feto está a salvo dos desgostos do amor e da fúria da inflação. E isso preserva a reputação das termas até hoje.

(A face oculta, 2001. Adaptado.)

“Alguns desses hotéis ficaram famosos pelo luxo barroco” (1º parágrafo). Por comparação com a literatura barroca, é de se supor que tais hotéis

- a) fossem projetados com critérios práticos, em que cada detalhe tivesse uma função.
- b) fossem decorados com ornamentos cheios de reentrâncias, mais próximos do exagero que da contenção.
- c) fossem localizados em regiões campestres amenas, nas quais o homem pudesse aproveitar as vantagens da paisagem bucólica.
- d) tivessem uma arquitetura simples e nenhum detalhe em que a atenção pudesse se perder, a fim de valorizar mais as pessoas que as coisas.
- e) tivessem instalações modernas, que utilizassem o melhor da tecnologia da época em benefício dos hóspedes.

10. **Unesp 2020** Leia o trecho de uma carta enviada por Antônio Vieira ao rei D. João IV em 4 de abril de 1654.

No fim da carta de que V. M. 1 me fez mercê me manda V. M. diga meu parecer sobre a conveniência de haver neste estado ou dois capitães-mores ou um só governador.

Eu, Senhor, razões políticas nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por obedecer direi toscamente o que me parece.

Digo que menos mal será um ladrão que dois; e que mais dificultoso serão de achar dois homens de bem que um. Sendo propostos a Catão dois cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeu que ambos lhe descontentavam: um porque nada tinha, outro porque nada lhe bastava. Tais são os dois capitães-mores em que se repartiu este governo: Baltasar de Sousa não tem nada, Inácio do Rego não lhe basta nada; e eu não sei qual é maior tentação, se a necessidade, se a cobiça. Tudo quanto há na capitania do Pará, tirando as terras, não vale 10 mil cruzados, como é notório, e desta terra há-de tirar Inácio do Rego mais de 100 mil cruzados em três anos, segundo se lhe vão logrando bem as indústrias.

Tudo isto sai do sangue e do suor dos tristes índios, aos quais trata como tão escravos seus, que nenhum tem liberdade nem para deixar de servir a ele nem para poder servir a outrem; o que, além da injustiça que se faz aos índios, é ocasião de padecerem muitas necessidades os portugueses e de percerem os pobres. Em uma capitania destas confessei uma pobre mulher, das que vieram das Ilhas, a qual me disse com muitas lágrimas que, dos nove filhos que tivera, lhe morreram em três meses cinco filhos, de pura fome e desamparo; e, consolando-a eu pela morte de tantos filhos, respondeu-me: “Padre, não são esses os por que eu choro, senão pelos quatro que tenho vivos sem ter com que os sustentar, e peço a Deus todos os dias que me os leve também.”

São lastimosas as misérias que passa esta pobre gente das Ilhas, porque, como não têm com que agradecer, se algum índio se reparte não lhe chega a eles, senão aos poderosos; e é este um desamparo a que V. M. por piedade deverá mandar acudir.

Tornando aos índios do Pará, dos quais, como dizia, se serve quem ali governa como se foram seus escravos, e os traz quase todos ocupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos, obriga-me a consciência a manifestar a V. M. os grandes pecados que por ocasião deste serviço se cometem.

(Sérgio Rodrigues (org.). Cartas brasileiras, 2017. Adaptado.)  
1V. M.: Vossa Majestade.

Em sua carta, Antônio Vieira relata os padecimentos

- a) dos nativos e dos capitães-mores.
- b) dos negros e dos colonos pobres.
- c) dos nativos e dos colonos pobres.
- d) dos negros e dos capitães-mores.
- e) dos nativos e dos negros.

11. **Unicamp-SP 2021** Repartimos a vida em idades, em anos, em meses, em dias, em horas, mas todas estas partes são tão duvidosas, e tão incertas, que não há idade tão florente, nem saúde tão robusta, nem vida tão bem regrada, que tenha um só momento seguro.

(Antonio Vieira, “Sermão de Quarta-feira de Cinza – ano de 1673”, em *A Arte de Morrer*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p. 79.)

Nesta passagem de um sermão proferido em 1673, Antônio Vieira retomou os argumentos da pregação que fizera no ano anterior e acrescentou novas características à morte. Para comover os ouvintes, recorreu ao uso de anáforas. Assinale a alternativa que corresponde ao efeito produzido pelas repetições no sermão.

- a) A repetição busca sensibilizar os fiéis para o desengano da passagem do tempo.
- b) A repetição busca demonstrar aos fiéis o temor de uma vida longa.
- c) A repetição busca sensibilizar os fiéis para o valor de cada etapa da vida.
- d) A repetição busca demonstrar aos fiéis a insegurança de uma vida cristã.

**12. Unicamp-SP 2021** Peroração, do latim peroratio, peroratio, de perorare, significa concluir, arrematar, acabar. Corresponde à parte final do sermão, caracterizada geralmente pela recapitulação, pela amplificação de uma ideia e pela comoção do auditório. Sua finalidade última é comover e mover os ouvintes, isto é, emocionar e mover o ânimo do público para a ação.

(Adaptado de Flávio Antônio Fernandes Reis, "Peroração". Disponível em [www.edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/peroracao](http://www.edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/peroracao). Acessado em 06/10/2020.)

Mortos, mortos, desenganai estes vivos! Dizei-nos que pensamentos e que sentimentos foram os vossos, quando entrastes e saístes pelas portas da morte. [...] Entre essas duas portas se acha subitamente o homem no momento da morte, sem poder tornar atrás, nem parar, nem fugir, nem dilatar, senão entrar para onde não sabe, e para sempre. Oh que transe tão apertado! Oh que passo tão estreito! Oh que momento tão terrível!

(Antônio Vieira, "Sermão de 1672". Sermões de Quarta-feira de Cinza. A arte de morrer: São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p. 65.)

- a) Identifique e explique as duas estratégias retóricas utilizadas por Vieira ao encaminhar-se para a conclusão do Sermão de 1672.
- b) Com que sentimentos o pregador busca sensibilizar os ouvintes? Que ação procura estimular nos cristãos?

**13. Unesp 2021** De maneira que, assim como a natureza faz de feras homens, matando e comendo, assim também a graça faz de feras homens, doutrinando e ensinando. Ensinastes o gentio bárbaro e rude, e que cuidais que faz aquela doutrina? Mata nele a fereza, e introduz a humanidade; mata a ignorância, e introduz o conhecimento; mata a bruteza, e introduz a razão; mata a infidelidade, e introduz a fé; e deste modo, por uma conversão admirável, o que era fera fica homem, o que era gentio fica cristão, o que era despojo do pecado fica membro de Cristo e de S. Pedro. [...] Tende-os [os escravos], cristãos, e tende muitos, mas tende-os de modo que eles ajudem a levar a vossa alma ao céu, e vós as suas. Isto é o que vos desejo, isto é o que vos aconselho, isto é o que vos procuro, isto é o que vos peço por amor de Deus e por amor de vós, e o que quisera que leváreis deste sermão metido na alma.

(Antônio Vieira. "Sermão do Espírito Santo" (1657). <http://tupi.fflch.usp.br>)

O Sermão do Espírito Santo foi pregado pelo Padre Antônio Vieira em São Luís do Maranhão, em 1657, e recorre

- a) a metáforas, para defender a liberdade de natureza de todos os animais criados por Deus.
- b) à ironia, para condenar a escravização de nativos e africanos nas lavouras de algodão.
- c) a antíteses, para reconhecer a escravização dos nativos como um caminho possível do trabalho missionário.
- d) à retórica barroca, para contestar a ideia de que os africanos e os nativos merecem a liberdade e a salvação. e) à retórica clássica, para acusar os proprietários de escravos de descuidar dos direitos humanos dos nativos.

**14. PUC-Rio** Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. – Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? – Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem*. Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

[Fragmento do Sermão do bom ladrão, de Pe. Antônio Vieira]

Uma das mais importantes características da obra do Padre Antônio Vieira refere-se à presença constante em seus sermões das dimensões social e política, somadas à religiosa. Comente esta afirmativa em função do texto acima.

**15. Fuvest-SP 2014** Não há trabalho, nem gênero de vida no mundo mais parecido à cruz e à paixão de Cristo, que o vosso em um destes engenhos [...]. A paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despídos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento e martírio [...]. De todos os mistérios da vida, morte e ressurreição de Cristo, os que pertencem por condição aos pretos, e como por herança, são os mais dolorosos.

ANTÔNIO VIEIRA, Padre. "Sermão décimo quarto". In: INÁCIO, I. (Org.); LUCCA, T. (Org.). Documentos do Brasil Colonial. São Paulo: Ática, 1993. pp. 73-5.

A partir da leitura do texto acima, escrito pelo padre jesuíta Antônio Vieira, em 1633, pode-se afirmar, corretamente, que, nas terras portuguesas da América,

- a) a Igreja Católica defendia os escravos dos excessos cometidos pelos seus senhores e os incitava a se revoltar.



- b) as formas de escravidão nos engenhos eram mais brandas do que em outros setores econômicos, pois ali vigorava uma ética religiosa inspirada na Bíblia.
- c) a Igreja Católica apoiava, com a maioria de seus membros, a escravidão dos africanos, tratando, portanto, de justificá-la com base na Bíblia.
- d) clérigos, como P. Vieira, se mostravam indecisos quanto às atitudes que deveriam tomar em relação à escravidão negra, pois a própria Igreja se mantinha neutra na questão.
- e) havia formas de discriminação religiosa que se sobrepunham às formas de discriminação racial, sendo estas, assim, pouco significativas.

**16. Unicamp-SP 2019** Sobre as representações históricas da morte no Ocidente, Philippe Ariès e Alcir Pécora comentam:

O moribundo está deitado, cercado por seus amigos e familiares. Está prestes a executar os ritos que bem conhecemos. [...] Seres sobrenaturais invadiram o quarto e se comprimem na cabeceira do 'jacente'. A grande reunião que nos séculos XII e XIII tinha lugar no final dos tempos se faz, então, a partir do século XV, no quarto do enfermo.

(Philippe Ariès, *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 53.)

[...] essa espécie de arte de morrer de Vieira se opõe à tradição das artes *moriendi* fundadas na preparação para a 'última prova' que acontece apenas no quarto do moribundo. Não é mais lá que se decide a salvação ou a condenação do cristão, mas no exato momento de suas escolhas e ações ao longo da vida, vale dizer, na resolução adequada a ser tomada *hic et nunc* (aqui e agora).

(Alcir Pécora, *A arte de morrer, segundo Vieira, em Antonio Vieira, Sermões de quarta-feira de cinza*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, p. 51.)

Com base nos excertos anteriores e na leitura dos três Sermões de Quarta-feira de Cinza, assinale a alternativa correta

- a) Em Ariès, a salvação ou danação ocorre no quarto do moribundo, mas nos sermões de Vieira é a atenção ao momento presente e a decisão correta que importam para o cristão.
- b) A afirmação de Alcir Pécora é válida somente para o primeiro sermão, pois os dois últimos sermões retomam o tema do fim dos tempos e da agonia do moribundo para a fé cristã.
- c) Segundo Ariès, o drama da salvação se dá na imagem do quarto do moribundo. Essa imagem é decisiva para a compreensão do terceiro sermão.
- d) Para Alcir Pécora, o que distingue os sermões de Vieira dos discursos sobre a morte nesse período é a ênfase do padre jesuíta na ação futura.

Leia o excerto do "Sermão de Santo Antônio aos peixes" de Antônio Vieira (1608-1697) para responder às questões de **17 a 19**.

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só

vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer. [...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não mulitem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.

- 17. Unifesp 2016** No sermão, Vieira critica
- a) a preguiça desmesurada dos miseráveis.
  - b) a falta de ambição dos miseráveis.
  - c) a ganância excessiva dos poderosos.
  - d) o excesso de humildade dos miseráveis.
  - e) o excesso de vaidade dos poderosos.
- 18. Unifesp 2016** Condizente com o teor do sermão está o conteúdo do seguinte provérbio:
- a) "A tolerância é a virtude do fraco."
  - b) "O homem é o lobo do homem."
  - c) "Ao homem ousado, a fortuna lhe dá a mão."
  - d) "A fome é a companheira do homem ocioso."
  - e) "Quem tem ofício, não morre de fome."

19. **Unifesp 2016** O primeiro parágrafo permite identificar o lugar em que o pregador profere seu sermão, a saber,
- a) o mar.
  - b) o sertão.
  - c) a floresta.
  - d) a aldeia.
  - e) a cidade.

20. **Unicamp-SP 2021** O vento da vida, por mais que cresça, nunca pode chegar a ser bonança; o vento da fortuna pode chegar a ser tempestade, e tão grande tempestade, que se afogue nela o mesmo vento da vida.

(Antônio Vieira, "Sermão de quarta-feira de cinza do ano de 1672", em *A Arte de Morrer*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p. 56.)

No sermão proferido na Igreja de Santo Antônio dos Portugueses, em Roma, Vieira recorre a uma metáfora para chamar a atenção dos fiéis sobre a morte. Assinale a alternativa que expressa a mensagem veiculada pela imagem do vento.

- a) A vida dos fiéis é comparável à tranquilidade da brisa em alto-mar.
- b) A fortuna dos fiéis é comparável à força das intempéries marítimas.
- c) A fortuna dos fiéis é comparável à felicidade eterna.
- d) A vida dos fiéis é comparável à ventura dos navegadores.

21. **Unicamp-SP 2021** O que é então o verossímil? Para encurtar: tudo aquilo em que a confiança é presumida. Por exemplo, os juízes nem sempre são independentes, os médicos nem sempre capazes, os oradores nem sempre sinceros. Mas presume-se que o sejam; e, se alguém afirmar o contrário, cabe-lhe o ônus da prova. Sem esse tipo de presunção, a vida seria impossível; e é a própria vida que rejeita o ceticismo.

(Olivier Reboul, *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 97-98.)

Considerando o segundo "Sermão da Quarta-feira de Cinza" (1673), de Antonio Vieira, é correto afirmar que a presunção de confiança por parte do auditório cristão do século XVII decorre da

- a) habilidade política do pregador.
- b) atenção disciplinada dos ouvintes.
- c) crença na salvação e na danação eternas.
- d) defesa institucional da Igreja Católica feita pelo clero.

22. **Unicamp-SP 2018** O trecho abaixo corresponde à parte final do primeiro Sermão de Quarta-Feira de Cinza, pregado em 1672 pelo Padre Antonio Vieira.

Em que cuidamos, e em que não cuidamos? Homens mortais, homens imortais, se todos os dias podemos morrer, se cada dia nos imos chegando mais à morte, e ela a nós; não se acabe com este dia a memória da morte. Resolução, resolução uma vez, que sem resolução nada se faz. E para que esta resolução dure, e não seja como outras, tomemos cada dia uma hora em que cuidemos bem naquela hora. De vinte e quatro horas que tem o dia, por que se não dará uma hora à triste alma? Esta é a melhor devoção e mais útil penitência, e mais agradável a Deus, que podeis fazer nesta Quaresma. [...] Torno a dizer para que vos fique na memória: Quanto tenho vivido? Como vivi? Quanto posso viver? Como é bem que viva? Memento homo.

(Antonio Vieira, *Sermões de Quarta-Feira de Cinza*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016, p. 102.)

- a) Levando em conta o trecho anterior e o propósito argumentativo do Sermão, explique por que, segundo Vieira, se deve preservar "a memória da morte".
- b) Considere as perguntas presentes no trecho anterior e explique sua função para a mensagem final do Sermão.

23. **Fuvest-SP 2020**

### A certa personagem desvanecida

Um soneto começo em vosso **gabo**:  
Contemos esta regra por primeira,  
Já lá vão duas, e esta é a terceira,  
Já este quartetinho está no cabo.

Na quinta torce agora a porca o rabo;  
A sexta vá também desta maneira:  
Na sétima entro já com **grã** canseira,  
E saio dos quartetos muito brabo.

Agora nos tercetos que direi?  
Direi que vós, Senhor, a mim me honrais  
Gabando-vos a vós, e eu fico um rei.

Nesta vida um soneto já ditei;  
Se desta agora escapo, nunca mais: Louvado seja Deus,  
que o acabei.

Gregório de Matos

**gabo**: louvor.  
**grã**: grande.

### Tipo zero

Você é um tipo que não tem tipo  
Com todo tipo você se parece  
E sendo um tipo que assimila tanto tipo  
Passou a ser um tipo que ninguém esquece

Quando você penetra num salão  
E se mistura com a multidão  
Você se torna um tipo destacado  
Desconfiado todo mundo fica  
Que o seu tipo não se classifica  
Você passa a ser um tipo desclassificado

Eu até hoje nunca vi nenhum  
Tipo vulgar tão fora do comum  
Que fosse um tipo tão observado  
Você ficou agora convencido  
Que o seu tipo já está batido  
Mas o seu tipo é o tipo do tipo esgotado

Noel Rosa

O soneto de Gregório de Matos e o samba de Noel Rosa, embora distantes na forma e no tempo, aproximam-se por ironizarem

- a) o processo de composição do texto.
- b) a própria inferioridade ante o retratado.
- c) a singularidade de um caráter nulo.
- d) o sublime que se oculta na vulgaridade.
- e) a intolerância para com os gênios.

- 24. Unesp 2018** Leia o soneto “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder à próxima questão.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?  
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

(Poemas escolhidos, 2010.)

O soneto de Gregório de Matos aproxima-se tematicamente da citação:

- “Nada é duradouro como a mudança.” (Ludwig Börne, 1786-1837)
- “Não se deve indagar sobre tudo: é melhor que muitas coisas permaneçam ocultas.” (Sófocles, 496-406 a.C.)
- “Nada é mais forte que o hábito.” (Ovídio, 43 a.C.-17 d.C.)
- “A estrada do excesso conduz ao palácio da sabedoria.” (William Blake, 1757-1827)
- “Todos julgam segundo a aparência, ninguém segundo a essência.” (Friedrich Schiller, 1759-1805)

- 25. UPF-RS 2018** Considere as afirmações a seguir em relação a Gregório de Matos.

- Em sua produção literária, estão presentes tanto a sátira irreverente como o sentimento religioso.
- Na poesia do autor, o sujeito lírico não manifesta seu desejo pela mulher, que é sempre idealizada.
- A efemeridade das coisas é uma das temáticas abordadas em sua poesia.

Está correto o que se afirma em:

- I e III, apenas.
- I, II e III.
- I, apenas.
- III, apenas.
- I e II, apenas.

- 26. Uepa 2015** Leia o excerto a seguir.

Senhor Antão de Sousa de Meneses,  
Quem sobe a alto lugar, que não merece,  
Homem sobe, asno vai, burro parece,  
Que o subir é desgraça muitas vezes.

A fortunilha autora de entremezes  
Transpõe em burro o Herói, que indigno cresce  
Desanda a roda, e logo o homem desce,  
Que é discreta a fortuna em seus reveses.

Marque a única alternativa correta sobre o excerto acima, retirado de um poema de Gregório de Matos Guerra.

- A imagem do asno representa a esperteza dos que enriquecem rapidamente.
- A antítese entre salvação e condenação está representada nos verbos “subir” e “descer”.
- Segundo o excerto, o homem passa a asno e de herói a burro quando carrega no caráter os bons costumes morais.
- O fragmento mostra o enriquecimento fácil que em breve se transforma em ruína.
- A imagem da roda mostra que o enriquecimento, mesmo sem mérito, significa estabilidade definitiva.

**27. Fuvest-SP 2022**

Largo em sentir, em respirar sucinto,  
Peno, e calo, tão fino, e tão atento,  
Que fazendo disfarce do tormento  
Mostro que o não padeço, e sei que o sinto.

O mal, que fora encubro, ou que desminto,  
Dentro no coração é que o sustento:  
Com que, para penar é sentimento,  
Para não se entender, é labirinto.

Ninguém sufoca a voz nos seus retiros;  
Da tempestade é o estrondo efeito:  
Lá tem ecos a terra, o mar suspiros.

Mas oh do meu segredo alto conceito!  
Pois não me chegam a vir à boca os tiros  
Dos combates que vão dentro no peito.

Gregório de Matos Guerra

No soneto, o eu lírico:

- expressa um conflito que confirma a imagem pública do poeta, conhecido pelo epíteto de “o Boca do Inferno”.
- opta por sufocar a própria voz como estratégia apaziguadora de suas perturbações de foro íntimo.
- explora a censura que o autor sofreu em sua época, ao ser impedido de dar expressão aos seus sentimentos.
- estabelece, nos tercetos, um contraponto semântico entre as metáforas da natureza e da guerra.
- revela-se como um ser atormentado, ao mesmo tempo que omite a natureza de seu sofrimento.

- 28. ESPM 2018** O barroco ama a metamorfose e a inconstância, possui um agudo sentido das variações que secretamente alteram toda a realidade e busca no movimento e no fluir universal a essência das cores e dos seres.

(Teoria da Literatura, de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, Livraria Almedina, Coimbra-PT, 8.ª edição, 1988, p. 494)

Assinale a opção cujo fragmento confirme as observações feitas pelo analista sobre a literatura do Barroco:

- Fermosos olhos, quem ver-vos pretende  
A vista dera em preço se vos vira,  
Que ainda que perder-vos a sentira,  
A perda de não ver-vos não se entende [...].  
(Francisco Rodrigues Lobo)
- Sinto-me, sem sentir, todo abrasado  
No rigoroso fogo que me alenta;  
O mal que me consome me sustenta,  
O bem que me entretém me dá cuidado.  
(Antônio Barbosa Bacelar)



c) Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da luz, se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas, a alegria.

(Gregório de Matos)

d) As razões não hão de ser enxertadas, hão de ser nascidas. O pregar não é recitar. As razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas à memória e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento.

(Padre Antônio Vieira)

e) Anjo no nome, Angélica na cara!  
Isso é ser flor e Anjo juntamente:  
Ser Angélica flor e Anjo florente,  
Em quem, senão em vós, se uniformara?

(Gregório de Matos)



Leia o soneto “A uma dama dormindo junto a uma fonte”, do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696), para responder às questões de **29** a **32**.

À margem de uma fonte, que corria,  
Lira doce dos pássaros cantores  
A bela ocasião das minhas dores  
Dormindo estava ao despertar do dia.

Mas como dorme Sílvia, não vestia  
O céu seus horizontes de mil cores;  
Dominava o silêncio entre as flores,  
Calava o mar, e rio não se ouvia.

Não dão o parabém à nova Aurora  
Flores canoras, pássaros fragrantos,  
Nem seu âmbar respira a rica Flora.

Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,  
Tudo a Sílvia festeja, tudo adora  
Aves cheirosas, flores ressonantes.

Poemas escolhidos, 2010.

**29. Unifesp 2017** Mais recorrente na poesia arcádica, verifica-se neste soneto barroco o recurso, sobretudo, ao seguinte lema latino:

- a) “*locus horrendus*” (“lugar horrível”).
- b) “*locus amoenus*” (“lugar aprazível”).
- c) “*memento mori*” (“lembra-te da morte”).
- d) “*inutilia trunat*” (“corta o inútil”).
- e) “*carpe diem*” (“aproveite o dia”).

**30. Unifesp 2017** No soneto, a seguinte expressão é empregada pelo eu lírico em lugar de sua musa Sílvia:

- a) “Flores canoras, pássaros fragrantos”.
- b) “À margem de uma fonte, que corria”.
- c) “O céu seus horizontes de mil cores”.
- d) “A bela ocasião das minhas dores”.
- e) “Aves cheirosas, flores ressonantes”.

**31. Unifesp 2017** Assinale a alternativa em que o trecho do soneto está reescrito em ordem direta, sem alteração do seu sentido original.

- a) “Não dão o parabém à nova Aurora / Flores canoras, pássaros fragrantos” / A nova Aurora não dá o parabém às flores canoras e aos pássaros fragrantos.

b) “Calava o mar, e rio não se ouvia” / O mar se calava e não ouvia o rio.

c) “não vestia / O céu seus horizontes de mil cores” / O céu não vestia seus horizontes de mil cores.

d) “Tudo a Sílvia festeja, tudo adora” / A Sílvia festeja tudo, adora tudo.

e) “A bela ocasião das minhas dores / Dormindo estava ao despertar do dia” / Ao despertar do dia, estava dormindo a bela ocasião de minhas dores.

**32. Unifesp 2017** A sinestesia consiste em transferir percepções de um sentido para as de outro, resultando um cruzamento de sensações.

Celso Cunha. Gramática essencial, 2013.

Verifica-se a ocorrência desse recurso no seguinte verso:

- a) “Flores canoras, pássaros fragrantos,” (3ª estrofe)
- b) “À margem de uma fonte, que corria,” (1ª estrofe)
- c) “Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,” (4ª estrofe)
- d) “Dominava o silêncio entre as flores,” (2ª estrofe)
- e) “O céu seus horizontes de mil cores,” (2ª estrofe)

**33. UEM-PR** As estrofes que se seguem pertencem ao soneto “Aos mesmos sentimentos”, de Gregório de Matos. Leia-as com atenção e responda o que se pede:

Corrente, que do peito destilada,  
Sois por dois belos olhos despedida;  
E por carmim correndo dividida  
Deixais o ser, levais a cor mudada.

Não sei, quando caís precipitada,  
Às flores quer regais tão parecida,  
Se sois neve por rosas derretida,  
Ou se rosa por neve desfolhada.

As estrofes apresentam um acontecimento emocional (“sentimental”, com lágrimas), como anuncia o título do poema, que também remete a uma decepção (perda) amorosa. Esse acontecimento envolve descrição (um “desenho”) e narração (algo acontece), aspectos que se amarram dinâmica e fortemente. Nesse quadro, o vocábulo “despedida” significa “solta”, “liberada”; e a palavra “carmim” significa cor avermelhada (superfície corada). Apresente esse acontecimento comprovando suas afirmações com, pelo menos, dois exemplos de descrição e dois de narração (a simples transcrição de exemplos não resolve suficientemente a questão).

**34. Unesp 2023** Leia o soneto “Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder à questão.

### À cidade da Bahia

A cada canto um grande conselheiro  
Que nos quer governar cabana e vinha;  
Não sabem governar sua cozinha  
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem frequente olheiro  
Que a vida do vizinho e da vizinha  
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha  
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,  
Trazidos sob os pés os homens nobres,  
Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,  
Todos os que não furtam muito pobres:  
E eis aqui a cidade da Bahia.

(Gregório de Matos, *Poemas escolhidos*, 2010.)

O soneto de Gregório de Matos constitui um exemplo da sua poesia de teor:

- a) nostálgico.
- b) satírico.
- c) metalinguístico.
- d) místico.
- e) encomiástico.

### 35. Unesp 2022



A obra *Paisagem italiana* (1805), do pintor alemão Jakob Philipp Hackert (1737-1807), remete, sobretudo, ao ideário do

- a) Realismo.
- b) Romantismo.
- c) Arcadismo.
- d) Barroco.
- e) Naturalismo.

36. Unesp 2022 O tópicos clássico do *locus amoenus* está bem exemplificado nos seguintes versos do poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage:

- a) O ledo passarinho, que gorjeia  
D'alma exprimindo a cândida ternura,  
O rio transparente, que murmura,  
E por entre pedrinhas serpenteia:
- b) Já sobre o coche de ébano estrelado  
Deu meio giro a noite escura e feia;  
Que profundo silêncio me rodeia  
Neste deserto bosque, à luz vedado!
- c) Ante a doce visão com que me enlaças,  
Já murcho, estéril já, meu ser floresce:  
Mas súbito fantasma eis desvanece  
Chusma de encantos, que em teu sonho abraças:
- d) Já o Inverno, espremendo as câs nevosas,  
Geme, de horrendas nuvens carregado;  
Luz o aéreo fuzil, e o mar inchado  
Investe ao Polo em serras escumosas;

- e) Quando por entre os véus da noite fria  
A máquina celeste observo acesa,  
Da angústia, de terror a imagens presa  
Começa a devorar-me a fantasia.

### 37. Enem 2020

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,  
Em meus versos teu nome celebrado,  
Por que vejas uma hora despertado  
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,  
Fresco assento de um álamo copado;  
Não vês ninfa cantar, pastar o gado  
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias  
Nas porções do riquíssimo tesouro  
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro  
Enriquecendo o influxo em tuas veias,  
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

COSTA, C. M. Obras poéticas de Glauceste Satúrnio. Disponível em: [www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br). Acesso em: 8 out. 2015.

A concepção árcade de Cláudio Manuel da Costa registra sinais de seu contexto histórico, refletidos no soneto por um eu lírico que

- a) busca o seu reconhecimento literário entre as gerações futuras.
- b) contempla com sentimento de cumplicidade a natureza e o pastoreio.
- c) lamenta os efeitos produzidos pelos atos de cobiça e pela indiferença.
- d) encontra na simplicidade das imagens a expressão do equilíbrio e da razão.
- e) recorre a elementos mitológicos da cultura clássica como símbolos da terra.

### 38. UEM-PR 2020 Assinale o que for correto.

- 01 O Barroco, movimento artístico surgido no contexto da Contrarreforma, foi influenciado pelos valores da Igreja Católica, interessada em resgatar a perspectiva teocêntrica medieval, que havia perdido espaço para a perspectiva antropocêntrica renascentista. Do choque dessas perspectivas resultou um conflito, representado, com certa frequência, nas obras do período barroco.
- 02 No "Sermão do Bom Ladrão", padre Antônio Vieira faz severas críticas ao ato de furto. No entanto, tais críticas são seletivas, pois não abordam as ações de furto dos reis e de pessoas ligadas a eles. O autor absolve os reis dos furtos realizados em seus reinos, ainda que cometidos por outras pessoas.
- 04 No "Sermão do Bom Ladrão", padre Antônio Vieira destaca que o bom ladrão é aquele que rouba dos mais ricos para distribuir aos mais pobres. Agindo assim, o pecado do furto será perdoado, como citado no exemplo de Zaquê, ladrão pobre que rouba do rico e poderoso rei Dimas.

08 Os conceitos estéticos do Arcadismo, de modo geral, opõem-se à arte barroca, carregada de rebuscamento e exagero. Contrárias a isso, as obras literárias árcades retomam valores do Classicismo, tais como sobriedade, simplicidade, equilíbrio, entre outros, motivo pelo qual esse período artístico também é denominado Neoclassicismo.

16 Tomás Antônio Gonzaga é um dos principais autores da poesia árcade brasileira. Sua obra *Marília de Dirceu* representa os valores árcades ao abordar, com certa frequência, o espaço campestre de natureza tranquila (*locus amoenus*) como ambientação recorrente em muitos poemas, aspecto que realça o característico traço bucólico da literatura árcade.

Soma:

39. UEM-PR 2021 Com base no poema abaixo e na produção poética de Cláudio Manuel da Costa, assinale o que for correto.

LXII

Torno a ver-nos, ó montes; o destino  
Aqui me torna a pôr nestes oiteiros;  
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros  
Pelo traje da Corte rico, e fino.

Aqui estou entre Almendro, entre Corino,  
Os meus fiéis, meus doces companheiros,  
Vendo correr os míseros vaqueiros  
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,  
Que chega a ter mais preço, e mais valia,  
Que da cidade o lisonjeiro encanto;

Aqui descanse a louca fantasia;  
E o que té agora se tornava em pranto,  
Se converta em afetos de alegria.

(COSTA, C. M. da. Melhores poemas. Seleção Francisco Iglésias. São Paulo: Global, 2012, p. 91).

**oiteiro/outeiro:** pequeno monte, colina.

**gabão:** capote de mangas ou casacão.

**choupana:** cabana.

01 O poema representa o eu lírico vivenciando “afetos de alegria” pela oportunidade que teve de deixar o ambiente rude do campo, representado pelos gabões grosseiros, para apreciar a vida urbana rica e refinada da Corte. Agora, repleto de cultura e de trajes elegantes, ao retornar ao campo está feliz por perceber que fizera a escolha certa ao não optar por aquela vida rústica dos míseros vaqueiros.

02 O poema apresenta-se como exceção na poesia do Arcadismo, uma vez que se trata de um soneto, forma poética clássica que foi rejeitada pelos autores árcades, pois era utilizada nas produções dos artistas cultos da elite urbana. Coerente com a valorização da simplicidade

e da vida no campo, os poetas árcades se expressaram basicamente com formas poéticas da cultura popular.

04 O poema descreve a expressão do eu lírico que, tendo trocado a vida no campo pela experiência urbana na Corte e, depois, retornado ao espaço campestre, reconhece o valor daquela vida simples, “Que chega a ter mais preço, e mais valia, / Que da cidade o lisonjeiro encanto”. É por esse motivo que ele se mostra comovido alegremente, como demonstra o último verso do poema.

08 O poema destaca aspectos característicos da poesia árcade, como a ambientação campestre em um cenário de natureza tranquila e de vida simples, considerado mais valioso do que o luxo e o requinte urbanos. Nesse sentido, conceitos como bucolismo, *aurea mediocritas* e *fugere urbem* mostram-se presentes.

16 O poema é composto por versos decassílabos, aspecto que demonstra um padrão de regularidade métrica. Há presença de rimas, as quais, no que diz respeito à disposição gráfica no poema, seguem o esquema ABBA, nos quartetos, e CDC DCD, nos tercetos.

Soma:



Texto para as questões 40 e 41.

Liberdade, onde estás? Quem te demora?  
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?  
Porque (triste de mim!), porque não raia  
Já na esfera de Lísia a tua aurora?

Da santa redenção é vinda a hora  
A esta parte do mundo, que desmaia.  
Oh!, venha... Oh!, venha, e trêmulo descaia  
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal que, frio e mudo,  
Oculta o pátrio amor, torce a vontade,  
E em fingir, por temor, empenha estudo.

Movam nossos grilhões tua piedade;  
Nosso númen tu és, e glória, e tudo,  
Mãe do gênio e prazer, ó Liberdade!

Bocage MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa Através dos Textos. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 239. Lísia: Portugal.

**Lísia:** Portugal.

40. Uepa 2014 O poema de Bocage organiza uma situação comunicativa interna em que se verificam os seguintes elementos fundamentais da comunicação: emissor, receptor (contido no próprio texto) e mensagem. No poema, estes elementos são:

- a) eu lírico, liberdade e crítica ao despotismo.
- b) poema, liberdade e crítica ao despotismo.
- c) eu lírico, povo português e crítica ao despotismo.
- d) eu lírico, liberdade e língua portuguesa.
- e) eu lírico, leitor e crítica ao despotismo.



**41. Uepa 2014** A leitura do soneto bocageano permite afirmar que há entre a subjetividade do poeta e as questões sociais de Portugal uma ampla interação comunicativa. Marque a alternativa que comprova este comentário.

- a) O eu lírico pede ao país que tenha, como ele, paciência para suportar o despotismo.
- b) A pátria personificada que desmaia, é comparável ao eu lírico frio e mudo.
- c) O despotismo é a redenção muito esperada pelo eu lírico e pela sociedade portuguesa.
- d) A saudade é representada no poema pelas imagens do cárcere e do poeta preso por grilhões.
- e) O eu lírico e a pátria celebram a chegada da liberdade como um sol que surge no horizonte.

**42. Uepa** Sobre Bocage, sabemos que foi um homem situado entre dois mundos, entre as regras rígidas de um Arcadismo decadente, refletindo um mundo racional, ordenado e concreto, e a liberdade de um Romantismo ascendente, quando a literatura se abre à individualidade e à renovação.

(www.lpm-editores.com.br – 03.09.11)

O comentário acima nos permite concluir que Bocage sofreu a violência simbólica quando uma regra pastoril e neoclássica, disfarçada de gosto e verdade inquestionáveis, impediu parcialmente a expressão de sua liberdade criadora. Interprete os versos abaixo e assinale os que tematizam a resistência a tal regra.

- a) Só eu (tirano Amor! tirana Sorte!)  
Só eu por Nise ingrata aborrecido  
Para ter fim meu pranto espero a morte.
- b) Ó trevas, que enlutais a Natureza,  
Longos ciprestes desta selva anosa,  
Mochos de voz sinistra e lamentosa,  
Que dissolveis dos fados a incerteza;
- c) Das terras a pior tu és, ó Goa,  
Tu pareces mais ermo que cidade,  
Mas alojias em ti maior vaidade  
Que Londres, que Paris ou que Lisboa.
- d) Ó retrato da Morte! Ó Noite amiga,  
Por cuja escuridão suspiro há tanto!  
Calada testemunha de meu pranto,  
De meus desgostos secretária antiga!
- e) Razão, de que me serve o teu socorro?  
Mandas-me não amar, eu ardo, eu amo;  
Dizes-me que sossegue: eu peno, eu morro.

**43. ESPM-SP 2014**

Camões, grande Camões, quão semelhante  
Acho teu **fado** ao meu quando os cotejo!  
Igual causa nos fez perdendo o Tejo  
**Arrostar** co sacrílego gigante [...]  
Ludíbrico, como tu, da sorte dura,  
Meu fim demando ao Céu, pela certeza  
De que só terei paz na sepultura [...]  
Bocage

**fado:** destino;

**arrostar:** encarar, afrontar.

Assinale a afirmação correta sobre o poema. O eu lírico:

- a) Expressa inveja de Camões por não ter tido igual sepultura.
- b) Compara-se a Camões, fazendo um desabafo enfático da amargura pela infelicidade ao longo de uma existência.
- c) Segue o princípio clássico do relatar experiências humanas negativas aplicáveis a todos.
- d) Alterna versos alexandrinos (ou dodecassílabos) com versos decassílabos.
- e) Dirige-se ao “Céu” e ao “Tejo” com a intenção de aliar-se aos elementos da natureza.



Leia o soneto “VII”, de Cláudio Manuel da Costa, para responder às questões **44** e **45**.

Onde estou? Este sítio desconheço:  
Quem fez tão diferente aquele Prado?  
Tudo outra natureza tem tomado,  
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço  
De estar a ela um dia reclinado;  
Ali em vale um monte está mudado:  
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão fluorescentes,  
Que faziam perpétua a primavera:  
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;  
Mas que venho a estranhar, se estão presentes  
Meus males, com que tudo degenera!

(Cláudio Manuel da Costa. Obras, 2002.)

**44. Unesp 2020** No soneto, o eu lírico expressa um sentimento de inadequação que, a seu turno, se faz presente na seguinte citação:

- a) “A independência, não obstante a forma em que se desenrolou, constituiu a primeira grande revolução social que se operou no Brasil.” (Florestan Fernandes. *A revolução burguesa no Brasil*.)
- b) “Todo povo tem na sua evolução, vista à distância, um certo ‘sentido’. Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo.” (Caio Prado Júnior. *Formação do Brasil contemporâneo*.)
- c) “A ocupação econômica das terras americanas constitui um episódio da expansão comercial da Europa. A descoberta das terras americanas é, basicamente, um episódio dessa obra ingente. De início pareceu ser episódio secundário. E na verdade o foi para os portugueses durante todo um meio século.” (Celso Furtado. *Formação econômica do Brasil*.)

- d) “Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e tentando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.” (Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*.)
- e) “A formação patriarcal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de ‘raça’ e de ‘religião’ do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora.” (Gilberto Freyre. *Casa-grande e senzala*.)

**45. Unesp 2020** O tom predominante no soneto é de

- a) ingenuidade.                      d) ironia.  
b) apatia.                                e) perplexidade.  
c) ira.

**46. Cefet-MG 2015**

Acontecência

Acorda ligeira e vem olhar que lindo  
sobre o morro sol se debruçar  
leite novo espuma dessa madrugada  
passarada vem te despertar  
tantos pés descalços  
posso ver meninos a correr na direção do dia  
banho de açude alegre e lava o corpo  
fruta fresca é pra te alimentar  
acorda ligeira e vem ver que bonito  
pelo pasto solta a vacaria  
na barra da serra gavião campeão  
vem primeiro vento costurar  
tantos pés descalços posso ver libertos  
a correr na direção do dia  
chuva desce pra regar a terra  
engravidar sementes em frutas se tornar

NUCCI, Cláudio. Disponível em:  
<[www.claudionucci.com.br/musica](http://www.claudionucci.com.br/musica)>. Acesso em: 07 set. 2014.

A letra da canção “Acontecência” aproxima-se do ideário estético do Arcadismo por

- a) adotar a convenção pastoral.  
b) representar a natureza de modo bucólico.  
c) valorizar o campo em detrimento da cidade.  
d) propor uma vida equilibrada e sem excessos.

**47. Enem 2016**

### Soneto VII

Onde estou? Este sítio desconheço:  
Quem fez tão diferente aquele prado?  
Tudo outra natureza tem tomado;  
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço  
De estar a ela um dia reclinado:  
Ali em vale um monte está mudado:  
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,  
Que faziam perpétua a primavera:  
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;  
Mas que venho a estranhar, se estão presentes  
Meus males, com que tudo degenera!

COSTA, C. M. Poemas. Disponível em:  
<[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>. Acesso em: 7 jul. 2012.

No soneto de Cláudio Manuel da Costa, a contemplação da paisagem permite ao eu lírico uma reflexão em que transparece uma

- a) angústia provocada pela sensação de solidão.  
b) resignação diante das mudanças do meio ambiente.  
c) dúvida existencial em face do espaço desconhecido.  
d) intenção de recriar o passado por meio da paisagem.  
e) empatia entre os sofrimentos do eu e a agonia da terra.



Instrução: Para a questão a seguir, marque V para verdadeiro e F para falso.

- 48. UFPE 2014** Apesar de ter participado de movimentos políticos e sociais, Tomás Antônio Gonzaga os omite como tema de suas obras. Revela mais preocupação com a valorização estética e a subjetividade, aspectos que ocupam lugar de destaque em suas poesias. A esse poeta, junta-se Cruz e Souza, cuja produção também se afasta de questões sociais. Com base nos poemas abaixo, analise as proposições seguintes.

### Texto 1

#### Lira 57

Já não cinjo de loiro a minha testa,  
Nem sonoras canções o deus me inspira.  
Ah! Que nem me resta Uma já quebrada,  
Mal sonora lira!  
Mas neste mesmo estado em que me vejo,  
pede, Marília, Amor que vá cantar-te:  
cumpro o seu desejo;  
e ao que resta supra  
a paixão e a arte.  
[...]

Isso escrevia, quando, oh! Céus, que vejo!  
Descubro a ler-me os versos o deus loiro:  
Ah! Dá-lhes um beijo,  
E diz-me que valem  
Mais que letras de loiro

GONZAGA, Tomás Antônio

### Texto 2

#### Almas indecisas

Almas ansiosas, trêmulas, inquietas,  
Fugitivas abelhas delicadas  
Das colmeias de luz das alvoradas,  
Almas de melancólicos poetas,

Que dor fatal e que emoções secretas  
Vos tornam sempre assim desconsoladas,

Na pungência de todas as espadas,  
Na dolência de todos os ascetas?!

Nessa esfera em que andais, sempre indecisas,  
Que tormento cruel vos nirvaniza,  
Que agonias titânicas são essas?!

Por que não vindes, Almas imprevisas,  
Para missão das límpidas Conquistas  
E das augustas, imortais Promessas?!

CRUZ E SOUZA.

- **0-0** Os poemas, “Lira 57” e “Almas Indecisas”, apresentam discursos intimistas, que tratam do sentimento amoroso que os poetas nutrem por suas amadas. Diferem, no entanto: o primeiro por expressar um estado de euforia do eu lírico, que se mantém ao longo do poema; o segundo, por expressar um estado de inquestionável certeza e convicção.
- **1-1** Os dois poemas apresentam características que os integram, respectivamente, aos momentos estéticos: Barroco e Parnasianismo. Essa integração resulta, exclusivamente, do fato de suas temáticas não se referirem nem à realidade nem às visões políticas de seus autores.
- **2-2** No texto 1, o eu lírico revela-se perfeito árca-de, feliz por cantar os amores que nutre pela musa Marília, por quem é capaz de desafiar ‘o deus loiro’, forma metonímica de se referir a cupido, em: Descubro-me a ler-me os versos o deus loiro.
- **3-3** O primeiro verso de “Almas Indecisas” caracteriza os poetas – de cuja alma se fala – sob uma perspectiva objetiva, distante, portanto, da pretensão figurada e alegórica do mundo literário.
- **4-4** “Almas Indecisas” é um soneto lírico no qual o autor faz uso de palavras pouco comuns ou eruditas. Esta utilização é característica do Simbolismo, movimento literário ao qual o texto se vincula.



Leia o soneto a seguir para responder às questões de **49** a **51**.

Já rompe, Nise, a matutina Aurora  
O negro manto, com que a noite escura,  
Sufocando do Sol a face pura,  
Tinha escondido a chama brilhadora.

Que alegre, que suave, que sonora  
Aquela fontezinha aqui murmura!  
E nestes campos cheios de verdura  
Que avultado o prazer tanto melhora!

Só minha alma em fatal melancolia,  
Por te não poder ver, Nise adorada,  
Não sabe inda que coisa é alegria;

E a suavidade do prazer trocada  
Tanto mais aborrece a luz do dia,  
Quanto a sombra da noite mais lhe agrada.

Cláudio Manuel da Costa. Obras, 2002.

- 49. Uefs-BA 2018** O termo que melhor descreve o estado de espírito do eu lírico é
  - a) entediado.
  - b) assustado.
  - c) indignado.
  - d) triste.
  - e) otimista.
- 50. Uefs-BA 2018** Uma característica típica do Arcadismo encontrada nesse soneto é
  - a) o subjetivismo exacerbado.
  - b) a obsessão pela noite e pela morte.
  - c) o ideal da impessoalidade.
  - d) a preocupação com o social.
  - e) a evocação da cultura greco-latina.
- 51. Uefs-BA 2018** Um verso que remete à convenção arcádica do “locus amoenus” (“lugar aprazível”) é:
  - a) “O negro manto, com que a noite escura,” (1ª estrofe)
  - b) “Aquela fontezinha aqui murmura!” (2ª estrofe)
  - c) “Só minha alma em fatal melancolia,” (3ª estrofe)
  - d) “Não sabe inda que coisa é alegria;” (3ª estrofe)
  - e) “Quanto a sombra da noite mais lhe agrada.” (4ª estrofe)

## Texto complementar

### Barroco mineiro

O barroco, estilo artístico por excelência da Contrarreforma, chega ao continente americano no século XVIII, cem anos após seu surgimento na Europa, e se estende até as duas primeiras décadas do século XIX, sendo o principal estilo do período colonial. [...] No Brasil, as regiões nas quais o barroco deixou sua maior marca foram Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Aqui, a elegância dramática e o dinamismo barroco se misturam à suavidade do rococó. A talha dourada, as volutas que substituem o frontão triangular como coroamento da fachada e ao aparecimento de inúmeros anjos mesclados com a flora tropical caracterizam o barroco no Brasil. Visto como um útil instrumento de catequese por sua capacidade narrativa, o estilo encontrou na Igreja católica seu principal mecenas e, por esse motivo, a maior parte do legado barroco brasileiro vincula-se à arte sacra. [...] No início do século XX, intelectuais modernistas empenharam-se pela revalorização do barroco brasileiro afirmando-o como o primeiro estilo nacional. Inicia-se então um processo de tombamento e musealização de seu legado material. Ainda para muitos pesquisadores é possível encontrar aspectos do barroco em várias expressões artísticas, sociais e tradicionais brasileiras: no gosto pelo excesso, dinamismo, hibridismo e pela heterogeneidade.

BUGLER, Caroline et al. *O livro da arte*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. p. 174-175.



Veja os principais assuntos e conceitos trabalhados neste capítulo acessando a seção **Resumindo** no livro digital, na Plataforma Poliedro.





## Quer saber mais?



### Livro

**Ideias para adiar o fim do mundo**, de Ailton Krenak. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Um dos mais importantes pensadores e líderes indígenas do Brasil, Ailton Krenak reflete de maneira crítica sobre as relações humanas com a natureza e a resistência dos povos nativos na preservação do meio ambiente.



### Filmes

**A missão**. Direção: Roland Joffé. 1986.

O filme trata da proteção do Padre Jesuíta Gabriel e Rodrigo Mendoza, comerciante de escravizados, aos indígenas durante o processo de consequências violentas do tratado de troca de territórios entre Portugal e Espanha no século XVIII.

**O sétimo selo**. Direção: Ingmar Bergman. 1957.

O filme narra o retorno de um cavaleiro das Cruzadas que se depara com o seu país devastado pela grande peste. A Morte personificada surge em um momento de oscilação de fé, com quem ele decide jogar xadrez no intuito de ganhar tempo até a concretização de sua partida da vida terrena. A partida do cavaleiro dependerá do resultado do jogo.

**Caramuru, a invenção do Brasil**. Direção: Guel Arraes. 2001.

O filme é uma comédia que satiriza o início da colonização da nova terra conquistada pelos portugueses, o Brasil. A narrativa fílmica é uma adaptação bem-humorada da história também contada na obra de Santa Rita Durão sobre o triângulo amoroso entre Diogo Álvares Correia, sua futura esposa Paraguaçu e a indígena Moema.

## Exercícios complementares

### 1. PUC-SP 2017



As pinturas acima foram produzidas no século XVII por Albert Eckhout, um dos estudiosos que esteve no nordeste brasileiro na corte de Maurício de Nassau, durante a ocupação holandesa. Elas são representações de algumas mulheres encontradas na colônia: a mulher tapuia, a mulher tupi, a mameluca e a mulher negra, respectivamente.

A partir de tais referências, assinale a alternativa INCORRETA.

- a) O contraste entre a mulher tupi e a mulher tapuia sugere que o colonizador mantinha diferentes formas de se relacionar com os indígenas.
- b) O contraste entre as vegetações são representações fidedignas dos lugares onde essas mulheres eram encontradas.
- c) O contraste entre vestimentas das mulheres tupi e mameluca sugere que o colonizador identificava diferenças culturais entre elas.
- d) A presença de crianças na representação das mulheres tupi e negra alude à maternidade e poderia ser lida como a possibilidade de reprodução da mão de obra.
- e) As imagens são representações da experiência dos holandeses e de suas intenções colonizadoras.

2. **UFJF-MG 2022** A Carta de Pero Vaz de Caminha é apontada por Alfredo Bosi, em sua *História Concisa da Literatura Brasileira* (Cultrix, 1994), como uma das principais manifestações de uma literatura de viagens, que se tornou típica no período da Literatura Brasileira denominada de Quinhentista. Leia um trecho a seguir:

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos – terra que nos parecia muito extensa. Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de

muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem! Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

Fonte: Carta a El Rei D. Manuel, Dominus: São Paulo, 1963, p.10-11. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000292.pdf>

Neste trecho, é possível compreender de que modo os recém-chegados ao território que hoje é chamado de Brasil avaliavam as pessoas que aqui encontraram. Qual passagem do texto permite identificar essa avaliação?

3. **UFT-TO 2020** Leia o fragmento para responder à questão

#### São Lourenço:

Mas existe a confissão,  
remédio senhor da cura.  
Os índios que enfermos são  
com ela se curarão,  
e a comunhão os segura.  
Quando o pecado lhes pesa,  
vão-se os índios confessar.  
Dizem: “Quero melhorar...”  
O padre sobre eles reza  
para o seu Deus aplacar.  
[...]

AIMBIRÊ: [criado do diabo]:  
Afastado,  
“quando à morte fôr chegado,  
diz o índio, expulsarei  
todo o crime que oculte”.

GUAIXARÁ [diabo chefe]:  
Ouve, oh! sim; pois com cuidado  
seus maus atos desfiei.

SÃO LOURENÇO:  
Com todo vosso ódio, sei  
que procurais condená-los.  
Deles não me afastarei,  
mas a Deus suplicarei  
para sempre auxiliá-los.  
Eles em mim confiaram,  
construindo essa capela;  
velhos vícios extirpavam,  
por patrono me tomaram  
que em firmá-los se desvela.

ANCHIETA, José de. Teatro de Anchieta. In: O auto de São Lourenço. Edições Loyola: São Paulo, 1977, p. 158. (fragmento). (adaptado).

A partir da leitura do fragmento de **O auto de São Lourenço**, de José de Anchieta, é **CORRETO** afirmar que

- a) apresenta um diálogo entre São Lourenço, Guaixará e Aimbirê, no qual o Santo intercede pelos índios junto ao divino.
- b) exhibe uma disputa entre o bem e o mal, em que o chefe dos diabos faz acusações contra São Lourenço.

- c) intenciona apresentar as virtudes dos diabos e os vícios dos índios.
- d) retoma o evangelho cristão, no qual São Lourenço condena os índios por seus vícios.

4. **UFMG 2020** Demarcação de Terras Indígenas é decisiva para conter o desmatamento e regular o clima

Antonio Oviedo

As Terras Indígenas cobrem uma porção significativa da Amazônia brasileira e são fundamentais para a reprodução física e sociocultural dos povos indígenas. Os benefícios e serviços prestados por estas áreas ao clima e desenvolvimento sustentável do bioma, contudo, ainda são pouco reconhecidos. Para piorar, terminamos 2017 com a notícia triste de que o desmatamento aumentou em algumas dessas terras. Para tentar equilibrar um pouco esse jogo, listamos neste artigo algumas boas razões para mostrar porque aumentar a proteção das Terras Indígenas é, também, ajudar a preservar a Amazônia. Para começo de conversa, as Terras Indígenas na Amazônia abrigam 173 etnias indígenas e são fundamentais para a conservação da biodiversidade regional e global, pois as comunidades indígenas reconhecem o valor da floresta em pé na proteção e manejo dessas áreas. Enquanto 20% da floresta amazônica brasileira foi desmatada nos últimos 40 anos, as Terras Indígenas na Amazônia Legal perderam, somadas, apenas 2% de suas florestas originais. Esta característica lhes confere um papel fundamental na prevenção e no controle do desmatamento, tanto pela extensão de suas áreas – com elevados índices de conservação ambiental e com os maiores remanescentes florestais do país – quanto pelos modos tradicionais de vida dos povos indígenas, caracterizados por uma relação harmônica com os ecossistemas. Em várias regiões, as Terras Indígenas fazem parte de mosaicos ou corredores de áreas protegidas ainda mais extensos, articuladas com Unidades de Conservação e Territórios Quilombolas, que bloqueiam o avanço do desmatamento e promovem outros modelos de ocupação e de governança. Hoje, as Terras Indígenas e Unidades de Conservação cobrem mais de 42% da Amazônia Brasileira. Este efeito inibidor do desmatamento relacionado à presença e o reconhecimento de Terras Indígenas pode ser demonstrado por meio da queda nas taxas da destruição da floresta entre 2004 e 2008. Neste período, 10 milhões de hectares da Amazônia brasileira foram demarcados como Terras Indígenas, assim como outros 20 milhões passaram a ser protegidos no âmbito do Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia (PPCDAm). Esta ação, por si só, influenciou a queda de 37% da taxa de desmatamento observada entre aqueles anos.

Disponível em: <https://goo.gl/QPbWtU>. Acesso em: 26 nov. 2018. (Fragmento).

Assinale a alternativa **CORRETA** a respeito dos argumentos do texto.

- a) A relação dos indígenas com a terra atrapalha a demarcação de terras.
- b) Há mais desmatamento nas terras indígenas do que em terras não indígenas.
- c) Terras indígenas contêm o desmatamento, pois indígenas dependem de suas florestas.
- d) Unidades de Conservação e Territórios Quilombolas não contêm o desmatamento.

## 5. Uefs-BA 2014

Seguimos nosso caminho por este mar de longo  
Até a oitava da Páscoa  
Topamos aves  
E houvermos vista de terra  
os selvagens  
Mostraram-lhes uma galinha  
Quase haviam medo dela  
E não queriam pôr a mão  
E depois a tomaram como espantados  
primeiro chá  
Depois de dançarem  
Diogo Dias  
Fez o salto real  
as meninas da gare  
Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis  
Com cabelos mui pretos pelas espáduas  
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas  
Que de nós as muito bem olharmos  
Não tínhamos nenhuma vergonha.

ANDRADE, Oswald de. "Descoberta". Poesias reunidas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. Disponível em: <[www.entrevista.agulha.nom.br/oswal.html#adescoberta](http://www.entrevista.agulha.nom.br/oswal.html#adescoberta)>. Acesso em: 5 maio 2014.

Nesse texto, a intertextualidade é identificada por meio de

- uma comparação entre a Carta de Pero Vaz de Caminha e os textos em versos, garantindo uma forma diversificada para a exposição da mesma ideologia.
- uma paráfrase que se estabelece entre o poema e a literatura de informação, ratificando todos os discursos presentes no Quinhentismo e acrescentando, apenas, um novo modelo estrutural.
- uma paródia feita com fragmentos da Carta de Pero Vaz de Caminha, que, transformando prosa em verso, desconstrói seu sentido original, ressignifica as informações com base em um contexto contemporâneo.
- um pastiche gerado pela reprodução do mesmo estilo de escrita e gênero textual, ratificando a ideia de que, mesmo depois de séculos, a percepção da realidade brasileira continua sendo a mesma de outrora.
- uma citação indireta, em que a mistura de discursos, feita pelo sujeito poético com suas próprias palavras, em nada altera as ideias contidas no texto original, ou seja, a Carta de Pero Vaz de Caminha sobre a descoberta do Brasil.

6. **Famerp-SP 2015** O Capitão-mor perguntou a todos se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar descobrir e saber dela mais do que agora nós podíamos saber, por irmos de nossa viagem. E foi por todos ou a maior parte dito que seria muito bem. Perguntou mais se seria bom tomar aqui por força um par destes

homens para os mandar a Vossa Alteza e deixar aqui por eles outros dous destes degradados. A isto acordaram que não era necessário tomar por força homens por ser gente que ninguém entende.

(Pero Vaz de Caminha. Carta a el-rei dom Manuel sobre o achamento do Brasil, 1974. Adaptado.)

A carta de Pero Vaz de Caminha para o rei de Portugal, datada de 1 de maio de 1500, revela

- o descaso dos navegantes, assim como da coroa portuguesa, para com um território densamente povoado por indígenas.
- a necessidade de medidas para se ampliar o conhecimento da terra, considerando que a frota portuguesa devia partir para novo rumo.
- o desconhecimento das sociedades indígenas sobre as regiões demasiadamente afastadas do litoral.
- a intenção da coroa portuguesa em colonizar a terra recém-descoberta com prisioneiros e dissidentes políticos e religiosos.
- a impossibilidade da exploração da mão de obra indígena na extração de recursos e riquezas abundantes no litoral.

7. **IFSP 2017** Leia o poema a seguir do padre jesuíta, José de Anchieta, e, em seguida, analise as assertivas.

### A Santa Inês

José de Anchieta

I  
Cordeirinha linda,  
Como folga o povo  
Porque vossa vinda  
lhe dá lume novo!

Cordeirinha santa,  
de lesu querida,  
vossa santa vinda o diabo  
[espanta.

Por isso vos canta,  
com prazer, o povo,  
porque vossa vinda  
lhe dá lume novo.

Nossa culpa escura  
fugirá depressa,  
pois vossa cabeça  
vem com luz tão pura.

Vossa formosura  
honra é do povo,  
porque vossa vinda  
lhe dá lume novo.

Virginal cabeça  
pela fé cortada,  
com vossa chegada,  
já ninguém pereça.

Vinde mui depressa  
ajudar o povo,  
pois com vossa vinda  
lhe dais lume novo.

Vós sois, cordeirinha,  
de lesu formoso,  
mas o vosso esposo  
já vos fez rainha.  
Também padeirinha  
sois de nosso povo,  
pois, com vossa vinda,  
lhe dais lume novo.

ANCHIETA, José de. In: MOISÉS, Massaud. A literatura brasileira através dos textos. São Paulo: Cultrix, 1991.

- Na sexta estrofe, pode-se depreender que padre José de Anchieta faz uma referência a Santa Inês e pode-se comparar o sacrifício dela com o de Jesus, ou seja, ela foi sacrificada para salvar o povo.



- II. Nos versos “Cordeirinha linda” e “Cordeirinha santa”, pode-se depreender que o diminutivo é usado para expressar afetividade em relação à santa.
- III. Pode-se depreender que o poema tem o objetivo de evangelizar por meio da exaltação das virtudes do sacrifício e da santidade de Santa Inês.

É correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas.                      d) III, apenas.  
 b) II e III, apenas.                    e) II, apenas.  
 c) I, II e III.

8. **UPE 2017 (Adapt.)** As manifestações da literatura do Brasil Colônia estão ligadas ao Quinhentismo português e ao Seiscentismo peninsular. Assim, entre os anos de 1500 e 1600, encontram-se importantes produções, como as de José de Anchieta e a de Bento Teixeira, as quais marcam presença nas origens da literatura brasileira.

### Texto I

#### Primeiro ato

(*Cena do martírio de São Lourenço.*)

*Cantam:*

Por Jesus, meu salvador,  
 Que morre por meus pecados,  
 Nestas brasas morro assado  
 Com fogo do meu amor.

Bom Jesus, quando te vejo  
 Na cruz, por mim flagelado,  
 Eu por ti vivo e queimado  
 Mil vezes morrer desejo.

Pois teu sangue redentor  
 Lavou minha culpa humana,  
 Arda eu pois nesta chama  
 Com fogo do teu amor.

O fogo do forte amor,  
 Ah, meu Deus!, com que me amas  
 Mais me consome que as chamas  
 E brasas, com seu calor.  
 Pois teu amor, pelo meu  
 Tais prodígios consumou,  
 Que eu, nas brasas onde estou,  
 Morro de amor pelo teu.

*Auto de São Lourenço, de José de Anchieta.*

### Texto II

#### Prosopopeia

I  
 Cantem Poetas o Poder Romano,  
 Sobmetendo Nações ao jugo duro;  
 O Mantuano pinte o Rei Troiano,  
 Descendo à confusão do Reino escuro;  
 Que eu canto um Albuquerque soberano,  
 Da Fé, da cara Pátria firme muro,  
 Cujo valor e ser, que o Ceo lhe inspira,  
 Pode estancar a Lácia e Grega lira.

II  
 As Déléficas irmãs chamar não quero,  
 que tal invocação é vão estudo;  
 Aquele chamo só, de quem espero  
 A vida que se espera em fim de tudo.  
 Ele fará meu Verso tão sincero,  
 Quanto fora sem ele tosco e rudo,  
 Que per rezão negar não deve o menos  
 Quem deu o mais a míseros terrenos.

III  
 E vós, sublime Jorge, em quem se esmalta  
 A Estirpe d’Albuquerque excelente,  
 E cujo eco da fama corre e salta  
 Do Cauro Glacial à Zona ardente,  
 Suspendei por agora a mente alta  
 Dos casos vários da Olindesa gente,  
 E vereis vosso irmão e vós supremo  
 No valor abater Querino e Remo.

IV  
 Vereis um sinil ânimo arriscado  
 A trances e conflictos temerosos,  
 E seu raro valor executado  
 Em corpos Luteranos vigurosos.  
 Vereis seu Estandarte derribado  
 Aos Católicos pés victoriosos,  
 Vereis em fim o garbo e alto brio  
 Do famoso Albuquerque vosso Tio.

V  
 Mas em quanto Talia no se atreve,  
 No Mar do valor vosso, abrir entrada,  
 Aspirai com favor a Barca leve  
 De minha Musa inculta e mal limada.  
 Invocar vossa graça mais se deve  
 Que toda a dos antigos celebrada,  
 Porque ela me fará que participe  
 Doutro licor melhor que o de Aganipe.

Bento Teixeira.

Sobre tais produções e seus autores, analise as proposições a seguir.

- I. Em geral, a produção de José de Anchieta tem como finalidade prestar serviço à Companhia de Jesus; assim, é intencional o caráter estético-doutrinário e pedagógico de suas obras.
- II. O Auto de São Lourenço é dotado de técnica tomada de empréstimo de Gil Vicente e possui forte influência barroca, como imaginação exaltada, ideia abstrata e valorização dos sentidos.
- III. Prosopopeia é um poemeto épico com a finalidade de louvar o Governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho.
- IV. Pode-se dizer que o Texto II distancia-se tanto na forma como no estilo de *Os Lusíadas*, de Camões.
- V. Bento Teixeira compromete o valor estético de sua Prosopopeia, quando emprega um tom bajulatório no poemeto, apresentando pobre motivo histórico e inconsistência nos recursos nele utilizados.

Estão corretas apenas:

- a) I, II e IV.                      d) IV e V.  
b) II, III e V.                     e) I, II, III e V.  
c) I, III e IV.

9. **Fuvest-SP 2017** Considere as imagens e o texto, para responder.



Fachada da igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto.



Perspectiva da nave da mesma igreja.

## II / São Francisco de Assis\*

Senhor, não mereço isto.  
Não creio em vós para vos amar.  
Trouxestes-me a São Francisco  
e me fazeis vosso escravo.  
Não entrarei, senhor, no templo,  
seu frontispício me basta.  
Vossas flores e querubins  
são matéria de muito amar.  
Dai-me, senhor, a só beleza  
destes ornatos. E não a alma.  
Presente-se dor de homem,

paralela à das cinco chagas.  
Mas entro e, senhor, me perco  
na rósea nave triunfal.  
Por que tanto baixar o céu?  
por que esta nova cilada?  
Senhor, os púlpitos mudos  
entretanto me sorriem.  
Mais que vossa igreja, esta  
sabe a voz de me embalar.  
Perdão, senhor, por não amar-vos.

Carlos Drummond de Andrade \*O texto faz parte do conjunto de poemas "Estampas de Vila Rica", que integra a edição crítica de Claro enigma. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Analise as seguintes afirmações relativas à arquitetura das igrejas sob a estética do Barroco:

- I. Unem-se, no edifício, diferentes artes, para assaltar de uma vez os sentidos, de modo que o público não possa escapar.
- II. O arquiteto procurava surpreender o observador, suscitando nele uma reação forte de maravilhamento.
- III. A arquitetura e a ornamentação dos templos deviam encenar, entre outras coisas, a preeminência da Igreja.

A experiência que se expressa no poema de Drummond registra, em boa medida, as reações do eu lírico ao que se encontra registrado em

- a) I, apenas.                                      d) I e III, apenas.  
b) II, apenas.                                    e) I, II e III.  
c) II e III, apenas.

10. **ESPM-SP 2014** Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão **empeçado**, um estilo tão difícil, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é também essa. O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte [...] Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se uma parte está branco, da outra há de estar negro [...] Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação, muito distinto e muito claro.

ANTÔNIO VIEIRA, Padre. "Sermão da Sexagésima."

**empeçado:** com obstáculo, com empecilho.

Assinale a incorreta sobre o texto de Padre Vieira:

- a) vale-se do estilo conceptista do Barroco, voltando-se para a argumentação e raciocínio lógicos.
- b) ataca duramente os pregadores cultistas, devido ao estilo pomposo, de difícil acesso, e aos exageros da ornamentação.
- c) critica o sermão que está preocupado com a suntuosidade linguística e estilística.
- d) defende a pregação que tenha naturalidade, clareza e distinção.
- e) mostra que, seguindo o exemplo de Cristo, pregar e semear afetam o estilo, porque ambas são práticas da natureza.

**11. Fuvest-SP** Leia atentamente este texto:

“Dos púlpitos dessa igreja, o padre Antônio Vieira pronunciara com sua voz de fogo os sermões mais célebres de sua carreira”, escreveu Jorge Amado, protestando [contra o projeto de demolição da igreja da Sé]. Conta Jorge que correu na época [décênio de 1930] a notícia de que o arcebispo embolsou gorjeta grande para permitir que a Companhia Linha Circular de Carris da Bahia abatesse o templo. Não há provas do suborno, é certo, mas o fato é que o arcebispo, em documento assinado por ele mesmo, deu a sua “inteira aquiescência” à obra destrutiva. A irritação anticlerical de Jorge Amado subiu então ao ponto de ele fazer o elogio dos “índios patriotas” que, nos primeiros dias coloniais, haviam realizado uma “experiência culinária” com o bispo Sardinha. Acrescentando ainda que, naquela década de 1930, baiano já não gostava de bispo nem como alimento.

RISÉRIO, Antonio. Uma história da cidade da Bahia. (Adapt.).

- a) As expressões “inteira aquiescência” e “índios patriotas”, citadas no texto, procedem, ambas, da mesma fonte (autor que utilizou tais expressões)? Justifique sua resposta.
- b) Tendo em vista o contexto, é correto afirmar que a expressão “experiência culinária” é usada com sentido irônico?

**12. Unicamp-SP** A arte colonial mineira seguia as proposições do Concílio de Trento (1545-1553), dando visibilidade ao catolicismo reformado. O artífice deveria representar passagens sacras. Não era, portanto, plenamente livre na definição dos traços e temas das obras. Sua função era criar, segundo os padrões da Igreja, as peças encomendadas pelas confrarias, grandes mecenas das artes em Minas Gerais.

Adaptado de Camila F. G. Santiago, “Traços europeus, cores mineiras: três pinturas coloniais inspiradas em uma gravura de Joaquim Carneiro da Silva”, em Junia Furtado (org.), Sons, formas, cores e movimentos na modernidade atlântica. Europa, Américas e África. São Paulo: Annablume, 2008, p. 385.

Considerando as informações do enunciado, a arte colonial mineira pode ser definida como

- a) renascentista, pois criava na colônia uma arte sacra própria do catolicismo reformado, resgatando os ideais clássicos, segundo os padrões do Concílio de Trento.
  - b) barroca, já que seguia os preceitos da Contrarreforma. Era financiada e encomendada pelas confrarias e criada pelos artífices locais.
  - c) escolástica, porque seguia as proposições do Concílio de Trento. Os artífices locais, financiados pela Igreja, apenas reproduziam as obras de arte sacra europeias.
  - d) popular, por ser criada por artífices locais, que incluíam escravos, libertos, mulatos e brancos pobres que se colocavam sob a proteção das confrarias.
- 13. IFSP 2016** Considerando o Barroco, assinale a alternativa correta.
- a) Padre Antônio Vieira caracterizou-se por sua poesia satírica, sendo os sermões obras de insignificativa importância.

- b) Gregório de Matos é reconhecido por seus sermões religiosos, nos quais pregava a importância da fé e da manutenção das práticas da burguesia, uma classe verdadeira e honesta.
- c) Um aspecto central da vida de Gregório de Matos era o equilíbrio. O amor nunca foi tema de suas poesias, já que era casado e extremamente fiel à esposa.
- d) Padre Antônio Vieira e Gregório de Matos foram importantes autores do Barroco.
- e) Padre Antônio Vieira nunca se envolveu com a política, uma vez que acreditava que seu trabalho era exclusivamente clerical e o sofrimento da população não despertava seu interesse.

**14. UFSM-RS 2014** Os hábitos alimentares variam não só conforme as diferentes culturas, mas também conforme as condições socioeconômicas das pessoas e suas crenças religiosas. É a isso que se refere Padre Antônio Vieira no excerto do Sermão de Santo Antônio ou dos Peixes:

Mas ainda que o Céu e o Inferno se não fez para vós, irmãos peixes, acabo, e dou fim a vossos louvores, com vos dar as graças do muito que ajudais a ir ao Céu, e não ao Inferno, os que se sustentam de vós. Vós sois os que sustentais as Cartuxas e os Buçacos, e todas as santas famílias, que professam mais rigorosa austeridade; vos os que a todos os verdadeiros cristãos ajudais a levar a penitência das quaermas; vós aqueles com que o mesmo Cristo festejou a Páscoa as duas vezes que comeu com seus discípulos depois de ressuscitado. Prezem-se as aves e os animais terrestres de fazer esplêndidos e custosos os banquetes dos ricos, e vós gloriari-vos de ser companheiros do jejum e da abstinência dos justos! Tendes todos quantos sois tanto parentesco e simpatia com a virtude, que, proibindo Deus no jejum a pior e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. E posto que na semana só dois se chamam vossos, nenhum dia vos é vedado. Um só lugar vos deram os astrólogos entre os signos celestes, mas os que só de vós se mantêm na terra, são os que têm mais seguros os lugares do Céu.

Cartuxas e Buçacos: os pertencentes a essas Ordens Religiosas, as quais são conhecidas por sua austeridade.

Assinale a incorreta sobre o texto de Padre Vieira:

- a) Por meio de uma alegoria, Vieira dirige-se, no sermão, aos peixes, mostrando que estes merecem apenas elogios, ao passo que os homens merecem apenas repreensões.
- b) Como se vê pelo excerto, Vieira dirige-se aos peixes de forma geral, sem fazer menções a espécies de peixes em particular, o que também ocorre no restante do sermão.
- c) Vieira, no excerto, estabelece uma antítese entre céu e inferno que é reproduzida simbolicamente na contraposição entre peixe e carne.
- d) O objetivo de Vieira no “Sermão dos Peixes”, conforme se vê pelo excerto, é reforçar nos fiéis católicos a importância de jejuar nos dias santos como forma de aproximarem-se de Deus.
- e) Contrariamente ao que se esperaria de um texto dessa época, o fragmento do “Sermão dos Peixes” não apresenta um estilo rebuscado, muito menos o emprego de uma linguagem rica em conceitos.



15. **UPE 2015** Sobre a fundamentação do Barroco no Brasil, assinale a alternativa correta.

- a) Tem como marco introdutório a publicação da epopeia, referenciada como a maior obra do gênero épico da Língua Portuguesa cuja autoria é atribuída a Luís Vaz de Camões, publicada em 1640, ano em que Portugal e conseqüentemente o Brasil voltam a se tornar autônomos em relação à dominação espanhola.
- b) A poesia barroca de Gregório de Matos e os sermões do Padre Antônio Vieira são, do ponto de vista estético, distintos, pois o poeta tece críticas ferrenhas à sociedade baiana de seu tempo, ao passo que os sermões do religioso se eximem de qualquer relação com os problemas a ele contemporâneos.
- c) Tanto a poesia satírica de Gregório de Matos quanto os sermões do Padre Vieira revelam o envolvimento de ambos os autores com acontecimentos da época. Daí o poeta ser apelidado de “o boca do inferno”, e o Padre jesuíta ter sido condenado ao silêncio por dez anos pela Igreja à qual pertencia.
- d) Um texto barroco bem caracterizado é aquele que reflete os anseios de um homem equilibrado, dominado pela razão, além de ter como riqueza a metáfora e a metonímia, as quais tornam a linguagem concisa e clara. Tal ocorrência é facilmente identificada tanto na poesia conceptista de Gregório como nos sermões cultistas do Padre Vieira.
- e) O Barroco produzido no Brasil se restringiu a duas personalidades importantes, Gregório de Matos e Padre Vieira. Por essa razão, Bento Teixeira, autor de Prosopopeia, não é reconhecido como poeta lírico, apesar de ter criado sonetos de reconhecido valor estético sobre o amor erótico, o que lhe rendeu a prisão pela Santa Inquisição em Olinda.

16. **UFSM-RS 2014** Padre Antônio Vieira, em seu Sermão de Santo Antônio ou dos Peixes, vale-se da fauna aquática, especialmente a da costa brasileira, para dar força e vida às suas palavras, como se vê no fragmento a seguir.

Outra coisa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima, em muitos de vós, é aquela tão notável ignorância e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam para estas partes. Tome um homem do mar um anzol, ata-lhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele e fica preso e boqueando até que, assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba de morrer. Pode haver maior ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida?

Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vô-lo nego. Dá um exército batalha contra outro exército, metem-se os homens pelas pontas dos piques, dos chuços e das espadas, e por quê? Porque houve quem os engodou e lhes fez isca com dois retalhos de pano. A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isca nas pontas desses piques, desses chuços e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama hábito de Malta; ou verde, que se

chama de Aviz; ou vermelho, que se chama de Crista e de Santiago; e os homens por chegarem a passar esse retalho de pano ao peito, não reparam em tragar e engolir o ferro.

A partir da leitura do fragmento, assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada afirmativa a seguir.

- A referência aos peixes, no fragmento e no sermão como um todo, deve-se ao “milagre da multiplicação dos peixes”, realizado por Jesus Cristo, o que serve de ponto de partida para o texto de Vieira.
- Por meio da analogia, Vieira compara como os peixes são pescados e como os homens perdem-se, ambos vítimas de um engano.
- Os fatos narrados no fragmento apresentam semelhanças com o enredo de uma fábula, no sentido de que seu conteúdo é utilizado para ilustrar um princípio moral.

A sequência correta é

- a) V – F – F.      c) F – V – V.      e) V – V – V.
- b) F – V – F.      d) F – F – V.

17. **UFRGS 2016** Leia as seguintes afirmações sobre o Sermão de Santo Antônio aos peixes, de Padre Antônio Vieira.

- I. O Sermão apresenta a estratégia de se dirigir aos peixes, e não aos homens, estendendo o alcance crítico à conduta dos colonos maranhenses.
- II. O Sermão apresenta elogios aos grandes pregadores, através de passagens do Novo Testamento.
- III. A sardinha é eleita o símbolo do verdadeiro cristão, por ter sido o peixe multiplicado por Jesus.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.      d) Apenas II e III.
- b) Apenas II.      e) I, II e III.
- c) Apenas I e III.

18. **ESPM-SP 2014** Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão **empeçado**, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é também essa. O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte (...) Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se uma parte está branco, da outra há de estar negro (...) Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação, muito distinto e muito claro.

(Sermão da Sexagésima, Pe. Antonio Vieira)

**empeçado:** com obstáculo, com empecilho.

A expressão que traduz a ideia de rebuscamento no estilo é:

- a) “púlpitos”
- b) “semear”
- c) “céu”
- d) “xadrez de palavras”
- e) “estrelas”





A ti trocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando e tem trocado  
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh quisera Deus que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote!

Matos, Gregório de. Poemas escolhidos. São Paulo:  
Companhia das Letras, 2010.

Em relação ao estilo barroco, qual figura de linguagem predomina no poema de Gregório de Matos:

- a) personificação.
- b) silepse.
- c) eufemismo.
- d) sinestesia.
- e) barbarismo.



Leia o poema abaixo, de Gregório de Matos, para responder às questões **23** e **24**.

Tristes sucessos, casos lastimosos,  
Desgraças nunca vistas, nem faladas,  
São, ó Bahia! vésperas choradas  
De outros que estão por vir mais estranhosos:

Sentimo-nos confusos, e teimosos,  
Pois não damos remédios às já passadas,  
Nem prevemos tampouco as esperadas,  
Como que estamos delas desejosos.

Levou-vos o dinheiro a má fortuna,  
Ficamos sem tostão, real nem branca,  
Macutas, correão, novelos, molhos:

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna,  
E é que, quem o dinheiro nos arranca,  
Nos arrancam as mãos, a língua, os olhos.

**23. Ufla-MG 2019** Em relação ao poema de Gregório de Matos, é **CORRETO** afirmar que:

- a) É um exemplo de poesia lírica amorosa, em que os jogos de palavras expõem e concretizam o dualismo entre desejo e sofrimento.
- b) Ilustra o tom elogioso dos poemas satíricos de Gregório, ao exaltar as figuras que livraram a Bahia de desgraças passadas e futuras.
- c) Constitui uma sátira de cunho político, que critica a forma como a cidade é administrada e denuncia os prejuízos causados à população.
- d) Revela o caráter imaginativo e fantasioso da poesia de Gregório, alheia às questões políticas e econômicas da Bahia do século XVII.

**24. Ufla-MG 2019** Em relação à última estrofe do poema de Gregório de Matos, é **CORRETO** afirmar que:

- a) O trecho relata a debilidade física dos moradores, causada pela má administração da cidade.
- b) A estrofe faz referência direta e objetiva aos castigos sofridos pelo poeta, por se opor aos governantes da época.

- c) A referência a mãos, língua e olhos arrancados metaforiza o sofrimento causado pelo desejo amoroso não realizado.
- d) Os versos se referem à opressão aos habitantes da cidade, impedidos de se manifestar mesmo tendo sua riqueza roubada.

**25. UPE 2017** Do século XVI até meados do século XVIII, duas manifestações estéticas são de extrema relevância para a formação da literatura brasileira: o Barroco e o Arcadismo. Para refletir sobre esses dois momentos e responder à questão, leia os textos a seguir.

#### Texto 1

Discreta, e formosíssima Maria,  
Enquanto estamos vendo claramente  
Na vossa ardente vista o sol ardente,  
E na rosada face a Aurora fria.

Enquanto pois produz, enquanto cria  
Essa esfera gentil, mina excelente  
No cabelo o metal mais reluzente,  
E na boca a mais fina pedraria.

Gozai, gozai da flor da formosura,  
Antes que o frio da madura idade  
Tronco deixe despido, o que é verdura.

Que passado o zenith da mocidade,  
Sem a noite encontrar da sepultura,  
É cada dia ocaso da beldade.

Gregório de Matos

#### Texto 2

Brandas ribeiras, quanto estou contente  
De ver-nos outra vez, se isto é verdade!  
Quanto me alegre ouvir a suavidade,  
Com que Fílis entoa a voz cadente!

Os rebanhos, o gado, o campo, a gente,  
Tudo me está causando novidade:  
Oh como é certo, que a cruel saudade  
Faz tudo, do que foi, mui diferente!

Recebei (eu vos peço) um desgraçado,  
Que andou té agora por incerto giro  
Correndo sempre atrás do seu cuidado:

Este pranto, estes ais, com que respiro,  
Podendo comover o vosso agrado,  
Façam digno de vós o meu suspiro.

Cláudio Manoel da Costa

Sobre os textos **1** e **2** e seus respectivos autores, analise as seguintes proposições.

- I. Pode-se afirmar que uma das características do Barroco, presente no texto 1, é o tema da efemeridade da vida, como pode ser percebido no primeiro terceto.
- II. Gregório de Matos foi um repentista, que sabia improvisar; um menestrel baiano que buscava inspiração no cotidiano, nas circunstâncias da vida, quer seja pelo êxtase religioso quer pelo afetivo.
- III. O texto 1 é marcado pela temática do *Carpe Diem*, característica notável também do Barroco.





De acordo com o poema, é correto afirmar:

- a) A temática barroca do desconcerto do mundo está representada no poema, uma vez que as coisas do mundo estão em desarmonia entre si.
- b) A transitoriedade das coisas terrenas está em oposição ao caráter imutável do sujeito, submetido a uma concepção fatalista do destino humano.
- c) A concepção de um mundo às avessas está figurada no soneto através da clara oposição entre o mar que tudo move e a lua imutável.
- d) A clareza empregada para exposição do tema reforça o ideal de simplicidade e bucolismo da poesia barroca, cujo lema fundamental era a *aurea mediocritas*.
- e) A sintonia entre a natureza e o eu poético embasa as personificações de objetos inanimados aliadas às hipérbolices que descrevem o sujeito.

## 29. Cefet-MG 2016

### Definição do amor

Mandai-me, Senhores, hoje  
que em breves rasgos descreva  
do Amor a ilustre prosápia,  
E de Cupido as proezas.

Dizem que de clara escuma,  
dizem que do mar nascera,  
que pegam debaixo d'água  
as armas que o Amor carrega.

[...]

O arco talvez de pipa,  
A seta talvez esteira,  
Despido como um maroto,  
Cego como uma toupeira.

[...]

E isto é o Amor? É um corno.  
Isto é o Cupido? Má peça.

[...]

O amor é finalmente  
Um embaraço de pernas,  
Uma união de barrigas,  
Um breve tremor de artérias  
Uma confusão de bocas,  
Uma batalha de veias,  
Um reboliço de ancas,  
Quem diz outra coisa é besta.

Gregório de Matos: Poemas escolhidos (Seleção, prefácio e notas de José Miguel Wisnik).  
São Paulo: Cia. das Letras, 2010, p. 301-312 (fragmento).

Gregório de Matos viveu no Brasil no século XVII e é um importante escritor desse primeiro momento da literatura brasileira. A leitura do poema permite a identificação de características do pensamento barroco, vigente no período, especialmente no que diz respeito à

- a) crítica à idealização amorosa.
- b) valorização da cultura clássica.
- c) escolha pela linguagem formal.
- d) estima pelos desejos subjetivos.

## 30. Uepa 2014

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

(Gregório de Matos Guerra)

Assinale a alternativa que contém uma característica da comunicação poética, típica do estilo Barroco, existente no quarteto acima.

- a) Reflexão sobre o caráter humano da divindade.
- b) Associação da natureza com a permanência da realidade espiritual.
- c) Presença da irreverência satírica do poeta com base no paradoxo.
- d) Utilização do pleonasma para reforçar a superioridade do cristianismo sobre o protestantismo.
- e) Uso de ideias contrastantes com base no recurso da antítese.

## 31. IFSP 2014 Leia o soneto do escritor barroco Gregório de Matos.

### Descrição da Cidade de Sergipe d'El-Rei

Três dúzias de casebres remendados,  
Seis becos, de mentrastos entupidos,  
Quinze soldados, rotos e despídos,  
Doze porcos na praça bem criados.

Dois conventos, seis frades, três letrados,  
Um juiz, com bigodes, sem ouvidos,  
Três presos de piolhos carcomidos,  
Por comer dois meirinhos esfaimados.

As damas com sapatos de **baeta**,  
Palmilha de tamanca como frade,  
Saia de **chita**, cinta de raqueta.

O feijão, que só faz **ventosidade**  
Farinha de pipoca, pão que greta,  
De Sergipe d'El-Rei esta é a cidade.

(DIMAS, Antônio. Gregório de Matos.  
São Paulo: Nova Cultural, 1988.)

**mentrasto:** tipo de erva.  
**baeta:** tecido felpudo.  
**chita:** tecido de algodão de pouco valor.  
**ventosidade:** que provoca flatulência.

Pela leitura do soneto, é correto afirmar que o poeta

- a) critica veladamente o governo português por ter escolhido essa cidade para ser a sede administrativa da colônia.
  - b) escreve esse poema para expor as angústias vividas durante o período em que cumpria a primeira ordem de desterro.
  - c) comenta a elegância e a sensualidade das damas, visto que sempre apreciou as mulheres brasileiras.
  - d) lamenta a inexistência de instituições religiosas, pois elas organizariam moralmente a cidade.
  - e) descreve as condições do local, mostrando que os habitantes vivem rústicamente e com poucos recursos.
32. **Enem** Com contornos assimétricos, riqueza de detalhes nas vestes e nas feições, a escultura barroca no Brasil tem forte influência do rococó europeu e está representada aqui por um dos profetas do pátio do Santuário do Bom Jesus de Matosinho, em Congonhas, (MG), esculpido em pedra-sabão por Aleijadinho. Profundamente religiosa, sua obra revela



- a) liberdade, representando a vida de mineiros à procura da salvação.
- b) credibilidade, atendendo a encomendas dos nobres de Minas Gerais.
- c) simplicidade, demonstrando compromisso com a contemplação do divino.
- d) personalidade, modelando uma imagem sacra com feições populares.
- e) singularidade, esculpindo personalidade do reinado nas obras divinas.

**33. UEPG-PR 2019** A respeito das obras literárias abaixo, assinale o que for correto.

- 01** *Sonetos e outros poemas*, de Manuel du Bocage, comporta uma ampla variedade de formas poéticas praticadas pelo autor português, que vão desde a forma que o consagrou, o soneto, às odes, canções e elegias. Elmano Sadino, pseudônimo árcade do poeta, surge como eu-lírico que canta, em ambiência pastoril, seus amores por várias musas: Marília, Anarda, Gertrúria entre outras. Percebe-se, na leitura de tais poemas, que a dor amorosa vai se convertendo em dor existencial, tornando mais complexa e mórbida sua poesia, como se percebe neste trecho: “Aqueles campos, aprazíveis campos, / Que além verdejam, de meu mal souberam. / A desgraçada, mas suave origem: / Ali de uns olhos os meus ais nasceram; / Ali de um meigo, encantador sorriso, / Que arremeda o sereno paraíso, / Brotaram mil infernos, que me afligem, / Que as entranhas me abrasam, / Que meus olhos de lágrimas arrasam” (BOCAGE, 1994, p. 32).
- 02** Percebe-se, na poética de Bocage, elementos das formas árcades (mitologia greco-latina, pastoralismo etc.) aliados a um pessimismo, a uma especulação mórbida e trágica da existência humana. Um poema que ilustra a tensão existencial representada na poética de Bocage é o soneto abaixo, todo com versos decassílabos:

Já Bocage não sou!... À cova escura  
Meu estro vai parar desfeito em vento...  
Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento  
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quão vã figura  
Em prosa e verso fez meu louco intento;  
Musa!... Tivera algum merecimento  
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria  
Brade em alto pregão à mocidade,  
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... A santidade  
Manchei!... Oh! Se me creste, gente ímpia,  
Rasga meus versos, crê na eternidade!

(BOCAGE, 1994, p. 25).

- 04** A vitória das figuras religiosas católicas sobre as entidades malignas indígenas, conflito que se desenvolve até os momentos finais, é o tema central do *Auto de Anchieta*. Em função do horror causado pela punição a tais entidades, nos momentos finais o Temor de Deus como que conclama o público (índigena) a abandonar os costumes pecaminosos e a buscar a conversão: “O inferno / com o seu fogo sempiterno, / Já te espera, / se não segues a bandeira / da cruz, / sobre a qual morreu Jesus / para que tua morte morra”.
- 08** *Auto de São Lourenço*, do Padre José de Anchieta, é obra teatral jesuítica composta tendo como finalidade principal a conversão dos índios. Estruturada em cinco atos, a obra demonstra como, para atingir a finalidade buscada, Anchieta se apropria da cultura indígena (nomes, costumes, ambiente etc.) para desconstruí-la desde dentro. Prova disso é que as entidades demoníacas possuem nomes indígenas (Guaixará, Aimberê e Saravaia), resultando em uma natural aversão da parte do público.

Soma:

**34. Unifesp 2016** Assinale a alternativa na qual se pode detectar nos versos do poeta português Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805) uma ruptura com a convenção arcádica do *locus amoenus* (“lugar aprazível”).

- a) Olha, Marília, as flautas dos pastores  
Que bem que soam, como estão cadentes!  
Olha o Tejo a sorrir-se!  
Olha, não sentes  
Os Zéfiro brincar por entre flores?
- b) O ledo passarinho que gorjeia  
Da alma exprimindo a cândida ternura,  
O rio transparente, que murmura,  
E por entre pedrinhas serpenteia:
- c) Se é doce no recente, ameno Estio  
Ver tocar-se a manhã de etéreas flores,  
E, lambendo as areias e os verdores,  
Mole e queixoso deslizar-se o rio;
- d) A loira Fílis na estação das flores,  
Comigo passeou por este prado  
Mil vezes; por sinal, trazia ao lado  
As Graças, os Prazeres e os Amores.
- e) Já sobre o coche de ébano estrelado,  
Deu meio giro a Noite escura e feia;  
Que profundo silêncio me rodeia  
Neste deserto bosque, à luz vedado!

**35. Imed-RS 2015** Expressão do poeta romano Horácio, *Carpe diem* é popularmente traduzida do latim para “aproveite o dia”. O professor John Keating, personagem de Robin Williams no filme estadunidense *Dead Poets Society*, no Brasil “Sociedade dos poetas mortos”, buscou motivar seus alunos entusiasmado por tal lema. Ideia presente na poesia inglesa dos séculos XVI e XVII, também inspirou poetas brasileiros, sendo uma das principais características do:

- a) Barroco.  
b) Arcadismo.  
c) Romantismo.  
d) Simbolismo.  
e) Modernismo.

36. **ITA-SP 2016** O poema abaixo é de José Paulo Paes

### Bucólica

O camponês sem terra  
Detém a charrua  
E pensa em colheitas  
Que nunca serão suas.

In: Um por todos – poesia reunida. São Paulo: Brasiliense, 1986.

O texto apresenta

- a) uma oposição campo/cidade, de filiação árcade-romântica.
  - b) um bucolismo típico da tradição árcade, indicado pelo título.
  - c) uma representação tipicamente romântica do homem do campo.
  - d) um contraste entre o arcadismo do título e o realismo social dos versos.
  - e) uma total ruptura com a representação realista do homem do campo.
37. **Unesp 2016** Os autores deste movimento pregavam a simplicidade, quer nos temas de suas composições, quer como sistema de vida: aplaudindo os que, na Antiguidade e na Renascença, fugiam ao burburinho citadino para se isolar nas vilas, pregavam a “áurea mediocridade”, a dourada mediania existencial, transcorrida sem sobresaltos, sem paixões ou desejos. Regressar à Natureza, fundir-se nela, contemplar-lhe a quietude permanente, buscar as verdades que lhe são imanentes – em suma, perseguir a naturalidade como filosofia de vida.

Massaud Moisés. Dicionário de termos literários, 2004. Adaptado.

O comentário do crítico Massaud Moisés refere-se ao seguinte movimento literário:

- a) Arcadismo.
  - b) Simbolismo.
  - c) Romantismo.
  - d) Barroco.
  - e) Naturalismo.
38. **Uepa 2014** Bocage, o principal poeta português do século XVIII, costuma ser comparado a Camões. Em termos da recepção camoniana de Bocage, o próprio poeta setecentista reconhecia semelhanças, como aponta o seguinte poema:

Camões, grande Camões, quão semelhante  
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!  
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
Arrostar co’o sacrilégio gigante;

Como tu, junto ao Ganges sussurrante,  
Da penúria cruel no horror me vejo;  
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,  
Também carpindo estou, saudoso amante.

Ludíbrico, como tu, da Sorte dura  
Meu fim demandando ao Céu, pela certeza  
De que só terei paz na sepultura.

Modelo meu tu és, mas... oh tristeza  
Se te imito nos transes da Ventura,  
Não te imito nos dons da natureza.

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. In: BERARDINELLI, Cleonice (Sel.). Bocage. São Paulo: Global, 2015. v. 4. (Coleção melhores poemas)

Tendo em conta seus conhecimentos sobre a obra de Camões e de Bocage, resolva as seguintes questões:

- a) No poema, Bocage aproxima a própria biografia a fatos da vida de Camões. Aponte três deles, justificando-os através dos versos em que aparecem.
- b) Em termos de estrutura poética, também existem semelhanças entre a obra de Camões e de Bocage. Aponte pelo menos duas delas e informe o que o poema conclui a esse respeito.

39. **UPE 2019**

### Texto 1

Antes que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande.

[...]

Morreu algum deles: vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-lo e comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os oficiais dos órfãos e dos defuntos ausentes; come-o o médico, que o curou ou ajudou a morrer; come-o o sangrador, que lhe tirou o sangue; come-o a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lençol mais velho da casa; come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que cantando o levam a enterrar; enfim ainda ao pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra.

### Texto 2

Agora, Fanfarrão, agora falo  
Contigo, e só contigo. Por que causa  
ordenas que se faça uma cobrança  
tão rápida e tão forte contra aqueles  
que ao Erário só devem tênues somas?  
Não tens contratadores, que ao rei devem  
De mil cruzados centos e mais centos?

Uma só quinta parte que estes dessem,  
não matava do Erário o grande empenho?  
O pobre, porque é pobre, pague tudo,  
E o rico, porque rico, vai pagando  
Sem soldados à porta, com sossego!

Observando a linguagem e considerando os aspectos comuns e divergentes, assinale a alternativa CORRETA.

- a) O texto 2 é um fragmento das Cartas Chilenas, de autoria de Tomás Antônio Gonzaga, cujo pseudônimo árcade é Glauceste Saturno, e o texto 1 também é árcade; pertence ao Boca do Inferno.
- b) Os textos 1 e 2 apresentam características próprias do Arcadismo, como o intenso uso de hipérboles e o bucolismo, além do *carpe diem*.



- c) São dois textos em prosa, que apresentam forte crítica social. No texto 2, a crítica é explícita, apesar da linguagem metafórica, e, no texto 1, são usados artifícios que têm por objetivo explicitar, de modo contundente e claro, a crítica ao governador de Minas, conhecido por Fanfarrão Minésio.
- d) Os dois textos têm por tema aspectos sociais que se referem à exploração dos grandes sobre os pequenos, isto é, dos que têm mais sobre os que têm menos.
- e) Os dois textos pertencem ao Barroco, pois apresentam trocadilhos, metáforas, hipérboles, revelando o homem em conflito, suas dúvidas e as contradições.



Leia o soneto XLVI, de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), para responder às questões **40** e **41**.

Não vês, Lise, brincar esse menino  
Com aquela avezinha? Estende o braço,  
Deixa-a fugir, mas apertando o laço,  
A condena outra vez ao seu destino.

Nessa mesma figura, eu imagino,  
Tens minha liberdade, pois ao passo  
Que cuido que estou livre do embaraço,  
Então me prende mais meu desatino.

Em um contínuo giro o pensamento  
Tanto a precipitar-me se encaminha,  
Que não vejo onde pare o meu tormento.

Mas fora menos mal esta ânsia minha,  
Se me faltasse a mim o entendimento,  
Como falta a razão a esta avezinha.

Domício Proença Filho (org.). A poesia dos inconfidentes, 1996.

- 40. Unesp 2017** O tom predominante no soneto é de
- resignação.
  - nostalgia.
  - apatia.
  - ingenuidade.
  - inquietude.
- 41. Unesp 2017** No soneto, o menino e a avezinha, mencionados na primeira estrofe, são comparados, respectivamente,
- ao eu lírico e a Lise.
  - a Lise e ao eu lírico.
  - ao desatino e ao eu lírico.
  - ao desatino e à liberdade.
  - a Lise e à liberdade.

- 42. Unifesp 2017** Predomina neste movimento uma tônica mais cosmopolita, intimamente ligada às modas literárias da Europa, desejando pertencer ao mesmo passado cultural e seguir os mesmos modelos, o que permitiu incorporar os produtos intelectuais da colônia inculta ao universo das formas superiores de expressão. Ao lado disso, tal

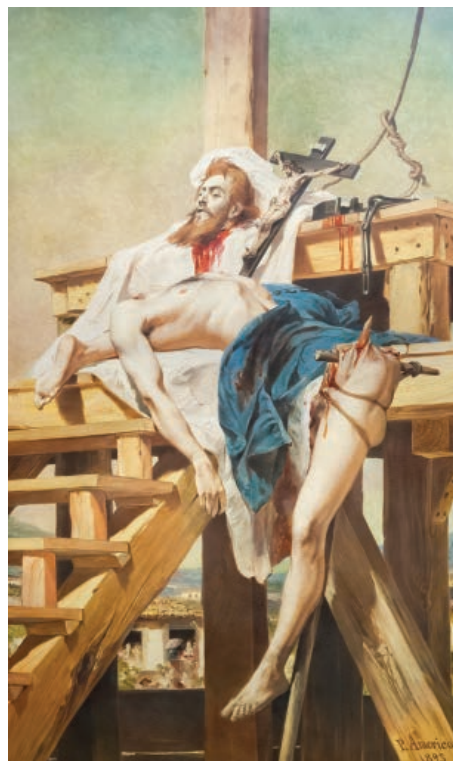
movimento continuou os esboços particularistas que vinham do passado local, dando importância relevante tanto ao índio e ao contato de culturas, quanto à descrição da natureza, mesmo que fosse em termos clássicos.

Antonio Candido. Iniciação à literatura brasileira, 2010. Adaptado.

Tal comentário refere-se ao seguinte movimento literário brasileiro:

- Romantismo.
- Classicismo.
- Naturalismo.
- Barroco.
- Arcadismo.

**43. Unifesp 2016**



Pedro Américo. *Tiradentes esquartejado*, 1893. Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.

A conhecida pintura de Pedro Américo (1840-1905) remete a um fato histórico relacionado à seguinte escola literária brasileira:

- Barroco.
- Arcadismo.
- Naturalismo.
- Realismo.
- Romantismo.

- 44. UEA-AM 2020** Considere o trecho da “lira XIV” da obra *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

Que havemos de esperar, Marília bela?  
Que vão passando os florescentes dias?  
As glórias, que vêm tarde, já vêm frias;  
E pode enfim mudar-se a nossa estrela.  
Ah! Não, minha Marília,  
Aproveite-se o tempo, antes que faça  
O estrago de roubar ao corpo as forças  
E ao semblante a graça.

(*Marília de Dirceu*, 1985.)

Assinale o verso em que o eu lírico apresenta uma proposta de ação:

- a) “Ah! Não, minha Marília,”
- b) “Aproveite-se o tempo, antes que faça”
- c) “As glórias, que vêm tarde, já vêm frias;”
- d) “Que havemos de esperar, Marília bela?”
- e) “E pode enfim mudar-se a nossa estrela.”

**45. UPE 2016** Sobre a produção do Arcadismo no Brasil, analise as afirmativas a seguir e coloque V nas verdadeiras e F nas falsas.

■ Tomás Antônio Gonzaga é considerado, ao lado de Cláudio Manuel da Costa, ícone da Literatura Arcade. Contudo, os dois iniciaram suas produções poéticas de modo diverso: o primeiro como poeta árcaico e o segundo ainda dentro dos preceitos do Barroco.

■ Tomás Antônio Gonzaga tem a obra poética pertencente a duas fases: a primeira é árcaica, e a segunda tem traços românticos. Além disso, foi poeta satírico em *As Cartas Chilenas*, e lírico, em *Marília de Dirceu*.

■ Como poeta árcaico, o autor de *As Cartas Chilenas* utiliza o pseudônimo de Dirceu, que nutre amor pela musa Marília. Envolvido com o movimento dos inconformes, é degredado para a África, apenas regressando ao Brasil no final da vida.

■ O autor de *Liras de Dirceu* revela sentimentalismo e emotividade em seus poemas, apontando, assim, para o pré-romantismo, que antecede o Arcadismo.

■ Tendo Tomás Antônio Gonzaga sido preso como inconforme, continuou a escrever poemas mais emotivos e pessimistas, passando a falar de si mesmo e lastimando sua condição de prisioneiro. A poesia que produz nesse período é a que mais contém características do Romantismo.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta.

- a) F – F – V – V – V
- b) F – V – F – V – F
- c) V – F – V – V – F
- d) V – V – F – F – V
- e) V – F – V – F – V

**46. UEM-PR 2019** Sobre o fragmento a seguir e a obra a que pertence, *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, assinale o que for correto.

Minha Marília,  
Se tens beleza,  
Da Natureza  
É um favor;  
Mas se aos vindouros  
Teu nome passa,  
É só por graça  
Do deus de amor,  
Que, terno, inflama A mente, o peito  
Do teu pastor.

GONZAGA, T. A. *Marília de Dirceu*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2009.

- 01** O fragmento transcrito é bem representativo da obra: embora faça juras de amor a Marília, o eu lírico, na verdade, fala de si mesmo, pois, segundo ele, a beleza dela só será lembrada porque ele, enamorado e ajudado pelo “deus de amor”, cantou essa beleza (ou seja, falou dela em seus versos).
- 02** O fragmento apresenta versos de cinco sílabas poéticas, conhecidos como “redondilhas maiores”, muito populares na época.
- 04** No excerto, os vocábulos “beleza” e “Natureza” formam uma rima pobre; “passa” e “graça”, por sua vez, formam uma rima rica.
- 08** Como se trata de um poema árcaico, é provável que o “deus de amor” seja referência a Eros ou Cupido, da mitologia clássica. Essa referência faz parte do Neoclacismo, que marcou, junto com o *carpe diem* e o *locus amoenus*, a estética da Arcádia.
- 16** Os poemas de Marília de Dirceu são escritos em forma de “écloga”, muito utilizada no século XIV. Nessa forma, um homem apaixonado dirige-se à mulher que, por ser já casada ou de classe mais alta que a dele, é proibida, inacessível.

Soma: \_\_\_\_\_

**47. Unifesp 2020** O lema do *carpe diem* sintetiza expressivamente o motivo de se aproveitar o presente, já que o futuro é incerto. Tal lema manifesta-se mais explicitamente nos seguintes versos de Tomás Antônio Gonzaga:

- a) Ah! socorre, Amor, socorre  
Ao mais grato empenho meu!  
Voa sobre os Astros, voa,  
Traze-me as tintas do Céu.
- b) Depois que represento  
Por largo espaço a imagem de um defunto,  
Movo os membros, suspiro,  
E onde estou pergunto.
- c) É bom, minha Marília, é bom ser dono  
De um rebanho, que cubra monte e prado;  
Porém, gentil pastora, o teu agrado  
Vale mais que um rebanho, e mais que um trono.
- d) Se algum dia me vires desta sorte,  
Vê que assim me não pôs a mão dos anos:  
Os trabalhos, Marília, os sentimentos  
Fazem os mesmos danos.
- e) Ah! enquanto os Destinos impiedosos  
Não voltam contra nós a face irada,  
Façamos, sim, façamos, doce amada,  
Os nossos breves dias mais ditosos.

**48. EsPCEx-SP 2015** A temática do Arcadismo presente nos versos abaixo é o

Se o bem desta choupana pode tanto,  
Que chega a ter mais preço, e mais valia,  
Que da Cidade o lisonjeiro encanto

- a) “*carpe diem*”.
- b) paganismo.
- c) “*fugere urbem*”.
- d) fingimento poético.
- e) louvor histórico.

49. **Imed-RS 2016** Sobre o Arcadismo brasileiro, é correto afirmar que:

- a) O Arcadismo pregava a ressurreição do ideal clássico, visando resgatar os valores antropocêntricos do Renascimento.
- b) Marília de Dirceu foi um dos grandes poemas do arcadismo, cujo autor, Cláudio Manuel da Costa, apresenta um eu lírico apaixonado, que expõe o conflito do amor de sua amada e a objeção do pai da moça.
- c) Em *Caramuru*, Frei José de Santa Rita Durão faz uma ode aos heróis indígenas que habitavam a Bahia, no período da chegada da frota de Pedro Álvares Cabral ao Brasil.
- d) Em *O Uruguai*, o herói Gomes Freire de Andrade divide as honras com Cacambo, herói indígena. Poemeto épico, Silva Alvarenga traz o período da guerra dos portugueses e espanhóis contra os indígenas e jesuítas em Sete Povos das Missões do Uruguai, em 1759.
- e) Alvarenga Peixoto, em *Glaura*, apresenta-nos poemas eróticos utilizando-se de técnicas como a alegoria e o gesto teatral, as quais distinguem sua produção de seus contemporâneos.

## BNCC em foco

EM13LP41

1. Leia os textos a seguir.

### Texto 1

O padrão da estética e da beleza baseado somente na ótica do jovem e com a contribuição global da mídia condena o envelhecimento, exalta a juventude e negligencia a longevidade. O homem repete suas ações ancestrais que não percebiam sua finitude. Até que, em dado momento, sente a iminente necessidade de enterrar seus mortos, enganando-se assim quanto às proposições adquiridas.

Atualmente, turva-se a percepção de outros padrões naturais, como, por exemplo, os cabelos grisalhos, que são rejeitados e substituídos por tinturas sintéticas que os disfarçam ou mesmo as cirurgias plásticas, que fazem as marcas de expressões desaparecerem. Todos esses reparos corporais são realizados na tentativa de aplacar os “males” do tempo e resgatar o padrão de beleza instituído na sua cultura e na sua sociedade.

[...]

No ciberespaço, a identidade pode corresponder a qualquer imagem desejada, abrindo oportunidade para uma verdadeira infinidade de personas para uma mesma pessoa, em interações totalmente personalizadas, únicas. Afastando-se do modelo da comunicação de massa, esse tipo de tecnologia propiciaria a diluição do modelo de velhice e de envelhecimento presente no curso de vida moderno, o que vale para todos os grupos sociais. Também o acesso a um grande volume de informações, particularmente sobre o corpo, pode possibilitar um automonitoramento do mesmo e também do processo de envelhecimento. Quanto às tecnologias de intervenção no corpo biológico, a cirurgia plástica, os transplantes e implantes, as clonagens e as interconexões com máquinas poderão trazer transformações corporais de grande repercussão sobre os limites do corpo, do tempo de vida, da vida e da morte.

LOPES, M. S.; ARANTES, R. C.; LOPES, R. G. da C. Um breve ensaio sobre a aceitação da beleza na efemeridade dos corpos. *Revista Kairós: gerontologia – PUC-SP. São Paulo*, ano 1, n. 1, 1998. Disponível em: [www.portaldoenvelhecimento.com/publicacoes/artigo3295.pdf](http://www.portaldoenvelhecimento.com/publicacoes/artigo3295.pdf). Acesso em: 8 jul. 2023.

### Texto 2

#### Os filtros do Instagram estão mudando a nossa aparência na vida real?

“As redes sociais nos coagem a sempre maximizar o que é belo o tempo inteiro”, diz a historiadora. Se antes a beleza seguia elementos definidos e mais permanentes, agora essa superexposição cobra ainda mais do nosso corpo e rosto. “O filtro mostra que, apesar da aparente perfeição, isso não basta. Temos sempre que tornar essa imagem mais interessante. Não podemos mais ter o nosso próprio rosto”.

A fala da especialista pode soar exagerada, mas, se pensarmos bem, vemos mais a nossa imagem dentro do telefone do que fora dele. “Será que preciso retocar o batom?”. Em vez de sacar um espelho da bolsa, usamos a câmera de *selfie* do celular mesmo estando em casa. “Tudo se modificou de acordo com esse espelho que está em nossas mãos quase 24 horas por dia”, aponta Hilaine Yaccoub, consultora e pesquisadora de comportamento do consumidor, doutora em antropologia do consumo.

EIRAS, N. Os filtros do Instagram estão mudando a nossa aparência na vida real? *Elle*, 25 maio 2020. Disponível em: <https://elle.com.br/beleza/filtros-instagram-nos-deixam-iguais>. Acesso em: 8 jul. 2023. (fragmento)

De acordo com os textos, a relação do homem com a efemeridade da beleza e do tempo se alterou em relação à perspectiva desses temas no período barroco?

EM13LP48

2. Haroldo de Campos defende que o Barroco foi “sequestrado” da teoria do crítico Antonio Candido de que a produção literária brasileira, como um sistema, surge apenas no século XIX, no Romantismo, sendo a estética do século XVII apenas “manifestação literária”. Explique qual argumento de Candido é rebatido por Haroldo de Campos no texto sobre a constituição da literatura brasileira.

### O efeito semiológico

A exclusão – o “sequestro” – do Barroco na Formação da literatura brasileira não é, portanto, meramente o resultado objetivo da adoção de uma “orientação histórica”, que timbra em separar literatura, como “sistema”, de “manifestações literárias” incipientes e assistemáticas. Tampouco é “histórica”, num sentido unívoco e objetivo, a “perspectiva” que dá pela inexistência de Gregório de Matos para efeito da formação de nosso “sistema literário” (I, 24). Essa exclusão – esse “sequestro” – e também essa inexistência literária, dados como “históricos” no nível manifesto, são, perante uma visão “desconstrutora”, efeitos, no nível profundo, latente, do próprio “modelo semiológico” engenhosamente articulado pelo autor da Formação. Modelo que confere à literatura como tal [...] as características peculiares ao projeto literário do Romantismo ontológico-nacionalista. [...] o que é efeito **semiológico** implícito na estrutura do modelo, converte-se explicitamente em juízo de valor [...].

CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o caso Gregório de Matos*. São Paulo: Iluminuras, 2011. p. 40-43.

**semiologia:** ciência geral associada aos estudos e à investigação de determinados sinais ou sistemas de signos, como os ritos e os costumes, e todos os sistemas de comunicação vigentes na sociedade.

EM13LP52

3. Leia os textos seguintes.

#### Texto 1

### Dia dos Mortos é comemorado em festa cheia de alegria no México



Dina Julaveva/Shutterstock.com

A comemoração tradicional toma conta do país e celebra a visita das almas à Terra com variedade de cores, sabores, caveiras e zero melancolia

No México, a morte tem significado único. Em vez de lamentada, é festejada uma vez ao ano; de 31 de outubro a 2 de novembro (Dia de Finados no Brasil). Durante a festa, considerada pela Unesco como patrimônio da humanidade, é tradição reunir família e amigos para comemorar a visita dos antepassados à Terra. Se, no Brasil, a data é sinônimo de cemitérios lotados e melancolia, no México a animação toma conta, pois se acredita que os mortos devem ser recebidos com alegria e coisas de que gostavam enquanto vivos. A famosa caveira mexicana (La Catrina), altares coloridos, fantasias, comidas e bebidas típicas mudam a cara de várias cidades do país. A atmosfera é fúnebre, mas promete estimular até os mais desanimados.

[...]

A influência dos crânios humanos na comemoração é profunda e vai da decoração ao vestuário. Algumas cidades organizam concursos de fantasia para eleger quem se veste melhor de La Catrina. Os mexicanos também competem pelo título de quem faz o melhor pão de morto, quitute que leva raspas de laranja, erva-doce e é enfeitado com caveiras. Outras iguarias são caveiras de açúcar, usadas para decorar mesas ou adoçar o café em restaurantes descolados, doces de abóbora, frutas, mescal, tequila e sal.

PANCERI, Rafaella. Dia dos Mortos é comemorado em festa cheia de alegria no México. *Correio Braziliense*, 30 out. 2016. Disponível em: [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/turismo/2016/10/30/interna\\_turismo,554824/dia-dos-mortos-e-comemorado-em-festa-cheia-de-alegria-no-mexico.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/turismo/2016/10/30/interna_turismo,554824/dia-dos-mortos-e-comemorado-em-festa-cheia-de-alegria-no-mexico.shtml). Acesso em: 8 jul. 2023.

#### Texto 2



Mauritshuis, Haia

Pieter Claesz. *Vanitas Still Life*, 1630. Óleo sobre painel, 39,5 cm × 56 cm. Mauritshuis, Haia.

A “*Vanitas*” (latim: vaidade) é um gênero usado nas pinturas de natureza-morta muito comum no século XVII. A Igreja buscava difundir a mensagem sobre a vaidade presente nos bens materiais como advertência aos fiéis. Discuta em um parágrafo sucinto como o tema da morte é apresentado nos textos.



FRENTE 2

CAPÍTULO

4

## O Romantismo

No final do século XVIII, momento de transformações políticas e sociais relevantes na Europa, surgiu uma tendência estética marcada pela subjetividade e pelo individualismo. O Romantismo exerceu muita influência não apenas no âmbito das artes, mas também no pensamento ocidental como um todo.

Esse movimento pode ser facilmente confundido com a simples predileção pelas emoções em detrimento da razão ou com o sentimentalismo exacerbado, mas o Romantismo é um significativo fato histórico, pois representa um período de mudanças decisivo na história do espírito e do pensamento europeu.

Caspar David Friedrich. *Viajante sobre o mar de névoa*. c. 1818. Óleo sobre tela, 94,8 cm × 74,8 cm, Hamburger Kunsthalle, Hamburgo, Alemanha. David Friedrich (1774-1840) foi um importante pintor romântico alemão; na obra apresentada, ele consegue captar a essência do período romântico ao colocar uma figura solitária confrontando a grandiosidade da natureza, contemplando sua imensidão.

## Origens do Romantismo

### Romantismo na Europa

10 de maio

Uma serenidade maravilhosa inundou toda a minha alma, semelhante às doces manhãs primaveris com as quais me delicio de todo coração. Estou só e entrego-me à alegria de estar vivendo nesta região, ideal para almas iguais à minha. Estou tão feliz, meu bom amigo [...]

12 de maio

Não sei se espíritos enganadores pairam nestas plagas, ou se é a imaginação cálida, celestial do meu coração que torna a paisagem ao meu redor tão paradisíaca. Nos arredores do lugarejo há uma fonte, uma fonte que me fascina tanto quanto a Melusina e suas irmãs. Desces uma pequena colina, e eis que te deparas com uma abóbada; a uns vinte degraus abaixo brota uma água límpida de um rochedo de mármore. O pequeno muro que no alto circunda a fonte, as grandes árvores que lançam suas sombras, a frescura do local, tudo isso tem algo de atraente e misterioso.

[...]

30 de novembro

Estou fadado a não encontrar paz! Aonde quer que eu vá, deparo com algo que me deixa transtornado. [...] Sem vontade de comer, fui dar uma caminhada pela margem do riacho, por volta do meio-dia. Tudo estava deserto, um vento úmido e frio soprava da montanha, e as nuvens cinzentas, carregadas de chuva, avançavam pelo vale adentro.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 9-11; 125.

A expressão dos estados da alma, o apreço pela individualidade, a preferência por ambientes solitários, a atração pelo desconhecido e pelo misterioso e a natureza como espelho dos sentimentos são algumas das características românticas que encontramos nesses trechos de *Os sofrimentos do jovem Werther*. O livro, publicado em 1774, causou grande impacto e é considerado a obra inaugural do Romantismo na Alemanha. No romance epistolar escrito por Johann Wolfgang von Goethe, o protagonista, Werther, corresponde-se com seu amigo Wilhelm, demonstrando sua grande sensibilidade e relatando os sofrimentos de sua alma por causa do amor idealizado que sente por Carlota. Sua paixão é tão arrebatadora que se torna nociva e resulta em uma grande tragédia. Mas não se deixe enganar, o Romantismo não se resume a protagonistas morrendo de amor.

### Uma era de revoluções

O mundo sofreu mudanças relevantes entre o fim do século XVIII e o início do século XIX. Nesse período, a decadência do absolutismo, a consolidação do liberalismo político, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa foram determinantes para a configuração de uma nova sociedade. É nesse caldeirão de revoluções que surge, na Inglaterra e na Alemanha – tendo a França como principal divulgadora –, o movimento estético, mas também histórico, que conhecemos como Romantismo.

Pré-Romantismo e Romantismo nascem do mesmo movimento histórico e o seu início coincidente em vários lugares, com diversos grupos que então se desconhecem uns aos outros,

mostra o quanto tentaram resolver os mesmos problemas humanos nas circunstâncias que favorecem a ruptura com o passado próximo, ou com o mundo “ordenado” da Idade Média, permitindo uma nova transmutação dos valores.

O período do Romantismo é fruto de dois grandes acontecimentos na história da humanidade, ou seja, a Revolução Francesa e suas derivações, e a Revolução Industrial. [...] O período que se estende de 1770 a 1848 é agitado incessantemente por revoluções [...].

FALBEL, Nachman. Os fundamentos históricos do Romantismo. In: GUINSBURG, Jacó. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 23-24.

Foi nesse período que o comércio cresceu e, conseqüentemente, impulsionou a ascensão de um novo grupo social, a burguesia, que muito se ressentia do absolutismo monárquico e reivindicava igualdade de condições com as classes mais altas da sociedade. Esse anseio ganhou apoio de um grande grupo formado pelos camponeses que, devido às políticas injustas de cobrança de impostos, vivia na pobreza e desejava mudanças.

A queda da monarquia e a ascensão burguesa impactaram também os aspectos culturais da sociedade europeia. A literatura, a pintura, a música e o teatro não se concentravam mais na nobreza. Com a mudança do *status quo*, o mote das histórias deixou de ser a vida de pessoas da realeza ou os atos heroicos da nobreza, passando a se concentrar na vida do indivíduo comum, daqueles que até então eram anônimos e assumem o protagonismo das histórias.

Os artistas passaram a valorizar e reivindicar a liberdade artística para mostrar em suas obras toda a complexidade do indivíduo. Os românticos eram verdadeiros rebeldes que desejavam romper com as regras e os modelos impostos pelo Neoclassicismo. Um exemplo disso é a obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, precursora do estilo epistolar, ou seja, da ficção escrita em forma de cartas.

Além disso, os artistas românticos tinham um grande compromisso com os ideais da liberdade utilizando suas obras como meios para denunciar injustiças sociais, o que revela o olhar atento que tinham para sua realidade e seu momento presente. Podemos observar essas características nas pinturas a seguir.



Francisco Goya. *O Três de Maio de 1808 em Madrid*, 1814. Óleo sobre tela, 266 cm x 345 cm, Museu do Prado, Madrid, Espanha. O pintor espanhol tinha um olhar crítico e firme a respeito das crueldades humanas. Suas telas suscitam imagens de barbárie, terror e desumanização, como é o caso dessa obra feita em resposta ao massacre de cinco mil civis espanhóis.

Museu do Prado, Madrid

FRENTE 2





Eugène Delacroix. *A liberdade guiando o povo*, 1830. Óleo sobre tela, 260 cm × 320 cm, Museu do Louvre, Paris, França. Com o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, a burguesia encabeçou a tomada de poder e a derrubada da nobreza na França. A tradição consistia em representar momentos históricos do passado, mas Eugène Delacroix pintou a tela no mesmo ano do levante parisiense ocorrido em 28 de julho de 1830, evento no qual ela se baseia, apresentando-a ao público no ano seguinte, em 1831.

Apesar do foco no indivíduo, o Romantismo também tem como característica o nacionalismo; não à toa, nesse período – enquanto a Europa luta contra o absolutismo –, muitos países do continente americano, incluindo o Brasil, lutavam para conquistar independência em relação a seus colonizadores. Nas artes, há um movimento de valorização do passado da nação e a busca por uma identidade própria, isto é, que não fosse herdada das metrópoles e por elas imposta.

### Razão e emoção

A grande crise política e social que marca esse período desencadeou uma mudança de mentalidade nas sociedades. Até esse momento, a razão era predominante nas produções culturais. O racionalismo – equilíbrio entre emoção e lógica – deixou de estar em voga, dando abertura a novas perspectivas. Os românticos passaram a buscar nos sentimentos – todos eles, não apenas no amor! – e no próprio eu as referências para a vida. O culto do eu dá um caráter bastante autocentrado ao movimento, mas já vimos que o Romantismo não se resume a isso.

Vale ressaltar que não existe uma clara oposição entre a razão e a emoção, como muitas vezes aponta o senso comum. Lembre-se de que a condição humana é complexa; por isso, ao observarmos movimentos artísticos, é à predominância de uma característica em detrimento de outra que nos atemos. Se no Romantismo predominam as emoções, na Antiguidade Clássica, por exemplo, o que predominava era a razão. Contudo, não podemos afirmar categoricamente que os gregos não expressavam seus sentimentos ou não representavam suas emoções por meio da arte.

### O culto do eu

No Romantismo, temos um novo tipo de herói, marco de um movimento artístico inovador, pois os protagonistas não constituem um modelo de virtude. O herói romântico é, acima de tudo, incompreendido, com muitas aspirações, grandeza de espírito e caráter, mas vivendo em conflito com a realidade que o cerca. Na tentativa de escapar do mundo tal como ele é, entrega-se a uma vida desregrada, aos vícios, ao desejo pela morte. O sonho e a imaginação também são meios de escapar da opressão, motivo pelo qual há grande recorrência de personagens que enlouquecem de tristeza, desilusão, amor.

Nessa tentativa de superar a realidade, o herói romântico se refugia na natureza, que passa a assumir papel de cúmplice ou reflexo dos estados de alma das personagens. A natureza também é uma forma de entrar em contato com o sobrenatural, pois os românticos se identificavam com o panteísmo, ou seja, com a ideia de que tudo é uma manifestação divina. Assim, ambientes isolados e noturnos são recorrentes em parte das obras desse movimento, pois são mais propícios para confidências e reflexões.

Muitos heróis se refugiam no passado, tendo a infância como um tempo recordado com saudade, um tempo idealizado de pureza, alegria e amor, em contraponto com um presente de desgostos. Nesse período, portanto, ocorreu uma valorização da infância, de modo que crianças começaram a ser representadas com mais frequência nas manifestações artísticas.

A falta de virtude do herói encontra redenção apenas no amor, que é o meio pelo qual ele se aperfeiçoa e recupera sua dignidade. A mulher é o instrumento de ascensão espiritual do romântico; ela é inatingível, portadora de todas as virtudes, endeusada e idealizada a ponto de nunca ser alcançada. Como resultado, a relação amorosa é completamente platônica.

### Romantismo em Portugal

— “Oh! consolar-me” exclama, e das mãos trémulas  
A epístola fatal lhe cai: “Perdido  
É tudo pois!...” No peito a voz lhe fica;  
E de tamanho golpe amortecido  
Inclina a frente... como se passara,  
Fecha languidamente os olhos tristes.  
Ansiado o nobre conde se aproxima  
Do leito... Ai! tarde vens, auxílio do homem.  
Os olhos turvos para o céu levanta;  
E já no arranco extremo: — “Pátria, ao menos  
Juntos morremos...” E expirou coa pátria.

GARRETT, Almeida. *Camões*. Porto: Porto Editora, [s.d].  
(Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa).

A publicação do poema “Camões”, de Almeida Garrett, no ano de 1825, é tradicionalmente considerada o marco temporal que inicia o Romantismo na literatura portuguesa. O poema é dividido em dez cantos – reproduzindo a estrutura de *Os Lusíadas* – e traz maior liberdade formal. Apresenta a vida de Camões, o tempo em que ele escreveu sua obra-prima, o regresso a Portugal e a pobreza na qual o poeta viveu seus últimos anos de vida. Fica evidente o

conflito entre a representação de Camões como símbolo de Portugal e a realidade de abandono que a ele foi relegada. No poema, percebe-se que o propósito de Garrett era relacionar a vida de Camões com a própria história de Portugal, retomando um passado de glória e criticando o país, que naquele início do século XIX não mais correspondia a uma realidade de conquistas. Como resultado, a pátria morre junto com o poeta (Camões).

A Revolução Francesa desencadeou uma série de levantes pela Europa, e Portugal não ficou ileso. No início do século XIX, o povo português passou por momentos de instabilidade política. Com a invasão das tropas napoleônicas em Portugal, a família real fugiu para o Brasil em 1808. Somente depois da Revolução do Porto, em 1820, a Corte portuguesa deixou o Brasil, mas Portugal já não era uma monarquia absolutista, e o clima de instabilidade perdurou por anos.

No ano de 1834, D. Pedro I abdicou de seu posto como imperador do Brasil e regressou à Europa em busca de apoio para lutar contra seu irmão D. Miguel I e recuperar o trono que este havia roubado de Maria II, a filha mais velha de D. Pedro I. Com o auxílio da França, Inglaterra e Espanha, D. Pedro I iniciou uma disputa, dando origem a uma guerra civil em Portugal que durou de 1831 a 1834. Esse conflito foi também uma batalha contra o absolutismo, defendido por D. Miguel, ou seja, uma disputa entre conservadores e liberais.

Ao longo desse período, muitos pensadores e artistas liberais sofreram perseguição, e o clima desencadeado pela instabilidade política levou muitos deles para o exílio na França e na Inglaterra. Foi nesse momento que os ideais românticos começaram a se disseminar entre os escritores portugueses.

National Gallery of Victoria, Melbourne



Honoré Daumier. *Ksssse! Pédro... Ksssse! Ksssse! Miguel!*, 1833. Litografia aquarelada, Paris, França. A caricatura representando a disputa entre os irmãos D. Pedro I (IV em Portugal) e D. Miguel I pela Coroa portuguesa foi publicada no jornal francês *La caricature*.

Como já vimos, tradicionalmente se considera que a publicação do poema “Camões”, de Almeida Garrett, foi o marco inicial do Romantismo português. Mas somente em 1836, com a fundação da revista *Panorama*, o movimento se consolida. Em Portugal, esse movimento se organizou em três momentos:

- **1º momento:** ainda sob as influências do Neoclassicismo, os autores são politicamente engajados e suas obras exaltam o nacionalismo. Os principais representantes desse período são Almeida Garrett e Alexandre Herculano.
- **2º momento:** é o auge do movimento, quando as características do Romantismo são acentuadas. Nesse período, os nomes de Camilo Castelo Branco e Soares de Passos ganham destaque.
- **3º momento:** enfraquecimento das características românticas e aproximação do Realismo. João de Deus e Júlio Dinis são os autores de destaque nesse período final do Romantismo português.

#### ! Atenção

Nunca é demais destacar que as principais características do Romantismo são: subjetividade, natureza como cúmplice e reflexo dos sentimentos do eu lírico e das personagens românticas; idealização do amor, da mulher e do herói; nacionalismo (volta ao passado original da nação); sentimentalismo, misticismo e escapismo.

### Almeida Garrett (1799-1854)

Almeida Garrett nasceu na cidade do Porto, mas muito cedo sua família mudou-se para os Açores devido à invasão napoleônica. Ele só retornou a Portugal em 1816 para cursar Direito na Universidade de Coimbra. Em 1823, por causa de suas ideias liberais, foi forçado a exilar-se na Inglaterra, onde entrou em contato com o Romantismo. Também viveu na França e lá produziu o poema “Camões”.

Garrett tem uma formação neoclássica e iluminista, aderiu ao Romantismo gradativamente, mas não gostava de ser rotulado de classicista nem de romântico. Em “Camões”, podemos observar que ele não obedece à rigidez classicista, ao passo que tampouco exagera nos ideais românticos. De acordo com o próprio autor:

A índole deste poema é absolutamente nova: e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse [...]. Conheço que ele está fora das regras; e que se pelos princípios clássicos o quiserem julgar, não encontrarão aí senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras nem a princípios, que não consultei Horácio nem Aristóteles, mas fui insensivelmente depós o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos cálculos da arte e operações combinadas do espírito. Também o não fiz para imitar Byron, que tão ridiculamente aqui macaqueiam hoje os franceses a torto e a direito [...].

GARRETT, Almeida *apud* MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 257.

#### 💡 Saiba mais

Lord Byron (1788-1824) foi um dos poetas mais influentes do Romantismo, juntamente com outros grandes nomes, como William Blake, John Keats, Johann Wolfgang von Goethe, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Sir Walter Scott e Mary Shelley. Esses eram os autores europeus mais lidos nesse período e, certamente, influenciaram escritores românticos na Europa e nas Américas.



O autor português demonstra certa resistência à exacerbação das características românticas, permanecendo mais tempo preso aos modelos clássicos. Porém, aos poucos, a estética romântica se torna mais nítida em suas obras. Sem dúvida é seu engajamento político e sentimento nacionalista que mais o aproximam do Romantismo. Nos poemas de sua obra mais romântica, *Folhas caídas* (1853), observamos um eu lírico incompreendido, isolado do mundo, além de atestarmos o sentimentalismo e a paixão intensa inspirada por uma mulher inatingível.

Uma das obras mais celebradas de Garrett é *Viagens na minha terra* (1846), que narra uma viagem entre Lisboa e Santarém. O romance tem início com o narrador contando sobre os preparativos da viagem; em seguida, descreve detalhes, paisagem, acontecimentos que se deram no caminho até seu destino final. Nessa parte da obra, é possível observar relações intertextuais (alusão a escritores, a personagens da literatura, à estética romântica) e metaficção (evidencia o caráter ficcional da obra, ao falar diretamente com o leitor, ao refletir sobre o processo de escrita).

### Capítulo III

[...]

Vou desapontar decerto o leitor benévolo; vou perder, pela minha fatal sinceridade, quanto em seu conceito tinha adquirido nos dois primeiros capítulos desta interessante viagem.

Pois que esperava ele de mim agora, de mim que ousei declarar-me escritor nestas eras de romantismo, século das fortes sensações, das descrições a traços largos e incisivos que se entalham na alma e entram com sangue no coração?

No fim do capítulo precedente parámos à porta de uma estalagem: que estalagem deve ser esta, hoje, no ano de 1843, às barbas de Vítor Hugo, com o doutor Fausto a trotar na cabeça da gente, com os Mistérios de Paris nas mãos de todo o mundo?

Há paladar que suporte hoje a clássica posada do Cervantes com seu mesonero gordo e grave, as pulhas dos seus arrieiros, e o mantear de algum pobre lorpa de algum Sancho! Sancho, o invisível rei do século por quem hoje os reis reinam e os fazedores de leis decretam e aferem o justo! Sancho mantido por vis muleteiros!

Não é da época.

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Porto: Porto Editora, [s.d.], p. 14 (Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa).

Chegando ao seu destino, o narrador descobre a história de amor entre Joanhinha, a menina dos rouxinóis, e seu primo Carlos, que está lutando na Guerra Civil com o grupo de D. Pedro I. Joanhinha vive com sua avó, D. Francisca, e recebe notícias de Carlos por intermédio de Frei Dinis, que juntamente com a avó da menina guarda um segredo sobre Carlos. Apesar de estarem apaixonados, Carlos tem um compromisso com Georgina, na Inglaterra. Ao descobrir que seu pai é o Frei Dinis, Carlos volta para a Inglaterra e pede perdão a Georgina, que o deixa e entra para o convento. Joanhinha morre. Carlos passa a se dedicar à carreira política.

Cheguei por fim ao nosso vale, todo o passado me esqueceu assim que te vi. Amei-te... não, não é verdade assim. Conheci, mal que te vi entre aquelas árvores, à luz das estrelas, conheci que era a ti só que eu tinha amado sempre, que para ti nascera, que teu só devia ser, se eu ainda tivera coração que

te dar, se a minha alma fosse capaz, fosse digna de juntar-se com essa alma de anjo que em ti habita. Não é, Joana; bem o vês, bem o sentes, como eu o sinto e o vejo. Eu sim tinha nascido para gozar as doçuras da paz e da felicidade doméstica; fui criado, estou certo, para a glória tranquila, para as delícias modestas de um bom pai de famílias. Mas não o quis a minha estrela. Embriagou-se de poesia a minha imaginação e perdeu-se: não me recobro mais. A mulher que me amar há-de ser infeliz por força, a que me entregar o seu destino, há-de vê-lo perdido. Não quero, não posso, não devo amar a ninguém mais. [...] Adeus, Joana, adeus, prima querida, adeus, irmã da minha alma! Tu acompanha nossa avó, tu consola esse infeliz que é o autor da sua e das nossas desgraças. Tu, sim, que podes; e esquece-me. Eu, que nem morrer já posso, que vejo terminar desgraçadamente esta guerra no único momento em que a podia abençoar, em que ela podia felicitar-me com uma bala que me mandasse aqui bem direita ao coração, eu que farei? [...] Adeus, minha Joana, minha adorada Joana, pela última vez, adeus!

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Porto: Porto Editora, [s.d.], p. 47 (Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa).

A obra de Almeida Garrett é inovadora na estrutura, pois o romance rompe as fronteiras dos gêneros e mescla jornalismo, diário de viagem e prosa de ficção. No que se refere à linguagem, o romance adota um tom mais coloquial e espontâneo, uma prosa emocional que se contrapõe à prosa racional praticada no século XVIII. O tom pessimista da obra demonstra que Garrett não se afastou de sua vertente crítica e de seu engajamento político. Uma possível chave de leitura da obra é considerar o triângulo amoroso Joanhinha-Carlos-Georgina uma metáfora entre a velha (Joanhinha) e a nova (Georgina) configuração política e social de Portugal, cabendo a Carlos a representação da sociedade portuguesa alienada.



Vista do rio Tejo, em Santarém, Portugal, 2021.

### Alexandre Herculano (1810-1877)

Alexandre Herculano nasceu em Lisboa, tinha origem humilde e, como consequência da morte prematura do pai, não chegou à universidade. Todavia, cursou Francês e Inglês, além de um curso de Diplomática. Assim como ocorreu com Garrett, viveu exilado na França por causa das disputas entre liberais e absolutistas e, em 1833, uniu-se ao exército de D. Pedro, que depôs D. Miguel do trono.

Foi bibliotecário da Biblioteca Municipal do Porto por três anos e, em 1837, assumiu a direção da revista *Panorama*, mas suas ideias liberais geraram atritos com o clero. Em 1859, decepcionado e desiludido com o contexto social e político de Portugal, tornou-se cada vez mais recluso, raramente sendo visto em público.

Foi um autor muito produtivo. Seus poemas versam sobre a finitude da vida humana, a transcendência cósmica, a religiosidade, a solidão, além de outras questões filosóficas. Herculano também tem uma vertente nacionalista e, em alguns poemas, aborda questões como o exílio e a política. O principal gênero desenvolvido pelo autor é o romance histórico, em que a história e a literatura de Portugal são revisitadas. A introdução desse gênero contribuiu para a superação das novelas de cavalaria. Sua obra mais conhecida é *Eurico, o presbítero*.

O romance é situado no século VIII, momento em que a Península Ibérica sofre uma invasão árabe. Eurico, o personagem principal, é um visigodo, ou seja, pertencia a um povo antigo originado na Europa Central, na região onde hoje fica a Alemanha. Ele se apaixona por Hermengarda, mas o pai da moça se opõe ao romance dos dois e proíbe o casamento. Como não podia se casar com Hermengarda, Eurico decide tornar-se presbítero e refugia-se na vida religiosa. Com a invasão árabe, abandona a batina e transforma-se no misterioso Cavaleiro Negro, famoso por ser destemido e corajoso nas batalhas e pelas canções que compõe. Em meio a uma batalha, ele reencontra sua amada e a salva dos árabes. Seu amor por ela se reacende, mas agora é impossível devido à sua posição eclesiástica e a seu voto de castidade. Os apaixonados se separam: Eurico, desesperado, lança-se em uma batalha suicida e morre; Hermengarda enlouquece.

### Impossível!

Nada neste mundo me agita o seio, senão o teu amor.

Lenda de S. Pedro Confessor, 9.

[...] Eurico alevantou-se. Aspirava com ânsia, como se aquele ambiente tépido não bastasse a saciá-lo. O desgraçado resumia num pensamento devorador, numa síntese atroz, o seu longe e doloroso passado e o seu torvo e irremediável futuro. Como voltara àquele lugar? Como, sem lhe vergarem os joelhos, tinha ele descido das alturas do Vínio com Hermengarda nos braços? Que tempo durara essa carreira deliciosa e ao mesmo tempo infernal? Não o sabia. Imagens confusas de tudo isso era apenas o que lhe restava, – do sol, que pouco a pouco lhe viera alumiar os passos, dos ribeiros que vadeara, das penedias agras, dos recostos dos montes, das selvas que recuavam para trás dele, dos cabeços negros que, às vezes, lhe parecera debruçarem-se no cimo dos despenhadeiros, como para o verem correr. No meio destas recordações incertas e materiais, outras passavam íntimas, ardentes, voluptuosas, negras, desesperadas. Por horas, que haviam sido para ele uma eternidade de ventura, o respirar daquela que amava como insensato se misturara com o seu alento; por horas sentira o ardor das faces dela aquecer as suas, e o coração bater-lhe contra o seu coração. [...]

Eurico deu alguns passos e encostou-se à boca da gruta; porque os membros exaustos lhe fraqueavam, apesar de que nem um momento o abandonasse a força da sua alma enérgica. A brisa frigidíssima da madrugada consolava-o, como ao febricitante a aragem de um sol posto do outono. A seus pés estavam as trevas do vale, sobre a sua cabeça as solidões profundas e serenas do céu semeado dos pontos rutilantes das estrelas e mal desbotado ao ocidente pela última claridade da lua minguante que desaparecia. Era a imagem da sua vida. Serena e esperançosa, como o crepúsculo do luar fugitivo, lhe fora a juventude. Desde que um amor desditoso o fizera alevantar uma barreira entre si e o ruído do mundo; desde que se votara às solenes tristezas da soledade e a derramar benefícios e consolações sobre a cabeça dos miseráveis e humildes; pela alta noite do seu viver muitas vezes fulgurara uma luz de alegria, como esses astros que brilham a espaços nos abismos do firmamento.

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*.  
Porto: Porto Editora, [s.d.]. p. 143-144.  
(Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa).

Tanto a invasão quanto as batalhas representadas na obra constituem fatos históricos da época. Herculano utiliza esse contexto para criar a narrativa. O romance histórico, muito praticado na Inglaterra por Walter Scott, tinha como tema o patriotismo e o resgate do passado glorioso da nação. Essa vertente do gênero ajudou a moldar as narrativas românticas portuguesas.

### Camilo Castelo Branco (1825-1890)

Nascido em Lisboa, Camilo Castelo Branco perdeu a mãe aos 2 anos de vida e o pai aos 10. Mudou-se para Trás-os-Montes, onde foi criado por uma tia. Seus estudos foram irregulares. Casou-se cedo, mas divorciou-se em seguida, deixando a mulher com uma filha. Tentou estudar Medicina em Coimbra, mas logo desistiu do curso. Viveu muitos amores, todos conturbados: envolveu-se em combates, sequestros, abandonou filhas, teve envolvimento com freiras, foi acusado de adultério e preso. Por dois anos, tentou seguir a vocação religiosa, mas também desistiu. Depois, atuou como jornalista, escritor e tradutor. Camilo Castelo Branco era um escritor profissional, mas não tinha tanta liberdade artística como os românticos apregoavam, uma vez que as obras eram feitas por encomenda e os editores determinavam os temas e os prazos de entrega. Apesar disso, seus textos têm uma inegável relevância e refletem o talento do autor.

Folheando os livros de antigos assentamentos no cartório das cadeias da Relação do Porto, li, no das entradas dos presos desde 1803 a 1805, a folhas 232, o seguinte:

Simão Antônio Botelho, que assim disse chamar-se, ser solteiro, e estudante na Universidade de Coimbra, natural da cidade de Lisboa, e assistente na ocasião de sua prisão na cidade de Viseu, idade de dezoito anos, filho de Domingos José Correia Botelho e de D. Rita Preciosa Caldeirão Castelo Branco; estatura ordinária, cara redonda, olhos castanhos, cabelo e barba preta, vestido com jaqueta de baetão azul, colete de fustão pintado e calça de pano pedrês. E fiz este assento, que assinei – Filipe Moreira Dias. À margem esquerda deste assento está escrito:

Foi para a Índia em 17 de março de 1807.

Não seria fiar demasiadamente na sensibilidade do leitor, se cuidou que o degredo de um moço de dezoito anos lhe há de fazer dó. Dezoito anos! O arrebol dourado e escarlate da manhã da vida! As louçanias do coração que ainda não sonha em frutos, e todo se embalsama no perfume das flores! Dezoito anos! O amor daquela idade! A passagem do seio da família, dos braços da mãe, dos beijos das irmãs para as carícias mais doces da virgem, que se lhe abre ao lado como flor da mesma sazão e dos mesmos aromas, e à mesma hora da vida! Dezoito anos!... E degredado da pátria, do amor e da família! Nunca mais o céu de Portugal, nem liberdade, nem irmãos, nem mãe, nem reabilitação, nem dignidade, nem um amigo!... É triste! O leitor decerto se compungiria; e a leitora, se lhe dissessem em menos de uma linha a história daqueles dezoito anos, choraria! Amou, perdeu-se, e morreu amando.

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de perdição*. Porto: Porto Editora, [s.d.], p. 2-3. (Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa).

O trecho que acabamos de ler é a introdução de sua obra mais celebrada: *Amor de perdição*. O livro foi escrito em quinze dias, no ano de 1861, e publicado em 1863. Pertence ao gênero novela, no qual Camilo Castelo Branco se destacou, criando personagens completamente movidos pelas emoções. Segundo Castelo Branco, *Amor de perdição* é o relato da vida de um de seus tios, o Simão Botelho.

A história trata do amor impossível – no estilo Romeu e Julieta – entre Simão Botelho e Teresa de Albuquerque. O pai de Simão era magistrado e já havia dado sentenças contra a família de Teresa, razão pela qual o pai da jovem detestava todos os Botelhos. Além disso, Simão tinha fama de desordeiro, envolvia-se em brigas violentas e, em uma delas, feriu criados da família Albuquerque.

No entanto, o amor por Teresa é o meio pelo qual Simão é transformado, deixando de ser um rapaz de temperamento rebelde e passando a se comportar como um verdadeiro apaixonado. O jovem casal se encontra em segredo, mas o pai de Teresa acaba descobrindo o envolvimento e planeja casá-la com Baltasar Coutinho, primo da moça.

Simão retorna a Coimbra para estudar e se sai muito bem, resultado da transformação causada pelo amor que sente por Teresa. Planeja se formar e ter meios de dar uma vida digna a ela, com quem pretende fugir, mas os planos dos apaixonados são descobertos e frustrados; Baltasar tenta matar Simão, que fica gravemente ferido, e Teresa Albuquerque é enviada a um convento. Após novas tentativas frustradas de ficarem juntos, Teresa definha de amor até morrer em um convento, e Simão, após ser condenado ao exílio, fica sabendo da morte da amada e morre de febre nove dias depois de perder sua amada.

*Amor de perdição* é um exemplo da capacidade criativa de Camilo Castelo Branco, que sabia mostrar, por meio da literatura, a sociedade de seu tempo e criar personagens com quem o leitor facilmente se relaciona. Ele faz parte do segundo momento do Romantismo em Portugal, e suas obras apresentam extremo sentimentalismo, tom trágico e personagens que sofrem e se perdem por amor.

## Romantismo no Brasil: 1ª geração

### Canção do Tamoio

I  
Não chores, meu filho;  
Não chores, que a vida  
É luta renhida:  
Viver é lutar.  
A vida é combate,  
Que os fracos abate,  
Que os fortes, os bravos  
Só pode exaltar.

II  
Um dia vivemos!  
O homem que é forte  
Não teme da morte;  
Só teme fugir;  
No arco que entesa  
Tem certa uma presa,  
Quer seja tapuia,  
Condor ou tapir.

III  
O forte, o cobarde  
Seus feitos inveja  
De o ver na peleja  
Garboso e feroz;  
E os tímidos velhos  
Nos graves conselhos,  
Curvadas as frentes,  
Escutam-lhe a voz!

IV  
Domina, se vive;  
Se morre, descansa  
Dos seus na lembrança,  
Na voz do porvir.  
Não cures da vida!  
Sê bravo, sê forte!  
Não fujas da morte,  
Que a morte há de vir!

V  
E pois que és meu filho,  
Meus brios reveste;  
Tamoio nasceste,  
Valente serás.  
Sê duro guerreiro,  
Robusto, fragueiro,  
Brasão dos tamoios  
Na guerra e na paz.

VI  
Teu grito de guerra  
Retumbe aos ouvidos  
D'imigos transidos  
Por vil comoção;  
E tremam d'ouvi-lo  
Pior que o sibilo  
Das setas ligeiras,  
Pior que o trovão.

VII  
E a mãe nessas tabas,  
Querendo calados  
Os filhos criados  
Na lei do terror;  
Teu nome lhes diga,  
Que a gente inimiga  
Talvez não escute  
Sem pranto, sem dor!

VIII  
Porém se a fortuna,  
Traindo teus passos,  
Te arroja nos laços  
Do inimigo falaz!  
Na última hora  
Teus feitos memora,  
Tranquilo nos gestos,  
Impávido, audaz.

IX  
E cai como o tronco  
Do raio tocado,  
Partido, rojado  
Por larga extensão;  
Assim morre o forte!  
No passo da morte  
Triunfa, conquista  
Mais alto brasão.

X  
As armas ensaia,  
Penetra na vida:  
Pesada ou querida,  
Viver é lutar.  
Se o duro combate  
Os fracos abate,  
Aos fortes, aos bravos,  
Só pode exaltar.

DIAS, Gonçalves. *Canção do Tamoio*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/goncalves-dias/textos-escolhidos>. Acesso em: 27 jun. 2023.



## Um pouco de história

Como vimos anteriormente, foi devido às invasões napoleônicas que a Coroa portuguesa se exilou no Brasil, transformando a cidade do Rio de Janeiro na sede de todo o Império português. Essa mudança foi determinante no processo de independência de nosso país.

No campo socioeconômico, tivemos a abertura dos portos brasileiros às nações amigas de Portugal (não existia mais comércio exclusivo com a colônia); a criação do primeiro Banco do Brasil; e, em 1815, o reconhecimento jurídico de que o Brasil já não era mais uma colônia.



Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

T. M. Hippolyte Taunay. *Memorável aclamação do Senhor D. João VI Rey do Reino unido Portugal, Brazil e Algarve*. Gravura em preto e branco, 31,8 cm × 50,8 cm. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.

No âmbito sociocultural, a abertura dos portos e a presença da Corte no Brasil contribuíram para a promoção de novos valores, hábitos e ideologias, especialmente a liberal, além da implantação de muitas escolas e universidades. Vale ressaltar, no entanto, que essas ideias já circulavam no Brasil, tendo sido apenas divulgadas com mais celeridade após a vinda da família real.

O ano de chegada da família real marcou também a fundação da Imprensa Régia, que produziu o primeiro jornal brasileiro – censurado em seguida pela Corte. Também nesse período foi inaugurado o Real Teatro de São José e a Escola Real de Ciências, Artes e Ofício, em São Paulo.

Em 1816, o Brasil recebeu um grupo de artistas franceses como um gesto diplomático para aproximar Portugal e França após a derrota de Napoleão. Nesse grupo, formado por pintores, escultores, professores, músicos e outros artistas, estava Jean-Baptiste Debret, pintor conhecido por retratar paisagens e costumes de nosso país na obra *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*.



Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

As telas *Feitores castigando negros (A)* e *Um funcionário a passeio com sua família (B)* são obras de Jean-Baptiste Debret, pintor e desenhista francês, integrante da Missão Artística Francesa, que desembarcou no Brasil em 1817. Debret é o responsável por diversas representações do cotidiano carioca no início do século XIX. Em suas gravuras, podemos ver a presença constante dos escravizados que desenvolviam os mais diversos trabalhos; também há registros dos castigos a que eram infligidos pelos senhores.

Em Portugal, contudo, a população vivia descontente e ressentia a mudança da sede do governo para o Brasil. A crise econômica e a influência inglesa nos assuntos internos levaram à Revolução Liberal do Porto, em 1820, quando foi decretado o fim da monarquia absolutista e o início da monarquia constitucional. Os revoltosos exigiam o retorno da Corte portuguesa. D. João VI foi pressionado a retornar para Portugal, por isso nomeou seu filho D. Pedro I como regente.



De início, o Brasil era a única colônia que não obedecia às ordens vindas de Portugal, já que D. Pedro I era o regente, mas logo esse privilégio foi suprimido e houve pressão para que D. Pedro I também regressasse a Portugal. Foi em janeiro de 1822 que o regente do Brasil declarou que não voltaria e não cumpriria as ordens portuguesas. A independência é declarada no dia 7 de setembro do mesmo ano e fortaleceu o sentimento nacionalista pelo país.

A exaltação do que é próprio à nação permeou o Romantismo desde suas origens, mas no Brasil esse sentimento era mais intenso, pois o pensamento romântico coincidiu com um momento determinante de nossa história, no qual prevalecia o desejo de se afastar da tradição colonial e estabelecer uma identidade nacional.

Tradicionalmente, considera-se Gonçalves de Magalhães (1811-1882) o fundador do Romantismo no Brasil. A publicação da obra *Suspiros poéticos e Saudades*, em 1836, é vista como a primeira obra romântica do nosso país. Mas foi Gonçalves Dias quem mais se destacou nesse primeiro momento da estética romântica brasileira.

### Gonçalves Dias (1823-1864)

O poema apresentado anteriormente, “Canção do Tamoio”, é de Gonçalves Dias, poeta romântico da primeira geração, e ilustra bem o primeiro momento do Romantismo no Brasil:

- poesia com forte apelo nacionalista;
- indígena como exemplo ético, embora ainda representado sob um viés europeu;
- exaltação da natureza brasileira, concebida como algo exótico.

Gonçalves Dias usou em suas obras temas como a exaltação da pátria, da natureza e da nobreza do nativo, servindo de exemplo para outros escritores românticos. Quando lemos seus poemas indianistas, é possível perceber que o caráter do herói indígena de Dias é permeado pelo imaginário europeu cristão. Esse traço da poesia indianista tampouco foi solucionado por outros autores.

Na “Canção do Tamoio”, o eu lírico é um indígena que faz um discurso para seu filho. Há, no poema, muitos conselhos e palavras de encorajamento que delineiam o caráter bravo, corajoso e guerreiro do povo Tamoio. Mas também há uma suavização do violento processo de colonização que nosso país sofreu, já que os embates apresentados no poema são sempre historicamente distantes e entre tribos, nunca em relação ao colonizador.

A exaltação heroica do indígena tem o objetivo de valorizar o povo brasileiro, criando uma imagem positiva da nação e recriando a história do país. Era uma tentativa de se desassociar da imagem atrasada que o Brasil tinha: uma nação jovem, colonizada por portugueses e de regime escravista (fomos a última nação das Américas a abolir a escravidão).

Gonçalves Dias escreveu vários poemas indianistas, entre eles “O canto do piaga”, “Canto do guerreiro”, “Tabira”

e, o mais famoso, “I-Juca-Pirama”, que narra a história de um jovem guerreiro Tupi.

Meu canto de morte, Guerreiros, ouvi: Sou filho das selvas, Nas selvas cresci; Guerreiros, descendo Da tribo Tupi. Da tribo pujante, Que agora anda errante Por fado inconstante, Guerreiros, nasci: Sou bravo, sou forte, Sou filho do Norte; Meu canto de morte, Guerreiros, ouvi.	Já vi cruas brigas, De tribos imigas, E as duras fadigas Da guerra provei; Nas ondas mendaces Senti pelas faces Os silvos fugaces Dos ventos que amei.
---	---

DIAS, Gonçalves. *I-Juca-Pirama*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/goncalves-dias/textos-escolhidos>. Acesso em: 27 jun. 2023.

A representação da figura indígena como nobre, valente e forte é resultado de um processo de transfiguração em que as características são manipuladas de acordo com os padrões de criação das personagens românticas. Foi a poesia de Gonçalves Dias que fez do indianismo mais do que uma característica, mas uma vertente da poesia romântica no Brasil.

#### ! Atenção

Os escritores da primeira geração romântica buscaram criar uma identidade nacional por meio da redescoberta das raízes do país. Os principais temas das obras desse período são: o nacionalismo, a exaltação da pátria e as belezas naturais.

## Romantismo no Brasil: 2ª geração

### Se eu morresse amanhã

Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã;  
Minha mãe de saudades morreria  
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!  
Que aurora de porvir e que manhã!  
Eu perderei chorando essas coroas  
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva  
Acorda a natureza mais louçã!  
Não me batera tanto amor no peito  
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora  
A ânsia de glória, o dolorido afã...  
A dor no peito emudecera ao menos  
Se eu morresse amanhã!

AZEVEDO, Álvares de. *Se eu morresse amanhã*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/alvares-de-azevedo/textos-escolhidos>. Acesso em: 27 jun. 2023.

Os versos de Álvares de Azevedo evidenciam que a segunda geração romântica do Brasil, também conhecida como geração ultrarromântica, foi a mais intensa, depressiva e sentimentalista. Esse período é o auge da estética romântica no país, e os escritores e leitores são influenciados por Byron, Shelley e Goethe.

### ! Atenção

O período da segunda geração romântica também foi nomeado de **byronismo**, por causa da grande influência do poeta inglês Lord Byron, e de **mal do século**, termo usado pelos franceses para denominar o apogeu romântico na França e que se relaciona ao sentimento de tédio, desilusão e futilidade da existência.

Trata-se de uma geração que deixa de lado o indianismo e os temas nacionalistas para se dedicar ao mundo interior, marcado pela subjetividade, por uma latente atração pela morte, dando o tom melancólico, sentimental e de desilusão às obras produzidas nesse contexto. O mal do século foi amplamente disseminado e deu origem a reuniões de jovens poetas. Entre os participantes desses encontros estavam alguns nomes importantes da literatura romântica brasileira, como Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães. Na poesia desse período, são recorrentes imagens tumulares, a morbidez e a profunda desilusão com a vida.



Horace Vernet. *Anjo da Morte*, 1851. Óleo sobre tela, 146 cm × 113 cm, Museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia. Na imagem, vemos tematizada a atração pela morte, simbolizada na forma devota e sofrida com que o poeta se dirige ao Anjo da Morte (representado por uma figura feminina).

## Álvares de Azevedo (1831-1852)

Manuel Antônio Álvares de Azevedo nasceu em São Paulo. Entrou para a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco aos 16 anos e logo se envolveu com a Sociedade Epicureia. Morou em uma república de estudantes situada próximo a um cemitério, local onde muitas reuniões da Sociedade Epicureia aconteceram. Tinha o mórbido hábito de escrever nas paredes do dormitório os nomes dos colegas que morriam durante o curso. Morreu aos 20 anos de idade, antes de iniciar o quinto ano do curso de Direito.

### ! Saiba mais

A Sociedade Epicureia foi criada em 1845 por estudantes de Direito da Faculdade São Francisco. O grupo se inspirava no poeta Lord Byron e se dedicava a reproduzir seu estilo boêmio.

Sua obra foi editada e publicada graças aos esforços de sua mãe. Foi um poeta muito precoce e talentoso, e em seus poemas predominam temas como o sonho, a morbidez, a morte e o amor. Escrevia com um tom sentimental, mórbido e uma forte carga de sofrimento, mas também produziu poemas com tom sarcástico e irônico. Essa divisão de estilo fica mais perceptível em sua obra mais conhecida, *Lira dos vinte anos*.

Essa obra se divide em duas partes, sendo a primeira mais sentimental, juvenil e angelical. O poeta apresenta esses primeiros poemas da seguinte forma:

São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiá não têm a doçura dos seus cânticos de amor. É uma lira, mas sem cordas; uma primavera, mas sem flores; uma coroa de folhas, mas sem viço. Cantos espontâneos do coração, vibrações doridas da lira interna que agitava um sonho, notas que o vento levou — como isso dou a lume essas harmonias. São as páginas despedaçadas de um livro não lido... E agora que despi a minha musa saudosa dos véus do mistério do meu amor e da minha solidão, agora que ela vai seminua e tímida, por entre vós, derramar em vossas almas os últimos perfumes de seu coração, ó meus amigos, recebei-a no peito e amai-a como o consolo, que foi, de uma alma esperançosa, que depunha fé na poesia e no amor — esses dois raios luminosos do coração de Deus.

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000021.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

## Sonhando

*Hier, la nuit d'été, que nous prêtait ses voiles, Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles!*

VICTOR HUGO

Na praia deserta que a lua branqueia,  
Que mimo! que rosa! que filha de Deus!  
Tão pálida... ao vê-la meu ser devaneia,  
Sufoco nos lábios os hálitos meus!  
Não corras na areia,  
Não corras assim!  
Donzela, onde vais?  
Tem pena de mim!

A praia é tão longa! e a onda bravia  
As roupas de gaza te molha de escuma...  
De noite, aos serenos, a areia é tão fria...  
Tão úmido o vento que os ares perfuma!  
És tão doentia...  
Não corras assim...  
Donzela, onde vais?  
Tem pena de mim!

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000021.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

Nesse trecho do poema “Sonhando”, é possível observar a influência do Romantismo europeu na epígrafe, com versos de Victor Hugo, e na imagem idealizada da mulher, que é descrita como filha de Deus, ela é pálida e doentia, uma imagem quase evanescente e extraterrena. O eu lírico a encontra em meio à natureza, em uma praia, durante a noite, momento mais propício a confidências, mas deixa o ambiente e o tom do poema mais sombrios e mórbidos.

Já na segunda parte da *Lira dos vinte anos*, há uma mudança no tom.

Cuidado, leitor, ao voltar esta página! Aqui dissipa-se o mundo visionário e platônico. Vamos entrar num mundo novo [...]. A razão é simples. É que a unidade deste livro funda-se numa binômia: — duas almas que moram nas cavernas de um cérebro pouco mais ou menos de poeta escreveram este livro, verdadeira medalha de duas faces. Há uma crise nos séculos como nos homens. É quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no misticismo e caiu do céu sentindo exaustas as suas asas de ouro. O que acontece? Na exaustão causada pelo sentimentalismo, a alma ainda trêmula e ressoante da febre do sangue, a alma que ama e canta, porque sua vida é amor e canto, o que pode senão fazer o poema dos amores da vida real? Poema talvez novo, mas que encerra em si muita verdade e muita natureza, e que sem ser obscuro pode ser erótico, sem ser monótono. Digam e creiam o que quiserem: — todo o vaporoso da visão abstrata não interessa tanto como a realidade formosa da bela mulher a quem amamos.

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000021.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023..

Minha desgraça não é ser poeta,  
Nem na terra de amor não ter um eco...  
E, meu anjo de Deus, o meu planeta  
Tratar-me como trata-se um boneco...

Não é andar de cotovelos rotos,  
Ter duro como pedra o travesseiro...  
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido  
cujo sol (quem mo dera) é o dinheiro...

Minha desgraça, ó cândida donzela,  
O que faz que meu peito assim blasfema,  
É ter por escrever todo um poema  
E não ter um vintém para uma vela.

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000021.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023..

Uma nova face do poeta é revelada; ele abandona o terreno dos sonhos e se pauta no cotidiano, representado no mundo como um lodaçal, o eu lírico sendo um desgraçado consumido por problemas menores. Os poemas têm um tom autoirônico, sarcástico e crítico.

A terceira parte do livro não tem prefácio e foi adicionada posteriormente, não tendo sido planejada pelo autor. Mas relaciona-se no que diz respeito ao conteúdo com a primeira, em que o sentimentalismo aparece de maneira mais exacerbada.

## Casimiro de Abreu (1839-1860)

Casimiro José de Abreu nasceu no Rio de Janeiro. Com 14 anos, foi enviado para estudar em Lisboa, onde escreveu sua primeira peça, *Camões e Jaú*, encenada no Teatro D. Fernando. Por causa das saudades que sentia do Brasil e da família, escreveu uma série de poemas que iriam compor mais tarde o seu único livro, *Primaveras* (1859). Tornou-se muito popular por causa do tom terno e afetuoso de sua obra.

Os principais temas de sua obra são o amor, a saudade, o medo, o patriotismo e a religião, ou seja, uma temática próxima à dos demais poetas da época. Apesar de ser um poeta muito sensível, seu gênio criativo não amadureceu. Assim como Álvares de Azevedo, morreu muito cedo. No trecho a seguir, retirado do poema “Minh’alma é triste”, é possível notar o tom melancólico e depressivo; o eu lírico se utiliza de comparações fáceis e simples para apresentar ao leitor seu sofrimento.

III  
Minh’alma é triste como a flor que morre  
Pendida à beira do riacho ingrato;  
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,  
Nem doce canto o sabiá do mato!

E como a flor que solitária pende  
Sem ter carícias no voar da brisa,  
Minh’alma murcha, mas ninguém entende  
Que a pobrezinha só de amor precisa!

Amei outrora com amor bem santo  
Os negros olhos de gentil donzela,  
Mas dessa fronte de sublime encanto  
Outro tirou a virginal capela.

Oh! quantas vezes a preendi nos braços!  
Que o diga e fale o laranjal florido!  
Se mão de ferro espedaçou dois laços  
Ambos choramos mas num só gemido!

Dizem que há gozos no viver d’amores,  
Só eu não sei em que o prazer consiste!  
— Eu vejo o mundo na estação das flores  
Tudo sorri — mas a minh’alma é triste!

ABREU, Casimiro. *Minh’alma é triste*. In: MOISÉS, Massaud. *Literatura brasileira através dos textos*. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2005. p.176.

A sensibilidade e a simplicidade de Casimiro de Abreu ainda hoje são capazes de tocar seus leitores.

## Fagundes Varela (1841-1875)

Luis Nicolau Fagundes Varela nasceu em Rio Claro, no estado do Rio de Janeiro, mas em 1859 partiu para São Paulo para cursar Direito. Como os demais poetas desse período, foi atraído pela vida boêmia. Em 1862, casou-se e no ano seguinte nasceu seu primeiro filho, Emiliano, que morreu pouco tempo depois. Essa experiência de perda inspirou Varela a escrever o “Cântico do calvário”.



## Cântico do calvário

À memória de meu filho, morto a 11 de dezembro de 1863.  
Eras na vida a pomba predileta  
Que sobre um mar de angústias conduzia  
O ramo da esperança. — Eras a estrela  
Que entre as névoas do inverno cintilava  
Apontando o caminho ao pegureiro.  
Eras a messe de um dourado estio.  
Eras o idílio de um amor sublime.  
Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,  
O porvir de teu pai! — Ah! no entanto,  
Pomba, — varou-te a flecha do destino!  
Astro, — engoliu-te o temporal do norte!  
Teto, caíste! — Crença, já não vives!

VARELA, Fagundes. Cântico do calvário. In: MOISÉS, Massaud. *Literatura brasileira através dos textos*. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2005. p. 178.

Varela pode ser definido como um poeta de transição, há em sua obra um predomínio de temas e imagens do ultrarromantismo: sentimentalismo, tédio, desesperança, morbidez. No entanto, o trabalho com a linguagem e sua grandiloquência o aproxima da terceira geração romântica. O poeta também trabalha com dualidades: campo/urbano; fé/ceticismo; liberalismo/conservadorismo.

O “Cântico do calvário” é um poema elegíaco, com alto teor lírico, e faz parte do momento de ascensão do poeta, que mergulha no estado de sua alma e por meio desse eu lírico confessa sua profunda tristeza e inconformidade diante da morte prematura do filho.

### ! Atenção

Os escritores da segunda geração romântica potencializam a subjetividade e o sentimento amoroso. A sensação de desgosto em relação ao mundo e à sociedade, o pessimismo, a dor existencial, o sofrimento, a morbidez e a morte são alguns dos temas e imagens recorrentes nas obras desse período.

## Romantismo no Brasil: 3ª geração

### Vozes d'África

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?  
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes  
Embuçado nos céus?  
Ha dous mil annos te mandei meu grito,  
Que embalde desde então corre o infinito...  
Onde estás, Senhor Deus?...

ALVES, Castro. *Vozes d'África*. Disponível em: [https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4938/1/018143\\_COMPLETO.pdf](https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/4938/1/018143_COMPLETO.pdf). Acesso em: 27 jun. 2023.



Johann Moritz Rugendas. *Negros no fundo do porão*, 1835. Litografia colorida à mão, 51,3 cm × 35,5 cm.

Sabemos que o movimento estético romântico vai além do sentimentalismo e do subjetivismo, tratando-se de um movimento fundamentalmente rebelde e questionador dos valores vigentes. As instabilidades sociopolíticas desse período dão origem a obras em que o enunciador/eu lírico oscila entre o escapismo alienado e a inconformidade sedenta por mudanças.

Na terceira geração romântica do Brasil, os problemas sociais brasileiros passam a ser o principal tema da poesia, caracterizada pelo estilo enfático e panfletário, divulgando ideias abolicionistas e republicanas. Essa geração também é conhecida como condoreira, muito influenciada pelo escritor romântico francês Victor Hugo – um notório defensor de causas sociais.

### ! Saiba mais

Victor Hugo é um dos principais escritores românticos franceses. Sua obra *Os miseráveis* é um expoente do Romantismo. Escrita em 1862, já foi adaptada para o cinema e para o teatro musical. A história é um retrato da desigualdade social da França do século XIX.

O estilo dos condoreiros é dramático, enfático, explosivo, hiperbólico e violento. Castro Alves foi o principal poeta dessa geração e diz que sua poesia era escrita para ser gritada em praça pública. Retome o trecho transcrito anteriormente de “Vozes d'África” e observe a quantidade de exclamações, o tom suplicante e inconformado. Esse traço de engajamento político é forte em toda a poesia social de Castro Alves.

### Castro Alves (1847-1871)

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu na Bahia. Estudou Humanidades no Ginásio Baiano e, em 1862, transferiu-se para Recife com o irmão, que também era poeta; ambos frequentaram a Faculdade de Direito. Castro Alves logo se destacou no cenário acadêmico pernambucano.

Poeta. Em seu país, foi o último, e também o maior, dos adolescentes românticos. E o foi tanto pelas circunstâncias da vida compor sua obra. [...] Com exceção de *Espumas flutuantes* todos os seus livros são póstumos. Dentro dos princípios da escola, sua obra evoluiu para o individualismo, e inova tanto por sua prática do lirismo como pela introdução da poesia épica. Seu nome está ligado à campanha pela abolição da escravatura. A expressão condoreira foi criada a propósito dessa arte engajada: o condor, grande ave sul-americana, simboliza a liberdade que se pretendia conceder aos escravos.

TEYSSIER, Paul. *Dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 35.

O poema “O navio negreiro” é, sem dúvida, o mais conhecido de Castro Alves. Dividido em cinco partes, apresenta a travessia dos africanos escravizados até o Brasil. No trecho a seguir é possível notar que o poeta evidencia os horrores do tráfico, o martírio de um povo sequestrado, privado da sua liberdade e martirizado durante a longa – e, muitas vezes, fatal – viagem.

[...]

Um de raiva delira, outro enlouquece,  
Outro, que martírios embrutece,  
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,  
E após fitando o céu que se desdobra,  
Tão puro sobre o mar,  
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:  
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!  
Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .  
E da ronda fantástica a serpente  
Faz doudas espirais...  
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...  
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!  
E ri-se Satanás!...

ALVES, Castro. *O navio negroiro*.  
São Paulo: Textura Editorial, 2019. p. 14.

A poesia de Castro Alves foi muito relevante para engrossar as reivindicações pela abolição da escravatura e ajudou a despertar a consciência social no Brasil. Sabemos que o fim do regime escravista no Brasil apenas iniciou um novo problema de marginalização e esquecimento da população negra, mas a posição dos poetas condoreiros é um bom exemplo de como a literatura pode ser uma ferramenta de denúncia social.

Castro Alves se empenhou em colocar o negro como figura central de sua poesia, representando os dramas e conflitos sociais específicos da pessoa escravizada. Ao colocar foco no sofrimento e na opressão vivenciados por escravizados, o poeta busca recuperar a humanidade e restaurar a dignidade que lhes foi roubada.

### Estabelecendo relações

A escravidão da África subsaariana se deu por meio de três rotas comerciais: duas eram de responsabilidade dos árabes e uma de responsabilidade de europeus. Na **rota oriental**, o tráfico de pessoas era feito pelo Oceano Índico e pelo Mar Vermelho. A **rota transaariana** era feita pelo Deserto do Saara. Ambas eram controladas pelos árabes, que foram responsáveis pelo comércio de cerca de 5 milhões de vidas africanas. A rota controlada pelos europeus era a **rota transatlântica**. Sozinhos, os europeus foram responsáveis por comercializar entre 40 e 100 milhões de vidas africanas.

### Lírica amorosa de Castro Alves

Na sua vertente lírico-amorosa, Castro Alves explorou temas como o nacionalismo, o amor (com um tom mais sensual e carnal), a natureza e a morte, mas, diferentemente dos poetas ultrarromânticos (que eram atraídos por essa temática), rebelou-se contra ela. O poeta foge da idealização do amor, e as mulheres que descreve não têm nada de pálidas e etéreas, são voluptuosas, sensuais e tangíveis.

I

Minh'alma é como a fronte sonhadora  
Do louco bardo, que Ferrara chora...  
Sou Tasso!... a primavera de teus risos  
De minha vida as solidões enflora...  
Longe de ti eu bebo os teus perfumes,  
Sigo na terra de teu passo os lumes...  
— Tu és Eleonora...

II

Meu coração desmaia pensativo,  
Cismando em tua rosa predileta.  
Sou teu pálido amante vaporoso,  
Sou teu Romeu... teu lânguido poeta!...  
Sonho-te às vezes virgem... semina...  
Roubo-te um casto beijo à luz da lua...  
— E tu és Julieta...

III

Na volúpia das noites andaluzas  
O sangue ardente em minhas veias rola...  
Sou D. Juan!... Donzelas amorosas,  
Vós conheceis-me os trenos na viola!  
Sobre o leito do amor teu seio brilha...  
Eu morro, se desfaço-te a mantilha...  
Tu és — Júlia, a Espanhola!...

ALVES, Castro. Os três amores. *Espumas flutuantes*. Disponível em:  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000006.pdf>.  
Acesso em: 27 jun. 2023.

### Atenção

Na terceira e última geração, os escritores são inspirados pelas mudanças sociais decorrentes da independência e pela luta do movimento abolicionista. Os principais temas das obras desse período são: abolição da escravatura, defesa da República, amor concreto e problemas sociais.

## A prosa romântica

Vou contar-te o meu cativoiro.

Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o amendoim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência parecia um anjo. Desgraçada de mim! Deixei-a nos braços de minha mãe, e fui-me à roça colher milho. Ah, nunca mais devia eu vê-la.

Ainda não tinha vencido cem braças do caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo eminente que aí me aguardava. E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira — era uma escrava! Foi embalde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível...

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Jundiá:  
Cadernos do Mundo Inteiro, 2018. p.136.



Paul Harro-Harring. *Inspeção de negras recentemente chegadas da África*, c. 1840. Aquarela sobre papel, 20,1 cm × 32,4 cm.

No trecho que lemos, provavelmente o primeiro em que uma personagem negra fala de si mesma, Susana compartilha da dor, da angústia e do sofrimento de ser levada à força para longe de tudo que ela ama e conhece, sem perspectiva de voltar. Essa passagem do romance de Maria Firmina dos Reis mostra o porquê desse gênero ter se popularizado entre os românticos. O romance trata essencialmente das questões humanas; ele está, portanto, relacionado ao mundo interior do sujeito.

Como já foi estudado, o Romantismo teve vez em um período muito importante no cenário cultural brasileiro, com o crescimento do jornalismo, a instalação de escolas e teatros. Nesse contexto de efervescência também houve destaque para nossa literatura. Críticos literários, como Antônio Candido, defendem que foi nesse período que surgiu nosso primeiro sistema literário. No Romantismo, encontramos uma sociedade burguesa com um senso de individualidade exacerbado e grande apreço pela vida doméstica, o que contribuiu para a consolidação de um público leitor do romance cujos temas são a vida cotidiana do homem comum; por isso, no Romantismo, o romance torna-se o gênero literário por excelência.

A prosa romântica desempenhou um papel fundamental no imaginário popular do século XIX, ajudando no processo de formação da identidade cultural do país e revelando vários escritores, como Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, Maria Firmina dos Reis, José de Alencar, Visconde De Taunay e Bernardo Guimarães.

O papel da imprensa foi fundamental, já que muitas das histórias eram publicadas em capítulos, conhecidos como folhetins, nos jornais da época. Para prender o público leitor e incentivá-lo a acompanhar a narrativa na próxima edição, criou-se a técnica do corte no clímax da história; assim, os capítulos eram encerrados de modo a aguçar a curiosidade do leitor – esse recurso ainda hoje é adotado pela teledramaturgia e por séries, em geral. Quase todos os grandes romances do século XIX em nosso país nasceram em folhetins e foram publicados em livro por causa do sucesso que fizeram nos jornais.

### Saiba mais

Embora comumente visto como herdeiro das grandes formas épicas do passado, o romance, no sentido em que o entendemos hoje, é um gênero relativamente recente, mantendo laços apenas muito frouxo com a tradição de que se originou. [...] Gênero revolucionário e burguês, democrático por opção e animado por um espírito totalitário que o leva a romper obstáculos e fronteiras, o romance é livre [...] o romance não tem regras nem freio, sendo aberto a todos os possíveis, de certa forma indefinido de todos os lados. [...] O romance não é um gênero fútil e hipócrita de que os Antigos desconfiavam, mas um agente do progresso, um instrumento de imensa eficácia virtual, que, nas mãos de um bom romancista consciente de sua tarefa, trabalha de fato para o bem comum.

ROBERT, Marthe. *Romance das origens, as origens do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 11-24.

Ao contrário da poesia romântica, nossa prosa não se divide em gerações. Tradicionalmente, os críticos costumam caracterizá-las em quatro categorias:

- **Romance urbano ou de costume:** aborda temas amorosos e sociais, tendo como cenário os centros urbanos, em especial o Rio de Janeiro.
- **Romance regionalista:** foca o cotidiano e os temas que se passam longe dos grandes centros urbanos, buscando representar usos, costumes e falares, além das paisagens de regiões específicas do país.
- **Romance histórico:** voltado para o passado do país, tem foco na reinterpretação de fatos, personagens e momentos da história do Brasil.
- **Romance indianista:** ainda com foco nacionalista, destaca-se pela centralidade assumida por uma figura idealizada e exaltada do indígena.

A seguir, vamos conhecer alguns nomes que se destacaram nesse período, além de ler e analisar trechos de obras-chave na prosa romântica brasileira.

### Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882)

Nascido no Rio de Janeiro, Joaquim Manuel de Macedo se formou em Medicina, mas foi na Literatura que ele se destacou. Seu romance *A Moreninha* (1844) lhe rendeu prestígio e reconhecimento. Esse romance é considerado o primeiro da ficção romântica brasileira e ajudou a popularizar o gênero em nosso país, pois as personagens, o cenário urbano e as histórias permitiram uma fácil identificação com os leitores.

Uma noite de amargor foi, então, a que se passou para este; na solidão e silêncio das trevas, a alma do homem que padece é, mais que nunca, toda de sua dor; concentra-se, mergulha-se inteira em seu sofrimento, não concebe; não pensa, não vela e não se exalta senão por ela. Isto aconteceu a Augusto, de modo que, ao abrir-se na manhã seguinte a porta do quarto, o pai veio encontrá-lo ainda acordado, com os olhos em fogo e o rosto mais enrubescido que de ordinário. Augusto quis dar dois passos e foi preciso que os braços paternos o sustivessem para livrá-lo de cair.



— Que fizeste, louco? perguntou o pai, cuidadoso.  
— Nada, meu pai; passei uma noite em claro, mas... eu não sofro nada.

Oh! ele queria dizer que sofria muito!

Imediatamente foi-se chamar um médico que, contra o costume da classe, fez-se esperar pouco.

Augusto sujeitou-se com brandura ao exame necessário e quando o médico lhe perguntou:

— O que sente?

Ele respondeu com toda fria segurança do homem determinado:

— Eu amo.

— E mais nada?

— Oh! Sr. doutor, julga isso pouco?

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. Jandira: Principis, 2020.

O romance narra a viagem de quatro estudantes: Augusto, Felipe, Fabrício e Leopoldo. Os rapazes vão passar o feriado na casa de D. Ana, avó de Felipe, onde também estão hospedadas algumas moças. Augusto é conhecido entre os amigos por ser inconstante no amor, motivo pelo qual apostam que o jovem estudante não irá se apaixonar por ninguém, mas, no caso de isso acontecer, ele deverá escrever um romance contando sua própria história. Em uma festa na casa de D. Ana, Augusto acaba se apaixonando pela irmã de Felipe, Carolina, conhecida como Moreninha.

Inspirando-se na vida social da época para criar suas personagens e a trama de seus romances, Joaquim Manuel de Macedo se esforçava para que suas obras fossem verossímeis. Em suas narrativas transbordam sentimentos, aventuras e finais felizes, o que comovia os leitores da época. A linguagem é marcadamente informal, coloquial e simples. Não encontramos complexas análises psicológicas das personagens ou grandes dilemas existenciais. Em vez disso, o autor se propõe a mostrar uma parte da sociedade cujas principais preocupações são bailes, óperas, passeios, namoros e outras frivolidades. Não são obras críticas, que conduzem diretamente o leitor a uma reflexão sobre a sociedade, mas, antes, uma reafirmação dos valores burgueses.

## Maria Firmina dos Reis (1822?-1917)

Maria Firmina dos Reis nasceu no Maranhão, em 1822 – embora haja controvérsias a respeito do ano correto de nascimento, com informações que apontem para o ano de 1825. Maria Firmina era negra e viveu em um ambiente de grande segregação racial, mas, apesar disso, tornou-se professora e foi responsável pelo primeiro romance abolicionista da literatura brasileira: *Úrsula* (1859). O texto que abre o tópico “A prosa romântica” pertence a esse romance e apresenta – pela primeira vez na língua portuguesa – um discurso em primeira pessoa sobre o sequestro e o tráfico de africanos.

Em *Úrsula* (1859) – primeiro romance publicado por uma mulher no Brasil – e, em especial por meio dos personagens Túlio e Susana, a autora construiu referências para o entendimento do negro como sujeito, pertencente a uma comunidade, imbuído de memória anterior à escravização e com passado

familiar, constituído de ética, biografia, planos para o futuro, afetos, pensamento. Esse gesto a destaca de toda a tradição da literatura brasileira, responsável pelo apagamento sistemático da presença negra para fora das fronteiras do estereótipo, e lhe confere a primazia na ficção abolicionista nacional. Em suma, dentro do contexto histórico do século XIX, o romance de Firmina instaura uma nova maneira de imaginar. Uma nova maneira de pensar o sujeito negro, e igualmente o homem branco, a mulher branca e a relação entre eles.

MIRANDA, Fernanda. Uma autora à frente do seu tempo. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo: Antofágica, 2021. p. 288.

A obra se estrutura em dois eixos. No primeiro, *Úrsula* e Tancredo protagonizam uma história de amor trágica. É possível observar que a autora articula as imagens da natureza, a morte, o amor inalcançável e o pensamento cristão em sua narrativa, que, a princípio, foca as personagens da burguesia branca. Já no segundo eixo, encontramos as personagens negras Túlio e Susana, que enunciam a realidade das pessoas escravizadas. Apesar de não serem as personagens principais da narrativa, esse eixo se destaca por exercer uma força que descentraliza o discurso vigente até então nos romances.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! Muitos não deixavam chegar esse último extremo – davam-se à morte. [...] A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo: Antofágica, 2021. p.138-140.

Por pertencer a uma escritora negra nascida fora do Sudeste, região onde se concentrava a maior parte dos escritores, a obra de Maria Firmina dos Reis foi negligenciada e quase esquecida até ser redescoberta recentemente.

## Bernardo Guimarães (1825-1884)

Bernardo Joaquim da Silva nasceu em Minas Gerais e se formou em Direito. Ele e o poeta Álvares de Azevedo fundaram a Sociedade Epicureia. Atuou profissionalmente como juiz, mas também foi crítico literário. Em 1867, voltou à sua cidade natal, Ouro Preto, e trabalhou como professor. Escreveu o primeiro romance regionalista do Brasil: *O ermitão de Muquém*, em 1868. No entanto, suas obras mais famosas são *A escrava Isaura* (1875) e *O seminarista* (1872). Assim como em Joaquim Manuel de Macedo, suas obras eram recheadas de heróis nobres, mocinhas doces e bondosas, conflitos amorosos e finais felizes.

O romance *A escrava Isaura* narra a história de uma mulher branca escravizada, Isaura, que foi criada como filha pela mãe de seu patrão. A moça recebeu uma educação refinada, como era costume das moças brancas da sociedade; todavia, não recebeu alforria de sua dona, que ao morrer deixou a escrava como propriedade do filho, Leôncio. O rapaz passou, então, a assediá-la, levando-a a fugir da fazenda rumo ao Recife. Lá, ela conhece Álvaro, um jovem rico e de ideias republicanas que se apaixona por ela.

A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro labor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidios rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. Na frente calma e lisa como mármore polido, a luz do ocaso esbatia um róseo e suave reflexo.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Jandira: Principis, 2020.

O livro de Bernardo Guimarães teve uma excelente recepção. Mas é necessário abordar tal obra com olhar crítico e analítico. Apesar de ser uma obra antiescravagista, a imagem da pessoa escravizada é deturpada pelo romancista, pois a condição de Isaura não representa a condição dos africanos escravizados no Brasil do século XIX. Ela foi acolhida por ser bonita segundo os padrões europeus, sua pele era clara, com cabelos longos e lustrosos. Foi educada e criada como filha pela mãe de Leôncio não porque ela considerava equivocado o regime escravagista, mas julgava uma pena alguém com tamanha beleza viver na condição de escravizada. Podemos considerar que o principal tema da obra não é a escravidão, e sim o amor. Isso fica mais evidente no decorrer da trama, quando o leitor apreende que os temas abolicionistas não são trabalhados com profundidade.

## Revisando

### 1. Leia um trecho da obra *Os miseráveis*, de Victor Hugo.

Aconteceu, porém, um inverno mais rigoroso que os demais. Jean não encontrou trabalho. A família não tinha o que comer. Sete crianças completamente sem pão! Um domingo à noite, Maubert Isabeau, dono de uma padaria na praça da matriz de Faverolles, já se preparava para dormir quando escutou um violento golpe na vitrina que dava para a rua. Chegou justamente em tempo para ver um braço que se introduzia, através da grade de proteção, por um buraco do vidro quebrado a socos. O braço pegou um pão e o carregou. Isabeau saiu a toda a pressa; o ladrão já ia longe, mas conseguiu alcançá-lo e o segurou; o ladrão já havia jogado o pão, tendo porém o braço ensanguentado. Era Jean Valjean. Isso aconteceu em 1795. Jean Valjean foi levado diante dos tribunais daquele tempo “por roubo e arrombamento durante a noite numa casa habitada”. [...] Dezenove anos! Em outubro de 1815, foi posto em liberdade; havia entrado em 1796 por ter partido um vidro e roubado um pão.

HUGO, Victor. *Os miseráveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Victor Hugo é um importante escritor do Romantismo francês. Sua obra mais celebrada é *Os miseráveis* (1862), cuja narrativa principal traz um homem condenado por ter roubado pão. Cada personagem ajuda a compor um panorama da sociedade parisiense no século XIX. Com base no trecho que leu e em seu conhecimento sobre o Romantismo, relacione o texto a uma das características do movimento.

### 2. Leia o texto e analise a imagem para responder à questão a seguir.

Theodore Géricault (1791-1824) lançou o Romantismo com uma pintura, “A Balsa da Medusa”. A enorme tela [...] tinha como base um acontecimento contemporâneo, um naufrágio que causou um escândalo político. O *Medusa*, navio do governo que transportava colonos franceses para o Senegal, afundou na costa oeste da África devido à incompetência do capitão, nomeado politicamente. O capitão e a tripulação foram os primeiros a evacuar o navio e tomaram os barcos salva-vidas, que puxavam uma jangada improvisada com 149 passageiros amontoados. A certa altura cortaram a corda que puxava a balsa, deixando os emigrantes à deriva sob o sol equatorial por 12 dias, sem comida, nem água, sofrendo tormentas indizíveis. Só 15 sobreviveram.

STRICKLAND, Carol. *Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno*. Rio de Janeiro, 2002. p. 76.



Théodore Géricault. *A balsa da Medusa*, 1819. Óleo sobre tela, 491 cm × 716 cm, Museu do Louvre, França.

Museu do Louvre, Paris

FRENTE 2

A partir do texto e de seus conhecimentos, escreva uma pequena análise da obra *A balsa da Medusa* à luz das principais características do Romantismo.

3. Leia os textos a seguir para responder à questão.

A História Literária registra, desde o século XVI, no Ocidente, o surgimento de um tipo de texto ficcional que se volta sobre si mesmo, que é uma ficção que contém, em seu bojo, questionamentos ou comentários sobre seu estatuto linguístico, narrativo e sobre seu processo de produção e de recepção.

FARIA, Zênia de. A metaficção revisitada: uma introdução. *Signótica*, v. 24, n. 1, p. 237-251, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/18739/12292>. Acesso em: 18 ago. 2022.

Estas minhas interessantes viagens não-de ser uma obra-prima, erudita, brilhante de pensamentos novos, uma coisa digna do século. Preciso de o dizer ao leitor, para que ele esteja prevenido; não cuide que são quaisquer dessas rabiscadoras da moda que, com o título de Impressões de viagem, ou outro que tal, fatigam as imprensas da Europa sem nenhum proveito da ciência e do adiantamento da espécie. Primeiro que tudo, a minha obra é um símbolo... é um mito, palavra grega, e de moda germânica, que se mete hoje em tudo e com que se explica tudo... quanto se não sabe explicar.

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Porto: Porto Editora, [s.d.]. p. 9 (Coleção Clássicos da Literatura Portuguesa).

Quais aspectos metaficcionais são observados no texto de Almeida Garrett? Qual efeito de sentido o uso desse recurso imprime à obra?



Leia o poema a seguir e responda às questões 4 e 5.

### Este inferno de amar

Este inferno de amar – como eu amo! –  
Quem mo pôs aqui n'alma... quem foi?  
Esta chama que alenta e consome,  
Que é a vida – e que a vida destrói –  
Como é que se veio a atear,  
Quando – ai quando se há-de ela apagar?  
Eu não sei, não me lembra: o passado,  
A outra vida que dantes vivi  
Era um sonho talvez... – foi um sonho –  
Em que paz tão serena a dormi!  
Oh! que doce era aquele sonhar...  
Quem me veio, ai de mim! despertar?  
Só me lembra que um dia formoso  
Eu passei... dava o sol tanta luz!  
E os meus olhos, que vagos giravam,  
Em seus olhos ardentes os pus.  
Que fez ela? eu que fiz? – Não no sei;  
Mas nessa hora a viver comecei...

GARRETT, Almeida. Este inferno de amar. *Folhas caídas*. Lisboa: Porto Editora, [s.d.]. p. 22.

4. Qual é a temática central do poema? Indique alguns versos que corroborem sua resposta.

5. Almeida Garrett é um dos principais nomes do Romantismo português. O poema “Este inferno de amar” apresenta uma característica importante da estética romântica. Indique qual característica é essa, comprovando-a com versos do poema.

6. *Eurico, o presbítero* é um romance situado na península Ibérica do século VIII, quando ela foi invadida pelos árabes muçulmanos. O romance histórico é o principal gênero escrito por Alexandre Herculano. Como ele se relaciona ao movimento romântico?

7. Sintetize as principais características das três gerações da poesia romântica no Brasil.



Leia o poema para responder às questões de 8 a 10.

I

Aqui na floresta  
Dos ventos batida,  
Façanhas de bravos  
Não geram escravos,  
Que estimem a vida  
Sem guerra e lidar.  
— Ouvi-me, Guerreiros,  
— Ouvi meu cantar.

II

Valente na guerra,  
Quem há, como eu sou?  
Quem vibra o tacape  
Com mais valentia?  
Quem golpes daria  
Fatais, como eu dou?  
— Guerreiros, ouvi-me;  
— Quem há, como eu sou?

III

Quem guia nos ares  
A frecha emplumada,  
Ferindo uma presa,  
Com tanta certeza,  
Na altura arrojada  
onde eu a mandar?  
— Guerreiros, ouvi-me,  
— Ouvi meu cantar.

DIAS, Gonçalves. O canto do guerreiro. In: MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2005. p.133.

8. Quem é o eu lírico do poema? Retire do poema versos que confirmem sua resposta.
9. Como é feita a caracterização do indígena nos versos de “O canto do guerreiro”? Essa representação pode ser considerada típica do Romantismo? Por quê?
10. Analise a forma do poema. Faça uma leitura em voz alta observando a sonoridade e a métrica.







Imagem 4  
José Maria de Medeiros. *Iracema*. 1881.

Acerca dos textos anteriores, assinale com V as afirmativas Verdadeiras e com F as Falsas.

- É possível afirmar que esses textos têm em comum complexos valores ideológicos, próprios da expressão plástica romântica.
- A Imagem 1 expressa uma das temáticas do Romantismo, isto é, a liberdade contra a tirania.
- A Imagem 2 dialoga com o Romantismo por tratar de uma temática cara aos românticos, que é a exaltação do passado histórico e de caráter nacionalista.
- A Imagem 3 expressa, de forma dramática, a tragédia de um naufrágio. Nessa obra, é possível identificar uma das características do Romantismo, a hipervalorização dos sentimentos, tanto as do mundo físico natural como as emoções pessoais.
- A Imagem 4 dialoga com a obra de José de Alencar, *O Uruguai*, cuja protagonista é Iracema.

A sequência **CORRETA**, de cima para baixo é:

- a) V – V – V – V – F
- b) F – F – V – V – F
- c) F – V – V – F – F
- d) V – V – V – F – V
- e) V – F – V – F – V

5. **ESPM-SP 2019** [...] O **mal du siècle**, a indefinível doença que alanceia os românticos, que lhes enlanguesce a vontade, entedia a vida e faz desejar a morte, só poderá ser correctamente entendido no contexto da odisséia do eu romântico, pois que exprime o cansaço e a frustração resultantes da impossibilidade de realizar o absoluto. [...]

(Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, 8ª edição, Livraria Almedina, Coimbra, 1988)

A partir das considerações sobre o “mal do século”, assinale o item cujo texto **não** apresente as características apontadas.

- a) Já da morte o palor me cobre o rosto,  
Nos lábios meus o alento desfalece,  
Surda agonia o coração fenece,  
E devora meu ser mortal desgosto!  
(Álvares de Azevedo)
- b) Ah!, findou para mim tão leda sorte;  
Agora é só feliz minha existência  
No mudo estado, que arreda a morte.  
(Bocage)

- c) A filha de Araquém sentiu afinal que suas veias se estancavam; e contudo o lábio amargo de tristeza recusava o alimento que devia restaurar-lhe as forças. O gemido e o suspiro tinham crestado com o sorriso o sabor em sua boca formosa.

(José de Alencar, *Iracema*)

- d) E que farias tu da vida sem a tua companheira de martírio? Onde irás tu aviventar o coração que a desgraça te esmagou, sem o esquecimento da imagem desta dócil mulher, que seguiu cegamente a estrela da tua malfadada sorte?!

(Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*)

- e) Eu morro qual nas mãos da cozinheira  
O marreco piando na agonia...  
Como o cisne de outrora... que gemendo  
Entre os hinos de amor se enternecia.

(Álvares de Azevedo)

6. **UCS-RS 2015** Os excertos a seguir são cantados por Lulu Santos e fazem parte da música “O último romântico”.

Talvez eu seja o último romântico  
Dos litorais desse Oceano Atlântico  
Só falta reunir a Zona Norte à Zona Sul  
Iluminar a vida já que a morte cai do azul  
[...]  
Tolice é viver a vida assim sem aventura  
Deixa ser  
Pelo coração  
Se é loucura então melhor não ter razão

SANTOS, Lulu; CÍCERO, Antonio; SOUZA, S. “O último romântico”.  
Intérprete: SANTOS, Lulu. In: *Tudo azul*, 1984. Disponível em:  
<[www.vagalume.com.br/lulu-santos/o-ultimo-romantico.html#ixzz396NxiaEM](http://www.vagalume.com.br/lulu-santos/o-ultimo-romantico.html#ixzz396NxiaEM)>. Acesso em: 10 out. 2014.

Como o título da canção indica, é correto afirmar que a composição recupera traços do Romantismo ao

- a) satirizar os costumes e valores burgueses, marcando as distinções sociais, expressas na divisão entre a Zona Norte e a Zona Sul.
- b) enfatizar o conflito entre corpo e alma, expresso na relação entre as palavras coração e razão, nos últimos versos.
- c) explorar a antítese como recurso para exprimir a dualidade humana, manifestada no terceiro verso.
- d) tematizar o amor e o arrebatamento passionai que pode conduzir à loucura, valorizando o sentimento em oposição à razão.
- e) contrariar o subjetivismo e o desabafo sentimental.

7. **UEL-PR 2016**

### O Desaparecido

Tarde fria, e então eu me sinto um daqueles velhos poetas de antigamente que sentiam frio na alma quando a tarde estava fria, e então eu sinto uma saudade muito grande, uma saudade de noivo, e penso em ti devagar, bem devagar, com um bem-querer tão certo e limpo, tão fundo e bom que parece que estou te embalando dentro de mim. Ah, que vontade de escrever bobagens bem meigas, bobagens para todo mundo me achar ridículo e talvez alguém pensar que na verdade estou aproveitando uma crônica muito antiga num dia sem assunto, uma crônica de rapaz; e, entretanto, eu hoje não me sinto rapaz, apenas um menino, com o

amor teimoso de um menino, o amor burro e comprido de um menino lírico. Olho-me ao espelho e percebo que estou envelhecendo rápida e definitivamente; com esses cabelos brancos parece que não vou morrer, apenas minha imagem vai-se apagando, vou ficando menos nítido, estou parecendo um desses clichês sempre feitos com fotografias antigas que os jornais publicam de um desaparecido que a família procura em vão. Sim, eu sou um desaparecido cuja esmaecida, inútil foto se publica num canto de uma página interior de jornal, eu sou o irreconhecível, irrecuperável desaparecido que não aparecerá mais nunca, mas só tu sabes que em alguma distante esquina de uma não lembrada cidade estará de pé um homem perplexo, pensando em ti, pensando teimosamente, docemente em ti, meu amor.

(BRAGA, R. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2013. p.465.)

No início da crônica, há uma associação com um “daqueles velhos poetas de antigamente”. Quanto à natureza dessa correlação, assinale a alternativa correta.

- Despontam a melancolia e a nostalgia como modos de representar práticas amorosas malsucedidas, acompanhando os padrões dos poemas modernistas da primeira fase.
  - Destacam-se a expressão de sentimentos e a correspondência entre manifestações da natureza e estado da alma, assim como em poemas do Romantismo.
  - Evidencia-se a incompatibilidade do homem com o ritmo veloz da vida urbana, assim como nos poemas árcades.
  - Projeta-se a espontaneidade que favorece a exteriorização de instintos irrefreáveis, como acontece em poemas do Naturalismo.
  - Sobressaem a frieza e a impassibilidade como retratos predominantes do espírito lírico, como ocorre em poemas parnasianos.
- 8. Unicamp-SP 2015** Um elemento importante nos anos de 1820 e 1830 foi o desejo de autonomia literária, tornado mais vivo depois da Independência. [...] O Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e, portanto, a identidade, em oposição à metrópole [...].

CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2004. p. 19.

Tendo em vista o movimento literário mencionado no trecho anterior e seu alcance na história do período, é correto afirmar que

- o nacionalismo foi impulsionado na literatura com a vinda da família real, em 1808, quando houve a introdução da imprensa no Rio de Janeiro e os primeiros livros circularam no país.
- o indianismo ocupou um lugar de destaque na afirmação das identidades locais, expressando um viés decadentista e cético quanto à civilização nos trópicos.
- os autores românticos foram importantes no período por produzirem uma literatura que expressava aspectos da natureza, da história e das sociedades locais.
- a população nativa foi considerada a mais original dentro do Romantismo e, graças à atuação dos literatos, os indígenas passaram a ter direitos políticos que eram vetados aos negros.

## 9. Enem 2019

### Texto I

Eu queria movimento e não um curso calmo da existência. Queria excitação e perigo e a oportunidade de sacrificar-me por meu amor. Sentia em mim uma superabundância de energia que não encontrava escoadouro em nossa vida.

TOLSTÓI, L. Felicidade familiar. Apud KRAKAUER, J. *Na natureza selvagem*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

### Texto II

Meu lema me obrigava, mais que a qualquer outro homem, a um enunciado mais exato da verdade; não sendo suficiente que eu lhe sacrificasse em tudo o meu interesse e as minhas simpatias, era preciso sacrificar-lhe também minha fraqueza e minha natureza tímida. Era preciso ter a coragem e a força de ser sempre verdadeiro em todas as ocasiões.

ROUSSEAU, J.-J. *Os devaneios do caminhante solitário*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Os textos de Tolstói e Rousseau retratam ideais da existência humana e defendem uma experiência

- lógico-racional, focada na objetividade, clareza e imparcialidade.
- místico-religiosa, ligada à sacralidade, elevação e espiritualidade.
- sociopolítica, constituída por integração, solidariedade e organização.
- naturalista-científica, marcada pela experimentação, análise e explicação.
- estético-romântica, caracterizada por sinceridade, vitalidade e impulsividade.

- 10. Fuvest-SP 2015** Andai, ganha-pães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprei, vendei, agiotai. No fim de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas de dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico? – Que lho digam no Parlamento inglês, onde, depois de tantas comissões de inquérito, já deve de andar orçado o número de almas que é preciso vender ao diabo, o número de corpos que se têm de entregar antes do tempo ao cemitério para fazer um tecelão rico e fidalgo como Sir Roberto Peel, um mineiro, um banqueiro, um granjeeiro – seja o que for: cada homem rico, abastado, custa centos de infelizes, de miseráveis.

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*.

- Destas reflexões feitas pelo narrador de *Viagens na minha terra*, deduz-se que ele tinha em mente um determinado ideal de sociedade. O que caracteriza esse ideal? Explique resumidamente.
- Identifique, em *Viagens na minha terra*, o tipo social sobre o qual, principalmente, irá recair a crítica presente nas reflexões do narrador, no trecho aqui reproduzido. O que, de acordo com o livro, caracteriza esse tipo social?



**11. Unicamp-SP 2016** [...] Eram boas cinco horas da tarde quando desembarcamos no Terreiro do Paço. Assim terminou a minha viagem a Santarém; e assim termina este livro. Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens porém fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra. Se assim pensares, leitor benévolo, quem sabe? pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro, e vá peregrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar. Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar. Escusada é a jura, porém. Se as estradas fossem de papel, fá-las-iam, não digo que não. Mas de metal! Que tenha o governo juízo, que as faça de pedra, que pode, e viajaremos com muito prazer e com muita utilidade e proveito na nossa boa terra.

(Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012, p. 316.)

- a) Considerando a crítica ao contexto histórico e político de Portugal, o que significam as referências às possíveis estradas de papel, de metal e de pedra?
- b) Utilizando elementos do enredo, identifique e descreva o personagem do romance que centraliza a crítica à hipocrisia ideológica e política de Portugal, expressa no excerto acima de maneira irônica.

**12. PUC-SP 2015** *Viagens na Minha Terra* é um romance escrito por Almeida Garrett. Desta obra se pode afirmar que

- a) é um romance cuja prática literária distancia-se das coordenadas conceituais da época, ou seja, Romantismo, nacionalismo e liberdade formal.
- b) apresenta um estilo ziguezagueante, mas recusa o processo de digressões, com a justificativa de que isso fere a estrutura da obra e prejudica a interpretação do leitor.
- c) rompe com a linearidade narrativa, utiliza o recurso da montagem e vale-se do processo do enquadramento de uma estória dentro da outra, como é o caso da estória da Menina dos Rouxinóis.
- d) relata apenas um drama familiar ocorrido no Vale de Santarém como pretexto para analisar as paixões que acometem os jovens na sociedade repressora e capitalista portuguesa do século XIX.
- e) inscreve-se na tradição dos livros de viagem e objetiva contar apenas a história cultural portuguesa e a valorização de suas origens e de seus monumentos.

**13. PUC-SP 2014** — Mas ouço eu... Espera... é Frei Dinis; conheço-lhe os passos. Mal a velha acabava de pronunciar este nome, surdiu, de trás de umas oliveiras que ficam na volta da estrada, da banda de Santarém, a figura seca, alta e um tanto curvada de um religioso franciscano que, abordado em seu pau tosco, arrastando as suas sandálias amarelas e tremendo-lhe na cabeça o seu chapéu alvadio, vinha em direção para elas.

O trecho anterior integra o romance *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett. Apresenta a personagem Frei Dinis, de quem Não se pode afirmar que era:

- a) terrível frade que, nas sextas-feiras, se tornava o demônio vivo de uma mulher cega, como um vingador sobrenatural.
- b) guardião de São Francisco de Santarém, o frade mais austero e o pregador mais eloquente daquele tempo.
- c) Dinis de Ataíde, que se relaciona com uma mulher casada, com quem tem um filho que será seu próprio algoz e assassino.
- d) assassino do marido e do irmão de sua amante, quando surpreendido em cilada armada por eles para o matarem.
- e) pai de Carlos, a quem considera um maldito e entre os quais se ergue o abismo todo do inferno.



Leia o texto para responder às questões **14** e **15**.

O presbítero Eurico era o pastor da pobre paróquia de Carteia. Descendente de uma antiga família bárbara, gardingo na corte de Vítiza, depois de ter sido tiufado ou milenário do exército visigótico vivera os ligeiros dias da mocidade no meio dos deleites da opulenta Toletum. Rico, poderoso, gentil, o amor viera, apesar disso, quebrar a cadeia brilhante da sua felicidade. Namorado de Hermengarda, filha de Favila, Duque de Cantábria, e irmã do valoroso e depois tão célebre Pelágio, o seu amor fora infeliz. O orgulhoso Favila não consentira que o menos nobre gardingo pusesse tão alto a mira dos seus desejos. Depois de mil provas de um afeto imenso, de uma paixão ardente, o moço guerreiro vira submergir todas as suas esperanças. Eurico era uma destas almas ricas de sublime poesia a que o mundo deu o nome de imaginações desregradas, porque não é para o mundo entendê-las. Desventurado, o seu coração de fogo queimou-lhe o viço da existência ao despertar dos sonhos do amor que o tinham embalado. A ingratidão de Hermengarda, que parecera ceder sem resistência à vontade de seu pai, o orgulho insultuoso do velho prócer deram em terra com aquele ânimo, que o aspecto da morte não seria capaz de abater. A melancolia que o devorava, consumindo-lhe as forças, fê-lo cair em longa e perigosa enfermidade, e, quando a energia de uma constituição vigorosa o arrancou das bordas do túmulo, semelhante ao anjo rebelde, os toques belos e puros do seu gesto formoso e varonil transpareciam-lhe a custo através do véu de muda tristeza que lhe entenebrecia a frente. O cedro pendia fulminado pelo fogo do céu.

(HERCULANO, A. *Eurico, o presbítero*. 2.ed. São Paulo: Martin Claret, 2014. p. 26-27.)

**14. UEL-PR 2015** Sobre o romance *Eurico, o presbítero*, considere as afirmativas a seguir.

- I. A história das personagens se passa em meio às lutas pela defesa do território da Península Ibérica diante da tentativa de dominação pelos muçulmanos.
- II. A guerra santa, que é pano de fundo do romance, diz respeito ao contexto da reforma protestante, em que católicos e reformistas se enfrentam em batalhas sangrentas.

- III. Hermengarda escapa do clichê romântico e é a única personagem da obra cujo final é feliz, visto que consegue se casar com um soldado e dar à luz três filhos.
- IV. Romance da primeira geração romântica, coloca a história de amor em segundo plano, na medida em que evidencia a questão histórica.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**15. UEL-PR 2015** Com base na leitura do romance *Eurico, o presbítero* e, especificamente, do trecho apresentado, é correto afirmar que este é o momento em que o narrador conta

- a) a saga de Eurico perante sua família e a de Hermengarda, que eram as responsáveis pelo seu sofrimento.
- b) o desencanto de Eurico diante de um amor impossível, o que o levaria a dedicar sua vida a professar a fé.
- c) como Eurico abandona a batina para lutar por seu grande amor, a nobre Hermengarda.
- d) como Eurico se torna um guerreiro contra a Igreja Católica, a quem responsabiliza pelo fim de seu noivado.
- e) como Hermengarda abandona Eurico diante do altar, apenas porque ele não é de família nobre como a dela.

Leia o fragmento retirado do livro *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, e responda às questões **16** e **17**.

O ferimento de Simão Botelho era melindroso demais para obedecer prontamente ao curativo do ferrador, enfiado em aforismos de alveitaria. A bala passara-lhe de revés a porção muscular do braço esquerdo; mas algum vaso importante rompera, que não bastavam compressas a vedar-lhe o sangue. Horas depois de ferido, o acadêmico deitou-se febril, deixando-se medicar pelo ferrador. O arreeiro partiu para Coimbra, encarregado de espalhar a notícia de ter ficado no Porto, Simão Botelho. Mais que as dores e o receio da amputação, o mortificava a ânsia de saber novas de Teresa. João da Cruz estava sempre de sobre-rola, precavido contra algum procedimento judicial por suspeitas dele. As pessoas que vinham de feirar na cidade contavam todas que dois homens tinham aparecido mortos, e constava serem criados dum fidalgo de Castro d’Aire, ninguém, porém, ouvira imputar o assassinio a determinadas pessoas. Na tarde desse dia recebeu Simão a seguinte carta de Teresa: “Deus permita que tenhas chegado sem perigo à casa dessa boa gente. Eu não sei o que se passa, mas há coisa misteriosa que eu não posso adivinhar. Meu pai tem estado toda a manhã fechado com o primo, e a mim não me deixa sair do quarto. Mandou-me tirar o tinteiro; mas eu felizmente estava prevenida com outro. Nossa Senhora quis que a pobre viesse pedir esmola debaixo da janela do meu quarto; senão, eu nem tinha modo de lhe dar sinal para ela

esperar esta carta. Não sei o que ela me disse. Falou-me em criados mortos; mas eu não pude entender... Tua mana Rita está-me acenando por trás dos vidros do teu quarto... Disse-me agora tua mana que os moços de meu primo tinham aparecido mortos perto da estrada. Agora já sei tudo. Estive para lhe dizer que tu aí estás, mas não me deram tempo. Meu pai de hora a hora dá passeios no corredor, e solta uns ais muitos altos. Ó meu querido Simão, que será feito de ti?... Estás ferido? Serei eu a causa da tua morte? Dize-me o que souberes. Eu já não peço a Deus senão a tua vida. Foge desses sítios: vai para Coimbra, e espera que o tempo melhore a nossa situação. Tem confiança nesta desgraçada, que é digna da tua dedicação... Chega a pobre: não quero demorá-la mais... Perguntei-lhe se se dizia de ti alguma coisa, e ela respondeu que não. Deus o queira”.

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de perdição*. 2ª ed. Barueri: Ciranda Cultural, 2017. p. 47-48.

**16. UEL-PR 2021** Em relação à carta incluída no trecho e sua correlação com o romance *Amor de perdição*, considere as afirmativas a seguir.

- I. A carta mostra a incompatibilidade e o desencontro entre os comportamentos morais e afetivos de Teresa e Simão.
- II. A carta, recurso frequente nesse romance, apresenta-se como veículo de expressão da subjetividade romântica.
- III. A carta dispõe de uma carga melodramática, que pode ser exemplificada com a última frase do penúltimo parágrafo.
- IV. A carta é a oportunidade de estabelecer o contato entre os amantes, muitas vezes impedidos de estarem juntos fisicamente.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

**17. UEL-PR 2021** Assinale a alternativa correta sobre *Amor de perdição*.

- a) A descrição de Simão Botelho como “melindroso” e dócil destoa da caracterização da personagem, no restante do romance, como um herói tradicional.
- b) A pouca resistência de Simão Botelho ao ferimento revela-se como faceta surpreendente da personagem, que, em outras passagens, exhibe bravura típica dos heróis românticos.
- c) O caráter desobediente de Simão Botelho, exposto já na primeira frase do trecho, está em desacordo com suas preocupações amorosas acerca de Teresa.
- d) A descrição do ferimento de Simão Botelho cumpre o papel de ressaltar a resistência do herói e a intensidade do amor por Teresa, confirmando o perfil romântico.
- e) O ferimento, as dores e o risco da amputação são experiências que tornam Simão Botelho insensível para a manifestação do sentimento amoroso.

**18. Unicamp-SP 2019** Picado pelo ciúme, abriu o ourives seu peito à órfã, ofereceu-lhe a mão, e uma pulseira de brilhantes nela, com a condição de me esquecer. Leontina disse que sim, cuidando que mentia; mas passados oito dias admirou-se de ter dito a verdade. Nunca mais soube de mim, nem eu dela; até que, um ano depois, a criada, que a servia, me contou que a menina casara com o padrinho e que as enteadas, coagidas pelo pai, se tinham ido para o recolhimento do Grilo com uma pequena mesada e a esperança de ficarem pobres. Não sei mais nada a respeito da primeira das sete mulheres que amei, em Lisboa.

(Camilo Castelo Branco, *Coração, cabeça e estômago*, p. 4. Disponível em: [www.dominionpublico.gov.br](http://www.dominionpublico.gov.br). Acessado em 20/05/2018.)

O excerto anterior apresenta uma síntese acerca do primeiro dos setes amores da personagem Silvestre da Silva. Considere essa experiência amorosa no contexto da primeira parte da narrativa e assinale a alternativa correta.

- A mulher é idealizada em cada caso relatado, não havendo espaço para uma ótica realista.
- A experiência amorosa recebe tratamento solene e sublime por parte das personagens.
- A personagem masculina se caracteriza pelo interesse sexual; a feminina, pela devoção ao marido.
- O protagonista da narrativa se frustra em sua crença amorosa a cada vez que se apaixona.

## 19. Enem 2020

### Leito de folhas verdes

Brilha a lua no céu, brilham estrelas,  
Correm perfumes no correr da brisa,  
A cujo influxo mágico respira-se  
Um quebranto de amor, melhor que a vida!  
A flor que desabrocha ao romper d'alva  
Um só giro do sol, não mais, vegeta:  
Eu sou aquela flor que espero ainda  
Doce raio do sol que me dê vida.

DIAS, G. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Agir, 1979 (fragmento).

Na perspectiva do Romantismo, a representação feminina espelha concepções expressas no poema pela

- reprodução de estereótipos sociais e de gênero.
- presença de traços marcadores de nacionalidade.
- sublimação do desejo por meio da espiritualização.
- correlação feita entre estados emocionais e natureza.
- mudança de paradigmas relacionados à sensibilidade.

## 20. Inspere-SP 2014

### Canção do tamoio

[...] Porém se a fortuna,  
Traindo teus passos,  
Te arroja nos laços  
Do imigo falaz!  
Na última hora  
Teus feitos memora,  
Tranquilo nos gestos,  
Impávido, audaz.

E cai como o tronco  
Do raio tocado,  
Partido, rojado  
Por larga extensão;  
Assim morre o forte!  
No passo da morte  
Triunfa, conquista  
Mais alto brasão. [...]

DIAS, Gonçalves

No fragmento poético de Gonçalves Dias, um pai explica ao filho como se comporta um guerreiro no momento da morte. Esse conselho demonstra que os românticos viam os índios

- como retrato de uma sociedade em crise, pois eles estavam sendo dizimados pelos colonizadores europeus, que tinham grande poder militar.
- de modo cruel, uma vez que, em lugar de criticar as constantes lutas entre tribos rivais, eles preferiam falar dos aspectos positivos da violência.
- de modo idealizado, com valores próximos aos das Cruzadas europeias, quando era nobre morrer por uma causa considerada justa.
- como símbolos de um país que surgia, sem nenhuma influência dos valores europeus e celebrando apenas os costumes dos povos nativos da América.
- com base no mito do “bom selvagem”, mostrando que eles nunca entravam em conflitos entre si.

## 21. Uepa 2014

Dos **Gamelas** um chefe destemido,  
Cioso d'alcançar renome e glória,  
Vencendo a fama, que os sertões enchia,  
Saiu primeiro a campo, armado e forte  
**Guedelha** e ronco dos sertões imensos,  
Guerreiros mil e mil vinham trás ele,  
Cobrindo os montes e juncando as matas,  
Com pejado **carcaz** de ervadas setas  
Tingidas d'urucu, segundo a usança  
Bárbara e fera, desgarrados gritos  
Davam no meio das canções de guerra.  
Chegou, e fez saber que era chegado  
O rei das selvas a propor combate  
Dos Timbiras ao chefe. – “A nós só caiba,  
(Disse ele) a honra e a glória; entre nós ambos  
Decida-se a do esforço e brios.  
Estes, que vês, impávidos guerreiros  
São meus, que me obedecem; se me vences,  
São teus; se és o vencido, os teus me sigam:  
Aceita ou foge, que a vitória é minha.”

DIAS, Gonçalves. *Os timbiras*: poema americano. Salvador: Progresso, 1956.

**gamelas**: tribo indígena;  
**guedelha**: chefe de tribo;  
**carcaz**: objeto para carregar as setas.

A cena de luta entre dois guerreiros, narrada logo no início de *Os timbiras*, também revela uma situação comunicativa. A conversa entre dois guerreiros revela:

- a idealização de personagens frágeis e evasivas diante do tédio.
- o nacionalismo condoreiro que foi a grande marca do engajamento romântico.
- o nacionalismo a partir da retratação fiel do passado histórico brasileiro.
- a reprodução de temas e heróis inspirados no comportamento dos cavaleiros medievais.
- o sarcasmo autodestruutivo que caracterizou o gosto romântico pelo tema da morte.



- 22. UFPA 2013** Gonçalves Dias foi considerado um dos maiores expoentes da literatura romântica brasileira. Procurando seguir os preceitos do Romantismo, intencionou produzir uma poesia capaz de exprimir a independência literária do Brasil. Na condição de poeta, dedicou-se a vários gêneros literários, entre eles à poesia lírica e à poesia indianista. Leia atentamente as estrofes 4, 5, 6 e 7 do canto IV do poema “I-Juca-Pirama”, de Gonçalves Dias:

Andei longes terras,  
Lidei cruas guerras,  
Vaguei pelas serras  
Dos vis **Aimorés**;  
Vi lutas de bravos,  
Vi fortes – escravos!  
De estranhos **ignavos**  
Calçados aos pés.  
E os campos talados,  
E os arcos quebrados,  
E os **piagas** coitados  
Já sem **maracás**;  
E os meigos cantores,  
Servindo a senhores,  
Que vinham traidores,  
Com mostras de paz.  
Aos golpes do imigo

Meu último amigo,  
Sem lar, sem abrigo,  
Caiu junto a mi!  
Com plácido rosto,  
Seren e composto,  
O **acerbo** desgosto  
Comigo sofri.  
Meu pai a meu lado  
Já cego e quebrado,  
De penas ralado,  
Firmava-se em mi:  
Nós ambos, mesqui-  
nhos,  
Por **ínvios** caminhos,  
Cobertos d’espinhos  
Chegamos aqui!

**Aimorés:** índios botocudos que habitavam o Estado da Bahia e do Espírito Santo;

**ignavo:** fracos, covardes; talados, devastados;

**piaga:** pajé, chefe espiritual;

**maracá:** chocalho indígena utilizado em festas religiosas e cerimônias guerreiras;

**acerbo:** terrível, cruel;

**ínvios:** intransitáveis.

Tendo em vista as estrofes transcritas, é correto afirmar que

- o índio Tupi descreve as vitórias de sua tribo sobre o colonizador europeu.
- o ritual antropofágico é representado como uma manifestação da barbárie indígena.
- a submissão das nações indígenas pelo homem branco é considerada um processo natural e desejável para o progresso da nova nação independente.
- o ponto de vista a partir do qual se elabora o poema é o do europeu português, que condena as práticas bárbaras e violentas das nações indígenas brasileiras.
- as práticas colonizadoras portuguesas que levaram ao quase extermínio da nação Tupi são julgadas do ponto de vista do próprio índio.

- 23. UFPR 2023** O livro *Últimos Cantos*, de Gonçalves Dias, reúne poemas de gêneros e temáticas variados. Há elegia, idílio, poema épico, lírico, de temática nacionalista, indianista, amorosa, etc. Em cada alternativa a seguir, há uma estrofe de um poema desse livro; entre parênteses está o título do poema. Citam-se estrofes de poemas narrativos e apenas uma estrofe de poema não narrativo. Assinale a alternativa que contém uma estrofe não narrativa.

- “Eu sob a copa da mangueira altiva/ Nosso leito gentil cobri zelosa/ Com mimoso tapiz de folhas brandas,/ Onde o frouxo luar brinca entre flores.” (Leito de Folhas Verdes).
- “Meu pai a meu lado/ Já cego e quebrado,/ De penas ralado,/ Firmava-se em mi:/ Nós ambos, mesquinhos,/ Por ínvios caminhos,/ Cobertos d’espinhos/ Chegamos aqui!” (I-Juca-Pirama).
- “Vem meu amigo, dizia/ A bela fada engraçada,/ Pulsando a harpa dourada:/ — Sou boa, não faço mal,/ Vem ver meus belos palácios,/ Meus domínios dilatados,/ Meus tesouros encantados/ No meu reino de cristal.” (A Mãe d’Água).
- “Para as serras do Gerez/ Toca a rês,/ Toca a rês, gentil pastora;/ Lá te aguarda o bom pastor,/ Teu amor,/ Que te chama encantadora.” (A pastora).
- “Beijos que são? — Ai do peito,/ Selo breve, laço estreito/ Dum cansado bem querer;/ Saibo de gozos divinos,/ Que nos lábios femininos/ Quis Deus bondoso verter.” (Os beijos).

(DIAS, Gonçalves. Poesia e prosa completas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.)

#### 24. UPF-RS 2014

Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi:  
Sou filho das selvas,  
Nas selvas cresci;  
Guerreiros, descendo  
Da tribo tupi.  
Da tribo pujante,  
Que agora anda errante  
Por fado inconstante,  
Guerreiros, nasci;  
Sou bravo, sou forte,  
Sou filho do Norte;  
Meu canto de morte,  
Guerreiros, ouvi.  
[...]  
Então, forasteiro,  
Caí prisioneiro  
De um troço guerreiro  
Com que me encontrei:  
O cru desossosgo  
Do pai fraco e cego,  
Enquanto não chego  
Qual seja, – dizei!  
Eu era o seu guia

Na noite sombria,  
A só alegria  
Que Deus lhe deixou:  
Em mim se apoiava,  
Em mim se firmava,  
Em mim descansava,  
Que filho lhe sou.  
Ao velho coitado  
De penas ralado,  
Já cego e quebrado,  
Que resta? – Morrer  
Enquanto descreve  
O giro tão breve  
Da vida que teve,  
Deixai-me viver!  
Não vil, não **ignavo**,  
Mas forte, mas bravo,  
Serei vosso escravo:  
Aqui virei ter.  
Guerreiros, não coro  
Do pranto que choro:  
Se a vida deploro,  
Também sei morrer.

GOÑÇALVES DIAS – *I-Juca Pirama*.

**ignavo:** fraco, covarde.

Nas estrofes transcritas, o guerreiro tupi:

- aceita heroicamente a prisão e a morte ritual sem se preocupar com a velhice, a solidão e a fragilidade do seu pai.
- aceita resignadamente a morte ritual que os timbiras lhe destinam e o abandono a que ficará votado o seu velho pai.

- c) acovarda-se perante a morte iminente, com a justificativa de ser a única pessoa que resta para cuidar do seu pai, velho, cego e enfraquecido.
- d) pretende conciliar o princípio de honra do guerreiro, que jamais teme a morte, com o princípio do amor filial, que lhe exige cuidar do seu pai, cego e enfraquecido pela velhice.
- e) rejeita orgulhosamente a morte ritual pelos timbradas, a fim de cuidar do seu velho pai e restaurar o poder de sua tribo.

**25. UFPR 2017** Sobre o livro de poesia *Últimos Cantos*, de Gonçalves Dias, considere as seguintes afirmativas:

1. A métrica em “I-Juca-Pirama” é variável e tem conexão com a progressão dos fatos narrados, o que permite dizer que o ritmo se ajusta às reviravoltas da narrativa.
2. “Leito de folhas verdes” e “Marabá” tematizam a miscigenação brasileira ao apresentarem dois casais inter-raciais.
3. A “Canção do Tamoyo” apresenta o relato de feitos heroicos específicos desse povo para exaltar a coragem humana.
4. O poema “Hagaar no deserto” recria um episódio bíblico e apresenta uma escrava escolhida por Deus para ser mãe de Ismael, o patriarca do povo árabe.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 1 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.
- e) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.

**26. PUC-Campinas 2018** Atente para este fragmento do poeta romântico Gonçalves de Magalhães, no prefácio à sua obra *Suspiros poéticos e saudades*:

É um livro de poesias escritas segundo as impressões dos lugares; ora assentado entre as ruínas da antiga Roma, meditando sobre a sorte dos impérios; ora no cimo dos Alpes, a imaginação vagando no infinito; ora na gótica catedral, admirando a grandeza de Deus; [...] ora, enfim, refletindo sobre a sorte da Pátria, sobre as paixões dos homens, sobre o nada da vida.

Nesse fragmento incluem-se convicções românticas quanto à importância

- a) da religiosidade pagã e do realismo nas análises da sociedade.
- b) do progresso material e da evolução da ciência.
- c) dos valores nacionalistas e da fé cristã.
- d) do repúdio à barbárie e do otimismo da civilização ocidental.
- e) da renúncia ao misticismo e do apego ao cotidiano.

**27. UFG-GO 2014** Leia o poema a seguir.

### Soneto

Ao sol do meio-dia eu vi dormindo  
Na calçada da rua um marinheiro,  
Roncava a todo o pano o tal brejeiro  
Do vinho nos vapores se expandindo!

Além um Espanhol eu vi sorrindo  
Saboreando um cigarro feiticeiro,  
Enchia de fumaça o quarto inteiro.  
Parecia de gosto se esvaindo!

Mais longe estava um pobretão careca  
De uma esquina lodosa no retiro  
Enlevado tocando uma rabeca!

Venturosa indolência! não deliro  
Se morro de preguiça... o mais é seca!  
Desta vida o que mais vale um suspiro?

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: FTD, 1994. p. 183.

Exemplar da segunda parte de *Lira dos vinte anos*, o poema transcrito encarna o lado Caliban do poeta, que se manifesta ao empregar a ironia como recurso para expressar

- a) uma distinção da imagem do artista, presente nos versos “De uma esquina lodosa no retiro/Enlevado tocando uma rabeca!”.
- b) uma visão pejorativa do homem, que se evidencia nos vocábulos do verso “Mais longe estava um pobretão careca”.
- c) um rebaixamento da condição humana, o que se confirma na descrição depreciativa dos espaços, na terceira estrofe.
- d) uma perspectiva escandalizada da sociedade, comprovada pela representação depravada dos sujeitos, na primeira estrofe.
- e) um deboche da moralidade, visível nos versos “Venturosa indolência! não deliro/Se morro de preguiça...o mais é seca!”.

**28. Uerj 2016**

### Vagabundo

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,  
Fumando meu cigarro vaporoso;  
Nas noites de verão namoro estrelas;  
Sou pobre, sou mendigo e sou **ditoso!**  
Ando roto, sem bolsos nem dinheiro  
Mas tenho na viola uma riqueza:  
Canto à lua de noite serenatas,  
E quem vive de amor não tem pobreza.  
[...]

Oito dias lá vão que ando cismado  
Na donzela que ali defronte mora.  
Ela ao ver-me sorri tão docemente!  
Desconfio que a moça me namora!...  
Tenho por meu palácio as longas ruas;  
Passeio a gosto e durmo sem temores;  
Quando bebo, sou rei como um poeta,  
E o vinho faz sonhar com os amores.  
O degrau das igrejas é meu trono,  
Minha pátria é o vento que respiro,  
Minha mãe é a lua macilenta,  
E a preguiça a mulher por quem suspiro.  
Escrevo na parede as minhas rimas,  
De painéis a carvão adorno a rua;  
Como as aves do céu e as flores puras  
Abro meu peito ao sol e durmo à lua.

[...]  
Ora, se por aí alguma bela  
Bem doirada e amante da preguiça  
Quiser a **nívea** mão unir à minha,  
Há de achar-me na Sé, domingo, à Missa.

Álvares de Azevedo. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

**ditoso:** feliz.  
**nívea:** branca.

Na quinta estrofe do poema “Vagabundo”, Álvares de Azevedo, poeta da segunda geração do Romantismo, aborda um tema muito frequente entre os primeiros românticos. Identifique o tema e explique a diferença entre a abordagem desse tema por Álvares de Azevedo e pelos poetas românticos da primeira geração.

- 29. Unesp 2016** Outro traço importante da poesia de Álvares de Azevedo é o gosto pelo prosaísmo e o humor, que formam a vertente para nós mais moderna do Romantismo. A sua obra é a mais variada e complexa no quadro da nossa poesia romântica; mas a imagem tradicional de poeta sofredor e desesperado atrapalhou a reconhecer a importância de sua veia humorística.

(Antonio Candido. “Prefácio”. In: Álvares de Azevedo. *Melhores poemas*, 2003. Adaptado.)

A veia humorística ressaltada pelo crítico Antonio Candido na poesia de Álvares de Azevedo está bem exemplificada em:

- Cavaleiro das armas escuras,  
Onde vais pelas trevas impuras  
Com a espada sanguenta na mão?  
Por que brilham teus olhos ardentes  
E gemidos nos lábios frementes  
Vertem fogo do teu coração?
- Ontem tinha chovido... Que desgraça!  
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,  
Mas lá vai senão quando uma carroça  
Minhas roupas tafuis encheu de lama...
- Pálida, à luz da lâmpada sombria,  
Sobre o leito de flores reclinada,  
Como a lua por noite embalsamada,  
Entre as nuvens do amor ela dormia!
- Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã;  
Minha mãe de saudades morreria  
Se eu morresse amanhã!
- Quando em meu peito rebentar-se a fibra,  
Que o espírito enlaça à dor vivente,  
Não derramem por mim nem uma lágrima  
Em pálpebra demente.

- 30. UFG-GO 2014** Leia o poema a seguir.

### Dinheiro

Sem ele não há cova – quem enterra  
Assim grátis, **a Deo**? – O batizado  
Também custa dinheiro. Quem namora

Sem pagar as pratinhas ao **Mercúrio**?  
Demais, as **Danais** também o adoram.  
Quem imprime seus versos, quem passeia,  
Quem sobe a Deputado, até Ministro,  
Quem é mesmo Eleitor, embora sábio,  
Embora gênio, talentosa frente,  
**Alma Romana**, se não tem dinheiro?  
Fora a canalha de vazios bolsos!  
O mundo é para todos... Certamente,  
Assim o disse Deus – mas esse texto  
Explica-se melhor e doutro modo.  
Houve um erro de imprensa no Evangelho:  
O mundo é um festim – concordo nisso,  
Mas não entra ninguém sem ter as louras.

AZEVEDO, Álvares de. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: FTD, 1994. p. 193.

**a Deo:** [lat.] pela graça de Deus.

**Mercúrio:** deus romano protetor dos viajantes, mercadores e ladrões, equivale a Hermes na mitologia grega.

**Danais:** filhas de Dânao, que se tornou rei de Argos, relativo à Grécia ou às gregas.

**Alma Romana:** expressão relativa à glória romana.

A ironia romântica é um conceito resultante do conflito entre o mundo material e o mundo ideal. No poema transcrito, ocorre esse tipo de ironia porque o eu lírico

- conscientiza-se de sua dependência do dinheiro e desdenha dessa condição degradante.
- escandaliza-se por descobrir que tanto o nascimento quanto a morte custam dinheiro ao indivíduo.
- defende que não há felicidade sem dinheiro e proclama que a pobreza deveria ser exterminada.
- denuncia que o ensinamento de Deus sobre os custos da vida não é colocado em prática.
- percebe-se dominado pelos interesses econômicos e manifesta o desejo de viver de forma diferente.

- 31. UEM-PR 2023** Sobre o poema a seguir, sobre seu autor e sobre o Romantismo, assinale o que for **correto**.

### Minha desgraça

Minha desgraça, não, não é ser poeta,  
Nem na terra de amor não ter um eco,  
E meu anjo de Deus, o meu planeta,  
Tratar-me como trata-se um boneco...  
Não é andar de cotovelos rotos,  
Ter duro como pedra o travesseiro...  
Eu sei... O mundo é um lodaçal perdido  
Cujo sol (quem m’o dera!) é o dinheiro...  
Minha desgraça, ó cândida donzela,  
O que faz que o meu peito assim blasfema,  
É ter para escrever todo um poema  
E não ter um vintém para uma vela.

AZEVEDO, A. de. *Melhores poemas*. 6 ed. São Paulo: Global, 2003. p. 83.

- 01** O eu lírico confia para a “cândida donzela” o motivo da sua “desgraça”, que consiste no fato de não ter inspiração para escrever um poema. E, embora sua musa seja um “anjo de Deus”, seu amor não tem eco, e ela o trata como “um boneco”.



- 02** Trata-se de um poema condoreiro que busca resgatar o passado histórico brasileiro por meio da denúncia de uma sociedade opressora na qual impera a desigualdade: “andar de cotovelos rotos, / Ter duro como pedra o travesseiro...”. O eu lírico defende a criação de uma nova civilização.
- 04** Principal representante do ultrarromantismo no Brasil, Álvares de Azevedo cultivou uma poesia marcada pelo pessimismo, pela subjetividade, pelo exagero, e chegou ao endeusamento do eu.
- 08** A idealização da mulher, uma das marcas da escola romântica, é apresentada nas palavras que compõem o vocativo “ó cândida donzela”. O soneto, cuja métrica é heptassilábica (redondilha maior), apresenta, ainda, versos brancos: “O que faz que o meu peito assim blasfema, / É ter para escrever todo um poema”.
- 16** A segunda geração do Romantismo brasileiro, também denominada *byroniana* ou do *mal do século*, primou pela temática da solidão, pela melancolia, pelo sofrimento, levando o eu lírico à evasão da realidade.

Soma:

### 32. PUC-Rio 2015

#### A amizade

Já farto da vida, dos anos na flor,  
O peito me rala pungente saudade;  
Traído nas crenças, traído no amor,  
Meu canto recebe, celeste amizade.  
Poeta e amante, eu um mundo sonhei  
Repleto de gozos, um mundo ideal,  
Quando terna outrora a mulher que eu amei  
A mim me jurara ser sempre leal.  
Ó tu, meu amigo, permite que um pouco  
A fronte recline num peito de irmão;  
Enxuga, se podes, o pranto do louco,  
Que em paga de afetos só teve a traição!  
Em tempos felizes, num dia formoso,  
Na relva sentados, bem juntos, unidos,  
No peito encostado seu rosto mimoso,  
A ingrata me dava sorrisos... fingidos!  
Ai! crente, eu beijava seus lábios corados  
Com beijos ardentes, com beijos de amor,  
E Laura jurava que, quando apartados,  
Viver não queria, morreria de dor!  
Partir foi preciso... abracei-a chorando...  
E Laura chorou!... eu de dor soluçei...  
Mas tempos depois que, contente voltando...  
Julgava beijá-la, já não a encontrei!  
Mulher enganosa, quebraste essas juras  
Que em prantos me deste diante de Deus!  
Mas tu não te lembras que as faces impuras,  
Que os lábios corados roçaram os meus?!  
Poeta e amante, eu um mundo sonhei  
Repleto de gozos, um mundo ideal...  
Fugiram os sonhos que eu tanto afaguei,  
Como flor tombada por um vendaval.  
Errante vagando por vales sombrios

Co'a mente em delírio, em cruel ansiedade;  
A morte buscando nas águas dos rios,  
Me disse uma voz: – Inda resta a amizade!  
« Esquece esse fogo, esse amor, um delírio  
« Que aqui te cavava profundo jazigo;  
« Ao mundo de novo, termina o martírio,  
« A fronte reclina num peito de amigo.»  
– Ao mundo voltei, esqueci os amores  
No peito apagando uma forte paixão;  
Agora a amizade mitiga-me as dores,  
Sê tu meu amigo, serei teu irmão!  
Agosto, 1853.

ABREU, Casimiro de. Disponível em: <https://archive.org/details/obrascompletasd00abregoog>. Acesso em: 10 set. 2014.

- a)** Há no poema de Casimiro de Abreu a exaltação da amizade como um sentimento de compreensão, acolhida e apoio. Comente com suas próprias palavras os motivos que levaram o eu poético a valorizar a amizade como um contraponto à tristeza, à solidão e ao delírio.
- b)** Determine o gênero literário predominante no texto, associando-o às características do estilo de época do qual Casimiro de Abreu foi um dos expoentes.

- 33. Imed-RS 2016** Leia os poemas a seguir, de Casimiro de Abreu e Carlos Drummond de Andrade, respectivamente:

#### Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
— Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais! [...]  
Rezava às Ave-Márias,  
Achava o céu sempre lindo,  
Adormecia sorrindo  
E despertava a cantar!  
Que doce a vida não era  
Em vez das mágoas de agora.

#### Consolo na praia

Vamos, não chores...  
A infância está perdida.  
A mocidade está perdida.  
Mas a vida não se perdeu.  
O primeiro amor passou.  
O segundo amor passou.  
O terceiro amor passou.  
Mas o coração continua.  
Perdeste o melhor amigo.  
Não tentaste qualquer viagem.  
Não possuis casa, navio, terra.  
Mas tens um cão.  
Algumas palavras duras,  
em voz mansa, te golpearam.  
Nunca, nunca cicatrizam.  
Mas, e o humour?  
A injustiça não se resolve.

À sombra do mundo errado  
murmuraste um protesto tímido.  
Mas virão outros.  
Tudo somado, devias  
precipitar-te, de vez, nas águas.  
Estás nu na areia, no vento...  
Dorme, meu filho.

Analise as seguintes afirmações a partir dos poemas:

- I. Embora Casimiro de Abreu integre o período literário romântico, e Carlos Drummond de Andrade, o modernismo, ambos os poemas abordam a passagem do tempo e a ideia de perda de momentos da vida humana: infância e juventude.
- II. No primeiro poema, o eu lírico apresenta a infância com certo escapismo, fugindo, assim, do momento presente, o qual é resgatado no último verso.
- III. Identifica-se que, em ambos os poemas, o eu lírico mostra-se pesaroso e inconformado com a passagem do tempo e da vida.

Quais estão corretas?

- |                   |                     |
|-------------------|---------------------|
| a) Apenas I.      | d) Apenas II e III. |
| b) Apenas III.    | e) I, II e III.     |
| c) Apenas I e II. |                     |

### 34. UPE 2015

#### Amor

*Quand la mort est si belle, Il est doux de mourir.*

V. Hugo

1. Amemos! Quero de amor
2. Viver no teu coração!
3. Sofrer e amar essa dor
4. Que desmaia de paixão!
5. Na tu'alma, em teus encantos
6. E na tua palidez
7. E nos teus ardentes prantos
8. Suspirar de languidez!
9. Quero em teus lábios beber
10. Os teus amores do céu,
11. Quero em teu seio morrer
12. No enlevo do seio teu!
13. Quero viver d'esperança,
14. Quero tremer e sentir!
15. Na tua cheirosa trança
16. Quero sonhar e dormir!
17. Vem, anjo, minha donzela,
18. Minha'alma, meu coração!
19. Que noite, que noite bela!
20. Como é doce a viração!
21. E entre os suspiros do vento
22. Da noite ao mole frescor,
23. Quero viver um momento,
24. Morrer contigo de amor!

AZEVEDO, Álvares de. Disponível em: <www.revista.agulha.nom.br/avz.html#amor>. Acesso em: jun. 2014.

Sobre o texto, analise as afirmativas a seguir:

- I. O eu lírico, nos versos do poema, expressa seus sentimentos de forma polida, cuidadosa, ponderada e sem quaisquer extremismos, razão pela qual a poesia de Álvares de Azevedo não pode ser entendida como exemplo claro de um texto dito romântico.

- II. Há, no poema em análise, versos que apontam a necessidade de o eu lírico amar profundamente. Esse amor é tomado por uma subjetividade também profunda, afastando-se, quase por completo, das raízes da racionalidade.
- III. Os versos “Morrer contigo de amor” (24) e “Sofrer e amar essa dor” (3) explicitam a intensidade que o eu lírico pretende dar vida a essa relação. Temas como amor e morte são recorrentes nos textos de Álvares de Azevedo, exímio representante da poesia romântica.
- IV. Não apenas no texto em análise, mas também nos textos de Álvares de Azevedo, de modo geral, há uma exacerbação da objetividade dos sentimentos, espécie de refutação ao que é demasiadamente onírico e evasivo, taciturno e escapista.
- V. O verso “Que noite, que noite bela!” remete o leitor a perceber que o amor do eu lírico será vivenciado na sua forma mais completa e qualitativa sob a regência da Lua. Nos poemas de Álvares de Azevedo, a noite é o tempo privilegiado para o amor.

Está correto, apenas, o que se afirma em

- |                 |                 |
|-----------------|-----------------|
| a) I, II e III. | d) II, IV e V.  |
| b) I, III e IV. | e) III, IV e V. |
| c) II, III e V. |                 |

35. **UPF-RS 2019** No Brasil, a poesia da primeira geração romântica tinha como objetivo criar uma \_\_\_\_\_, tomando como protagonista a figura do \_\_\_\_\_. A poesia da segunda geração romântica, por sua vez, foi impregnada de \_\_\_\_\_, que se aliou ao subjetivismo extremo e ao escapismo. Já na terceira geração romântica, destaca-se a poesia de Castro Alves, que tem como uma de suas temáticas principais \_\_\_\_\_.

Assinale a alternativa cujas informações preenchem corretamente as lacunas do enunciado.

- a) identidade clássica / sertanejo / pessimismo / a denúncia da escravidão.
- b) identidade nacional / sertanejo / tédio / a repulsa ao erotismo.
- c) identidade nacional / índio / pessimismo / a denúncia da escravidão.
- d) identidade nacional / sertanejo / pessimismo / o desejo pela mulher amada.
- e) identidade clássica / índio / tédio / a denúncia da escravidão.



Instrução: Para a questão a seguir, marque V para verdadeiro e F para falso.

36. **UFPE 2014** No Romantismo brasileiro, o espírito nacionalista assumiu diversos enfoques. Na literatura, esses enfoques contribuíram para se configurar um discurso próprio da identidade nacional. Tomando como foco a poesia romântica e seus autores, analise o que segue.

- 0-0** A poesia condoreira foi representada no Brasil por Castro Alves. Contrariamente às suas boas intenções políticas, Castro Alves, em sua poesia abolicionista, mostra o africano como sujeito frágil, propenso ao domínio do homem europeu, geneticamente mais forte que o africano.

- **1-1** Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves contribuíram para a construção dos três pilares que configuram o discurso romântico acerca da identidade étnica brasileira: o índio americano, o branco europeu e o negro africano.
- **2-2** A produção poética de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves manifesta três vertentes próprias da literatura romântica nacional, respectivamente: a indianista, a byronista e a condoreira.
- **3-3** Gonçalves Dias, em suas poesias indianistas, constrói uma imagem idealizada do índio, um bravo guerreiro que é violentamente subjugado pelos colonizadores. Uma de suas personagens mais conhecidas é Moacir, herói miscigenado, cujo nome significa “filho da dor”.
- **4-4** O mal do século teve na poesia brasileira, como expoente, Álvares de Azevedo. As mulheres que avultam em sua poesia, todas brancas, são guerreiras que, junto a seus amantes, contribuíram para que a colonização portuguesa se realizasse a contento.

### 37. Uepa 2015

[...]

Existe um povo que a bandeira empresta  
 P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...  
 E deixa-a transformar-se nessa festa  
 Em manto impuro de bacante fria!  
 Meu Deus! meu Deus! Mas que bandeira é esta  
 Que impudente na gávea tripudia?!...  
 Silêncio!... Musa chora, chora tanto,  
 Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

A escravidão no Brasil representou uma cruel forma de degradação social e moral, marcada, principalmente, pela exploração da mão de obra negra trazida do continente africano. Castro Alves, ao registrar a escravidão, produziu imagens de grande valor estético, como a que se verifica na metáfora “manto impuro de bacante fria”, na qual ele:

- a) desenha os rostos da massa escrava oprimida e os cânticos de lamento entoados nos porões dos navios.
- b) descreve os horrores da escravidão mostrando a bandeira nacional tingida com o sangue dos escravos trazidos nas embarcações.
- c) sugere que os desumanos atos praticados estão encobertos por uma bandeira metamorfoseada em vestes de uma libertina.
- d) sintetiza os horrores do tráfico através da alusão ao martírio da chibata, utilizando a metáfora para denunciar o sofrimento negro.
- e) analisa as relações de trabalho dos negros transportados da África nas galés dos navios oriundos da Europa.

### 38. UEL-PR 2014

#### Dedicatória

A pomba d’aliança o voo espraia  
 Na superfície azul do mar imenso,

Rente... rente da espuma já desmaia  
 Medindo a curva do horizonte extenso...  
 Mas um disco se avista ao longe... A praia  
 Rasga nitente o nevoeiro denso!...  
 Ó pouso! ó monte! ó ramo de oliveira!  
 Ninho amigo da pomba forasteira!...

Assim, meu pobre livro as asas larga  
 Neste oceano sem fim, sombrio, eterno...  
 O mar atira-lhe a saliva amarga,  
 O céu lhe atira o temporal de inverno...  
 O triste verga à tão pesada carga!  
 Quem abre ao triste um coração paterno?...  
 É tão bom ter por árvore – uns carinhos!  
 É tão bom de uns afetos – fazer ninhos!

Pobre órfão! Vagando nos espaços  
 Embalde às solidões mandas um grito!  
 Que importa? De uma cruz ao longe os braços  
 Vejo abrirem-se ao mísero precito...  
 Os túmulos dos teus dão-te regaços!  
 Ama-te a sombra do salgueiro aflito...  
 Vai, pois, meu livro! e como louro agreste  
 Traz-me no bico um ramo de... cipreste!

ALVES, C. *Espumas flutuantes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. p. 17.

Acerca do poema, considere as afirmativas a seguir.

- I. Como o próprio título sugere, este poema é uma dedicatória construída associando-se a paisagem marítima aos poemas incluídos no livro.
- II. A primeira estrofe do poema sugere uma contemplação melancólica da paisagem marítima associada aos sentimentos do poeta diante da expectativa da morte ou do retorno a sua terra natal.
- III. Na terceira estrofe, percebe-se um tom otimista diante do destino do eu lírico. A morte, vista pelos românticos como a melhor solução diante da cruel realidade, é também apontada como caminho a ser buscado e esperado.
- IV. O poema, assim como diversos presentes no livro, apresenta a sensualidade feminina representada pelas imagens da pomba e do ninho que se destacam nas duas primeiras estrofes.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

- 39. **Enem** O trecho a seguir é parte do poema “Mocidade e morte”, do poeta romântico Castro Alves:

Oh! eu quero viver, beber perfumes  
 Na flor silvestre, que embalsama os ares;  
 Ver minh’alma adejar pelo infinito,  
 Qual branca vela n’amplidão dos mares.  
 No seio da mulher há tanto aroma...  
 Nos seus beijos de fogo há tanta vida...  
 — Árabe errante, vou dormir à tarde  
 À sombra fresca da palmeira erguida.



Mas uma voz responde-me sombria:  
Terás o sono sob a lájea fria.

ALVES, Castro. *Os melhores poemas de Castro Alves*.  
Seleção de Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983.

Esse poema, como o próprio título sugere, aborda o inconformismo do poeta com a antevisão da morte prematura, ainda na juventude. A imagem da morte aparece na palavra

- a) embalsama.
- b) infinito.
- c) amplidão.
- d) dormir.
- e) sono.

- 40. PUC-Campinas 2016** Há no Romantismo nacional uma expressão evidente do culto da nacionalidade, o qual, tomado num sentido mais amplo, se manifesta também em lutas pela afirmação da liberdade política e determina a exaltação de valores e tradições. Esse sentimento é tomado também nos seus aspectos sociais, sob o apanágio dos direitos do homem livre, razão de ser do movimento abolicionista e matéria para o romance, para o teatro e para a poesia da época.

(Adaptado de: CANDIDO, Antonio e CASTELLO, José Aderaldo.  
*Presença da Literatura Brasileira I. Das origens ao Romantismo*.  
São Paulo: DIFEL, 1974, p. 207-208)

Deve-se depreender do texto que, no século XIX,

- a) há uma relação de causa e efeito entre a eclosão do movimento abolicionista e a do indianismo.
- b) a poesia abolicionista de um Castro Alves integra a valorização que então se empresta à luta pelos direitos humanos.
- c) a riqueza do teatro, da ficção e da poesia da época é integralmente devedora do sentimento nacionalista.
- d) é a retomada de valores e tradições do século anterior que dá base às conquistas do Romantismo.
- e) os ideais abolicionistas foram decisivos para a estabilização dos gêneros da poesia, do teatro e da ficção no Brasil.

- 41. Uepa**

### Mãe Penitente

Ouve-me, pois!... Eu fui uma perdida;  
Foi este o meu destino, a minha sorte...  
Por esse crime é que hoje perco a vida,  
Mas dele em breve há de salvar-me a morte!  
E minh'alma, bem vês, que não se irrita,  
Antes bendiz estes mandões ferozes.  
Eu seria talvez por ti maldita,  
Filho! sem o batismo dos algozes!  
Porque eu pequei... e do pecado escuro  
Tu foste o fruto cândido, inocente,  
— Borboleta, que sai do — lodo impuro...  
— Rosa, que sai de — pútrida semente!  
Filho! Bem vês... fiz o maior dos crimes  
— Criei um ente para a dor e a fome!  
Do teu berço escrevi nos brancos vimes  
O nome de bastardo — impuro nome.  
Por isso agora tua mãe te implora

E a teus pés de joelhos se debruça.  
Perdoa à triste — que de angústia chora,  
Perdoa à mártir — que de dor soluça!  
[...]

(www.dominiopublico.gov.br -  
acessado em 07/10/2011)

A fala do sujeito poético exprime uma das formas da violência simbólica denunciada por Castro Alves. No poema, mais do que os maus-tratos sofridos fisicamente, é denunciada a consequência:

- a) da humilhação imposta pelos algozes que torturam a mulher chicoteando-a.
- b) da subordinação da mulher negra que serve aos desejos sexuais do senhor de engenho.
- c) do erotismo livre que leva a mulher a realizar seus desejos sem pensar em consequências.
- d) do excesso de religiosidade que leva a mulher negra a uma confissão de culpa.
- e) da tortura psicológica que obriga a mãe a abandonar o filho.

- 42. PUC-Campinas 2018** Além de Castro Alves, que se destacou no período romântico

- a) por seu lirismo confessional de tímido, o poeta Casimiro de Abreu marcou presença por sua poesia épica de alto teor combativo.
- b) por um estilo que já foi identificado como bucólico, o talento de Álvares de Azevedo foi responsável pela renovação da forma do romance no Brasil.
- c) pelas teses libertárias de sua poesia condoreira, avulta a figura de Gonçalves Dias, como um poeta altamente representativo das tendências indianistas.
- d) pela força de seu teatro trágico de moldes clássicos, há que se destacar a obra de Machado de Assis, em que é insuperável o idealismo de cunho nacionalista.
- e) pela qualidade de sua poesia voltada para o cotidiano, é preciso destacar a força com que Tomás Antonio Gonzaga empolgou as ideias republicanas ao final do século XIX.

- 43. PUC-Campinas 2018** Os poetas do nosso Romantismo atestam diferentes estações do nosso nacionalismo e das ideias, dominantes ou libertárias, que vicejaram ao longo do século XIX. Há em Gonçalves Dias uma exaltação do índio, que não hesitou em dotar de algumas virtudes aristocráticas caprichosamente combinadas com as da vida natural; há em Castro Alves o voo de condor para ideais humanistas, em combate aos horrores da escravidão. Mesmo o lirismo intimista de um Álvares de Azevedo não deixa de ecoar algo dos mestres europeus que, como Byron ou Victor Hugo, ampliam os contornos da vida subjetiva para que ela venha a ocupar o centro de um palco público, interpretando sentimentos e aspirações da época.

(DOMINGUES, Alaor, inédito)

Do quadro apresentado nesse texto, depreende-se que nossa poesia romântica:

- a) não apenas mostrou sua independência em relação aos modelos europeus como, de fato, chegou a superá-los.

- b) manifestou-se qual um painel de temas, estilos e ideias capazes de representar variadas gamas do Romantismo.
- c) direcionou-se sobretudo para o fortalecimento do nosso desejo de emancipação do domínio estrangeiro.
- d) aferrou-se aos domínios da subjetividade, deixando em segundo plano os ideais propriamente históricos.
- e) os temas libertários universais foram abraçados sem que neles se divisasse a presença de qualquer inflexão local.

**44. EsSA-MG 2021** D. Carolina é o prazer em ebulição; se é inquieta e buliçosa, está em sê-lo a sua maior graça; aquele rosto moreno, vivo e delicado, aquele corpinho, ligeiro como a abelha, perderia metade do que vale, se não estivesse em contínua agitação. O beija-flor nunca se mostra tão belo como quando se pendura na mais tênue flor e voeja nos ares. D. Carolina é um beija-flor completo.

MACEDO, J.M.de. *A moreninha*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d. p.77.

*A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, é o primeiro romance do Romantismo brasileiro. Nessa passagem, evidenciam-se as seguintes características desse movimento:

- a) Sentimentalismo exacerbado e linguagem próxima ao coloquial.
- b) Aproximação da leitora e ambientação no contexto burguês.
- c) Narrador em primeira pessoa e predomínio do sonho.
- d) Idealização feminina e metaforização da natureza.
- e) Eu lírico introspectivo e representações vagas.

**45. Mackenzie-SP 2015**

### A esmeralda e o camafeu

— Se eu encontrasse!...

— Então?... que faria?...

— Atirar-me-ia a seus pés, abraçar-me-ia com eles e lhe diria: “Perdoai-me, perdoai-me, senhora, eu já não posso ser vosso esposo! tomai a prenda que me deste...” E o infeliz amante arrancou debaixo da camisa um breve, que convulsivamente apertou na mão.

— O breve verde!... exclamou D. Carolina, o breve que contém a esmeralda!...

— Eu lhe diria, continuou Augusto: “recebi este breve que já não devo conservar, porque eu amo outra que não sois vós, que é mais bela e mais cruel do que vós!...” A cena se estava tornando patética; ambos choravam e só passados alguns instantes a inexplicável Moreninha pôde falar e responder ao triste estudante.

— Oh! pois bem, disse; vá ter com sua desposada, repita-lhe o que acaba de dizer, e se ela ceder, se perdoar, volte que eu serei sua... esposa.

— Sim... eu corro... Mas, meu Deus, onde poderei achar essa moça a quem não tornei a ver, nem poderei conhecer?... onde meu Deus?... onde?... E tornou a deixar correr o pranto, por um momento suspenso.

— Espere, tornou D. Carolina, escute, senhor. Houve um dia, quando a minha mãe era viva, em que eu também socorri um velho moribundo. Como o senhor e sua camarada, matei a fome de sua família e cobri a nudez de seus filhos; em sinal de reconhecimento também este velho

me fez um presente: deu-me uma relíquia milagrosa que, asseverou-me ele, tem o poder uma vez na vida de quem a possui, de dar o que se deseja; eu cosi essa relíquia dentro de um breve; ainda não lhe pedi coisa alguma, mas trago-a sempre comigo; eu lha cedo... tome o breve, descosa-o, tire a relíquia e à mercê dela encontre sua antiga amada. Obtenha o seu perdão e me terá por esposa.

— Isto tudo me parece um sonho, respondeu Augusto, porém, dê-me, dê-me esse breve! A menina, com efeito, entregou o breve ao estudante, que começou a descosê-lo precipitadamente. Aquela relíquia, que se dizia milagrosa, era sua última esperança; e, semelhante ao naufrago que no derradeiro extremo se agarra à mais leve tábuca, ele se abraçava com ela. Só falta a derradeira capa do breve... ei-la que cede e se descose... Salta uma pedra... e Augusto, entusiasmado e como delirante, cai aos pés de D. Carolina, exclamando:

— O meu camafeu!... o meu camafeu!...

MACEDO, Joaquim Manoel de. *A moreninha*.

Assinale a alternativa incorreta sobre a prosa romântica brasileira.

- a) Destacam-se autores como Manuel Antônio de Almeida, Bernardo Guimarães, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Visconde de Taunay.
- b) Retrata a sociedade da época embasada pela ideologia positivista e pelo cientificismo.
- c) Costuma girar em torno da descrição dos costumes da sociedade da época, criando identificação com o público-leitor.
- d) É composta de romances de costumes, urbanos, indianistas, regionalistas e históricos.
- e) Visconde de Taunay é um dos representantes do romance regionalista com a obra *Inocência*.

**46. UFBA**

I. Mas que é na realidade o negro escravo feiticeiro? Em que consiste a sua faculdade de fazer mal impunemente? Qual é a fonte de sua força, da sua influência ativa e funesta? [...] O feiticeiro não é mais nem menos do que um propinador de venenos vegetais. [...] Herbolários tremendos, os escravos feiticeiros têm escondidos no bosque, e sempre à mão, e sempre certos de serem achados, os punhais invisíveis, os tiros sem estrépito, os venenos ignorados, com que estragam a saúde, ou apagam a vida daqueles de quem se querem vingar, ou a quem se resolvem a matar.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. 4 ed. São Paulo: Zouk, 2005. p. 62.

II. A escrava já tinha feito da menina inocente, donzela maliciosa e sabida de mais do que para sua glória podia ignorar ainda por alguns anos. Da donzela maliciosa fizera depois moça hipócrita e falaz. Da moça hipócrita acabara por fazer indômita namorada. Matara-lhe a inocência, destruíra-lhe a virgindade do sentimento, viciara-lhe o coração, sensualizara-lhe os sentidos, desvirtuara-lhe a educação, e já lhe atirava o nome e o crédito aos insultos das murmurações e da maledicência. A influência da mucama escrava produzia seus naturais resultados. A árvore da escravidão envenenava com seus frutos a filha dos senhores. A vítima era por sua vez algoz.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. 4 ed. São Paulo: Zouk, 2005. p. 151

- III. [...] Aqui, destaca-se a atuação socializadora da mulher negra servindo de “mãe-preta” no seio da família colonial e o tráfico de influências exercido pelo escravo ladino (aquele que logo aprendia a falar português) sobre um número maior de ouvintes. Subjacente a esse processo, o desempenho sócio-religioso de uma geração de sacerdotisas negras que sobreviveu a toda a sorte de perseguições e preconceitos. [...] Na inevitabilidade desse processo de influências culturais recíprocas e em resistência a ele, o negro terminou impondo, de forma mais ou menos subliminar, alguns dos mais significativos valores do seu patrimônio cultural na construção da sociedade nacional emergente no Brasil. [...] É evidente o impacto da herança africana nas mais conhecidas manifestações culturais que foram legitimadas como autenticamente brasileiras e são utilizadas para projetar a imagem do Brasil no exterior, seja no samba, na capoeira, no traje da baiana, na cozinha à base de dendê, no Candomblé com suas danças e seus ritos. Além disso, a herança africana no Brasil tem sido fonte valiosa de criação artística e literária na promoção internacional de escritores, compositores, artistas plásticos, bailarinos, cineastas, fotógrafos, não só de nacionalidade brasileira.

CASTRO, Yeda Passos de. Dimensão dos aportes africanos no Brasil. In: BACELAR, Jeferson; PEREIRA, Cláudio (Orgs.). *Vivaldo da Costa Lima: intérprete do Afro-Brasil*. Salvador: EDUFBA; CEAO, 2007. p. 126-7.

Os fragmentos apresentados avaliam a influência africana na formação da sociedade brasileira. Tomando-os como ponto de referência, é correto afirmar:

- 01 O ponto de vista do enunciador a propósito do Pai-Raiol, no fragmento I, tem alcance restrito à personagem referida no texto.
- 02 O fragmento II põe em relevo a figura da mulher negra, considerada a partir de um ponto de vista antagônico ao sustentado por Yeda Castro, no fragmento III.
- 04 Os fragmentos I e II, quando discutem a condição dos negros na sociedade colonial brasileira, identificam-se ao destacarem os efeitos da escravidão.
- 08 O perfil do escravo construído no fragmento I adequa-se àquele mostrado no fragmento III.
- 16 O fragmento III, ao discutir a contribuição africana para a formação da sociedade brasileira, dá validade aos pontos de vista enunciados nos fragmentos I e II.
- 32 A religião, nos três fragmentos, é valorizada pelos benefícios espirituais que produz.

Soma:

**47. UFRGS 2019** Considere as seguintes afirmações sobre Maria Firmina dos Reis e seu romance *Úrsula*.

- I. O romance *Úrsula* foi publicado no Maranhão, em 1859, sob o pseudônimo de “Uma Maranhense”, e quase não se tem notícia de sua circulação à época da publicação. Recuperado na segunda metade do século XX, só então o livro passa a ser reeditado e minimamente debatido no meio literário.
- II. Nas primeiras páginas do romance, uma voz que pode ser lida como a da autora apresenta, a modo de prólogo, seu livro ao leitor, consciente das limitações que seriam impostas a ele por ter sido escrito por uma mulher brasileira de educação acanhada.
- III. A circulação limitada de *Úrsula* dá mostras de que, associados ao valor estético, fatores como classe social, gênero e raça do escritor também participam da definição do cânone literário.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas III.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

**48. PUC-Campinas 2016** Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Nos poemas indianistas, o heroísmo dos indígenas em nenhum momento é utilizado como crítica à colonização europeia, da qual a elite era a herdeira. Ao contrário, pela resistência ou pela colaboração, os indígenas do passado colonial, do ponto de vista dos nossos literatos, valorizavam a colonização e deviam servir de inspiração moral à elite brasileira. [...] Já o africano escravizado demorou para aparecer como protagonista na literatura romântica. Na segunda metade do século XIX, Castro Alves, na poesia, e Bernardo Guimarães, na prosa, destacaram em obras suas o tema da escravidão.

(Adaptado de: NAPOLITANO, Marcos e VILLAÇA, Mariana. *História para o ensino médio*. São Paulo: Atual Editora, 2013, p. 436-37)

Passagens muito representativas da tendência literária da segunda metade do século XIX, referida no texto, encontram-se em obras de Castro Alves e de Bernardo Guimarães, respectivamente

- a) nos versos ríspidos das *Cartas chilenas* e no prefácio a *Iracema*.
- b) nas sátiras contra a aristocracia baiana e nos *Contos fluminenses*.
- c) nos versos em tom épico de *Os escravos* e no romance *A escrava Isaura*.
- d) nas estrofes líricas de *Espumas flutuantes* e nos contos de *Noite na taverna*.
- e) nos poemas de feição neoclássica e no romance *Casa de pensão*.

## Imprensa no Período Joanino

[...]

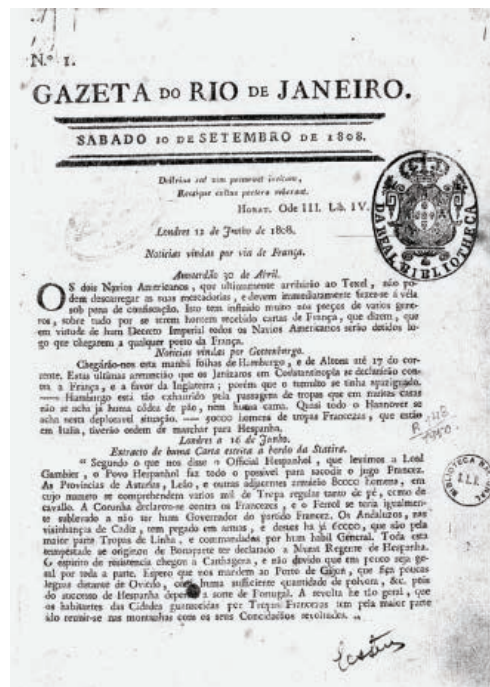
A Imprensa Régia, única tipografia existente no Rio de Janeiro até a independência, além de imprimir a legislação produzida, fabricar livros em branco para escrituração, encadernar impressos e prover todas as necessidades do ofício de livreiro, também editava livros. Era administrada por uma junta diretora, à qual competia, além de gerenciar, examinar o conteúdo de todos os textos para publicação, vetando temas que atentassem contra a religião, o governo e os costumes da época. Os livros impressos por ordem de sua alteza real eram distribuídos gratuitamente e os que não tinham a chancela da Coroa recorriam à subscrição para enfrentar os custos.

Data de 10 de setembro de 1808 o número um da **Gazeta do Rio de Janeiro**, jornal redigido por frei Tibúrcio José da Rocha, considerado o primeiro periódico brasileiro. A Gazeta limitava-se a coligir e divulgar as notícias publicadas em outros periódicos, sobretudo ingleses e franceses, enfatizando os principais acontecimentos da guerra peninsular, o estado de saúde dos príncipes europeus, e mantendo o público informado sobre as comemorações e as festas na Corte. Em ocasiões especiais, como o aniversário do monarca, gazetas extraordinárias eram impressas.

A publicação veiculava também alguns documentos oficiais, publicando, principalmente, aqueles emitidos pela Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, à qual pertencia por privilégio. Da mesma forma, sistematizava as notícias das entradas e saídas de embarcações no porto, informando a procedência, o número de dias da viagem e, eventualmente, as mercadorias transportadas. [...]

Já o **Correio Brasileiro**, fundado, dirigido e redigido por Hipólito da Costa, teve seu número inicial lançado em junho de 1808, três meses antes do surgimento da Gazeta. Era impresso em Londres, devido à impossibilidade de se manter um periódico no Brasil imune à censura da época. O Correio, que circulava clandestinamente na Corte, defendia a independência política do Brasil, deixando de circular logo após a proclamação.

BETTAMIO, Rafaella L. A. F. Imprensa no Período Joanino. In: MARTINS, Ismênia de L.; FONSECA, Vitor M. M. da. (org.). *Dom João VI e a Biblioteca Nacional: um legado em papel*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. p. 260-262. Disponível em: [http://bdigital.bn.br/projetos/expo/djoaovi/PDFs/DomJoao\\_miolo\\_28nov2008.pdf](http://bdigital.bn.br/projetos/expo/djoaovi/PDFs/DomJoao_miolo_28nov2008.pdf). Acesso em: 30 jun. 2023



Primeira capa do primeiro jornal da colônia, publicado em 1808.

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro



Veja os principais assuntos e conceitos trabalhados neste capítulo acessando a seção **Resumindo** no livro digital, na Plataforma Poliedro.



### Quer saber mais?



#### Livros

**Os sofrimentos do jovem Werther**, de Johann Wolfgang von Goethe. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Romance inaugural do Romantismo na Alemanha, essa obra epistolar conta a história de Werther e de sua paixão por Carlota.

**Persuasão**, de Jane Austen. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

Jane Austen é uma autora tão peculiar e talentosa que os críticos relutam em encaixá-la em um movimento estético. *Persuasão* foi escrito no início do século XIX e apresenta uma crítica social muito fina, além de questionar os valores vigentes da sociedade inglesa.

**Os miseráveis**, de Victor Hugo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Obra prima de Victor Hugo, *Os miseráveis* já foi adaptada para o cinema e o teatro. O romance conta a vida de Jean Valjean, um homem condenado à prisão por roubar um pão para alimentar sua família.



#### Vídeo

**Canal Se liga. Úrsula**, de Maria Firmina dos Reis. O livro inaugural da Literatura Afro-brasileira. YouTube, 11 nov. 2020. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=Nzg3jtQgj\\_k](http://www.youtube.com/watch?v=Nzg3jtQgj_k). Acesso em: 30 jun. 2023

Uma aula sobre o apagamento de Maria Firmina dos Reis e a negligência do meio literato com seu romance *Úrsula*.



#### Filme

**Os miseráveis**. Direção: Tom Hooper. 2013.

Esse filme é a adaptação do musical da Broadway de mesmo nome. A obra tem como fonte original o romance de Victor Hugo publicado em 1862, *Os miseráveis*.



## Exercícios complementares

### 1. ESPM-SP 2016 Leia:

No plano estético, presencia-se a reação violenta contra os clássicos: recusando as regras, os modelos, as normas... Aos gêneros estanques opõem a sua mistura, conforme o livre arbítrio do escritor, à ordem clássica, a aventura, ao equilíbrio racional, a anarquia, o caos, ao universalismo estético, o individualismo, ao Cosmos, o “eu” particular... a Natureza se lhe afigura mera projeção do seu mundo interior.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. Cultrix, p. 463.

O autor está discorrendo sobre o:

- a) Barroco.
- b) Arcadismo ou Neoclassicismo.
- c) Romantismo.
- d) Naturalismo.
- e) Modernismo.

### 2. Unicesumar-PR 2015 Tenho visto alguma coisa do mundo, e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens porém fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra.

A terra de que fala o narrador é Portugal. Assim, a obra *Viagens na minha terra*, escrita por Almeida Garrett, tem como itinerário e destino final do narrador,

- a) iniciar a viagem em Azambuja e concluí-la no Grande Café do Cartaxo.
- b) partir do Paço, viajar até Santarém e findar o roteiro na ponte de Asseca.
- c) sair de Lisboa, chegar à cidade de Santarém e retornar ao ponto de partida.
- d) partir do Tejo e alcançar apenas o Vale de Santarém.
- e) fugir da civilização e chegar a lugares primitivos, selvagens e incultos.

### 3. Unicamp-SP 2014 O Vale de Santarém é um destes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita: não há ali nada de grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de cores, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e sente, que não parece senão que a paz, a saúde, o sossego do espírito e o repouso do coração devem viver ali, reina ali um reinado de amor e benevolência. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pesares e as vilezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagina-se por aqui o Éden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração.

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. p.114.

Entramos a porta da antiga cidadela. — Que espantosa e desgraçosa confusão de entulhos, de pedras, de montes de terra e calça! Não há ruas, não há caminhos, é um labirinto de ruínas feias e torpes. O nosso destino, a casa do nosso amigo é ao pé mesmo da famosa e histórica igreja de Santa Maria de Alcáçova. — Há de custar a achar em tanta confusão.

(Idem, p. 211.)

- a) Os excertos transcritos contrastam dois espaços organizadores da narrativa. Caracterize e explique o significado desses espaços para o conjunto do relato ficcional.
- b) A chegada à cidade de Santarém mostra-se decepcionante para o narrador viajante. Explique o motivo dessa decepção, tendo em vista a expectativa do narrador no início do romance.

### 4. UFMA O bobo, de Alexandre Herculano, é uma narrativa cujo motivo principal é a vingança. Assinale a alternativa em que se evidencia corretamente esse sentimento entre as personagens.

- a) D. Bibas, o bobo, vinga-se de Gonçalo Mendes, que o açoitou covardemente após um mal-entendido travado no pátio interno do castelo.
- b) Egaz Moniz, o cavaleiro protagonista da obra, por ódio, mata Garcia Bermudez por impedir sua felicidade com Dulce, que, para cumprir a promessa de libertação de seu amado, feita ao Conde de Trava, casou-se com Garcia, o alferes-mor do reino.
- c) O Conde de Trava, marido da rainha D. Theresa, conspira contra o reverendo Martin Eicha, que se aliou a D. Afonso Henriques na luta pela imposição do poder real.
- d) D. Theresa, mãe de Afonso Henriques, nutre ódio mortal a Dulce, sua enteada, e a aprisiona no cárcere do castelo, de onde só é liberta por Egaz Moniz, seu doce amado cavaleiro.
- e) Garcia Bermudez, o alferes-mor do reino, ama a romântica Dulce e, como seu amor não é correspondido, arma um plano de vingança contra Egaz Moniz e o mata impiedosamente perante toda a tropa de Afonso Henriques.

### 5. Unicamp-SP 2017 Sabe-se que *Coração, cabeça e estômago* é uma obra atípica na produção ficcional de Camilo Castelo Branco. Em relação a essa obra, assinale a alternativa em que todas as características listadas são corretas.

- a) Inclusão da edição do livro como parte do jogo narrativo; sátira da poesia e das motivações espirituais; caracterização do herói como alguém incapaz de amar.
- b) Paródia da vida romântica e natural; espiritualização das necessidades do corpo; transformação do herói ao longo da narrativa.
- c) Descrição da formação do indivíduo; caricatura dos valores e sentimentos românticos; impossibilidade de adaptação do herói à vida social.
- d) Caricatura das questões relacionadas ao espírito e à posição social; elogio irônico das motivações fisiológicas; ridicularização do herói.

### 6. Unimar-SP Marque a alternativa correta sobre a obra *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco:

- a) trata-se de uma narrativa centrada na opressão da liberdade individual, opressão esta promovida por uma sociedade provinciana ligada a velhos preconceitos.

- b) estabelece-se na narrativa o conflito entre o indivíduo e o meio social, com a consequente vitória do indivíduo através da realização de seus objetivos e do sucesso de vida das personagens.
- c) observa-se a pouca importância atribuída ao sentimento amoroso, que é superado pela razão equilibrada de uma sociedade provinciana e estável.
- d) nota-se que o sentimento amoroso, a imaginação e a sensibilidade são valores que realçam a liberdade individual e abrem a expectativa de manutenção das normas sociais institucionalizadas.
- e) percebe-se que o sentimento do amor romântico entra em relação de equilíbrio com a razão para manter a liberdade do indivíduo e o seu contato harmônico com o meio social provinciano.



Texto para as questões de 7 a 9.

### Amor de salvação

Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da ideia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprezado salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz (sic), todos porfiados em tosquarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das credices do poeta inesperto da prosa necessária à vida. Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença. Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora: “Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Para aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode

45 perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me dissesse que a tua inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje. Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiserção e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.”

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de salvação*. São Paulo: Martin Claret, 2003. pp. 94-5.

7. **FGV-SP** O texto trata essencialmente:
  - a) das relações de Afonso com a família.
  - b) de Afonso de Teive e suas relações com seus amigos e com Teodora.
  - c) do retorno de Afonso a Buenos Aires.
  - d) da vida pregressa de Teodora.
  - e) das provocações que Afonso fazia a seus amigos.
8. **FGV-SP** Afonso repelia a visão da mãe e de Mafalda (l. 24-28) porque:
  - a) Teodora não se dava bem com elas.
  - b) o convívio com o grupo de D. José o induzia a abandonar os valores familiares.
  - c) elas queriam impedi-lo de ser o poeta que a sociedade lisboeta apreciava.
  - d) ele censurava o comportamento inoportuno de ambas.
  - e) outras mulheres, mais belas, ocupavam o seu pensamento.
9. **FGV-SP** Na carta dirigida a Afonso, nota-se que Teodora procura:
  - a) persuadi-lo e apela para emoções, sentimentos e valores culturais.
  - b) irritá-lo, apoia-se na lógica e argumenta com relações de causa e efeito.
  - c) dissuadi-lo e utiliza argumentos que têm por base generalizações.
  - d) intimidá-lo, e sua argumentação baseia-se em fatos concretos.
  - e) castigá-lo e argumenta com linguagem lógica e impessoal.
10. **Mackenzie-SP** Assinale o fragmento que, embora pertencendo ao mesmo estilo de época de Camilo Castelo Branco, apresenta ponto de vista irônico sobre a aventura amorosa.
  - a) Eu te amo, Maria, eu te amo tanto / Que meu peito me dói como em doença / E quanto mais me seja a dor intensa / Mais cresce na minha alma teu encanto.  
MORAES, Vinicius de.
  - b) O Amor enganoso, que fingia, / Mil vontades alheias enganando, / Me fazia zombar de quem o tinha.  
Camões.

- c) E o eco ao longe murmurou – é ela! / E a vi – minha fada aérea e pura – / A minha lavadeira na janela!  
AZEVEDO, Álvares de.
- d) Cansei-me de tentar o teu segredo:/ No teu olhar sem cor, – frio escalpelo –, / O meu olhar quebrei, a debatê-lo, / Como a onda na crista dum rochedo.  
PESSANHA, Camilo.
- e) Ai! Se eu te visse, Madalena pura, / Sobre o veludo reclinada a meio, / Olhos cerrados na volúpia doce, / Os braços frouxos – palpitante o seio! ...  
ABREU, Casimiro de.

11. **UEG-GO** Observe a imagem e leia o fragmento poético que segue.



À voz de Jeová infindos mundos  
Se formaram do nada;  
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia  
E a noite foi criada.

DIAS, Gonçalves. “Ideia de Deus”. In: *Melhores poemas*. 7 ed. São Paulo: Global, 2001. p. 54.

Destaca-se, no texto e na pintura, a seguinte característica da poesia romântica:

- a) nacionalismo.                      c) religiosidade.  
b) indianismo.                         d) objetividade.
12. **UEM-PR** Leia atentamente o fragmento abaixo e, a seguir, assinale a(s) alternativas correta(s).

### Como eu te amo

[...]  
Assim eu te amo, assim; mais do que podem  
Dizer-te os lábios meus, – mais do que vale  
Cantar a voz do trovador cansada:  
O que é belo, o que é justo, santo e grande  
Amo em ti. — Por tudo quanto sofro,  
Por quanto já sofri, por quanto ainda  
Me resta de sofrer, por tudo eu te amo.  
O que espero, cobiço, almejo, ou temo  
De ti, só de ti pende: oh! nunca saibas  
Com quanto amor eu te amo, e de que fonte  
Tão terna, quanta amarga o vou nutrindo!  
Esta oculta paixão, que mal suspeitas,  
Que não vês, não supões, nem te eu revelo,  
Só pode no silêncio achar consolo,  
Na dor aumento, intérprete nas lágrimas.

DIAS, G. *Poesia e prosa completas*. BUENO, Alexei (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

- 01 Gonçalves Dias é considerado pela crítica um poeta culto, porque traduz os seus sentimentos através de tropos e figuras de palavras. Confirma-se essa ideia nos versos: “Com quanto amor eu te amo, e de que fonte/ Tão terna, quanta amarga o vou nutrindo!”.
- 02 Gonçalves Dias representa a poesia romântica brasileira, em sua fase indianista. Compôs também poemas líricos de caráter ultraromântico, ao apresentar o amor como um sentimento idealizado, tal como nos versos: “Assim eu te amo, assim; mais do que podem/ Dizer-te os lábios meus”.
- 04 O fragmento em questão compõe-se de versos octossílabos graves: “Esta oculta paixão, que mal suspeitas,/ Que não vês, não supões, nem te eu revelo”. As rimas internas são alternadas e emparelhadas: **vale/grande; sofro/amo/temo**.
- 08 No fragmento em questão, evidencia-se uma das mais importantes características do movimento romântico – a subjetividade, configurada na exaltação do amor como o mais sublime dos sentimentos, capacitando o homem a manter o coração apaixonado e a valorizar no ser amado a beleza, a justiça e a pureza de sentimentos: “Assim eu te amo, assim [...] O que é belo, o que é justo, santo e grande/ Amo em ti”.
- 16 O fragmento em questão apresenta um sentimento exacerbado, uma ternura ímpar, que encontra no silêncio o consolo da dor da separação ou da indiferença do ser amado: “... de que fonte/ Tão terna, quanto amarga o vou nutrindo!/ Esta oculta paixão [...] Só pode no silêncio achar consolo”. Essa interpretação do amor como fuga da realidade foi uma das mais significativas influências do romantismo europeu na poesia brasileira.

Soma:

13. **UFSJ-MG** Leia o trecho abaixo do poema “A minha musa”, de Gonçalves Dias.

Então corre o meu pranto muito e muito  
Sobre as úmidas cordas da minha harpa,  
Que não ressoam;  
Não choro os mortos, não; choro os meus dias,  
Tão sentidos, tão longos, tão amargos,  
Que em vão se escoam.

Nesse pobre cemitério  
Quem já me dera um lugar!  
Esta vida mal vivida  
Quem já ma dera acabar!

.....  
Quem me dera ser como eles!  
Quem me dera descansar!  
Nesse pobre cemitério  
Quem me dera o meu lugar,  
E co’os sons das harpas d’anjos  
Da minha harpa os sons casar!

Assinale a alternativa que explica como o tema da morte é abordado no trecho do poema.

- a) A morte se torna um impedimento para a expressão lírica.
- b) A morte é vista como alívio do sofrimento da vida.
- c) O eu lírico trata a morte de forma sombria, causa do seu fim absoluto.
- d) O poeta ressalta o vazio poético trazido pela morte.

14. **UEM-PR 2016** Assinale o que for correto sobre a primeira estrofe do poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, e sobre o período literário a que pertence.

### Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá,  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
[...]

(DIAS, G. *Melhores poemas*. 7. ed. São Paulo: Global, 2014, p. 18)

- 01 O cenário bucólico e o rigor formal expressos em redondilhas maiores vinculam o poema à estética barroca, de quem o poeta recebeu forte influência.
- 02 A “canção” é um tipo de composição poética que surgiu no Romantismo com Gonçalves Dias e indica a necessidade de o poema ser acompanhado de instrumentos musicais para ser compreendido em sua profundidade.
- 04 A expressão “Minha terra” mostra a consciência religiosa pagã, característica do Romantismo. Os românticos abandonaram o Cristianismo para reviver o politeísmo da cultura clássica e retomar os deuses pagãos voltados para a Natureza.
- 08 Nos versos “As aves, que aqui gorjeiam, / Não gorjeiam como lá”, o eu lírico vê beleza superior no canto das aves daqui, o que mostra a exaltação dos elementos próprios da cor local.
- 16 O poema mostra a saudade do eu lírico por se encontrar longe da terra natal. O subjetivismo e o retrato de estados interiores são próprios do Romantismo.

Soma:

15. **UFSJ-MG**

É ela! é ela! – murmurei tremendo,  
e o eco ao longe murmurou – é ela!  
Eu a vi... minha fada aérea e pura –  
a minha lavadeira na janela.  
Dessas águas furtadas onde eu moro  
eu a vejo estendendo no telhado  
os vestidos de chita, as saias brancas;  
eu a vejo e suspiro enamorado!  
Esta noite eu ousei mais atrevido,  
nas telhas que estalavam nos meus passos,  
ir espiar seu venturoso sono,  
vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...  
Tinha na mão o ferro do engomado...  
Como roncava maviosa e pura!...  
Quase caí na rua desmaiado!  
Afastei a janela, entrei medroso...  
Palpitava-lhe o seio adormecido...  
Fui beijá-la... roubei do seio dela  
um bilhete que estava ali metido...  
Oh! decerto... (pensei) é doce página  
onde a alma derramou gentis amores;  
são versos dela... que amanhã decerto  
ela me enviará cheios de flores...  
Tremi de febre! Venturosa folha!  
Quem pousasse contigo neste seio!  
Como Otelo beijando a sua esposa,  
eu beijei-a a tremer de devaneio...  
É ela! é ela! – repeti tremendo;  
mas cantou nesse instante uma coruja...  
Abri cioso a página secreta...  
Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!  
Mas se Werther morreu por ver Carlota  
Dando pão com manteiga às criancinhas,  
Se achou-a assim tão bela... eu mais te adoro  
Sonhando-te a lavar as camisinhas!  
É ela! é ela, meu amor, minh’alma,  
A Laura, a Beatriz que o céu revela...  
É ela! é ela! – murmurei tremendo,  
E o eco ao longe suspirou – é ela!

No poema “É ela! É ela! É ela! É ela!”, de Álvares de Azevedo, há uma diferença do tratamento dado à mulher pelos românticos porque

- a) a imagem da amada está próxima do real, sendo ela uma lavadeira e o bilhete de amor um rol de roupa suja.
- b) o poeta é irreverente, mas ao final do poema retoma o mito da pureza virginal da amada.
- c) a mulher não corresponde ao amor dele devido ao desnível social e o poeta não consegue dar voz ao seu desejo.
- d) o desenvolvimento do tema amoroso não se realiza.

16. **UFV-MG** Leia o poema abaixo, de Castro Alves:

### O Sol e o povo

O Sol, do espaço Briaréu gigante,  
P’ra escalar a montanha do infinito,  
Banha em sangue as campinas do levante.  
Então em meio dos Saarás – o Egito  
Humilde curva a fronte e um grito errante  
Vai despertar a esfinge de granito.  
O povo é como o Sol! Da treva escura  
Rompe um dia co’ a destra iluminada,  
Como o Lázaro, estala a sepultura!...  
Oh! teme-vos da turba esfarrapada,  
Que salva o berço à geração futura,  
Que vinga a campa a geração passada.

ALVES, Castro. *Poesias completas*. 17 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. p. 104.



É correto afirmar que o eu lírico do poema:

- a) menospreza os sofrimentos do povo.
- b) clama pela vingança da justiça divina.
- c) alerta para o poder do povo maltratado.
- d) ressalta a beleza do sol no deserto.

17. **Ufam 2013** O trecho abaixo foi extraído do romance *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo:

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam por ver qual delas vença em graças, encantos e donaires, certo que sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa. Hábil menina é ela! Nunca seu amor-próprio produziu com tanto estudo seu toucador e, contudo, dir-se-ia que o gênio da simplicidade a penteara e vestira. Enquanto as outras moças haviam esgotado a paciência de seus cabeleireiros, posto em tributo toda a habilidade das modistas da Rua do Ouidor e coberto seus colos com as mais ricas e preciosas joias, D. Carolina dividiu seus cabelos em duas tranças, que deixou cair pelas costas; não quis ornar o pescoço com seu adereço de brilhantes nem com seu lindo colar de esmeraldas; vestiu um finíssimo, mas simples vestido de garça, que até pecava contra a moda reinante, por não ser sobejamente comprido. Vindo assim aparecer na sala, arrebatou todas as vistas e atenções. Porém, se um atento observador a estudasse, descobriria que ela adrede se mostrava assim, para ostentar as longas e ondeadas madeixas negras, em belo contraste com a alvura de seu vestido branco, e para mostrar, todo nu, elevado colo de alabastro. A partir do excerto acima, afirma-se:

- I. Observa-se nele uma das características românticas mais marcantes: a idealização da mulher, como forma de valorizá-la.
- II. Como o público consumidor de folhetins era, basicamente, o feminino, os escritores procuravam descrever o vestuário das heroínas dos romances.
- III. Os ambientes dos romances urbanos eram, em maioria, burgueses, pois a descrição de espaços miseráveis não atrairia público para os folhetins.
- IV. D. Carolina, chamada de Moreninha, para sobressair na festa, opta pela simplicidade, conseguindo, com esse artifício, o destaque que desejava.
- V. O “colo de alabastro” revela que a Moreninha era branca, pois alabastro é uma pedra de cor clara; sendo assim, seu apelido se justifica no sentido europeu, a de ser branca com cabelos negros.

Assinale a afirmativa correta:

- a) Somente as afirmativas I, II e IV estão corretas.
- b) Somente as afirmativas I, III e IV estão corretas.
- c) Somente as afirmativas II, III e V estão corretas.
- d) Somente as afirmativas II, IV e V estão corretas.
- e) Todas as afirmativas estão corretas.



Textos para as questões 18 e 19.

#### Texto 1

No meio das tabas de amenos verdores,  
Cercadas de troncos — cobertos de flores,  
Alteiam-se os tetos d’altiva nação;  
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,

Temíveis na guerra, que em densas coortes  
Assombram das matas a imensa extensão.  
São rudes, severos, sedentos de glória,  
Já prélios incitam, já cantam vitória,  
Já meigos atendem à voz do cantor:  
São todos Timbiras, guerreiros valentes!  
Seu nome lá voa na boca das gentes,  
Condão de prodígios, de glória e terror!

DIAS, Gonçalves. “I-Juca-Pirama”. 1851. In: Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/livros\\_eletronicos/jucapirama.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/jucapirama.pdf)>. Acesso: 21 ago. 2013.

#### Texto 2

No meio das tabas há menos verdores,  
Não há gentes brabas nem campos de flores.  
No meio das tabas cercadas de insetos,  
Pensando nas babas dos analfabetos,  
Vou chamando as tribos dos sertões gerais,  
Passando recibos nos vãos de Goiás.  
Venham os xerentes, craôs e crixás,  
Bororos doentes e xicriabás.  
E os apinajés, os carajás roídos,  
E os tapirapés e os inás perdidos  
[...]

No meio das tabas não quero ver dores,  
Mas morubixabas e ativos senhores.  
Quero a rebeldia das tribos na aldeia.  
Nada de “poesia”. Quero cara feia:  
Cor de jenipapo e urucum no peito,  
Não índio de trapo falando sem jeito.

TELES, Gilberto M. “Aldeia global”. In: BUSATTO, Luís (Org.). *Os melhores poemas de Gilberto Mendonça Teles*. São Paulo: Global, 2001. pp. 91-2.

18. **PUC-Minas 2014** Produzidos em contextos sociais e históricos distintos, os poemas apresentam semelhanças temáticas. A leitura comparativa indica
- a) exaltação da pátria e dos encantos da natureza como uma característica presente nos dois textos.
  - b) preocupação de ambos os textos em destacar a contribuição da cultura indígena para a história do país.
  - c) contraste entre a visão grandiosa de índio do texto 1 e a visão contemporânea, apontada no texto 2.
  - d) visão otimista do texto 2, em relação à violência da guerra, sugerida no poema de Gonçalves Dias.
19. **PUC-Minas 2014** “I-Juca-Pirama”, de Gonçalves Dias, é um texto representativo do Romantismo brasileiro. Considerando-se a leitura do trecho, assinale a característica estética que evidencia sua relação com o contexto cultural do movimento romântico.
- a) Liberdade formal.
  - b) Temática indianista.
  - c) Pessimismo do poeta.
  - d) Realismo descritivo.

20. **UPF-RS 2017**

Um sabiá  
na palmeira, longe.  
Estas aves cantam  
um outro canto.  
O céu cintila  
sobre flores úmidas.

Vozes na mata,  
e o maior amor.  
Só, na noite,  
seria feliz:  
um sabiá,  
na palmeira, longe.  
Onde é tudo belo  
e fantástico,  
só, na noite,  
seria feliz.  
(Um sabiá,  
na palmeira, longe.)  
Ainda um grito de vida e  
voltar  
para onde é tudo belo  
e fantástico:  
a palmeira, o sabiá,  
o longe.

Carlos Drummond de Andrade. Nova canção do exílio.

Considere as afirmações a seguir em relação ao poema “Nova canção do exílio”, de Carlos Drummond de Andrade.

- I. O poema retoma, de forma intertextual, o conhecido texto da “Canção do exílio”, do poeta romântico Gonçalves Dias.
- II. A estrutura repetitiva do poema deve-se, exclusivamente, à influência do texto de Gonçalves Dias, uma vez que a repetição não é um procedimento comum no autor de A rosa do povo.
- III. O exílio a que se refere o título do poema assume ao longo do texto uma dimensão que ultrapassa o aspecto geográfico, assumindo um caráter existencial.

Está correto apenas o que se afirma em:

- a) I.                      c) I e II.                      e) II e III.  
b) II.                      d) I e III.

- 21. UPE 2016** Em relação à produção literária de Gonçalves Dias e Castro Alves, ambos preocupados, em suas temáticas, com a problemática das etnias, que determina o homem brasileiro como ser culturalmente híbrido, analise as afirmativas e coloque V nas Verdadeiras e F nas Falsas.

- A poética de Gonçalves Dias trata do homem indígena em sua essência, apresentando-o integrado aos aspectos culturais de seu grupo.
- A poética de Castro Alves toma como princípio a defesa dos negros, escravos que eram vendidos aos colonos no Brasil para serem explorados pelos senhores, principalmente no plantio da cana e no fabrico do açúcar.
- Tanto Gonçalves Dias quanto Castro Alves ficaram alheios às questões históricas brasileiras, pois produziram poemas de tonalidade épica, embora neles não fossem contempladas as temáticas indígena e abolicionista.
- Nos poemas líricos, eles exaltaram o sentimento amoroso de modo diversificado. Enquanto Gonçalves Dias idealiza a imagem feminina, Castro Alves imprime-lhe um sentido sensual, o que já prenuncia o movimento posterior ao Romantismo.
- Na poesia condoreira de Castro Alves, o poeta descreve como os negros são desterritorializados,

os maus-tratos que sofrem nos navios negreiros e o modo como perdem a liberdade ao serem vendidos como escravos aos senhores de engenho.

Analisar a alternativa que contém a sequência correta.

- a) F – F – V – V – F                      d) F – F – F – F – V  
b) V – V – V – F – F                      e) V – V – F – V – V  
c) F – V – F – V – V

## 22. PUC-Rio 2015

### Prólogo

Dei o nome de Primeiros Cantos às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas. Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificacão portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir. Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas – debaixo de céu diverso – e sob a influência de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez – no Doiro e no Tejo – sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto. Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena política para ler em minha alma, reduzindo à linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as ideias que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano – o aspecto enfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento – o coração com o entendimento – a ideia com a paixão – cobrir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia – a Poesia grande e santa – a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir. O esforço – ainda vão – para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento deste volume. O Público o julgará; tanto melhor se ele o despreza, porque o Autor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

Rio de Janeiro, julho de 1846. DIAS, Gonçalves. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000115.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000115.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2014.

- a) Gonçalves Dias é considerado um dos grandes poetas do Romantismo brasileiro. Destaque do texto dois aspectos da estética romântica citados pelo autor.
- b) Comente a noção de poesia que aparece no texto – “a Poesia grande e santa” (4<sup>o</sup> parágrafo) – comparando-a com a defendida pelos modernistas de 1922.

## 23. UFRR 2023

### Canção do Exílio

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá;  
As aves que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.  
[...]

Em cismar, sozinho, à noite  
 Mais prazer encontro eu lá;  
 Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o sabiá.  
 Minha terra tem primores,  
 Que tais não encontro eu cá;  
 Em cismar - sozinho, à noite -  
 Mais prazer encontro eu lá;  
 Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o sabiá.  
 Não permita Deus que eu morra,  
 Sem que eu volte para lá;  
 Sem que desfrute os primores  
 Que não encontro por cá;  
 Sem qu'inda aviste as palmeiras  
 Onde canta o sabiá.

(DIAS, Antônio Gonçalves. Poemas de Gonçalves Dias. São Paulo: Cultrix, 1968.)

O Romantismo brasileiro é um movimento artístico que ocorre concomitantemente ao processo de independência política do Brasil. Considerando as características desse movimento literário e do poema de Gonçalves Dias, é INCORRETO afirmar que:

- O eu lírico apresenta um sentimento de saudosismo em relação à pátria e, na última estrofe, marca o seu desejo, no futuro, de retorno.
- Para estabelecer a comparação entre a terra do exílio e a terra natal do eu lírico, são utilizados elementos da natureza.
- O uso de verbos e pronomes na primeira pessoa trazem uma objetividade para os sentimentos do eu lírico em relação à pátria.
- Há um sentimento de solidão do eu lírico durante o exílio, marcado de forma mais direta no verso “em cismar – sozinho, à noite”.
- Há uma insatisfação do eu lírico em relação ao aspecto temporal que o faz se voltar de forma saudosa ao passado e projetar o retorno à sua terra natal no futuro.

**24. UFRGS 2016** Assinale a alternativa correta sobre autores do Romantismo brasileiro.

- Gonçalves Dias, autor dos célebres “Canção do exílio” e “I-Juca-Pirama”, dedicou a maioria de seus poemas à temática da escravidão.
- Joaquim Manuel de Macedo, em *A Moreninha*, afasta-se da estética romântica em muitos pontos, especialmente no tom paródico adotado pelo narrador que ridiculariza a sociedade burguesa fluminense.
- Álvares de Azevedo, em *A noite na taverna*, desvincula-se do nacionalismo paisagista e indianista e ingressa no universo juvenil da angústia, do erotismo e do sarcasmo.
- Manuel Antônio de Almeida, em *Memórias de um sargento de milícias*, vincula-se à estética romântica, em especial porque se centra em personagens da classe média urbana fluminense.
- Castro Alves é o principal poeta do indianismo romântico, pois toma o índio como figura prototípica da nacionalidade.

**25. Fuvest-SP 2017**

### Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá;  
 As aves que aqui gorjeiam,  
 Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
 Nossas várzeas têm mais flores,  
 Nossos bosques têm mais vida,  
 Nossa vida mais amores.  
 [...]

Não permita Deus que eu morra,  
 Sem que eu volte para lá;  
 Sem que desfrute os primores  
 Que não encontro por cá;  
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
 Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias, *Primeiros cantos*.

### Canto do regresso à pátria

Minha terra tem palmares  
 Onde gorjeia o mar  
 Os passarinhos daqui  
 Não cantam como os de lá  
 Minha terra tem mais rosas  
 E quase que mais amores  
 Minha terra tem mais ouro  
 Minha terra tem mais terra  
 [...]

Não permita Deus que eu morra  
 Sem que volte pra São Paulo  
 Sem que veja a Rua 15  
 E o progresso de São Paulo.

Oswald de Andrade, *Pau-Brasil*.

- Considerando que os poemas foram escritos, respectivamente, em 1843 e 1924, caracterize seus contextos históricos sob os pontos de vista político e social.
- Comparando os dois poemas, indique uma diferença estética e uma diferença ideológica entre ambos.

**26. PUC-GO 2023** Leia o fragmento do texto “O nacionalismo literário”, extraído da obra *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, de Antonio Candido:

Com isto já é possível indicar os elementos que integram a renovação literária designada genericamente por Romantismo – nome adequado e insubstituível, que não deve, porém, levar a uma identificação integral com os movimentos europeus, de que constitui ramificação cheia de peculiaridades. Tendo-se originado de uma convergência de fatores locais e sugestões externas, é ao mesmo tempo nacional e universal. O seu interesse maior, do ponto de vista da história literária e da literatura comparada, consiste por ventura na felicidade com que as sugestões externas se prestaram à estilização das tendências locais, resultando um momento harmonioso e íntegro, que ainda hoje parece a muitos o mais brasileiro, mais autêntico dentre os que tivemos.

(CANDIDO, Antonio. O nacionalismo literário. In: \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2009. p. 15. Adaptado.)

A respeito do Romantismo no Brasil, analise as afirmativas a seguir:

- I. A 1ª Geração Romântica apresenta como característica a valorização e exaltação dos símbolos nacionais, a exemplo do índio, da natureza e de um espírito nacionalista e ufanista.
- II. A fase caracterizada pela abordagem de temas pessimistas, como a morte, o amor não correspondido, o individualismo e o saudosismo ficou conhecida como Indianista.
- III. Condoreirismo, como também foi denominada a 1ª Geração Romântica, explora temáticas sociais, a exemplo do abolicionismo e do republicanismo.
- IV. Nas produções da 3ª Geração Romântica, o amor não é mais idealizado, a mulher é algo mais real.

Em relação às proposições analisadas, assinale a única alternativa cujos itens estão todos corretos:

- a) I e III apenas.
- b) I e IV apenas.
- c) II, III e IV apenas.
- d) I e II apenas.

27. **UEG-GO 2016** Leia o fragmento e observe a imagem para responder à questão.

É ela! é ela! — murmurei tremendo,  
e o eco ao longe murmurou — é ela!  
Eu a vi... minha fada aérea e pura —  
a minha lavadeira na janela.  
Dessas águas furtadas onde eu moro  
eu a vejo estendendo no telhado  
os vestidos de chita, as saias brancas;  
eu a vejo e suspiro enamorado!  
Esta noite eu ousei mais atrevido,  
nas telhas que estalavam nos meus passos,  
ir espiar seu venturoso sono,  
vê-la mais bela de Morfeu nos braços!  
Como dormia! que profundo sono!...  
Tinha na mão o ferro do engomado...  
Como roncava maviosa e pura!...  
Quase caí na rua desmaiado!

AZEVEDO, Álvares de. "É ela! É ela! É ela! É ela". In: Álvares de Azevedo. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 44.



MARTIN-KAVEL, François. Sem título. Disponível em: <<http://7dasartes.blogspot.com.br/2012/05/romanticas-e-encantadoras-pinturas-de.html>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

Tanto a pintura quanto o excerto apresentados pertencem ao Romantismo. A diferença entre ambos, porém, diz respeito ao fato de que

- a) no fragmento verifica-se o retrato de um ser idealizado, ao passo que no quadro tem-se uma figura retratada de modo pejorativo.
- b) na pintura tem-se o retrato de uma mulher de feições austeras, ao passo que no poema nota-se a descrição de uma mulher sofisticada.
- c) no excerto tem-se a descrição realista e não idealizada de uma mulher, ao passo que na pintura retrata-se uma mulher pertencente à burguesia.
- d) na imagem tem-se uma moça cuja caracterização é abstrata, ao passo que no poema tem-se uma mulher cujo aspecto é burguês e requintado.
- e) no quadro constata-se a imagem de uma moça simplória, ao passo que no poema nota-se a caracterização de uma donzela de vida airada.

## 28. UFJF-MG 2016

### Texto 1

#### Soneto do epitáfio

Lá quando em mim perder a humanidade  
Mais um daqueles, que não fazem falta,  
Verbi-gratia — o teólogo, o peralta,  
Algum duque, ou marquês, ou conde, ou frade:

Não quero funeral comunidade,  
Que engrole "sub-venites" em voz alta;  
Pingados gatarrões, gente de malta,  
Eu também vos dispenso a caridade:

Mas quando ferrugenta enxada edosa  
Sepulcro me cavar em ermo outeiro,  
Lavre-me este epitáfio mão piedosa:

"Aqui dorme Bocage, o putanheiro;  
Passou vida folgada, e milagrosa;  
Comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro".

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. In: LAJOLO, Marisa (Org.). *Literatura Comentada*: Bocage. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 91. Ortografia atualizada.

### Texto 2

#### Lembranças de morrer

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,  
Que o espírito enlaça à dor vivente,  
Não derramem por mim nem uma lágrima  
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura  
A flor do vale que adormece ao vento:  
Não quero que uma nota de alegria  
Se cale por meu triste passamento.  
Eu deixo a vida como deixa o tédio  
Do deserto, o poento caminheiro  
– Como as horas de um longo pesadelo  
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;  
Como o desterro de minh'alma errante,  
Onde o fogo insensato a consumia:  
Só levo uma saudade – é desses tempos  
Que amorosa ilusão embelecia.

[...]

Descansem o meu leito solitário  
Na floresta dos homens esquecida,



À sombra de uma cruz, e escrevam nela:  
 Foi poeta – sonhou – e amou na vida.  
 Sombras do vale, noites da montanha  
 Que minha alma cantou e amava tanto,  
 Protegeei o meu corpo abandonado,  
 E no silêncio derramai-lhe canto!  
 Mas quando preludia ave d'aurora  
 E quando à meia-noite o céu repousa,  
 Arvoredos do bosque, abri os ramos.  
 Deixai a lua pratear-me a lousa!

AZEVEDO, Álvares de. "Lira dos Vinte anos". In: *Obra completa*.  
 Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 188-189.

Com base nos textos 1 e 2, responda:

- Quais são as características do soneto de Bocage (texto 1) que nos permitem identificá-lo como satírico?
- Os poemas de Bocage (texto 1) e Álvares de Azevedo (texto 2) tratam diferentemente do mesmo tema. Identifique esse tema e explicita as maneiras como cada autor o trata, relacionando-as com o contexto de época.

**29. PUC-RS 2016** Para responder à questão, leia o excerto a seguir, retirado da obra *Macário*, de Álvares de Azevedo.

(O DESCONHECIDO) Eu sou o diabo. Boa-noite, Macário.  
 (MACÁRIO) Boa-noite, Satã. (Deita-se. O desconhecido sai).  
 O diabo! uma boa fortuna! Há dez anos que eu ando para encontrar esse patife! Desta vez agarrei-o pela cauda! A maior desgraça deste mundo é ser Fausto sem Mefistófeles. Olá, Satã!

(SATÃ) Macário.

(MACÁRIO) Quando partimos?

(SATÃ) Tens sono?

(MACÁRIO) Não.

(SATÃ) Então já.

(MACÁRIO) E o meu burro?

(SATÃ) Irás na minha garupa.

Sobre o movimento literário em que se inscreve Álvares de Azevedo, é incorreto afirmar:

- A representação de figuras do mundo sobrenatural também constitui uma das características desse movimento, conforme se lê no excerto apresentado.
- José de Alencar é o autor de romances mais representativos desse movimento, com obras como *O Guarani*, *O sertanejo*, *As minas de prata*.
- A representação da nação, um dos temas do movimento em que se inscreve a obra de Álvares de Azevedo, exaltou as belezas naturais da terra brasileira.
- Os estados de alma em que o sujeito poético expressa seus sentimentos de tristeza, dor e angústia é tema recorrente no movimento em que se inscreve a obra de Álvares de Azevedo.
- A poesia de Álvares de Azevedo, como a dos outros românticos brasileiros, define-se em torno de dois polos poéticos: a marcante presença da natureza, explorada com destaque em *Noites da taverna*, e a constante viagem ao interior do sujeito para exprimir sua dor e seus sentimentos.

### 30. UFSM-RS 2015

Por que mentias? Por que mentias leviana e bela?  
 Se minha face pálida sentias  
 Queimada pela febre, e se minha vida  
 Tu vias desmaiar, por que mentias?  
 Acordei da ilusão, a sós morrendo  
 Sinto na mocidade as agonias.  
 Por tua causa desespero e morro...  
 Leviana sem dó, por que mentias?  
 [...]

Vê minha palidez – a febre lenta  
 Esse fogo das pálpebras sombrias...  
 Pousa a mão no meu peito! Eu morro! eu morro!  
 Leviana sem dó, por que mentias?

AZEVEDO, Álvares de. 1994. p. 87.

Ainda uma vez – adeus! – [XVIII]  
 Lerás porém algum dia  
 Meus versos, d'alma arrancados,  
 D'amargo pranto banhados,  
 Com sangue escritos; – e então  
 Confio que te comovas,  
 Que a minha dor te apiade,  
 Que chores, não de saudade,  
 Nem de amor, – de compaixão.

DIAS, Gonçalves. 2000. p. 63-68.

Uma leitura comparativa dos excertos permite afirmar que os dois eus líricos

- sentem-se imperturbados pelo sentimento amoroso não correspondido.
- realizam o amor na sua plenitude justamente porque sofrem com ele.
- censuram o descaso com que é tratado seu sentimento amoroso.
- externam prazer quanto ao sentimento amoroso que despertam.
- sentem-se satisfeitos com o sofrimento amoroso, apesar da dor.

### 31. UEG-GO 2015

#### Lembrança de morrer

[...]  
 Eu deixo a vida como deixa o tédio  
 Do deserto o poento caminheiro,  
 – Como as horas de um longo pesadelo  
 Que se desfaz ao dobre sineiro  
 [...]

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas de Álvares de Azevedo*.  
 7. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995. p. 37.

Este fragmento mostra uma atitude escapista típica do romantismo. O eu lírico idealiza

- a vida como um ofício de prazer, destinado à fruição eterna.
- a morte como um meio de libertação do terrível fardo de viver.
- o tédio como a repetição dos fragmentos belos e significativos da vida.
- o deserto como um destino sereno para quem vence as hostilidades da vida.

### 32. UPF-RS 2015

É ela! É ela!  
É ela! é ela! — murmurei tremendo,  
E o eco ao longe murmurou — é ela!...  
Eu a vi... minha fada aérea e pura,  
A minha lavadeira na janela!  
Dessas águas-furtadas onde eu moro  
Eu a vejo estendendo no telhado  
Os vestidos de chita, as saias brancas...  
Eu a vejo e suspiro enamorado!  
Esta noite eu ousei mais atrevido  
Nas telhas que estalavam nos meus passos  
Ir espiar seu venturoso sono,  
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!  
Como dormia! que profundo sono!...  
Tinha na mão o ferro do engomado...  
Como roncava maviosa e pura!...  
Quase caí na rua desmaiado!

AZEVEDO, Álvares de. “ — É ela! É ela!”.

Nas estrofes iniciais de “É ela! É ela!”, de Álvares de Azevedo, o sujeito lírico mostra-se atordoado diante das facetas discrepantes de sua amada, que ora lhe aparece como “fada aérea e pura”, ora como simples “lavadeira”. O autor explora essa duplicidade da figura da amada com o propósito evidente de \_\_\_\_\_ uma das características centrais da estética ultrarromântica, qual seja, \_\_\_\_\_.

Assinale a alternativa cujas informações preenchem corretamente as lacunas do enunciado.

- a) ridicularizar / a representação das classes operárias.
- b) ilustrar / a religiosidade.
- c) ironizar / o uso do poema-piada.
- d) ilustrar / a preocupação com a atividade econômica.
- e) ironizar / a idealização da figura feminina.

### 33. Insper-SP 2014

Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas  
Passam tantas visões sobre meu peito!  
Palor de febre meu semblante cobre,  
Bate meu coração com tanto fogo!  
Um doce nome os lábios meus suspiram [...].

Álvares de Azevedo, *Lira dos vinte anos*.

Nessa passagem, há marcas textuais típicas da função emotiva da linguagem. Essas marcas estão associadas a uma característica fundamental da poesia byroniana brasileira, que é o

- a) egocentrismo.
- b) indianismo.
- c) medievalismo.
- d) nacionalismo.
- e) nativismo.

### 34. Enem PPL 2014

#### Soneto

Oh! Páginas da vida que eu amava,  
Rompei-vos! nunca mais! tão desgraçado!...  
Ardei, lembranças doces do passado!  
Quero rir-me de tudo que eu amava!

E que doido que eu fui! como eu pensava  
Em mãe, amor de irmã! em sossegado  
Adormecer na vida acalentado  
Pelos lábios que eu tímido beijava!

Embora — é meu destino. Em treva densa  
Dentro do peito a existência finda  
Pressinto a morte na fatal doença!

A mim a solidão da noite infinda!  
Possa dormir o trovador sem crença.  
Perdoa minha mãe — eu te amo ainda!

AZEVEDO, A. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

A produção de Álvares de Azevedo situa-se na década de 1850, período conhecido na literatura brasileira como Ultrarromantismo. Nesse poema, a força expressiva da exacerbação romântica identifica-se com o(a)

- a) amor materno, que surge como possibilidade de salvação para o eu lírico.
- b) saudosismo da infância, indicado pela menção às figuras da mãe e da irmã.
- c) construção de versos irônicos e sarcásticos, apenas com aparência melancólica.
- d) presença do tédio sentido pelo eu lírico, indicado pelo seu desejo de dormir.
- e) fixação do eu lírico pela ideia da morte, o que o leva a sentir um tormento constante.



As questões 35 e 36 tomam por base um fragmento de “Glória moribunda”, do poeta romântico brasileiro Álvares de Azevedo (1831-1852).

É uma visão medonha uma caveira?  
Não tremas de pavor, ergue-a do lodo.  
Foi a cabeça ardente de um poeta,  
Outrora à sombra dos cabelos loiros.  
Quando o reflexo do viver feroso  
Ali dentro animava o pensamento,  
Esta fronte era bela. Aqui nas faces  
Formosa palidez cobria o rosto;  
Nessas órbitas — ocas, denegridas! —  
Como era puro seu olhar sombrio!  
Agora tudo é cinza. Resta apenas  
A caveira que a alma em si guardava,  
Como a concha no mar encerra a pérola,  
Como a caçoula a mirra incandescente.  
Tu outrora talvez desses-lhe um beijo;  
Por que repugnas levantá-la agora?  
Olha-a comigo! Que espaçosa fronte!  
Quanta vida ali dentro fermentava,  
Como a seiva nos ramos do arvoredo!  
E a sede em fogo das ideias vivas  
Onde está? onde foi? Essa alma errante  
Que um dia no viver passou cantando,  
Como canta na treva um vagabundo,  
Perdeu-se acaso no sombrio vento,  
Como noturna lâmpada apagou-se?  
E a centelha da vida, o eletrismo  
Que as fibras tremulantes agitava

Morreu para animar futuras vidas?  
 Sorris? eu sou um louco. As utopias,  
 Os sonhos da ciência nada valem.  
 A vida é um escárnio sem sentido,  
 Comédia infame que ensanguenta o lodo.  
 Há talvez um segredo que ela esconde;  
 Mas esse a morte o sabe e o não revela.  
 Os túmulos são mudos como o vácuo.  
 Desde a primeira dor sobre um cadáver,  
 Quando a primeira mãe entre soluços  
 Do filho morto os membros apertava  
 Ao ofegante seio, o peito humano  
 Caiu tremendo interrogando o túmulo...  
 E a terra sepulcral não respondia.

*Poesias completas, 1962.*

- 35. Unesp 2013** Do segundo ao último verso da primeira estrofe do poema, revelam-se características marcantes do Romantismo:
- conteúdos e desenvolvimentos bucólicos.
  - subjetivismo e imaginação criadora.
  - submissão do discurso poético à musicalidade pura.
  - observação e descrição meticulosa da realidade.
  - concepção determinista e mecanicista da natureza.

- 36. Unesp 2013** *Morreu para animar futuras vidas?* No verso em destaque, sob forma interrogativa, o eu lírico sugere com o termo “animar” que

- a morte de uma pessoa deve ser festejada pelos que ficam.
- o verdadeiro objetivo da morte é demonstrar o desvalor da vida.
- a vida do poeta é mais consistente e animada que todas as outras.
- a alma que habitou o corpo talvez possa reencarnar em novo corpo.
- outras pessoas passam a viver melhor quando um homem morre.

- 37. PUC-Campinas 2017** Um pensamento liberal moderno, em tudo oposto ao pesado escravismo dos anos 1840, pode formular-se tanto entre políticos e intelectuais das cidades mais importantes quanto junto a bacharéis egressos das famílias nordestinas que pouco ou nada poderiam esperar do cativo em declínio.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 224

Ideias liberais, tornadas públicas, entraram em conflito com a realidade escravista do Brasil, tal como se pode avaliar na força dramática que assumiram

- os poemas libertários de Castro Alves, já ao final do período romântico.
- os romances naturalistas de Aluísio Azevedo e Machado de Assis.
- as páginas de literatura documental de Antonil e Pero de Magalhães Gândavo.
- os manifestos pré-modernistas de Euclides da Cunha e Augusto dos Anjos.
- as crônicas de costumes de Olavo Bilac e João do Rio.

**38. UFJF-MG 2016**

**Texto 1**

**O navio negreiro – fragmentos (Castro Alves)**

Senhor Deus dos desgraçados!  
 Dizei-me vós, Senhor Deus!  
 Se é loucura... se é verdade  
 Tanto horror perante os céus?!  
 Ó mar, por que não apagas  
 Co’ a esponja de tuas vagas  
 De teu manto este borrão?...  
 Astros! noites! tempestades!  
 Rolai das imensidades!  
 Varrei os mares, tufão!  
 Quem são estes desgraçados  
 Que não encontram em vós  
 Mais que o rir calmo da turba  
 Que excita a fúria do algoz?  
 Quem são? Se a estrela se cala,  
 Se a vaga à pressa resvala  
 Como um cúmplice fugaz,  
 Perante a noite confusa...  
 Dize-o tu, severa Musa,  
 Musa libérrima, audaz!...  
 São os filhos do deserto,  
 Onde a terra esposa a luz.  
 Onde vive em campo aberto  
 A tribo dos homens nus...  
 São os guerreiros ousados  
 Que com os tigres mosqueados  
 Combatem na solidão.  
 Ontem simples, fortes, bravos.  
 Hoje míseros escravos,  
 Sem luz, sem ar, sem razão. . .

[...]

VI

Existe um povo que a bandeira empresta  
 P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...  
 E deixa-a transformar-se nessa festa  
 Em manto impuro de bacante fria!...  
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,  
 Que impudente na gávea tripudia?  
 Silêncio. Musa... chora, e chora tanto  
 Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...  
 Auriverde pendão de minha terra,  
 Que a brisa do Brasil beija e balança,  
 Estandarte que a luz do sol encerra  
 E as promessas divinas da esperança...  
 Tu que, da liberdade após a guerra,  
 Foste hasteado dos heróis na lança  
 Antes te houvessem roto na batalha,  
 Que servires a um povo de mortalha!...

ALVES, Castro. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960. pp. 281-283.

O texto 1 é um fragmento do poema “O navio negreiro”, de 1868, sobre o tráfico de escravos no Brasil. Por meio desse poema, o autor faz uma crítica à sociedade brasileira e à política do Império, responsáveis pela manutenção de um regime escravista. A figura que sustenta metaforicamente essa crítica é:

- a bandeira nacional.
- a providência divina.
- a força da natureza.
- a inspiração da musa.
- a nobreza dos selvagens.





**43. Uepa 2014** A poesia social de Castro Alves, por meio da denúncia da situação dos escravos, muitas vezes comunica a ânsia de liberdade. Marque a alternativa em que os versos demonstrem este tom denunciante de sua linguagem literária.

- a) Ainda hoje são, por fado adverso,  
Meus filhos – alimária\* do universo,  
Eu – pasto universal...
- \*Alimária: animal quadrúpede.
- b) Como as plantas que arrasta a correnteza,  
A valsa nos levou nos giros seus...  
E amamos juntos...  
E depois na sala “Adeus” eu disse-lhe a tremer  
co’a fala...
- c) Amigo! O campo é o ninho do poeta...  
Deus fala, quando a turba está quieta,  
Às campinas em flor.  
– Noivo – Ele espera que os convivas saiam...
- d) Era o tempo em que as ágeis andorinhas  
Consultam-se na beira dos telhados,  
E inquietas conversam, perscrutando  
Os pardos horizontes carregados...
- e) É tarde! É muito tarde! O templo é negro...  
O fogo-santo já no altar não arde.  
Vestal! não venhas tropeçar nas piras...  
É tarde! É muito tarde!

**44. Imed-RS 2015** Leia o fragmento a seguir:

Filhos do Novo Mundo! ergamos nós um grito  
Que abafe dos canhões o horrísono rugir,  
Em frente do oceano! em frente do infinito!  
Em nome do progresso! em nome do porvir.  
Não deixemos, Hebreus, que a destra dos tiranos  
Manche a arca ideal das nossas ilusões.  
A herança do suor, vertido em dois mil anos,  
Há de intacta chegar às novas gerações!  
Nós, que somos a raça eleita do futuro,  
O filho que o Senhor amou, qual Benjamim,  
Que faremos de nós... se é tudo falso, impuro,  
Se é mentira – o Progresso! e o Erro não tem fim?

Os versos apresentados caracterizam, por suas estruturas, palavras e conteúdo:

- a) Poeta simbolista brasileiro, em cujos poemas o ideal de mudança política é sua tônica. Trata-se de Cruz e Souza.
- b) Poeta romântico brasileiro, da segunda geração, marcada pela indignação com o cenário social da época. Trata-se de Gonçalves Dias.
- c) Poeta romântico brasileiro, que encontrou na realidade em que viveu temas para seus poemas. Trata-se de Castro Alves.
- d) Poeta parnasiano brasileiro, em cuja obra predominam temas greco-latinos. Trata-se de Olavo Bilac.
- e) Poeta moderno, que apresenta um eu lírico revoltado com o cenário que se insere. Trata-se de Mário de Andrade.

**45. PUC-RS 2014** Para responder à questão, leia os versos a seguir e o comentário sobre o poema do qual a estrofe foi extraída, preenchendo as lacunas com o nome do autor e o título das obras.

[...] Senhor Deus dos desgraçados!  
Dizei-me vós, Senhor Deus!  
Se é loucura... se é verdade  
Tanto horror perante os céus...  
Ó mar, por que não apagas  
Co’a esponja de tuas vagas  
De teu manto este borrão?...  
Astros! noites! tempestades!  
Rolai das imensidades!  
Varrei os mares, tufão! [...]

“Se observarmos os poemas mais conhecidos de \_\_\_\_\_, como \_\_\_\_\_ ou \_\_\_\_\_, vislumbraremos o quanto é possível cada um desses famosos textos serem cadernos de gravuras, em que uma imagem completa outra, na lógica irrefutável do sonho. [...] Tanto em um como no outro, a visão é a de quem contempla do alto, com asas do futuro, desde os filhos da África, livres, em sua terra, até as cenas da tragédia no mar que os torna escravos sob o açoite.”

NEJAR, Carlos. História de Literatura Brasileira. (Adapt.).

A alternativa que completa corretamente as lacunas do comentário é:

- a) Castro Alves – “Vozes d’África” – “O navio negreiro”  
b) Gonçalves Dias – “Canção do exílio” – “O canto do Piaga”  
c) Álvares de Azevedo – “Vozes d’África” – “No mar”  
d) Gonçalves Dias – “O navio negreiro” – “O canto do guerreiro”  
e) Castro Alves – “Canção do exílio” – “Saudação a Palmares”

**46. PUC-RS 2015** Leia o trecho do romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Não de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço. És formosa, e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano. [...]

– Mas senhora, apesar de tudo isso, que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação que me deram e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?...

São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala. – Queixas-te de tua sorte, Isaura? – Eu não, senhora; não tenho motivo... o que quero dizer com isto é que, apesar de todos esses dotes e vantagens que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.

Com base no texto e no contexto do qual o fragmento anterior faz parte, afirma-se:

- I. De acordo com a primeira fala, a cor de Isaura é apontada como uma possível negação de sua origem africana.
- II. Apesar de alguns questionamentos acerca da senzala, a escrava parece resignada ao lugar que ela ocupa na sociedade da época.
- III. A obra *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, integra um dos momentos cruciais do realismo literário brasileiro, no qual os autores se mostravam preocupados com a crítica social.

Está/Estão correta(s) a(s) afirmativa(s):

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

**47. UFBA**

**I**

Sob as apreensões de uma crise social iminente, infalível, que a todos há de custar direta ou indiretamente onerosos sacrifícios, o povo brasileiro, e particularmente os lavradores, esperam ansiosos, entre receios por certo justificáveis e clamores que se explicam sem desar, o pronunciamento legal e decisivo da solução do problema da emancipação dos escravos.

[...]

Ninguém se iluda, ninguém se deixe iludir. Não há combinação de interesses, não há partido político, não há governo, por mais forte que se presuma, que possa impedir o proceloso acontecimento.

[...]

A voz de Deus, o brado do século da liberdade, a opinião do mundo, o pronunciamento dos governos, o espírito e a matéria, a ideia e a força querem, exigem, e em caso extremo hão de impor a emancipação dos escravos.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. 4 ed. São Paulo: Zouk, 2005. p. 7-8.

**II**



Mané galinha: [...] Você é uma criança!

Menino — Que criança? Eu fumo, cheiro, já matei, já roubei [...] Eu sou sujeito homem.

Cidade de Deus. Direção: Fernando Meirelles. Roteiro: Bráulio Mantovani. 2002. Intérpretes: Matheus Nachtergaele e um grupo de atores, em sua maioria, amadores, moradores da comunidade retratada no filme.

Os fragmentos transcritos dizem respeito à visão ficcional da existência de afrodescendentes no Brasil, em momentos históricos distintos. Teça um comentário sobre as representações do negro brasileiro de ontem e de hoje, focalizadas nas duas obras identificadas por I e II.

48. **Uepa** O problema de Isaura sempre enseja situações de violência simbólica. Leia o trecho abaixo em que se evidencia uma cena relativa a uma dessas situações e, a seguir, assinale o comentário correto sobre ele.

- Podem-se retirar, – disse Martinho ao oficial de justiça e aos guardas, que se achavam postados do lado de fora da porta.
  - Sua presença não é mais necessária aqui.
  - Não há dúvida! – continuou ele consigo mesmo; [...] Esta escrava é uma mina que me parece não estar ainda esgotada.
- (GUIMARÃES: p.100)

- a) Foi extraído de um episódio da época em que Isaura vivia na fazenda do pai de Leôncio e contém a intervenção de Martinho, o irmão de Malvina, protegendo-a e elogiando sua beleza.
- b) Pertence à época em que Isaura, já foragida, é reconhecida em uma recepção social por Martinho e revela sua intenção em tirar proveito do fato.
- c) Pertence à época em que Isaura conhece Álvaro e concerne ao momento em que Martinho, seu advogado, impede que a capturem.
- d) Foi extraído do episódio em que Martinho, o pai de Isaura, impede que a capturem, usando o dinheiro que acumulara para pagar-lhe a alforria.
- e) Situa-se no trecho do romance em que Martinho, arrependido da violência de ter denunciado Isaura, despacha os oficiais de justiça e os guardas, impedindo sua captura.

## BNCC em foco

EM13LGG601 e EM13LGG604

1. No prólogo de seu romance *Eurico, o presbítero*, Alexandre Herculano tece uma crítica ao celibato.

Eu, por minha parte, fraco argumentador, só tenho pensado no celibato à luz do sentimento e sob a influência da impressão singular que desde verdes anos fez em mim a ideia da irremediável solidão da alma a que a igreja condenou os seus ministros, espécie de amputação espiritual, em que para o sacerdote morre a esperança de completar a sua existência na terra. Supõe todos os contentamentos, todas as consolações que as imagens celestiais e a crença viva podem gerar, e achareis que estas não suprem o triste vácuo da soledade do coração.

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. Disponível em: <http://www.culturatura.com.br/obras/Eurico%20-%20o%20Presb%C3%ADtero.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2023.

Como é possível relacionar o fim trágico das personagens com a crítica que Herculano tece à Igreja católica?

EM13LGG604

2. Sobre o Romantismo no Brasil, leia o seguinte trecho.

No Brasil, o Romantismo ocupa grande parte do século XIX: 1836-1875. Os poemas *Suspiros poéticos e saudades* e *Domingos José Gonçalves de Magalhães* (1811-1882) e a revista *Nitheroy*. Criada por Magalhães, Porto Alegre e Torres Homem, publicados em Paris em 1836, são seis “manifestos”. Se na Europa o Romantismo é um protesto cultural, se o “mal do século”, a saudade do paraíso perdido são as consequências da industrialização e da ascensão da burguesia, no Brasil, onde a sociedade do Império compreende apenas grandes proprietários escravocratas e uma burguesia nascente, o movimento, produto de importação, corresponde a uma afirmação nacionalista.

TEYSSIER, Paul. *Dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 116.

Como se deu a afirmação nacionalista nas obras românticas brasileiras? Dê um exemplo literário que corrobore sua resposta.

EM13LGG604

3. Relacione o texto do crítico literário Antonio Candido com a heroína do romance *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

Enquanto se tratava de cantar as mães-pretas, os fiéis pais-joões, as crioulinhas peraltas, ia tudo bem; mas na hora do amor e do heroísmo, o ímpeto procurava acomodar-se às representações do preconceito. Assim, os protagonistas de romances e poemas, quando escravos, são ordinariamente mulatos, a fim de que o autor possa dar-lhes traços brancos e, deste modo, encaixá-los nos padrões da sensibilidade branca.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. p. 247-248.

**Frente 1**

**Capítulo 1 - Classes gramaticais e relações morfosintáticas**

**Revisando**

- |      |      |       |
|------|------|-------|
| 1. C | 5. C | 9. B  |
| 2. D | 6. D | 10. A |
| 3. B | 7. A |       |
| 4. A | 8. A |       |

**Exercícios propostos**

- |      |       |       |
|------|-------|-------|
| 1. E | 7. E  | 13. B |
| 2. E | 8. C  | 14. B |
| 3. B | 9. C  | 15. E |
| 4. B | 10. A | 16. C |
| 5. A | 11. E |       |
| 6. B | 12. D |       |

**Exercícios complementares**

- |      |       |        |
|------|-------|--------|
| 1. B | 7. C  | 13. A  |
| 2. E | 8. B  | 14. A  |
| 3. A | 9. A  | 15. A  |
| 4. E | 10. C | 16. 03 |
| 5. D | 11. E |        |
| 6. D | 12. D |        |

**BNCC em foco**

1. a) I. Substantivo  
II. Adjetivo  
III. Adjetivo  
IV. Verbo  
V. Substantivo
- b) Os adjetivos selecionados são adequados para a proposta da propaganda e caracterizam as vantagens que a empresa anunciante oferece na compra de um carro: facilidade, rapidez e segurança.
2. C
3. C

**Capítulo 2 - Construção do sintagma nominal**

**Revisando**

1. B
2. B
3. a) Não. Em “vozinha”, o efeito é de desprezo, minimização. Em “sorrisinho”, o sentido é de ironia.
- b) Resposta possível: “Os outros decidem dar uma festa para fazê-lo rir [...]. Todos realizam coisas engraçadas”.
4. C
5. B
6. E
7. E
8. A
9. A

**Exercícios propostos**

- |      |      |      |
|------|------|------|
| 1. E | 3. C | 5. B |
| 2. C | 4. B |      |

6. Autor defunto: o que faleceu deixando toda a sua obra (substantivo + adjetivo). Defunto autor: o que se torna escritor depois de morto (adjetivo seguido de substantivo).
7. D
8. Verdadeira. Ao ser feita uma comparação, o possível comprador sabe que o terreno anunciado não é tão bom.
9. E
10. E
11. A
12. A
13. D
14. C
15. A
16. a) O artigo “o”.
- b) Resposta possível: “o moço jovem” ou “a moça jovem”.
17. Soma: 01 + 08 + 16 = 25
18. D
19. D
20. Sim, pois o pronome “que” retoma o termo antecedente (Hospital St. Jude), ao qual se refere.
21. D
22. D
23. D
24. A
25. D
26. C
27. C
28. Os pronomes indefinidos são “ninguém” e “nenhum”. O sentido desses pronomes, no texto, é de não exatidão.
29. D
30. a) “Eu” refere-se a Calvin.
- b) “Isso” refere-se ao fato de Calvin dizer que vai “ter uma fala e tudo mais”.
- c) “Minha”.
31. A
32. D
33. D
34. C
35. D
36. O pronome relativo “cujo” estabelece uma relação de posse e refere-se à ministra do STF Rosa Weber.
37. E
38. A
39. B
40. D
41. B
42. C
43. D
44. D
45. C
46. A
47. C
48. Soma: 02 + 04 + 08 = 14

**Exercícios complementares**

1. D
2. a) “Empresários” e “protagonistas”.
- b) Na charge, o pescador representa os empresários das redes sociais que criaram ferramentas para mapear comportamentos, preferências de consumo e crenças, por exemplo, visando a tornar consumidores os usuários. Desse modo, o dilema não é a rede social, mas a intenção dos empresários com os dados que obtêm dos usuários dessas plataformas.
3. Falsa.
4. B
5. E
6. D
7. O diminutivo é utilizado para aproximar o leitor que não tem muita afinidade com a linguagem técnica empregada nos textos de divulgação científica. Outra possibilidade é o fato de que o diminutivo se relaciona com as minúsculas estruturas das moléculas.
8. D
9. C
10. C
11. C
12. D
13. D
14. B
15. C
16. E
17. C
18. C
19. D
20. A
21. C
22. 1. Correto. 2. Incorreto. 3. Correto. 4. Correto.



23. B                      27. C                      31. B  
 24. C                      28. A                      32. D  
 25. A                      29. C                      33. A  
 26. A                      30. C                      34. B

35. a) A relação entre o passado e o futuro está expressa em diversos elementos da peça publicitária. Os elementos visuais sugerem que a árvore (plano superior) e suas raízes (plano inferior) têm o mesmo tamanho e um formato semelhante, pois ocupam o mesmo espaço e se expandem em várias direções, destacando a importância das raízes (origem) para o desenvolvimento da árvore (futuro). O texto verbal reforça o sentido expresso pela imagem com o uso do verbo imperativo “Preserve”, e com o argumento de que as raízes são “a única esperança de futuro”. A afirmação de que as raízes são “seu passado” também indica que o termo “raízes” se refere tanto à parte da árvore quanto à tradição ou origem da humanidade. Assim, a peça publicitária relaciona o sentido de “raízes” com o passado, tanto da árvore quanto do ser humano, afirmando a necessidade de sua preservação para a garantia do futuro, pois, assim como as raízes possibilitam o crescimento da árvore, valorizar nossas origens e tradições garante o futuro da humanidade.
- b) O pronome possessivo “suas” apresenta ambiguidade, pois pode ser interpretado tanto se referindo ao leitor, em uma interlocução direta (você), quanto em referência à árvore (raízes dela). Essa ambiguidade possibilita que o termo “raízes” seja interpretado tanto como o passado/a origem da humanidade (no caso de “suas” se dirigir ao leitor), quanto como a parte da árvore que cresce para dentro do solo.

36. C  
 37. C  
 38. Soma:  $01 + 04 + 08 = 13$   
 39. E  
 40. E  
 41. B  
 42. Soma:  $01 + 02 + 04 + 32 = 39$   
 43. Relação de posse.  
 44. Verdadeira. “Neste sábado” faz referência ao sábado mais próximo à data de divulgação da notícia.  
 45. “Rota do ônibus” particulariza o ônibus, aquele dirigido pelo motorista da manchete. Se fosse “rota de ônibus”, poderia ser a rota de qualquer ônibus.  
 46. Soma:  $01 + 04 + 16 = 21$   
 47. a) Impreciso.  
 b) Sim, haveria mudança de sentido, pois “certa quantia” dá a ideia de valor indeterminado; já “quantia certa” passa a ideia de algo mais específico.  
 48. Soma:  $01 + 04 + 16 = 21$

#### BNCC em foco

1. D                      2. A                      3. C

## Capítulo 3 – Modalização, conexão e sentido

#### Revisando

1. A                      4. A                      7. A  
 2. B                      5. C                      8. B  
 3. C                      6. A                      9. A

#### Exercícios propostos

1. A                      3. D                      5. E  
 2. E                      4. E                      6. B  
 7. Soma:  $01 + 04 + 08 + 16 = 29$   
 8. Soma:  $01 + 16 = 17$   
 9. B  
 10. E  
 11. D  
 12. C  
 13. C  
 14. B  
 15. D  
 16. Soma:  $01 + 04 + 16 = 21$

#### Exercícios complementares

1. D                      7. E                      13. C  
 2. A                      8. A                      14. E  
 3. A                      9. C                      15. D  
 4. E                      10. A                      16. A  
 5. A                      11. A  
 6. C                      12. B

#### BNCC em foco

1. B  
 2. E  
 3. A

## Capítulo 4 – Estrutura e formação de palavras

#### Revisando

1. A                      5. A                      9. C  
 2. E                      6. C                      10. A  
 3. D                      7. A  
 4. C                      8. B

#### Exercícios propostos

1. B                      3. D                      5. B  
 2. E                      4. C  
 6. Soma:  $01 + 02 + 04 + 08 = 15$   
 7. D  
 8. a) No excerto, a contradição ocorre ao punir ou responsabilizar o grupo menos culpado pelo aquecimento global.  
 b) Palavras formadas com os prefixos “im-/in-”: “infinitesimal”, “imperceptível” e “invisível”. Palavras formadas com o prefixo “des-”: “desrazão” e “descarga”.  
 9. D                      11. C                      13. C  
 10. C                      12. C  
 14. a) A palavra “preariado” é formada por derivação sufixal de “precário + ado”. Precário é um adjetivo que significa aquele que tem “pouca ou nenhuma estabilidade”, e o sufixo “-ado” tem sentido de “semelhante a”. “Preariado” pode ser associado, pela sonoridade, a “proletariado” e “salarariado”. Assim, “preariado”, para o autor, remete à classe social do proletariado, que se encontra em situação precária profissional e social.

- b) “Com razão” é expressão circunstancial de afirmação (adjunto adverbial de afirmação), significando, no texto, que o autor concorda com a opinião de Ruy Braga.

15. B

16. Soma: 08

### Exercícios complementares

- |      |       |       |
|------|-------|-------|
| 1. C | 6. E  | 11. A |
| 2. C | 7. A  | 12. A |
| 3. B | 8. E  | 13. A |
| 4. D | 9. C  | 14. D |
| 5. D | 10. D |       |

15. Em “venda”, ocorre derivação regressiva, uma vez que o substantivo “venda” deriva do verbo “vender”. Já em “puxado”, ocorre derivação sufixal, uma vez que o sufixo “-ado”, relacionado à formação de um adjetivo, está unido ao radical “pux”; é possível também indicar a derivação imprópria nesse caso, uma vez que o adjetivo “puxado” é empregado como substantivo, determinado inclusive por um artigo.

16. E

### BNCC em foco

- |      |      |      |
|------|------|------|
| 1. C | 2. A | 3. E |
|------|------|------|

## Capítulo 5 – Sintaxe do período simples I

### Revisando

- A
- A
- D
- C
- A proposição é verdadeira, pois o verbo “dizer”, nas duas sentenças, é classificado sintaticamente como transitivo direto e indireto, pois precisa de dois complementos, um não preposicionado e outro preposicionado.
- E
- No título, “pela Globo” é o agente da passiva. Na voz ativa, o enunciado seria: “Globo engavetou última novela de Gilberto Braga”.
- C
- E

### Exercícios propostos

- No cartaz, há um período composto, formado por um verbo e uma locução verbal (“Pessoas idosas têm mais risco de serem atropeladas.”), e um período simples, composto de um verbo (“Dirija com atenção.”).
- B
- D
- C
- E
- a) Há duas frases em que é possível identificar a voz do narrador e de um dos personagens: “O Maligno resolveu, então, provocar o Senhor: que tal uma nova aposta?” e “Eu não conseguiria dormir, disse, à guisa de explicação”.
- b) No segundo parágrafo, o sujeito de “concentrasse” é oculto e, pelo contexto, refere-se ao diabo. No terceiro parágrafo, o sujeito de “Foi” é a oração “induzir um erro no sistema de pagamento de aposentadorias”.

- |      |       |
|------|-------|
| 7. E | 9. D  |
| 8. D | 10. E |

11. O predicado é nominal; no título, temos o sujeito “você”, o verbo de ligação “ser” e o predicativo do sujeito “insubstituível”.

- |                             |       |       |
|-----------------------------|-------|-------|
| 12. E                       | 21. D | 30. E |
| 13. C                       | 22. C | 31. A |
| 14. B                       | 23. A | 32. B |
| 15. E                       | 24. C | 33. C |
| 16. A                       | 25. B | 34. D |
| 17. B                       | 26. D | 35. A |
| 18. A                       | 27. A | 36. B |
| 19. B                       | 28. A | 37. A |
| 20. B                       | 29. B | 38. B |
| 39. Soma: 02 + 04 + 16 = 22 |       |       |
| 40. A                       | 43. D | 46. A |
| 41. B                       | 44. D | 47. A |
| 42. C                       | 45. C | 48. E |

### Exercícios complementares

- D
- a) Declarativa afirmativa.  
b) Declarativa negativa.  
c) Exclamativa.  
d) Imperativa.  
e) Interrogativa.
- E
- B
- B
- Os enunciados apresentados nesse diálogo constituem frases nominais e verbais, pois, de acordo com o contexto em que foram empregados, eles traduzem uma perfeita interlocução de acordo com a mensagem que ora se deseja transmitir, mesmo que de forma isolada. Então, dentro do contexto, eles fazem sentido.
- B
- a) É uma frase, pois não contém verbo e tem sentido completo.  
b) O enunciado contém duas orações, pois possui dois verbos.  
c) É uma frase, pois tem sentido completo e uma pausa pontuada (ponto-final), e também uma oração, pois possui um verbo (“fale”).  
d) É uma frase, pois tem sentido completo e uma pausa pontuada (ponto de exclamação), e também uma oração, pois possui um verbo (“guardem”).  
e) É uma frase, pois tem sentido completo e uma pausa pontuada (ponto de interrogação), e também é uma oração, pois possui um verbo (“tem”).
- A
- O sujeito do verbo “viveram” é “índios”.
- D
- A
- C
- B
- No enunciado I, temos um predicado verbal, pois o verbo “partilhar” precisa de complemento. No enunciado II, temos um predicado nominal, pois há um verbo de ligação e um predicativo do sujeito.
- D
- A
- C
- E
- A
- A
- E

24. As intenções comunicativas e o contexto de uso são importantes para a compreensão da ação verbal.
25. D
26. a) Partindo do pressuposto de que o enunciado “Homem é morto pela PM” está na voz passiva, o termo “pela PM” é o agente da passiva.
- b) Na voz ativa, o título fica da seguinte forma: PM mata o homem após perseguição de 10 quilômetros. Com essa alteração, o termo “PM” passa a ser sujeito da nova oração.
27. A
28. E
29. B
30. Os verbos “deram” e “imuniza” são transitivos diretos, pois exigem complemento sem preposição.
31. “Por um transplante” é objeto indireto, uma vez que o verbo “esperar”, no sentido de ter fé, ter esperança, é transitivo indireto. Já “um ato de amor e solidariedade” é predicativo do sujeito, pois é um termo que indica uma qualidade do sujeito e que se associa a ele por um verbo de ligação.
32. B
33. C
34. O termo “valor” é objeto direto do verbo “reconhecia”.
35. D
36. D
37. a) OD.
- b) OI.
- c) OD.
- d) OI.
38. D
39. Objeto direto.
40. E
41. D
42. D
43. “Carregamos” é verbo transitivo direto; “desenvolvemos” é verbo transitivo direto; “controlamos” é verbo intransitivo.
44. E
45. E
46. B
47. “Acaso” é um adjunto adverbial que indica incerteza.
48. C

### BNCC em foco

- E
- E
- O objetivo é conscientizar as pessoas sobre a necessidade de denunciar a violência doméstica. O verbo “machuca” é transitivo direto, tendo como complemento sem preposição o trecho “a família inteira”. Portanto, “machuca a família inteira” é predicado verbal.

## Frente 2

### Capítulo 1 – O que é literatura?

#### Revisando

- Na arte literária, a singularização é observada na maneira como o autor trabalha a linguagem. Dickinson usa a conotação, promovendo a plurissignificação do texto. Nesse sentido, a autora obscurece e dificulta a percepção do leitor, que pode encontrar diferentes chaves de leitura para o poema.

- As palavras são usadas no sentido conotativo. Sol: relacionado a uma experiência/situação de felicidade, de descoberta; sombra: relacionada a uma experiência/situação de dificuldade, em que é difícil ter esperança.
- C
- E
- B
- A
- Resposta possível:  
Metáfora: “o Amor é uma criança”. Antítese: “Coisas baixas e vis, sem o menor valor, pode invertê-las o amor em caráter e dignidade”. Prosopopeia: “O Amor não enxerga com os olhos, e sim com a mente”. Há outras possibilidades de resposta no trecho.
- C
- A obra pertence ao gênero dramático, devido ao uso de rubricas, do discurso direto e devido à ausência do narrador.
- Esse gênero aborda a expressão das emoções e do sentimento do eu; geralmente, é estruturado em versos e estrofes e utiliza recursos poéticos como o ritmo, a rima e a métrica.

### Exercícios propostos

- |      |      |       |
|------|------|-------|
| 1. C | 5. A | 9. A  |
| 2. E | 6. B | 10. C |
| 3. A | 7. D |       |
| 4. C | 8. D |       |
11. Por tratar-se de uma perspectiva pessoal do eu lírico, o texto pertence ao gênero lírico.
- |       |       |       |
|-------|-------|-------|
| 12. B | 14. B | 16. C |
| 13. C | 15. D | 17. E |

### Exercícios complementares

- |      |      |      |
|------|------|------|
| 1. B | 4. D | 7. E |
| 2. C | 5. D | 8. B |
| 3. D | 6. A | 9. B |
10. Na *Odisseia*, é possível observar que existe uma longa história de marginalização das mulheres no campo da política em diferentes momentos da História, o que contribui para a compreensão dos mecanismos que silenciam suas vozes até os dias atuais.
11. A primeira razão se refere à trama de tecido, bordado, e a segunda se relaciona ao artifício usado por Penélope para adiar um novo casamento.
12. B
13. a) A aliteração é uma figura de linguagem que consiste na repetição harmônica de sons consonantais, como a sequência da consoante “t” (*tea for two*, *tilintar*, *toda*); “j” (*juro* e *jazz*); “p” (*prosa*, *prêmio*, *pela pista* e *carapuça*); “b” (*branco* e *blue*).
- b) Os dois verbos são: “enfie” e “cante”. A frase “não é automatismo” pode ser compreendida como uma reafirmação da lógica da montagem, da justaposição de coisas que parecem, a princípio, díspares ou não sequenciais, mas que são deliberadamente compostas dessa maneira.
14. a) No mote, a busca pela amada é aproximada com a imagem da navegação. O uso de verbos como “partir”, “navegar” e “ir” indicam o movimento do eu lírico que sai da inércia e declara seus sentimentos.
- b) Os versos são heptassílabos, ou redondilha maior, isto é, possuem sete sílabas métricas.
15. a) A ambiguidade é gerada no duplo sentido das palavras “gênero” e “coletivos”. No contexto, é possível associá-las a

propriedades morfológicas dos substantivos, pois o poema é relacionado a uma gramática da língua portuguesa. Também é possível compreender as palavras em um contexto de comportamento identitário (ou sexual) e posicionamento de resistência social, já que a narrativa poética é protagonizada por mulheres, um grupo em constante luta por igualdade de direitos.

- b) A figura é a metonímia, estruturada no nome de um gramático, Celso Luft, usado para designar um grupo ou objeto de estudos.

16. C

17. A

### BNCC em foco

1. B

2. E

3. E

## Capítulo 2 – Origens da literatura em língua portuguesa

### Revisando

- A cantiga apresenta: eu lírico feminino, diálogo com um interlocutor, nesse caso elementos da natureza (flores do pinheiro, flores do verde rama), a expressão do sofrimento pela ausência do amado.
  - É possível perceber o uso do paralelismo no refrão e na repetição quase idêntica dos dois primeiros versos a cada duas estrofes. A linguagem da cantiga é simples.
  - A vassalagem amorosa é evidenciada pela subserviência com que o eu lírico se refere à amada, chamando-a de *mia senhor*. A coita do amor fica evidente na imagem de sofrimento criada pelo eu lírico, por meio da personificação para transferir para seus olhos o sofrimento de não ver sua amada; a presença dela tampouco traz alívio, pois, em sua presença, os olhos ficam cegos.
  - No trecho da peça em que o Diabo recebe o Corregedor, é possível perceber as acusações feitas em relação aos atos corruptos desse juiz, como aceitar suborno para praticar a justiça de forma arbitrária. O latim distorcido usado por Gil Vicente contribui com a crítica ao Corregedor, mas se trata de um recurso do autor e não propriamente de uma crítica ao latim usado pelos magistrados.
  - D. Manoel defende a arte em seu país, o que se verifica no trecho final do diálogo com Gil Vicente. A apreciação da arte pela Coroa portuguesa permitiu que Gil Vicente jantasse com desembargadores e não precisasse fugir dos cônegos. Com a análise desse contexto, é possível ver a relação íntima entre as questões políticas e as práticas artísticas.
6. B
7. E
8. D
9. A
10. Nos dois primeiros quartetos do soneto camoniano, nota-se que o amor apresenta o ideal neoplatônico, ou seja, há o desejo do eu lírico de que amador e coisa amada se tornem um só. No entanto, a conjunção adversativa “mas”, introdutória do primeiro terceto, evidencia que o eu lírico busca a forma e a matéria para a realização de seu amor. Nesse sentido, o antagonismo é evidente na oposição de ideias sobre o amor dispostas entre os tercetos e quartetos.

### Exercícios propostos

- |      |      |      |
|------|------|------|
| 1. C | 4. C | 7. E |
| 2. C | 5. C |      |
| 3. B | 6. D |      |
8. a) No poema “Cantiga”, de Airas Nunes, o eu lírico feminino estabelece uma interlocução com duas amigas/irmãs. No poema “Confessor medieval”, o eu lírico parece estabelecer uma interlocução com uma mulher a quem o “amigo” dirige perguntas.
- b) No primeiro poema, o eu lírico utiliza a primeira pessoa do plural. No segundo poema, o eu lírico utiliza a segunda pessoa do singular.
9. Ambos têm onze sílabas métricas, os chamados hendecassílabos, com acentos coincidentes na 5ª e na 11ª sílabas poéticas.
- |       |       |       |
|-------|-------|-------|
| 10. A | 13. E | 16. C |
| 11. B | 14. C | 17. E |
| 12. E | 15. D | 18. C |
19. a) Sim, há uma relação direta, pois ela era uma alcoviteira. Por isso, usa um discurso de sedução (“meus olhos, / prancha a Brísida Vaz!”) e de intimidade (“Barqueiro, mano...”; “meu amor, minhas boninas, / olhos de perlinhas finas!”).
- b) Não, pois o Anjo vicentino representa a natureza divina e incorruptível dos santos medievais, sendo assim, a sedução feminina ou a cumplicidade oferecida por uma alcoviteira não poderiam convencê-lo a deixá-la embarcar.
- |       |       |       |
|-------|-------|-------|
| 20. D | 24. E | 28. D |
| 21. D | 25. A | 29. A |
| 22. D | 26. E | 30. E |
| 23. E | 27. D |       |
31. Soma:  $01 + 02 + 04 + 16 = 23$
- |       |       |       |
|-------|-------|-------|
| 32. C | 33. B | 34. E |
|-------|-------|-------|

### Exercícios complementares

- |      |      |      |
|------|------|------|
| 1. A | 2. D | 3. E |
|------|------|------|
4. a) O poema organiza-se em duas séries de estrofes paralelas: a primeira série abrange as duas primeiras estrofes, e a segunda série abrange as duas últimas.
- b) Na primeira série, a ideia central é a ocupação da mulher. Na segunda, o sofrimento amoroso sentido pela mesma mulher.
5. a) A personagem é uma mulher formosa e de voz harmoniosa.
- b) Pode-se entender que o último verso atesta que a mulher considera o eu lírico um tipo de vidente, porque ele adivinha seu sofrimento de amor.
- |      |      |       |
|------|------|-------|
| 6. E | 8. B | 10. D |
| 7. D | 9. D | 11. D |
12. a) O fidalgo foi condenado pela tirania, por explorar o “pobre povo queixoso” e pela vaidade e arrogância (“[...] desprezastes os pequenos [...]”); o sapateiro foi condenado por ter roubado os próprios clientes usando de seu ofício (“[...] tu roubaste bem trint’anos/o povo com teu mester [...]”).
- b) Gil Vicente direciona sua crítica à hipocrisia religiosa, uma vez que as personagens fidalgo e sapateiro se apoiam nos dogmas cristãos com o intuito de alcançar a vantagem do paraíso celeste. Para eles, os ritos tradicionais, as orações e as missas servem como moeda de troca.
13. a) Os atos das personagens não correspondem à virtuosidade e ao ofício que desempenham. O Frade tinha uma amante, e o Major Vidigal realizava atos arbitrários característicos da corrupção.





26. D                      29. B                      32. A  
 27. E                      30. D  
 28. C                      31. C
33. O soneto de Gregório de Matos aborda a despedida de sua amada, marcada por sofrimento e lágrimas. Nos quartetos, a menção às lágrimas refere-se à transformação de sangue em água, sendo descritas como “correntes”, porque saem do coração de forma dolorosa. A segunda estrofe narra as lágrimas regando as flores, descritas como “neve derretida” ou “rosa desfolhada”, ou seja, simbolizam a perda amorosa.
34. B                      43. B  
 35. C                      44. D  
 36. A                      45. E  
 37. C                      46. B  
 38. Soma: 01 + 08 + 16 = 25      47. E  
 39. Soma: 04 + 08 + 16 = 28      48. F; F; V; F; V  
 40. A                      49. D  
 41. B                      50. E  
 42. E                      51. B

### Exercícios complementares

1. B  
 2. “o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente.”  
 3. A                      6. B                      9. E  
 4. D                      7. C                      10. E  
 5. C                      8. E
11. a) Não, pois a primeira expressão aparece no documento assinado pelo próprio arcebispo; já “índios patriotas” foi escrita na crítica de Jorge Amado ao religioso.  
 b) Sim, pois a prática antropofágica das tribos indígenas é aproximada do universo trivial da preparação de alimentos.
12. B                      15. C                      18. D  
 13. D                      16. C                      19. B  
 14. C                      17. A                      20. E
21. O poema trabalha com o contraste entre animais e homens – “alimárias” e “homem racional”. A dualidade reside no fato de o ser humano ter consciência, diferentemente dos demais animais, e ainda querer questionar as leis divinas, o que é característico do movimento Barroco.
22. A                      24. D  
 23. C                      25. A
26. O poeta Gregório de Matos utiliza o conceptismo. Essa estratégia visa a estabelecer uma relação inquestionável entre a salvação prevista no grande amor divino e o perdão a ser alcançado pelo eu lírico arrependido.
27. D                      33. Soma: 01 + 02 + 08 = 11  
 28. B                      34. E  
 29. A                      35. B  
 30. E                      36. D  
 31. E                      37. A  
 32. D
38. a) As aventuras marítimas, presentes nos versos “Iguar causa nos fez, perdendo o Tejo”; a boemia e diversos amores efêmeros, presentes em “Como tu, gostos vão, que em vão desejo”; e a realidade financeira, como se nota em “Ludíbrio, como tu, da Sorte dura”.

- b) Uma das semelhanças de estrutura entre os poetas é o uso do soneto como forma literária privilegiada, além do tema do sofrimento amoroso.

39. D                      42. E                      45. D  
 40. E                      43. B  
 41. B                      44. B  
 46. Soma: 01 + 04 + 08 = 13  
 47. E                      48. C                      49. A

### BNCC em foco

1. O Texto I explana sobre o padrão de estética e de beleza atual, que ignora o envelhecimento, vangloriando a juventude sem se atentar à finitude. Já o Texto II evidencia que os filtros usados nas redes sociais e a exposição constante do corpo e da face mudam o comportamento dos indivíduos, preocupados constantemente com a beleza virtual. No período do Barroco, diferentemente, os conflitos humanos e a instabilidade provocaram uma relação de angústia com a consciência da finitude da vida e da matéria humana, assim, o tema da efemeridade está presente nos poemas muito atrelado ao *carpe diem*, à necessidade de aproveitamento do momento presente.
2. Haroldo de Campos afirma que Antonio Cândido adotou a “orientação histórica”, que timbra em separar literatura, como “sistema”, de “manifestações literárias” incipientes e assistemáticas. Segundo Haroldo de Campos, são “dados como ‘históricos’”, mas apresentam “uma visão ‘desconstrutora’”, pois olham apenas para o país em formação no século XIX, quando este deixa de ser colônia. No entanto, para Haroldo, essa estrutura é um “juízo de valor”; logo, Gregório de Matos não deveria ter sido excluído da formação da literatura do Brasil.
3. No Texto I, a morte é apresentada como manifestação de alegria e festividade, sendo uma tradição para se comemorar os antepassados. Por essa razão, a decoração e a vestimenta nos eventos ocorridos no México são feitas de forma a celebrar os mortos. A imagem da morte presente no Texto II se associa a uma temática comum no século XVII: a consciência da finitude, para a qual o homem deveria se atentar, buscando a salvação da alma.

## Capítulo 4 – O Romantismo

### Revisando

1. No Romantismo, o sentimento de rebeldia contra as forças de poder vigentes geraram uma série de revoluções, impulsionadas pela burguesia, mas também por uma grande massa operária que vivia em miséria devido à cobrança de impostos. Ao escrever uma obra cujo personagem principal é um homem condenado por roubar um pão, Victor Hugo se mostra alinhado ao pensamento romântico de denunciar as injustiças sociais e a realidade de seu tempo.
2. A obra *A balsa da Medusa*, ícone do Romantismo francês, representa um acontecimento contemporâneo ao pintor, o naufrágio do navio *Medusa*. Até os primeiros anos do século XIX, os pintores retratavam um passado distante e idealizado, mas o desejo de denunciar injustiças e retratar a sociedade em que viviam deu abertura a essa mudança. O fato de o naufrágio estar ligado a um escândalo político também é um indício de que a obra quer chamar a atenção para as consequências dos jogos de poder para a sociedade que estava à mercê da nobreza. Os corpos dos naufragos suscitam uma imagem de luta pela sobrevivência. A cena pode ser relacionada à falta de esperança e ao abandono do sujeito. A escolha das cores, o mar agitado, o desespero das expressões e os corpos despedaçados dão um tom mórbido e violento ao quadro.

3. Observa-se no trecho que Almeida Garret discorre sobre o processo de criação de seu romance, explicando ao leitor que sua obra não segue uma moda, isto é, não recai em simples impressões de viagem. Esse tipo de recurso convida o leitor a refletir sobre a natureza ficcional do que está lendo, ou seja, chama a atenção para o fazer literário, a linguagem literária e a liberdade contida no gênero romance.
4. O eu lírico apresenta as contradições do sentimento amoroso, ideia evidente nos versos “Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida – e que a vida destrói”.
5. O poema apresenta grande sentimentalismo; o eu lírico fala da intensidade de seu amor e de seu tormento: “como eu amo!”; ele se volta ao seu estado interior: “Quem mo pôs aqui na alma”; compara sua vida anterior a um sonho, afirmando que sua vida começou somente quando viu sua amada: “E os meus olhos, que vagos giravam, / Em seus olhos ardentes os pus. / Que fez ela? eu que fiz? – Não no sei; / Mas nessa hora a viver comecei...”.
6. Nos romances, Herculano utiliza um pano de fundo histórico, como a invasão árabe, para produzir um romance que exalta o heroísmo do povo português. O patriotismo e o resgate da glória do povo eram os principais motes desse tipo de romance.
7. Primeira geração: as obras exaltam os indígenas e a exuberância da natureza do país; esses elementos são idealizados, com um forte apelo nacionalista, cujo objetivo é se desvencilhar do passado de colônia e enfatizar uma nova visão identitária.
- Segunda geração: leva as características do movimento ao extremo, sob uma forte influência de autores europeus como Lord Byron. Os poetas imprimem em suas obras um tom de desilusão, tédio e futilidade da existência, atraídos pela ideia da morte como libertação da limitação física.
- Terceira geração: é a geração do engajamento político e social, voltada para a denúncia da situação em que o país se encontrava. Os autores são influenciados, aqui, pela obra de Victor Hugo, resultando em uma poesia enfática, rebelde e inconformista.
8. É um guerreiro indígena, como confirmam os versos: “Quem vibra o tacape / Com mais valentia?; Quem guia nos ares / A frecha emplumada”.
9. O indígena é caracterizado como bravo, valente e hábil nos combates. Essa representação é típica da primeira fase do Romantismo brasileiro e da poesia indianista, que criava uma imagem idealizada dos povos indígenas.
10. Gonçalves Dias utiliza versos breves, optando pela redondilha menor, ou seja, cinco sílabas poéticas. Uma leitura em voz alta permite observar que o ritmo do poema é cadenciado e lembra um canto de guerra. Os sons são duros e vibrantes como os de um tambor.

### Exercícios propostos

- |      |      |      |
|------|------|------|
| 1. D | 4. A | 7. B |
| 2. A | 5. E | 8. C |
| 3. B | 6. D | 9. E |
10. a) O ideal de sociedade seria aquele em que há uma relação mais harmoniosa entre os indivíduos e as diferentes classes sociais. O ideal social do narrador está associado ao pensamento liberal que se pauta em uma forte crítica aos processos desumanos de produção e acumulação da riqueza por uma minoria em detrimento da maioria da sociedade.
- b) O tipo social mais criticado pelo narrador é o barão, que pode ser entendido como uma representação da nova burguesia que tomou de assalto o poder na virada do século XVIII para o século XIX e acabou reproduzindo os mesmos valores e comportamentos da velha aristocracia.

11. a) Ao final do livro, o autor utiliza as estradas como metáforas dos caminhos que poderiam ser traçados por Portugal. As estradas de papel remetem à literatura, lugar do sonho da reconstrução; as estradas de metal se relacionam com a industrialização e os nobres poderosos; as estradas de pedra apontam para o passado glorioso, evocado pelo escritor em vários momentos da narrativa.
- b) Carlos é a personagem-alvo de severas críticas por parte do narrador de *Viagens da minha terra*. Ele inicia sua caminhada como revolucionário liberal, mas, depois de reencontrar sua família e da revelação de que era filho de Frei Dinis, não retorna mais a Santarém. Envia uma carta a Joaquina revelando suas pretensões políticas e torna-se um barão. A trajetória de Carlos denuncia sua hipocrisia política e moral, mostrando como seus valores libertários foram corrompidos.

- |       |       |       |
|-------|-------|-------|
| 12. C | 18. D | 24. D |
| 13. C | 19. D | 25. C |
| 14. B | 20. C | 26. C |
| 15. B | 21. D | 27. E |
| 16. E | 22. E |       |
| 17. D | 23. E |       |

28. O tema presente na estrofe é a pátria. Álvares de Azevedo tem uma visão mais intimista do tema, trabalhando-o com grande subjetivismo. Já os poetas da primeira geração exaltavam a terra de origem com sentimento nacionalista, valorizando a natureza e a paisagem local.

29. B

30. A

31. Soma:  $04 + 16 = 20$

32. a) O eu lírico valoriza a amizade, que para ele se relaciona ao acolhimento, à aceitação, a um amor sem cobranças e desapontamentos, conforme indicado nas primeiras estrofes do poema.
- b) O gênero predominante no texto é o lírico, que expressa os sentimentos do eu poético. Esse recurso evidencia o subjetivismo e as dores do eu lírico, temas recorrentes entre os autores da segunda geração romântica, que valorizava a emoção, o tom intimista, a expressão das dores e sentimentos profundos, o escapismo e a relação entre vida e morte, entre outros aspectos.

- |                   |                          |
|-------------------|--------------------------|
| 33. C             | 41. B                    |
| 34. C             | 42. C                    |
| 35. C             | 43. B                    |
| 36. F; V; V; F; F | 44. D                    |
| 37. C             | 45. B                    |
| 38. A             | 46. Soma: $02 + 04 = 06$ |
| 39. E             | 47. E                    |
| 40. B             | 48. C                    |

### Exercícios complementares

1. C
2. C
3. a) Os trechos remetem a uma oposição que organiza o percurso narrativo: a natureza (campo) e a cidade (urbano). Tal oposição implica nos valores simbólicos de um espaço idílico e de um espaço social corrompido e deformado. Dentro desse universo diegético, esses espaços também simbolizam a identidade nacional portuguesa e aludem aos impasses e às tensões históricas vivenciados pelos portugueses no século XIX.





## Capítulo 1 – Classes gramaticais e relações morfossintáticas

A língua portuguesa tem dez classes de palavras.

### Substantivo

Palavra que nomeia, identifica e classifica a existência de algo. Os substantivos são divididos em subclasses: comuns (homem, mulher...), próprios (Brasil, Maria...), compostos (cachorro-quente, arco-íris...), primitivos (livro, lei...), derivados (livraria, ilegal...), coletivos (arquipélago, cardume...), abstratos (sonho, alegria...) e concretos (círculo, símbolo...).

### Adjetivo

Complementa o substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade. O adjetivo é um elemento qualificador, pois confere um sentido particular àquilo a que se refere. Ex.: Estudante inteligente.

### Artigo

Especifica o substantivo. Há duas subclasses para os artigos: os definidos (o, a, os, as) e os indefinidos (um, uma, uns, umas). Nos textos, o artigo pode funcionar como elemento que introduz, singulariza e evidencia o substantivo. Ex.: O melhor aluno.

### Numeral

Palavra que designa números. Os numerais podem ser: cardinais (um, dois...), ordinais (primeiro, segundo...), fracionários (meio, um terço...) e multiplicativos (dobro, triplo...). Em um texto, o numeral pode conferir maior objetividade à informação. Ex.: O Brasil tem 211,8 milhões de habitantes.

### Pronome

Palavra que se usa em lugar do substantivo ou que se refere a ele. Os tipos de pronomes são:

- **Pessoal:** indica as três pessoas do discurso (1ª, 2ª ou 3ª). Ex.: eu, tu, ele etc. (pronome reto); me, mi, te, ti, o, a, lhe, consigo etc. (pronome oblíquo).
- **Possessivo:** transmite a ideia de posse. Ex.: meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, nossa, vosso, vossa, seu, sua (e as variações no plural).
- **Demonstrativo:** assinala a posição dos objetos ou termos designados em relação às pessoas do discurso ou ao próprio

texto. Ex.: este, esta, esse, essa, aquele, aquela, mesmo, mesma, próprio, própria, tal, semelhante (e as variações no plural); isto, isso, aquilo.

- **Indefinido:** transmite uma informação indefinida. Ex.: algo, algum, alguém, ninguém, tudo, nada.
- **Relativo:** reproduz, em uma oração, o sentido de um termo ou da totalidade de uma oração precedente. O pronome “que” assume geralmente a função de relativo (Ex: Os alunos que se preparam bem foram classificados); quem, qual, cujo.
- **Interrogativo:** usado para formular perguntas diretas ou indiretas. Ex.: que, quem, qual, quanto.

### Verbo

Palavra que designa ações, estados ou fenômenos (verbos “ser” e “estar”). Varia em modo (indicativo, subjuntivo e imperativo), tempo verbal (presente, pretérito e futuro), pessoa (1ª, 2ª ou 3ª), número (singular e plural) e voz (ativa, passiva e reflexiva).

### Advérbio

Modifica os verbos e serve para expressar as circunstâncias relacionadas aos sentidos verbais. Há advérbios de afirmação (certamente), dúvida (talvez), intensidade (bastante), lugar (acima), modo (depressa), negação (nunca), tempo (amanhã), ordem (primeiramente), inclusão (inclusive) e designação (eis).

### Preposição

Organiza a sua volta outros vocábulos. As preposições mais comuns são: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, perante, sem, sob, sobre.

### Conjunção

Organiza as orações entre si. As relações lógicas estabelecidas pelas conjunções podem ser de: adição (ademais), oposição (porém), explicação (pois), conclusão (portanto), alternância (seja... seja), conformidade (conforme), temporalidade (quando), causalidade (visto que), finalidade (a fim de), entre outras.

### Interjeição

Exprime emoção: alegria (obal!), saudação (olá!), desejo (tomara!), dor (ai!), chamamento (psiu!), silêncio (quieto!), advertência (atenção!), incredulidade (ora!).

## Capítulo 2 – Construção do sintagma nominal

- O **sintagma nominal** é uma unidade significativa da oração cujo núcleo é um nome. Os substantivos ocupam o núcleo do sintagma nominal, os adjetivos funcionam como modificadores, e os artigos, numerais e pronomes atuam como especificadores.
- **Substantivos** são palavras que designam os nomes de seres, objetos, sentimentos, ideias, lugares e ações. Quanto ao sentido, os substantivos podem ser concretos ou abstratos; comuns ou próprios; e coletivos. Quanto à forma, os substantivos podem ser simples ou compostos; primitivos ou derivados. Os substantivos podem ser flexionados em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e tamanho (diminutivo e aumentativo).

Atenção: não se deve confundir sexo (masculino e feminino) com gênero gramatical, pois este se refere ao sistema linguístico e é uma convenção social.

O uso do diminutivo em substantivos pode indicar afeto (ex.: “Vem no colo, filhinha”) ou desdém (ex.: “Tinha que ser esse doutorzinho...”).

- **Adjetivos** são palavras ligadas ao substantivo que modificam seu sentido, acrescentando a ele uma qualificação. A posição do adjetivo (antes ou após o substantivo) pode alterar o sentido do texto. Ex.: “amigo velho” – “velho amigo”. Os adjetivos concordam com os substantivos e variam em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e grau (comparativo e superlativo).
- **Artigos** têm a função de especificar os substantivos, determinando-os ou indeterminando-os. São classificados em

“definidos” ou “indefinidos” e podem variar em gênero e número.

A presença do artigo permite substantivar a palavra que o acompanha, ou seja, mesmo que pertença a outra classe gramatical, uma palavra pode se tornar um substantivo se o artigo a anteceder. Ex.: O cantar dos pássaros; o verde das matas.

- **Numerais** têm a função de quantificar o substantivo a que faz referência. São classificados em cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

Número e numeral indicam quantidade, mas o primeiro refere-se ao registro por meio de algarismos, e o último, por meio de palavras.

Existem algumas expressões populares em que o numeral não é usado como indicador de quantidade, mas em seu sentido figurado. Ex.: Sou um aluno nota dez (sou um aluno muito bom).

- **Pronomes** são palavras que substituem ou acompanham outras palavras (como substantivos), demarcando as pessoas do discurso ou retomando palavras, expressões ou assuntos já mencionados.

Há uma grande variedade de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

- **Pronome pessoal:** indica as pessoas do discurso: quem fala, com quem se fala, de quem se fala. Pode ser classificado em: do caso reto e do caso oblíquo (átomos e tônicos).
  - **Pronome possessivo:** indica relação de posse entre duas palavras do enunciado.
  - **Pronome demonstrativo:** situa o substantivo em relação às pessoas do discurso, evidenciando a proximidade do referente – no tempo, no espaço, no texto – em relação a elas.
  - **Pronome indefinido:** indica uma referência genérica a alguma forma nominal, evidenciando uma informação indeterminada em relação ao substantivo a que se refere.
  - **Pronome interrogativo:** indica um termo utilizado para introduzir uma pergunta.
  - **Pronome relativo:** refere-se à retomada de elementos já mencionados no texto. Ele pode ser invariável ou variável (singular/plural; masculino/feminino).
- Algumas palavras podem mudar de classe morfológica quando analisadas dentro do seu contexto de uso.

## Capítulo 3 – Modalização, conexão e sentido

### Advérbio

Do ponto de vista morfológico, os advérbios são palavras invariáveis. É isso que os diferencia dos adjetivos, posto que muitos adjetivos funcionam como advérbios. No nível sintático, os advérbios se relacionam com o verbo, adjetivo e outro advérbio. Observe:

Os atletas são altos. (adjetivo)  
Ele fala muito alto. (advérbio)

### Tipos de advérbio

- **Afirmção:** realmente; certamente.
- **Dúvida:** talvez; porventura.
- **Intensidade:** bastante; menos.
- **Lugar:** dentro; fora.
- **Modo:** devagar; mal.
- **Negação:** nunca; jamais.
- **Tempo:** sempre; nunca.
- **Ordem:** primeiramente; ultimamente.
- **Inclusão:** somente; inclusive.
- **Designação:** eis.

### Palavras denotativas

Apresentam semelhanças morfológicas com os advérbios, tendo as finalidades:

- **Realce:** lá; cá; só; é que.
- **Retificação:** aliás; ou melhor; ou antes.
- **Situação:** afinal; agora; então.
- **Explicação:** isto é; por exemplo; ou seja.

### Modalização

Os advérbios (assim como outras unidades linguísticas) podem funcionar como modalizadores quando expressam alguma

avaliação ou julgamento do falante sobre a validade e o valor das informações. Os tipos de modalizadores são:

- **Modalização lógica** (indica certeza e possibilidade): certamente; evidentemente; talvez; é evidente que. Ex.: É certo que choverá amanhã.
- **Modalização apreciativa** (indica avaliação subjetiva): alegremente; felizmente; lamentavelmente. Ex.: Meu time perdeu o campeonato, infelizmente.
- **Modalização deontica** (indica um dever): deve ser; não pode; é preciso. Ex.: Tudo deve ser esclarecido.

### Grau comparativo e superlativo dos advérbios

Grau dos advérbios	
<b>Comparativo</b> Compara algo	
<b>De inferioridade:</b> Compara algo a outro, demarcando inferioridade. Composto de: menos + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu <b>menos rápido do que</b> eu.	
<b>De igualdade:</b> Compara algo a outro, demarcando igualdade. Composto de: tão/tanto + advérbio + quanto/como. Ex.: Ela correu <b>tão rápido quanto</b> eu.	
<b>De superioridade:</b> Compara algo a outro, demarcando superioridade. Composto de: mais + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu <b>mais rápido do que</b> eu.	
<b>Superlativo</b> Expressa qualidades em níveis elevados ou máximos	
<b>Absoluto analítico:</b> É acompanhado de outro advérbio que altera o grau de intensidade. Composto de: muito + advérbio. Ex.: Ela correu <b>muito rápido</b> .	
<b>Absoluto sintético:</b> Altera o advérbio devido ao uso de um sufixo. Composto de: advérbio + sufixo “-íssimo”. Ex.: Ela correu <b>rapidíssimo</b> .	

### Preposição

A preposição (pré+posição) serve de instrumento de ligação entre dois segmentos do enunciado, de modo que a sequência colocada após a preposição explica ou completa o sentido da sequência que precede a preposição.

Ex.: A prova do Enem é composta de questões objetivas e uma redação.

As preposições estabelecem uma coesão adequada entre verbo e complemento, além de interferir no sentido construído, sendo um recurso estilístico na compreensão textual. Observe:

Ele assiste ao filme. (assistir + preposição “a” tem sentido de presenciar, estar presente)

Ele assiste em São Paulo. (assistir + “em” tem sentido de residir, morar)

A preposição pode ligar termos de classes gramaticais iguais, como ocorre entre dois substantivos, (prova do Enem), e de classes gramaticais diferentes (composta de questões). As preposições podem ainda participar de diferentes construções, com distintas funções sintáticas: objeto indireto; complemento nominal; adjunto adnominal; adjunto adverbial; agente da passiva.

## Tipos de preposição

**Preposições essenciais:** a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

**Preposições acidentais:** afora, como, conforme, consoante, durante, exceto, malgrado, mediante, salvo, segundo.

Algumas preposições contraem-se com artigos (do, às, nas), pronomes (deles, àquela, naquele) e advérbios (daqui, dali). A preposição

“a” combina-se com o artigo masculino definido (ao, aos) e com o advérbio “onde” (aonde). Na contração, as preposições sofrem redução, já na combinação, a junção de uma preposição a outro termo não reduz ou altera as palavras. Há também preposições com mais de um elemento (desde... até, de...até) e preposições derivadas (durante, mediante, salvo etc.).

## Preposições e relações de sentido

<b>a</b>	meio; modo; tempo; destino
<b>de</b>	posse; causa; matéria; finalidade
<b>com</b>	instrumento (por meio de); companhia; conformidade; comparação
<b>em</b>	lugar; modo; tempo; estado ou qualidade
<b>para</b>	finalidade; lugar; falta
<b>sem</b>	privação; concessão

As locuções prepositivas, geralmente, são formadas pela junção de uma preposição essencial com um advérbio ou uma locução adverbial (depois de, junto a, apesar de, acima de, ao redor de, em frente a etc.). Também podem ser formadas por outras classes de palavras e mais de uma preposição (por causa de, com base em, a partir de, em vez de etc.).

## Capítulo 4 – Estrutura e formação de palavras

Os morfemas são as unidades mínimas das palavras que possuem significado próprio. Eles podem ser morfemas radicais ou afixais. Morfemas radicais são formados por uma parte invariável, que contém o sentido básico das palavras (a raiz), mais a vogal temática. Os morfemas afixais são os prefixos (“colados” antes do radical) e sufixos (“colados” depois do radical).

Os sufixos que formam verbos, chamados de morfemas verbais ou desinências verbais, podem ser:

- **Sufixos modotemporais:** indicam o tempo (presente, pretérito, futuro) e o modo verbal (indicativo, subjuntivo, imperativo);
- **Sufixos numeropessoais:** indicam o número (singular e plural) e a pessoa (1ª, 2ª e 3ª).

Os morfemas nominais ou desinências nominais agregam informações de gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) às palavras.

## Formação de palavras

Há dois principais processos de formação de palavras: a derivação e a composição. Na derivação, há apenas um radical e a ele são “colados” prefixos e/ou sufixos. Na composição, há ao menos dois radicais na formação da palavra, que preserva sua integralidade.

## Tipos de derivação

- **Prefixal:** forma-se uma palavra derivada com acréscimo de um prefixo. Ex.: infeliz.
- **Sufixal:** forma-se uma palavra derivada com acréscimo de um sufixo. Ex.: sozinho.
- **Parassintética:** acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo ao radical. Ex.: desalmado.
- **Prefixal e sufixal:** acréscimo não simultâneo de um prefixo e um sufixo ao radical. Ex.: deslealdade (existem os vocábulos desleal e lealdade)

- **Regressiva:** forma substantivos a partir de verbos. Ex.: atacar – ataque.
- **Imprópria ou conversão:** muda a classe gramatical de uma palavra para formar outra. Ex.: tinha um olhar triste (o verbo foi transformado em substantivo).

## Tipos de composição

- **Justaposição:** os dois termos conservam a sua integralidade. Ex.: cobra-cega.
- **Aglutinação:** há perda fonética ou silábica na composição. Ex.: planalto.
- **Hibridismo:** forma-se uma nova palavra a partir de elementos de línguas diferentes. Ex.: burocracia.

## Outros processos

- **Neologismo:** formação de novos termos ou expressões da língua. Ex.: umbigocentrismo.
- **Estrangeirismo:** processo que introduz palavras vindas de outros idiomas na língua portuguesa. Ex.: *playlist*.
- **Regionalismo:** palavras ou expressões de uma determinada região geográfica, decorrentes da cultura lá existente. Ex.: arretado (uso no Nordeste do país).
- **Arcaísmo:** palavras já em desuso na língua. Ex.: vossa mercê.
- **Gíria:** palavras e expressões formadas e/ou usadas para marcar a identidade de um grupo social. Ex.: “trolar”.
- **Abreviação:** processo por meio do qual ocorre a redução de uma palavra até o limite de sua compreensão. Ex.: foto (redução de “fotografia”), moto (redução de “motocicleta”).
- **Onomatopeia:** palavras que imitam sons. Ex.: nhac, cocorocó, buá, boom.

## Capítulo 5 – Sintaxe do período simples I

A sintaxe é a parte da gramática que trata da disposição das palavras na frase, da relação entre essas palavras, bem como das combinações. Distinções importantes:

- **Frase:** enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação dentro de um contexto. Pode ser constituída por uma única palavra ou por várias. Pode apresentar verbo ou não.
- **Oração:** enunciado que se organiza em torno de um verbo ou locução verbal.
- **Período simples:** constituído por apenas uma oração; portanto, organizado em torno de um verbo ou locução verbal.
- **Período composto:** constituído por mais de uma oração; portanto, organizado em torno de mais de um verbo ou locução verbal.

### Sujeito

O sujeito é o núcleo da ação verbal, sobre quem ou o que se fala.

- **Sujeito simples:** contém um único núcleo. Ex.: Ela fez um intercâmbio na Europa.
- **Sujeito composto:** contém dois ou mais núcleos. Ex.: Ela e seu irmão fizeram um intercâmbio.
- **Sujeito oculto ou desinencial:** está implícito na desinência verbal. Ex.: [Eu] Estudei muito ontem.
- **Sujeito indeterminado:** não é possível identificá-lo, seja pela falta dessa informação, seja pela construção de sentido do enunciado. Ex.: Necessita-se de emprego/Necessitam de emprego.
- **Sujeito inexistente (oração sem sujeito):** ocorre predominantemente com verbos que denotam fenômeno da natureza e que indicam tempo no geral (Ex.: Faz frio no sul do país./Venta muito na região.); verbos “haver” e “fazer” no sentido de tempo decorrido (Ex.: Faz cinco anos que me formei./Há pouco ela saiu.); verbo “haver” no sentido de existir ou acontecer (Ex.: Há muita coisa em jogo).

### Predicado

O predicado, cujo núcleo é um verbo, um nome ou um verbo e um nome, configura uma ação ou acontecimento ou um estado do sujeito.

- Se for um verbo significativo, isto é, configurar uma ação ou acontecimento, o predicado será verbal, pois seu núcleo informacional será o próprio verbo. Ex.: Os pacientes gostaram do atendimento médico.
- Se for um verbo não significativo (verbo de ligação), ou seja, configurar um estado ou característica do sujeito (predicativo do sujeito), o predicado será nominal. Ex.: Os pacientes estão em melhores condições.
- Se for constituído com dois núcleos informacionais, um verbo significativo e um predicativo do sujeito, o predicado será verbo-nominal. Ex.: Os espectadores saíram do teatro encantados.

## Verbo e transitividade

Transitividade é a propriedade sintática do verbo de receber complementos, que podem ser diretos ou indiretos.

Em relação à transitividade verbal, os verbos podem ser: transitivos diretos (V.T.D.), transitivos indiretos (V.T.I.), transitivos diretos e indiretos (V.T.D.I.) ou intransitivos (V.I.).

- **Verbo transitivo direto:** necessita de um complemento verbal direto (sem preposição). Ex.: Nossos amigos organizaram uma festa.
- **Verbo transitivo indireto:** necessita de um complemento verbal indireto (com preposição). Ex.: Nossos amigos gostaram da festa.
- **Verbo transitivo direto e indireto:** necessita de complementos de forma direta e indireta ao mesmo tempo. Ex.: Nossos amigos deram uma festa aos aniversariantes.
- **Verbo intransitivo:** não necessita de complementos. Ex.: Nossos amigos viajaram.

## Complementos verbais

O complemento verbal pode ser de dois tipos:

- **Objeto direto:** trata-se do complemento do verbo transitivo direto, ou do complemento verbal sem preposição (porque o verbo não a exige). Ex.: A mãe abraçou seus filhos.
- **Objeto indireto:** trata-se do complemento do verbo transitivo indireto, ou do complemento verbal com preposição (quando a preposição é uma exigência do verbo). Ex.: A mãe gosta do abraço dos filhos.

## Agente da passiva e adjunto adverbial

Assim como os complementos verbais, o agente da passiva e o adjunto adverbial são termos associados ao verbo.

### Agente da passiva

Termo que, na oração em voz passiva analítica, designa o agente da ação verbal. Introduzida pela preposição “por” ou “de” (e derivados), o agente da passiva está sempre ligado ao verbo. Quando uma oração apresenta um verbo constituído com o objeto direto (voz ativa, sujeito agente), ela pode assumir a forma passiva; havendo a passiva analítica, pode-se ter agente da passiva. Exemplo:

<b>Os malfeitores</b>	<b>foram detidos</b>	<b>pelos policiais.</b>
sujeito paciente	locução verbal	agente da passiva
<b>Os policiais</b>	<b>detiveram</b>	<b>os malfeitores.</b>
sujeito simples	verbo transitivo direto	objeto direto

### Adjunto adverbial

O adjunto adverbial modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio. Do ponto de vista semântico, fornece uma informação de: lugar, tempo, modo, intensidade, afirmação, negação, dúvida, ordem, inclusão ou exclusão, entre outros.



## Capítulo 1 – O que é literatura?

- Desde a Antiguidade Clássica, diversos pensadores se propõem a desenvolver um conceito de literatura. Aristóteles foi um dos primeiros a distinguir o texto literário dos demais.
- No início do século XX, críticos literários, conhecidos como formalistas russos, definiram a literatura como uma organização particular da linguagem.
- Segundo o formalismo russo, o que distingue um texto comum de uma obra literária é a literariedade.
- A linguagem literária é conotativa, plurissignificativa e singularizada. O uso de figuras de linguagem é comum.
- As figuras de linguagem podem ser: figuras de palavras (metáfora, metonímia e sinestesia); figuras de construção (elipse, hipérbato, pleonasma, silepse); figura de pensamento (antítese, eufemismo, hipérbole, paradoxo, prosopopeia); figuras de som (aliteração, assonância, onomatopeia).
- A intertextualidade é uma propriedade do texto literário que retoma, dialoga, absorve e transforma os textos.
- Os gêneros literários permitem classificar e aproximar as obras literárias com base em suas características.
- A primeira categorização de obras literárias foi feita por Aristóteles, que delineou as características dos gêneros épico, lírico e dramático.
- Os elementos da narrativa são: foco narrativo, personagem, tempo, espaço e enredo.
- Os recursos poéticos são: rima, métrica, ritmo.

## Capítulo 2 – Origens da literatura em língua portuguesa

### Trovadorismo

- O Trovadorismo é um dos primeiros movimentos literários desenvolvidos em Portugal.
- O movimento é predominantemente poético. Os poemas são compostos para serem acompanhados por instrumentos musicais e, em alguns casos, por dança.
- As cantigas eram registradas em cancionários e se classificam em cantigas líricas e cantigas satíricas.
- As cantigas líricas podem ser de amor (eu lírico masculino e linguagem elaborada) ou de amigo (eu lírico feminino e linguagem simples).
- O amor cortês, a coita de amor, a vassalagem amorosa são algumas das características mais comuns das cantigas trovadorescas.
- As cantigas satíricas podem ser de escárnio (crítica indireta) ou de maldizer (crítica direta).
- Na prosa, destacam-se as novelas de cavalaria, originadas dos poemas épicos chamados canções de gesta.

### Humanismo

- Período de transição, entre a Idade Média e o Renascimento, compreendido entre os séculos XIV e XV em que houve mudanças significativas na visão do homem sobre o mundo.
- Momento em que os dogmas religiosos da era medieval convivem com o pensamento antropocêntrico e a forma humanista de interpretação do mundo.
- Em Portugal, o Humanismo foi marcado pelo reinado da Dinastia de Avis, que permitiu ao país o pioneirismo e a liderança nas Grandes Navegações.

- A produção literária é dividida em poesia palaciana, crônicas e teatro. A poesia busca sofisticação, rompendo com a musicalidade das cantigas trovadorescas. As crônicas registram os acontecimentos históricos das principais dinastias. As peças de cunho moralizante dão destaque aos autos.
- Fernão Lopes, cronista-mor da coroa, registrou em suas crônicas os episódios da vida dos reis e dos nobres, abordando também a vida do povo e da nação portuguesa.
- Gil Vicente, pai do teatro popular português, escreveu farsas e autos com o intuito de promover entretenimento, marcando também sua crítica sobre os costumes da época. Entre suas principais peças estão *Auto da Barca do Inferno* e *Farsa de Inês Pereira*.

### Classicismo

- O Classicismo é o movimento literário do Renascimento que retoma os valores greco-romanos, o Bem, o Belo e a Verdade, além de marcar o fim da Idade Média.
- A produção artística teve como base o pensamento racionalista, no equilíbrio e na simetria das formas e no cânone ideal das proporções. Nesse sentido, as obras buscam ser miméticas, e a representação da natureza tende à perfeição.
- As Grandes Navegações ampliaram o território e a nova visão de mundo, tendo Portugal como líder no processo de expansão marítima. O Classicismo português teve início com o retorno de Sá de Miranda da Itália (1527), berço da “medida nova”, introduzida em Portugal a partir de então. Esse estilo novo, marcado pelos versos decassílabos, foi difundido pelo poeta Luís Vaz de Camões.
- Camões, grande nome do Classicismo português, destacou-se pela vasta obra lírica marcada, principalmente, pelos sonetos, que apresentam as reflexões sobre o amor e o desconcerto do mundo. *Os Lusíadas* é o poema épico camoniano em que são celebrados os feitos heroicos do povo português.

## Capítulo 3 – Literatura colonial no Brasil

### Quinhentismo

- O período colonial no Brasil é marcado pelo evento da chegada dos portugueses à nova terra conquistada pela Coroa em 22 de abril de 1500. As características do território foram registradas nos textos informativos que exploravam os aspectos da natureza exuberante e dos costumes dos nativos. Posteriormente, esses elementos surgiram em pinturas, como nas paisagens de Frans Post e nos registros sobre os “tipos humanos” de Albert Eckhout.
- A Carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, é o principal texto escrito no primeiro contato dos portugueses com a terra brasileira. Com o intuito de informar a D. Manuel sobre as características da fauna, da flora e dos habitantes, o autor busca detalhar as características físicas e culturais dos indígenas, além de registrar o interesse mercantil e evangelizador dos portugueses.
- Os jesuítas foram personagens importantes na história da colonização, sendo seu maior representante o Padre José de Anchieta, autor de diversos textos com inspiração medieval, cujo objetivo era pedagógico. Entre os autos e poemas de destaque, o *Auto da Festa de São Lourenço*, por meio de seus personagens alegóricos, demonstra a dualidade entre bem e mal para conscientizar os indígenas e promover a sua conversão.
- A imagem silvestre do território nacional e a dos indígenas foram ressignificadas ao longo dos séculos na arte e na literatura do Brasil. Atualmente, pautas importantes sobre o patrimônio cultural indígena buscam as referências do passado histórico para rever o lugar da tradição dos povos nativos, a demarcação de terras (TIs) e a luta para garantir seus direitos.

### Barroco

- As disputas religiosas ocorridas entre a Reforma Protestante e a Contrarreforma marcam o período Barroco, provocando o dilema de valores. O homem já havia ampliado sua perspectiva humanista no período do Renascimento e retorna aos dogmas teocêntricos. Esse confronto provoca dualidade, questionamentos e traz à tona temas, como a fragilidade humana, a contradição e a efemeridade das coisas terrenas.

- A linguagem barroca adota recursos que expressam a angústia, o sofrimento e a oscilação entre o pecado e a salvação, a vida terrena e a vida celestial, o divino e o profano. As figuras de linguagem surgem no texto barroco na construção dessa temática dualística: metáfora, antítese, paradoxo, hipérbato, hipérbole etc.
- O conceptismo é a vertente barroca que trabalha com o jogo de ideias, enquanto o cultismo lança mão do jogo de palavras e imagens.
- Padre Antônio Vieira é o sermoneiro de destaque no período, sendo sua produção luso-brasileira uma representação literária e política, dados os temas abordados em seus textos, o que lhe rendeu inimizades e prisão pelos censores da Santa Inquisição.
- Gregório de Matos Guerra é o primeiro poeta brasileiro, cuja produção se divide em poesia de circunstância, poesia lírica e poesia religiosa. Sua postura irreverente e as críticas ácidas direcionadas a todos os segmentos sociais lhe deram a alcunha de “Boca do Inferno”.

### Arcadismo

- O Arcadismo é um movimento literário ocorrido no século XVIII que privilegia o espaço bucólico, reverenciando a natureza como sinônimo da Verdade, da Razão e da Beleza.
- O retorno ao modelo greco-romano e aos preceitos da arte clássica são a razão de o movimento ser considerado neoclássico, o que denota a presença da mitologia na poesia árcade. Os autores adotam pseudônimos para delegar a poesia a um pastor que vive em meio à natureza, conclamando sua musa inspiradora a desfrutar dos prazeres de uma vida humilde.
- Os temas latinos que representam o ideal árcade de romper com a ornamentação e a luxuosidade são: *locus amoenus*, *aurea mediocritas*, *fugere urbem*, *inutilia truncat* e *carpe diem*.
- Na lírica, os principais poetas são Cláudio Manuel da Costa, de pseudônimo Glauceste Satúrnio, e Tomás Antônio Gonzaga, com o pseudônimo Dirceu.
- As principais obras da épica árcade são *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa, *O Uruguai*, de Basílio da Gama, e *Caramuru*, de Santa Rita Durão.

## Capítulo 4 – O Romantismo

### Origens do Romantismo

- Mudanças sociais: Revolução Francesa e Revolução Industrial.
- Inglaterra e Alemanha: berços do Romantismo; França: a grande divulgadora de ideias.
- Queda do absolutismo e ascensão da burguesia.
- Liberdade artística.
- Sentimentalismo, subjetividade, individualidade, idealização do amor, da mulher amada e do herói, ligação com a natureza, nacionalismo, misticismo e inovação.
- Predominância da emoção sobre a razão.

### Romantismo em Portugal

- Contexto sociopolítico conturbado.
- Literatura como instrumento de crítica social.
- Exaltação do passado da nação.

- A figura do herói.
- Perfil literário dos principais nomes do Romantismo português.

### Romantismo no Brasil: 1ª geração

- Contexto sociopolítico: Independência e busca por uma nova identidade nacional.
- Crescimento do cenário cultural; abertura de portos; intercâmbio de ideias com outras capitais europeias.
- O indianismo: eleição do indígena como herói nacional.
- Exaltação da natureza exótica do país.
- A idealização dos símbolos nacionais e a discrepância com a realidade.
- Perfil literário de Gonçalves Dias, principal poeta dessa geração.

### Romantismo no Brasil: 2ª geração

- Geração ultrarromântica: exacerbação das características da estética romântica.

- Influência de Lord Byron, Percy Bysshe Shelley e Johan Wolfgang von Goethe.
- Subjetividade, atração pela morte, melancolia, sentimentalismo, morbidez e tédio.
- Perfil literário de Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu.

### **Romantismo no Brasil: 3ª geração**

- Literatura e sua função política.
- Fortalecimento do movimento abolicionista por meio da poesia social.
- A pessoa escravizada representada no centro das obras.
- Perfil literário de Castro Alves: poesia social e lírica amorosa.

### **A prosa romântica**

- A influência burguesa na ascensão do gênero romance.
- Senso de individualidade exacerbado e apreço pela vida doméstica.
- O papel do romance no imaginário popular e na formação de identidade.
- A imprensa, o folhetim e o livro.
- Os tipos de romance: urbano ou de costumes, regionalista, histórico e indianista.
- Perfil literário de Joaquim Manuel de Macedo, Maria Firmina dos Reis e Bernardo Guimarães.

## Exercícios propostos

### 1. UEPG-PR

#### Prova de amor

“Meu bem, deixa crescer a barba para me agradar”, pediu ele.

E ela, num supremo esforço de amor, começou a fiar dentro de si e a laboriosamente expelir aqueles novos pelos, que na pele fechada feriam caminho.

Mas quando, afinal, doce barba cobriu-lhe o rosto, e com orgulho expectante entregou sua estranheza àquele homem: “Você não é mais a mesma”, disse ele.

E se foi.

Adaptado de: COLASSANTI, Marina. *Contos de amor rasgados*. Rio de Janeiro, Rocco, 1986. p. 165.

Com relação ao texto, assinale o que for correto.

- 01 Por meio da linguagem literária, a autora cria uma situação fictícia para analisar as relações humanas.
- 02 O texto é um exemplo de texto literário em prosa.
- 04 Com o desfecho, mostra-se a decepção do homem com a falta de amor da mulher por ele.
- 08 Pela característica idealizada das personagens do texto, pode-se afirmar que a autora Marina Colassanti foi uma das principais autoras do Romantismo brasileiro.

Soma:

2. **ITA-SP 2014** Considere o poema abaixo, de Carlos Drummond de Andrade, à luz da reprodução da pintura de Edvard Munch a que ele se refere.



O grito – Edvard Munch (1863-1944), Noruega.

#### O grito (Munch)

A natureza grita,  
apavorante.  
Doem os ouvidos,  
dói o quadro.

O texto de Drummond

- I. traduz a estreita relação entre a forma e o conteúdo da pintura.
- II. mostra como o desespero do homem retratado repercute no ambiente.
- III. contém o mesmo exagero dramático e aterrorizante da pintura.
- IV. interpreta poeticamente a pintura.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I e II.
- b) apenas I, II e IV.
- c) apenas II, III e IV.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

3. **IFCE 2016** Analise os trechos de músicas a seguir levando em consideração as figuras de linguagem.

- I. “Não existiria som se não houvesse o silêncio/Não haveria luz se não fosse a escuridão/A vida é mesmo assim/Dia e noite, não e sim.” (Lulu Santos/Nelson Mota)
- II. “Chove chuva, chove sem parar” (Jorge Ben Jor)
- III. “Mentes tão bem que parece verdade, o que você me fala/Vou acreditando” (Zezé Di Camargo e Luciano)
- IV. “Te trago mil rosas roubadas/Pra desculpar minhas mentiras/Minhas mancadas” (Cazuza)

Indica a correspondência correta a alternativa:

- a) I. Paradoxo, II. Aliteração, III. Ironia, IV. Sinestesia.
- b) I. Pleonasma, II. Anacoluto, III. Metáfora, IV. Hipérbole.
- c) I. Antítese, II. Comparação, III. Ironia, IV. Hipérbole.
- d) I. Antítese, II. Pleonasma, III. Ironia, IV. Hipérbole.
- e) I. Metáfora, II. Polissíndeto, III. Zeugma, IV. Hipérbole.

4. **Fuvest-SP 2015** Leia o poema de Drummond para responder às questões relativas a dois versos de sua última estrofe.

#### Elegia 1938

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,  
onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo.  
Praticas laboriosamente os gestos universais,  
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,  
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a  
[concepção.

À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze  
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra  
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de  
[morrer.

Mas o terrível despertar prova a existência da Grande  
[Máquina  
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis palmeiras.

Caminhas entre mortos e com eles conversas  
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.  
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.  
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota  
e adiar para outro século a felicidade coletiva.  
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta  
[distribuição  
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do mundo*.



Considerando-se a “Elegia 1938” no contexto de *Sentimento do mundo*, explique sucintamente

- a que se refere o eu lírico com a expressão “felicidade coletiva”?
- o que simboliza, para o eu lírico, a “ilha de Manhattan”?

## 5. UFBA



MAURÍCIO. Magali: a lei de Newton. *Almanaque Historinhas de duas páginas: Turma da Mônica*, São Paulo: Maurício de Souza Ed., n. 05, maio 2010. p. 5-6.

MAURÍCIO. Magali: a lei de Newton. *Almanaque Historinhas de duas páginas: Turma da Mônica*, São Paulo: Maurício de Souza Ed., n. 05, maio 2010. p. 5-6.

Leia a história com atenção e retextualize-a como uma narrativa verbal – sem imagens – que apresente os ingredientes essenciais a uma narrativa padrão: lugar, tempo, personagem, enredo e narrador.

## Exercícios complementares

### 1. FICSAE-SP 2020



(Charles M. Schulz. *É hora da escola, Charlie Brown*, 2014.)

Contribui para o efeito de humor do cartum o recurso à seguinte figura de linguagem:

- sinestesia.
- personificação.
- pleonasma.
- eufemismo.
- paradoxo.

**2. ITA-SP 2015** O poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto, integra o livro *A escola das facas*.

A voz do canavial  
Voz sem saliva da cigarra,  
do papel seco que se amassa,  
de quando se dobra o jornal:  
assim canta o canavial,  
ao vento que por suas folhas,  
de navalha a navalha, soa,  
vento que o dia e a noite toda  
o folheia, e nele se esfolia.

Sobre o poema é incorreto afirmar que a descrição

- a) compara o som das folhas do canavial com o da cigarra.
- b) põe em relevo a rusticidade da plantação de cana-de-açúcar.
- c) destaca o som do vento que passa pela plantação.
- d) associa o som do canavial com o amassar das folhas de papel.
- e) faz do vento a navalha que corta o canavial.

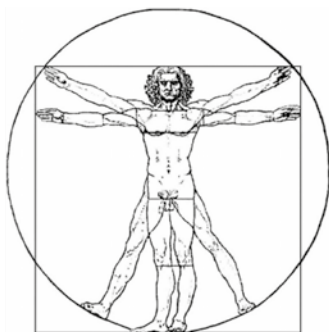
## Exercícios propostos

1. **PUC-RS 2020** Consagrai-vos a dois gêneros de estudos. Em primeiro lugar deveis adquirir um conhecimento das letras, não vulgar, mas sério e aprofundado.... Depois, familiarizai-vos com a vida e as boas maneiras – aquilo a que se chamam de estudos humanos, pois que eles embelezam os homens. Neste domínio os vossos conhecimentos devem ser extensos, variados e hauridos em todas as espécies de experiências, sem nada negligenciar daquilo que possa contribuir para a conduta da vossa vida, para a vossa glória e a vossa reputação. Aconselho-vos a ler os autores que possam ajudar-vos, não somente pelo seu assunto, mas também pelo esplendor de seu estilo e seu talento literário, a saber: as obras de Cícero e as de todos aqueles que se aproximam do seu nível..., pois quereria que um homem distinto seja muito erudito e capaz de dar aos seus conhecimentos uma formulação elegante... É por isso que não se deve somente seguir as lições dos mestres, mas também instruir-se com os poetas, os oradores e os historiadores, para adquirir um estilo elegante, eloquente...

BRUNI, Leonardo. "Correspondência". In: FREITAS, Gustavo. 900 Textos e documentos de História. Lisboa: Bertrand, 1976. p. 143.

Com qual dos movimentos intelectuais do período moderno o texto se relaciona?

- a) Romantismo.                      c) Iluminismo.  
b) Humanismo.                      d) Idealismo.
2. **Uema 2017** A imagem a seguir, conhecida como "Homem Vitruviano" (1492), foi desenhada por Leonardo da Vinci e constitui-se em um símbolo do movimento renascentista.



[www.papelcomarte1.blogspot.com.br/2014/03/o-homem-vitruviano](http://www.papelcomarte1.blogspot.com.br/2014/03/o-homem-vitruviano).

A análise da imagem permite afirmar que uma das características do Renascimento cultural é o(a)

- a) resgate dos valores da Antiguidade Clássica como o teocentrismo.  
b) fortalecimento dos valores cristãos na definição do destino humano.  
c) valorização da figura do Homem como centro do Universo.  
d) permanência da supremacia da fé sobre a razão.  
e) supremacia da Teologia sobre o Humanismo.

3. **Urca-CE 2018** São os principais representantes, na literatura portuguesa, do Classicismo:
- a) Gregório de Matos, Augusto dos Anjos, Padre José de Anchieta e Almeida Garret.  
b) Luís de Camões, Gregório de Matos, Augusto dos Anjos e Antero de Quental.  
c) Luís de Camões, Sá de Miranda, Antônio Ferreira e Bernardim Ribeiro.  
d) Almeida Garret, Florbela Espanca, Eça de Queiroz e Antônio Ferreira.  
e) Antero de Quental, Ricardo Reis, Padre Antônio Vieira.
4. **UPE 2016** Aristóteles, ao admitir a arte como recriação da realidade, também sistematizou e organizou parâmetros, em seu livro *Arte Poética*, para distinguir os tipos de produção literária existentes na época. Hoje denominamos esses três diferentes tipos de texto de lírico (palavra cantada), épico (palavra narrada) e dramático (palavra representada). Partindo dos conceitos acima expressos, leia os três textos a seguir:

### TEXTO 1

#### Corridinho

O amor quer abraçar e não pode.  
A multidão em volta,  
com seus olhos cediços,  
põe caco de vidro no muro  
para o amor desistir.  
O amor pega o cavalo,  
desembarca do trem,  
chega na porta cansado  
de tanto caminhar a pé.  
O amor usa o correio,  
o correio trapaceia,  
a carta não chega,  
o amor fica sem saber  
se é ou não é.  
Fala a palavra açucena,  
pede água, bebe café,  
dorme na sua presença,  
chupa bala de hortelã.  
Tudo manha, truque, engenho:  
é descuidar, o amor te pega,  
te come, te molha todo.  
Mas água o amor não é

(Adélia Prado)

### TEXTO 2

Enquanto isto se passa na formosa  
Casa etérea do Olimpo onipotente,  
Cortava o mar a gente belicosa  
Já lá da banda do Austro e do Oriente,  
Entre a costa Etiópica e a famosa  
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente  
Queimava então os Deuses que Tifeu  
Co temor grande em peixes converteu.

Tão brandamente os ventos os levavam  
Como quem o Céu tinha por amigo;  
Serenos o ar e os tempos se mostravam,  
Sem nuvens, sem receio de perigo.  
O promontório Prasso já passavam  
Na costa de Etiópia, nome antigo,  
Quando o mar, descobrindo, lhe mostrava  
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.

(Camões)

### TEXTO 3

Entra Todo o Mundo, rico mercador, e faz que anda buscando alguma cousa que perdeu; e logo após, um homem, vestido como pobre. Este se chama Ninguém e diz:

Ninguém: Que andas tu aí buscando?

Todo o Mundo: Mil cousas ando a buscar: delas não posso achar, porém ando porfiando por quão bom é porfiar.

Ninguém: Como hás nome, cavaleiro?

Todo o Mundo: Eu hei nome Todo o Mundo e meu tempo todo inteiro sempre é buscar dinheiro e sempre nisto me fundo.

Ninguém: Eu hei nome Ninguém, e busco a consciência.

Belzebu: Esta é boa experiência: Dinato, escreve isto bem.

Dinato: Que escreverei, companheiro?

Belzebu: Que ninguém busca consciência. e todo o mundo dinheiro.

Ninguém: E agora que buscas lá?

Todo o Mundo: Busco honra muito grande.

Ninguém: E eu virtude, que Deus mande que tope com ela já.

Belzebu: Outra adição nos acude: escreve logo aí, a fundo, que busca honra todo o mundo e ninguém busca virtude.

(Gil Vicente)

Analise as afirmativas a seguir e coloque V nas Verdadeiras e F nas Falsas.

- Os três textos, consoante Aristóteles, pertencem aos gêneros dramático, lírico e épico, respectivamente.
- O texto 2 expressa uma visão do sentimento amoroso, traduzida por uma voz lírica emotiva, que corresponde ao eu poético criado pelo autor.
- O texto 2 traz o relato do início da viagem de Vasco da Gama, recurso usado por Camões para narrar a história do povo lusitano, em *Os Lusíadas*, única epopeia em Língua Portuguesa.

■ O texto 3 é um fragmento do Auto da Lusitânia, em que o autor Gil Vicente critica os vícios humanos com base nas ações de quatro personagens: Todo o Mundo, Ninguém, Dinato e Belzebu.

■ O texto 3 retrata uma realidade social que perdura até os dias atuais, o que justifica o fato de as peças vi-centinas serem consideradas atemporal e aespacial. É a atualidade dos temas utilizados pelo teatrólogo medieval, que torna suas peças aceitas por expectadores de diferentes épocas.

Assinale a alternativa que contém a sequência CORRETA.

- a) F – F – F – V – F
- b) V – V – V – F – F
- c) V – V – F – F – F
- d) F – V – F – V – F
- e) F – F – V – V – V

### 5. Unicamp-SP 2016

Leia o soneto abaixo, de Luís de Camões:

“Cá nesta Babilônia, donde mana  
matéria a quanto mal o mundo cria;  
cá donde o puro Amor não tem valia,  
que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

cá, onde o mal se afina e o bem se dana,  
e pode mais que a honra a tirania;  
cá, onde a errada e cega Monarquia  
cuida que um nome vão a desengana;

cá, neste labirinto, onde a nobreza,  
com esforço e saber pedindo vão  
às portas da cobiça e da vileza;

cá neste escuro caos de confusão,  
cumprindo o curso estou da natureza.  
Vê se me esquecerei de tí, Sião!”

Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2015.

- a) Uma oposição espacial configura o tema e o significado desse poema de Camões. Identifique essa oposição, indicando o seu significado para o conjunto dos versos.
- b) Identifique nos tercetos duas expressões que contemplam a noção de desconcerto, fundamental para a compreensão do tema do soneto e da lírica camoniana.



## Exercícios propostos

### 1. Enem 2014

Quando Deus redimiu da tirania  
Da mão do Faraó endurecido  
O Povo Hebreu amado, e esclarecido,  
Páscoa ficou da redenção o dia.

Páscoa de flores, dia de alegria  
Àquele Povo foi tão afligido  
O dia, em que por Deus foi redimido;  
Ergo sois vós, Senhor, Deus da Bahia.

Pois mandado pela alta Majestade  
Nos remiu de tão triste cativo,  
Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem pode ser senão um verdadeiro  
Deus, que veio extirpar desta cidade  
O Faraó do povo brasileiro.

DAMASCENO, D. (Org.). Melhores poemas:  
Gregório de Matos. São Paulo: Globo, 2006.

Com uma elaboração de linguagem e uma visão de mundo que apresentam princípios barrocos, o soneto de Gregório de Matos apresenta temática expressa por

- a) visão cética sobre as relações sociais.
- b) preocupação com a identidade brasileira.
- c) crítica velada à forma de governo vigente.
- d) reflexão sobre os dogmas do cristianismo.
- e) questionamento das práticas pagãs na Bahia.

### 2. UFPR 2014 Leia atentamente o poema:

#### Soneto

Carregado de mim ando no mundo,  
E o grande peso embarga-me as passadas,  
Que como ando por vias desusadas,  
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo  
Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,  
Que as bestas andam juntas mais ousadas,  
Do que anda o engenho mais profundo.

Não é fácil viver entre os insanos,  
Erra, quem presumir que sabe tudo,  
Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,  
Que é melhor neste mundo, mar de enganos,  
Ser louco c'os demais, que só, sisudo.

WISNIK, J. M. "Prefácio". Poemas escolhidos de Gregório de Matos.  
São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 23.

A poesia satírica de Gregório de Matos emprega modelos e procedimentos variados. José Miguel Wisnik indica que ela pode ser entendida como "uma luta cômica entre duas sociedades, uma normal e outra absurda".

Com base nisso, é correto dizer que este soneto:

- a) apresenta a imagem de um "mundo às avessas", em que a maioria aceita a sociedade absurda como se fosse a ideal.
- b) desenha a sociedade ideal e utópica, que deverá ser alcançada no futuro.
- c) explora a dualidade conflituosa entre corpo e espírito e associa a vertente satírica à sacro-religiosa.
- d) apresenta um sujeito poético "sisudo e só", o que retira do soneto o tom cômico que caracteriza a sátira.
- e) apresenta a crítica aberta e racional como solução para o estado insano do mundo.



Instrução: Para a questão a seguir, marque V para verdadeiro e F para falso.

3. **UFPE 2014** Se considerarmos que todas as atividades do homem são políticas, podemos admitir que toda literatura, enquanto atividade humana, carrega também sua dimensão política, mais ou menos explicitada. Partindo desse suposto, leia o texto abaixo e analise as afirmações seguintes.

E pois cronista sou.  
Se souberas falar também falaras  
também satirizaras, se souberas,  
e se foras poeta, poetaras.  
Cansado de vos pregar  
cultíssimas profecias, quero das culteranias  
hoje o hábito enforcar:  
de que serve arrebentar,  
por quem de mim não tem mágoa?  
Verdades direi como água,  
porque todos entendais os ladinos, e os boçais  
a Musa praguejadora.  
Entendeis-me agora?  
Permiti, minha formosa,  
que esta prosa envolta em verso  
de um Poeta tão perverso  
se consagre a vosso pé,  
pois rendido à vossa fé  
sou já Poeta converso  
Mas amo por amar, que é liberdade.

MATOS, Gregório de. Poesia Completa. 1636.

- 0-0 "Boca do Inferno" é o apelido que Gregório de Matos recebeu por dedicar parte de sua produção poética à crítica, muitas vezes satírica, à corrupção e à hipocrisia da sociedade baiana.
- 1-1 Na primeira estrofe, o poeta considera que, se seu interlocutor soubesse falar, satirizar ou poetar, assim como sabe o poeta, não calaria seu poder de crítica.
- 2-2 No poema é invocada a Musa praguejadora, como alusão à Musa inspiradora, levando, assim, o leitor a inferir que o poeta fará uma crítica maldizente.
- 3-3 Ao final do poema, o eu poético declara amar a liberdade, dando a entender que se sente bem em falar de sua poesia, visto que é livre e ama a liberdade.

4-4 O poema em análise é característico da estética barroca, pois, do ponto de vista estilístico, joga com os opostos, fazendo uso frequente da antítese.

4. **Famema-SP** A veia lírico-amorosa do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696) está bem exemplificada em:

- a) Aquele não sei quê, que, Inês, te assiste  
No gentil corpo, e na graciosa face,  
Não sei donde te nasce, ou não te nasce,  
Não sei onde consiste, ou não consiste.
- b) Ofendi-vos, meu Deus, é bem verdade,  
É verdade, Senhor, que hei delinquido,  
Delinquido vos tenho, e ofendido,  
Ofendido vos tem minha maldade.

- c) Senhor Antão de Sousa de Meneses,  
Quem sobe a alto lugar, que não merece,  
Homem sobe, asno vai, burro parece,  
Que o subir é desgraça muitas vezes.
- d) Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te,  
Te lembra hoje Deus por sua Igreja;  
De pó te faz espelho, em que se veja  
A vil matéria, de que quis formar-te.
- e) A cada canto um grande conselheiro,  
Que nos quer governar cabana e vinha;  
Não sabem governar sua cozinha,  
E podem governar o mundo inteiro.

## Exercícios complementares

1. **Enem** A feição deles é serem pardos, maneira d' avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos.

Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir, nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto.

CAMINHA, P. V. A carta. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)>. Acesso em: 2 ago. 2009.



ECKHOUT, A. "Índio Tapuia" (1610-1666). Disponível em: <[www.diaadia.pr.gov.br](http://www.diaadia.pr.gov.br)>. Acesso em: 9 jul. 2009.

Ao se estabelecer uma relação entre a obra de Eckhout e o trecho do texto de Caminha, conclui-se que

- a) ambos se identificam pelas características estéticas marcantes, como tristeza e melancolia, do movimento romântico das artes plásticas.

- b) o artista, na pintura, foi fiel ao seu objeto, representando-o de maneira realista, ao passo que o texto é apenas fantasioso.
- c) a pintura e o texto têm uma característica em comum, que é representar o habitante das terras que sofreriam processo colonizador.
- d) o texto e a pintura são baseados no contraste entre a cultura europeia e a cultura indígena.
- e) há forte direcionamento religioso no texto e na pintura, uma vez que o índio representado é objeto da catequização jesuítica.

2. **Uefs-BA 2017**

### A Christo S. N. Crucificado estando o poeta na última hora de sua vida

Meu Deus que estais pendente em um madeiro,  
Em cuja lei protesto de viver  
Em cuja santa lei hei de morrer  
Animoso, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,  
Pois vejo a minha vida anoitecer,  
É, meu Jesus, a hora de se ver  
A brandura de um Pai, manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor e meu delito,  
Porém pode ter fim todo pecar,  
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,  
Que por mais que pequei, neste conflito  
Espero em vosso amor de me salvar.

MATOS, Gregório. In: AMADO, James (Org.).  
Obras Completas de Gregório de Matos.  
Salvador: Ed. Janáina, 1968. V. I, p. 47.

Sobre as características do autor e do momento literário que ele representa encontradas no soneto, é correto afirmar:

- I. O poema ilustra uma das razões de Gregório de Matos ter sido chamado de "Boca do Inferno": a ousadia de criticar a igreja católica e o constante desafio dirigido a Deus, que, para provar a infinitude de seu amor, seria obrigado a perdô-lo.

- II. No poema, por força da iminência da morte, o poeta se expressa numa contrição de fé religiosa, com a admissão humilde da condição de pecador e a confiança de merecer a misericórdia de Deus, com o perdão de seus pecados.
- III. Há, no poema, um jogo de ideias característico desse momento literário, que se expressa numa retórica de campos opostos: condição humana, pecado e punição, de um lado e, de outro, condição divina, misericórdia e perdão.
- IV. As expressões “vejo a minha vida anoitecer” (v. 6) e “manso Cordeiro.” (v. 8), além das contradições entre “viver” (v. 2) e “morrer” (v. 3) bem como entre “ter fim” (v. 10) e “infinito” (v. 11) revelam o uso de figuras de linguagem e de pensamento que caracterizam o Barroco.
- V. Dentre as categorias que caracterizam o conjunto da obra de Gregório de Matos publicada pela Academia de Letras – Sacra, Lírica, Graciosa, Satírica e Última – este poema se insere na segunda categoria.

A alternativa em que todas as afirmativas indicadas estão corretas é a

- a) I e II.  
b) II e IV.  
c) IV e V.  
d) II, III e IV.  
e) I, III e IV.

3. **IFSP 2017** Leia abaixo um dos sonetos de Gregório de Matos e, em seguida, analise as assertivas.

### Moraliza o poeta nos ocidentes do Sol a inconstância dos bens do mundo

Gregório de Matos

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,  
Depois da Luz se segue a noite escura,  
Em tristes sombras morre a formosura,  
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?  
Se formosa a Luz é, por que não dura?  
Como a beleza assim se transfigura?  
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,  
Na formosura não se dê constância,  
E na alegria sintam-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,  
E tem qualquer dos bens por natureza  
A firmeza somente na inconstância.

DIMAS, Antônio. Gregório de Matos – Literatura comentada. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 157.

Analise as assertivas.

- I. Pode-se depreender que o soneto apresentado pertence à temática lírica-filosófica. No soneto, afluem o pessimismo e a angústia que cercam o mundo.
- II. De acordo com os versos do soneto apresentado, a beleza e a alegria são transitórias e passageiras.

- III. As incertezas, a fugacidade do nosso espaço-tempo e os demais desconcertos e dúvidas acerca do mundo são considerados no soneto apresentado. Pode-se perceber que, no soneto, Gregório de Matos deixa evidentes suas dúvidas e questionamentos acerca do mundo.
- IV. Pode-se depreender que o uso de frases interrogativas faz o leitor refletir quanto à incerteza e à dúvida do homem barroco e a ordem inversa das frases traduz como se estrutura o raciocínio do homem barroco, remetendo à falta de clareza diante do mundo que o cerca.

É correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas.  
b) III e IV, apenas.  
c) I e III, apenas.  
d) II e IV, apenas.  
e) I, II, III e IV.

### 4. UPE 2016

#### A Christo S. N. Crucificado estando o poeta na última hora de sua vida.

Meu Deus que estais pendente em um madeiro,  
Em cuja lei protesto de viver  
Em cuja santa lei hei de morrer  
Animoso, constante, firme e inteiro.

Neste lance, por ser o derradeiro,  
Pois vejo a minha vida anoitecer,  
É, meu Jesus, a hora de se ver  
A brandura de um Pai, manso Cordeiro.

Mui grande é vosso amor e meu delito,  
Porém pode ter fim todo pecar,  
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,  
Que por mais que pequei, neste conflito  
Espero em vosso amor de me salvar.

MATOS, Gregório. AMADO, James (Org.). In: Obras Completas de Gregório de Matos. Salvador: Ed. Janaína, 1968. V. I, p. 47.

Gregório de Matos, poeta baiano, que viveu no século XVI, produziu uma poesia em que satiriza a sociedade de seu tempo. Execrado no passado por seus conterrâneos, hoje é reconhecido como grande poeta, sendo, inclusive, sua poesia satírica fonte de pesquisa histórica. Leia os poemas e analise as proposições a seguir:

#### Poema I

Triste Bahia! Oh quão dessemelhante  
Estás, e estou do nosso antigo estado!  
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,  
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,  
Que em tua larga barra tem entrado,  
A mim foi-me trocando, e tem trocado  
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente  
Pelas drogas inúteis, que abelhuda  
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente  
Um dia amanheceras tão sisuda  
Que fora de algodão o teu capote

Gregório de Matos

## Poema II

Horas contando, numerando instantes,  
Os sentidos à dor, e à glória atentos,  
Cuidados cobro, acuso pensamentos,  
Ligeiros à esperança, ao mal constantes.

Quem partes concordou tão dissonantes?  
Quem sustentou tão vários sentimentos?  
Pois para a glória excedem de tormentos,  
Para martírio ao bem são semelhantes.

O prazer com a pena se embaraça;  
Porém quando um com outro mais porfia,  
O gosto corre, a dor apenas passa.

Vai ao tempo alterando a fantasia,  
Mas sempre com vantagem na desgraça,  
Horas de inferno, instantes de alegria.

Gregório de Matos

- I. Além de poeta satírico, o Boca do Inferno também cultivou a poesia lírica, composta por temas diversificados, pois nos legou uma lírica amorosa, erótica e religiosa e até de reflexão sobre o sofrimento, a exemplo do poema II.
- II. Considerado tanto poeta cultista quanto conceptista, o autor baiano revela criatividade e capacidade de improvisar, segundo comprovam os versos do poema I, em que realiza a crítica à situação econômica da Bahia, dirigida, na época, por Antônio Luís da Câmara Coutinho.
- III. Em Triste Bahia, poema I, musicado por Caetano Veloso, Gregório de Matos identifica-se com a cidade, ao relacionar a situação de decadência em que se encontram tanto ele quanto a cidade onde vive. O poema abandona o tom de zombaria, atenuando a sátira contundente para tornar-se um quase lamento.
- IV. Os dois poemas são sonetos, forma fixa herdada do Classicismo, muito pouco utilizada pelo poeta baiano, que desprezou a métrica rígida e criou poesia em versos brancos e livres.
- V. Como poeta barroco, fez uso consciente dos recursos estéticos reveladores do conflito do homem da época, como se faz presente na antítese que encerra o poema II: “Horas de inferno, instantes de alegria”.

Estão corretas apenas

- |                    |                 |
|--------------------|-----------------|
| a) I, II, III e V. | d) I, III e IV. |
| b) I, II e IV.     | e) I, IV e V.   |
| c) IV e V.         |                 |

5. **Imed-RS 2016** Leia o texto a seguir, de Gregório de Matos Guerra:

### A Maria de povos, sua futura esposa

Discreta e formosíssima Maria,  
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,

Em tuas faces a rosada Aurora,  
Em teus olhos e boca, o Sol e o dia:

Enquanto, com gentil descortesia,  
O ar, que fresco Adônis te enamora,  
Te espalha a rica trança voadora,  
Da madeixa que mais primor te envia:

Goza, goza da flor da mocidade,  
Que o tempo troca, a toda a ligeireza,  
E imprime em cada flor uma pisada.

Oh não guardes que a madura idade  
Te converta essa flor, essa beleza,  
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Analise as assertivas a seguir a partir do texto:

- I. O soneto lírico se estrutura na oposição entre dois campos semânticos, que pode ser evidenciado, especialmente, na comparação entre a primeira e a última estrofes.
- II. Em tal soneto, percebe-se o tema do *carpe diem*, proveniente dos clássicos greco-latinos, que converge com a preocupação do homem barroco brasileiro em relação à efemeridade da vida e à repulsa pela morte.
- III. O autor do soneto, Gregório de Matos Guerra, cultivou a poesia sacra, lírica e satírica. Também escreveu poemas graciosos e pornográficos. Representante do período barroco, também foi conhecido como “Boca de Inferno”.

Quais estão corretas?

- |                   |                     |
|-------------------|---------------------|
| a) Apenas I.      | d) Apenas II e III. |
| b) Apenas III.    | e) I, II e III.     |
| c) Apenas I e II. |                     |

## 6. Cefet-MG 2017

Que diversas que são, Marília, as horas,  
que passo na masmorra imunda e feia,  
dessas horas felizes, já passadas  
na tua pátria aldeia!  
Então eu me ajuntava com Glauceste;  
e à sombra de alto cedro na campina  
eu versos te compunha, e ele os compunha  
à sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;  
de exceder um ao outro qualquer trata;  
o eco agora diz: Marília terna;  
e logo: Eulina ingrata.  
Deixam os mesmos sátiros as grutas:  
um para nós ligeiro move os passos,  
ouve-nos de mais perto, e faz a flauta  
cos pés em mil pedaços.  
— Dirceu — clama um pastor — ah! bem merece  
da cândida Marília a formosura.  
E aonde — clama o outro — quer Eulina  
achar maior ventura?  
Nenhum pastor cuidava do rebanho,  
enquanto em nós durava esta porfia;  
e ela, ó minha amada, só findava



depois de acabar-se o dia.  
À noite te escrevia na cabana  
os versos, que de tarde havia feito;  
mal tos dava e os lia, os guardavas  
no casto e branco peito.  
Beijando os dedos dessa mão formosa,  
banhados com as lágrimas do gosto,  
jurava não cantar mais outras graças  
que as graças do teu rosto.  
Ainda não quebrei o juramento;  
eu agora, Marília, não as canto;  
mas inda vale mais que os doces versos  
a voz do triste pranto.

GONZAGA, Tomás Antônio. Tomás Antônio Gonzaga [Org. Lúcia Helena]. Rio de Janeiro: Agir, 1985. p. 114.  
[Coleção Nossos Clássicos, v. 114]

O poema, exemplar do Arcadismo brasileiro, caracteriza-se pela

- a) adoção da convenção pastoral.
- b) interlocução direta com o leitor.
- c) estruturação em forma de soneto.
- d) retomada da temática do *carpe diem*.

## Exercícios propostos

1. **UPF-RS 2014** Leia as seguintes afirmações sobre a obra *I-Juca Pirama* de Gonçalves Dias.
- O poema, exemplo marcante da descrição científica do elemento indígena, narra o drama vivido pelo último descendente da tribo dos tupis, feito prisioneiro pelos timbiras.
  - O autor apresenta uma visão do índio integrado na tribo, nos costumes, no sentimento de honra que, para os românticos, era a sua mais bela característica.
  - O movimento psicológico do poema, com suas alternativas de pasmo e exaltação, se apoia em variação rítmica bem marcada.

Está correto apenas o que se afirma em:

- I e II.
  - II e III.
  - I e III.
  - II.
  - III.
2. **Unifesp 2014** Leia o texto para responder à questão.

Casimiro de Abreu pertence à geração dos poetas que morreram prematuramente, na casa dos vinte anos, como Álvares de Azevedo e outros, acometidos do “mal” byroniano. Sua poesia, reflexo autobiográfico dos transe, imaginários e verídicos, que lhe agitaram a curta existência,

centra-se em dois temas fundamentais: a saudade e o lirismo amoroso. Graças a tal fundo de juvenildade e timidez, sua poesia saudosista guarda um não sei quê de infantil.

Massaud Moisés. *A literatura brasileira através dos textos*, 2004. Adaptado.

Os versos de Casimiro de Abreu que se aproximam da ideia de saudade, tal como descrita por Massaud Moisés, encontram-se em:

- Minh'alma é triste como a flor que morre / Pendida à beira do riacho ingrato; / Nem beijos dá-lhe a viração que corre, / Nem doce canto o sabiá do mato!
- Oh! não me chames coração de gelo! / Bem vês: traí-me no fatal segredo. / Se de ti fujo é que te adoro e muito, / És bela – eu moço; tens amor, eu – medo!...
- Tu, ontem, / Na dança / Que cansa, / Voavas / Co'as faces/ Em rosas / Formosas / De vivo, / Lascivo / Carmim; / Na valsa / Tão falsa, / Corrias, / Fugias, / Ardente, / Contente, / Tranquila, / Serena, / Sem pena / De mim!
- Naqueles tempos ditosos / la colher as pitangas, / Tre-pava a tirar as mangas, / Brincava à beira do mar; / Rezava às Ave-Marias, / Achava o céu sempre lindo, / Adormecia sorrindo / E despertava a cantar!
- Se eu soubesse que no mundo / Existia um coração, / Que só por mim palpitasse / De amor em terna expansão; / Do peito calara as mágoas, / Bem feliz eu era então!

## Exercícios complementares

1. **UPE 2014**

### Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;

Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
Coimbra – julho 1843.

DIAS, Gonçalves. “Canção do Exílio”. Disponível em:  
<[www.jornaldepoesia.jor.br/gdias01.html#exilio](http://www.jornaldepoesia.jor.br/gdias01.html#exilio)>.  
Acesso em: jul. 2013.

Considerando o texto, analise os itens a seguir:

- O eu lírico, na primeira estrofe, enaltece a sua “terra” de modo evidente.
- Na segunda, na terceira e na quarta estrofe, o eu lírico volta atrás quanto ao que foi dito na primeira estrofe.
- “Minha terra tem palmeiras” é uma expressão utilizada de modo elogioso pelo eu lírico.
- Na segunda estrofe, o eu lírico assinala que a vida “lá” é melhor que a vida “cá”.
- Na última estrofe, o eu lírico clama a Deus para não morrer sem que veja as palmeiras e ouça o canto do Sabiá.

Estão corretos

- I, II e III.
- I, II e IV.
- I, III e V.
- II, III e IV.
- III, IV e V.

2. **UPE 2016** Há textos literários que se aproximam pelos conteúdos tratados, tal como ocorre com o tema da distância da pátria, cujo início remonta “Canção do Exílio”, do poeta Gonçalves Dias. Contudo, nem sempre um ratifica, de modo claro, a ideia do outro. Muitas vezes, a retomada se realiza de maneira irônica, em que o texto mais recente assume uma dimensão crítica inovadora, em relação ao texto anterior. Outras vezes, dá-se a retomada por uma paráfrase, pois se mantém o sentido do texto original. Considerando o exposto, analise os poemas a seguir:

### Poema 1

#### Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho, à noite –  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu’inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias

### Poema 2

#### Canto de regresso à pátria

Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar  
Os passarinhos daqui  
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas  
E quase que mais amores  
Minha terra tem mais ouro  
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas  
Eu quero tudo de lá  
Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte pra São Paulo  
Sem que veja a Rua 15  
E o progresso de São Paulo

Oswald de Andrade

### Poema 3

#### Canção do Exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia  
onde cantam gaturamos de Veneza.  
Os poetas da minha terra  
são pretos que vivem em torres de ametista,  
os sargentos do exército são monistas, cubistas,  
os filósofos são polacos vendendo a prestações.  
A gente não pode dormir  
com os oradores e os pernalongos.  
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.  
Eu morro sufocado  
em terra estrangeira.  
Nossas flores são mais bonitas  
nossas frutas mais gostosas  
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade  
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Murilo Mendes

### Poema 4

#### Minha terra

Minha terra não tem terremotos...  
nem ciclones... nem vulcões...

As suas aragens são mansas e as suas chuvas esperadas:  
chuvas de janeiro... chuvas de caju... chuvas-de-santa-luzia...

Que viço mulato na luz do seu dia!  
Que amena poesia, de noite, no céu:

– Lá vai São Jorge equipando em seu cavalo na lua!  
– Olha o Carreiro-de-São-Tiago!  
– Eu vou cortar a minha língua na Papa-Ceia!

O homem de minha terra, para viver, basta pescar!  
e se estiver enfiado de peixe, arma o mondé  
e vai dormir e sonhar...  
que pela manhã  
tem paca louçã,  
tatu-verdadeiro  
ou jurupará...  
pra assá-lo no espeto  
e depois comê-lo  
com farinha de mandioca  
ou com fubá.

[...]

O homem de minha terra tem um deus de carne e osso!  
– Um deus verdadeiro,  
que tudo pode, tudo manda e tudo quer...  
E pode mesmo de verdade.  
Sabe disso o mundo inteiro:

– Meu Padinho Pade Ciço do Joazero!  
[...]

Os guerreiros de minha terra já nascem feitos.  
Não aprenderam esgrima nem tiveram instrução...

Brigar é do seu destino:

- Cabeleira!
- Conselheiro
- Tempestade!
- Lampião!

Os guerreiros de minha terra já nascem feitos:

- Cabeleira!
- Conselheiro
- Tempestade!
- Lampião!

(Ascenso Ferreira)

Analise as afirmativas a seguir e coloque V nas Verdadeiras e F nas Falsas.

- A “Canção do Exílio”, escrita por Gonçalves Dias, poema do período romântico, exalta a natureza brasileira. Possui versos em que o eu poético, ausente da pátria, traça as diferenças existentes entre o lugar onde se encontra, denominando-o de cá, e a pátria, da qual está distante, de lá, criando assim uma relação antitética e metonímica.
- Os três outros poemas pertencem à primeira e à segunda fase do Modernismo. Caracterizam-se por um discurso irônico, que se contrapõe ao tom de exaltação presente no poema 1, contrariando uma máxima da geração de 1922, cuja retomada do passado ocorre sempre de modo ratificador.

- O poema 4, ao contrário do 1, pertence à geração de 1922 e resgata temas que integram a cultura brasileira quando traz à tona aspectos do folclore do Nordeste. Além disso, por meio de expressões negativas, tais como: “Não tem terremotos... nem ciclones... nem vulcões..”./ exalta a pátria, mas o faz respeitando a linguagem oral nordestina, aspecto comum na primeira fase do Modernismo Brasileiro.
- Os poemas 2 e 3 apresentam pontos em comum quanto à linguagem, pois, em ambos, predomina a crítica ao derramamento sentimental do Romantismo. Isso se justifica porque eles trazem uma imagem crítica da sociedade brasileira bem diferente daquela contida no poema 1. Desse modo, eles se relacionam como retomada intertextual e parodística.
- Os quatro poemas integram a literatura da terceira fase do Modernismo Brasileiro, pois obedecem à métrica rígida e apresentam uma secura de linguagem que se aproxima daquela utilizada por Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Ambos, em sua produção poética, se aproximam do antilirismo.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta.

- a) V – V – F – F – F
- b) V – F – V – V – F
- c) F – F – F – F – V
- d) V – V – V – V – F
- e) V – F – V – F – V



## Frente 2

### Capítulo 1

#### Exercícios propostos

1. Soma:  $01 + 02 = 03$
2. B
3. D
4. a) A ideia da “felicidade coletiva” pode ser relacionada à concepção de um mundo mais justo, no qual os seres humanos partilham das mesmas condições de vida. A “felicidade coletiva” só pode ser alcançada por meio da utopia socialista, mas, segundo as palavras do eu lírico, as pessoas presentes poderiam “[...] adiar para outro século” aquilo que, na verdade, seria a coisa mais necessária a ser realizada.  
b) A “ilha de Manhattan” é uma metonímia da sociedade capitalista contemporânea, na qual a barbárie da guerra encontra sua justificação.
5. Resposta pessoal.

#### Exercícios complementares

1. B
2. B

### Capítulo 2

#### Exercícios propostos

1. B
2. C
3. C
4. E
5. a) O eu lírico se encontra na Babilônia (local de exílio e escravidão dos judeus), mas anseia por Sião (a Jerusalém celestial, o oposto da Babilônia profana e rodeada de vilania), o que revela a tônica contraditória da poesia camoniana.

- b) O tema do soneto de Camões é o desconcerto do mundo, revelado nos tercetos nas expressões “labirinto” e “caos”, representantes do mundo sombrio e vil.

### Capítulo 3

#### Exercícios propostos

1. C
2. A
3. V; V; V; F; F
4. A

#### Exercícios complementares

1. C
2. D
3. E
4. A
5. E
6. A

### Capítulo 4

#### Exercícios propostos

1. B
2. D

#### Exercícios complementares

1. C
2. B